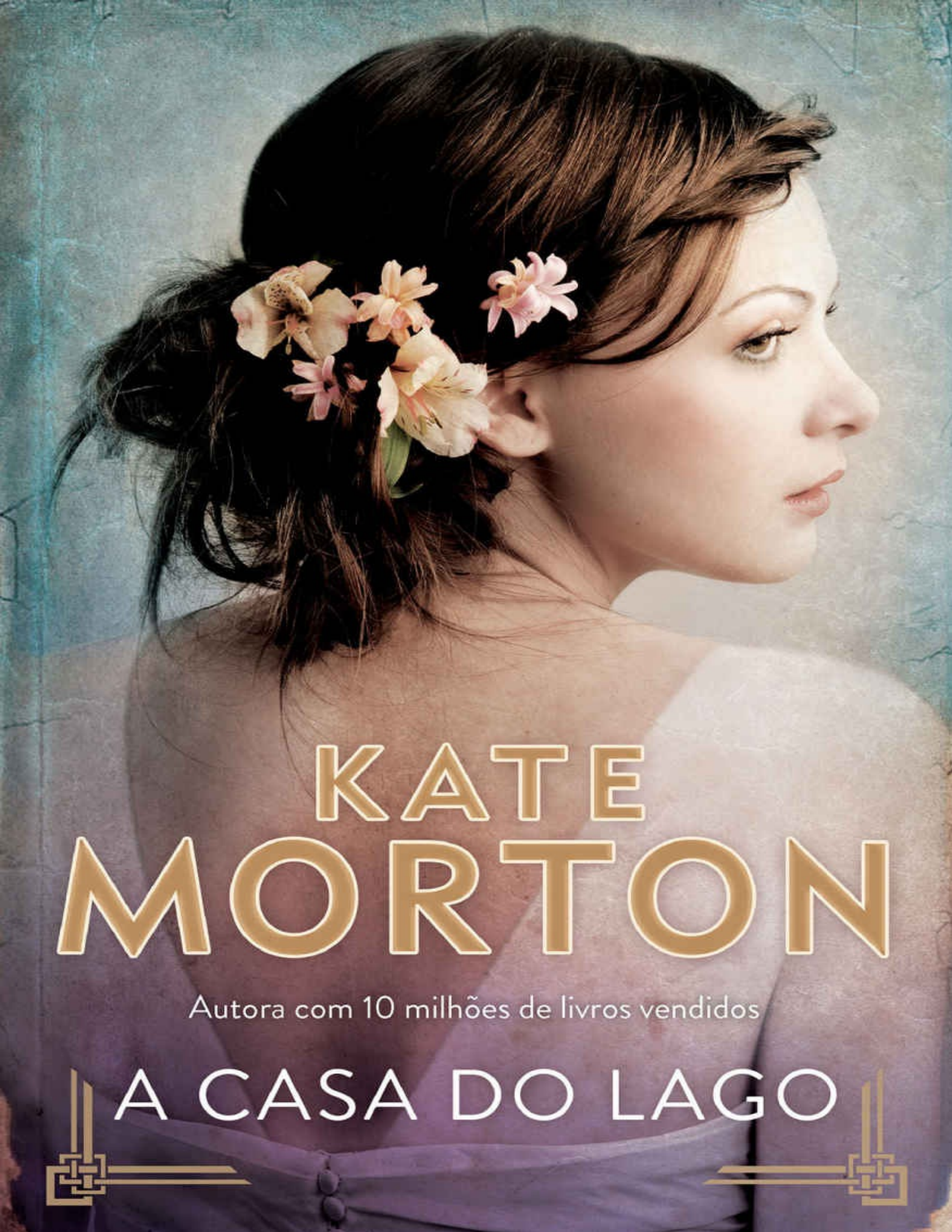




KATE MORTON

Autora com 10 milhões de livros vendidos

A CASA DO LAGO







A CASA DO LAGO





O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

KATE
MORTON

A CASA DO LAGO



Título original: *The Lake House*

Copyright © 2015 por Kate Morton
Copyright da tradução © 2017 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado originalmente por Allen & Unwin

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Rachel Agavino

preparo de originais: Thadeu Santos

revisão: Flávia Midori e Luis Américo Costa

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: Lisa White

imagem de capa: © FurmanAnna/ iStock by Getty Images

foto da autora: © Davin Patterson

adaptação de capa: Miriam Lerner

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M864c

Morton, Kate

A casa do lago [recurso eletrônico]/ Kate Morton; tradução Rachel Agavino. São Paulo: Arqueiro, 2017.
recurso digital

Tradução de: The lake house

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-85-8041-728-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção australiana. 2. Livros eletrônicos. I. Agavino, Rachel. II. Título.

17-41377

CDD: 828.99343

CDU: 821.111(94)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Henry, minha perolazinha.

1

Cornualha, agosto de 1933

A chuva caía pesada e a batinha de seu vestido estava salpicada de lama. Ela teria que esconder isso depois; ninguém poderia saber que tinha saído.

Nuvens cobriam a lua, um golpe de sorte que ela não merecia. Seguiu caminho pela noite escura e densa o mais depressa que pôde. Tinha vindo mais cedo cavar o buraco, mas só agora, sob o véu da escuridão, terminaria o trabalho. A chuva pontilhava a superfície do córrego das trutas, tamborilando incansavelmente na terra que o margeava. Alguma coisa cintilou entre as samambaias ali perto, mas ela não hesitou, não parou. Entrara e saíra do bosque a vida inteira e sabia o caminho de cor.

Quando aconteceu pela primeira vez, ela cogitou confessar e, talvez, no início, devesse mesmo ter feito isso. Mas perdeu a oportunidade e agora era tarde demais. Muita coisa havia acontecido: as buscas, os policiais, os artigos nos jornais implorando por informações. Não havia ninguém a quem ela pudesse contar, nenhuma forma de consertar aquilo, nenhuma chance de um dia a perdoarem. A única saída era enterrar a prova.

Chegou ao local que havia escolhido. A bolsa, com a caixa dentro, era surpreendentemente pesada e foi um alívio pousá-la no chão.

Apoiada nas mãos e nos joelhos, afastou a camuflagem de samambaias e galhos. O cheiro de solo encharcado era forte demais, de rato-do-campo e cogumelos, de outras coisas apodrecendo. Certa vez, seu pai lhe dissera que gerações caminharam por aqueles bosques e foram enterradas naquelas terras. Sabia que ele ficava contente de pensar assim. Ele se reconfortava com a continuidade da natureza, acreditando que a estabilidade do passado distante tinha o poder de aliviar os problemas do presente. Talvez, em alguns casos, aliviasse mesmo, mas não agora, não aqueles problemas.

Ela pôs a bolsa dentro do buraco e, por uma fração de segundo, a lua pareceu espiar por trás de uma nuvem. As lágrimas ameaçaram cair quando ela repôs a terra no lugar, mas lutou contra aquele sentimento. O pranto seria uma indulgência que ela se recusava a conceder a si mesma. Alisou o chão batendo as mãos contra o solo e pisoteou com as botas até ficar sem fôlego.

Pronto. Estava feito.

Ocorreu-lhe que deveria dizer alguma coisa antes de deixar aquele lugar solitário, algo sobre a morte da inocência, o profundo remorso que sempre a seguiria. Porém, não disse nada. A simples vontade já a envergonhava.

Voltou depressa pelo bosque, tomando o cuidado de evitar a casa de barcos e suas lembranças. O dia estava raiando quando chegou. Chuviscava leve. A água do lago lambia as margens e o último dos rouxinóis se despediu. As toutinegras e as mariquitas-amarelas acordavam e, bem ao longe, um cavalo relinchou. Ela não sabia disto ainda, mas nunca se livraria desses sons. Eles a seguiriam a partir daquele lugar, a partir daquele momento, invadindo seus sonhos e pesadelos, sempre lembrando-a do que tinha feito.

2

Cornualha, 23 de junho de 1933

Embora a melhor vista do lago fosse a do Mulberry Room, Alice decidiu que a janela do banheiro serviria. O Sr. Llewellyn ainda estava no córrego com o seu cavalete, porém ele sempre se recolhia cedo para descansar e ela não queria arriscar um encontro. O velho era inofensivo, mas excêntrico e carente, especialmente de tarde, e Alice temia que a presença inesperada dela no quarto dele transmitisse uma mensagem errada.

Alice franziu o nariz. Quando mais jovem, fora muito afeiçãoada a ele, e vice-versa. Era estranho agora, aos 16 anos, pensar nas histórias que ele contara, nos pequenos esboços que havia desenhado e que ela estimara, no ar de admiração que o perseguia como um rastro, como uma canção. De todo modo, o banheiro ficava mais perto que o Mulberry Room e, como era apenas uma questão de minutos até que a mãe percebesse que os cômodos do primeiro andar estavam sem flores, Alice não tinha tempo a perder subindo as escadas. Enquanto um grupo de criadas agitando panos de polimento pairava ansiosamente pelo corredor, ela deslizou pela porta e correu para a janela.

Mas onde ele estava? Alice sentiu o estômago revirar da emoção para o desespero em um instante. Pressionou as mãos mornas contra o vidro enquanto perscrutava a cena abaixo: rosas creme e cor-de-rosa, as pétalas brilhando como se tivessem sido lustradas; pêssegos preciosos pendendo junto ao muro coberto do jardim; o extenso lago prateado cintilando à luz da manhã. Toda a propriedade já tinha sido arrumada e decorada até atingir uma impossível perfeição e, mesmo assim, ainda havia agitação em todos os lugares.

Músicos contratados deslizavam cadeiras douradas no coreto temporário e, enquanto as vans dos fornecedores se revezavam revolvendo poeira na entrada, uma tenda ainda montada pela metade se inflava com a brisa do verão. A única nota estática entre o redemoinho de atividade era vovó DeShiel, sentada, pequena e encurvada, no banco de jardim de ferro fundido do lado de fora da biblioteca, perdida em suas lembranças emaranhadas e completamente alheia às lanternas de vidro redondas que eram penduradas nas árvores ao redor dela.

Alice respirou fundo.

Ele.

O sorriso se espalhou em seu rosto antes que ela pudesse impedir. Alegria, uma deliciosa alegria estrelada, quando o viu na pequena ilha no meio do lago, com um grande tronco equilibrado em um dos ombros. Ela levantou a mão para acenar, um impulso bem bobo, porque ele não estava olhando para a casa. Mesmo que estivesse, não acenaria de volta. Ambos sabiam que precisavam ser cuidadosos.

Os dedos dela encontraram a mecha de cabelo que sempre caía solta perto da orelha e a enrolaram, para um lado e para outro, repetidamente. Ela gostava de observá-lo assim, em segredo. Fazia com que se sentisse poderosa, não como quando estavam juntos, quando levava limonada para ele no jardim ou conseguia escapar para surpreendê-lo enquanto ele trabalhava nos confins da propriedade, quando ele lhe perguntava sobre seu livro, sua família, sua vida e ela lhe contava histórias que o faziam rir e tinha que lutar para não se perder dentro das piscinas que eram seus olhos verdes profundos com pontos dourados.

Sob o olhar dela, ele se curvou, parando para estabilizar o peso do tronco antes de colocá-lo em cima dos outros. Ele era forte e isso era bom. Alice não tinha certeza do porquê, só que isso era importante para ela de um jeito profundo e inexplorado. Suas bochechas estavam quentes; ela estava corando.

Alice Edevane não era tímida. Já conhecera rapazes antes. Não muitos, isso era verdade – com exceção da tradicional festa de verão, seus pais eram famosos pela reserva, preferindo a companhia um do outro –, mas ela conseguia, por vezes, trocar palavras clandestinas com os rapazes locais ou com os filhos dos fazendeiros arrendatários, que vestiam seus capuzes, baixavam os olhos e seguiam os pais pela propriedade. Isso, no entanto... Isso era... bem, era apenas *diferente* e ela sabia que aquela sensação parecia pungente, além de terrivelmente semelhante ao tipo de coisa que sua irmã Deborah diria, contudo era mesmo verdade.

Benjamin Munro era o nome dele. Ela murmurou as sílabas em silêncio, Benjamin James Munro, 26 anos, vivia em Londres. Ele não tinha dependentes, trabalhava duro e não era dado a falar sem fundamento. Nascera em Sussex e crescera no Extremo Oriente, filho de arqueólogos. Gostava de chá verde, do cheiro de jasmim e dos dias quentes que culminavam em chuva.

Ele não havia contado essas coisas a Alice. Não era um daqueles homens pomposos que tagarelavam sobre si mesmos e suas realizações como se uma garota fosse apenas um rostinho bonito entre um par de ouvidos receptivos. Ela havia escutado, observado, colhido informações e, quando a oportunidade se apresentou, rastejou para dentro do depósito a fim de verificar o livro de registros do jardineiro-chefe. Alice sempre se imaginara como uma detetive e, de fato, presa no verso de uma página de anotações do Sr. Harris sobre cuidados com plantas, encontrou a carta de Benjamin Munro se candidatando à vaga. A carta em si era breve, escrita em uma caligrafia que mamãe teria lamentado, e Alice a estudara por inteiro, memorizando os trechos importantes, emocionando-se com o modo como as palavras davam profundidade e colorido à imagem que havia criado e que estava guardando para si mesma, como uma flor impressada entre as folhas de um livro. Como a flor que ele lhe dera no mês anterior.

– Olhe, Alice – o caule era verde e frágil em sua mão grande e forte –, a primeira gardênia da estação.

Ela sorriu ante a lembrança e enfiou a mão no bolso para acariciar a superfície lisa de seu caderno de couro. Era um hábito que trazia desde a infância e que enlouquecia sua mãe desde que ela ganhara o primeiro caderno, em seu oitavo aniversário. Como adorara aquele pequeno livro marrom! Como seu pai tinha sido inteligente ao escolhê-lo para ela! Ele também era jornalista, disse, com uma seriedade que Alice admirava e apreciava. Lentamente, escrevera seu nome completo – Alice Cecília Edevane –, sob o olhar atento da mãe, na pálida linha sépia da primeira página e se sentira imediatamente mais real do que jamais fora.

A mãe se opunha ao hábito de Alice de acariciar o caderno no bolso, porque isso a fazia parecer “ardilosa, como se não tivesse boas intenções”, uma descrição com a qual Alice decidiu não se importar nem um pouco. A desaprovação da mãe funcionava apenas como um bônus; Alice continuaria tocando seu caderno mesmo se isso não incomodasse Eleanor Edevane. Fazia isso porque seu caderno era um lembrete de quem ela era. O caderno também era seu confidente mais próximo e, dessa forma, uma grande autoridade em Ben Munro.

Fazia quase um ano desde que ela pusera os olhos nele. Ben tinha chegado a Loeanneth no final do verão de 1932, durante aquele glorioso período de seca, quando, com toda a empolgação deixada para trás, não tinha mais nada a fazer além de se render ao calor tedioso. Um divino ar de tranquilidade indolente caíra sobre a propriedade de tal modo que até mesmo sua mãe, grávida de oito meses e bastante corada, havia soltado os botões de pérolas de seus punhos e enrolado as mangas de seda até os cotovelos.

Naquele dia, Alice estava sentada no balanço sob o salgueiro, oscilando ociosamente e ponderando seu Problema Importante. Os sons da vida familiar, se ela estivesse ouvindo, estavam por toda parte – a mãe e o Sr. Llewellyn rindo ao longe enquanto os remos do barco espirravam água num ritmo preguiçoso; Clemmie sussurrando alguma coisa enquanto girava em círculos no prado, os braços estendidos como asas; Deborah contando à babá Rose todos os escândalos da última temporada de Londres –, mas Alice estava concentrada apenas em si mesma e não ouvia nada além do leve zumbido dos insetos de verão.

Estava no mesmo lugar havia quase uma hora e não tinha sequer notado a mancha de tinta preta que sua nova caneta-tinteiro derramara em seu vestido de algodão branco quando ele se materializou da escuridão do bosque para a entrada de carros iluminada pelo sol. Carregava um saco de lona sobre um ombro e o que parecia ser um casaco na mão, e caminhava com passo firme e constante, cujo ritmo a fez diminuir a

velocidade do balanço. Ela o observou avançar, a corda áspera contra sua bochecha enquanto se esforçava para olhar ao redor do galho caído do salgueiro.

Por capricho da geografia, as pessoas não chegavam inesperadamente a Loeanneth. A propriedade ficava no fundo de um pinhal, cercada por bosques densos e espinhosos, exatamente como as casas dos contos de fadas (e dos pesadelos, como Alice descobriu, embora não tivesse motivo para pensar nisso naquela época). Aquele era seu caminho ensolarado, lar de gerações de DeShiels, o lar ancestral de sua mãe. E, no entanto, ali estava ele, um estranho no meio da família, e como num passe de mágica o feitiço da tarde fora quebrado.

Alice tinha uma inclinação natural para a nostalgia – as pessoas sempre lhe diziam isso, o que ela tomava como elogio. Era uma característica da qual pretendia fazer bom uso, mas seu interesse naquele dia era alimentado mais pela frustração e por uma súbita vontade de se distrair do que pela curiosidade. Durante todo o verão ela havia trabalhado febrilmente em um romance de paixão e mistério, porém, três dias antes, seu progresso tinha se interrompido. A culpa era da mocinha, Laura, que, depois de capítulos dedicados a ilustrar sua rica vida interior, agora se recusava a cooperar. Diante da apresentação de um cavalheiro alto, sombrio e bonito que alardeava ser lorde Hallington, de repente ela perdeu toda a sua inteligência e essência para se tornar decididamente monótona.

Bem, Alice resolveu enquanto observava o jovem caminhando pela entrada, Laura teria que esperar. Havia outros assuntos a tratar.

Um estreito curso de água atravessava a propriedade, deliciando-se com a breve trégua ensolarada antes de ser remetido inexoravelmente de volta para o bosque, e uma ponte de pedra, legado de algum tio-avô de muitas gerações antes, permitia o acesso a Loeanneth. Quando o estranho chegou à ponte, parou. Ele se virou lentamente de volta para a direção de onde tinha vindo e pareceu olhar para algo em sua mão. Um pedaço de papel? Um truque da luz? Algo na inclinação de sua cabeça, o foco persistente nos bosques densos, denunciava deliberação e Alice estreitou os olhos. Ela era escritora. Entendia as pessoas; conhecia a vulnerabilidade quando a via. Sobre o que ele estava tão vacilante e por quê? Ele se virou de novo, descrevendo um círculo completo, e levou a mão à testa enquanto olhava para o alto, até o lugar onde ficava a casa, atrás de sua leal guarda de teixos. Ele não se mexeu, quase parecia não respirar, e então, enquanto observava, pousou a mochila e o casaco, ajeitou o suspensório sobre os ombros e deu um suspiro.

Então Alice teve uma de suas certezas repentinas. Ela não sabia de onde vinham essas percepções sobre o estado de espírito de outras pessoas; sabia apenas que chegavam de forma inesperada e completamente formadas. Às vezes, ela apenas *sabia* das coisas. Por exemplo: aquele não era o tipo de lugar com o qual ele estivesse acostumado. Mas era um homem em um encontro com o destino e, embora houvesse uma parte dele que quisesse dar a volta e sair da propriedade antes mesmo de ter de fato chegado, não virava – não podia virar – as costas para o destino. Era uma proposição inebriante e Alice se pegou agarrando a corda do balanço com mais força, as ideias começando a fluir, enquanto observava os movimentos seguintes do estranho.

Como era de esperar, ele pegou o casaco, colocou a mochila no ombro e continuou a caminho da casa escondida. Havia uma nova determinação em sua postura e agora ele dava toda a impressão, para aqueles que não sabiam de nada, de que estava decidido e de que sua missão não era complicada. Alice se permitiu um sorriso ligeiro, satisfeita consigo mesma, antes de ser atingida por uma explosão de claridade cegante que quase a derrubou do balanço. No mesmo instante em que notou a mancha de tinta em sua saia, Alice percebeu a solução para seu Problema Importante. Ora, tudo era tão óbvio! Laura, lutando com a chegada do próprio estranho intrigante, também dotada de uma percepção maior que a da maioria, certamente enxergaria por trás da fachada do homem, descobriria seu terrível segredo, seu passado de culpa e sussurraria, num momento de silêncio, quando estivesse a sós com ele...

– Alice?

De volta ao banheiro de Loeanneth, Alice saltou, batendo a bochecha na moldura de madeira da janela.

– Alice Edevane! Onde está você?

Olhou para a porta fechada atrás dela. Lembranças agradáveis do verão anterior, a emoção de se apaixonar, os primeiros dias de seu relacionamento com Ben e a ligação inebriante com sua escrita se espalharam ao

redor. A maçaneta de bronze vibrou ligeiramente em resposta aos passos rápidos no corredor e Alice prendeu a respiração.

Mamãe estivera uma pilha de nervos a semana toda. Isso era típico. Ela não era uma anfitriã nata, mas a festa de verão se tornara a grande tradição da família DeShiel e mamãe gostava muito de seu pai, Henri, então o evento acontecia anualmente em memória dele. Ela sempre ficava em pânico – era natural –, mas naquele ano ela estava pior do que de costume.

– Sei que você está aqui, Alice. Deborah viu você há alguns instantes.

Deborah: irmã mais velha, líder exemplar, principal ameaça. Alice rangeu os dentes. Como se não bastasse ter a famosa e adorada Eleanor Edevane como mãe, não era sorte sua ter nascido depois de uma irmã mais velha que era quase tão perfeita quanto a mãe? Bonita, esperta, empenhada em se casar com a presa da temporada... Graças a Deus por Clementine, que veio depois, e era um esboço de garota tão curiosa que mesmo Alice não podia deixar de parecer vagamente normal em comparação.

Enquanto a mãe atravessava o corredor, seguida por Edwina, Alice entreabriu a janela e deixou a brisa morna, perfumada com grama recém-cortada e sal do mar, envolver seu rosto. Edwina era a única pessoa (aliás, ela era uma cadela golden retriever, não uma pessoa de fato) que conseguia aguentar a mãe quando ela estava assim. Até o pobre papai havia fugido para o sótão horas antes, sem dúvida desfrutando da boa e silenciosa companhia de sua grande obra de história natural. O problema era que Eleanor Edevane era perfeccionista e cada detalhe da festa de verão deveria atender a seus exigentes padrões. Embora tivesse mantido isso escondido sob um verniz de indiferença teimosa, por muito tempo Alice se incomodara por estar tão aquém das expectativas da mãe. Ela se olhava no espelho e ficava desesperada com seu corpo muito alto, seus cabelos castanho-avermelhados desajeitados, sua preferência pela companhia de pessoas imaginárias a pessoas reais.

Agora não mais. Alice sorriu quando Ben levou outro tronco ao que estava se tornando rapidamente uma pira alta. Talvez não fosse encantadora como Deborah e com certeza nunca seria imortalizada como a mãe, como tema de um adorado livro infantil, mas isso não tinha importância. Ela era completamente diferente.

– Você é uma contadora de histórias, Alice Edevane – Ben lhe dissera certa tarde, enquanto o riacho corria tranquilo e os pombos voltavam para casa. – Nunca conheci alguém com uma imaginação tão fértil e ideias tão boas.

Sua voz era suave. Alice tinha se visto então através de seu olhar intenso e havia gostado do que vira.

A voz da mãe passou pela porta do banheiro – algo sobre as flores – antes de desaparecer ao virar num corredor.

– Sim, mamãe querida – murmurou Alice com uma deliciosa condescendência. – Não há necessidade de amarrar suas calcinhas.

Havia um glorioso sacrilégio no fato de reconhecer a roupa íntima de Eleanor Edevane, e Alice teve que apertar os lábios para não rir.

Com um último olhar para o lago, ela saiu do banheiro e andou rapidamente pelo corredor até seu quarto para liberar a preciosa pasta que estava debaixo de seu colchão. Livrando-se de tropeçar em um remendo puído do tapete balúchi vermelho que vovô Horace tinha enviado de suas aventuras no Oriente Médio, Alice subiu as escadas dois degraus por vez, pegou uma cesta do meio da mesa do salão e pulou para fora, para o novo dia.



É preciso dizer que o tempo estava perfeito. Alice não podia deixar de cantarolar para si mesma enquanto seguia pelo caminho de pedras. A cesta estava quase pela metade e ela ainda nem tinha chegado perto dos prados de flores silvestres. As flores mais bonitas cresciam ali – as que eram inesperadas, em contraste com

as tipicamente domadas, suspeitosamente vistosas, mas Alice aproveitava seu tempo. Ela passara a manhã evitando a mãe, esperando até que o Sr. Harris tirasse o intervalo de almoço para que Ben ficasse sozinho.

Na última vez em que o vira, ele dissera que tinha algo para ela e Alice rira. Então ele a brindara com aquele seu meio sorriso, aquele que a deixava de pernas bambas, e perguntara:

– O que há de tão engraçado?

Alice se empertigara toda e revelara que também tinha algo para dar a ele.

Ela parou atrás do maior teixo no final do caminho de pedra. Tinha sido bem podado para a festa, as folhas recém-cortadas, então Alice espiou ao redor. Ben ainda estava na ilha e o Sr. Harris encontrava-se na outra extremidade do lago, ajudando seu filho Adam a preparar a lenha para ser atravessada de barco. Pobre Adam... Alice o observou coçar atrás da orelha. Já fora o orgulho de sua família, segundo a Sra. Stevenson, forte, reluzente e inteligente, até que um estilhaço voador se alojou na lateral de sua cabeça, em Passchendaele, e o idiotizou. A guerra era uma coisa terrível, a cozinheira gostava de falar, batendo o rolo em um pedaço inocente de massa na mesa da cozinha: “Pega um garoto desses, tão promissor, o mastiga e o cospe numa versão abobada de quem costumava ser.”

A única bênção, de acordo com a Sra. Stevenson, era que o próprio Adam não parecia notar a mudança; na verdade, parecia quase aliviado por ela.

– Não é o que costuma acontecer – acrescentou ela, sem deixar de lado o profundo pessimismo escocês.

– A maioria deles volta sem nunca mais conseguir dar uma risada.

Fora o pai que insistira em empregar Adam na propriedade.

– Ele tem um emprego aqui para a vida toda – Alice o ouviu dizer ao Sr. Harris, a voz cheia da força de seu sentimento. – Já disse isso antes. Enquanto ele precisar, haverá um lugar aqui para o jovem Adam.

Alice percebeu um zumbido suave perto da orelha esquerda, o mais leve sopro de vento contra sua bochecha. Olhou de soslaio para a libélula que pairava em sua visão periférica. Era uma raridade, um dardo de asas amarelas, e ela sentiu uma antiga onda de empolgação. Imaginou o pai em seu escritório, escondendo-se da mãe. Se Alice fosse rápida, poderia pegar a libélula e levá-la lá para cima, para a coleção dele, saborear o prazer que ela sabia que o presente lhe traria e sentir-se em alta conta com o pai, como acontecia na infância, quando o privilégio de ser a escolhida, aquela a quem era permitido entrar na sala poeirenta de livros de ciências, luvas brancas e mostruários de vidro, era suficiente para fazê-la esquecer o horror dos brilhantes pinos de prata.

Mas, é claro, não havia tempo para isso. Ora, só de considerar a questão, ela estava sendo vítima da distração. Alice ficou pensativa. O tempo tinha um jeito engraçado de perder a forma quando sua mente se ocupava com um assunto. Olhou para o relógio. Quase 10h12. Vinte minutos mais e o jardineiro-chefe se dirigiria para seu barracão como fazia todos os dias, para comer seu sanduíche de queijo e *piccalilli*, e, então, leria as notícias sobre as corridas. Ele era um homem de hábitos e Alice respeitava isso.

Esquecendo a libélula, ela percorreu o caminho de uma vez e seguiu furtivamente ao redor do lago, evitando o gramado e a turma de jardineiros varrendo perto da elaborada engenhoca de fogos de artifício, mantendo-se nas sombras até chegar ao Jardim Submerso. Sentou-se nos degraus da velha fonte, aquecidos pelo sol, e pousou a cesta ao seu lado. Era o ponto de vista perfeito, assim decidiu. A cerca de espinheiros nas proximidades fornecia ampla cobertura, e pequenos intervalos em sua folhagem permitiam uma bela vista do novo dique.

Enquanto esperava que Ben ficasse sozinho, Alice observou um par de gralhas mergulhar juntas no céu azul acima. Seu olhar pousou na casa, onde homens em escadas teciam enormes grinaldas de folhas ao longo da fachada de tijolos e duas empregadas se ocupavam de prender delicadas lanternas de papel a finas cordas sob os beirais. O sol iluminara a fileira superior de vitrais e a casa da família, lustrada nos mínimos recantos, brilhava como uma dama coberta de joias, vestida para ir à ópera anual.

Uma grande onda de afeto tomou Alice de súbito. Desde que se lembrava, tinha consciência de que a casa e os jardins de Locanneth viviam e respiravam por ela de uma forma que não faziam por suas irmãs. Enquanto Londres era uma atração para Deborah, Alice nunca foi mais feliz, nunca foi tão ela mesma, como quando

estava ali: sentada à beira do córrego, os dedos dos pés flutuando na corrente lenta; deitada na cama antes do amanhecer, ouvindo a ocupada família de andorinhas que construía seu ninho acima de sua janela; dando voltas ao redor do lago, o caderno sempre debaixo do braço.

Alice tinha 7 anos quando se deu conta de que, um dia, ia crescer e que os adultos, segundo a ordem natural das coisas, não continuavam morando na casa dos pais. Sentiu um grande abismo de medo se abrir dentro dela, então passou a gravar seu nome sempre e em qualquer lugar que podia: no carvalho inglês duro das molduras da janela da sala banhada pelo sol da manhã, no cimento fino entre os azulejos da sala de armas, no papel de parede estampado no hall de entrada – como se, por meio desses pequenos gestos, ela pudesse de algum modo se prender ao lugar de forma tangível e duradoura. Alice tinha ficado sem pudim durante todo o verão quando a mãe descobriu essa expressão particular de afeição, um castigo que ela poderia ter suportado, não fosse a injustiça de ser julgada uma vândala indecorosa.

– Pensei que, de todas as pessoas, você demonstraria mais respeito pela casa – murmurou a mãe, pálida de fúria. – Uma filha minha se comportando com tanto descuido e negligência, a autora de uma brincadeira tão cruel e irrefletida!

Fora profunda a vergonha que Alice sentira, o desgosto ao ouvir a mãe descrevê-la dessa maneira ao ter os resultados de sua apaixonada necessidade de posse reduzidos a um mau comportamento qualquer.

Mas agora isso não importava. Ela esticou as pernas, os dedos dos pés, e suspirou com satisfação. Isso era coisa do passado, água que correria sob a ponte, uma fixação infantil. A luz do sol estava em toda parte, brilhando dourada nas folhas verdejantes do jardim. Uma toutinegra, escondida na folhagem de um salgueiro próximo, cantava uma doce fanfarra e um par de patos selvagens lutava por um caracol particularmente suculento. A orquestra ensaiava um número de dança e a música deslizava pela superfície do lago. Como tinham sorte de ter um dia como aquele! Depois de semanas de angústia, de estudar o amanhecer, de consultar Aqueles que Deveriam Saber, o sol havia aparecido, queimando qualquer nuvem persistente, exatamente como devia ser na véspera do solstício de verão. A noite seria quente; a brisa, leve; a festa, tão encantadora como sempre.

Alice tinha conhecimento da magia do solstício muito antes de ter idade suficiente para ficar acordada para a festa, quando a babá Bruen as levava para o andar de baixo, Alice e suas duas irmãs, em seus melhores vestidos, e as arrumava em fila para a apresentação aos convidados. A festa ainda estava em seus momentos iniciais, os adultos bem-vestidos se comportando com forçado decoro enquanto esperavam a noite cair. Mais tarde, porém, quando deveria estar dormindo, Alice ouvia a respiração da babá se tornar profunda e pesada, então ela ia até a janela do quarto das crianças e se ajoelhava em uma cadeira para ver as lanternas brilhando como frutas maduras na noite, a fogueira crepitante que parecia flutuar na água iluminada pelo luar prateado, o mundo encantado em que lugares e pessoas eram *quase* como ela se lembrava, mas não completamente.

E essa noite ela estaria entre eles. Uma noite que seria muito especial. Alice sorriu, estremeando de leve de ansiedade. Olhou o relógio e tirou a pasta que havia enfiado na cesta, abrindo-a para revelar o precioso conteúdo. O manuscrito era uma das duas cópias que ela havia digitado meticulosamente na Remington portátil, seu último esforço e o resultado de um ano de trabalho. Havia um pequeno erro no título, onde ela acidentalmente batera um “y” em vez de um “u”, mas, fora isso, estava perfeito. Ben não se importaria. Ele seria o primeiro a lhe dizer que era muito mais importante enviar a cópia perfeita a Victor Gollancz. Quando o publicasse, ele poderia ter o próprio exemplar da primeira edição e ela até o autografaria logo abaixo da dedicatória.

Adeus, passarinho azul, Alice leu o título num sussurro, desfrutando do pequeno arrepio que ainda percorria sua espinha. Estava muito orgulhosa da história; era a melhor até o momento e nutria grandes esperanças de que fosse publicada. Era um mistério de assassinato, um muito bom. Depois de estudar o prefácio da revista *As melhores histórias de detetives*, ela se sentou com seu caderno e fez uma lista das regras segundo o Sr. Ronald Knox. Percebeu seu erro ao tentar combinar dois gêneros diferentes, matou Laura e então começou de novo, do zero, sonhando, em vez disso, com uma casa de campo, um detetive e um lugar cheio de suspeitos. O quebra-cabeça tinha sido a parte complicada: descobrir como esconder de

seus leitores “quem matou”. Foi quando ela decidiu que precisava de um conselheiro, um Watson para seu Holmes, por assim dizer. Felizmente, ela o encontrou. Havia encontrado mais do que isso.

Para B. M., parceiro no crime, cúmplice na vida

Correu o polegar pela dedicatória. Depois da publicação do romance, todos saberiam sobre os dois, mas Alice não se importava. Uma parte dela não podia esperar. Tantas vezes quase contara para Deborah ou mesmo para Clemmie, tão desesperada que estava por ouvir aquelas palavras ditas em voz alta. Ela vinha se esquivando de conversas com a mãe, que, Alice sabia, tinha suspeitas. Mas era certo, de alguma forma, que descobririam quando lessem seu primeiro livro.

Adeus, passarinho azul nasceu de conversas com Ben. Ela jamais teria conseguido escrevê-lo sem ele e, agora, tendo arrancado seus pensamentos do ar e os posto em palavras no papel, ela pegara algo intangível, uma mera possibilidade, e o tornara real. Alice não podia deixar de sentir que, ao lhe dar uma cópia do manuscrito, também estava tornando mais real a promessa tácita entre eles. Promessas eram importantes na família Edevane. Era algo que eles tinham aprendido com a mãe, o ditado martelando no ouvido assim que aprendiam a falar: nunca faça uma promessa se não estiver pronto para cumpri-la.

Vozes soaram do outro lado da sebe de espinheiros e instintivamente Alice pegou o manuscrito, abraçando-o. Ouviu atenta e, então, correu para a sebe, espiando através de um pequeno espaço em forma de diamante nas folhas. Ben não estava mais na ilha e o barco tinha voltado ao cais, mas Alice encontrou os três homens juntos perto da pilha de toras restantes. Observou como Ben bebia de seu cantil de alumínio, o pomo de adão se movendo quando engolia, a sombra de uma barba em seu rosto, os cachos de cabelo escuro na altura do colarinho. A transpiração tinha deixado uma mancha úmida em sua camisa e a garganta de Alice se apertou. Ela adorava o cheiro dele, tão natural e real.

O Sr. Harris pegou sua bolsa de ferramentas e deu algumas instruções finais às quais Ben respondeu com um aceno de cabeça, um leve sorriso. Alice sorriu com ele, observando a covinha em sua bochecha esquerda, seus ombros fortes, seu antebraço exposto brilhando sob o sol forte. Ele se empertigou quando um ruído distante lhe chamou a atenção. Ela seguiu seu olhar, que se desviou do Sr. Harris e pousou sobre algo nos jardins selvagens do outro lado.

Visível apenas o suficiente no emaranhado de eremuros e verbenas, Alice entreviu uma pequena figura caminhando, saltitante e intrépida, em direção à casa. Theo. O vislumbre de seu irmãozinho alargou o sorriso de Alice, que, no entanto, logo sumiu por causa da grande sombra escura que pairava atrás do menino. Compreendia agora por que Ben tinha a testa franzida. Ela sentia o mesmo com relação à babá Bruen. Não gostava nem um pouco dela, mas de fato ninguém desenvolvia afeição por pessoas com disposições despóticas. O motivo pelo qual a doce e bela babá Rose tinha sido demitida estava além da compreensão de todos. Ela obviamente gostava de Theo – o adorava, na verdade – e não havia ninguém que não gostasse dela. Até seu pai tinha sido visto conversando com ela no jardim enquanto Theo tropeçava atrás dos patos, e o pai era um juiz de caráter muito exigente.

Alguma coisa, porém, fizera a mãe torcer o nariz. Duas semanas antes, Alice a vira discutindo com a babá Rose, numa troca de sussurros acalorados do lado de fora do quarto do bebê. A desavença tivera a ver com Theo, mas, infelizmente, Alice estava longe demais para ouvir com precisão o que era dito. Depois todos ficaram sabendo que a babá Rose fora embora e a babá Bruen acabara voltando para o cargo. Alice pensara ter visto pela última vez a senhora hostil e de língua afiada, com seu queixo cheio de pelos e a garrafa de óleo de rícino. Na verdade, ela sempre tinha sentido uma pontinha de orgulho, pois ouvira vovó DeShiel comentando que a indisciplinada Alice havia acabado com as últimas gotas de energia da velha babá. Mas então ali estava ela de volta, mais extravagante do que nunca.

Alice ainda lamentava a perda da babá Rose quando percebeu que não estava mais sozinha em seu lado da sebe. Um galho estalou atrás dela e ela se endireitou abruptamente, se virando.

– Sr. Llewellyn! – exclamou Alice quando viu a figura encurvada ali de pé, um cavalete debaixo de um braço, um grande bloco de desenho apertado desajeitadamente debaixo do outro. – O senhor me assustou.

– Desculpe, Alice querida. Parece que não sou muito discreto. Eu esperava que pudéssemos conversar um pouco.

– Agora, Sr. Llewellyn?

Apesar do afeto pelo velho, ela lutou contra uma onda de frustração. Ele não parecia entender que haviam acabado os dias em que Alice sentava com ele observando-o desenhar, em que deslizavam rio abaixo no barco a remo, em que ela confessava todos os segredos infantis enquanto caçavam fadas. Ele fora importante para ela, não havia como negar. Um amigo querido quando Alice era pequena e um mentor quando começara a escrever. Muitas vezes, ela correria para lhe mostrar as histórias infantis que tinha rabiscado em um ímpeto de inspiração e ele fizera uma cena, fazendo-lhe críticas sérias. Mas agora, aos 16 anos, Alice tinha outros interesses, que não podia dividir com ele.

– Estou muito ocupada, sabe?

Seu olhar vagou para o buraco na sebe e Alice sentiu as bochechas queimarem com um súbito calor.

– Estou de olho nos preparativos da festa – disse às pressas e, quando o Sr. Llewellyn sorriu de um jeito que sugeria que ele sabia exatamente quem ela estava observando e por quê, acrescentou: – Estou colhendo flores para mamãe.

Ele viu a cesta deixada de lado, as flores murchando no calor do meio-dia.

– Uma tarefa que eu realmente deveria terminar.

– É claro – disse ele com um aceno de cabeça –, e eu normalmente nem sonharia interrompê-la quando está tão ocupada ajudando. Mas há algo importante que preciso falar com você.

– Temo que eu não tenha tempo mesmo.

O Sr. Llewellyn pareceu muito desapontado e ocorreu a Alice que ele andava bem desanimado ultimamente. Não atordoado, mas distraído e triste. Notou que os botões de seu colete de cetim estavam presos de forma desencontrada e o lenço em volta do pescoço estava gasto. Ela sentiu uma súbita onda de simpatia e inclinou a cabeça para seu bloco de desenho, numa tentativa de se reparar.

– Está muito bom.

Estava mesmo. Ela não o vira desenhar Theo antes e a semelhança era excepcional, o persistente traço de bebê nas bochechas redondas e nos lábios cheios, os grandes olhos confiantes. O querido Sr. Llewellyn sempre fora capaz de ver o melhor em todos eles.

– Vamos nos encontrar depois do chá, talvez? – sugeriu ela com um sorriso encorajador. – Em algum momento antes da festa?

O Sr. Llewellyn trouxe seu bloco de desenho para perto, considerando a proposta de Alice antes de franzir um pouco o cenho:

– E à noite na fogueira?

– Você vem?

Isso era uma surpresa. O Sr. Llewellyn não era um cavalheiro sociável e normalmente dava um jeito de evitar multidões – sobretudo multidões que queriam *encontrá-lo*. Ele adorava Eleanor, mas nem mesmo ela conseguira convencê-lo a ir à festa. A preciosa primeira edição de sua mãe de *O portal mágico de Eleanor* estaria exposta, como sempre, e as pessoas ficariam ansiosas para conhecer seu criador. Elas nunca se cansavam de se ajoelhar junto da cerca e procurar o topo enterrado do velho pilar de pedra. “Olhe, Simeon, estou vendo! O anel de bronze do mapa, tal como diz no livro!” Mal sabiam que o túnel fora selado anos antes para evitar as explorações de curiosos como eles.

Normalmente, Alice teria sondado mais, porém uma explosão de risos masculinos do outro lado da sebe, seguida por um grito de camaradagem, atraíu sua atenção:

– Adam, vá com seu pai e coma alguma coisa, não há necessidade de levá-los todos de uma vez!

Isso a trouxe de volta ao seu propósito.

– Está bem, então – retrucou. – Esta noite, sim. Na festa.

– Digamos, às onze e meia, debaixo da tenda?

– Sim, sim.

– É importante, Alice.

– Onze e meia – repetiu ela, um pouco impaciente. – Estarei lá.

Ainda assim, ele não foi embora, mas permaneceu ali, aparentemente enraizado, com aquela expressão séria e melancólica, encarando-a, quase como se tentasse memorizar seus traços.

– Sr. Llewellyn?

– Você se lembra de quando saímos de barco no aniversário de Clemmie?

– Lembro – disse ela. – Sim, foi um belo dia. Um deleite raro.

Alice fez questão de pegar o cesto dos degraus da fonte e o Sr. Llewellyn devia ter entendido a deixa, porque então se foi.

Alice sentiu o incômodo de um pesar vago e suspirou profundamente. Imaginou que era o fato de estar apaixonada que a fazia se sentir assim, uma espécie de piedade por todos que não fossem ela. Pobre Sr. Llewellyn... Ela já pensara que ele era mágico. Agora via apenas um homem curvado e um tanto triste, velho antes do tempo, constrangido pela roupa vitoriana e pelos hábitos dos quais se recusava a abrir mão. Ele tivera um colapso na juventude – era para ser segredo, mas Alice sabia um monte de coisas que não devia saber. Havia acontecido quando sua mãe era apenas uma garota e o Sr. Llewellyn era um amigo fiel de Henri deShiel. Ele desistira de sua carreira profissional em Londres e, então, criara *O portal mágico de Eleanor*.

Alice não sabia o que tinha causado o colapso. Ocorreu-lhe, vagamente, que deveria fazer um esforço maior para descobrir, mas não naquele dia; não era uma tarefa urgente. Não havia tempo para o passado quando o futuro estava ali, esperando por ela do outro lado da sebe. Outra olhada confirmou que Ben estava sozinho, juntando suas coisas, prestes a voltar pelo jardim até suas acomodações, para almoçar. Alice logo se esqueceu do Sr. Llewellyn. Ergueu o rosto para o sol e deleitou-se com o calor que acariciava suas bochechas. Que alegria era ser ela naquele exato momento. Não podia imaginar que alguém, em qualquer lugar, pudesse estar mais satisfeito. Então caminhou para o cais, com o manuscrito na mão, tomada por uma sedutora consciência de si mesma, como uma menina no limiar de um futuro brilhante.

3

Cornualha, 2003

O sol passava por entre as folhas e Sadie corria tanto que seus pulmões imploravam para que ela parasse. Mas ela não parou. Correu ainda mais, saboreando a tranquilidade de seus passos. O baque ritmado, o eco fraco causado pela terra úmida e coberta de musgo e pela densa mata pisoteada.

Os cães tinham sumido na trilha estreita havia algum tempo, focinhos colados ao chão, deslizando como traços de melação através dos espinheiros de ambos os lados. Deviam se sentir mais aliviados do que ela pelo fato de a chuva finalmente ter parado e estarem livres. Sadie se surpreendia com quanto gostava de ter os dois ao seu lado. Havia resistido quando seu avô lhe sugerira pela primeira vez, mas Bertie – já desconfiado da chegada repentina à sua porta (“Desde quando você tira férias?”) – se mostrara teimoso como sempre: “Aqueles bosques têm partes muito densas e você não está acostumada com eles. Não demoraria muito a se perder.” Quando ele começou a falar sobre pedir a um dos rapazes locais que se encontrasse com ela “para acompanhá-la”, lançando-lhe um olhar que dizia que estava prestes a fazer perguntas às quais ela não queria responder, Sadie rapidamente concordou que os cães poderiam correr com ela.

Sadie sempre corra sozinha. Fazia isso desde muito antes de o caso Bailey estourar e sua vida em Londres desmoronar. Era melhor. Havia pessoas que corriam para se exercitar, aquelas que corriam por prazer e havia Sadie, que corria como alguém tentando escapar da própria morte. Muito tempo antes, um namorado dissera isso a ela. Falara como uma acusação, dobrando o corpo na tentativa de recuperar o fôlego no meio de Hampstead Heath. Sadie dera de ombros, sem saber por que isso poderia ser considerado algo ruim e, então, soube, com tão pouco pesar a ponto de se surpreender, que os dois não dariam certo.

Uma rajada de vento balançou os galhos, soprando as gotas de chuva da noite anterior em seu rosto. Sadie sacudiu a cabeça, mas não desacelerou. Rosas selvagens começavam a florescer nas laterais do caminho; criaturas fiéis a seus hábitos, fazendo sua aparição anual entre as samambaias e os troncos caídos. Era bom que elas existissem. Eram a prova de que havia realmente beleza e bondade no mundo, como os poemas e os chavões diziam. Em sua linha de trabalho, era fácil perder isso de vista.

Saíram mais coisas nos jornais de Londres no fim de semana. Sadie dera uma olhada sobre o ombro de um homem no Harbor Café enquanto ela e Bertie tomavam café da manhã. Ou melhor, enquanto ela tomava café da manhã e ele tomava algum tipo de *smoothie* verde que tinha cheiro de mato. Era apenas uma notinha, uma única coluna na página 5, mas o nome Maggie Bailey saltou aos olhos de Sadie e ela parou de falar no meio da frase, correndo avidamente o olhar pelas letras miúdas. O artigo não dizia nada de novo, o que significava que não houvera mudança. E por que haveria? O caso fora encerrado. A matéria era assinada por Derek Maitland. Nenhuma surpresa que ele ainda estivesse agarrado à história como um cão com o osso de seu vizinho. Essa era a sua natureza. Talvez, de alguma forma, tivesse sido por isso que ela o escolhera.

Sadie deu um pulo quando Ash saltou de trás das árvores e atravessou na frente dela, as orelhas batendo, a boca aberta em um sorriso largo e molhado. Ela se esforçou para não recuar muito, cerrou os punhos, fincando as unhas na palma das mãos, e correu ainda mais rápido. Não devia ler os jornais. Deveria estar “dando um tempo de tudo isso” enquanto se recompunha e esperava que as coisas em Londres esfriassem. Conselho de Donald. Ele tentava protegê-la de ter o nariz esfregado na própria estupidez, ela sabia disso, o que era típico dele, mas de fato era um pouco tarde demais.

A história aparecera em todos os jornais e nos noticiários de TV na época, e não tinha abrandado nas semanas seguintes, só aumentara o escopo – de artigos relatando comentários específicos de Sadie a alegações frívolas da divisão interna da Met, implicações do acobertamento. Não era de admirar que Ashford estivesse zangado. O superintendente nunca perdia uma chance de alardear suas opiniões sobre lealdade, agitando as calças manchadas e dando aos detetives reunidos uma explosão carregada de saliva:

– Não há nada pior que um dedo-duro, estão ouvindo? Se você tem um problema, resolva-o em casa. Nada é mais prejudicial para o departamento do que policiais soprando informações para pessoas de fora.

Então, ele sempre falava enfaticamente que, de todas as “pessoas de fora”, as piores eram os jornalistas. O queixo de Ashford tremia com a força de seu ódio.

– Uns sanguessugas, todos eles.

Graças a Deus, ele não sabia que tinha sido Sadie quem soprara esse dado em particular. Donald a acobertara, da mesma forma que fizera quando ela começou a cometer erros no trabalho.

– É isso que os parceiros fazem – disse ele naquele momento, afastando sua gratidão desajeitada com a grosseria habitual.

Tornara-se uma brincadeira entre eles, os pequenos lapsos em sua conduta habitualmente exigente, mas essa última infração era diferente. Como oficial de investigação sênior, Donald era responsável pelas ações de seu departamento e, se esquecer de levar um bloco de anotações para um interrogatório merecia uma zombaria inofensiva, vaziar informações de que o departamento encerrara uma investigação era coisa bem diferente.

Donald soube que tinha sido ela assim que a história estourou. Ele a levava para tomar uma cerveja no Fox and Hounds e a aconselhara, em termos que deixavam muito pouco espaço para discordância, que ela precisava sair de Londres. Devia tirar a licença a que tinha direito e ficar afastada até se libertar do que a incomodava.

– Não estou brincando, Sparrow – disse ele, limpando a *lager* do bigode espesso. – Não sei o que está pegando com você ultimamente, mas Ashford não é idiota, ele vai observá-la como um falcão. Seu avô está na Cornualha agora, não é? Para o seu bem, para o bem de nós dois, vá para lá e não volte até que tudo tenha se resolvido.

Um tronco caído apareceu do nada e Sadie passou por cima, tocando-o com a ponta de seu tênis de corrida. A adrenalina se espalhou sob sua pele como calda quente e, aproveitando-se disso, ela correu ainda mais. *Não volte até que tudo tenha se resolvido.* Era muito mais fácil falar do que fazer. Donald talvez não soubesse a causa de sua distração e falta de jeito, mas Sadie sabia. Imaginou o envelope e seu conteúdo, escondido na mesinha de cabeceira do quarto de hóspedes da casa de Bertie: o papel bonito, a caligrafia floreada, o banho de água fria da mensagem ali dentro. Ela podia marcar o início de seus problemas naquela noite, seis semanas antes, quando pisou naquela droga de carta sobre o tapete de seu apartamento em Londres. De início, foram apenas lapsos de concentração ocasionais, pequenos erros que eram bem fáceis de encobrir, mas então viera o caso Bailey, aquela garotinha órfã de mãe, e *bum!*, a tempestade perfeita.

Com uma última explosão de energia, Sadie se forçou a correr até o toco preto, seu ponto de retorno. Ela não diminuiu o ritmo até chegar ali, inclinando-se para a frente a fim de bater a mão na parte superior úmida, irregular, e, em seguida, desabou, as palmas das mãos nos joelhos, recuperando o fôlego. Seu diafragma subia e descia, e ela via estrelas. Sentia dor e estava contente. Ash farejava por ali, na base de um tronco coberto de musgo que se erguia da encosta íngreme e enlameada. Sadie bebeu avidamente da garrafa de água, depois borrifou um pouco na boca aberta do cão. Acariciou-lhe os pelos escuros, suaves e lustrosos entre as orelhas.

– Onde está o seu irmão? – perguntou, ao que Ash inclinou a cabeça e a fitou com seus olhos inteligentes. – Onde está Ramsay?

Sadie correu os olhos pelo emaranhado selvagem de vegetação ao redor deles. As samambaias estavam se esforçando para crescer na direção da luz, os caules espiralados se desenrolando em folhagens frondosas. O doce aroma de madressilva se misturava com o cheiro terroso da chuva recente. Chuva de verão. Ela sempre amara aquele odor, ainda mais quando Bertie lhe disse que era causado por um tipo de bactéria. Uma prova de

que coisas boas podiam surgir de coisas ruins se as condições certas fossem aplicadas. Sadie gostava de acreditar que isso era verdade.

Eram bosques densos e, enquanto procurava por Ramsay, se deu conta de que Bertie tinha razão. Era possível se perder para sempre em um lugar como aquele. Não Sadie, não com os cães ao seu lado, focinhos aguçados, treinados no caminho de volta para casa, mas outra pessoa, um inocente, a mocinha de um conto de fadas. Essa garota, com a cabeça toda romântica, poderia facilmente se embrenhar muito em um bosque como aquele e se perder.

Sadie não conhecia muitos contos de fadas, nada além dos óbvios. Era uma das lacunas que ela reconhecera em sua experiência em comparação com a de seus pares (contos de fadas, diplomas, carinho dos pais). Até mesmo o quarto da menininha de Bailey, embora esparsamente decorado, continha uma prateleira de livros e um exemplar bem surrado dos contos dos irmãos Grimm. Mas não houvera histórias de “Era uma vez...” sussurradas na infância de Sadie: sua mãe não era do tipo que contava histórias, seu pai menos ainda, os dois com igual e inflexível aversão a tudo que fosse fantasioso.

Independentemente disso, como cidadã do mundo, Sadie tinha entendido o suficiente sobre contos de fadas para saber que as pessoas costumavam desaparecer neles e que, em geral, havia densos bosques envolvidos. Muitas vezes, as pessoas também desapareciam na vida real. Sadie sabia disso por experiência própria. Alguns se perdiam por desventura, outros por escolha: os desaparecidos, em oposição aos que fugiam, aqueles que não queriam ser encontrados. Pessoas como Maggie Bailey.

– Ela fugiu.

Donald telefonara cedo, no mesmo dia em que encontraram a pequena Caitlyn sozinha no apartamento, semanas antes de encontrarem o bilhete que provava que ele estava certo.

– É responsabilidade demais – acrescentou. – Filhos, contas a pagar, a vida. Se eu ganhasse 1 libra a cada vez que vejo isso...

Contudo, Sadie se recusara a acreditar nessa teoria. Tinha seguido uma vertente própria, aventando suposições fantásticas sobre o jogo sujo, o tipo que pertencia apenas a romances de mistério, insistindo que uma mãe não abandonaria sua filha assim, falando repetidamente sobre passar mais um pente-fino nas provas e procurar a pista vital que tinham perdido.

– Você está procurando algo que nunca vai encontrar – disse Donald. – Às vezes, Sparrow... não toda hora, mas, às vezes, as coisas são tão simples quanto parecem.

– Como você, quer dizer.

Ele riu.

– Abusada. – E, então, seu tom se suavizou, tornando-se quase paternal, o que, até onde Sadie podia ver, era muito pior do que se ele tivesse começado a berrar: – Acontece com os melhores de nós. Faça este trabalho por um bom tempo e pode acontecer de um caso entrar sob sua pele. Significa que você é humana, mas não que você está certa.

A respiração de Sadie havia se estabilizado, mas Ramsay ainda não dava sinais. Ela gritou por ele e sua voz ecoou em lugares úmidos e escuros: *Ramsay... Ramsay... Ramsay...* A última repetição fraca desapareceu no nada. Ele era o mais reservado dos dois cães e ela havia demorado mais para ganhar sua confiança. Fosse justo ou não, era seu favorito por causa disso. Sadie sempre fora cautelosa com afeições fáceis. Era uma característica que também havia reconhecido em Nancy Bailey, a mãe de Maggie – e ela suspeitava que fora o que as aproximara. Uma *folie à deux*, como era chamada, uma loucura a dois, duas pessoas absolutamente sãs incentivando uma à outra com a mesma ilusão. Sadie podia ver agora que fora isso que ela e Nancy Bailey tinham feito: uma alimentara a fantasia da outra, convencendo-se de que havia mais no desaparecimento de Maggie do que os olhos podiam ver.

E *era* loucura. Dez anos na polícia, cinco como detetive, e tudo o que ela aprendera voou pela janela no momento em que viu aquela menina sozinha no velho apartamento, magra e delicada, iluminada à contraluz, de modo que seus cabelos louros bagunçados formavam um halo, os olhos arregalados e atentos enquanto olhava

para os dois adultos estranhos que haviam entrado pela porta da frente. Foi Sadie que avançou até ela, pegando suas mãos e dizendo, com uma voz tão clara e vibrante que não reconheceu:

– Oi, linda. Quem é essa na frente da sua camisola? Qual é o nome dela?

A vulnerabilidade da criança, sua pequenez e sua incerteza acertaram em cheio o ponto que Sadie usualmente mantinha trancado contra a emoção. Durante os dias que se seguiram, ela sentiu a impressão fantasmagórica das mãozinhas da criança nas dela e, à noite, quando tentava dormir, ouvia aquela voz baixa e querida que dizia “Mamãe? Onde está a minha mãe?”. Ela fora tomada por uma necessidade feroz de fazer as coisas direito, de devolver a mãe à menina, e Nancy Bailey se provara a parceira perfeita. Mas Nancy podia ser perdoada por dar murros em ponta de faca, mostrando-se compreensivelmente desesperada por justificar o comportamento insensível da filha, aliviar o choque da neta por ter sido largada sozinha assim, além de suavizar a própria culpa (“Se ao menos eu não tivesse saído com as amigas naquela semana, eu mesma a teria encontrado”). Já Sadie devia ter se precavido. Toda a sua carreira, toda a sua *vida* adulta, tinha sido construída em cima da precaução.

– Ramsay! – chamou de novo.

Mais uma vez, apenas o silêncio em resposta, do tipo marcado por folhas farfalhando e água da chuva correndo ao longe em uma vala. Ruídos naturais que tinham a capacidade de fazer uma pessoa se sentir ainda mais sozinha. Sadie estendeu os braços acima da cabeça. O desejo de entrar em contato com Nancy era físico, um grande peso dentro de seu peito, um par de punhos suados apertando seus pulmões. Ela podia suportar a própria desonra, mas a vergonha que sentia quando pensava em Nancy era esmagadora. Ela ainda lidava com a necessidade urgente de se desculpar, de explicar que tudo fora um terrível lapso de julgamento, que ela nunca pretendia lhe dar falsas esperanças. Donald a conhecia bem:

– E, Sparrow – suas palavras de despedida antes de mandá-la para a Cornualha –, nem pense em fazer contato com a avó.

Mais alto dessa vez:

– Ramsay! Onde você está, garoto?

Sadie ficou tensa e aguçou os ouvidos. Um pássaro assustado, o bater de asas pesadas na copa das árvores. Seu olhar foi atraído pelo emaranhado de ramos até a mancha branca de um avião desbravando o céu azul pálido. O avião seguia para leste, em direção a Londres, e ela observou seu avanço com uma estranha sensação de deslocamento, um insondável pensamento de que o turbilhão da vida, *sua* vida, continuava lá, sem ela.

Ela não teve notícias de Donald desde que partira. Nem esperava ter, não de verdade, não ainda – fazia apenas uma semana e ele insistira em que ela tirasse um mês inteiro de licença.

– Posso voltar antes se eu quiser, certo? – perguntara Sadie ao jovem do RH, a confusão dele deixando evidente que era a primeira vez que lhe faziam aquela pergunta.

– É melhor não – grunhira Donald mais tarde. – Se eu vir você de volta aqui antes de estar recuperada, não estou brincando, Sparrow, vou direto falar com Ashford.

Ele faria isso, ela sabia. Estava se preparando para a aposentadoria e não deixaria que sua substituta arruinasse tudo. Sem nenhuma outra escolha, Sadie tinha feito a mala, enfiado o rabo entre as pernas e seguido para a Cornualha. Deixara o número do telefone de Bertie com Donald, explicando que o sinal de telefonia móvel era um pouco falho e que tinha esperança de que ele a chamasse de volta.

Um som baixo soou ao seu lado e ela olhou naquela direção. Ash estava de pé, rígido como uma estátua, olhando para o bosque além.

– Qual é o problema, garoto? Não gosta do cheiro da autopiedade?

Os pelos do pescoço dele se eriçaram, as orelhas se mexeram, mas seu foco não mudou. Então Sadie ouviu também, ao longe. Ramsay, um latido – não de alarme, talvez, mas ainda assim incomum.

Um instinto maternal pouco característico e vagamente perturbador tomara Sadie desde que os cães a haviam adotado e, quando Ash deu outro grunhido profundo, ela tampou sua garrafa de água.

– Vamos lá – disse, batendo na coxa. – Vamos encontrar seu irmão.

Seus avós não tinham cachorros quando moravam em Londres, pois Ruth era alérgica. Mas, depois que ela morreu e Bertie se mudou para a Cornualha, ele tinha enfrentado dificuldades.

– Estou bem – dissera ele a Sadie ao telefone, numa ligação cheia de chiado. – Gosto daqui. Fico ocupado durante o dia. Mas as noites são calmas. Eu me pego discutindo com a televisão. E, pior, tenho uma forte suspeita de que estou perdendo.

Fora uma tentativa de tornar as coisas mais leves, porém Sadie ouvira sua voz falhar. Seus avós haviam se apaixonado quando eram adolescentes. O pai de Ruth fazia entregas para a loja dos pais de Bertie em Hackney e, a partir de então, eles se tornaram inseparáveis. O sofrimento de seu avô era palpável e Sadie queria dizer a coisa perfeita para acalmá-lo. No entanto, as palavras nunca foram seu ponto forte, de modo que, em vez disso, sugerira que talvez ele tivesse mais chances se discutisse com um labrador. Ele riu, disse que pensaria nisso e, no dia seguinte, foi ao abrigo de animais. Do jeito típico de Bertie, chegou em casa não com um, mas com dois cães e um gato irritadiço a reboque. Pelo que tinha observado na semana desde que chegara à Cornualha, eles formavam uma família feliz, os quatro, mesmo que o gato passasse a maior parte do tempo escondido atrás do sofá. Seu avô parecia mais feliz do que nunca desde que Ruth ficara doente. Mais um motivo para Sadie não voltar para casa sem um dos cachorros dele.

Ash acelerou o passo e Sadie teve que se apressar para não perdê-lo de vista. A vegetação começou a mudar, ela notou. O ar estava ficando mais leve. Sob as árvores que rareavam, as amoreiras tinham aproveitado o sol mais brilhante, multiplicando-se e engrossando alegremente. Os ramos se agarravam à bainha do short de Sadie enquanto ela empurrava seus nós. Se fosse dada a fantasias, poderia ter imaginado que estavam tentando detê-la.

Sadie subiu a encosta íngreme, evitando grandes pedras espalhadas, até que chegou ao topo e se viu na borda do bosque. Fez uma pausa, examinando a paisagem. Nunca tinha ido tão longe. Um campo de grama alta se estendia à frente e, ao longe, ela podia apenas distinguir uma cerca e o que parecia ser um portão torto. Para além disso, era mais do mesmo, outro amplo espaço gramado interrompido em alguns pontos por enormes árvores com folhagem frondosa. Ela respirou fundo. Havia uma criança, uma menininha, sozinha no centro do campo, uma silhueta iluminada à contraluz. Sadie não podia ver seu rosto. Abriu a boca para chamar, mas, quando piscou, a criança se desintegrou em pouco mais que um remendo de brilho amarelo esbranquiçado.

Ela balançou a cabeça. Seu cérebro estava cansado. Seus olhos estavam cansados. Deveria ir ao médico para examinar essas moscas volantes.

Ash, que tinha saltado à frente, olhou por cima do ombro para verificar o avanço dela e latiu alto quando percebeu que o esforço fora em vão. Sadie correu pelo campo atrás dele, afastando a vaga e indesejada ideia de que estava fazendo algo que não devia. A sensação não era familiar. Em geral, Sadie não se preocupava com esse tipo de coisa, mas os recentes problemas no trabalho a haviam assustado. Ela não gostava de ficar assim. “Assustada” ficava próximo demais de “vulnerável” para seu gosto, e Sadie decidira, anos antes, que era melhor marchar direto para o problema do que fazê-lo se esgueirar atrás dela.

Quando chegou perto do portão, viu que era feito de madeira: esbranquiçado pelo sol, quebrado e pendurado nas dobradiças, emanando um tédio profundo que sugeria que estava assim havia muito tempo. Uma trepadeira cheia, com flores roxas, tinha se enrolado nas hastes e Sadie precisou escalar por entre os pedaços de madeira curvos. Ash, mais tranquilo ao perceber que sua dona o seguia, deixou escapar um latido mais alto e saiu em disparada, desaparecendo no horizonte.

A grama roçou os joelhos nus de Sadie, fazendo cócegas onde seu suor tinha secado. Algo naquele lugar a perturbava. Uma sensação estranha se apoderou dela desde que subira pelo portão, uma inexplicável sensação de que as coisas não estavam certas. Sadie não se importava com pressentimentos – não havia necessidade de um sexto sentido quando os outros cinco eram usados corretamente – e, com certeza, existia uma explicação racional para a estranheza. Ela havia andado dez minutos ou mais quando percebeu o que era. O campo estava vazio. Não eram árvores, grama ou pássaros que faltavam. Eles se encontravam por toda parte. Era todo o

resto. Não havia nenhum trator arando os campos, nenhum fazendeiro remendando cercas, nenhum animal pastando. Naquela parte do mundo isso era incomum.

Sadie olhou ao redor, procurando algo que mostrasse que ela estava errada. Podia ouvir água corrente não muito longe e um pássaro que parecia ser um corvo a observava do galho de um salgueiro ali perto. Ela notou grandes extensões de grama alta e farfalhante, uma árvore retorcida ao acaso, mas nada de humano até onde os olhos podiam alcançar.

Um brilho preto se moveu em sua visão periférica e Sadie se encolheu. O pássaro tinha se lançado de seu poleiro e cortava o ar em sua direção. Sadie se virou para evitar ser atingida e, logo em seguida, seu pé esbarrou em alguma coisa. Ela caiu de quatro em um trecho de lama molhada sob o grande salgueiro. Olhou para trás, num ímpeto, e viu um pedaço de corda enrolado no pé esquerdo.

Corda.

O instinto, a experiência talvez – uma mistura horrível de antigas cenas de crime –, fez com que olhasse para cima. Ali, amarrada ao redor do galho mais grosso da árvore, quase imperceptível, estava a outra extremidade desgastada da corda. Havia outra igual ao lado, pendendo para o chão, onde se via o rastro de uma tábua de madeira úmida, em decomposição. Então não era uma força, mas um balanço.

Sadie se levantou, limpou os joelhos enlameados e caminhou lentamente em volta da corda pendurada. Havia algo um pouco inquietante no resto esfarrapado da atividade infantil naquele lugar solitário, mas, antes que ela pudesse pensar mais, Ash se afastou de novo, sua breve preocupação por Sadie substituída pela urgente necessidade de encontrar seu irmão.

Com um último olhar para as cordas, Sadie o seguiu. Dessa vez, no entanto, começou a notar coisas que tinha perdido antes: uma faixa de teixos rebeldes à frente agora se reapresentava como uma sebe, negligenciada e selvagem, mas uma sebe; no horizonte setentrional, entre dois aglomerados densos de flores silvestres, podia-se distinguir o que parecia ser a extensão de uma ponte; o portão quebrado que ela havia atravessado não mais parecia uma divisão rudimentar entre dois espaços naturais, mas uma fronteira superada entre a civilização e o deserto. O que significava que o lote de terra que ela atravessava não era um campo improdutivo, mas um jardim. Pelo menos fora alguma vez.

Um uivo veio do outro lado da cerca de teixos e Ash respondeu alto antes de desaparecer em um fosso na vegetação. Sadie fez o mesmo, mas parou de repente quando chegou ao outro lado. Um charco de água estagnada, escuro como tinta, jazia diante dela, sem brilho, na quietude da densa clareira. Salgueiros formavam um anel ao redor da margem e, em seu centro, se elevava um grande monte lamacento, uma espécie de ilha. Havia patos por toda parte, fulcas e galinhas-d'água também, e o cheiro era forte, de uma imundície fértil. Era uma sensação estranha, os olhos das aves, escuros e brilhantes, mirando-a.

Ramsay uivou de novo e Sadie seguiu seu chamado ao redor da margem úmida do lago, décadas de sujeira de pato tornando-a viscosa sob os pés. Estava escorregadia e ela seguiu, cuidadosa, sob as árvores. Ash latia, de pé do outro lado do lago em um cais de madeira, o focinho erguido para o céu enquanto dava o alarme.

Sadie afastou os ramos pendentes de um salgueiro, inclinando-se para evitar uma peculiar abóbada de vidro pendurada em uma corrente comprida e enferrujada. Ela passou por mais quatro globos no caminho, todos igualmente nublados com sujeira, suas camadas internas com gerações de teias de aranha. Passou levemente a mão em torno da base de um deles, admirando seu estranho fascínio, imaginando seu propósito. O que seriam aquelas frutas estranhas penduradas lá entre as folhas?

Quando chegou ao cais, Sadie viu que uma das patas traseiras de Ramsay tinha quebrado a madeira podre e ficado presa. Ele estava em pânico e ela traçou seu caminho rapidamente, mas com cuidado, através das tábuas. Ajoelhou-se, acariciando as orelhas dele para acalmá-lo, enquanto verificava que não havia ferimentos graves e considerava a melhor maneira de tirá-lo dali. Por fim, não conseguiu pensar em nada melhor do que pegá-lo no colo. Ramsay não ficou muito grato, arranhando as unhas contra o cais, latindo com dolorida indignação.

– Eu sei, eu sei – murmurou Sadie. – Alguns de nós apenas não são muito bons em receber ajuda.

Finalmente ela conseguiu libertá-lo, desabando de costas para recuperar o fôlego, enquanto o cão,

encolhido, mas sem ferimentos, saltou do píer. Sadie fechou os olhos e riu quando Ash deu uma lambida agradecida em seu pescoço. Uma voz avisou que as tábuas podiam desmoronar a qualquer momento, mas ela estava exausta demais para lhe dar qualquer atenção.

O sol já havia subido alto no céu e o calor no seu rosto era uma bênção. Sadie nunca fora do tipo meditativo, mas nesse momento entendeu do que as pessoas falavam. Um suspiro de satisfação escapou de seus lábios, embora “satisfeita” fosse a última palavra que tivesse escolhido para se descrever ultimamente. Podia ouvir a própria respiração, a pulsação bombeando sob a pele fina de suas têmporas, tão alto como se ela tivesse uma concha na orelha para escutar o oceano.

Sem nada para obstruir a visão das coisas, o mundo inteiro de repente pareceu vivo com os sons: a batida da água lavando as estacas debaixo dela, os esguichos e o deslizar dos patos quando aterrissavam na superfície do lago, as pranchas de madeira que se dilatavam sob o brilho do sol. Enquanto ouvia, Sadie tomou consciência de um zumbido por trás de tudo, como centenas de pequenos motores ligados. Era um som que significava verão, difícil de identificar de início, mas, por fim, ela percebeu: insetos, um monte de insetos.

Sadie se sentou, piscando para a luz. O mundo ficou branco por um momento, antes de tudo se corrigir. As ninfeias reluziam, azulejos em forma de coração na superfície da água, flores erguendo-se para o céu como mãos bonitas estendidas. O ar que a cercava estava cheio de centenas de pequenas criaturas aladas. Ela se levantou e já ia chamar os cães quando algo do outro lado do lago chamou sua atenção.

No meio de uma clareira iluminada pelo sol havia uma casa. Uma casa de tijolos com duas cumeeiras idênticas e uma porta sob um pórtico. Múltiplas chaminés erguiam-se do telhado e três níveis de vitrais piscavam de modo conspiratório ao sol. Uma trepadeira, de folhas verdes e vorazes, agarrava-se à face de tijolos da construção e pequenos pássaros voavam com afincos para dentro e para fora dos arabescos, criando um efeito de movimento constante. Sadie assobiou baixinho.

O que é que uma grande senhora como você está fazendo num lugar como este?

Ela só pensara isso, mas, em sua mente, sua voz soava estranha e indesejada, o humor forçado, uma invasão na profunda exuberância natural do jardim.

Sadie começou a contornar o lago em direção à casa; sua atração era magnética. Patos e pássaros selvagens a ignoravam, sua indiferença combinando de alguma forma com o calor do dia, com a bruma úmida do lago, para reforçar a atmosfera de extravagante isolamento.

Quando chegou ao outro lado, ela notou que havia um caminho, em grande parte invadido por espinheiros crescidos, mas que levava até a porta da frente. Esfregou a ponta de um tênis na superfície. Pedra. Provavelmente haviam sido castanho-rosadas, como as demais pedras locais nas construções da aldeia, mas o tempo e a negligência as escureceram.

Ao se aproximar, viu que a casa tinha ficado tão abandonada quanto o jardim. Faltavam telhas, algumas delas partidas no chão, onde haviam caído, e um dos vidros no último andar estava quebrado. Excrementos de aves cobriam os que restavam e estalactites brancas pendiam dos peitoris, pingando nas folhas brilhantes abaixo.

Como se quisesse reivindicar as impressionantes ruínas, um pequeno pássaro se lançou por trás do vidro quebrado, mergulhando em linha reta antes de corrigir depressa a direção e passar raspando pela orelha de Sadie. Ela se encolheu, mas se manteve firme. Eles estavam por toda parte, aqueles pequenos pássaros que ela vislumbrava do lago, entrando e saindo dos espaços escuros da trepadeira e chamando uns aos outros com piados urgentes. Não apenas aves; a folhagem também estava repleta de insetos de todos os tipos – borboletas, abelhas e outros cujos nomes ela não sabia –, dando à casa uma aparência de animação constante, em desacordo com seu estado arruinado.

Era tentador supor que o lugar estivesse vazio, mas Sadie já fora chamada a casas de idosos vezes suficientes para saber que o aparente abandono costumava anunciar uma história triste lá dentro. Uma aldrava de latão, com o formato da cabeça de uma raposa, pendia da porta de madeira lascada e Sadie levou uma das mãos a ela, mas logo tornou a baixá-la. O que ela diria se alguém atendesse? Sadie dobrou os dedos um por um, pensando. Não tinha motivo para estar lá naquele dia. Nenhuma desculpa que pudesse dar. Uma acusação

de invasão de propriedade era a última coisa de que precisava. Mas, mesmo enquanto pensava nisso, Sadie sabia que especulava sem necessidade. A casa diante dela estava deserta. Era difícil pôr em palavras, mas havia algo em sua aparência, uma aura que dizia isso. Ela simplesmente sabia.

Um painel decorativo de vidro tinha sido colocado acima da porta: quatro figuras de vestes longas, cada uma pintada contra um fundo que representava uma diferente estação do ano. Não era uma imagem religiosa, até onde Sadie sabia, mas o efeito era semelhante. Havia um ardor no desenho – uma reverência, ela supunha – que a fez pensar nos vitrais das igrejas. Sadie arrastou um grande vaso de planta para mais perto da porta e subiu cautelosamente na borda.

Através de um grande pedaço de vidro transparente, vislumbrou um hall de entrada com uma mesa oval no centro. Havia um vaso em cima da mesa, um jarro de porcelana em forma de bulbo com flores pintadas e – ela estreitou os olhos – um padrão dourado que serpenteava pela asa. Alguns ramos finos de algo frágil, salgueiro talvez, estavam dispostos ao acaso dentro do jarro e havia folhas secas espalhadas embaixo. Um candelabro – cristal, vidro, algo elegante – estava pendurado em uma rosa de gesso no teto e uma larga escadaria com tapete vermelho desgastado subia em curva, seguindo para o fundo do hall. Havia um espelho redondo na parede à esquerda, pendurado ao lado de uma porta fechada.

Sadie saltou do vaso. Um jardim desenhado se estendia pela frente da casa, ao lado do pórtico, e ela se embrenhou nele, os espinhos se agarrando à sua camiseta enquanto ela traçava seu caminho entre os arbustos. Havia um cheiro forte, mas não desagradável – terra úmida, folhas em decomposição, novas flores começando a tomar o sol do dia –, e zangões grandes e gordos já estavam ocupados coletando pólen de uma profusão de pequenas flores rosadas e brancas. Amoras. Sadie se surpreendeu por desencavar esse conhecimento. Eram flores de amora e, em poucos meses, os arbustos ficariam carregados de frutas.

Quando se aproximou da janela, Sadie notou que algo tinha sido gravado no quadro de madeira: algumas letras, um A, talvez um E, grosseiramente esculpidos e cobertos de musgo verde-escuro. Deslizou os dedos pelos sulcos profundos, perguntando-se ociosamente quem poderia ter feito aquilo. Um pedaço de ferro curvo despontava por entre a densidade de plantas muito crescidas sob o peitoril e Sadie puxou os ramos para o lado para descobrir os restos enferrujados de um banco de jardim. Olhou por cima do ombro para a selva que acabara de atravessar. Difícil imaginar que uma pessoa tivesse conseguido se sentar ali confortavelmente, olhando para o que então devia ser um jardim bem cuidado.

Aquela sensação estranha, quase sinistra, surgiu de novo, mas Sadie a afastou. Ela lidava com fatos, não com sentimentos, e, depois dos acontecimentos recentes, era bom se lembrar disso. Apoiou as mãos numa vidraça e pressionou o rosto contra ela, espiando pela janela.

O quarto estava escuro, mas, quando seus olhos se ajustaram, alguns objetos começaram a se destacar no breu: um piano de cauda no canto da porta, um sofá no centro com um par de poltronas viradas para ele, uma lareira na parede mais distante. Sadie experimentou a sensação familiar e agradável de abrir a tampa da vida de outra pessoa. Considerava esses momentos uma vantagem de seu trabalho, mesmo que muitas vezes visse coisas horríveis. Sempre fora fascinada pelo modo como as outras pessoas viviam. E, embora não fosse uma cena de crime e ela não estivesse em serviço como detetive, Sadie automaticamente começou a fazer anotações mentais.

As paredes estavam cobertas por um desenho floral desbotado, rosa-acinzentado, com prateleiras que se curvavam ao peso de mil livros. Um grande retrato pintado estava de sentinela acima da lareira, uma mulher de nariz fino e sorriso misterioso. Na parede adjacente havia um par de portas francesas ladeadas por espessas cortinas adamskadas. Era provável que as portas antes levassem a um jardim lateral e o sol se derramasse através da vidraça em manhãs como aquela, lançando quadrados quentes e brilhantes no tapete. Porém, não mais. Um tenaz tecido de hera garantia isso, agarrando-se ao vidro e deixando entrar apenas feixes de luz. Ao lado das portas havia uma mesa de madeira estreita sobre a qual uma fotografia era exibida em uma moldura elegante. Estava muito escuro para ver a imagem e, mesmo que houvesse uma iluminação melhor, uma xícara de chá e um pires antiquados bloqueavam a visão de Sadie.

Ela mordeu os lábios, pensando. De certa forma – a tampa aberta do piano, as almofadas do sofá

remexidas, a xícara de chá sobre a mesa –, a sala dava a impressão de que quem tinha morado ali acabara de sair e voltaria a qualquer momento. Mas, ao mesmo tempo, existia uma quietude misteriosa, de certo modo permanente, sobre o mundo do outro lado do vidro. A sala parecia congelada, o conteúdo suspenso, como se até o ar, o mais implacável de todos os elementos, tivesse sido fechado do lado fora, como se fosse difícil respirar ali dentro. Havia algo mais, também. Algo que sugeria que a sala estava assim havia muito tempo. Inicialmente Sadie tinha pensado que eram seus olhos tensos, antes de perceber que o verniz sombrio da sala era na verdade causado por uma espessa camada de poeira.

Ela podia ver isso claramente agora na mesa debaixo da janela, onde um raio de luz revelava todos os objetos: a caneta-tinteiro, o abajur e, entre os dois, a coleção de livros abertos e espalhados ao acaso. Uma folha de papel em cima da pilha chamou a atenção de Sadie, o esboço do rosto de uma criança, um rosto bonito com olhos grandes e sérios, lábios macios e cabelos que caíam de ambos os lados das orelhas pequenas, de modo que ele (ou ela, era difícil dizer) mais parecia um duende de jardim do que uma criança real. O desenho estava borrado em algumas partes, notou, a tinta preta manchada, as linhas fortes borradas, e algo havia sido escrito no canto inferior, uma assinatura e uma data: *23 de junho de 1933*.

Um ruído alto e um movimento rápido atrás dela fizeram Sadie saltar, batendo a testa no vidro. Dois cachorros pretos, ofegantes, atravessaram os espinheiros para cheirar seus pés.

– Vocês querem o café da manhã – disse ela enquanto um nariz frio e molhado cutucava a palma de sua mão. O estômago de Sadie também aprovou, soltando um baixo murmúrio. – Vamos lá – disse ela, afastando-se da janela. – Vamos para casa.

Sadie lançou uma última olhada para a casa antes de seguir os cães de volta através da sebe de teixos. O sol nascente deslizava atrás de uma nuvem e as janelas não refletiam mais o lago. A construção tinha assumido um ar sombrio, como uma criança mimada que gosta de ser o centro das atenções e não ficou feliz por ser ignorada agora. Até os pássaros estavam mais ousados do que antes, atravessando a clareira nebulosa com cantos que estranhamente soavam como risos, e o coro de insetos ficava mais alto à medida que o calor do dia aumentava.

A superfície plana do lago brilhava de forma secreta e ardilosa; Sadie de repente se sentiu uma intrusa. Era difícil dizer o que lhe dava tanta certeza, mas, quando se virou para sair, atravessou o buraco na sebe e começou a seguir os cães para casa, ela soube, com aquele frio na barriga – que, como detetive da polícia, era bom que tivesse desenvolvido –, que algo terrível acontecera naquela casa.

4

Cornualha, outubro de 1932

As meninas estavam rindo e, é claro, todas gritaram de alegria quando quase arrancaram a parte de cima da cabeça da mãe! Alice juntou as mãos, empolgada, quando Clementine correu atrás do pequeno planador.

– Só não joguem essa coisa tão perto do bebê – advertiu a mãe, tateando o cabelo para se certificar de que todos os grampos ainda estavam no lugar.

Se Clemmie ouviu o aviso, não demonstrou. Ela corria como se sua vida dependesse disso, as mãos balançando no ar, a saia esvoaçando, pronta para pegar o avião se ele desse qualquer sinal de uma aterrissagem forçada.

Uma algazarra de patos curiosos tinha saído do lago para observar a comoção e agora se espalhava em um mar de penas e grasnidos indignados enquanto o planador, seguido de perto por Clemmie, vinha parar entre seu bando.

Papai sorriu sobre o livro de poesia que estava lendo.

– Que belo pouso! – gritou do seu assento junto ao velho vaso. – Muito bonito.

O planador fora ideia sua. Ele vira um anúncio em uma revista e o encomendara especialmente dos Estados Unidos. Deveria ser segredo, mas Alice sabia havia meses – ela sempre sabia com bastante antecedência quem daria o que para quem. Certa noite, na primavera, a garota o vira apontar para o anúncio e dizer:

– Olhe para isto. Perfeito para o aniversário da Clemmie, não acha?

A mãe se mostrara menos empolgada, perguntando se ele realmente achava que um planador de madeira era o presente mais apropriado para uma menina de 12 anos, mas o pai apenas sorria e dissera que Clementine não era uma menina de 12 anos comum. Ele estava certo sobre isso: ela era decididamente diferente: “O filho que nunca tivemos”, gostava de dizer antes de Theo nascer. Também estava certo sobre o planador. Clemmie rasgou o embrulho na mesa depois do almoço, seus olhos se arregalaram quando o presente foi revelado e, então, ela gritou de alegria. Deu um pulo da cadeira, arrastando a toalha de mesa atrás dela quando correu para chegar à porta.

– Clemmie, não! – implorou a mãe, estendendo a mão para pegar um vaso que caía. – Ainda não terminamos. – E, então, olhando para os outros com ar de súplica: – Ah, não vamos para o lado de fora. Pensei em charadas na biblioteca, talvez...

Contudo, era difícil fazer uma festa de aniversário quando o convidado de honra tinha fugido e, assim, para evidente desgosto da mãe, não restava alternativa a não ser abandonar a mesa cuidadosamente arrumada e transferir as festividades da tarde para o jardim.

E, assim, lá estavam eles, toda a família, o Sr. Llewellyn, a avó e a babá Rose também, espalhados pelo gramado de Loeanneth, enquanto as longas sombras da tarde começavam a se alongar. O dia estava glorioso, era outono, mas ainda não fazia frio. As clêmatis floresciam no muro da casa, pequenos pássaros gorjeavam enquanto disparavam através da clareira e até mesmo o bebê Theo fora trazido para fora em seu cesto.

Um fazendeiro queimava urze em um dos campos vizinhos e o cheiro era maravilhoso. Aquele aroma sempre deixava Alice feliz, algo a ver com a mudança das estações, e, ali, de pé, observando Clemmie brincar

com o planador de madeira, com o sol quente em seu pescoço, o chão fresco debaixo dos pés descalços, ela experimentou um delicioso momento de profundo bem-estar.

Alice enfiou a mão no bolso e pegou seu caderno, apressando-se em tomar nota da sensação, do dia e das pessoas, mastigando a ponta de sua caneta-tinteiro enquanto seu olhar viajava pela casa iluminada pelo sol, pelos salgueiros, o lago cintilante e as rosas amarelas subindo pela porta de ferro. Era como o jardim de um livro de histórias – *era* o jardim de um livro de histórias –, e Alice adorava isso. Ela nunca ia deixar Loeanneth. Nunca. Podia se imaginar envelhecendo ali. Uma velhinha feliz, com longos cabelos brancos e gatos – sim, com certeza alguns gatos para lhe fazer companhia. (E Clemmie a visitaria, mas Deborah provavelmente não, pois seria muito mais feliz em Londres, com uma casa grande, um marido rico e uma equipe de empregadas para arrumar suas roupas...)

Era um daqueles dias, pensou Alice enquanto rabiscava alegremente, em que todos pareciam sentir a mesma coisa. Papai tinha dado uma pausa em seus estudos, o Sr. Llewellyn havia tirado o casaco formal e vestia camisa e colete, vovó DeShiel parecia quase alegre enquanto cochilava sob o salgueiro. A mãe era uma exceção notável, pois nunca gostara de ter seus cuidadosos planos frustrados, então era mesmo de esperar certa contrariedade.

Até mesmo Deborah, que, em geral, não tinha inclinação por brinquedos, pois se considerava crescida demais e uma mocinha, achara o entusiasmo de Clemmie contagiante. O fato a deixara mal-humorada, com razão, por isso insistira em se sentar sozinha no banco do jardim sob a janela da biblioteca e, quando se dignava a falar, era de modo brusco, como se realmente tivesse coisas muito melhores para fazer e eles fossem muito sortudos por ela ter decidido abençoá-los com sua presença.

– Veja se consegue fazer com que gire em círculo! – gritou ela, segurando a caixa na qual o planador havia chegado. – Aqui diz que, se você prender as fitas de borracha direitinho, pode fazê-lo virar de cabeça para baixo.

– O chá está pronto – disse a mãe, o tom de censura se acentuando à medida que a tarde se estendia mais do que imaginara. – É um bule recém-passado, mas já, já vai ficar frio.

Eles tiveram um almoço farto e ninguém estava interessado em chá, mas o Sr. Llewellyn era um amigo fiel e se apresentou conforme solicitado, aceitando a xícara e o pires que a mãe empurrava para ele.

Deborah, por sua vez, ignorou completamente o chamado.

– Depressa, Clemmie – disse ela. – Jogue mais uma vez.

Clemmie, que estava amarrando o planador na faixa de cetim de seu vestido, não respondeu. Ela prendeu a bainha da saia nas calças e esticou o pescoço para olhar o topo do sicômoro.

– Clemmie! – gritou Deborah imediatamente, imperiosa.

– Me dá um impulso? – foi a resposta da irmã mais nova.

A mãe, apesar de ocupada servindo o bolo do Sr. Llewellyn, estava sempre alerta a sinais de problemas iminentes e não deixou cair uma migalha quando gritou:

– Não, Clemmie! Não mesmo!

Ela olhou para o pai, em busca de concordância, mas ele tinha voltado para seu livro, alegremente escondido no mundo de Keats.

– Deixe-a subir – acalmou o Sr. Llewellyn. – Está tudo bem.

Deborah não pôde mais resistir ao apelo da tarde e, jogando a caixa ao seu lado no banco, se apressou para debaixo da árvore. A babá Rose foi forçada a cruzar os braços para formar um degrau e Clemmie se içou. Depois de várias tentativas, ela desapareceu entre os galhos mais baixos.

– Tenha cuidado, Clementine – advertiu a mãe, dirigindo-se para o local da ação. – Tenha cuidado.

Ela vagava debaixo da árvore, suspirando exasperada enquanto tentava acompanhar o progresso de Clemmie através da espessa folhagem.

Por fim, veio um grito triunfante e um braço apareceu acenando da copa da árvore. Alice estreitou os olhos para o sol da tarde, sorrindo enquanto sua irmã mais nova se posicionava no galho mais alto e tirava o

planador de onde estava preso. Clemmie amarrou as faixas elásticas bem apertadas, ergueu o braço, certificando-se de manter a coisa toda no ângulo ideal de lançamento, e então lá veio a decolagem!

O planador voou como um pássaro, atravessando o céu azul pálido, mergulhando ligeiramente e depois se endireitando, até que a velocidade do ar diminuiu, a pressão na cauda enfraqueceu e a parte traseira inclinou-se para cima.

– Veja! – gritou Clemmie. – Olhe só!

De fato, o planador começou a fazer uma grande cambalhota bem acima do lago, uma visão tão espetacular que até mesmo o Sr. Harris e o novo jardineiro pararam o que estavam fazendo no cais e olharam para o céu. Aplausos espontâneos começaram a explodir quando o planador completou a volta e continuou sua viagem, saindo de cima da água e aterrissando com um deslizar suave na área gramada plana junto da fonte, do outro lado do lago.

O mundo inteiro parecia ter parado enquanto o pequeno avião girava. Então foi com certa surpresa que Alice percebeu que o bebê estava chorando. Pobre garotinho! Com toda a animação, ele fora completamente ignorado em seu cesto. Alice, acostumada a pensar que era uma observadora, olhou ao redor, esperando que alguém aparecesse, antes de perceber que ela era a única pessoa livre para ajudar. Estava a ponto de correr para o cesto de Theo quando viu que o pai chegaria antes dela.

Havia alguns pais, ou pelo menos Alice tinha sido levada a acreditar nisso, que achavam que não era tarefa sua confortar um bebezinho, mas seu pai não era assim. Ele era o melhor pai do mundo, bom, gentil e muito, muito inteligente. Amava a natureza e a ciência, estava até escrevendo um livro sobre a Terra. Trabalhava nesse projeto havia mais de uma década e – embora ela não admitisse isso em voz alta – essa era a única coisa que Alice mudaria nele se pudesse. Ela ficava feliz e até orgulhosa por ele ser inteligente, é claro, mas o pai passava muito tempo na companhia desse livro. Preferia tê-lo só para a família.

– Alice!

Deborah estava chamando e, fosse o que fosse que ela queria dizer, devia ser importante, porque tinha se esquecido de ser desdenhosa.

– Alice, depressa! O Sr. Llewellyn vai nos levar para passear de barco!

O barco! Velejar! Um deleite tão raro – fora da mãe quando ela era criança e, por isso, era considerado uma antiguidade que não devia ser usada. Alice sorriu, seu coração dançou e a luz do sol da tarde ficou mais brilhante do que antes. Aquele dia realmente estava se revelando o melhor!

5

Cornualha, 2003

– Voltamos!

Sadie tirou os tênis de corrida enlameados no pequeno hall de entrada da casa do avô, usando os pés para alinhá-los junto ao rodapé. O chalé do penhasco estava impregnado com o cheiro de algo morno e salgado, porém seu estômago, depois de um café da manhã insuficiente, implorava de um jeito barulhento.

– Ei, Bertie, você não vai acreditar no que descobrimos. – Ela despejou uma porção de biscoitos caninos do pote debaixo do armário de casacos. – Vovô?

– Na cozinha – veio a resposta dele.

Sadie deu uma última acariciada nos cães vorazes e entrou. Seu avô se encontrava à mesa de jantar redonda de madeira, mas não estava sozinho. Uma mulher pequena de aparência enérgica, com cabelos grisalhos curtos e olhos escuros, estava sentada diante dele, uma caneca nas mãos e um sorriso alegre de saudação no rosto.

– Ah... – disse Sadie. – Me desculpem. Eu não sabia...

Seu avô fez um gesto dispensando seu pedido de desculpas.

– A chaleira ainda está quente, Sadie querida. Sirva-se de uma xícara e junte-se a nós. Esta é Louise Clarke, do hospital. Ela está aqui para coletar brinquedos para o Festival de Solstício. – Enquanto Sadie a cumprimentava com um sorriso, ele acrescentou: – Ela gentilmente trouxe um guisado para o nosso jantar.

– Era o mínimo que eu podia fazer – disse Louise, meio se levantando para apertar a mão de Sadie.

Ela estava usando jeans desbotados e em sua camiseta, do mesmo verde vibrante que a armação de seus óculos, estava escrito: *A magia acontece!* Tinha um desses rostos que parecem se iluminar por dentro, como se ela dormisse melhor que o restante da população. Sadie sentiu-se empoeirada, enrugada e mal-humorada em comparação.

– Seu avô faz um belo trabalho, uma escultura muito refinada. A barraca do hospital vai ser incrível este ano. Temos muita sorte de contar com ele.

Sadie tinha convicção disso, porém, sabendo como o avô detestava elogios em público, não falou nada. Em vez disso, deu um beijo no topo da careca dele quando se espremeu para passar por trás de sua cadeira.

– Já vi que vou ter que estalar o chicote e mantê-lo trabalhando – comentou ela ao chegar ao banco. – Esse guisado tem um cheiro maravilhoso.

Louise sorriu.

– É uma receita minha: lentilhas e amor.

Havia uma infinidade de respostas para aquilo, mas, antes que Sadie pudesse se decidir por uma, Bertie interveio:

– Sadie veio de Londres para passar um tempo comigo.

– Férias, que adorável! Você ainda estará conosco daqui a duas semanas, quando acontecerá a festa?

– Talvez – respondeu Sadie, evitando o olhar do avô. Tinha sido muito vaga quando ele lhe perguntara sobre seus planos. – Estou deixando rolar.

– Deixando o universo decidir – disse Louise com aprovação.

– Algo assim.

Bertie arqueou as sobrancelhas, mas, claro, achou melhor não pressionar. Ele assentiu para a roupa enlameada de Sadie:

- Você foi à guerra.
- Você devia ver o outro cara.

Louise arregalou os olhos.

– Minha neta corre – explicou Bertie. – É uma daquelas pessoas estranhas que parecem gostar de desconforto. Nessa última semana, ela teve febre por ser obrigada a ficar trancada e parece que está descontando nas trilhas da região.

Louise riu.

– É o que costuma acontecer com os recém-chegados. Os nevoeiros podem ser opressivos para quem não cresceu com eles.

– Não há neblina hoje, tenho o prazer de informar – disse Sadie, cortando uma fatia grossa do pão com levedura natural que Bertie preparava todos os dias. – O dia está perfeitamente claro.

– Que maravilha! – Louise tomou o último gole do seu chá. – Tenho 32 crianças perigosamente empolgadas no hospital esperando pelo piquenique à beira-mar. Outro adiamento e temo que tenha que enfrentar um motim.

– Aqui, vou ajudá-la com isso – disse Bertie. – Não quero dar aos pequenos prisioneiros motivo para se insurgirem.

Enquanto ele e Louise envolviam os brinquedos esculpidos em papel de seda, arrumando-os cuidadosamente em uma caixa de papelão, Sadie espalhou manteiga e marmelada em seu pão. Estava impaciente para contar a Bertie sobre a construção que havia encontrado no bosque. Sua atmosfera estranha e solitária permaneceu junto dela até em casa e ela ouviu apenas vagamente enquanto eles retomavam o final de uma conversa sobre um homem em seu comitê chamado Jack.

– Vou visitá-lo – disse Bertie – e levarei um dos bolos de pera de que ele gosta para ver se consigo convencê-lo.

Sadie olhou pela janela da cozinha, para além do jardim do avô e para baixo, sobre o porto, onde dezenas de barcos de pesca balançavam no mar aveludado. Era notável a rapidez com que Bertie conseguira encontrar um lugar para si mesmo nessa nova comunidade. Fazia pouco mais de um ano desde que tinha chegado e já parecia ter criado conexões tão profundas quanto se tivesse morado ali a vida inteira. Sadie não tinha nem certeza se era capaz de dizer os nomes de todos os seus vizinhos no prédio em que morava havia sete anos.

Ela ficou sentada à mesa, tentando se lembrar se o homem no andar de cima era Bob, Todd ou Rod, mas deixou a dúvida de lado quando Bertie disse:

– Vá em frente, Sadie querida... conte-nos o que encontrou. Parece que você caiu em uma antiga mina de cobre. – Ele fez uma pausa no empacotamento. – Você não caiu, não é?

Ela revirou os olhos com impaciência afetuosa. Bertie se preocupava muito, pelo menos em se tratando de Sadie. Tinha sido assim desde que Ruth morrera.

– Um tesouro enterrado? Estamos ricos?

– Infelizmente não.

– Nunca se sabe a sorte que pode dar aqui – disse Louise –, com todos os túneis dos contrabandistas que atravessavam a costa. Você estava correndo pelo pontal?

– Nos bosques – respondeu Sadie.

Ela explicou brevemente como Ramsay tinha desaparecido e ela e Ash foram forçados a sair do caminho para encontrá-lo.

– Sadie...

– Eu sei, vovô, os bosques são densos e eu sou uma rata da cidade, mas Ash estava comigo e foi bom termos ido procurar, porque, quando finalmente encontramos Ramsay, ele tinha prendido a pata em um buraco num velho cais.

– Um cais? No bosque?

– Não exatamente no bosque, mas em uma clareira numa propriedade. O cais ficava à beira do lago no meio de um jardim incrível e descuidado. Você teria adorado. Havia salgueiros e teixos enormes e acho que aquele lugar já deve ter sido espetacular. Havia uma casa também. Abandonada.

– A casa dos Edevanes – disse Louise em voz baixa. – Loeanneth.

O nome, quando pronunciado, tinha aquela qualidade mágica e sussurrante de tantas palavras cónicas e Sadie não pôde deixar de se lembrar da estranha sensação que os insetos lhe deram, como se a própria casa estivesse viva.

– Loeanneth – repetiu.

– Significa “casa do lago”.

– Sim... – Sadie visualizou o lago lamacento e sua misteriosa população de aves. – Sim, é essa. O que aconteceu lá?

– Algo terrível – disse Louise, com um triste meneio de cabeça. – Nos anos 1930, antes de eu nascer. Mas minha mãe costumava comentar sobre isso... geralmente quando queria impedir que as crianças fossem para longe demais. Uma criança desapareceu na noite de uma grande festa. Foi uma história de destaque naquela época. A família era rica e a imprensa nacional deu muita atenção ao caso. Houve uma investigação policial enorme e eles até trouxeram o alto escalão de Londres. Não que isso tenha ajudado. – Ela pôs o último brinquedo no lugar e fechou a caixa. – Pobre menino, era pouco mais que um bebê.

– Nunca ouvi falar do caso.

– Sadie é da polícia – explicou Bertie. – Detetive – acrescentou, com um lampejo de orgulho que a fez estremecer.

– Bem, foi há muito tempo, suponho – disse Louise. – A cada década, mais ou menos, o caso ressurge. Alguém chama a polícia com uma pista que não leva a lugar nenhum. Um cara sai de Deus sabe onde para vir dizer que é o menino desaparecido. Mas nunca vai além dos jornais locais.

Sadie visualizou a biblioteca empoeirada, os livros abertos sobre a mesa, o esboço, o retrato na parede. Objetos pessoais que devem ter significado alguma coisa para alguém.

– Como a casa foi abandonada?

– A família simplesmente foi embora. Fechou as portas e voltou para Londres. Com o tempo, as pessoas esqueceram que estava lá. Tornou-se nossa casa da Bela Adormecida. No fundo da floresta, não é o tipo de lugar do qual você se aproxima, a menos que tenha bons motivos. Dizem que era linda, com um belo jardim, um grande lago. Uma espécie de paraíso. Mas tudo se perdeu quando o garotinho desapareceu.

Bertie suspirou com profunda satisfação e juntou as mãos em uma batida suave.

– É – disse ele. – É esse tipo de coisa que fui levado a acreditar que encontraria na Cornualha.

Sadie franziu a testa, surpresa com seu avô quase sempre pragmático. Era uma história romântica, com certeza, mas seu instinto de policial veio à tona. Ninguém desaparece de repente. Deixando a reação de Bertie para outra hora, ela se virou para Louise.

– A investigação policial... – começou. – Suponho que houvesse suspeitos.

– Devia haver, mas ninguém foi condenado. Pelo que me lembro, foi um verdadeiro mistério. Sem pistas claras. Houve uma enorme busca pelo menino, uma teoria inicial de que ele poderia simplesmente ter se afastado, mas nenhum vestígio dele foi encontrado.

– E a família nunca mais voltou?

– Nunca.

– Eles não venderam a casa?

– Não, pelo que sei.

– Estranho – disse Bertie –, simplesmente deixá-la para trás, trancada e sozinha, por todo esse tempo.

– Imagino que fosse triste demais para eles – opinou Louise. – Muitas lembranças. Imagine só perder um filho. Toda a dor, a sensação de impotência. Consigo entender por que eles abandonaram o lugar e decidiram recomeçar em outro. Um afastamento justo.

Sadie murmurou, concordando. Não acrescentou que em sua experiência não importava quanto uma

pessoa corresse, não importava quão fresco fosse o recomeço que se permitisse, o passado tinha uma forma de se projetar através dos anos e alcançá-la.



Naquela noite, no quarto que Bertie havia reservado para ela no primeiro andar, Sadie pegou o envelope, tal como tinha feito nas duas noites anteriores. No entanto, não puxou a carta de dentro dele. Não havia necessidade. Tinha memorizado seu conteúdo semanas antes. Ela correu o polegar pela frente, a mensagem escrita em letras maiúsculas acima do endereço: “Não dobre, contém fotografia.” Tinha memorizado a foto, também. Prova. Evidência tangível do que ela havia feito.

Os cachorros se remexeram aos pés da cama e Ramsay choramingou em seu sono. Sadie pôs uma das mãos em seu flanco quente para acalmá-lo.

– Tudo bem, meu amigo, vai ficar tudo bem.

Ocorreu-lhe que estava dizendo isso tanto para si mesma quanto para ele. Quinze anos – foi o tempo que o passado tinha levado para encontrá-la. Quinze anos em que ela havia se concentrado em avançar, determinada a nunca olhar para trás. Incrível, realmente, que, depois de todos os seus esforços para construir uma barreira entre aquela época e agora, ela só tivesse precisado de uma carta para derrubá-la. Se fechasse os olhos, podia se ver muito claramente, aos 16 anos, esperando junto à parede de tijolos da frente da bela casa geminada de seus pais. Via o vestido de algodão barato que estava usando, a camada extra de brilho labial, os olhos delineados. Ainda se lembrava de ter aplicado o delineador, o toco de lápis de olho borrado, seu reflexo no espelho, seu desejo de desenhar traços grossos o bastante para se esconder atrás deles.

Um homem e uma mulher que Sadie não conhecia – conhecidos de seus avós, era tudo que tinham dito a ela – vieram buscá-la. Ele ficara no banco do motorista, polindo o volante preto com um pano, enquanto ela, com um batom coral nacarado e explodindo eficiência, saíra do banco do carona e trotara para a calçada.

– Bom dia – disse ela, com o tom estridente de alguém que sabia que estava sendo útil e se orgulhava bastante disso. – Você deve ser Sadie.

Sadie estivera sentada ali a manhã toda, depois de decidir que não fazia sentido ficar dentro da casa vazia e de não conseguir pensar em nenhum outro lugar aonde preferisse ir. Quando a assistente social de cabelo de hena lhe deu os detalhes de quando e onde esperar, ela cogitou não aparecer, mas apenas por um minuto. Sadie sabia que essa era a sua melhor opção. Ela podia ser boba – seus pais nunca se cansavam de dizer que era –, mas não idiota.

– Sadie Sparrow? – insistiu a mulher, um fino traço de suor nos pelos louros acima do lábio superior.

Sadie não respondeu. Sua colaboração tinha limites. Em vez disso, apertou a boca e fingiu grande interesse em um bando de estorninhos subindo pelo céu.

A mulher, por sua vez, permaneceu esplendidamente indiferente:

– Sou a Sra. Gardiner e aquele ali na frente é o Sr. Gardiner. Sua avó Ruth nos pediu para buscar você, já que nem ela nem seu avô dirigem, e ficamos muito felizes em ajudar. Somos vizinhos e, por acaso, passamos muito tempo fora de casa, aqui por essas bandas.

Como Sadie não disse nada, ela fez um gesto com a cabeça com penteado cheio de laquê na direção da mala da British Airways que o pai de Sadie tinha trazido de sua viagem de negócios a Frankfurt no ano passado.

– É só isso?

Sadie apertou a mão em volta da alça da mala e a arrastou pelo concreto até que tocou sua coxa.

– Uma viajante com pouca bagagem. O Sr. Gardiner ficará impressionado.

A mulher bateu em uma mosca na ponta de seu nariz e Sadie pensou em Peter Rabbit. De todas as coisas para entrar em sua cabeça quando ela saía de casa para sempre, um personagem de livro infantil. Teria sido engraçado, mas, naquele momento, Sadie achou que nada mais voltaria a ter graça.

Ela não queria fazer algo tão meloso quanto se virar para olhar para a casa em que tinha morado por toda a sua vida, mas, quando o Sr. Gardiner afastou o grande veículo do meio-fio, seu olhar desesperançado correu para o lado. Não havia ninguém em casa e não havia nada para ver que já não tivesse sido visto mil vezes. Na janela da casa ao lado, uma cortina puxada de lado se mexeu e se fechou, um sinal oficial de que a breve ruptura da saída de Sadie havia terminado e a mesmice da vida suburbana estava livre para continuar seu fluxo. O carro do Sr. Gardiner virou no fim da rua e eles seguiram para oeste, em direção a Londres, e para o recomeço de Sadie na casa dos avós que ela mal conhecia, que concordaram em recebê-la quando ela não tinha nenhum outro lugar para onde ir.



Alguns baques baixos soaram vindo do teto e Sadie abandonou a lembrança, piscando no quarto mal iluminado, caiado de branco, com seu teto inclinado e a mansarda com vista para o vasto e escuro oceano. Uma única foto estava pendurada na parede, a mesma imagem emoldurada que Ruth colocara acima da cama de Sadie em Londres, de um mar agitado pela tempestade e uma onda enorme ameaçando engolir três minúsculos barcos de pesca.

– Compramos na nossa lua de mel – dissera ela a Sadie certa noite. – Foi amor à primeira vista, a tensão dessa grande onda travada à beira do estouro inevitável. Os valentes e experientes pescadores, com as cabeças inclinadas, agarrando-se à vida.

Sadie tinha vislumbrado o sentido do conselho. Ruth não precisara explicar.

Outro baque. Bertie estava novamente no sótão.

Sadie havia identificado um padrão na semana em que passara hospedada no Seaview Cottage. Enquanto os dias de seu avô eram ocupados, preenchidos com sua nova vida e seus amigos, seu jardim e preparativos intermináveis para o próximo festival, as noites eram uma história diferente. Algum tempo após o jantar, todas as noites, Bertie subia a escada frágil sob o pretexto de procurar uma caçarola, um batedor de ovos ou um livro de receitas de que precisava de repente. Havia uma série inicial de baques enquanto ele revirava as caixas, até que o intervalo entre eles se alongava e o doce cheiro de fumaça de cachimbo saía pelas fendas das tábuas do teto.

Ela sabia o que ele realmente estava fazendo. Já havia doado algumas roupas de Ruth à Oxfam, mas ainda restava um grande número de caixas cheias de coisas das quais ele não suportava se separar. Eram as coleções de uma vida, e ele era seu curador.

– Elas vão ficar mais um dia – avisou ele rapidamente quando Sadie se ofereceu para ajudá-lo a separar as coisas. E, então, como se lamentando o tom agudo: – Não estão fazendo mal a ninguém. Gosto de pensar que há muito dela aqui, debaixo deste teto.

Fora uma surpresa quando seu avô contou que havia vendido a casa e estava se mudando para a Cornualha. Ele e Ruth tinham vivido naquela casa desde que se casaram, uma casa que Sadie havia amado, que tinha sido um porto seguro para ela. Ela presumira que ele ficaria ali para sempre, detestando sair do lugar onde as memórias felizes se moviam como imagens velhas de um projetor nos cantos empoeirados. Mas, também, Sadie nunca amara outra pessoa com o tipo de devoção compartilhada por Bertie e Ruth, então o que ela saberia? No fim, descobrira que a mudança era algo que, durante anos, eles tinham falado em fazer juntos. Um cliente tinha plantado a ideia na cabeça de Bertie quando ele ainda era jovem, contando-lhe histórias sobre o bom tempo no oeste, os jardins gloriosos, o sal, o mar e o rico folclore.

– Nunca chegou o momento – revelou ele a Sadie, triste, semanas depois do funeral. – Você sempre imagina que há tempo, até que um dia percebe que não há mais.

Quando Sadie perguntou se ele sentiria falta de Londres, o avô deu de ombros e disse que sentiria, claro, aquela era sua casa, onde tinha nascido e crescido, conhecido a esposa e criado a família.

– Mas é o passado, Sadie querida. Vou levar isso comigo aonde quer que eu vá. Fazer algo novo, porém, algo sobre o que Ruth e eu conversávamos... De alguma forma parece que estou dando um futuro para ela também.

De repente Sadie percebeu passos no patamar da escada e uma batida à porta. Rapidamente escondeu o envelope sob o travesseiro.

– Entre.

A porta se abriu e Bertie estava lá, com uma lata de bolo na mão.

Ela deu um sorriso muito largo, seu coração acelerado como se fosse culpada por alguma indiscrição.

– Encontrou o que estava procurando?

– Isto aqui. Vou assá-lo amanhã. É um dos meus bolos de pera exclusivos. – Ele franziu ligeiramente a testa. – Embora tenha me dado conta de que não tenho peras.

– Não sou especialista, mas acho que isso pode ser um problema.

– Você não poderia buscar algumas para mim na aldeia amanhã de manhã?

– Bem, vou ter que verificar minha agenda...

Bertie riu.

– Obrigado, Sadie querida.

Ele se demorou, de modo que Sadie soube que ele tinha algo mais a falar. E de fato falou:

– Encontrei outra coisa enquanto estava lá em cima. – Ele enfiou a mão na lata e tirou um livro com orelhas nas folhas, segurando-o para que ela pudesse ver a capa. – Bem conservado, hein?

Sadie o reconheceu de pronto. Era como abrir a porta para um velho amigo inesperado, do tipo que a acompanhara durante um período particularmente difícil e sofrido. Ela não podia acreditar que Bertie e Ruth tinham guardado aquilo. Difícil de imaginar, agora, a importância que o livro de atividades tivera em sua vida naquela época, quando foi morar com eles. Ela se fechara no quarto de hóspedes da casa dos avós, o pequeno quarto acima da loja que Ruth havia feito especialmente para ela, e preenchera o livro todo, página por página, de ponta a ponta, com um comprometimento quase religioso.

– Resolveu todo o livro, não foi? – perguntou Bertie. – Cada um dos enigmas.

Sadie ficou emocionada com o orgulho na voz dele.

– Resolvi.

– Nem precisou olhar as respostas.

– Com certeza não.

Ela olhou as bordas ásperas na parte de trás, de onde arrancara as respostas para que não ficasse, nem pudesse ficar, tentada. Isso tinha sido muito importante para ela. Suas respostas deviam ser próprias; suas conquistas, honestas e absolutas, acima de qualquer suspeita. Sadie estava tentando provar algo, é claro. Que não era estúpida, desesperada ou uma “ovelha negra”, não importava o que seus pais pudessem pensar. Que os problemas, não interessava quão grandes fossem, podiam ser resolvidos. Que uma grande onda podia estourar e, ainda assim, os pescadores sobreviverem.

– Foi Ruth que comprou para mim.

– Sim, foi ela.

Tinha sido o presente perfeito no momento perfeito, embora Sadie suspeitasse que ela não tivesse sido grata o bastante. Não conseguia se lembrar do que dissera quando a avó lhe dera o livro. Provavelmente nada. Ela não era comunicativa naquela época. Um ar de insolência próprio dos 16 anos e um desdém monossilábico para tudo e para todos, incluindo (especialmente) esses parentes desconhecidos que haviam corrido para resgatá-la.

– Fico me perguntando como ela sabia...

– Ela era boa assim, gentil e inteligente. Enxergava as pessoas, mesmo quando faziam o possível para se esconder.

Bertie sorriu e ambos fingiram que falar de Ruth não tinha feito os olhos dele brilharem. Ele colocou o livro na mesa de cabeceira.

– Talvez você deva arranjar outro enquanto estiver aqui. Ou mesmo um romance para ler. Esse é o tipo de coisa que as pessoas fazem quando estão de férias.

– É mesmo?

– Foi o que ouvi dizer.

– Então talvez eu faça isso.

Ele ergueu uma sobrancelha. Estava curioso sobre a visita dela, mas a conhecia bem o suficiente para não forçar o assunto.

– Bem – disse ele em vez disso –, está na hora de eu me recolher. Nada como o ar do mar, hein?

Sadie concordou e desejou-lhe uma boa noite de sono, mas, quando a porta se fechou atrás dele, ela notou que seus passos voltaram para o sótão em vez de atravessar o corredor para a cama.

Enquanto a fumaça de cachimbo atravessava as tábuas do assoalho, os cachorros sonhavam ao lado dela e o avô enfrentava seu passado lá em cima, Sadie folheou o livro. Apenas uma coleção humilde de quebra-cabeças, nada extravagante, que, ainda assim, salvara sua vida. Ela não sabia que era inteligente até sua avó lhe dar aquele livro. Ela não sabia que era boa em quebra-cabeças ou que sua solução iria lhe provocar o tipo de emoção que as outras crianças tinham ao matar aula. Mas isso tudo era verdade e, assim, uma porta fora aberta e sua vida seguiu por um caminho que ela nunca imaginara. Ela cresceu e se afastou dos seus problemas de adolescente, arrumou um trabalho com enigmas reais para resolver e, se falhasse, as consequências iam muito além de sua frustração intelectual.

Seria uma coincidência, Sadie se perguntou, que Bertie houvesse lhe dado à noite aquele livro que tinha significado tanto em outros tempos? Ou teria adivinhado que, de alguma forma, sua visita estava ligada aos eventos de quinze anos antes que a levaram a ficar com ele e Ruth pela primeira vez?

Sadie pegou de novo o envelope, estudando mais uma vez a letra censuradora, seu nome e endereço escritos como uma crítica no verso. A carta lá dentro era sua bomba-relógio pessoal, tiquetaqueando enquanto ela tentava descobrir como desarmá-la. Precisava desarmá-la. Aquilo havia bagunçado tudo e continuaria bagunçando até ela consertar as coisas. Desejou nunca ter recebido a maldita carta. Que o carteiro a tivesse deixado cair da bolsa, o vento a tivesse soprado para longe e um cão em algum lugar a tivesse perseguido e mastigado até que tudo o que restasse fosse apenas uma gosma. Sadie suspirou infeliz e enfiou o envelope dentro do livro de atividades. Ela não era ingênua; sabia que não havia “justiça”. No entanto, sentiu pena de si mesma quando fechou o livro e o guardou. Não parecia certo, de alguma forma, que a vida de uma pessoa saísse dos trilhos duas vezes pelo mesmo erro.



A solução lhe ocorreu à beira do sono. Ela estava começando a ter, como era seu costume agora, o sonho com a menina iluminada por trás no portal, estendendo as mãos e chamando por sua mãe, quando abriu os olhos, instantaneamente acordada. A resposta (para todos os seus problemas, como lhe pareceu de noite) era tão simples que ela não podia acreditar que tinha levado seis semanas para encontrá-la. Ela, que se orgulhava de sua capacidade de desvendar enigmas. Desejara que a carta não tivesse chegado a ela, mas quem ia afirmar isso? Sadie jogou seu edredom para o lado, pegou o envelope de dentro do livro de atividades e procurou uma caneta na mesa de cabeceira. *Não mora mais neste endereço*, rabiscou apressadamente na frente, a impaciência tornando sua escrita mais irregular do que o normal. *Devolver ao remetente*. Um grande suspiro de alívio lhe escapou enquanto estudava sua obra. Seus ombros ficaram mais leves. Resistindo ao desejo de olhar outra vez a fotografia, selou o envelope com cuidado para que ninguém mais soubesse.

Bem cedo, na manhã seguinte, enquanto Bertie e os cães dormiam, Sadie vestiu sua roupa de corrida e percorreu as ruas escuras e silenciosas com a carta na mão. Deixou-a cair na única caixa postal da aldeia para ser enviada de volta a Londres.

Sadie não conseguia parar de sorrir enquanto continuava a correr ao redor do promontório. Seus pés batiam com energia renovada e, à medida que o sol se levantava, dourado contra o céu rosa, ela se deleitou com a ideia de que todo o problema estava resolvido. Para todos os efeitos, era como se ela nunca tivesse recebido a carta. Bertie nunca precisaria saber a verdade por trás de sua súbita visita à Cornualha e Sadie poderia voltar ao trabalho. Sem o conteúdo da carta ofuscando seu julgamento, ela seria capaz de dar o caso Bailey por encerrado de uma vez por todas e sair de baixo do manto de loucura que a havia encoberto. A única coisa que faltava fazer era contar a Donald.



Quando tornou a sair mais tarde para buscar as peras para Bertie, Sadie tomou o caminho mais longo para a aldeia, sobre o penhasco, em direção ao mirante, e em seguida desceu o caminho ocidental íngreme para o parquinho. Não havia como negar que aquela era uma bela parte do mundo. Sadie entendia por que Bertie tinha se apaixonado pelo lugar.

– Eu soube imediatamente – dissera ele, com zelo inesperado e renascido. – Alguma coisa neste lugar simplesmente me chamava.

Ele estava tão determinado a acreditar que existiam forças misteriosas externas em ação tornando a mudança de alguma forma obrigatória que Sadie apenas sorria e acenara com a cabeça, abstendo-se de dizer que havia muito poucas pessoas que não sentiriam que a vida ali chamava por elas.

Tirou as moedas do bolso e as sacudi em expectativa. O sinal de celular não era confiável na aldeia, mas havia um telefone público no parque e ela ia aproveitar que estava fora do alcance de Bertie. Deixou cair as moedas na fenda e esperou, batendo o polegar contra o lábio enquanto aguardava.

– Raynes – o grunhido ecoou do outro lado da linha.

– Donald, é Sadie.

– Sparrow? Mal consigo ouvir você. Como está a licença?

– Ah, ótima. – Ela hesitou, então acrescentou: – Tranquila – porque parecia o tipo de coisa que uma pessoa deveria dizer sobre as férias.

– Que bom.

A linha chiou. Nenhum deles era muito de conversa fiada, então ela decidiu ir direto ao ponto:

– Escute, pensei bastante e estou pronta para voltar.

Silêncio.

– Ao trabalho – acrescentou.

– Só faz uma semana.

– E tem sido muito esclarecedora. O ar marinho e tudo mais.

– Pensei que tivesse deixado claro, Sparrow: quatro semanas, sem “mas”.

– Eu sei, Don, mas olhe...

Sadie olhou por cima do ombro e viu uma mulher empurrando uma criança num balanço. Ela baixou a voz:

– Sei que saí da linha. Entendi completamente errado, exagerei e lidei mal com tudo. Você estava certo, havia outras coisas acontecendo, coisas pessoais, mas agora acabou, já cuidei de tudo...

– Espere um minuto.

Sadie ouviu alguém murmurar ao fundo, do outro lado.

Donald sussurrou uma resposta antes de se voltar para ela:

– Escute, Sparrow, alguma coisa está acontecendo por aqui.

– Sério? Um novo caso?

– Tenho que desligar.

– Sim, certo, claro. Eu só estava dizendo, estou pronta...

– A ligação está ruim. Ligue de volta em alguns dias, hein? Em algum momento da próxima semana. Vamos discutir isso direito.

– Mas eu...

Sadie amaldiçoou o telefone quando a linha caiu e procurou mais alguns trocados nos bolsos. Digitou de novo, mas a ligação caiu direto na caixa postal de Donald. Esperou alguns segundos antes de tentar outra vez. Mesma coisa. Ela não deixou recado.

Sentou-se por um tempo no banco perto do parquinho. Um par de gaivotas lutava por uma pilha de batatas caídas em uma embalagem de jornal. A criança no balanço estava chorando, as correntes do brinquedo rangendo em simpatia. Sadie se perguntou se era possível que Donald tivesse ignorado suas chamadas seguintes de propósito. Decidiu que sim. Ela se perguntou se havia alguém com quem poderia entrar em contato enquanto estava sentada ao lado do telefone com as moedas no bolso. Percebeu que não havia. Sadie remexeu os joelhos para cima e para baixo, inquieta. A necessidade de voltar a Londres, onde ela era útil e havia mais a fazer em um dia do que comprar peras, era quase dolorosa. A frustração, a impotência e o súbito calafrio de empolgação se agitaram dentro dela. A criança no balanço estava dando um ataque completo agora, arqueando seu pequeno corpo e recusando as tentativas da mãe para limpar seu rosto manchado. Sadie teria gostado de participar.

– Vendo baratinho – disse a mulher a Sadie enquanto passava, revirando os olhos do mesmo modo que faziam todos os pais quando brincavam sobre dar seus filhos.

Sadie sorriu de leve e seguiu para a aldeia, onde fez um trabalho mais meticuloso do que o necessário para escolher as peras, examinando cada uma delas como um suspeito em uma linha de identificação antes de fazer sua seleção, pagar no caixa e voltar para casa.

Ela já havia passado pela biblioteca antes – o prédio de pedra ficava na High Street e era um marco inevitável entre a casa de seu avô e a aldeia propriamente dita –, mas nunca pensara em entrar. Ela não era do tipo que frequentava bibliotecas. Muitos livros, muito silêncio. Agora, porém, a exibição na vitrine a fez parar abruptamente. Era uma pirâmide de romances de mistério, vários, com capas pretas e o nome A. C. Edevane escrito em letras grossas e prateadas. Sadie conhecia a autora, é claro. A. C. Edevane era um das poucas escritoras de suspense que os policiais realmente liam e, além disso, era um patrimônio nacional. Quando Louise falara sobre a família Edevane e sua casa junto ao lago, Sadie não tinha feito a conexão. Naquele dia, porém, olhando para o cartaz pendurado acima da vitrine – AUTORA LOCAL PUBLICA SEU 50º LIVRO –, sentiu a emoção singular de dois elementos aparentemente desconectados se unindo.

Sem pensar duas vezes, Sadie entrou no prédio. Um homem de aparência solícita, de proporções parecidas com gnomo e um nome preso à camisa, assegurou-lhe que, sim, claro que tinham uma seção de história local. Será que ele poderia ajudá-la com alguma coisa em particular?

– Na verdade – disse Sadie, pousando o saco de peras –, pode, sim. Preciso descobrir tudo o que puder sobre uma casa. E um velho caso de polícia. E, aproveitando, vou aceitar a recomendação do seu livro favorito de A. C. Edevane.

6

Londres, 2003

Peter quase deixou cair o pacote enquanto corria atrás do ônibus. Felizmente, uma vida de falta de jeito lhe dera prática para agarrar as coisas, então ele conseguiu firmá-lo junto do corpo com o cotovelo sem diminuir o passo. Tirou o bilhete do ônibus do bolso, afastou a franja dos olhos e viu um único lugar vazio.

– Com licença – disse a ninguém em particular, seguindo pelo corredor enquanto o ônibus avançava. – Com licença, por favor. Desculpe. Sinto muito.

A mulher de lábios franzidos que ocupava o assento da janela franziu o cenho para seu exemplar aberto do *The Times* quando o ônibus fez uma curva e Peter caiu no assento ao lado dela. O modo como ela chegou para o lado, com um quê de indignação, sugeriu que ele tinha provocado um turbilhão indesejado de agitação e incômodo. Era algo que Peter sempre suspeitara a respeito de si mesmo e, por isso, a insinuação não o ofendeu em nada.

– Cheguei a pensar em ir a pé – falou ele, afável, deixando sua bolsa e o pacote deslizarem para o chão entre seus pés –, mas é um longo caminho daqui até Hampstead, especialmente neste calor.

A mulher lhe devolveu o sorriso com uma expressão fulminante que poderia ser considerada uma careta por alguém menos generoso que Peter e voltou a olhar para o jornal, agitando-o de modo a enrijecer as páginas. Era um estilo de leitura que ignorava por completo a presença de seu companheiro de banco, mas Peter não era um homem grande e descobriu que, se ele se espremesse contra seu assento, as páginas mal o tocariam. Além disso, com esse arranjo, ele conseguia espiar as manchetes do dia, liberando-o de uma parada no jornaleiro quando chegasse a Hampstead.

Alice esperava que ele estivesse a par das notícias. Ela podia ser uma interlocutora ávida quando estava a fim e não era muito tolerante com os idiotas. Isso ele aprendera com a própria Alice. Ela anunciara o fato durante seu primeiro dia de trabalho juntos, seus olhos se estreitando perceptivelmente, como se ela tivesse a capacidade sobre-humana de escanear uma pessoa e detectar a estupidez num relance.

Peter deixou seu olhar vagar pela página 2, colocada proveitosamente pela companheira de banco sobre seu colo: a última pesquisa da Ipsos MORI colocara os Partidos Trabalhista e Conservador em pé de igualdade, seis membros da Polícia Militar Real tinham sido mortos no Iraque e Margaret Hodge estava sendo derrubada do cargo de ministra. Pelo menos o caso Bailey tinha saído da primeira página. Foi horrível, uma criança deixada sozinha daquele jeito por dias, abandonada pela pessoa que deveria cuidar dela. Peter tinha dito isso durante o chá certa tarde, quando o caso estava no auge, e Alice o surpreendera, olhando fixamente por sobre sua xícara antes de responder que eles não tinham nada que julgar quando não sabiam a história toda.

– Você é jovem – continuara ela depressa. – A vida vai curá-lo de suposições ingênuas. A única coisa com que se pode contar é que não se pode contar com ninguém.

A amargura intrínseca de Alice tinha sido desafiadora no início. Peter passara o primeiro mês de trabalho convencido de que estava prestes a ser demitido, até entender que aquilo era apenas parte da natureza dela, uma espécie de humor, mordaz às vezes, mas nunca desagradável de todo. O problema de Peter era ser muito sério. Era uma falha de caráter, ele sabia, e tentava arduamente corrigi-la ou pelo menos disfarçá-la. Nem sempre era fácil. Ele era assim desde que podia se lembrar. Seus pais e seus irmãos mais velhos também eram muito felizes, todos gostavam de rir e, durante a infância de Peter, balançavam a cabeça, riam e sacudiam os

cabelos sempre que ele ficava perplexo por causa de piadas e provocações, dizendo: “Que passarinho sério veio parar neste ninho! Deus o abençoe.”

A descrição incomodava Peter, mas só um pouco. O fato era que ele *sempre* foi diferente, e não apenas em termos de sinceridade. Seus dois irmãos mais velhos eram garotos grandes e robustos que se tornaram homens grandes e robustos, do tipo que parecia perfeito com um litro de cerveja em uma das mãos e uma bola de futebol na outra. E então havia Peter: magro, pálido e alto, com uma tendência a “ficar todo marcado”. Sua mãe não tinha dito isso como uma crítica, e sim com uma nota de admiração pelo fato de que ela e seu pai pudessem ter criado esse pequeno ser diferente, com pele sensível, além de uma paixão pitoresca e insondável pelo cartão da biblioteca.

– Ele gosta de ler – diziam seus pais aos amigos com o mesmo tom de espanto que poderiam ter usado para anunciar que fora premiado com a Cruz Vitória.

Peter *gostava* de ler. Quando completou 8 anos, já tinha lido toda a seção infantil da biblioteca de Kilburn, um feito que poderia ter sido fonte de orgulho e celebração, mas que era um problema, já que ainda faltavam anos para ele poder ter o cobiçado cartão de empréstimos de adulto. Graças a Deus havia a Srta. Talbot, que tinha mordido o lábio, endireitado o crachá da biblioteca em seu casaco cor de limão e dito a ele – um fraco tremor de propósito animando sua voz normalmente suave e baixa – que ia garantir pessoalmente que ele nunca ficasse sem nada para ler. Até onde Peter sabia, ela era mágica. Decifradora de códigos secretos, mestre em indexação e na Classificação Decimal de Dewey, guardiã de portas para lugares maravilhosos.

As tardes na biblioteca, respirando a poeira de mil histórias (acentuada pelo mofo de mil anos de umidade crescente), eram encantadas. Fazia duas décadas agora e, ainda assim, ali, no ônibus 168 para Hampstead Heath, Peter tinha uma sensação quase física de ter voltado lá. Seus membros se contraíram com a lembrança de ter 9 anos e ser lânguido como um potro. Seu humor melhorou quando se lembrou de como o mundo parecia grande, cheio de possibilidades e, ao mesmo tempo, seguro e navegável quando ele estava trancado dentro daquelas quatro paredes de tijolo.

Peter arriscou provocar um suspiro mal-humorado de sua companheira de assento ao passar a mão por cima do jornal para procurar o programa em sua bolsa. Ele o havia enfiado na capa do exemplar cheio de orelhas de *Grandes esperanças*, que estava relendo em homenagem à Srta. Talbot, e agora estudava a imagem sorridente na frente.

Quando Peter dissera a Alice que precisava tirar a manhã de terça-feira de folga para ir a um enterro, ela ficara curiosa, como era de seu feitio. Era, via de regra, muito interessada nos detalhes de sua vida. Ela o interrogava sempre que tinha vontade, fazendo perguntas que seriam mais pertinentes a um estudante alienígena da raça humana do que a uma senhora de 86 anos. Peter, que, se tivesse prestado atenção, descrevera sua vida até aquele momento como algo tão comum que não era digna de nota, a princípio, achou o interesse da senhora irritante. Ele ficava muito mais à vontade lendo sobre a vida e as ideias dos outros do que descrevendo as suas. Mas Alice não era do tipo que aceitava não como resposta e, com o tempo e a prática, ele achou melhor responder às perguntas dela de modo direto. Não que tivesse adquirido maior senso de importância, mas porque percebeu que o interesse de Alice nele não era exclusivo. Ela era igualmente curiosa sobre os hábitos das rudes raposas que viviam atrás do galpão no seu jardim.

– Um enterro? – disse ela, erguendo bruscamente os olhos dos livros que estava autografando para sua editora espanhola.

– O primeiro a que vou.

– Não será o último – afirmou ela com naturalidade, rabiscando um floreio na página diante dela. – Nós colecionamos enterros ao longo da vida. Quando você chega à minha idade, descobre que colocou mais pessoas debaixo da terra do que poderia reunir para o chá da manhã. É necessário, claro. Nada de bom vem de uma morte sem funeral.

Peter poderia ter se questionado sobre aquela observação, mas, antes que pudesse pensar mais, Alice continuou:

– Parente? Amigo? É sempre pior quando morre uma pessoa jovem.

Então, Peter lhe contou sobre a Srta. Talbot, surpreendendo-se com as coisas de que se lembrou, os detalhes pequenos e estranhos que tinham se alojado em seu cérebro de 9 anos. O delicado relógio de ouro rosé que ela usava, seu hábito de esfregar a ponta do dedo indicador contra o polegar quando pensava, o modo como sua pele cheirava a almíscar e pétalas.

– Uma guia – disse Alice, as sobrancelhas prateadas arqueadas. – Uma mentora. Como você foi afortunado. E você manteve contato durante todo esse tempo?

– Não exatamente. Perdemos contato quando fui para a universidade.

– Mas você a visitou. – Foi uma declaração, não uma pergunta.

– Não muito.

Nunca, mas ele ficou envergonhado demais de ter falado isso para Alice. Pensou em visitar a biblioteca, queria ter ido, mas a vida não lhe dava tempo e ele nunca conseguira. Só soube da morte da Srta. Talbot por acaso. Peter estava fazendo um serviço para Alice na Biblioteca Britânica, folheando distraidamente um exemplar do boletim informativo *SCONUL* enquanto esperava um livro alemão sobre venenos ser localizado nos arquivos, quando o nome saltou diante dele. A Srta. Talbot – *Lucy* Talbot, porque naturalmente havia um primeiro nome – tinha perdido a batalha contra o câncer, o funeral aconteceria na terça-feira, 10 de junho. Peter ficara em choque. Ele nem sabia que ela estivera doente. Não tinha por que saber, na verdade. Dizia a si mesmo que as coisas eram assim, as crianças cresciam e iam embora, e, em todo caso, ele estava pensando demais, a lembrança tinha bordado sua amizade com a Srta. Talbot. Peter imaginara uma conexão especial entre eles quando, na verdade, ela apenas estava fazendo seu trabalho e ele tinha sido apenas um de muitos.

– Duvido – retrucou Alice. – É muito mais provável que o número de crianças que ela viu e com quem não se conectou de forma especial tenha feito da única com quem houve realmente um tipo particular de conexão a mais importante para ela.

Peter não se lisonjeou, já que Alice tentava ressaltar sua importância. Aquela era mesmo sua opinião, expressa com a sinceridade característica, e se isso o fazia sentir-se um lixo, bem, que culpa tinha ela?

Ele pensou que o assunto tinha morrido até horas mais tarde, quando estava absorvido em sua tarefa diária de transferir as cenas que Alice escrevera pela manhã para o novo computador que ela se recusava a usar.

– Alguma vez ela lhe deu um dos meus? – perguntou ela.

Peter levantou os olhos, olhando por cima da folha, da frase datilografada com força que ele estava copiando. Ele não fazia a menor ideia sobre o que Alice estava falando. Nem havia percebido que ela ainda estava na sala com ele. Era muito incomum Alice ficar por perto enquanto ele fazia seu trabalho. Ela saía religiosamente na maioria das tardes, para resolver coisas misteriosas na rua, cujo propósito ela não revelava.

– Sua bibliotecária. Ela lhe deu algum dos meus livros?

Ele pensou em mentir, mas só por um segundo. Alice tinha faro para a desonestidade. Quando disse que não, Alice o surpreendeu, rindo.

– Isso é bom. Não são para crianças, não as coisas que escrevo.

Era verdade. Os livros de Alice eram mistérios ingleses, mas não havia nada de aconchegante neles. Eram o tipo de romance policial que os críticos gostavam de descrever como “psicologicamente tenso” e “moralmente ambíguo”, explorando tanto o porquê quanto quem e como cometera o crime. Como ela própria tinha dito numa notável entrevista para a BBC, o assassinato em si não era atraente. Eram o impulso de matar, o fator humano, os fervores e as fúrias que motivavam um ato tão terrível que o tornavam atraente. Alice tinha um dom formidável para esses fervores e fúrias. Ela assentiu quando o entrevistador disse isso, ouviu educadamente quando ele insinuou que ela, de fato, era entendida *demais* no assunto para o gosto dele e, então, ela respondeu: “Mas é claro que não é preciso ter cometido um assassinato para escrever sobre isso, assim como ninguém precisa de uma máquina do tempo para escrever sobre a Batalha de Agincourt. Basta ter conhecimento das profundezas sombrias do homem e inclinação para explorá-las até o fim.” Ela sorriu quase docemente e acrescentou: “Além disso, não experimentamos todos o desejo de matar, mesmo que apenas por um instante?”

As vendas de seus livros haviam estourado nos dias seguintes à entrevista. Não que ela precisasse disso.

Era muito bem-sucedida e foi assim por décadas. O nome A. C. Edevane era sinônimo de todo o gênero policial e o detetive fictício, Diggory Brent, o avarento ex-soldado com propensão para *patchwork*, era mais amado por uma grande quantidade de leitores do que os próprios pais. Isso não era apenas uma hipérbole de Peter. Uma pesquisa recente no *Sunday Times* havia feito a pergunta e as respostas dos leitores tinham provado isso. “Notável”, dissera Alice depois que seu assessor de imprensa lhe telefonou com a notícia. E, então, para que Peter não pensasse por um momento sequer que ela se importava de alguma forma em agradar aos outros: “E certamente não era o que eu pretendia.”

Peter nunca dissera isso a Alice, mas não tinha lido nenhum de seus livros quando começou a trabalhar como seu assistente. Na verdade, não tinha lido muito de ficção contemporânea. A Srta. Talbot, que levava muito a sério sua responsabilidade de contrabandear livros adultos ilícitos para um menor, hesitou brevemente sobre se não ficção poderia ser o melhor lugar por onde começar (que mal, pensara em voz alta, poderiam fazer à mente de uma criança as páginas da história?), antes de decidir que um bom conhecimento dos clássicos era essencial e tirar o exemplar de *Grandes esperanças* da prateleira da biblioteca. Peter se apaixonara por lampiões de gás, sobrecasacas e carruagens puxadas por cavalos e nunca olhou para trás. (Ou, nesse caso, para a frente.)

Curiosamente, foi seu consumo obsessivo de ficção do século XIX que o aproximou de Alice. Depois de se formar na faculdade, Peter se virou em uma encruzilhada – não parecia haver muitos empregos para pessoas com pós-graduação em Constelações da Figuração: Iluminismo, Caráter e Sensibilidade nas Novelas Vitorianas, 1875-1893 – e tinha reservado o verão para traçar um bom plano. O aluguel ainda precisava ser pago, então ele conseguia algum dinheiro extra ajudando seu irmão David em seu negócio de dedetização. O telefonema de Alice foi o primeiro de uma manhã de segunda-feira. Havia um ruído sinistro em sua parede que a mantivera acordada durante todo o fim de semana e ela precisava de alguém para cuidar disso imediatamente.

– Senhorinha complicada – comentara David a Peter enquanto saíam da van na Heath Street e se dirigiam à casa de Alice. – Mas bastante inofensiva. Tem o estranho hábito de me chamar e depois dizer o que acha que vou encontrar. E o hábito ainda mais estranho de estar certa.

– Suspeito que seja um tipo de besouro... – comentara ela enquanto David abria seus equipamentos junto do rodapé da parede do quarto e colocava um copo de vidro contra o gesso para ouvir. – *Xestobium*...

– ... *rufovillosum* – Peter logo murmurara completando.

E então, já que David o fitava como se ele tivesse começado a falar em outro idioma, explicara:

– Como em “O coração revelador”.

Houve um silêncio breve e frio, e depois:

– Quem é? – dissera Alice com o tom de voz que a rainha teria usado se tivesse ido inspecionar o progresso da erradicação de pragas. – Não me lembro de você ter um assistente, Sr. Obel?

David explicara que não era um assistente e que Peter era seu irmão mais novo, que o vinha ajudando por algumas semanas enquanto descobria o que fazer em seguida.

– Ele precisava dar um tempo de todos aqueles livros – acrescentara. – Está ficando inteligente demais para o próprio bem.

Alice dera um aceno de cabeça quase imperceptível antes de recuar, seus passos ecoando enquanto subia as escadas para o quarto no topo da casa que Peter agora sabia que era seu recanto de escrita.

David tinha apertado seu ombro mais tarde, quando eles estavam sentados no boxê enfumaçado nos fundos do Dog and Whistle.

– Então você acordou o dragão e viveu para contar a história – dissera, virando sua cerveja e recolhendo os dardos. – O que você falou a ela mesmo? Aquela coisa sobre o coração?

Peter lhe explicara sobre Poe e seu narrador sem nome, a precisão cuidadosa do assassinato que cometera, suas pretensões à sanidade e, por fim, sua destruição pelo remorso, enquanto David, que não tinha temperamento gótico, continuava a acertar na mosca. Após lançar todos os dardos, ele sugerira alegremente que tinha sido sorte Alice não ter colocado Peter contra a parede.

– Isso é o que ela faz, sabe: assassinato. Não de verdade... pelo menos, não que eu saiba. Comete todos os seus crimes no papel.

A carta de Alice chegou uma semana depois, enfiada no mesmo envelope que o cheque para pagar pelo serviço. Fora datilografada em uma máquina com um “e” defeituoso e assinada em tinta azul-marinho. A mensagem era bem simples. Ela estava fazendo entrevistas para assistente temporário, alguém para ficar no lugar de seu assistente permanente, que estava fora. Encontraria Peter ao meio-dia, na sexta-feira.

Por que ele aparecera, obediente, como ordenado? Difícil lembrar, a não ser mencionar que a observação desde então lhe ensinou que as pessoas tendiam a seguir as ordens de Alice Edevane. Tocou a campainha ao meio-dia em ponto e entrou na sala de estar verde jade no térreo. Alice estava elegantemente vestida com calças de sarja e uma blusa de seda, uma combinação na qual agora ele pensava como seu uniforme, além de usar uma grande medalha de ouro em uma corrente no pescoço. Seus cabelos brancos estavam arrumados de maneira simples, afastados do rosto em ondas que terminavam com um cacho envolvendo cada orelha. Ela se sentou a uma mesa de mogno, indicou que ele deveria ocupar a cadeira estofada do outro lado e, então, uniu os dedos das mãos e começou a disparar uma série de perguntas que não pareciam nem um pouco relevantes para a vaga que pretendia preencher. Ele estava no meio de uma frase quando ela olhou com veemência para o relógio de um navio no console da lareira, levantou-se de repente e estendeu a mão para apertar a dele. Peter ainda se lembrava de como a mão dela parecera fria e pequena. A entrevista acabou, disse ela, seca. Havia outras coisas para cuidar. Ele começaria na semana seguinte.

O ônibus 168 desacelerou para encostar no meio-fio no topo da Fitzjohn Avenue e Peter reuniu suas coisas. Aquele encontro com Alice tinha sido três anos antes. O assistente permanente misteriosamente nunca voltara e Peter nunca saíra.



Alice estava trabalhando em uma cena particularmente difícil, uma transição. Elas eram sempre as mais difíceis de escrever. Era a própria insignificância que as tornava problemáticas, a tarefa aparentemente simples de levar o personagem do momento importante A ao momento importante B sem perder o interesse do leitor. Ela nunca admitiria isso para ninguém, muito menos para a imprensa, mas as coisas simples continuavam a perturbá-la, mesmo depois de 49 romances.

Ela empurrou os óculos de leitura mais para cima, ajeitando-os no nariz, tirou a guia de papel da máquina de escrever do caminho para reler a última linha: *Diggory Brent saiu do necrotério e voltou para seu escritório.*

Rápido, claro, direto, e as linhas seguintes deviam ser igualmente simples. Ela sabia o que fazer. Dar a ele alguns pensamentos pertinentes ao tema do livro, uma atualização ocasional sobre seu progresso físico para lembrar ao leitor que ele está tendo algum progresso físico, então uma frase final fazendo-o cruzar a porta de seu escritório, onde – *voilà!* – a próxima surpresa está esperando para impulsioná-lo ainda mais na narrativa.

O problema era que ela já havia escrito quase todos os cenários em que poderia pensar e estava entediada. Não era um sentimento com o qual estava familiarizada, tampouco pretendia se entregar. O tédio, como sua mãe sempre lhes dissera, era um estado a ser lamentado, a província dos sem juízo. Com os dedos sobre as teclas, Alice pensou em escrever algumas ideias sobre a trama em que estava trabalhando. Uma alegoria, talvez, para a virada inesperada que o caso tinha sofrido.

Eles eram úteis, esses pequenos trechos da trama. Mais de uma vez já haviam salvado suas histórias. Era ótimo pensar que foram um acidente feliz. Alice estava procurando dar a Diggory um passatempo que enfatizaria seu instinto por padrões no momento exato em que sua irmã Deborah ficou grávida e, em uma guinada inesperada, pegou agulha e linha. “Isso me relaxa”, disse ela. “Impede que minha mente se preocupe com todas as coisas que podem dar errado.” Parecia exatamente o tipo de atividade que um homem como Diggory Brent poderia adotar para ocupar as longas horas noturnas que sua jovem família antes preencheria.

Os críticos continuavam dizendo que o passatempo era uma tentativa de Alice de suavizar as bordas ásperas de seu detetive, mas isso não era verdade. Alice gostava de bordas ásperas. E desconfiava seriamente de pessoas determinadas a não ter nenhuma.

Diggory Brent saiu do necrotério e voltou para seu escritório. E...? Os dedos de Alice pairavam sobre as teclas da máquina de escrever. E então? *Enquanto caminhava, pensou...* O quê?

Sua mente ficou em branco.

Frustrada, Alice pôs a guia de papel de volta no lugar, tirou os óculos e voltou sua atenção à vista de sua janela. Era um dia quente no início de junho e o céu era de um azul brilhante. Quando menina, teria achado impossível resistir ao chamado do mundo exterior em um dia como aquele, com o cheiro das folhas iluminadas pelo sol e de madressilva, os estalos do concreto aquecendo e grilos reunidos no mato frio. Mas fazia muito tempo que Alice não era mais aquela garota e havia poucos lugares melhores para se estar agora, mesmo quando seus poderes criativos a abandonavam, do que ali em sua sala de escrita.

O quarto ficava no topo da casa, num terraço vitoriano de tijolo vermelho no alto de Holly Hill. Era pequeno, com um teto inclinado e tinha a distinção, de acordo com o agente imobiliário que mostrara a casa a Alice, de ter sido usado por um proprietário anterior para manter sua mãe trancada. Ela havia se tornado uma inconveniência, era de presumir. Alice ficou feliz por não ter filhos. A sala fora a razão pela qual ela havia comprado a casa, embora não por causa de seu passado infeliz. Alice tinha histórias desse nível na própria família, obrigada, e era bastante imune à loucura de confundir realidade com romance. Foi a posição da sala que levou Alice a comprar a casa. Era como um ninho, uma torre de vigia.

De onde se sentava para escrever, podia olhar para Hampstead, em direção à charneca, até a piscina das senhoras e para além das torres de Highgate. Atrás dela, uma escotilha pequena e redonda oferecia uma vista para o jardim dos fundos, todo o caminho até a parede de tijolos cheia de musgo e um pequeno galpão de madeira marcando o limite de sua propriedade. O jardim era denso, legado do proprietário anterior, um horticultor que tinha trabalhado em Kew e se dedicara a criar um “jardim dos prazeres terrenos” no próprio quintal. O jardim tivera permissão para crescer indisciplinado sob os cuidados de Alice, mas não por acidente ou negligência. Ela gostava muito de bosques e preferia os que desafiavam os cuidados.

Lá embaixo, o trinco da porta da frente se moveu e as tábuas da entrada rangeram. Houve um baque quando algo caiu. Peter. Não que ele fosse desajeitado, mas seus membros compridos tinham o hábito de ficar em seu caminho. Alice olhou para o relógio de pulso e notou, com surpresa, que já passava das duas. Não era de admirar que estivesse com fome. Entrelaçou os dedos e esticou os braços para a frente. Levantou-se. Era frustrante perder uma manhã inteira com os rigores de empurrar Diggory Brent de A para B, mas não havia nada a ser feito sobre isso agora. Meio século como escritora profissional lhe ensinara que havia dias em que a melhor coisa a fazer era ir embora. Diggory Brent teria que passar a noite na terra de ninguém entre o necrotério e o escritório. Alice lavou as mãos na pequena bacia perto da janela dos fundos, secou-as na toalha e, então, começou a descer as escadas estreitas.

Ela sabia por que estava tendo problemas, é claro, e não era tão simples quanto o tédio. Era o maldito aniversário e o alarde que seus editores pretendiam fazer quando ele chegasse. Uma honraria bem-intencionada, e normalmente Alice teria gostado de um pouco de cerimônia em seu nome, mas o livro estava indo mal. Pelo menos ela suspeitava que estivesse indo mal – e aquela era a metade do problema: como ela poderia saber, de verdade? Sua editora, Jane, era inteligente e entusiasmada, mas também jovem e maravilhada. Era demais esperar crítica, crítica *de verdade*.

Em seus momentos mais sombrios, Alice temia que não houvesse ninguém para avisá-la quando o padrão caísse. De que um dia acabaria caindo, ela não tinha dúvida. Alice havia acompanhado os trabalhos de outros escritores da sua geração e do seu gênero e sabia que sempre havia um livro no qual isso acontecia: a compreensão do autor sobre os costumes e mentes do mundo moderno começava a se afrouxar. Nem sempre era flagrante – uma pequena explicação exagerada sobre uma tecnologia que o leitor dominava; o uso de um termo formal quando sua abreviatura era a norma; uma referência cultural do ano anterior –, mas era

suficiente para tornar a coisa toda falsa. Para Alice, que se orgulhava da verossimilhança de seus livros, que fora ovacionada ao longo de toda a sua carreira, a ideia de publicar alguém do seu melhor era aterrorizante.

E era por isso que ela pegava o metrô todas as tardes, às vezes para lugares a que não precisava ir. Toda a sua vida, Alice sempre foi interessada pelas pessoas. Nem sempre gostava delas, raramente buscava companhia por motivos de satisfação social, mas achava o ser humano fascinante. E não havia lugar melhor para ver as pessoas do que nas entranhas do subterrâneo. Toda Londres passava por esses túneis, um fluxo constante de humanidade em suas formas estranhas e maravilhosas. Entre elas, Alice deslizava como um fantasma. Envelhecer era desprezível, mas a única vantagem era o manto de invisibilidade concedido pelos anos. Ninguém reparava na pequena senhora idosa sentada recatadamente em um canto do vagão com a bolsa apoiada nos joelhos.

– Olá, Alice – disse Peter da cozinha. – Almoço em um instante.

Alice hesitou no patamar do primeiro andar, mas não conseguiu responder. Os ecos dos sermões de sua mãe sobre decoro, muito distantes no tempo, ainda soavam alto demais em seus ouvidos. Aquela era Eleanor, Alice pensou enquanto começava a descer o último lance de escadas. Fazia quase setenta anos desde que moraram sob o mesmo teto e ela ainda estava estabelecendo as regras da casa, mesmo ali, naquela casa que ela nunca tinha visto. Às vezes, Alice se perguntava o que a mãe teria pensado de sua vida se tivesse vivido, se teria aprovado a carreira de Alice, suas roupas, o fato de não ter um marido. Eleanor tinha ideias muito firmes sobre a monogamia e seus laços de lealdade, mas se casara com o namorado de infância, então não era uma comparação justa. A mãe parecia tão grande nas memórias que Alice trazia da infância, uma figura do passado distante, que era quase impossível imaginar que ela poderia ter mudado com o tempo. Ela permanecia, para Alice, uma dama bela e intocável, querida mas distante, destruída no final pela perda, a única pessoa de quem Alice sentia saudades, às vezes com o anseio feroz e amargo de uma criança ferida.

Em geral, ela não era do tipo carente. Alice tinha vivido sozinha a maior parte de sua vida adulta, um fato do qual não se orgulhava nem se envergonhava. Tivera amantes e cada um deles trouxe suas roupas e escovas de dentes para dentro de casa, alguns tinham ficado um tempo, mas não era a mesma coisa. Ela nunca havia feito um convite oficial ou a transição mental para considerar “minha” casa “nossa”. Poderia ter sido diferente – Alice fora noiva uma vez –, mas a Segunda Guerra Mundial acabara com o romance, como tinha feito com tantas coisas. A vida era assim, portas de possibilidade constantemente se abrindo e fechando enquanto a pessoa seguia seu caminho às cegas.

Chegou à cozinha e encontrou uma panela fumegante no fogão e Peter parado na extremidade da mesa, um pequeno embrulho de correspondência aberto à sua frente. Ele olhou para cima quando ela entrou pela porta.

– Olá – disse quando o alarme do temporizador começou a tocar na bancada. – Na hora certa, como sempre.

Ele tinha um lindo sorriso, o Peter, muito curvo, sempre verdadeiro. Tinha sido uma das razões pelas quais o contratara. Isso, além de ele ter sido o único candidato a chegar em ponto. Desde então ele se provou altamente capaz, o que não era surpresa. Alice se considerava uma excelente avaliadora de caráter. Pelo menos agora. Havia erros no passado, alguns mais lamentáveis que outros.

– Alguma coisa urgente entre as cartas? – perguntou ela, sentando-se à frente do jornal que deixara aberto nas palavras cruzadas pela manhã.

– Angus Wilson, do *Guardian*, espera arranjar algo a tempo para o aniversário. Jane gostaria que você fizesse isso.

– Aposto que sim.

Alice serviu-se de uma xícara de chá Darjeeling.

– O Museu de História Natural pede que você discursar na abertura de uma exposição que eles estão planejando, um convite para participar da noite de comemoração de dez anos em cartaz de *A morte terá o seu dia* e um cartão de Deborah confirmando o compromisso desta sexta-feira para o aniversário de sua mãe. O resto, até onde posso dizer, é de leitores... Vou começar a cuidar deles depois do almoço.

Alice assentiu quando Peter colocou um prato na frente dela, com um ovo cozido em uma torrada. Alice tinha comido o mesmo almoço todos os dias durante as duas últimas décadas – exceto, é claro, em ocasiões em que saía de casa. Ela apreciava a eficiência da rotina, mas não era escrava dela, não como Diggory Brent, conhecido por ter instruído garçonetes sobre o método exato para preparar seus ovos. Colocou a gema quase dura no pedaço de pão e cortou-o em quatro, observando enquanto Peter continuava a separar a correspondência.

Ele não era um sujeito de muitas palavras, o que pesava muito a seu favor. Irritava-se quando ela tentava atraí-lo com algum assunto, mas ele era preferível aos assistentes mais loquazes que tivera no passado. Ela decidiu que gostava de seu cabelo um pouco mais longo. Com seus membros lânguidos e olhos castanho-escuros, fazia com que ele se parecesse com um desses músicos populares, embora talvez fosse apenas a roupa excepcionalmente formal que ele estava usando naquele dia, o terno de veludo escuro, que a fizesse pensar assim. E, então, Alice se lembrou. Ele tinha ido ao enterro de sua velha amiga, a bibliotecária, e era por isso que tinha se atrasado para o trabalho. Ela se sentiu um pouco animada, ansiosa para ouvir seu relato. Alice ficou comovida quando ele lhe contou sobre a mulher, sua mentora. Sua mente fora levada de volta ao Sr. Llewellyn. Ela não pensava no velho com frequência – seus sentimentos por ele estavam tão ligados àquele verão terrível que ela fazia questão de não pensar –, mas, quando Peter lhe contou sobre sua Srta. Talbot, a impressão duradoura que ela causara nele, o interesse que tivera pela versão mais jovem de Peter, Alice tinha sido tomada por lembranças excepcionalmente viscerais: o cheiro da lama úmida do rio, os insetos da água voando em torno deles enquanto vagavam à deriva no velho barco a remo discutindo suas histórias favoritas. Alice tinha certeza de que não sentira um contentamento tão perfeito desde então.

Ela tomou outro gole de chá, apagando os pensamentos indesejáveis do passado.

– Então, você viu sua amiga?

Tinha sido o primeiro funeral dele, Peter dissera, e Alice contara que haveria muitos mais por vir.

– Foi como você esperava? – acrescentou ela.

– Acho que sim. Triste, mas, de certa maneira, também interessante.

– De que maneira?

Peter pensou.

– Eu só a conheci como Srta. Talbot. Mas ouvi outras pessoas falando, seu marido, seu filho... Foi comovente. – Ele tirou a franja dos olhos. – Parece estúpido, não é? Um clichê... – Peter tentou novamente: – Havia mais sobre ela do que eu sabia e gostei de ouvir isso. As pessoas são fascinantes, não são? Quanto mais você se aproxima, mais perto está de descobrir o que faz o coração delas bater.

Alice deu um ligeiro sorriso satisfeito, concordando. Ela descobrira que havia muito poucas pessoas genuinamente entediadas. O truque era fazer as perguntas certas. Era uma técnica que empregava quando estava criando personagens. Todo mundo sabia que os melhores personagens culpados eram aqueles de quem o leitor não suspeitava, mas o motivo era a chave. Era muito bom surpreender as pessoas com uma avó assassina, porém o argumento tinha que ser sólido. Amor, ódio, inveja, cada um era tão plausível quanto outro. Era tudo uma questão de paixão. Descubra o que provocou as paixões de uma pessoa e o resto seguirá.

– Isto aqui é um pouco diferente.

Peter tinha voltado ao trabalho, abrindo as cartas dos leitores, e suas sobrancelhas escuras se juntaram em uma carranca quando leu a que estava em sua mão.

O chá de Alice ficou subitamente amargo. Ninguém era inteiramente imune a críticas.

– Uma daquelas, é?

– É de uma policial, detetive Sparrow.

– Ah, uma *dessas*.

Na experiência de Alice, havia dois tipos de policial: aqueles com quem se podia contar para ajudar com as questões de procedimento durante o processo criativo e os outros, malvados, que gostavam de ler os livros e apontar os defeitos *depois* da publicação.

– E que pérola de sabedoria procedimental a detetive Sparrow tem para compartilhar conosco?

– Não, não é nada disso. Ela não é leitora. Está escrevendo para você sobre um caso real, um desaparecimento.

– Deixe-me adivinhar. Ela teve uma Grande Ideia e pensou que, se eu escrevesse, poderíamos dividir os lucros?

– Uma criança desaparecida – continuou ele – na década de 1930. Uma propriedade na Cornualha, um caso nunca resolvido.

Até o dia de sua morte, Alice nunca conseguiria dizer com certeza se o cômodo ficou frio naquele momento devido a uma brisa repentina da charneca ou se era seu termostato interno, um banho de realidade, o passado a atingindo como uma onda que se recolhera havia muito tempo e esperava a maré virar. Porque, é claro, ela sabia exatamente do que tratava a carta – e não tinha nada a ver com os mistérios puramente inventados com que ela preenchia seus livros.

Um pedaço tão comum de papel, percebeu Alice, frágil e barato, não era mesmo do tipo que os leitores costumavam escolher quando escreviam para ela e, sem dúvida, não era do tipo que ela teria fornecido a um personagem em um de seus romances encarregado de entregar uma detonação tão potente do passado.

Peter estava lendo em voz alta agora e, embora Alice preferisse que ele não fizesse isso, as palavras haviam secado. Ela ouviu enquanto ele fazia um resumo eficiente das circunstâncias conhecidas que rodeavam o caso havia muito tempo. Proveniente dos arquivos do jornal, Alice supôs, ou daquele livro deplorável do tal de Pickering. E não havia como impedir as pessoas de acessar registros públicos, enviar cartas do nada para gente que não conheciam, trazendo o passado pernicioso para a mesa do almoço de alguém que fizera tudo o que podia para evitar voltar àquele lugar e àquele tempo.

– A detetive parece pensar que você sabe do que ela está falando.

As imagens entravam em sua mente, uma após outra, como cartas de baralho sendo distribuídas: a equipe de busca com a água do lago reluzente na altura dos joelhos; aquele policial gordo suando no calor fétido da biblioteca enquanto seu jovem assistente imaturo tomava notas; seu pai e sua mãe, de rosto abatido enquanto lidavam com o fotógrafo do noticiário local. Ela quase podia se sentir pressionada contra as portas francesas observando-os, passando mal com o segredo que não tinha sido capaz de contar, a culpa que nutrira desde então.

Alice percebeu que sua mão tremia de leve e se forçou a se lembrar desse fato quando precisasse descrever os efeitos corporais do choque, o banho gelado atingindo uma pessoa que, ao longo da vida, se especializara na aparência de compostura. Ela moveu suas mãos traiçoeiras no colo, apertando uma com firmeza sobre a outra, e disse com um imperativo movimento do queixo:

– Jogue-a no lixo.

Seu tom era surpreendentemente calmo. Restavam muito poucas pessoas vivas que teriam percebido a tênue nota de tensão subjacente.

– Você não quer que eu faça nada? Nem mesmo que responda?

– Não tem sentido, não é? – Alice manteve seu olhar direto. – Receio que essa detetive Sparrow tenha cometido um erro. Ela me confundiu com outra pessoa.

Cornualha, 25 de junho de 1933

O homem estava falando. Sua boca se movia, as palavras pululavam, mas Eleanor não conseguia acompanhá-las, não de uma maneira que fizesse sentido. Apenas uma aqui e outra ali: desaparecimento... vagou... perdido... Sua mente era um nevoeiro, um nevoeiro abençoado. O Dr. Gibbons tinha cuidado disso.

Uma gota de suor escorreu sob seu colarinho, abrindo caminho entre as escápulas. O frio dela a fez estremecer e Anthony, sentado ao lado, reforçou seu abraço suave. Sua mão grande repousava sobre a dela, pequena, bastante familiar e, ainda assim, agora estranha pelo pesadelo dos acontecimentos. Havia traços que ela nunca tinha notado antes: pelos, linhas e veias azul-claras, como estradas em um mapa sob sua pele.

O calor se mantinha. A tempestade que ameaçara cair nunca tinha chegado. Trovões rugiram a noite toda, antes de rolarem para o mar. Ainda bem, dissera o policial, pois a chuva teria apagado as pistas. O mesmo policial, o mais novo, lhes dissera que falar com o jornal ajudaria.

– Dessa forma, teremos mil pares de olhos, todos à procura de seu filho.

Eleanor estava doente de preocupação, imobilizada pelo medo. Era um alívio que Anthony estivesse respondendo às perguntas do repórter. Ela podia ouvir sua voz como se estivesse muito longe. Sim, o menino era novo, não tinha nem 11 meses, mas havia começado a andar cedo – todas as crianças da família Edevane andaram cedo. Ele era um garoto bonito, forte e saudável... Tinha cabelo louro e olhos azuis... É claro que eles seriam capazes de fornecer uma fotografia.

Pela janela, Eleanor podia ver todo o caminho através do jardim ensolarado até o lago. Havia homens lá, policiais uniformizados, e outros também, pessoas que ela não conhecia. A maioria estava de pé junto da margem gramada, mas alguns estavam na água. Naquele dia o lago estava liso como vidro, um grande espelho prateado com uma impressão marcante do céu ondulado nele. Os patos haviam saído da água, mas um homem com traje de mergulho preto e uma máscara prosseguiu nas buscas com um pequeno barco a remo que empreendera durante toda a manhã. Eles faziam isso antes de usarem os ganchos, Eleanor tinha ouvido alguém dizer.

Quando era menina, tivera o próprio barquinho. Seu pai havia comprado para ela e pintado seu nome no casco. Tinha um conjunto de remos de madeira e uma vela branca feita à mão, então ela saía de barquinho na maioria das manhãs. O Sr. Llewellyn a chamava de Eleanor, a Aventureira, acenando de trás de seu bloco de desenho lá na margem com a grama alta quando ela passava por ele, inventando histórias sobre suas viagens que lhes contava durante o almoço, fazendo Eleanor bater palmas, o pai rir e a mãe sorrir com sombria paciência.

A mãe desprezava o Sr. Llewellyn e suas histórias. Ela odiava qualquer tipo de suavidade em uma pessoa; “fraqueza de caráter”, dizia, e ele sem dúvida era uma alma muito mais suave do que ela. Tivera um colapso quando eles eram mais jovens e ainda sofria surtos de melancolia; Constance tratava essas ocasiões com desprezo. Ela também detestava o que chamava de a “atenção doentia” que seu marido dedicava à filha. Tanta atenção, insistia, não podia deixar de estragar uma criança, ainda mais uma que já tinha “um preocupante espírito de motim”. Além disso, havia coisas melhores, com certeza, em que ele poderia ter gastado o dinheiro. Este era um tema comum entre eles, o dinheiro ou a falta dele, a disparidade entre a vida que levavam e aquela que a mãe de Eleanor queria que levassem. Muitas noites, Eleanor os ouvia discutindo na

biblioteca, o tom afiado da mãe e as respostas suaves e implacáveis do pai. Às vezes, perguntava-se como ele conseguia suportar a crítica constante.

– Amor – dissera o Sr. Llewellyn quando ela arriscou comentar com ele. – Nem sempre escolhemos onde, como e quem, e o amor nos dá coragem para resistir àquilo que nunca julgamos possível.

– Sra. Edevane?

Eleanor abriu os olhos e se viu na biblioteca. Ela estava no sofá, Anthony ao seu lado, sua grande mão ainda sobre a dela, de modo protetor. Por um breve instante, ela ficou surpresa ao ver um homem sentado na frente deles, com um pequeno bloco de anotações espiralado na mão e um lápis atrás da orelha. A realidade foi voltando.

Ele era repórter. Estava ali para falar sobre Theo.

De repente, seus braços ficaram pesados pela ausência de seu bebê. Ela se lembrou daquela primeira noite, apenas os dois no quarto. Ele fora o único de seus quatro filhos a nascer antes da hora e ela podia sentir seus calcanhares se movendo contra a mão dela enquanto o embalava, os mesmos pezinhos brancos que apenas dias antes ela sentia dentro de sua barriga. Sussurrou para ele no escuro, prometeu que sempre o manteria seguro...

– Sra. Edevane?

Com Theo, foi diferente desde o começo. Eleanor amava todos os seus bebês – não talvez, se fosse honesta, à primeira vista, mas, com certeza, quando deram os primeiros passos –, contudo com Theo foi mais do que amor. Ela o *idolatrava*. Depois de seu nascimento, ela o levou para sua cama, enrolado em seu cobertor, fitou seus olhos e viu neles a sabedoria com a qual todos os bebês nascem antes que lhes escape. Ele retribuiu o olhar, tentando contar a ela os segredos do cosmos, sua pequena boca abrindo e fechando em torno de palavras que ele ainda não sabia ou talvez não lembrasse mais. Isso fez com que ela se recordasse de quando seu pai morrera. Ele tinha feito a mesma coisa, olhando para ela com olhos sem fundo, cheio de todas as coisas que ele nunca teria a chance de dizer.

– Sra. Edevane, o fotógrafo vai tirar sua foto.

Eleanor piscou. O repórter. Seu bloco de anotações a fez pensar em Alice. Onde ela estaria? E onde estariam Deborah e Clemmie? Alguém provavelmente estava cuidando das meninas. Não sua mãe, mas o Sr. Llewellyn, talvez. Isso explicava por que ela não o tinha visto ainda naquela manhã: ele devia ter se prontificado a ajudar com as meninas, mantendo-as longe de problemas, como ela lhe pedira para fazer no passado.

– Certo, Sr. e Sra. Edevane. – Um segundo homem, corpulento, vermelho de calor, sacudiu a mão por trás do tripé. – Olhem para cá, se não se importam.

Eleanor estava acostumada a ser fotografada – ela era a garotinha do conto de fadas e fora pintada, esboçada e fotografada a vida inteira –, mas agora se encolheu. Queria se deitar no escuro e fechar os olhos, ficar assim e não falar com ninguém até que as coisas voltassem ao normal. Estava cansada, cansada a um ponto inimaginável.

– Venha, meu amor – disse a voz de Anthony gentil e tranquila em seu ouvido. – Vamos acabar com isto. Eu seguro a sua mão.

– Está tão quente... – sussurrou ela em resposta.

A seda de sua blusa estava grudada nas costas. A saia apertava sua cintura no ponto onde as costuras se reuniam.

– Olhe para cá, Sra. Edevane.

– Não consigo respirar, Anthony. Preciso...

– Eu estou aqui, estou com você. Sempre estarei aqui com você.

– Pronto, e...

O flash do fotógrafo explodiu com uma luz branca e, com a vista embaralhada, Eleanor pensou ter visto uma figura perto das portas francesas. Alice, tinha certeza disso, observando imóvel.

– Alice – disse ela, piscando para clarear a visão. – Alice?

Mas, então, um grito soou no lago, a voz de um homem, alta e aguda, e o repórter saltou da cadeira e correu para a janela. Anthony se levantou e Eleanor fez o mesmo, tropeçando nas pernas subitamente fracas, esperando enquanto o tempo parecia parar, até que por fim o jovem repórter se virou e balançou a cabeça.

– Alarme falso – informou, a empolgação dando lugar ao desapontamento enquanto tirava um lenço para limpar a testa. – Só uma bota velha, não é um corpo.

Os joelhos de Eleanor ameaçaram ceder. Ela se virou para as portas francesas, mas Alice não estava mais lá. Em vez disso, teve um vislumbre do próprio reflexo no espelho da lareira. Quase não se reconheceu. O olhar cuidadoso da “mãe” havia sumido e, em vez disso, ela se viu cara a cara com uma garota que havia morado nessa casa muito tempo antes, sem modos, selvagem, exposta. Uma menina que ela quase havia esquecido.

– Já chega – a voz de Anthony soou brusca de repente. Seu amor, seu salvador. – Tenha piedade, homem, minha mulher está em choque, o filho dela desapareceu. A entrevista acabou.



Eleanor estava flutuando.

– Eu posso garantir, Sr. Edevane, que são barbitúricos muito poderosos. Apenas um será suficiente para mantê-la dormindo a tarde toda.

– Obrigado, doutor. Ela está fora de si.

Ela conhecia aquela voz; era de Anthony.

E, agora, o outro de novo, o médico:

– Não é nenhuma surpresa. Isso tudo é terrível, simplesmente terrível.

– A polícia está fazendo tudo o que pode.

– Eles estão confiantes de que vão encontrá-lo?

– Devemos nos manter positivos e confiar que farão o seu melhor.

A mão do marido estava em sua testa agora, quente, firme, alisando seu cabelo. Eleanor tentou falar, mas sua boca estava mole e as palavras não saíram.

Ele a acalmou:

– Tudo bem, meu amor. Durma agora.

A voz dele estava em toda parte ao redor dela, como a voz de Deus. Seu corpo estava pesado e lento, como se estivesse afundando em nuvens. Caindo, caindo, recuando pelas camadas de sua vida. Antes que se tornasse a mãe, antes de voltar para Locanneth, durante o verão em que conhecera Anthony, a perda de seu pai e o longo e infinito período de sua infância. Tinha uma vaga sensação de que algo estava perdido e ela deveria estar procurando, mas seu cérebro estava lento e ela não conseguia entender nada. As coisas estavam fugindo dela, como um tigre, um tigre amarelo e preto, escorregando para longe dela pelas longas vertentes do prado. Era o gramado de Locanneth, os bosques escuros e brilhantes ao longe, e Eleanor estendeu as mãos para roçar as pontas da grama.



Havia um tigre no quarto de Eleanor quando ela era pequena. Seu nome era Zephyr e ele morava debaixo da cama. O animal tinha vindo com eles da casa grande, contrabandeado na mudança, um pouco pior pelo desgaste, seu pelo orgulhoso cheirando a fumo. O pai de seu pai, Horace, capturou-o na África, nos bons tempos do passado. Eleanor ouvira falar desse passado, histórias que seu pai lhe contara, de quando a propriedade era importante e os DeShiels moravam em uma grande casa com 28 quartos e uma cocheira cheia não de abóboras, mas de verdadeiras carruagens, algumas delas ornadas com ouro. Não restava muito, apenas

a casca queimada da casa, muito longe de Loanneth para ser vista. Mas foi o Sr. Llewellyn quem lhe contou a história do tigre e da pérola.

Quando menina, Eleanor acreditava piamente na história. Que Zephyr a trouxera de volta da África com ele, uma pérola que ele engolira, que permaneceu escondida em sua mandíbula quando ele foi baleado, esfolado, vendido e transportado, durante as décadas em que sua pele foi orgulhosamente exposta na casa grande e ao longo de sua restauração para as medidas reduzidas da Casa do Lago. Foi lá, um dia, quando a cabeça do tigre foi inclinada apenas um pouquinho, que a pérola rolou para fora de sua boca sem vida e se perdeu no longo tecido do tapete da biblioteca. Ela foi pisada, contornada e quase esquecida, até que, numa noite escura, enquanto a casa dormia, foi encontrada por fadas em uma missão de roubo. Elas levaram a pérola para o bosque, onde foi colocada sobre um leito de folhas, estudada, pesada e acariciada com hesitação antes de ser roubada por um pássaro, que a confundiu com um ovo.

No alto da copa da árvore, a pérola começou a crescer, crescer e crescer até que o pássaro ficou com medo de que os próprios ovos fossem esmagados e rolou a bola prateada, que caiu com um baque suave em uma cama de folhas secas. Lá, à luz da lua cheia, cercada por fadas curiosas, o ovo começou a chocar e uma bebê apareceu. As fadas juntaram néctar para alimentá-la e se revezaram balançando a bebê para dormir, mas logo não havia néctar que desse conta de sua fome e nem mesmo a magia de fadas conseguia deixar a criança satisfeita. Houve então uma reunião e foi decidido que os bosques não eram lugar para uma criança humana e ela devia ser devolvida à casa, colocada na soleira da porta em uma manta tecida de folhas.

Até onde Eleanor sabia, isso explicava tudo: por que ela sentia tanta afinidade com o bosque, por que sempre conseguia vislumbrar as fadas nos prados onde outras pessoas só viam grama, por que os pássaros se reuniam no peitoril da janela de seu quarto quando ela era criança. Isso também explicava a feroz raiva de tigre que se infiltrava nela às vezes, que a fazia cuspir, gritar e bater o pé, levando a babá Bruen a sibilar e dizer que ela não chegaria a lugar algum se não aprendesse a se controlar. O Sr. Llewellyn, por outro lado, dizia que na vida havia coisas piores que um temperamento forte, que só provava que a pessoa tinha opinião. E pulso, acrescentava, e que a alternativa para isso era terrível! Ele dizia que uma menina como Eleanor faria bem em manter as brasas de sua impudência quentes, pois a sociedade em breve tentaria esfriá-las. Eleanor acreditava muito nas coisas que o Sr. Llewellyn dizia. Ele não era como os outros adultos.



Eleanor não tinha o hábito de contar às pessoas a história de seu nascimento – ao contrário de *O portal mágico de Eleanor*, que fora transformado em um livro para crianças de todos os lugares, “O tigre e a pérola” era dela e só dela –, mas, quando tinha 8 anos, sua prima Beatrice veio com seus pais para uma visita a Loanneth. Isso não era comum. A mãe de Eleanor, Constance, não se relacionava com a irmã, Vera. Com onze meses de diferença, as duas sempre foram competitivas, suas vidas inteiras compreendendo uma série de pequenas disputas entre irmãs, o fim de uma conduzindo necessariamente ao início de outra. O casamento de Constance com Henri deShiel, um triunfo aparente no começo, fora irremediavelmente manchado quando sua irmã (mais nova!) arranhou um partido muito melhor, um conde escocês que acabara de receber o título e conseguira uma fortuna no solo da África. As irmãs não haviam se falado por cinco anos depois disso, mas agora, ao que parecia, tinham chegado a uma trégua frágil.

Em um dia chuvoso, as meninas foram enviadas para o quarto infantil, onde Eleanor estava tentando ler *A rainha das fadas*, de Edmund Spenser (era o favorito do Sr. Llewellyn e ela queria impressioná-lo), e Beatrice estava terminando sua última tapeçaria. Eleanor estava perdida em seus pensamentos quando um guincho aterrorizado a fez perder completamente o ritmo. Beatrice estava de pé, apontando para baixo da cama com lágrimas enrugando seu rosto manchado.

– Um monstro... Minha agulha... Eu deixei cair... E há... Eu vi... um *monstro*!

Eleanor percebeu imediatamente o que tinha acontecido e puxou Zephyr de baixo de sua cama, explicando que ele era seu tesouro, mantido escondido para que ficasse a salvo da ira da mãe. Beatrice, ainda soluçando e fungando, estava tão ruborizada e chorosa que Eleanor teve pena dela. A chuva batia contra a janela, o mundo lá fora era frio e cinza: condições perfeitas para contar histórias. E, então, ela incentivou a prima a se sentar ao seu lado na cama e explicou tudo sobre a pérola, os bosques e sua chegada incomum a Loeanneth. Beatrice riu quando ela terminou e disse que era uma história divertida e bem contada, mas, sem dúvida, ela devia saber que tinha vindo da barriga de sua mãe. Então fora a vez de Eleanor rir, de prazer – porém, mais do que isso, de surpresa. Beatrice era uma moça vulgar, ordinária, com uma inclinação por rendas e fitas, resolutamente simples, não dada à fantasia ou à contação de histórias. E pensar que poderia inventar um conto selvagem e maravilhoso! A barriga de sua mãe! A mãe de Eleanor era alta e magra, puxada e apertada todas as manhãs em vestidos que nunca amarrotavam e certamente não esticavam. Era impensável que algo pudesse ter crescido dentro dela. Nem uma pérola, muito menos Eleanor.

A história fez Eleanor se entusiasmar com Beatrice e, apesar de suas diferenças, as duas meninas começaram a se tornar amigas. Eleanor não tinha muitos amigos, só o pai e o Sr. Llewellyn, e a novidade de ter uma garota da sua idade para brincar era enorme. Ela mostrou à prima todos os seus lugares especiais: o córrego de trutas no bosque; a curva em que a água de repente se tornava funda; a árvore mais alta de cujo topo, se alguém subisse, poderia vislumbrar a casca queimada da casa grande ao longe. Ela até levou Beatrice num passeio à velha casa de barcos, cenário amado de todos os seus passatempos mais importantes. Passou a acreditar que estavam recebendo uma grande visita, até certa noite, quando, deitada de costas em suas camas, a prima disse:

– Mas você deve se sentir tão *sozinha* aqui, só você, sozinha, no meio do nada, sem nada para fazer.

Eleanor tinha ficado impressionada com o engano da descrição. Como Beatrice poderia dizer uma coisa dessas quando havia tanta coisa para fazer em Loeanneth? Claramente, era hora de apresentar a prima à sua brincadeira favorita e mais secreta.

No dia seguinte, antes de amanhecer, ela acordou Beatrice, fez sinal para que ela ficasse quieta e, então, a levou até o lago, onde as árvores eram selvagens e as enguias deslizavam nas profundezas sombrias. Lá, iniciou a prima nas Aventuras do Vovô Horace. Os diários do grande homem estavam no escritório do andar de cima, amarrados com uma fita amarela. Eleanor não devia saber que eles estavam lá, mas sempre se metia em apuros por ir a lugares fora dos limites, por ouvir coisas que não devia, e ela as conhecia de cor. Recontou as que ele havia descrito, suas viagens pelo Peru e pela África e sobre o gelo no norte do Canadá e outras que ela inventou. Então, com a ajuda de Zephyr, ela representou, para edificação e entretenimento de Beatrice, sua *pièce de résistance*, a morte horrível do velho, como detalhado na carta dirigida a “quem interessar possa” e escondida dentro da capa traseira no fim do diário inacabado. Beatrice assistiu com os olhos arregalados, depois aplaudiu, riu e disse com alegre admiração:

– Não é de admirar que sua mãe diga que você é um pouco selvagem.

Eleanor piscou, surpresa e bastante satisfeita com a inesperada descrição.

– Ela disse à minha mãe que estava desesperada para preparar você para ir a Londres.

– Londres? – Eleanor franziu o nariz. – Mas eu não vou para Londres.

Ela ouvira a palavra antes. Londres lembra “longe”. Sempre que seus pais discutiam, a palavra era empunhada como uma espada.

– Estou me acabando neste lugar desolado – dizia a mãe de Eleanor. – Quero ir para Londres. Sei que isso o assusta, Henri, mas lá é o meu lugar. Eu deveria estar convivendo com o tipo certo de pessoas. Não esqueça que fui convidada para ir a Buckingham uma vez, quando era jovem!

Eleanor ouvira *essa* história particular mil vezes e não lhe dera nenhuma atenção. Ela ficara curiosa, porém: nunca soubera que o pai tivesse medo de alguma coisa e imaginou Londres como a casa da ilegalidade e do caos.

– É uma cidade grande – disse ele quando a filha perguntou –, cheia de carros, ônibus e pessoas.

Eleanor percebera a sombra não verbalizada por trás de sua resposta.

– E tentações?

Ele ergueu os olhos depressa, procurando os dela.

– Onde você ouviu uma coisa dessas?

Eleanor deu de ombros. A palavra viera dos lábios do próprio pai quando ele e o Sr. Llewellyn conversavam na casa de barcos e ela estava roubando morangos selvagens dos arbustos ao lado do córrego.

Ele suspirou.

– Para alguns, sim, um lugar de tentações.

E o pai parecia tão triste que Eleanor pôs sua pequena mão na dele e disse com veemência:

– Eu nunca irei lá. Nunca vou deixar Loeanneth.

Ela disse a mesma coisa à prima Beatrice, que sorriu para ela da mesma maneira afetuosa e piedosa de seu pai.

– Bem, claro que você vai, boba. Como vai encontrar um marido morando em um lugar assim?



Eleanor não queria ir a Londres e não queria encontrar um marido, mas em 1911, quando tinha 16 anos, fez as duas coisas. Ela não queria. Seu pai tinha morrido, Loeanneth fora colocada nas mãos de um agente imobiliário e sua mãe a levava a Londres para casá-la pelo maior lance. Em sua fúria e impotência, Eleanor tinha prometido a si mesma que não se apaixonaria. Elas estavam hospedadas na grande casa de tia Vera, nos limites de Mayfair. Fora decidido que Beatrice e Eleanor deviam participar da temporada juntas e, como era bastante previsível em se tratando de Constance e Vera, as batalhas entre as irmãs foram traçadas em torno das perspectivas de casamento das respectivas filhas.

Assim, numa tarde de fim de junho, num quarto num segundo andar em Londres, com um dia de verão se transformando em neblina do lado de fora da janela, uma camareira, com suor escorrendo pela testa, puxava o corpete de uma moça rebelde e dizia:

– Fique parada, Srta. Eleanor. Nunca lhe darei um peito se não ficar completamente imóvel.

Nenhuma das empregadas gostava de vesti-la, Eleanor tinha certeza disso. Havia um canto na biblioteca com um respiradouro que se conectava à despensa aonde as criadas iam para evitar o mordomo. Eleanor as ouviu quando estava escondida da mãe. Acompanhado por uma fraca onda de fumaça de cigarro, ela entreouviu o seguinte: “Nunca fica parada”, “manchas em suas roupas!”, “Com um pouco de esforço...”, “Se ela ao menos tentasse...”, “mas, meu Deus, aquele cabelo!”.

Eleanor olhou para seu reflexo. Seu cabelo *era* selvagem, sempre fora, uma bagunça de ondas castanho-escuras que resistia a todas as tentativas de domesticá-la. O efeito, combinado com os membros teimosamente magros e os olhos arregalados, sempre com um foco estudioso, era absolutamente desagradável. Sua natureza, tinha sido levada a entender, era igualmente defeituosa. A babá Bruen costumava estalar a língua e lamentar em voz alta a “falta da vara” e a “alimentação irrestrita de uma paixão perversa” que permitiram que a criança se transformasse em uma “decepção para a mãe” e, pior, “para Deus!”. Os sentimentos de Deus permaneciam um mistério, mas a decepção da mãe de Eleanor vivia estampada em seu rosto.

Falando do diabo: Constance deShiel chegou à porta do quarto vestida com toda a elegância, os cabelos (arrumados, louros, lisos) empilhados no alto da cabeça em cachos elaborados, joias pendendo do pescoço. Eleanor arreganhara os dentes. A venda de joias como essas teria salvado Loeanneth. A mãe acenou, dispensando a criada, e assumiu a tarefa de amarrar o corpete de Eleanor. Ela puxou com força suficiente para fazer a filha ofegar e se lançou imediatamente numa lista dos jovens elegíveis que estariam no baile Rothschild naquela noite. Era difícil acreditar que aquela era a mesma pessoa que se recusara resolutamente a responder às perguntas do pai sobre compras extravagantes, afirmando de maneira ardilosa:

– Você sabe que não tenho cabeça para detalhes.

A lista era exaustiva, nenhuma característica de qualquer pretendente em potencial era considerada irrelevante demais para ser incluída.

Sem dúvida, havia algumas mães e filhas para quem essa rotina teria sido agradável. Eleanor e Constance deShiel, no entanto, não estavam entre elas. A mãe era estranha a Eleanor, uma figura fria e distante que nunca gostara dela. Eleanor não tinha certeza do motivo *exato* (havia boatos entre os criados de Loeanneth de que a patroa sempre quisera um filho) e não se importava muito. O sentimento era mútuo. Havia uma ponta de loucura no entusiasmo de Constance essa noite. A prima Beatrice (que, nos anos seguintes, desenvolvera uma boa imagem e um vício nada saudável nos romances de Elinor Glyn) fora mencionada na mais recente Circular da Corte e, de repente, a disputa tornou-se muito mais urgente.

–... o filho mais velho de um visconde – disse Constance. – Seu avô fez fortuna com algum tipo de acordo com a Companhia Britânica das Índias Orientais... Incrivelmente ricos... ações e títulos... importações dos Estados Unidos...

Eleanor franziu a testa para o próprio reflexo, odiando o modo como essas conversas implicavam conluio. Essas palavras, essas roupas, essas expectativas eram constrangimentos dos quais ela queria fugir. Ela não pertencia a essa Londres de estuque e pavimentação; de provas de vestidos pela manhã na Madame Lucille em Hanover Square e carruagens à tarde entregando cartões para marcar mais uma rodada de chá e tagarelice. Ela não se importava com o fervoroso conselho distribuído pela revista *The Lady* sobre a gestão de empregados, a decoração da casa e o que fazer com os pelos das narinas.

Sua mão foi até a corrente que usava em volta do pescoço, o pingente que guardava escondido sob a roupa – não um medalhão, mas um dente de tigre em prata, presente de seu pai. Acariciando suas bordas familiares e suaves, deixou a visão se embaçar para que não se visse mais, apenas uma forma vagamente humana. Quando seu contorno vacilou, o mesmo aconteceu com sua concentração. A voz da mãe se tornou um zumbido ao fundo, até que, de repente, ela não estava mais no quarto em Londres, mas em casa, na sua verdadeira casa, Loeanneth, sentada junto ao rio com o pai e o Sr. Llewellyn, tudo em ordem no mundo.



Naquela noite, Eleanor estava à beira da pista de dança observando a mãe girar. Era grotesco o modo como Constance saltitava ao redor do salão de baile, os lábios grandes e vermelhos, o peito ofegante, as joias cintilando enquanto ela valsava e ria com um parceiro de rosto rosado após outro. Por que não podia ser como todas as outras senhoras delicadas? Acomode-se em um assento junto da parede e admire as guirlandas de lírios enquanto alimenta secretamente o desejo de estar em casa, em um banho morno, a cama feita e sua garrafa de água quente esperando por ela. Seu atual parceiro de dança falou perto de sua orelha e, quando Constance riu, sua mão saltou para o decote e as coisas voltaram a Eleanor: sussurros que tinham corrido entre os criados quando ela era pequena, passos no corredor ao amanhecer, homens estranhos voltando de meias para seus quartos. Cada pequeno músculo no rosto de Eleanor se contraiu e uma raiva de tigre ardeu dentro dela. Para ela, não havia pecado maior do que a deslealdade. A pior coisa que uma pessoa podia fazer era quebrar uma promessa.

– Eleanor! Olhe! – sussurrou Beatrice rapidamente ao seu lado, a empolgação, como sempre, se manifestando sob a forma de leve sofrimento respiratório.

Eleanor seguiu o olhar da prima e viu um jovem animado com um queixo irregular se aproximando à luz vacilante das velas. Ela sentiu uma emoção semelhante ao desespero. Seria amor? Aquele arranjo? Vestir-se com a melhor roupa, pintar uma máscara no rosto, dançar com os passos aprendidos, as perguntas e respostas seguindo um roteiro?

– Claro que é! – exclamou Beatrice quando Eleanor disse isso.

– Mas não devia haver mais? Não devia haver um elemento de reconhecimento?

– Ah, Eleanor, você é tão ingênua! A vida não é um conto de fadas, você sabe. Isso fica muito bem nos livros, mas magia não existe.

Não pela primeira vez desde sua rápida mudança para Londres, Eleanor ansiou pela companhia do Sr. Llewellyn. Normalmente, era devotada à troca de cartas, valorizando cada correspondência que recebia e guardando cópias das que escrevia em livros especiais de três vias, mas havia algumas ocasiões em que apenas o imediatismo de uma conversa real e adequada com uma alma compreensiva era apropriado. O que ela teria dado pelo conforto fundamental de saber que era compreendida! Ela não estava falando de magia. Estava falando de uma verdade essencial. O amor como um fato consumado, uma realidade, em vez de um acordo mutuamente benéfico entre dois partidos adequados. Ela estava ponderando se deveria dizer isso quando Beatrice cantou entre os dentes, com seu sorriso mais encantador:

– Ora, venha, querida, ponha um rosto feliz e vamos ver quantos olhares conseguimos ganhar.

Eleanor murchou. Era em vão. Ela não tinha interesse em atrair olhares de homens com os quais não se importava nem um pouco. Homens mimados levando vidas fáceis, de prazer egoísta. Seu pai dissera uma vez que os pobres podiam sofrer a miséria, mas os ricos tinham que lidar com a inutilidade e não havia nada como a ociosidade para devorar a alma de uma pessoa. Quando Beatrice se entretive com outra coisa, Eleanor escapuliu pela multidão em direção à saída.

Ela subiu as escadas degrau por degrau, sem destino em mente, contente enquanto a música desaparecia atrás dela. Essa havia se tornado sua rotina, deixar o salão o mais cedo possível e depois explorar a casa na qual o baile estava sendo realizado. Eleanor era boa nisso. Tinha prática, porque se esgueirava através dos bosques de Loeanneth com o fantasma do avô Horace, tornando-se invisível. Chegou a um patamar onde uma porta estava entreaberta e decidiu que era um lugar tão bom quanto qualquer outro para começar.

Estava escuro dentro da sala, mas o luar se espalhava através da janela como mercúrio e Eleanor pôde ver que era um tipo de escritório. A parede mais distante era coberta por estantes de livros e havia uma grande mesa sobre um tapete no meio. Ela se sentou à mesa. Talvez fosse o cheiro de couro, talvez fosse simplesmente porque ele nunca estava longe de seus pensamentos, mas Eleanor imaginou seu pai, o escritório em Loeanneth onde muitas vezes o encontrara, a cabeça inclinada sobre uma lista de números enquanto lutava contra as dívidas da família. Ele havia enfraquecido em seus últimos meses e já não era capaz de andar com ela pelos prados e através do bosque, como fazia antes. Eleanor se propusera a trazer seu amado mundo natural para ele, coletando objetos no início da manhã e, depois, levando-os para mostrar-lhe, contando todas as coisas que tinha visto, ouvido e cheirado. Um dia, ela estava conversando sobre a mudança do tempo quando ele levantou a mão para que ela parasse. Disse-lhe que havia falado com seu advogado.

– Já não sou um homem rico, minha linda menina, mas esta casa está segura. Tomei providências para que Loeanneth não possa ser vendida e você nunca fique sem sua casa.

Quando chegou o momento, porém, os documentos tinham desaparecido e a mãe de Eleanor negou ter conhecimento deles.

– Ele falava um monte de bobagens no final – disse ela.

Com um olhar para a porta fechada, Eleanor acendeu a lâmpada de mesa e um vasto retângulo de luz amarela apareceu na superfície. Tamborilou com as pontas dos dedos na madeira enquanto considerava os acessórios. Um porta-canetas de marfim esculpido, um mata-borrão, um diário costurado. Havia um jornal aberto e ela começou a folhear suas páginas. Mais tarde, toda a sequência de eventos seria costurada na história “Como eles se conheceram” e adquiriria um ar de reverência e inevitabilidade. Na época, porém, Eleanor estava simplesmente fugindo da previsibilidade e do tédio do baile lá embaixo. Ela não tinha ideia, enquanto lia a manchete sobre os tigres do Extremo Oriente que haviam chegado ao zoológico de Londres, de que uma porta tinha se aberto. Sabia apenas que o dente de Zephyr de repente ficara quente contra sua pele e que ela precisava ver aqueles tigres pessoalmente.

8

Londres, junho de 1911

A oportunidade de Eleanor apareceu dois dias depois. Uma viagem ao Festival do Império tinha sido planejada e todos na casa de Vera estavam devidamente animados.

– Imagine só – exclamara Beatrice sobre o xerez na noite anterior –, verdadeiros membros de tribos, vindos da África!

– Uma máquina voadora, uma exibição! – gritou Vera.

– Um triunfo para o Sr. Lascelles – concordou Constance, antes de acrescentar, um pouco esperançosa: – Pergunto-me se ele próprio estará lá. Ouvi dizer que é um grande amigo do rei.

O Palácio de Cristal brilhava à luz do sol quando o Daimler parou à entrada. A mãe, a tia e a prima de Eleanor foram ajudadas a saltar do carro e Eleanor as seguiu, levantando seu olhar para observar o espetacular edifício de vidro. Era bonito e impressionante, como todos diziam, a ponto de Eleanor sentir suas bochechas corarem de expectativa. Não, porém, porque ela estava ansiosa para passar um dia vendo os tesouros do Império. Eleanor tinha algo muito bem planejado na cabeça. Seu grupo seguiu por dentro da seção britânica e uma boa meia hora foi gasta concordando com a superioridade de tudo que havia ali dentro antes de passarem para as delícias exóticas das colônias. Havia flores para serem admiradas na seção de floricultura, figuras atléticas a serem apreciadas no Campo de Cadetes do Governo Ultramarino, o próprio local da exibição para ser avaliado. Ficando para trás, Eleanor obrigava-se a acenar com a cabeça quando necessário. Por fim, quando chegaram ao Labirinto Medieval, ela vislumbrou uma oportunidade. O labirinto estava cheio e não foi difícil para Eleanor se separar do grupo. Ela simplesmente virou à esquerda quando os outros viraram à direita e, depois, voltou para trás e escapou por onde tinham vindo.

Andou depressa, com a cabeça baixa por causa da terrível possibilidade de ver alguém que sua mãe conhecesse, passando pela Arena Esportiva do Império, em direção às pequenas fazendas, sem parar, até chegar à entrada da ferrovia na Sydenham Avenue. Lá, seu espírito deu pulos de alegria. Eleanor abriu o mapa que havia pegado emprestado no escritório de seu tio Vernon e verificou novamente a rota que tinha planejado no banheiro na noite anterior. De acordo com sua pesquisa, tudo o que tinha de fazer era tomar o bonde 78, perto da Norwood Road, que a levaria à estação Victoria. De lá, poderia fazer o resto do caminho a pé, cruzando o Hyde Park, Marylebone e o Regent's Park. Era preferível se manter nos parques. As ruas de Londres eram como rios de ruído e algazarra correndo pela cidade, tudo tão rápido e feroz que, às vezes, Eleanor sentia que poderia ser derrubada.

Naquele dia, porém, ela estava animada demais para ter medo. Correu pela calçada até a parada do bonde, o coração galopando diante da perspectiva de ver os tigres e, mais do que isso, com a imensa alegria de estar sozinha pela primeira vez em semanas. O bonde 78 veio deslizando em sua direção. Ela fez sinal, pagou sua passagem com as moedas que tinha pegado emprestadas no escritório do tio Vernon e, simples assim, estava a caminho. Quando se sentou, mal podia conter o sorriso. Sentia-se adulta e intrépida, uma aventureira que ia vencer todos os obstáculos em seu caminho. Os laços que ela pensara que estivessem quebrados agora estavam fortalecidos: com sua infância, com sua vida anterior, com seu antigo eu; ela sentiu uma emoção semelhante à de quando brincava de “As Aventuras do Vovô Horace”. Quando o bonde enfim cruzou a ponte

Vauxhall e deslizou em seus trilhos através de Belgravia, Eleanor acariciou o pingente de dente de tigre na corrente debaixo de sua blusa.

A estação Victoria estava um caos, com pessoas andando em todas as direções, um mar de cartolas, bengalas e saias longas. Eleanor desceu do bonde e atravessou a multidão o mais rápido que pôde, saindo para a rua, onde as carruagens puxadas por cavalos e os cocheiros se empurravam de um lado para outro, a caminho dos chás. Ela poderia ter dado pulos de alegria por não estar a bordo de uma delas.

Parou um instante para se orientar e, então, seguiu pelo Grosvenor Place. Ela andava depressa e estava ofegante. Londres tinha um cheiro diferente, uma mistura desagradável de estrume com fumaça de chaminé, de velho e novo, e ela ficou feliz quando entrou no Hyde Park e sentiu o perfume de rosas. As babás em uniformes engomados desfilavam grandes carrinhos pela terra vermelha de Rotten Row e o gramado estava coberto por espreguiçadeiras verdes baratas. Barcos a remo salpicavam o Serpentine como patos enormes.

– Compre suas lembranças aqui! – gritou um vendedor ambulante, sua barraca cheia de bandeiras comemorativas da coroação e fotos da nova e enorme estátua da paz diante do Palácio de Buckingham.

(“Paz?”, seu tio gostava de bufar a cada vez que a carruagem passava pela estátua, o mármore branco brilhando contra a pedra suja e escura do palácio. “Nós teremos sorte se esta década terminar sem outra guerra!” Um olhar presunçoso tomava seu rosto severo depois de dizer isso – não havia nada de que ele gostasse mais do que da expectativa de más notícias. “Não seja estraga-prazeres, papai”, repreendia Beatrice, antes que sua atenção fosse desviada por uma carruagem. “Oh, veja, não é a carruagem dos Manners? Você ouviu a última de lady Diana? Ela se vestiu de preto para um baile de caridade em que deviam ir todos de branco! Dá para imaginar a raiva de lady Sheffield!”)

Agora Eleanor estava correndo. Em direção à Bayswater Road, sob o Marble Arch, pelos limites de Mayfair, até Marylebone. A placa para a Baker Street a fez pensar de novo no tio Vernon, que se intitulava detetive e se divertia muito com Sherlock Holmes. Eleanor pegou emprestado alguns livros de mistério no escritório do tio, mas não era uma entusiasta. A arrogância do racionalismo ia de encontro a seus amados contos de fadas. Mesmo naquela hora, o pressuposto de Holmes de que não havia nada que não pudesse ser explicado por um processo de dedução humana a deixava furiosa. Tão furiosa que, quando se aproximou do Regent’s Park, esqueceu completamente o rio de veículos que tinha de atravessar. Caminhou direto para a rua sem olhar e não notou o ônibus até que ele estivesse quase em cima dela. Naquele instante, quando o enorme anúncio do chá Lipton se abateu sobre ela, Eleanor soube que ia morrer. Seus pensamentos vieram rapidamente: ela estaria com o pai de novo, não teria mais que se preocupar em perder Loanneth, mas, aí, que pena não ter visto os tigres! Fechou os olhos, esperando que a dor e o esquecimento a atingissem.

O golpe, quando veio, tirou seu fôlego, uma força em torno de sua cintura enquanto ela era jogada de lado, deixando-a sem ar ao cair com força no chão. A morte não era como ela esperava. Os sons giravam, seus ouvidos zuniam e sua cabeça tombou. Quando abriu os olhos, eles se encheram com a imagem do rosto mais bonito que já vira. Eleanor nunca confessaria isso a ninguém, mas, por anos depois disso, ela sorria ao se lembrar de que, naquele momento, achara que estivesse frente a frente com Deus.

Não era Deus. Era um rapaz, um homem, jovem, não muito mais velho do que ela, com cabelos castanho-claros e uma pele que ela sentiu um súbito desejo de tocar. Ele estava no chão ao lado dela, um braço sob seus ombros. Seus lábios se moviam; o homem estava dizendo alguma coisa que Eleanor não conseguia entender, além de fitá-la fixamente, primeiro em um olho, depois no outro. Por fim, enquanto o ruído e o movimento giravam ao redor deles – uma multidão se reunira –, um sorriso surgiu no rosto dele, ela pensou como era esplendorosa sua boca para então, rapidamente, desmaiar.



Seu nome era Anthony Edevane e ele estudava em Cambridge para se tornar médico – um cirurgião, para ser mais preciso. Eleanor descobriu isso no balcão de bebidas da estação Baker Street, aonde ele a levou após o

incidente com o ônibus e lhe comprou uma limonada. Ele ia encontrar um amigo ali, um rapaz de cabelos cacheados escuros que usava óculos, o tipo de rapaz cujas roupas, Eleanor poderia dizer apenas de olhar para ele, sempre pareciam vestidas às pressas e cujos cabelos nunca ficariam arrumados como deveriam. Eleanor poderia lidar com isso. Ela gostou dele de cara.

– Howard Mann... – Anthony gesticulou para o rapaz desgrehado. – Esta é Eleanor deShiel.

– É um prazer conhecê-la, Eleanor – disse Howard, pegando sua mão. – Que surpresa encantadora. Como conhece esse cara?

Eleanor ouviu da própria voz:

– Ele acabou de salvar minha vida.

Pensou, então, como era esquisito falar isso.

Howard, no entanto, não se mostrou surpreso.

– Ah, foi? Não é de surpreender. Esse é o tipo de coisa que ele faz. Se não fosse meu melhor amigo, acho que o odiaria.

Poderia ter sido estranha, essa conversa bem-humorada em um café da estação subterrânea com dois homens estranhos, mas, como Eleanor descobriu, ser salva da morte certa de certo modo livrava uma pessoa das normas usuais do que dizer e como dizer. Eles falavam fácil e livremente; quanto mais ouvia, mais ela gostava daqueles dois. Anthony e Howard implicavam muito um com o outro, mas de um jeito afável e, portanto, inclusivo. Ela se viu expressando opiniões de uma maneira que não fazia havia muito tempo, rindo, acenando e discordando, às vezes com uma veemência que teria horrorizado sua mãe.

Os três conversaram ferozmente sobre ciência e natureza, política e honra, família e amizade. Eleanor descobriu que Anthony queria ser cirurgião mais do que qualquer coisa na vida e que esse desejo vinha de quando era um garotinho e a empregada favorita dele morreu de apendicite por falta de um médico qualificado. Que Howard era o único filho de um conde extremamente rico que passava seus dias na Riviera Francesa com a quarta esposa e enviava o dinheiro para os cuidados do filho a um fundo administrado por um gerente do banco Lloyds de Londres. Que os dois rapazes tinham se conhecido no primeiro dia de escola, quando Anthony emprestara a Howard seu chapéu reserva para que ele não fosse castigado pelo inspetor por estar sem o uniforme completo e também que eram inseparáveis desde então.

– Mais como irmãos – disse Anthony, dando a Howard um sorriso caloroso.

O tempo voou e, durante uma rara pausa na conversa, Howard franziu a testa de leve e disse a Eleanor:

– Não quero estragar a festa, mas acaba de me ocorrer que alguém deve estar sentindo sua falta.

Ela ficou chocada ao olhar o relógio de seu pai (ela o usava desde que ele morrera, para grande aborrecimento de sua mãe) e perceber que haviam se passado três horas desde que ela havia se perdido de sua família no labirinto. Teve uma súbita visão da mãe em um estado de apoplexia emocional.

– Sim – concordou ela, sombria. – É uma possibilidade real.

– Bem – disse Howard –, deveríamos levá-la para casa. Certo, Anthony?

– Certo – respondeu Anthony, franzindo a testa para o relógio e batendo no vidro como se a hora que ele mostrava estivesse errada. – Sim, claro.

Eleanor se perguntou se era apenas imaginação sua a nota de relutância na voz dele.

– É terrivelmente egoísta de nossa parte mantê-la aqui conversando quando você de fato deveria estar descansando a cabeça – concluiu Anthony.

De repente, Eleanor foi tomada por um desejo desesperado de não se separar deles. *Dele*. Ela começou a fazer objeções. O dia tornara-se maravilhoso e ela se sentia muitíssimo bem; o último lugar aonde ela planejava ir era para casa. Tinha chegado até ali, estava tão perto do zoológico e ainda nem vira os tigres! Anthony estava dizendo algo sobre sua cabeça e o impacto da queda, o que era típico dele, mas, realmente, ela insistiu, sentia-se bem. Um pouco tonta, tentou se levantar, mas era apenas especulação. Estava muito quente dentro do café e ela não tinha almoçado e... Ah! Talvez se ela se sentasse por mais um tempo, para recuperar o fôlego, esperar que sua visão clareasse...

Ele era insistente; ela era teimosa. Howard foi quem decidiu. Com um pequeno sorriso de desculpas,

pegou o braço dela enquanto Anthony ia pagar a conta.

Eleanor o observou se afastar. Ele era inteligente e gentil, tinha um fascínio óbvio pelo mundo e tudo o que tinha a oferecer. Também era muito bonito. Aqueles cabelos louro-escuros e cheios, a pele bronzeada pelo sol, um olhar que era elétrico, com curiosidade e paixão por aprender. Ela não tinha certeza se não era sua experiência de quase morte lhe pregando peças, mas ele parecia brilhar. Era tão cheio de ânimo, energia e confiança que de alguma forma parecia mais vivo do que todos os outros ao redor.

– Ele é especial, não é? – perguntou Howard.

A pele de Eleanor brilhou. Ela não tinha intenção de ser tão óbvia.

– Ele é o aluno mais inteligente da turma, ganhou a maioria dos prêmios acadêmicos na nossa formatura. Não que ele vá lhe contar isso. É modesto.

– É mesmo?

Ela fingiu apenas um interesse amável e educado.

– Quando ele se formar, planeja fazer cirurgias naqueles que não têm recursos. O número de crianças que não fazem operações vitais por falta de dinheiro para pagar um cirurgião é vergonhoso.

Eles a levaram de volta para Mayfair no Rolls-Royce Silver Ghost de Howard. O mordomo de Vera abriu a porta, mas Beatrice, que estava olhando pela janela do quarto, desceu as escadas correndo.

– Oh, meu Deus, Eleanor – sussurrou –, sua mãe está *enlouquecida*! – Então, percebendo Anthony e Howard, se recompôs e bateu os cílios. – Como vão?

– Beatrice – disse Eleanor com um sorriso –, permita-me apresentar Howard Mann e Anthony Edevane. Edevane acabou de salvar a minha vida.

– Bem, então – falou Beatrice sem hesitar – acho que é melhor entrarem para tomar um chá.

A história foi contada novamente, com chá e bolo de limão. Constance, com as sobrancelhas arqueadas e os lábios apertados, fervilhava de perguntas não formuladas sobre por que Eleanor estava em Marylebone, mas manteve firmemente a compostura enquanto agradecia a Anthony.

– Edevane? – perguntou, esperançosa. – Não é o filho de lorde Edevane?

– Isso mesmo – respondeu Anthony, alegre, enquanto pegava um segundo pedaço de bolo. – O mais novo dos três filhos.

O sorriso de Constance desapareceu. (“Terceiro filho?”, esbravejou ela para Vera mais tarde. “Terceiro filho?! Um terceiro filho não tem nada que ficar salvando meninas na rua. Ele deveria ir para o seminário, pelo amor de Deus!”)

Para Eleanor, porém, isso explicava tudo. Sua natureza tranquila, despretensiosa, o ar inexplicável, quase régio, que ele tinha, o modo como se conheceram. Ele era o terceiro filho.

– Você nasceu para ser o herói de uma história – disse ela.

Anthony riu.

– Não sei, mas tenho sorte de ser o terceiro.

– Ah, é? – O tom frio de Constance baixou um pouco a temperatura da sala. – E por quê?

– Meu pai já tem um herdeiro e um substituto, o que me deixa livre para fazer o que quiser.

– E o que seria exatamente, Sr. Edevane?

– Tornar-me médico.

Eleanor começou a explicar que Anthony estava, de fato, estudando para ser cirurgião, que dedicaria sua vida a ajudar as pessoas menos afortunadas, que tinha ganhado todos os tipos de prêmio acadêmico importante, mas esses detalhes foram ignorados por Constance, que interrompeu bruscamente:

– Sem dúvida um homem de sua classe não precisa trabalhar para ganhar a vida. Não sei se seu pai aprova isso.

Anthony olhou para ela e a força de seu olhar era tanta que todo o calor que restava foi sugado da sala. O ar ficou carregado. Eleanor nunca tinha visto ninguém enfrentar sua mãe e prendeu a respiração, esperando para ver o que ele ia dizer.

– Meu pai, Sra. DeShiel, viu, como eu, o que se tornam os homens entediados e privilegiados, que foram

poupados do esforço de ganhar seu dinheiro. Não pretendo passar meus dias sentado procurando formas de preencher o tempo. Quero ajudar as pessoas. Pretendo ser útil. – E então ele se virou para Eleanor, como se fossem as únicas pessoas na sala, e disse: – E você, Srta. DeShiel? O que quer da vida?

Algo mudou naquele momento. Foi uma mudança sutil, mas decisiva. Ele era deslumbrante e ficou claro para Eleanor que o encontro deles naquela manhã era coisa do destino. O laço entre eles era tão forte que quase podia visualizá-lo. Havia tanto para lhe contar e, ao mesmo tempo, Eleanor tinha a estranha porém esclarecedora certeza de que não precisava dizer nada a ele. Podia ver isso em seus olhos, no modo como a olhava. Ele já *sabia* o que ela queria da vida. Que não tinha nenhuma intenção de se tornar uma daquelas mulheres que se sentavam para jogar bridge e fofocar, esperando seus cocheiros as levarem em carruagens. Ela queria muito mais e isso era muito, muito para colocar em palavras agora. Então ela disse apenas:

– Eu quero ver aqueles tigres.

Anthony riu e um sorriso se espalhou em seu rosto enquanto ele estendia as mãos com as palmas para cima.

– Bem, isso não é difícil de arranjar. Descanse a cabeça esta tarde e amanhã eu a levarei lá. – Ele se virou para a mãe de Eleanor e acrescentou: – Se a senhora não tiver nenhuma objeção, Sra. DeShiel.

Estava claro para todos que a conheciam que Constance estava cheia de objeções, queria dizer não, proibir que esse jovem excessivamente confiante – um *terceiro* filho! – levasse sua filha aonde quer que fosse. Eleanor não tinha certeza se já tinha visto a mãe desgostar tanto de alguém, mas havia muito pouco que Constance pudesse fazer. Ele vinha de uma boa família, tinha salvado a vida de sua filha, estava se oferecendo para levá-la ao lugar que ela acabara de dizer que tinha um profundo desejo de visitar. Seria ruim dizer não. Constance plantou um sorriso amargo no rosto e conseguiu emitir um pequeno grunhido de assentimento. Era apenas uma formalidade. Todos na sala podiam sentir que as forças tinham pendido para um lado e que, a partir desse momento, Constance teria um papel muito pequeno na corte da filha.

Depois do chá, Eleanor levou os dois rapazes até a porta. Howard disse calorosamente:

– Espero vê-la de novo em breve, Srta. DeShiel. – Em seguida, olhou para Anthony com um sorriso de sabedoria. – Vou-me adiantando, para esquentar o motor do carro.

Anthony e Eleanor, agora sozinhos, estavam sem palavras.

– Então... – disse ele.

– Então...

– Zoológico. Amanhã.

– Sim.

– Você promete que não vai entrar na frente de um ônibus antes?

Ela riu.

– Prometo.

A testa dele se franziu de leve.

– O que foi? – perguntou ela, de repente envergonhada.

– Nada. Não é nada. É só que gosto do seu cabelo.

– Disto?

A mão dela tocou um punhado de cabelos, em seu estado mais selvagem depois da animação inesperada do dia.

Ele sorriu e, dentro dela, algo estremeceu.

– Disso. Eu gosto disso. Muito.

E então ele se despediu e ela o observou partir. E, quando entrou e fechou a porta, Eleanor soube, de uma forma simples e clara, que *tudo* havia mudado.



Seria errado dizer que eles se apaixonaram nas semanas seguintes, pois já estavam apaixonados no primeiro dia. E, ao longo da quinzena, com a prima Beatrice se provando uma acompanhante bastante relaxada, eles mal se separaram. Foram ao zoológico, onde Eleanor finalmente viu os tigres; passaram dias inteiros em Hampstead, descobrindo jardins ocultos na charneca e segredos um do outro; exploraram o museu Victoria and Albert e o Museu de História Natural; e assistiram ao espetáculo do balé imperial oito vezes. Eleanor não foi a mais nenhum baile a menos que Anthony também estivesse lá. Caminharam ao longo do Tâmsa, conversando e rindo, parecendo que se conheciam desde sempre.

No final de suas férias, na manhã em que deveria voltar a Cambridge, Anthony se desviou do caminho para vê-la. Não esperou até que entrassem, mas disse-lhe ali, na soleira da porta:

– Vim com a ideia de lhe pedir que me esperasse.

O coração de Eleanor começou a bater sob o vestido, mas sua respiração ficou presa quando ele acrescentou:

– E então percebi que não seria certo.

– Percebeu? Não é certo?

– Não. Eu não poderia lhe pedir para fazer algo que eu mesmo não poderia fazer.

– Eu *posso* esperar...

– Bem, eu *não posso*, nem mais um dia. Não posso viver sem você, Eleanor. Tenho que perguntar... Você acha... Você quer se casar comigo?

Eleanor sorriu. Não precisava pensar duas vezes.

– Sim! – exclamou ela. – Sim, mil vezes! Claro que quero!

Anthony girou-a e a beijou quando a pôs de volta no chão.

– Nunca amarei ninguém além de você – disse ele, afastando mechas de cabelo do rosto dela.

Ele falou com uma certeza que a fez estremecer. O céu era azul, o norte é oposto ao sul e ele, Anthony Edevane, só amaria a ela.

Ela prometeu a mesma coisa e ele sorriu, satisfeito, mas não surpreso, como se já soubesse que era verdade.

– Sabe, não sou um homem rico. Nunca serei rico.

– Eu não me importo.

– Não posso lhe dar uma casa como esta.

Ele fez um gesto para a grande casa da tia Vera.

– Você sabe que não me importo com essas coisas.

– Ou uma casa como aquela em que você cresceu, Loeanneth.

– Não preciso disso – afirmou ela, pela primeira vez convicta. – Você é minha casa agora.



Eles estavam felizes em Cambridge. Os aposentos de Anthony eram pequenos, mas limpos, e Eleanor os transformou em lar. Ele estava nos últimos anos de estudo e passava a maioria das noites, depois do jantar, debruçado sobre os livros; Eleanor desenhava e escrevia. Sua inteligência e sua bondade eram evidentes até na forma como ele franzia a testa para os livros, as mãos se movendo às vezes, enquanto lia sobre a melhor maneira de realizar uma determinada cirurgia. Eram mãos inteligentes, gentis e hábeis.

– Ele sempre foi capaz de fazer, construir e consertar as coisas – a mãe dele dissera a Eleanor quando se encontraram pela primeira vez. – Quando era pequeno, gostava de desmontar o relógio de estimação do meu marido. Sorte nossa, e dele!, que sempre conseguiu montá-lo de volta.

Sua vida juntos não era complexa. Eles não iam a grandes eventos da sociedade, mas recebiam os amigos mais próximos e queridos em reuniões pequenas e íntimas. Howard costumava compartilhar uma refeição, ficar muito tempo à noite para conversar, rir e discutir tomando uma garrafa de vinho. Os pais de Anthony

faziam visitas ocasionais, perplexos, mas educados demais para comentar, com as circunstâncias precárias em que seu filho mais novo e sua nova esposa tinham escolhido viver. E o Sr. Llewellyn era um hóspede frequente. Com sua sabedoria e bom humor, e seu evidente amor paternal por Eleanor, ele logo se tornou um amigo querido de Anthony também. O vínculo foi ainda mais reforçado quando Anthony descobriu que, muito antes de seu talento para contar histórias fazer dele uma estrela literária acidental, o Sr. Llewellyn também tinha estudado medicina (embora como clínico, não cirurgião).

– Você nunca teve vontade de praticar? – perguntou Anthony mais de uma vez, incapaz de entender o que poderia manter um homem longe de sua vocação.

Mas Llewellyn sempre sorria e balançava a cabeça.

– Encontrei algo com o qual tenho mais afinidade. Melhor deixar esses assuntos para homens capazes como você, cujo sangue arde com a necessidade de ajudar e curar.

Quando Anthony se formou em seu treinamento pré-clínico com a máxima distinção acadêmica e uma medalha universitária, o Sr. Llewellyn foi convidado para se sentar ao lado de Eleanor e de seus pais para vê-lo receber o diploma. Enquanto o vice-reitor fazia seu discurso animador sobre a idade adulta e seus deveres – “Se um homem não pode ser útil a seu país, é melhor que morra” –, o Sr. Llewellyn se inclinou para sussurrar ironicamente no ouvido de Eleanor:

– Que cara alegre... Ele me lembra a sua mãe.

Ela teve que reprimir uma gargalhada. Mas os olhos do velho brilhavam de orgulho enquanto observava o seu jovem amigo se formar.

Anthony estava falando sério quando disse que o dinheiro não tinha nenhuma importância para ele, tampouco para Eleanor, mas a vida podia ser sorrateira e fez com que, em pouco tempo, eles viessem a ser muito ricos. Eles estavam casados havia nove meses quando, no cais de Southampton, se despediram dos pais e dos irmãos mais velhos dele, que estavam viajando juntos para Nova York.

– Você gostaria de ir também? – perguntou Anthony em meio ao barulho da multidão.

Eles tinham falado de viajar com a família, mas o orçamento de Anthony não era suficiente para comprar as passagens e ele se recusou a permitir que os pais pagassem. Ele se sentia mal, ela sabia, constrangido por não poder bancar esses luxos. Eleanor não poderia ter se importado menos. Ela deu de ombros.

– Eu fico enjoada no mar.

– Nova York é uma cidade incrível.

Ela apertou sua mão.

– Não me importo onde estou, desde que seja com você.

Anthony lhe lançou um sorriso tão cheio de amor que ela ficou sem fôlego. Enquanto se viravam para acenar, Eleanor se perguntou se era possível ser tão feliz. As gaivotas planavam e mergulhavam, meninos com chapéus de pano corriam ao lado do navio que partia, saltando sobre cada obstáculo.

– Impossível afundar – disse Anthony, balançando a cabeça quando o transatlântico se afastou. – Imagine só.



Em seu segundo aniversário de casamento, Anthony sugeriu que fossem passar o fim de semana em um lugar à beira-mar que ele conhecia. Depois de meses lamentando a perda dos pais e irmãos para o frio do oceano Atlântico, eles enfim tinham algo importante para comemorar.

– Um bebê – disse ele quando ela lhe contou, um olhar de profundo espanto no rosto. – Imagine! Uma pequena mistura de mim e de você.

Eles pegaram um trem bem cedo de Cambridge a Londres e fizeram baldeação em Paddington. A viagem era longa, mas Eleanor tinha preparado uma cesta de piquenique e eles almoçaram no caminho, enchendo as horas com conversas e leitura, as mais recentes jogadas em uma disputa em andamento além dos períodos em

que apenas ficaram alegremente sentados lado a lado, de mãos dadas, observando pela janela os campos passarem.

Quando enfim chegaram à sua estação, um motorista estava esperando e Anthony ajudou Eleanor a entrar no automóvel. Partiram por uma estrada estreita e sinuosa e no aconchegante interior do veículo a viagem de um dia finalmente cobrou seu preço. Eleanor bocejou e inclinou a cabeça para trás contra o assento do carro.

– Você está bem? – perguntou Anthony gentilmente e, quando Eleanor disse que sim, estava falando sério.

Ela não tinha certeza, da primeira vez que ele mencionou a viagem, de como se sentiria tão perto do local de sua infância. Se sofreria a perda de seu pai e de sua casa de novo. Agora, porém, percebeu que sofreria, claro, mas, embora não houvesse como escapar do fato de que havia tristeza no passado, o futuro ainda era seu – era deles – e tinham que aproveitar.

– Estou contente por termos vindo aqui – disse ela, apoiando a palma da mão sobre a barriga levemente arredondada enquanto a estrada se afilava para seguir a linha do oceano. – Faz tanto tempo que não vejo o mar.

Anthony sorriu e estendeu a mão para ela. Ela olhou para a mão dele, grande, sobre a dela, pequena, e se perguntou como poderia ser tão feliz.

Foi na companhia dessas lembranças que adormeceu. Acontecia facilmente agora que estava grávida; ela nunca se sentira tão cansada. O motor do automóvel continuou a vibrar, a mão de Anthony permaneceu quente sobre a dela e o cheiro de sal impregnou o ar. Eleanor não sabia ao certo quanto tempo tinha se passado até que ele a cutucou e disse:

– Acorde, Bela Adormecida.

Ela se sentou e se espreguiçou, piscando para a luz azul do dia quente e deixando o mundo tomar forma novamente diante de seus olhos.

Eleanor respirou fundo.

Pois ali estava Locanneth, sua querida, amada e perdida casa. Os jardins estavam crescidos, a casa estava mais velha do que ela se lembrava – e ainda assim era perfeita.

– Bem-vinda ao lar – disse Anthony, levantando a mão para beijá-la. – Feliz aniversário, feliz aniversário de casamento, feliz começo de tudo.



Os sons vieram antes da visão. Um inseto zumbia contra uma vidraça, breves e ferozes rajadas de ansiedade estática, seguidas por um silêncio momentâneo, e outro ruído em seguida, mais suave, porém mais insistente, um arranhão incessante que Eleanor conhecia, mas não conseguia identificar. Ela abriu os olhos e se viu em um lugar que era escuro, exceto por um feixe deslumbrante de luz entre as cortinas. Os cheiros eram familiares, de um quarto fechado contra o calor do verão, de cortinas de brocado espessas e tábuas sombrias e frescas no teto, a luz solar envelhecida. Era seu quarto, percebeu, o que ela dividia com Anthony. Locanneth.

Eleanor fechou os olhos outra vez. Sua cabeça estava girando. Ela estava grogue e fazia muito calor. Tinha sido quente assim no verão em que chegaram juntos, em 1913. Os dois, pouco mais que crianças, tinham vivido um tempo glorioso sem o mundo mais amplo e seus ritmos. A casa precisava muito de reparos, então eles se instalaram na casa de barcos, o querido local de brincadeiras de sua infância. O alojamento era primitivo – uma cama, uma mesa, uma cozinha básica e um pequeno banheiro –, mas eles eram jovens apaixonados e costumavam viver com quase nada. Mais tarde, por anos, quando Anthony estava fora, servindo na guerra, e ela sentia sua falta, sempre que ficava triste, sozinha ou deprimida ia para a casa de barcos, levando consigo as cartas de amor que ele lhe escrevia. Ali, mais do que em qualquer outro lugar, ela era capaz de tocar a felicidade e a verdade que tinha sentido naquele verão, antes que a guerra viesse arruinar seu paraíso.

Eles faziam todas as refeições ao ar livre, ovos cozidos e queijo de uma cesta de piquenique, bebiam vinho debaixo da árvore de lilás no jardim murado. Desapareciam no bosque e roubavam maçãs da fazenda vizinha, deslizavam pelo córrego em seu pequeno barco, enquanto uma hora suave se transformava na seguinte. Em uma noite clara e silenciosa, tiraram as velhas bicicletas do galpão e seguiram junto ao caminho de terra, correndo, rindo, respirando o sal do ar quente enquanto o luar fazia as pedras, ainda quentes do dia, brilharem.

Foi o verão perfeito. Ela sabia disso naquele momento. O feitiço longo e ensolarado, a juventude deles, o amor novo e envolvente que haviam encontrado; mas também havia forças maiores atuando. Aquele verão foi um começo para os dois – sua nova família, sua vida juntos –, mas, também, foi o fim de algo. Eles, junto com o resto da humanidade, estavam à beira de um precipício. Os ritmos de sua vida, inalterados por gerações, estavam prestes a receber uma sacudida sísmica. Havia pessoas que tinham vislumbrado o que estava por vir, mas não Eleanor. O futuro parecia inimaginável. Ela estava felizmente envolvida no presente sublime e inebriante, em que tudo o que importava era o dia a dia. Mas nuvens de guerra estavam se reunindo e o futuro espreitava nas sombras...

O inseto ainda estava batendo na vidraça e Eleanor suportou outra onda de sofrimento quando voltou ao presente. Theo. As perguntas do repórter, o fotógrafo, Alice na porta da biblioteca. Eleanor conhecia aquele olhar no rosto de Alice. Era a mesma expressão que tinha quando Eleanor a pegou gravando seu nome nas vigas da casa, a mesma forma de quando a cozinheira a mandou para o andar de cima como castigo por roubar açúcar da despensa e de quando estragou seu vestido novo com grandes manchas de tinta preta.

Alice parecia culpada, certamente, mas havia mais do que isso. Ela parecia prestes a falar. Mas o que Alice poderia querer dizer? E a quem? Ela sabia de alguma coisa? Tivera sua entrevista com o policial, como todos os outros na casa. Seria possível que ela tivesse informações sobre o paradeiro de Theo que ainda não mencionara?

– Como poderia? – disse uma voz no escuro. – Ela ainda é só uma criança.

Eleanor não tivera a intenção de falar em voz alta e a percepção de que havia feito isso era inquietante. Ela olhou pela escuridão do quarto. Sua boca estava seca – provavelmente efeito da medicação que o Dr. Gibbons lhe dera. Estendeu a mão para o copo de água na mesa de cabeceira e a pessoa além dele se tornou mais clara na escuridão: sua mãe, sentada na cadeira de veludo marrom junto à mesa. Eleanor logo perguntou:

– Alguma notícia?

– Ainda não. – A mãe estava escrevendo cartas, a caneta arranhando o velino. – Mas o bom policial, o mais velho, o que tinha o olho ruim, me disse que receberam informações que poderiam ser úteis.

– Informações?

– Ora, Eleanor, você sabe que não tenho cabeça para detalhes.

Eleanor tomou um gole de água. Sua mão tremeu e sua garganta ardeu. Tinha que ser Alice. Ela podia imaginar a segunda filha olhando para o policial encarregado, a confiança animando seus traços ansiosos enquanto pegava aquele seu diário e começava a ler as anotações. Observações e teorias nas quais ela “apenas acreditava” eram relevantes.

E talvez Alice realmente pudesse ajudar. Talvez ela tivesse visto algo que levaria a polícia a Theo. A menina tinha desenvolvido um hábito estranho de estar onde não deveria.

– Preciso falar com Alice.

– Você precisa descansar. Esses comprimidos para dormir do Dr. Gibbons são com um soco, ou pelo menos foi o que me disseram.

– Mãe, por favor.

Um suspiro.

– Não sei onde ela está. Você sabe como é a garota. Deveria saber. Você era igualzinha nessa idade. Uma mais teimosa que a outra.

Eleanor não negou a comparação. E, para ser honesta, tampouco poderia contradizer a descrição, embora “teimosa” talvez fosse uma escolha preguiçosa. Havia outras mais adequadas. Eleanor preferia pensar em sua versão mais jovem como tenaz. Devotada, até.

– O Sr. Llewellyn, então. Por favor, mãe. Ele vai saber onde encontrar Alice.

– Também não *vi*. Na verdade, a polícia estava atrás dele. Ouvi dizer que não conseguiram encontrá-lo em lugar nenhum. Havia um boato de que ele tinha partido. Muito peculiar, mas ele nunca foi muito confiável e está mais assustado do que um gato ultimamente.

Eleanor tentou se sentar. Naquele dia, não tinha condições de considerar o antigo desprezo de sua mãe pelo Sr. Llewellyn. Ela teria que encontrar Alice sozinha. Ah, mas sua cabeça estava latejando. Ela a segurou com as mãos e Edwina choramingou na beirada da cama.

Só mais um ou dois minutos para se equilibrar, era tudo de que precisava. Para parar seus pensamentos de desordem, para fazer sua cabeça parar de girar. Constance estava simplesmente dizendo injúrias. Eleanor sabia que não havia como o Sr. Llewellyn tê-la abandonado num momento como aquele. Ele estivera ansioso nas últimas semanas, isso era verdade, mas era seu amigo mais querido. Ele tinha que estar em algum lugar no jardim, cuidando das meninas. Essa era a única coisa que explicava sua ausência ao seu lado. E, quando ela o encontrasse, encontraria Alice.

Por mais turva que estivesse sua mente, por mais que ela quisesse desesperadamente se afundar na cama e se esconder sob as cobertas, para negar o horror do dia, Eleanor estava determinada a falar com Alice. A filha sabia alguma coisa sobre o desaparecimento de Theo, Eleanor estava certa disso.

Passou-se quase uma semana desde que Sadie tropeçara pela primeira vez em Loanneth para, então, voltar ao bosque todos os dias. Não importava em que direção saísse para correr de manhã, ela sempre acabava no jardim descuidado. Seu lugar favorito para descansar era a ampla borda de uma fonte de pedra com vista para o lago, e numa manhã, enquanto estava sentada ali, viu uma inscrição bruta feita no contorno sombrio da base da fonte. A-L-I-C-E. Sadie passou o dedo pelas letras.

– Olá, Alice – disse ela. – Parece que nos encontramos de novo.

Essas inscrições estavam por toda parte. Nos troncos das árvores, na madeira macia dos peitoris das janelas, na plataforma escorregadia de musgo da casa de barcos que ela descobrira e explorara outro dia. Sadie tinha começado a sentir como se ela e Alice Edevane estivessem em um elaborado jogo de gato e rato ao longo das décadas, uma conexão acentuada pelo fato de que ela passara a semana mergulhada na leitura de *Um prato frio*, enquanto fingia estar de férias (para o bem de Bertie) e tentava resolver as coisas com Donald (deixara para ele seis mensagens desde segunda-feira, fizera inúmeras outras ligações e ainda não tivera retorno). Apesar de sua dúvida inicial, a leitura tinha se provado um passatempo surpreendentemente agradável. Sadie gostava de Diggory Brent, o detetive de pávio curto, e sentia um prazer desmedido em encontrar as pistas antes dele. Era difícil imaginar que a mulher de rosto severo retratada nas capas dos romances policiais fora uma delinquente juvenil, vandalizando a casa da família. No entanto, isso também fazia Sadie gostar de Alice de alguma forma inexplicável. Assim como a intrigava que uma escritora famosa por inventar mistérios complexos estivesse envolvida, ainda que não diretamente, numa investigação criminal de verdade, sobretudo numa que nunca foi resolvida. Ela se perguntou o que havia acontecido primeiro: a escolha do gênero ou o desaparecimento do irmãozinho.

Durante toda a semana, diante do silêncio de Donald, enquanto lutava contra um profundo sentimento de impotência, Sadie se pegava pensando na casa abandonada e na criança desaparecida, intrigada por esse quebra-cabeça. Preferia ter voltado para Londres, para seu verdadeiro emprego, mas qualquer coisa era melhor do que ficar vendo o tempo passar e, além disso, seu interesse não poderia passar despercebido.

– Já resolveu? – perguntava Bertie sempre que ela e os cachorros entravam pela porta da frente de sua casa.

Havia um tom de brincadeira em sua voz quando dizia isso, como se ele estivesse feliz por vê-la ocupada, mas com cautela. Aparentemente, ela não conseguira convencê-lo por completo de ter tirado férias. Às vezes, percebia que Bertie a observava com uma expressão pensativa e tinha ciência de que as perguntas sobre sua súbita visita à Cornualha e a ausência do trabalho se escondiam por trás de seus lábios. Sadie era boa em sair furtivamente da casa, a mochila pendurada nos ombros e os cães atrás dela. As escapadas mais pareciam uma barragem prestes a estourar.

Os cães, por sua vez, adoraram a novidade. Corriam à frente de Sadie, trocando de lugar enquanto atravessavam o bosque, antes de saírem juntos da trilha, perseguindo um ao outro na grama alta e deslizando sob a cerca de teixos para retomar a briga com os patos. Sadie ficava para trás, mas também livros não eram leves e sua mochila estava cheia deles hoje, oferta de seu novo amigo Alastair Hawker, bibliotecário da aldeia.

Desde a primeira vez em que ela o encontrara, ele foi tão útil quanto sua coleção limitada permitia. Infelizmente, não era muito. Era culpa de Hitler. Uma bomba durante a Segunda Guerra Mundial havia destruído os registros dos jornais dos anos anteriores a janeiro de 1941.

– Sinto muito mesmo – disse Alastair. – Eles não estão disponíveis on-line, mas posso encomendá-los na British Library, talvez encontrar alguma coisa para você começar.

Sadie comentou que isso seria ótimo e ele começou a trabalhar, digitando intensamente em um teclado de computador e folheando cartões de arquivo antigos em um conjunto de gavetas de madeira, antes de se desculpar e sumir, a passos largos, atrás de uma porta marcada com a palavra *Arquivos*.

– Sucesso – disse ele quando voltou, espanando a poeira do topo de uma pequena pilha de livros. – *Famílias córnicas notáveis* – leu, abrindo no sumário e deslizando o dedo por uma lista até parar em um ponto no meio do caminho. – Capítulo 8: Os DeShiels de Havelyn.

Sadie olhou para ele, não convencida.

– A casa que me interessa se chama Loeanneth.

– A Casa do Lago, sim, mas fazia parte de uma propriedade muito maior. Creio que Loeanneth era originalmente a residência do jardineiro-chefe.

– E os DeShiels?

– Eram gente daqui, extremamente poderosos em seu tempo. Aquela velha história: força e influência diminuíram junto com o saldo bancário da família. Algumas decisões empresariais imprudentes, alguns óvulos ruins, a série obrigatória de escândalos aristocráticos. – Ele agitou o livro. – Você vai encontrar tudo aqui.

Sadie foi embora com a nova carteirinha, seu primeiro cadastro em uma biblioteca; uma fotocópia do “Capítulo 8: Os DeShiels de Havelyn”; e *O menino Edevane*, de Arnold Pickering, um relato arrebatador sobre o desaparecimento, que a detetive tinha a hesitante honra de ser a primeira a pegar emprestado desde agosto de 1972. Também pegou um exemplar em bom estado de *Um prato frio*.

Naquela tarde, enquanto Bertie estava ocupado fazendo bolo de pera, Sadie se instalou no quintal da casa, ouvindo o suspiro e o quebrar das ondas e lendo sobre a família DeShiel. Era, como disse o bibliotecário, um conto de grandeza e declínio. Sadie percorreu as primeiras centenas de anos – como Elizabeth I ordenou cavaleiro um marinheiro DeShiel que conseguira roubar grandes quantidades de ouro dos espanhóis, a concessão de terras e títulos, as várias mortes, os casamentos e heranças que se seguiram –, voltando a ficar interessada por volta de 1850, quando a sorte da família deu uma guinada ruim. Havia a sugestão de uma espoliação, algo a ver com uma plantação de cana-de-açúcar nas Índias Ocidentais, uma grande dívida de jogo e, depois, no dia de Natal de 1878, um incêndio que começou no corredor da área de serviço e destruiu grande parte da casa da família. Ao longo dos trinta anos seguintes, a propriedade foi dilapidada e vendida pouco a pouco, até que tudo o que restou à família DeShiel foram a Casa do Lago e os hectares ao redor dela.

Os Edevanes, no fim das contas, eram apenas uma nota de rodapé na história da casa. A três parágrafos do fim do capítulo, o autor observou que Eleanor deShiel, a última na linhagem da família, se casou com Anthony Edevane em 1911, então Loeanneth foi restaurada e mantida para uso como casa de campo. Não houve menção ao desaparecimento de Theodore Edevane, fato que surpreendeu Sadie até que ela percebeu que *Famílias córnicas notáveis* fora publicado em 1925, quase uma década antes de o menino desaparecer. Na verdade, oito anos antes do nascimento dele.

Na ausência dessa intriga, o autor tinha focado no status de Eleanor deShiel como inspiração para *O portal mágico de Eleanor*, de Daffyd Llewellyn, um livro infantil que fora um grande sucesso na primeira década do século XX. “Se não fosse por sua improvável relação com a perspicaz filha de seu amigo, Llewellyn teria continuado a ser médico, sem nunca descobrir seu dom para contar histórias, e gerações de crianças seriam privadas de uma história preciosa.” Llewellyn continuou escrevendo e ilustrando e, nas honrarias de 1934, foi premiado com uma Ordem do Império Britânico póstuma por seus serviços à literatura. De acordo com Alastair Hawker, o livro ainda existia, mas não tinha resistido à prova do tempo, assim como alguns contemporâneos seus. Sadie tinha que aceitar sua palavra. Não o lera quando criança. Ganhara um exemplar de presente dos avós, mas sua mãe e seu pai achavam que o livro era “sem sentido”, rejeitando, como era

previsível, os elementos mágicos da história e enfiando-o com desagrado no mesmo lugar misterioso onde desapareciam outros livros de aventura.

A edição que tinha agora no colo fora publicada em 1936. O papel era macio e poeirento, entremeado com páginas brilhantes de imagens que começavam a manchar na borda. Gravuras, Alastair tinha explicado quando ela pegou o livro emprestado com ele na segunda-feira. A história era sobre uma menina que vivia em uma casa grande e solitária, com um pai gentil mas inútil e uma madrasta fria e com aspirações à sociedade. Um dia, quando seus pais estavam em Londres, a garota pôs-se a vagar ao redor da casa cheia de correntes frias e se viu diante de uma porta que ela nunca notara. Do outro lado, encontrou um homem enrugado e de cabelos brancos, “como o próprio Senhor do Tempo”, as paredes ao redor de sua cama cobertas, do chão ao teto, de mapas desenhados à mão e paisagens cuidadosamente esboçadas. “O que você está fazendo aqui?”, perguntou ela, como qualquer um faria. “Eu estava esperando por você”, disse ele em resposta, antes de contar a história de uma terra mágica e distante onde um erro terrível foi cometido e acabou com a paz, permitindo que a guerra e o conflito florescessem. “Só há uma pessoa que pode consertar as coisas, e é você”, disse ele.

Seguindo seus mapas, a menina descobriu um túnel no jardim descuidado que a levou à terra mágica. Lá, ela se juntou a um bando de moradores oprimidos e viveu uma série de aventuras e batalhas para derrotar o usurpador perverso e restaurar a paz e a felicidade naquela terra. Quando, enfim, voltou pelo túnel, foi para descobrir que não tinha passado tempo algum e, no entanto, sua casa tinha mudado completamente. Seu pai estava feliz, sua mãe ainda vivia, a casa e o jardim tinham perdido a tristeza. Ela correu para contar ao velho seu sucesso, mas encontrou o quarto vazio. Seus pais disseram que ela devia ter sonhado e a menina quase acreditou neles, até que descobriu, escondido debaixo do papel de parede no dormitório vazio, um único mapa da terra mágica.

Sentada na borda da fonte, Sadie deu uma mordida no sanduíche de queijo que trouxera em sua mochila e ergueu o livro diante de si, comparando uma ilustração da casa impressa no volume com a verdadeira, logo atrás.

Mais tarde pediu a Alastair que encontrasse algumas informações adicionais sobre o autor, Daffyd Llewellyn. De acordo com o prefácio, ele era um amigo próximo da família Edevane e não havia dúvidas de que tinha se inspirado em Locanneth. A casa na ilustração de Llewellyn era uma versão morta da casa de verdade. Ele tinha até capturado a inclinação da janela no lado esquerdo. Sadie levava dias observando até perceber que a janela não era quadrada. Ela se virou para a prancha marcada *fig. ii*, uma ilustração de uma garotinha de cabelos selvagens com roupas antiquadas de pé ao lado de um pilar de pedra com um anel de bronze na base. O brilho do sol era incrivelmente forte e Sadie teve que estreitar os olhos para ler a linha de texto sob a foto: *Lá, sob o mais profundo, mais escuro, mais sussurrante salgueiro, Eleanor encontrou o que o mapa do velho tinha prometido. “Puxe o anel”, o ar ao redor dela parecia sussurrar; “puxe o anel e veja o que acontece”.*

Sadie jogou a casca do sanduíche para um bando de cisnes insistentes e limpou a mão na calça de corrida. Pelo que ela deduziu, esses livros infantis eram todos iguais. A criança isolada encontra a entrada para um mundo mágico e então se segue aventuras e heroísmo. O mal é vencido, os velhos contadores de histórias são libertados das maldições e tudo se ajeita no mundo. Parecia que muitas crianças sonhavam em fugir da infância, ter poder sobre o próprio destino. Sadie poderia lidar com isso. Alguns atravessaram a parte de trás de um guarda-roupa, outros subiram em uma árvore encantada, Eleanor tinha encontrado uma escotilha no jardim. Ao contrário de alguns portais, o de Eleanor era real. Sadie ficara maravilhada quando encontrou na terça-feira de manhã o anel de bronze e o pilar, exatamente como a história dizia, escondidos sob um salgueiro particularmente barulhento no outro lado do lago. Naturalmente, ela tentou abri-lo, mas, apesar de reunir todas as suas forças, o alçapão não se movera.

Suas infâncias podiam ter sido bem diferentes, mas, mesmo assim, Sadie sentia uma ligação com Eleanor Edevane. Ela gostava da garotinha do conto de fadas, de seu espírito de honra, bravura e malícia. Era exatamente o tipo de garota que Sadie teria amado ser quando pequena. Mas também havia algo além disso. Sadie sentia-se ligada a Eleanor por causa de algo que ela encontrara antes na antiga casa de barcos junto ao

córrego. Ela entrara por uma janela quebrada em um quarto que fora montado com uma cama, uma mesa e alguns outros móveis básicos. Tudo estava coberto de poeira e sujeira sob um velho cobertor úmido e, mesmo depois de uma busca minuciosa, Sadie não encontrou nada útil, exceto apenas uma coisa que poderia ser, com justiça, chamada de interessante. O envelope tinha escorregado para trás da cabeceira da cama e perdeu-se por mais de meio século. Dentro dele havia uma única folha de papel com um elaborado desenho de folhas de hera verdes ao redor das bordas – a segunda página de uma carta com o nome de Eleanor no final.

Era uma carta de amor, escrita quando ela estava grávida, na qual, em meio a declarações íntimas de que seu amado tinha salvado sua vida, ela tentava transmitir ao marido as mudanças milagrosas que aconteciam conforme seu bebê crescia – *uma pequena mistura de mim e de você*. No início, Sadie presumira que o bebê era Theo Edevane, até que notou o lamento pungente de Eleanor por seu amor estar muito longe, seu desejo de que ele pudesse estar perto, pois sentia desesperadamente a falta dele. Sadie percebeu então que a carta deveria ter sido escrita quando Anthony estava na França, durante a Primeira Guerra Mundial. De acordo com o “DeShiel de Havelyn”, os Edevanes tiveram três filhas: Deborah, nascida antes da guerra; Clementine, depois; e Alice, no meio. Assim, o bebê cujo nascimento Eleanor antecipava com tanto desejo deveria ser Alice. Apaixonada e honesta, a carta fornecia uma visão tão forte do caráter de Eleanor que Sadie quase podia ouvir a voz dela, clara e verdadeira, atravessando esses noventa anos.

Ela fechou o livro da biblioteca com um baque, levantando uma nuvem de partículas de poeira. O sol estava alto e a umidade evaporava da superfície do lago. A luz refletida dançava na parte de baixo dos galhos inclinados e as folhas brilhavam, incrivelmente verdes. Apesar do calor, Sadie estremeceu ao olhar para a casa. Mesmo sem a sua ligação com *O portal mágico de Eleanor*, o lugar ainda lhe dava a estranha sensação de ter saído das páginas de um conto de fadas. Quanto mais tempo passava no jardim de Loanneth, quanto mais aprendia sobre a casa e as pessoas que tinham vivido nela, a cada nova marca de A-L-I-C-E que encontrava, menos intrusa se sentia. E, no entanto, não conseguia afastar a sensação de que a casa a observava.

Ridículo, um absurdo fantasioso. Era o tipo de coisa que a nova amiga de Bertie, Louise, poderia pensar. Donald gargalhava em sua mente. Reagia à quietude, à falta de habitação humana e de seu legado. As casas não deviam ficar vazias. Uma casa sem ocupantes, especialmente uma como aquela, ainda cheia dos pertences de uma família, era a coisa mais triste e inútil do mundo.

Sadie seguiu o reflexo das nuvens enquanto ele se movia pelas janelas do primeiro andar, seus olhos parando na janela da extrema esquerda. O quarto do bebê, o último lugar onde Theo Edevane fora visto antes de desaparecer. Ela pegou um seixo e rolou-o, pensativa, entre o polegar e o indicador, avaliando o peso na palma da mão. Ali era o ponto crucial. Essa casa poderia ter sido facilmente esquecida, exceto pela história ligada a ela, a infâmia do desaparecimento do menino. Ao longo do tempo, a infâmia ganhou um eco e, por fim, virou folclore. O conto de fadas de um menino perdido e uma casa lançada em um sono eterno, parando de respirar enquanto o jardim continuava a crescer, descuidado, em torno dela.

Sadie arremessou o seixo no lago, num arco preguiçoso que terminou com um estrondoso *ploft*. Sem dúvida, o elemento de conto de fadas era um dos aspectos mais complicados do caso. Casos antigos eram sempre um desafio, mas aquele tinha um fator extra: o folclore. A história fora contada e repetida tantas vezes que todos passaram a aceitar o seu mistério. Se fossem honestas, a maioria das pessoas de fora, que não estavam envolvidas, não desejaria uma solução. Que o mistério não tivesse solução era parte de seu apelo. Mas não era feitiçaria ou magia e as crianças não se desmaterializavam espontaneamente. Elas se perdiam, eram roubadas ou traficadas. Mortas às vezes, também, mas, em sua maioria, doadas ou roubadas. Sadie franziu o cenho. Havia tantas crianças na sombra lá fora, separadas dos pais, puxando as saias das mães. Para onde esse menino tinha ido?

Alastair foi fiel à sua palavra, fazendo um pedido das cópias dos artigos de jornal originais, e Louise, amiga de Bertie, que parecia “estar dando uma passadinha” sempre que Sadie entrava na cozinha, prometera perguntar na ala de geriatria do hospital se alguém sabia de alguma coisa. Sadie tinha confirmado com o registro de terras que a casa era atualmente propriedade de Alice Edevane, mas, apesar das reivindicações

orgulhosas dos habitantes da região, tornara-se público que a autora “local” morava em Londres e não aparecia na aldeia havia décadas. Sadie tinha encontrado um endereço, mas nenhum e-mail. Ela ainda não obtivera resposta a nenhuma de suas cartas. Enquanto isso, contentava-se com o exemplar da biblioteca de *O menino Edevane*, de Arnold Pickering.

O livro tinha sido publicado em 1955, como parte de uma série chamada Mistérios Córnicos, que também incluía um volume de aparições de fadas e a história de um notório navio fantasma que havia aparecido na baía. Esses dois não inspiraram confiança em Sadie e, com certeza, o relato de Pickering sugeria um amor muito maior pela intriga do que pela verdade. O livro não arriscou uma teoria sensata, preferindo permanecer escravo do “misterioso desaparecimento naquela noite de solstício”. No entanto, continha o que parecia ser um resumo decente dos acontecimentos e ela não estava em condições de escolher muito.

Sadie tirou suas anotações recém-escritas em uma pasta que havia rotulado de Edevane. Estava se tornando um ritual diário lê-las, ali na borda da velha fonte. Era como Sadie sempre trabalhava, absorvendo cada detalhe de um caso repetidamente, até que pudesse recitar o conteúdo de um arquivo de cor. Donald a chamava de obsessiva (ele era mais dedutivo), mas Sadie achava que o que um homem chamava de obsessão, para uma garota era devoção e, se houvesse uma maneira melhor de descobrir falhas, omissões e discrepâncias nas provas, ela ainda não sabia qual era.

De acordo com Pickering, Theodore Edevane foi visto pela última vez às onze horas, na noite da festa, quando sua mãe foi ao quarto dar uma olhada nele. Era a mesma hora em que ia lá todas as noites, antes de se deitar, e o menino costumava dormir até a manhã seguinte. Ele era um bom dorminhoco, como Eleanor Edevane disse à polícia, e raramente acordava durante a noite.

Sua visita ao bebê na noite da festa foi confirmada por uma das empregadas, que viu a Sra. Edevane sair do quarto e se deter para falar brevemente com outro empregado nas escadas. A criada confirmou o horário como pouco depois das onze e disse que ela sabia disso porque estava carregando uma bandeja de taças de champanhe usadas de volta para a cozinha, a fim de que fossem lavadas para que os convidados as tivessem de volta para os fogos de artifício à meia-noite. O criado de plantão na porta da frente relatou ter visto a Sra. Edevane sair da casa pouco após as onze e, depois disso, nenhum dos convidados ou membros da família entrou até o fim da festa, exceto para ir ao banheiro no térreo.

A Sra. Edevane passou o resto da noite na casa de barcos, de onde as gôndolas levavam os convidados para passeios pelo córrego iluminado por lanternas, e se retirou para a cama logo após o nascer do sol, quando os últimos convidados partiram, presumindo que seus filhos estavam onde deveriam estar. Ela adormeceu rapidamente e foi acordada às oito horas por uma criada que lhe informou que Theo não estava no berço.

A família fez uma busca preliminar, mas sem grande senso de urgência e sem alertar os convidados que passaram a noite na casa. Uma das filhas dos Edevanes – a mais nova, Clementine – tinha o hábito de sair cedo e, às vezes, levava o irmãozinho se ele estivesse acordado quando ela passava pelo seu quarto. Foi o que pensaram ter acontecido.

O café da manhã ainda estava sendo servido na sala de jantar quando Clementine Edevane voltou à casa, sozinha, logo depois das dez. Como não sabia do paradeiro do irmão, relatando que a porta de seu quarto ainda estava fechada quando ela passou, às seis, a polícia foi chamada. O menino foi oficialmente declarado desaparecido e uma busca maciça foi iniciada.

Embora Pickering parecesse feliz por acreditar que o garoto tinha simplesmente desaparecido durante a noite, incluiu um pequeno resumo das investigações, delineando duas explicações oficiais para o sumiço de Theodore Edevane: o menino se perdera ou fora sequestrado. A teoria de ele ter se perdido ganhou força quando se descobriu que seu ursinho favorito também tinha sumido, mas, à medida que a busca se expandia e nenhum vestígio da criança era encontrado, a polícia, à luz da riqueza da família, ficou convencida de que o mais provável fosse um sequestro. Em algum momento entre as onze horas da noite do solstício e as oito da manhã seguinte, alguém entrou no quarto e pegou o garoto.

Parecia uma suposição razoável, com a qual Sadie estava inclinada a concordar. Ela olhou para o outro

lado da lagoa em direção à casa e tentou se imaginar na festa, como descrita por Pickering: pessoas em todos os lugares, lanternas e foguetes, gôndolas com passageiros risonhos vagando pelo córrego iluminado, uma fogueira no meio do lago. Música e risos e o barulho de trezentas pessoas conversando.

Se o menino tivesse saído andando – e Pickering citou um relatório de jornal em que Anthony Edevane dizia que seu filho tinha começado recentemente a sair do berço e uma ou duas vezes descera as escadas –, então quais eram as chances de que ninguém na festa o tivesse visto? Pickering fez menção a alguns depoimentos incertos dos convidados de que “poderiam ter” visto uma criança, mas, evidentemente, não havia nada concreto. E, se o menino de 11 meses de algum modo tivesse conseguido evitar ser percebido enquanto cruzava o jardim, até onde era razoável presumir que ele poderia ter ido? Sadie não sabia muito sobre crianças e suas marcas, mas não era provável que até alguém que andasse bem tivesse se cansado rapidamente? A polícia havia procurado por quilômetros em todas as direções e não encontrara nada. Além disso, era incrivelmente improvável que setenta anos se passassem sem que nada aparecesse: nenhum corpo, nenhum osso, nem mesmo um pedaço de roupa.

Também havia problemas com a teoria do sequestro. Como alguém poderia ter entrado, levado a criança e depois saído outra vez sem despertar suspeitas? Centenas de pessoas estavam na casa e no jardim e, até onde Sadie podia dizer, não havia notícias sólidas de que alguém tivesse visto ou ouvido nada. Passara toda a manhã de quarta-feira examinando a casa à procura de saídas e encontrou duas, além da porta da frente, que pareciam viáveis: as portas francesas da biblioteca e outra nos fundos da casa. A biblioteca estava descartada, sem dúvida, porque a festa acontecia no jardim lá fora, mas Sadie se perguntava sobre a porta dos fundos.

Ela tentou olhar pelo buraco da fechadura e deu uma boa sacudida na porta, na esperança de que se abrisse. Mas havia uma diferença, afinal, entre arrombar e simplesmente entrar. Em geral, Sadie não era uma pessoa melindrosa a respeito disso. Porém, as coisas estavam tão estranhas com Donald, e ainda havia a sombra de Ashford, que tinha o poder e a inclinação para expulsá-la da polícia, que ela calculou que seria mais sábio se comportar da melhor forma. Subir pela janela de uma casa de barcos aparentemente vazia era uma coisa, invadir uma mansão completamente mobiliada era outra bem diferente. A sala além da porta permaneceria um mistério até que Alastair conseguisse encontrar uma planta baixa para ela no arquivo do condado.

– Eu sou louco por mapas e plantas – disse ele, mal conseguindo ocultar sua alegria por ter sido convidado a obter a planta.

Não levou muito tempo e, na quinta-feira, Sadie soube que a porta era a entrada dos empregados na cozinha.

O que não ajudava muito. A cozinha estava agitada na noite da festa. Será que não havia mesmo nenhuma forma de alguém ter fugido com Theo Edevane debaixo do braço sem ser visto?

Sadie voltou a olhar para o nome de Alice gravado em seu ponto secreto na base da fonte.

– Vamos, Alice – disse ela –, você estava lá. Dê uma pista.

O silêncio era ensurdecedor.

Bem, não o silêncio, pois não estava silencioso ali. A cada dia, à medida que o sol subia mais alto no céu, o coro de insetos pairando entre os juncos aumentava até uma estática febril. A falta de pistas é que era ensurdecedora.

Frustrada, Sadie deixou suas anotações de lado. Era muito bom tentar encontrar lacunas nas evidências, mas o método se baseava, curiosamente, em ter provas para examinar. Provas reais: declarações de testemunhas, teorias policiais, informações confiáveis. Agora, Sadie estava trabalhando apenas com os contornos mais frágeis.

Ela recolheu suas coisas, deslizando os livros e o arquivo para dentro de sua mochila, e chamou os cães. Eles vieram, relutantes, mas logo entraram no ritmo enquanto Sadie seguia seu caminho pelo jardim dos fundos, para longe da casa. Suas explorações no início da semana tinham revelado um córrego na parte traseira da propriedade que poderia ser seguido até a aldeia.

Em questão de dias, se Deus quisesse, ela teria algum material concreto. Uma das coisas mais úteis que

recolhera do livro de Pickering fora o nome dos policiais da investigação, o mais novo dos quais, afinal, ainda estava vivo e morava na área. De acordo com Pickering, aquele foi o primeiro caso de Clive Robinson depois de entrar para a polícia local. Tinha 17 anos na época e era assistente do inspetor Hargreaves.

Não foi difícil localizar o endereço de Robinson. Não para Sadie, que ainda tinha amigos na ativa. *Um* amigo, pelo menos. Um sujeito bastante agradável, em quem ela dera uns amassos, bêbada, depois de uma noite entre policiais alguns anos antes. Nenhum deles mencionara o assunto desde então, mas ele sempre ficava feliz em agilizar seus pedidos de informações. Ela havia anotado o endereço e dirigido até Polperro na tarde de quarta-feira. Não houve resposta quando bateu lá, no entanto a porta do vizinho foi mais acolhedora. Clive estava de férias em Chipre com a filha e o genro, mas estaria de volta no dia seguinte. A vizinha sabia disso, explicou, porque se ocupava de ser uma boa vizinha, pegando as correspondências e mantendo as plantas de Clive vivas até que ele voltasse. Sadie escreveu um bilhete solicitando um encontro e depois o colocou na caixa de correio. Ela agradeceu à mulher e comentou que as plantas pareciam estar muito bem. Sadie tinha um carinho especial por vizinhos como Doris, tão dispostos a ajudar.

Os cães correram à frente, cruzando o córrego em sua curva mais estreita, porém Sadie fez uma pausa. Havia algo na parte mais rasa e ela o tirou da lama, virando em seus dedos. Uma pedra oval lisa, plana como uma moeda, perfeita para ser arremessada de modo a saltar por cima da água. Bertie ensinara como encontrá-las quando ela foi morar com seus avós em Londres e eles iam passear, os três, ao redor do lago no Victoria Park. Ela arremessou a pedra, satisfeita quando a viu saltar pela superfície da água.

Procurou entre os juncos e tinha acabado de encontrar outra pedra igualmente boa quando o cintilar de uma luz e de movimento do outro lado do córrego chamou sua atenção. Sadie logo soube do que se tratava. Ela comprimiu os lábios e piscou com força. Quando olhou de novo, a criança iluminada por trás com as mãos levantadas pedindo ajuda tinha desaparecido. Sadie arremessou a pedra, observando-a com atenção enquanto seguia o percurso da anterior sobre a água. Quando enfim afundou sem deixar rastro, ela atravessou as rochas e não se permitiu olhar para trás.

10

Cornualha, 1914

– Você precisa encontrar uma bem plana – disse Anthony, revolvendo a água rasa na beira do córrego. – Como esta belezinha aqui. – Ele segurou a pequena pedra oval entre os dedos, admirando-a enquanto a virava de um lado para outro. A luz do sol brilhava atrás dele enquanto colocava a pedra na mãozinha estendida de Deborah.

A menina olhou para a pedra com admiração, o cabelo macio caindo para a frente, roçando o topo de seus olhos azuis. Ela piscou e, então, soltou um grande suspiro de alegria, tão enfaticamente satisfeita com a situação que não pôde deixar de bater os pezinhos em uma explosão de alegria. De modo previsível, a pedra escorregou de sua mão e caiu na água, respingando tudo ao redor.

A boca de Deborah formou um “O” de surpresa e, depois de uma breve inspeção de sua mão vazia, um dedo gordo disparou indignado, apontando para o lugar onde a pedra havia desaparecido.

Anthony riu e acariciou os cabelos macios da filha.

– Não se preocupe, bonequinha. De onde veio essa há muitas outras.

Sentada no tronco caído debaixo do salgueiro, Eleanor sorriu. Aquele lugar era tudo. Aquele dia de fim de verão, o cheiro do mar distante, as pessoas que ela mais amava no mundo juntas no mesmo lugar. Em dias como aquele, era como se o sol tivesse feito um feitiço e nunca mais fosse inverno, e ela quase se convenceu de que havia imaginado aquela coisa terrível... Contudo, então se distanciou do momento perfeito e o pânico voltou, a raiva corroendo seu estômago, porque cada dia passava mais rápido que o anterior e, não importava com que determinação ela tentasse frear o tempo, ele escorregava por entre seus dedos como água, como aquela pedra plana do rio pelos dedos de Deborah.

Eleanor devia ter suspirado ou franzido a testa ou, de alguma outra forma, expressado sua agitação interior, porque Howard, sentado ao seu lado, se inclinou e encostou de leve seu ombro no dela.

– Não vai durar muito – disse ele. – Ele estará de volta antes que você perceba.

– No Natal, é o que dizem.

– Nem quatro meses.

– Apenas três.

Ele pegou sua mão e apertou. Eleanor sentiu um calafrio de pressentimento. Disse a si mesma que estava sendo tola e, em vez disso, se concentrou na libélula pairando nos raios de sol. Libélulas não imaginavam que pudessem pressentir o futuro. Eles apenas voavam, desfrutando da sensação do sol em suas asas.

– Teve notícias de sua Catherine? – perguntou ela, alegre.

– Só para me dizer que ficou noiva de um primo ruivo do norte.

– Não!

– Achei que vestir o uniforme poderia impressioná-la, mas infelizmente...

– Ela que é boba. Não merece você.

– Não... Só que eu esperava que pudesse merecê-la.

Howard disse isso em tom leve, mas Eleanor sabia que, por trás do bom humor, ele estava chateado. Ele tinha se apaixonado profundamente por Catherine. Segundo Anthony, estava prestes a pedi-la em casamento.

– Há muitos outros peixes no mar – comentou ela, estremeando, porque acabou soando pouco sincera.

– Sim. Só que Catherine era um peixe muito bonito. De repente, se eu voltar da guerra com um ferimento pequeno, mas impressionante...

– Manco, talvez?

– Eu estava pensando mais em algo como um tapa-olho. Só o suficiente para me dar um certo charme canalha.

– Você é bonzinho demais para ser canalha.

– Tinha medo de que você dissesse isso. A guerra vai me endurecer, certo?

– Não muito, espero.

Junto do córrego, a pequena Deborah riu com prazer enquanto Anthony afundava os dedos dos pés no trecho mais fundo e de água mais fria. O sol tinha escorregado um pouco no céu e os dois estavam banhados em luz. A risada do bebê era contagiante e Eleanor e Howard sorriram um para o outro.

– Ele é um homem de sorte – disse Howard, num tom excepcionalmente sério. – Nunca invejei Anthony antes, e Deus sabe que eu tinha bons motivos, mas eu o invejo por isso. Por ser pai.

– Sua vez vai chegar.

– Você acha?

– Apenas sei.

– Sim, acho que você tem razão. Quem poderia resistir a mim? – Ele estufou o peito e então franziu a testa. – Além da doce Catherine, é claro.

A pequena Deborah caminhava para onde eles estavam sentados, a curta viagem tornada traiçoeira por sua pequena estatura e por não estar acostumada a caminhar. Ela estendeu a mão, apresentando uma pequena pedra com toda a solenidade de uma doação real.

– É linda, querida.

Eleanor pegou a pedra com os dedos. Estava quente e suave, então ela a esfregou com o polegar.

– Pa – disse Deborah, importante. – Pa-pa.

Eleanor sorriu.

– Isso, pa-pa.

– Vamos, pequena D – falou Howard, colocando-a sobre os ombros. – Vamos ver o que os patos estão fazendo no lago.

Eleanor os observou se afastar, a filha dando risadas agudas, adorando o passeio, enquanto tio Howard balançava e ziguezagueava entre as árvores.

Ele era um homem muito bom e gentil, mas, desde o dia que o conheceu, havia algo profundamente solitário em Howard. Mesmo seu senso de humor ou seu hábito de fazer as pessoas rirem pareciam de alguma forma apenas isolá-lo ainda mais.

– É porque ele é sozinho – disse Anthony quando Eleanor comentou o assunto com ele. – Exceto por nós. Sempre foi assim. Não teve irmãos, a mãe morreu há muito tempo e o pai nunca podia ser incomodado.

Eleanor tinha a sensação de que era por isso que gostava tanto dele, porque eram iguais, os dois, só que ela tivera a sorte de encontrar sua alma gêmea em uma rua movimentada de Londres, enquanto Howard ainda estava procurando.

– Ainda vou torná-la uma campeã de arremesso – afirmou Anthony, vindo do córrego até ela.

Eleanor afastou os pensamentos tristes e sorriu. As mangas da camisa dele estavam enroladas até os cotovelos e ela pensou, pela milésima vez, que ele tinha braços maravilhosos, mãos esplêndidas. Ele era capaz de consertar pessoas. Pelo menos seria quando terminasse o treinamento clínico, após o fim da guerra.

– Espero que sim – disse ela. – Só estou preocupada por você ter esperado tanto para começar a treiná-la. Ela tem quase 11 meses.

– Ela aprende rápido.

– E claramente tem talento.

– Nisso, puxou à mãe.

Anthony se inclinou para beijá-la, segurando seu queixo, e Eleanor absorveu o cheiro dele, sua presença e

seu calor, tentando conservar esse momento em sua memória.

Ele se sentou ao lado dela no tronco e suspirou com profunda satisfação. Como ela desejava ser como ele: certa, confiante, em paz. Em vez disso, preocupava-se constantemente. Como se viraria quando ele partisse? Como faria as coisas darem certo para a pequena Deborah? A filha já tinha uma adoração especial pelo pai, procurando-o todas as manhãs, seu rosto se alargando num sorriso de puro prazer quando via que, sim, alegria das alegrias, ele ainda estava ali. Eleanor não podia imaginar a primeira vez que aquele pequeno rosto procurasse o pai em vão, permanecendo com a expressão que antecipava a alegria. Pior: o primeiro dia que ela deixasse de procurá-lo.

– Tenho algo para você.

Eleanor piscou. Seus medos eram como moscas em um piquenique: tão rapidamente quanto ela os afastava, outros os substituíam.

– Tem?

Ele vasculhou o cesto que tinham trazido da casa e lhe entregou um pequeno pacote.

– O que é isto?

– Abra e veja.

– É um livro – disse ela.

– Não é. E você realmente não devia tentar adivinhar assim.

– Por que não?

– Um dia você vai acertar e estragar a surpresa.

– Nunca acerto.

– Isso é verdade.

– Obrigada.

– Mas para tudo há uma primeira vez.

– Vou abrir agora.

– Eu gostaria que você abrisse logo.

Ela rasgou o papel e respirou fundo. Dentro havia a mais bonita resma de papel de carta que ela já tinha visto. Eleanor passou a ponta dos dedos sobre as folhas suaves, seguindo a elegante videira que se entrelaçava ao redor das bordas.

– É para você me escrever – disse ele.

– Eu sei para que serve.

– Não quero perder nada enquanto estiver fora.

A palavra “fora” trouxe de volta a realidade do que estava prestes a acontecer. Ela havia se esforçado muito para conter suas preocupações. Ele era tão forte e seguro, e ela queria ser igual a ele, não queria decepcioná-lo, mas às vezes o medo ameaçava consumi-la.

– Você não gostou? – perguntou ele.

– Adorei.

– Então...?

– Ah, Anthony... – Suas palavras saíram apressadas: – Sei que isso não é muito corajoso da minha parte e todos nós devemos ser muito corajosos em tempos como os de agora, mas...

Ele encostou o dedo de leve em seus lábios.

– Acho que não posso suportar...

– Eu sei. Mas você pode e vai. Você é tão forte quanto qualquer outra pessoa que já conheci.

Ele a beijou e ela afundou em seu abraço. Anthony achava que ela era forte. Será que era mesmo? Será que, por causa de Deborah, ela conseguiria superar suas emoções? Eleanor afastou seus medos e se permitiu se perder na satisfação perfeita daquele momento. O córrego seguia para o mar, como sempre fizera, e ela descansou a cabeça sobre o peito quente do marido, ouvindo as batidas ritmadas de seu coração.

– Volte para casa, para mim.

– Nada vai me deter.

- Promete?
- Prometo.

Sadie foi para casa pelo caminho da biblioteca. Os cães já sabiam o que fazer e ficaram andando um pouco por ali antes de se acomodarem na esquina do prédio, perto da tigela de aço inoxidável que Alastair tinha começado a deixar para eles.

Estava escuro lá dentro, mas, depois de procurar um pouco, Sadie viu o bibliotecário agachado atrás de uma pilha de livros na seção de impressões especiais com letra grande.

Ele sorriu quando a viu.

– Tenho uma coisa para você.

Pegou um envelope tamanho A4 embaixo da mesa.

– É o que eu acho que é?

– *Polperro Post* – disse ele. – O dia seguinte ao desaparecimento.

Sadie soltou um pequeno suspiro de satisfação.

– Não é só isso. – Ele lhe entregou uma pilha espessa de páginas encadernadas com um cartão com seu nome afixado à frente por um elástico. – “Escapadas ficcionais: mães, monstros e metafísica em ficção infantil”, uma dissertação de doutorado com um capítulo sobre Daffyd Llewellyn e *O portal mágico de Eleanor*.

As sobrancelhas de Sadie se arquearam.

– E por último, mas não menos importante...

– Tem mais?

– Nosso objetivo é agradar. Outro mapa da propriedade, incluindo plantas da casa. Este é um tanto especial. Um golpe de sorte. Veio de um conjunto de documentos descoberto há alguns anos. Ficaram guardados em um velho baú. Só Deus sabe quem os colocou lá. Foram encontrados quando fizeram reformas para a virada do milênio. A água danificou seriamente os originais, que foram enviados para restauração. Só voltaram ao arquivo do condado no mês passado.

Sadie estava acenando com firmeza na esperança de que isso o apressasse. Precisou de cada gota de paciência que tinha para não abrir o envelope do arquivo do jornal e devorar seu conteúdo ali mesmo, mas ouvir o relato entusiasmado de Alastair sobre as pesquisas fazia parte do acordo. Não importava se ela já tinha uma planta perfeita da casa e da propriedade. Alastair falou, Sadie assentiu, até que, finalmente, ele respirou fundo e ela conseguiu uma brecha para agradecer e dizer alguma coisa sobre os cachorros precisarem ir para casa.

Seu humor estava estranhamente leve quando ela saiu outra vez para o dia ensolarado com os pacotes na mão. Sadie nunca teria adivinhado, nem em um milhão de anos, que alguém pudesse obter esse tipo de satisfação com uma visita à biblioteca, com certeza não alguém como ela.

Havia um pequeno hotel pintado de branco no fim da rua, com arranjos de flores tortos em cestas penduradas, vista para o porto e um conveniente banco de madeira na frente. Sadie se sentou encostada em uma placa bem cuidada que dizia “Apenas hóspedes do hotel!”, abriu o envelope e pegou o artigo lá dentro.

Seu coração pesou ao perceber que a informação não era nova. Estava claro que fora ali que Pickering tinha feito sua pesquisa. Havia pelo menos duas fotografias que ela não tinha visto antes: uma de uma mulher

elegante e sorridente sentada debaixo de uma árvore com três meninas em vestidos de verão brancos ao seu redor e um exemplar de *O portal mágico de Eleanor* em seu colo; e outra, da mesma mulher, só que dessa vez seu rosto estava sério e cansado e um homem alto e bonito tinha o braço em volta dela, a mão em sua cintura para apoiá-la. Sadie podia identificar a sala como a biblioteca de Loeanneth. Ela permanecia inalterada, a imagem emoldurada sobre a mesa perto das portas francesas. *Pais preocupadíssimos!*, clamava a manchete, antes de prosseguir: *O Sr. e a Sra. Anthony Edevane imploram que qualquer um que tenha informações sobre o paradeiro de seu filho, Theodore, se apresente.*

Havia uma profunda tristeza no rosto de Eleanor e Sadie a reconhecia. Era uma mulher que perdera parte de si mesma. Embora a carta no papel com bordas de hera tivesse sido escrita durante uma gravidez anterior, o anseio e o amor expressos por seu bebê não nascido deixavam claro que Eleanor era o tipo de mulher para quem a maternidade era uma bênção; seus filhos, uma alegria. Décadas tinham dado à fotografia uma camada extra de comoção. Ela fora tirada quando o horror do desaparecimento era recente, quando Eleanor Edevane ainda acreditava que seu filho seria devolvido e que a ferida aberta por sua ausência seria temporária. Sadie, observando do futuro o momento congelado, sabia que não. Aquela perda Eleanor carregaria sempre e, além da perda, a agonia da incerteza. Não saber se seu bebê estava morto ou vivo, se era amado ou se sofria, se chorava por ela durante as longas noites...

Sadie deixou o papel de lado e olhou para a rua de paralelepípedos que ia em direção ao brilho da água. A filha de Maggie Bailey tinha chorado por ela. Quando Sadie e Donald encontraram Caitlyn sozinha no apartamento em Holborn, o rosto da menina estava manchado com rastros de lágrimas. Os dois abriram caminho através da pilha de correspondências atrás da porta e foram recebidos por um cheiro tão ruim que até Donald, que tinha vísceras de aço, vomitara. A lixeira na cozinha zumbia com as moscas.

Sadie jamais esqueceria o primeiro vislumbre da menina Bailey – estava no meio do corredor quando a garotinha de olhos arregalados se materializou como um fantasma, com sua camisola de Dora, a Aventureira –, mas eles não estavam esperando uma criança. A vizinha que tinha feito a queixa relatara cheiro ruim. Quando questionada sobre a moradora do apartamento, descrevera uma mulher discreta, música alta de vez em quando, a mãe que às vezes vinha visitar. Não tinha mencionado uma criança. Depois, quando Sadie perguntou por quê, ela deu de ombros antes de responder com o bordão familiar: “Você não perguntou.”

O inferno tinha começado quando a encontraram. Meu Deus, uma criança sozinha por uma semana em um apartamento fechado? Donald pediu ajuda, enquanto Sadie se sentou no chão com a garota, Caitlyn – eles já sabiam o nome dela àquela altura –, brincando com um ônibus de plástico, lutando para lembrar as letras de uma música infantil qualquer e tentando entender como essa virada nos acontecimentos mudava tudo. Mudava muito. Meninhas deixadas sozinhas tendiam a acionar todas as forças de segurança e assistência social, e mais policiais, legistas e serviço de proteção à criança pareciam ter vindo imediatamente, andando pelo pequeno apartamento, medindo, procurando e varrendo. Em algum momento, enquanto o dia se transformava em noite, a menina foi levada embora.

Sadie não chorava por causa do trabalho nunca, apesar das coisas tristes e horríveis que via; por outro lado, correu mais naquela noite, os pés batendo no pavimento de Islington, atravessando Highgate, a charneca escura, embaralhando as peças do quebra-cabeça até ficarem borradas com sua fúria. Sadie treinara para não ficar presa nas partes emotivas e humanas da resolução do crime. Seu trabalho era desvendar enigmas, e as pessoas envolvidas eram importantes apenas quando seus personagens pudessem ser úteis para esse fim, determinando motivações e confirmando ou derrubando álbis. Mas aquela garotinha, com sua camisola amarrotada, seu cabelo desganhado e aqueles olhos amedrontados chamando pela mãe, não saía do caminho.

Inferno, ela ainda estava no caminho. Sadie piscou, afastando a imagem da mente, zangada consigo mesma por ter deixado seus pensamentos voltarem para aquele apartamento sangrento. O caso estava encerrado. Em vez disso, concentrou-se no porto, nos barcos de pesca voltando para descansar, nas gaiotas circulando acima deles, mergulhando e subindo.

Era o paralelo entre os casos, é claro: as mães e seus filhos, a separação deles. A fotografia de Eleanor Edevane, seu rosto sulcado pela perda, pelo medo diante da separação do filho, tocou o ponto fraco de Sadie.

Expunha a mesma fraqueza que permitira que o caso Bailey se infiltrasse sob sua pele, que a mantivesse acordada à noite, convencida de que Maggie Bailey não poderia ter feito aquilo, sair assim, deixando a filha de 2 anos sozinha em um apartamento trancado, sem nenhuma garantia de que seria encontrada a tempo.

– Não quero desapontá-la, Sparrow – dissera Donald –, mas isso acontece com mais frequência do que você gostaria de acreditar. Nem toda mulher está pronta para ser mãe.

Sadie não discordara. Sabia que ele tinha razão. Sabia disso melhor do que ninguém. Era o modo como Maggie parecia ter deixado sua filha, o descuido, que não combinava.

– Não assim – insistira ela. – Maggie podia não ter sido capaz de ser mãe para a criança, mas não teria arriscado fazer a filha sofrer. Teria chamado alguém, feito algum tipo de acordo.

E Sadie tinha razão, de certa forma. Como descobriram, Maggie *tinha* feito acordos. Ela saiu da vida de Caitlyn numa quinta-feira, o dia em que o pai da menina sempre telefonava para buscá-la para a visita de fim de semana. Só que, naquela semana, ele estava fora da cidade, pescando em Lyme Regis.

– Eu avisei a ela – dissera ele, balançando seu copo de isopor barato na sala de entrevistas na delegacia. – Eu a fiz anotar num pedaço de papel para que não esquecesse. Quase nunca saio da cidade, mas meu irmão me deu uma viagem de presente de aniversário. Eu escrevi isso para ela. – O homem estava fora de si, preocupado com pequenos pedaços de isopor enquanto falava. – Se eu soubesse, se ao menos ela tivesse comentado... Quando penso no que poderia ter acontecido...

Ele lhes dera informações que pintavam uma imagem de Maggie muito diferente daquela que sua mãe, Nancy Bailey, tinha fornecido. Não era nenhuma surpresa. Era o instinto materno, supostamente, pintar o melhor retrato possível do filho. Ainda assim, nesse caso, fora particularmente inútil. Era uma pena que Sadie não tivesse conhecido o pai, Steve, primeiro, antes de comprar cegamente a história de Nancy.

– Sabe qual é o problema? – dissera Donald quando tudo terminou. – Você e a avó ficaram muito próximas. Erro de novatos.

De todos os comentários que ele fizera, esse foi o que mais doeu. Falta de objetividade, envolvimento da emoção no âmbito do racional – aspectos que estavam entre as piores críticas que se podia fazer a um detetive.

Ainda mais a um detetive para quem a acusação soava verdadeira. *Nem pense em fazer contato com a avó.* Donald estava certo. Sadie *tinha* gostado de Nancy, principalmente porque ela dissera tudo que Sadie queria ouvir. Que Maggie era uma mãe responsável e atenciosa, que teria morrido antes de deixar a filha sem vigilância, que a polícia estava errada, que eles deveriam estar procurando as provas de um crime.

– Por que ela mentiria? – Sadie questionara Donald. – O que está em jogo para ela?

Ele apenas balançara a cabeça e sorriera com simpatia.

– É a filha dela, sua boba. O que mais ela iria dizer?

Sadie fora advertida sobre qualquer outra tentativa de visitar Caitlyn depois que Steve apresentara sua queixa, mas vira a menina mais uma vez, logo depois que o caso foi oficialmente encerrado. Caitlyn estava andando entre o pai e a esposa dele, Gemma, segurando suas mãos enquanto saíam da delegacia, um casal amável com cortes de cabelo e roupas impecáveis. Alguém tinha desembaraçado os cabelos de Caitlyn para trançá-los. Enquanto Sadie observava, Gemma se deteve para ouvir algo que a menina disse e pegou-a no colo, fazendo-a rir.

Foi apenas um breve vislumbre, de longe, porém suficiente para saber que as coisas tinham terminado bem. A outra mulher, com seu vestido de seda, rosto gentil e gestos delicados, era exatamente o que Caitlyn precisava. Sadie podia dizer só de olhar para ela que Gemma era o tipo de pessoa que sempre saberia o que dizer e fazer, que saberia exatamente quem era Dora, a Aventureira, e teria a letra de todas as músicas infantis na ponta da língua. Evidentemente, Donald também pensara assim.

– A melhor coisa que a mãe poderia ter feito por ela – concluía ele mais tarde, no Fox and Hounds. – Qualquer idiota pode ver que a menina está melhor com o pai e sua esposa.

E as crianças mereciam, ou não mereciam, a melhor chance possível para prosperar? Deus sabia que haveria armadilhas suficientes esperando por elas.

Os pensamentos de Sadie se voltaram para a carta que ela deixara na caixa postal. Já teria chegado à menina. Ainda bem que ela imprimira seu endereço de retorno no verso do envelope. Sem dúvida, ensinavam esse tipo de coisa na escola de boas maneiras que ela frequentou. Charlotte Sutherland. Era um bom nome, concluiu Sadie. Não o nome que Sadie lhe dera, mas um lindo nome mesmo assim. Era rico, sonoro, educado e bem-sucedido. O nome de alguém que gostava de hóquei e cavalos e nunca mordida a língua por medo de parecer estúpida. Todas as coisas que Sadie desejara quando entregou a menininha à enfermeira e a observou, com olhos vidrados, ser levada para um futuro melhor.

Um ruído atrás dela fez Sadie saltar. Uma janela de guilhotina emperrada estava sendo sacudida e aberta aos trancos. A cortina de renda foi afastada e uma mulher com um regador de plástico verde apareceu em seu lugar, levantando o nariz distintamente, com ares de posse, ao olhar para o banco (APENAS HÓSPEDES DO HOTEL!) e, mais especificamente, para Sadie sentada nele.

Os cães, após sua exploração, estavam sentados, as orelhas baixas, observando Sadie ansiosos pelo sinal de que era hora de ir embora. Quando a hoteleira começou a derramar água na cesta pendurada diretamente acima dela, Sadie acenou a cabeça para eles. Ash e Ramsay trotaram em direção à casa de Bertie, enquanto Sadie os seguia, tentando ignorar o vulto da criança iluminada à contraluz que caminhava atrás dela.



– Já resolveu? – perguntou Bertie quando Sadie e os cachorros entraram pela porta da frente fazendo barulho.

Ela o encontrou no quintal atrás da cozinha, a tesoura de poda na mão, uma pequena pilha de ervas daninhas e plantas aparadas sobre os tijolos ao lado dele.

– Quase – disse ela, jogando a mochila na mesa de jardim. – Só faltam os pequenos detalhes de quem, como e por quê.

– Pequenos detalhes mesmo.

Sadie encostou-se ao muro de pedra que impedia o jardim de se estender pela encosta íngreme até o mar. Respirou fundo e soltou o ar devagar. Era o tipo de coisa que você tinha que fazer quando confrontado com uma vista como aquela. O gramado, a areia branca em uma enseada entre dois promontórios, o vasto mar de seda passando de azul-celeste para azul-escuro. A imagem perfeita. Exatamente o tipo de vista ensolarada que as pessoas mostravam na volta das férias para deixar os amigos e parentes com inveja. Ela se perguntou se deveria comprar um cartão-postal para Donald.

– Dá para sentir o cheiro da maré subindo, não é? – disse Bertie.

– E eu estava culpando os cachorros...

Bertie riu e deu um corte certo no galho de uma pequena árvore florida.

Sadie sentou-se no banco ao lado dele, apoiando os pés na alça de ferro de um regador. O avô tinha dedos verdes, não havia dúvida. Com exceção do pequeno quadrado pavimentado no centro do jardim, o restante era dedicado a flores e folhagens que se uniam como a espuma do mar.

Em meio à desordem ordenada, um cacho de pequenas flores azuis com miolos amarelos semelhantes a estrelas chamou sua atenção.

– Não-te-esqueças-de-mim, das ilhas Chatham – disse ela, lembrando-se de repente do jardim que ele e Ruth haviam criado no quintal dos fundos de sua casa em Londres. – Sempre gostei delas.

Na época, ele as cultivava em vasos de terracota, presos nas paredes de tijolos. Era incrível o que Bertie conseguira fazer com 9 metros quadrados e uma hora de sol por dia. Sadie costumava se sentar com ele e Ruth à noite, depois que a loja fechava. Não no início, mas depois, quando já fazia alguns meses que estava lá e a data final se aproximava. Ruth, com sua xícara fumegante de chá Earl Grey e seus olhos gentis, sua bondade infinita: *O que quer que você decida, Sadie querida, nós a apoiaremos.*

Sadie foi surpreendida por uma nova onda de sofrimento. Era chocante o modo como a dor podia se irradiar por ela mesmo agora, um ano depois. Como sentia falta de sua avó! O que ela não daria para tê-la

naquele dia, quente e familiar, parecendo ser eterna? Não, não ali. Ter Ruth de volta e de modo que Bertie nunca tivesse deixado sua casa em Londres. Parecia que todas as decisões importantes haviam sido tomadas naquele pequeno jardim murado, com seus vasos e cestas, tão diferente daquele lugar aberto e iluminado pelo sol. Sentiu uma profunda e súbita resistência à mudança bem no fundo dela, um redemoinho infantil de raiva petulante que engoliu como uma pílula amarga.

– Deve ser legal ter mais espaço no jardim – disse com uma alegria frágil.

Bertie sorriu para ela, concordando, e em seguida gesticulou em direção a uma pasta surrada de papéis sob duas xícaras de chá usadas com o que parecia grama enlameada no fundo.

– Você se desencontrou de Louise. Isso é para você. Não ajuda muito com o caso, mas ela achou que você gostaria de vê-los mesmo assim.

Louise. Sadie ficou furiosa antes de lembrar a si mesma que a mulher era um ser humano muito simpático que tinha acabado de lhe fazer um favor. Ela olhou a pilha. Era um tipo de jornal, amador, cada um com uma única folha com o título *Loeanneth Gazette* em fonte Old English e enfeitada com um desenho a caneta da casa e seu lago. As páginas estavam manchadas e descoloridas; um par de peixinhos prateados tentou se lançar à liberdade quando ela as virou. O papel cheirava a mofo e esquecimento. As manchetes, no entanto, ainda eram cheias de vida, anunciando acontecimentos como: NASCIMENTO: ENFIM UM MENINO!; ENTREVISTA COM O SR. LLEWELLYN, AUTOR EXTRAORDINÁRIO!; APARIÇÃO RARA: BORBOLETA *CUPIDO AGIADES* É VISTA NO JARDIM DE LOEANNETH! Cada artigo era acompanhado por uma ilustração creditada a Clementine, Deborah ou Alice Edevane, mas as matérias eram todas assinadas por Alice, sem exceção.

O olhar de Sadie se deteve no nome e ela experimentou a mesma ligação forte que sentia cada vez que um dos entalhes A-L-I-C-E se revelava em Loeanneth.

– De onde vieram?

– Um dos pacientes de Louise no hospital tinha uma tia que era empregada na Casa do Lago. Ela parou de trabalhar para os Edevanes nos anos 1930, quando a família saiu da Cornualha, mas esses papéis devem ter se misturado aos seus pertences. Havia uma tipografia na sala de aula, ao que parece, no sótão, perto dos cômodos das empregadas. As crianças da casa costumavam brincar com ela.

– Escute isto... – Sadie segurou o papel contra a luz e leu em voz alta: – ENTREVISTA COM UMA MALCRIADA: A ACUSADA FALA! *Hoje publicamos uma entrevista exclusiva com Clementine Edevane, que é acusada pela mãe* de “mau comportamento” após um incidente recente em que ofendeu a babá Rose. “Mas ela parecia gorda mesmo!”, a acusada foi ouvida gritando por trás da porta fechada do quarto onde estava aprisionada. “Eu só estava sendo sincera!” Verdade ou mentira? Seja você, caro leitor, o juiz. História de Alice Edevane, repórter investigativa.

– Alice Edevane – disse Bertie. – Ela é a proprietária da casa.

Sadie assentiu.

– Também conhecida como A. C. Edevane, extraordinária autora de romances policiais. Gostaria que ela respondesse às minhas cartas.

– Ainda não faz uma semana.

– Então? – retrucou Sadie, que não contava com a paciência entre suas virtudes. – Quatro dias perfeitos de serviço postal.

– Sua fé no Royal Mail é tocante.

Para ser honesta, Sadie presumira que Alice Edevane ficaria empolgada com seu contato. Uma detetive de boa-fé disposta a reabrir, ainda que não oficialmente, o caso do desaparecimento de seu irmão? Ela esperava uma resposta por carta. Mesmo se, como Bertie disse, o serviço postal fosse menos que perfeito, ela já devia ter recebido alguma coisa a essa altura.

– As pessoas podem ser estranhas com relação ao passado – disse Bertie, passando os dedos levemente ao longo de um caule fino. – Especialmente depois de um acontecimento doloroso.

Seu tom permaneceu inalterado, o foco não se moveu da árvore, contudo Sadie sentiu o calor de uma pergunta não formulada em suas palavras. Ele não tinha como saber sobre Charlotte Sutherland e a carta que

trouxera toda aquela coisa terrível de volta para o presente. Uma gaivota piou, cortando o céu acima deles, e, por uma fração de segundo, Sadie pensou em lhe contar sobre a garota com bela caligrafia, confiante além do bom uso das palavras.

Mas seria uma coisa estúpida de fazer, especialmente quando ela havia acabado de se livrar da carta. Ele desejaria conversar sobre o assunto, aí a coisa toda não seria esquecida, então, em vez disso, ela falou:

– O material do jornal finalmente chegou.

Puxando sua pesquisa da mochila, fez no colo uma pequena pilha com os livros da biblioteca, as pastas de arquivo e o bloco de anotações que comprara na WHSmith.

– Tem algumas fotos que eu não tinha visto, mas nada particularmente útil.

Ela pensou tê-lo ouvido suspirar, sentindo, talvez, uma confiança tácita, e foi tomada por uma súbita consciência de que ele era a única pessoa no mundo que ela amava, que, se o perdesse, estaria sozinha.

– Então – disse ele, ciente de que era melhor não pressionar –, temos certeza de que ele foi levado, mas não estamos mais perto de saber como ou por quem.

– Certo.

– Alguma teoria sobre o motivo?

– Bem, acho que podemos descartar predadores oportunistas. Havia uma festa e a casa fica bem fora do caminho. Não é o tipo de lugar no qual uma pessoa simplesmente esbarra.

– A menos que esteja perseguindo um cachorro, é claro.

Sadie retribuiu seu sorriso.

– O que deixa duas possibilidades. Ele foi levado porque alguém queria dinheiro ou um filho.

– Mas não houve pedido de resgate?

– Não, segundo Pickering, mas a polícia nem sempre torna essas coisas públicas. Está na lista de Clive Robinson.

– Você teve notícias dele?

– Não, mas ele voltou ontem, então dedos cruzados.

Bertie cortou outra haste da planta.

– Digamos que não se tratava de dinheiro.

– Então era sobre o garoto. E esse garoto em particular. Não faz sentido que alguém que simplesmente quisesse uma criança escolhesse o filho de uma família rica, de classe alta, com todos os recursos possíveis ao alcance para encontrá-lo.

– Parece uma escolha tola – concordou Bertie. – Devia haver escolhas mais fáceis.

– Isso significa que quem levou Theo Edevane queria o garoto por causa de quem ele era. Mas por quê?

Sadie agitou a caneta no bloco de anotações. Era um papel barato, fino a ponto de ser quase translúcido, e a luz do sol destacava as marcas da última carta que tinha escrito. Ela suspirou.

– É inútil. Até que eu tenha mais informações... Até que tenha resposta de Alice Edevane, fale com Clive Robinson, sintá melhor as pessoas envolvidas e descubra quem tinha meios, motivo e oportunidade... tudo não passa de suposição.

Havia um novo tom de frustração em sua voz e Bertie percebeu.

– Você está realmente decidida a solucioná-lo, não está?

– Não gosto de fios soltos.

– Já faz muito tempo. A maioria das pessoas que deve ter sentido falta daquele garotinho já se foi.

– Essa não é a questão. Ele foi levado e isso não é certo. Sua família merece saber o que aconteceu com ele. Aqui... – Ela estendeu o jornal. – Olhe para a mãe, olhe para o rosto dela. Ela o criou, lhe deu um nome, o amou. Ele era seu filho e ela viveu o resto da vida sem ele, sem nunca saber o que aconteceu, no que ele se tornou, se foi feliz. Nunca teve certeza se ele estava vivo ou morto.

Bertie quase não olhou para o papel; em vez disso, cravou em Sadie um olhar de perplexidade gentil.

– Sadie querida...

– É um quebra-cabeça – continuou ela depressa, consciente de que estava soando estridente, mas incapaz

de controlar isso. – Você me conhece e sabe que não posso deixá-los sem solução. Como uma criança foi tirada de uma casa cheia de gente? Há algo que não estou vendo. Portas, janelas, uma escada como no rapto de Lindbergh?

– Sadie, essas suas férias...

Ash latiu de repente e os dois cães se levantaram e correram para o muro de pedra na lateral do jardim junto da rua.

Então Sadie também ouviu uma pequena moto se aproximar da casa e parar. Houve um rangido e um baque suave quando a caixa de correio na porta da frente se abriu e um punhado de cartas caiu dentro dela.

– Correio – disse Sadie.

– Deixe que eu pego.

Bertie pousou a tesoura de poda e passou as mãos no avental de jardinagem. Franziu o cenho de leve para Sadie, pensativo, antes de abaixar a cabeça, passar pela porta e desaparecer dentro da cozinha.

Sadie esperou até que ele tivesse saído para deixar o sorriso se desmanchar. Seu rosto doía. Era cada vez mais difícil evitar as perguntas de Bertie. Ela odiava mentir para ele; isso tornava os dois tolos, mas não podia suportar que Bertie soubesse que ela havia se enrolado de maneira tão incomum no trabalho. O que Sadie fizera, indo à imprensa, era embaraçoso, até mesmo vergonhoso. Pior, ele seria obrigado a perguntar por que ela se comportou de modo tão descontrolado, tão diferente do habitual. O que os levaria de volta a Charlotte Sutherland e sua carta. Ela não podia contar a ele sobre isso. Não achava que seria capaz de suportar ver o rosto gentil dele se contorcer em simpatia enquanto ouvia. Sadie tinha um medo terrível de que falar sobre o assunto o tornasse real de alguma forma. Estaria de volta no tempo, presa dentro de seu corpo mais jovem, em pânico, impotente, encolhida diante da onda gigante que estava vindo para cima dela. Sadie não era mais aquela garota. Recusava-se a ser.

Então, por que ela estava agindo assim? Sadie franziu a testa. Era exatamente o que estava fazendo, não era? Deixando Donald ditar todas as regras enquanto ela padecia indefinidamente no limbo, esperando ser convidada de volta a um trabalho no qual era excelente. No qual esforçou-se arduamente para ser bem-sucedida. Ela enfrentou inúmeras adversidades para subir nas fileiras. Por que estava se comportando com tanta humildade agora, escondendo-se perto do mar esplêndido de verão, atrás de um caso com uma trilha que tinha esfriado setenta anos antes?

Por capricho, Sadie tirou o celular do bolso. Girou-o lentamente entre as mãos por alguns segundos e então, com um suspiro decisivo, foi até o ponto mais distante do jardim. Subiu no muro de pedra e se inclinou o máximo que pôde para longe da casa até que uma única barra de sinal apareceu na tela. Digitou o número de Donald e esperou, resmungando baixinho:

– Vamos, vamos...

A ligação caiu direto na caixa postal e Sadie praguejou para a brisa. Em vez de desligar e tentar novamente, ela ouviu a mensagem curta de Donald e depois deixou a sua:

– Oi, Donald, olhe, é a Sadie. Só para avisar que vou para Londres. Acertei as coisas pelo meu lado e estou pronta para voltar ao trabalho na segunda-feira. Seria ótimo uma atualização antes. Você sabe, para eu lhe mostrar as fotos das minhas férias... – A piadinha soou sem graça até para seus ouvidos e ela continuou: – Enfim, deixe-me saber quando e onde. Algum dia na semana que vem?

Deixou assim, como uma pergunta, e desligou.

Pronto. Sadie deu um suspiro decidido. Estava feito. Agora, quando Bertie lhe perguntasse sobre seus planos, ela seria capaz de lhe dar algumas respostas apropriadas: depois de uma viagem curta e agradável à Cornualha, ela voltaria para casa, em Londres, na semana seguinte.

Enfiou o telefone de volta no bolso e voltou para seu assento perto da árvore de Bertie, esperando o início da bem-vinda paz de espírito. Mas sua mente estava longe de estar em paz. Agora que tinha feito isso, seus pensamentos incluíam uma lista de coisas que devia ter feito de maneira diferente. Devia ter sido mais específica quanto ao lugar e o horário. Devia ter sido mais gentil, pedido desculpas, ter feito parecer que a ideia partira dele.

Sadie se lembrou da ameaça de Donald de ir a Ashford se ela não seguisse suas instruções ao pé da letra. No entanto, Donald era seu parceiro. Era um homem razoável. Tinha as melhores intenções quando a forçou a tirar a licença, e ela aprendera a lição: não vazaria informações para jornalistas. Mas o caso Bailey estava encerrado agora, tinha quase desaparecido dos jornais, nenhum dano real fora causado. (Desde que ela não levasse Nancy Bailey em conta. Sadie estremeceu quando imaginou o olhar no rosto da mulher ao ser informada de que a investigação havia terminado. “Mas eu achei que você acreditasse em mim, que minha menina jamais iria embora assim. Achei que vocês fossem encontrá-la.”)

Afastando Nancy Bailey de sua mente (*Nem pense em fazer contato com a avó*), Sadie disse a si mesma que tinha feito a coisa certa e se concentrou em acreditar nisso.

O novo mapa da propriedade de Loeanneth ainda estava em seu colo e ela forçou a atenção de volta a ele, uma tentativa resoluta de diversão. Era muito mais antigo que o que Alastair lhe dera antes – 1664, de acordo com o título no topo, quando a Casa do Lago ainda era um anexo menor da grande mansão na propriedade. Apesar de alguma ortografia antiquada e uma fonte que tornava ilegíveis certas palavras, o layout foi imediatamente reconhecido por Sadie, que passara a semana anterior estudando a planta na esperança de que pudesse, de alguma forma, intuir o caminho tomado pelo sequestrador de Theo naquela noite. Os quartos e salas estavam todos onde deviam estar.

Exceto...

Sadie olhou mais de perto.

Ela tirou a planta original de sua pasta e colocou as duas lado a lado para comparar.

Havia uma variação nessa planta, afinal. Um pequeno quarto ou cavidade, bem perto do quarto do bebê, que não estava marcado na planta mais recente.

Mas o que seria? Uma despensa? Havia armários embutidos no século XVII? Sadie suspeitava que não. E, mesmo que houvesse, por que incluir esse na planta, e não os outros?

Sadie bateu o dedo nos lábios, pensativa. Olhou da árvore de Bertie para os cães, agora sentados junto ao pé do muro de pedra, e, por fim, para o mar. Seu olhar se fixou na silhueta escura de um navio balançando no horizonte.

E, então, o vago brilho de uma lâmpada.

Sadie revirou seus papéis até encontrar as anotações que tinha feito sobre o “Capítulo 8: Os DeShiels de Havelyn”.

Lá estava: a casa fora construída durante o reinado de Henrique VIII por um marinheiro DeShiel que, muito tempo atrás, tinha roubado ouro da Espanha. Havia outro nome para pessoas assim.

As conexões estavam se acendendo na mente de Sadie como antigos faróis de advertência, cada um fazendo com que o próximo fosse acionado: um possível pirata DeShiel... o que Louise falou sobre contrabandistas... túneis escavados na costa da Cornualha... o túnel de *O portal mágico de Eleanor* com sua contraparte real... o alçapão e o anel que a própria Sadie tinha visto...

– Chegou para você – disse Bertie, depois de pegar a correspondência, segurando um pequeno envelope.

Ela o pegou sem dizer nada, tão distraída com a teoria que se formava em sua mente que mal registrou o nome impresso cuidadosamente no canto superior esquerdo.

– É do policial – insistiu Bertie. – Clive Robinson, de Polperro. Você não vai... – Ele hesitou. – O que foi? O que eu perdi? Parece que você viu um fantasma.

Sadie podia não ter visto um fantasma, mas tinha a sensação de que tinha vislumbrado uma sombra.

– Esse quarto – disse ela enquanto Bertie passava a olhar por cima de seu ombro. – Essa pequena alcova... Acho que posso ter encontrado a rota de fuga.

Aquela área de South Kensington em particular era cheia de fantasmas, principal motivo para que as irmãs Edevane a escolhessem. Elas tomavam chá no V&A todos os anos no aniversário da morte de Eleanor, mas, antes, se encontravam no Museu de História Natural. Seu pai tinha doado toda a sua coleção para o museu em seu testamento e, para Alice, parecia haver mais de seu espírito naquele prédio do que em qualquer outro lugar.

Fazia sentido lembrar formalmente de seus pais no mesmo dia. O romance deles era do tipo que os escritores proclamavam e pessoas reais invejavam – dois belos jovens estranhos que se conheceram por acaso, apaixonaram-se à primeira vista, foram separados, testados e fortalecidos pela Primeira Guerra Mundial. Quando crianças, Alice e suas irmãs aceitaram a relação sem questionar, crescendo até a idade adulta no seio da devoção de Eleanor e Anthony. Mas aquele era o tipo de amor que tornava todas as outras pessoas estranhas. Com exceção de um pequeno e estável círculo de amigos, eles socializavam raramente e com relutância e, olhando para trás, era seu isolamento que acrescentava uma camada extra de magia e admiração à festa anual de solstício. Quando Eleanor morreu de forma inesperada, logo depois de seu marido, as pessoas se inclinavam em respeito diante da tragédia antes de assegurar às irmãs: “Claro, eles pertenciam um ao outro, os dois.” Essas mesmas pessoas sussurravam pelas costas: “É como se ela não *suportasse* se separar dele.”

Alice chegou ao museu primeiro, como sempre. Fazia parte de seu costume. Um acordo tácito que permitia que ela se sentisse pontual e Deborah, agitada. Ela se acomodou em um banco no salão central e enfiou a mão na bolsa, acariciando o couro liso e gasto de seu caderno antes de tirá-lo e colocá-lo no colo. Isso não era incomum. Normalmente, não havia nada de que Alice gostasse mais do que observar pessoas, e ela aprendera com o passar do tempo que o que se considerava intrometido sob circunstâncias comuns passava por distraído, até encantador, quando feito com caneta e papel na mão. Naquele dia, porém, ela não tinha intenção de fazer anotações. Estava muito preocupada com a própria situação para se importar com estranhos.

Abriu o caderno e fitou a carta que tinha colocado lá dentro. Não a releu, não havia necessidade. Era a segunda que tinha recebido, o conteúdo semelhante ao da primeira. A detetive insistia em uma entrevista, mas fora deliberadamente vaga quanto ao seu conhecimento atual do caso Edevane (como ela o chamava). Um movimento sábio que tratava, precisamente, do que Alice teria escrito para Diggory Brent se ele tivesse um interesse feroz por um crime não resolvido durante as férias na Cornualha. Qualquer detetive digno de nota sabia que fornecer apenas o essencial deixava uma armadilha maior na qual uma testemunha desavisada poderia cair. Infelizmente para Sadie Sparrow, Alice não era inocente e não tinha a intenção de ser enganada para revelar qualquer coisa que não quisesse. Deborah, por outro lado...

Alice fechou o caderno e usou-o para abanar o rosto. Deitada na cama na noite anterior, perguntava-se qual era o melhor modo de lidar com a situação, ponderando as chances de que essa tal Sparrow descobrisse algo importante, assegurando-se de que tudo tinha acontecido havia tanto tempo que não restava mais nada a ser descoberto, quando lhe ocorreu que Deborah também poderia ter recebido uma carta e, a partir dali, uma lâmina invisível de pânico foi cravada nela.

Alice considerou a possibilidade de todos os ângulos antes de decidir que Deborah, inocente de todos os delitos, teria entrado em contato imediatamente caso fosse procurada. Com o legado político de Tom para resguardar, ela teria ficado horrorizada ao pensar em alguma jovem estranha e ansiosa revolvendo as cinzas da família e ficaria louca pela ajuda da irmã. Só nessa manhã, quando o táxi seguia pela St. John's Wood, ocorreu a Alice que Deborah poderia estar esperando para discutir o assunto cara a cara. Que, com o encontro do aniversário da morte de Eleanor tão convenientemente perto, ela poderia ter enfiado a carta na bolsa e estaria se preparando agora mesmo para tratar disso.

Alice suspirou com força e olhou de novo para a entrada. Não havia nenhum sinal de Deborah ainda, mas um homem desafortunado, com jeans pretos, estava causando uma pequena confusão perto da porta. Alice percebeu quando ele chegou. Segurava a mão de uma menina em um collant rosa brilhante e macacão jeans. Ela apontava e pulava, o homem – seu pai, Alice supôs – tentava conter seu entusiasmo enquanto pegava alguma coisa (uma garrafa de água, talvez? As crianças atualmente pareciam sempre precisar se hidratar) na pequena mochila que estava carregando.

O homem estava em situação bastante delicada, batendo em um segurança. A menina não estava mais com ele. O pânico de um pai que tinha perdido a filha; Alice podia vê-lo a um quilômetro de distância. Seu olhar se afastou do enorme esqueleto de diplódoco até a grande escadaria de pedra no fim da sala cavernosa. A garotinha apontava para aquele lado quando Alice a vira, com uma bola na outra mão, do tipo que acendia quando sacudida, como se fosse feita de eletricidade. Além disso, havia um indiscutível indício de determinação em seus olhos. De fato, a criança estava de pé no topo da escada, a bochecha descansando sobre a pedra fria e plana da balaustrada, e alinhava a bola na frente do rosto preparando-se para deixá-la rolar.

Elementar, meu caro Watson. Alice tentou desfrutar do conforto familiar de estar certa. Ela sempre tivera uma boa memória – mais do que isso, uma capacidade de tirar conclusões com base nas evidências disponíveis. Era uma habilidade que creditava ao pai. Ele fizera jogos com elas quando eram pequenas, tendo um apetite insaciável para o tipo de brincadeira que outros adultos achavam cansativo. Levava as filhas com ele em seus passeios pela natureza, deixando-as carregar uma ou outra ferramenta, a cobiçada rede de borboletas se tivessem sorte, parando de vez em quando para se agachar até ficar face a face com elas e indicar uma cena.

– Pinte um quadro em sua mente – dizia ele –, mas não basta ver a árvore. Observe o líquen em seu tronco, os buracos feitos pelo pica-pau, as folhas mais finas aonde o sol não chega.

Alguns dias depois, quando menos se esperava, ele dizia:

– Alice! A árvore no bosque, dez coisas.

Então fechava os olhos e contava com os dedos enquanto ela conjurava as lembranças da cena uma a uma.

Mesmo agora, ecos da emoção de ser quem o fazia sorrir a animavam. Ele era muito sorridente, uma daquelas pessoas cujo rosto inteiro era escravo de seu humor. Tão diferente de Eleanor, cuja boa criação a deixara deprimida e cautelosa. Um dos grandes mistérios da infância de Alice era como a Eleanor do conto de fadas, aquele espírito aventureiro de menina, poderia ter crescido e se tornado uma adulta tão séria e previsível. A presença da mãe era uma memória de infância persistente, observando e aguardando que uma delas saísse da linha para que ela pudesse aproveitar a oportunidade, mandando-as para dentro e, assim, tendo Anthony só para si. Alice levava anos para entender que sua mãe tinha ciúme delas, da relação íntima que tinham com o pai, de quanto ele as amava.

– Sim, mas é mais complexo do que isso – dissera Deborah quando elas falaram sobre o assunto.

Alice a pressionara e perguntara como e, depois de escolher as palavras com cuidado, Deborah explicara:

– Eu acho que ela também tinha ciúme dele, de certa forma. Você lembra durante a guerra, quando éramos pequenas, como ela era diferente, divertida e brincalhona? Como parecia que era uma de nós em vez de uma adulta como a vovó ou a babá Bruen?

Alice assentira, incerta, enquanto as palavras de Deborah suscitavam lembranças longínquas de histórias pouco conhecidas e encantadas.

– Mas então papai voltou para casa e nós passamos a adorá-lo, e ela meio que nos perdeu. Tudo mudou. Ela mudou depois disso, tornou-se uma pessoa diferente, mais rigorosa. Ela não podia... – Deborah parara abruptamente, como se estivesse pensando melhor no que estava prestes a dizer. – Bem – continuou com um gesto de mão –, não havia espaço para que os dois fossem os favoritos, não é?

Uma figura familiar à porta chamou a atenção de Alice agora, no presente: era Deborah, o braço entrelaçado no de James em busca de apoio. Os dois foram até o corredor, Deborah riu de algo que seu jovem motorista disse. Ela acariciou a mão dele com afeto e lhe deu adeus. Alice suspirou. Sua irmã não parecia alguém que tivesse recebido uma bomba pelo correio.

Deborah ficou onde estava por um momento depois que James foi embora, o turbilhão de encontros e cumprimentos de outras pessoas girando ao redor dela. Ela era experiente, como todas as esposas de políticos, em manter uma aparência agradável, mas Alice sempre foi capaz de ver sob a máscara: uma ligeira contração ao redor da boca, o hábito que trazia desde a infância de pressionar as pontas dos dedos umas nas outras. Nenhum dos dois estava presente naquela manhã. Alice sentiu sua tensão diminuir, mas não desviou o olhar. Era raro dedicar um tempo a olhar com atenção para aqueles que conhecia bem. Deborah ainda era alta e equilibrada, mesmo se aproximando dos 90 anos, ainda elegante, usando os mesmos vestidos de cetim que usara ao longo da década de 1930, apertados na cintura e com delicados botões de pérolas subindo do cinto ao colarinho de renda. Ela era como uma das borboletas do pai, presa no auge de sua beleza e congelada no tempo, eternamente feminina. O oposto de Alice em suas calças e sapatos brogue.

Alice se levantou e acenou chamando a atenção da irmã. Deborah estava andando com uma bengala naquele dia, então Alice sabia que sua perna a incomodava. Sabia também que, quando perguntasse por sua saúde, Deborah sorriria e afirmaria que nunca se sentira melhor. Era inconcebível que qualquer uma das garotas Edevane admitisse a fragilidade, a dor ou o arrependimento. A fortaleza emocional era parte do legado de Eleanor, assim como a escrita de cartas e o desprezo pela gramática descuidada.

– Desculpe o atraso – disse Deborah ao chegar ao banco. – Minha manhã foi muito louca. Esperou muito por mim?

– Não, eu estava com meu caderno.

– Você entrou para ver a coleção?

Alice disse que não e elas foram em silêncio guardar o casaco de verão de Deborah na chapelaria. Alguém que observasse de fora poderia ter descrito o encontro como frio, mas não havia nada da atual condição emocional de Deborah a ser considerada. Elas nunca se cumprimentavam com um beijo quando se encontravam, nem se abraçavam. Alice desprezava a tendência moderna de chorar e compartilhar as coisas. Ela e Deborah estavam unidas no desdém por efusivas demonstrações de afeto.

– Bem, vocês devem ser irmãs – disse o jovem da chapelaria com um largo sorriso.

– Sim – confirmou Deborah antes que Alice pudesse responder, irônica como de costume: “Devemos?”

Era verdade que eram mais parecidas na velhice do que em qualquer outra época de suas vidas, mas todos os velhos pareciam iguais aos jovens. O desvanecimento dos cabelos, olhos, pele e lábios, a perda de detalhes individuais à medida que o verdadeiro rosto da pessoa se escondia atrás da máscara de rugas. Elas não eram iguais de fato. Deborah ainda era linda – isto é, ainda se valia da beleza remanescente –, como sempre fora. No verão em que ficou noiva de Tom, o último verão em Loeanneth, um artigo no *Times* a elegeu a moça mais bonita da temporada. Alice e Clemmie foram impiedosas em suas brincadeiras, mas apenas por diversão. O artigo não dizia nada que elas já não soubessem. *Em todo grupo de irmãs sempre havia uma que se sobressaía*. Alice tinha escrito essa frase num livro, seu oitavo, *A morte chama*. Ela atribuíra a observação a Diggory Brent, que tinha um talento incomum para ver o mundo de um jeito muito parecido com o de Alice. Ele era homem, porém, e por isso, podia ter esses pensamentos sem parecer amargo ou desagradável.

Não, Alice confirmou enquanto Deborah ria alegremente de algo que o atendente dissera, sua irmã não recebera uma carta de Sadie Sparrow. O alívio de Alice foi temperado por sua consciência de que era apenas uma questão de tempo. A menos que encontrasse uma maneira de satisfazer a curiosidade da detetive, havia muitas chances de Deborah ser envolvida. Felizmente, Alice sabia uma ou duas coisas sobre

redirecionamento. Ela só precisava ser calma e metódica, mais do que fora até então. Alice não sabia bem no que estava pensando quando disse a Peter que a primeira carta chegara ao endereço errado, que não sabia nada sobre a criança desaparecida. Ela não estava pensando, estava em pânico. Pretendia não dar importância àquilo.

– Você está bem? Parece que está – disse Deborah enquanto dava as costas ao balcão da chapelaria.

– Muito bem. E você?

– Nunca estive melhor.

Deborah meneou a cabeça na direção do corredor, com uma leve sugestão de desgosto torcendo seus lábios. Ela jamais gostara dos insetos do pai e seus alfinetes prateados, por mais que tivesse insistido em ajudá-lo quando eram crianças.

– Bem, então – disse ela, inclinando-se com cautela sobre a bengala – vamos acabar com isso para tomarmos o chá.



Alice e Deborah falaram muito pouco enquanto faziam a inspeção, apenas verificando se todas as borboletas estavam no lugar. O curador do museu havia retirado as criaturas das vitrines de Anthony, redistribuindo-as para ampliar a coleção existente, mas Alice não tinha dificuldade de identificar as que ajudara a pegar. Cada uma contava uma história. Ela quase podia ouvir as palavras gentis do pai enquanto via as asas familiares, as formas e as cores.

Deborah não reclamou, mas era evidente que sua perna estava incomodando, então Alice encerrou logo o passeio e elas atravessaram a rua direto para o V&A. O café estava agitado, mas elas encontraram um canto perto da lareira apagada na sala menor. Alice sugeriu que a irmã ficasse à mesa enquanto ela buscava o chá e, quando voltou, com a bandeja na mão, Deborah tinha um par de óculos de leitura empoleirados na ponta do nariz e olhava por cima deles para o celular.

– Esta porcaria – disse ela, batendo no teclado com uma unha vermelha. – Parece que nunca o ouço tocar e você acha que eu consigo escutar os recados?

Alice ofereceu um pequeno e simpático dar de ombros e serviu o leite.

Ela se recostou, observando o vapor subir de sua xícara. Ocorreria-lhe que, antes de falar com a detetive, seria inteligente verificar quanto sua irmã estava por dentro do assunto. A questão era: como começar?

Enquanto Deborah continuava a mexer no celular, afastando-o e aproximando-o do rosto, murmurando enquanto tentava ler a tela, Alice tomou um gole de chá.

Deborah franziu a testa e apertou uma tecla.

– Talvez se eu...

Alice pousou a xícara.

– Venho pensando em Loeanneth ultimamente.

Deborah expressou apenas um leve lampejo de surpresa.

– Ah, é?

Com cuidado, Alice lembrou a si mesma, *vá com cuidado*.

– Quando papai voltou da guerra, você lembra como mamãe ficou animada? Ela encheu o andar de cima com todas as coisas favoritas dele: o microscópio e as caixas de espécimes, as pilhas de livros, seu velho gramofone e as músicas dançantes. Costumávamos nos esgueirar lá para cima e olhar pelo buraco da fechadura aquele estranho alto e bonito entre nós.

Deborah baixou o celular e encarou Alice com os olhos ligeiramente arregalados.

– Meu Deus – disse por fim. – Estamos nostálgicas hoje.

Alice ignorou a pergunta implícita: “Por que isso agora?”

– Não nostálgica – retrucou Alice. – Não sinto uma saudade romantizada do passado. Estou apenas levantando o assunto para discussão.

– Você e sua semântica. – Deborah balançou a cabeça, se divertindo. – Bem, se você diz... Deus me livre de acusá-la de sentimentalismo! E, sim, eu me lembro. Eles costumavam dançar lá em cima e você e eu tentávamos imitar. Claro que você tinha dois pés esquerdos... – Deborah sorriu.

– Ela estava salvando o papai.

– O que você quer dizer com isso?

– Só que ele devia estar esgotado. A guerra, todos aqueles anos longe... E ela foi afetuosa para que ele voltasse a ser quem era.

– Talvez.

– Ele fez a mesma coisa por ela mais tarde, não foi? Depois do Theo. – Alice se esforçou para soar indiferente. – Eles tiveram sorte de ter um ao outro. A perda de um filho, a desinformação. Poucos casamentos sobreviveriam.

– É verdade – disse Deborah com cautela, sem dúvida se perguntando por que Alice estava levando a conversa em uma direção que elas tacitamente concordaram em nunca levar.

Mas Alice não podia parar agora. Ela estava preparando sua próxima pergunta quando Deborah disse:

– Na noite anterior ao meu casamento, ela foi ao meu quarto e conversou um pouco. Citou a Primeira Carta aos Coríntios.

– “O amor é paciente, o amor é bondoso”?

– “O amor não guarda rancor.”

– Isso é meio sombrio. O que ela quis dizer?

– Não faço ideia.

– Você não perguntou a ela?

– Não.

Uma velha assertividade se infiltrou na voz de Deborah, embora ela tenha tentado bravamente encobri-la, e Alice se lembrou de algo que havia esquecido.

A mãe e a irmã discordavam quanto aos preparativos do casamento de Deborah, repreendendo uma à outra e infligindo longos períodos de silêncio ao resto da família. Os Edevanes tinham retornado a Londres nessa época. O casamento de Deborah com Tom aconteceu apenas cinco meses depois do desaparecimento de Theo e do término da vida familiar em Loeanneth. Nunca mais eles voltariam, embora nenhum deles soubesse disso naquele momento. O caso policial fora arquivado, mas eles ainda tinham esperança. Falaram de adiar o casamento, mas Deborah e Eleanor foram inflexíveis sobre seguir como planejado. Tinha sido a única coisa em que concordaram na época.

– Completo? – perguntou Alice, levantando o bule.

A menção de Deborah à visita pré-casamento de sua mãe foi inesperada. Ela não tinha a intenção de reviver antigas dores e estava ansiosa para que o erro não a impedisse de alcançar seus fins.

Deborah deslizou a xícara e o pires sobre a mesa, na direção da irmã.

– Tivemos bons momentos lá, não é? – continuou Alice, o chá se derramando do bico do bule. – Antes de Theo.

– Tivemos, sim, embora eu sempre tenha preferido Londres. Aquela linda casa na praça Cadogan, o Sr. Allan trazendo o Daimler, os salões de baile, vestidos e clubes. O campo não tinha emoção suficiente para mim.

– Mas era lindo. Os bosques, o lago, todos aqueles piqueniques... os jardins – Alice recordou devagar. – Claro que tinha que ser bonito. Mamãe tinha uma equipe de jardineiros trabalhando 24 horas por dia.

Deborah riu.

– Foi um bom tempo. Tenho dificuldade de encontrar alguém para limpar minha lareira agora.

– O velho Sr. Harris não fazia isso? Ele e seu filho, aquele que voltou de Somme com uma terrível lesão cerebral?

– Adam, coitado.

– Sim, Adam, e havia outro, tenho certeza. Ele foi contratado como temporário.

Alice podia ouvir seu coração latejando em seus ouvidos. O ruído do café parecia distante, como se ela estivesse falando de dentro do tubo de vácuo de vidro de um rádio velho. Ela perguntou:

– Benjamin alguma coisa?

Deborah franziu a testa, esforçando-se para lembrar, e depois balançou a cabeça.

– Acho que não me lembro... mas também foi há muito tempo e havia tantos que iam e vinham... Não se pode esperar que nos lembremos de todos eles.

– É mesmo.

Alice sorriu concordando e se escondeu atrás de um gole de chá refrescante.

Ela não tinha percebido que estava prendendo a respiração. O alívio fluíu, mas com ele veio uma estranha frustração. Por uma fração de segundo, ela esteve totalmente preparada para ouvir Deborah dizer “Munro. Seu nome era Benjamin Munro”, e a expectativa foi emocionante. Ela lutou contra a súbita tentação de forçar mais para que Deborah lembrasse, como se de alguma forma a confirmação de sua irmã fosse trazê-lo de volta à vida, e de permitir que ela falasse dele para então, assim, se sentir outra vez como se sentira naquela época. Mas era um desejo tolo, uma loucura, e ela o extinguiu. Descobrira o que precisava: Deborah não se lembrava de Ben e Alice estava segura. A coisa mais sensata a fazer agora era levar a conversa rapidamente para um terreno mais seguro. Passou manteiga em um pãozinho e perguntou:

– Tem notícias de Linda?

Alice ouvia pela metade enquanto Deborah falava sobre o assunto batido. A tediosa história da neta errante só interessava a Alice porque ela planejava deixar Loanneth para Linda. Não tinha muita escolha. A casa era a herança e ela não tinha nenhum descendente. Aqueles que poderiam ter sido não passavam de fantasmas ao pé da cama nas noites em que ela não conseguia dormir. Vender a casa era impensável.

– Pippa está fora de si, é claro – dizia Deborah. – Era ela no meu correio de voz ainda há pouco. E não se pode culpá-la. Eles chamam isso de ano sabático, mas Linda já partiu há quase cinco.

– Bem, ela é jovem e a aventura está no sangue.

– Sim, e nós sabemos o que aconteceu com o bisavô Horace.

– Não acho que existam tribos caribenhas na Austrália. É muito mais provável que ela se perca nas praias de Sydney do que para o canibalismo.

– Acho que isso não consola Pippa.

– Linda vai encontrar o caminho para casa cedo ou tarde.

Quando o dinheiro acabar, Alice pensou com sarcasmo, embora não tenha dito.

Elas nunca haviam discutido o assunto abertamente, mas Alice tinha sérias reservas sobre o caráter de Linda. E tinha certeza de que Deborah sentia o mesmo, mas ela não criticava a neta da irmã, não abertamente, era deselegante. Além disso, a dificuldade de Deborah em engravidar tinha conferido o status de realeza à sua escassa linhagem.

– Você vai ver, ela vai voltar uma nova mulher, uma mulher *melhor* por causa da experiência.

– Espero que você esteja certa.

Alice também esperava. A Casa do Lago estava na família DeShiel havia séculos e Alice não tinha a intenção de ser quem a perderia.

Fora um choque quando a casa foi passada para ela no inventário depois da morte de Eleanor. Mas, naqueles dias, a própria morte da mãe fora um choque. Era 1946 e a guerra tinha acabado. Depois de tanta morte e destruição, soava escandaloso que uma pessoa saísse para a rua e tivesse sua vida extinta por um ônibus no caminho de Kilburn para Kensington. Especialmente uma pessoa como Eleanor. Não era o tipo de morte que se esperava de uma mulher como ela.

O motorista do ônibus sofreu muito. No inquérito, ele desatou a chorar. Ele tinha visto Eleanor, contou, de pé na calçada e a achara uma senhora digna, em seu terno elegante, carregando aquela pasta de couro. Perguntara-se para onde estaria indo. Havia algo em sua expressão, disse ele, como se estivesse perdida em

pensamentos, mas, então, uma criança na parte de trás do ônibus começara a gritar e ele desviara o olhar da rua apenas brevemente, apenas por um segundo, e a próxima coisa que ele ouvira, *pou*. Foi a expressão que ele usou. *Pou*. Alice ainda podia ouvi-lo quando fechava os olhos.

Ela não queria a casa, Loeanneth. Nenhum deles queria, mas o raciocínio de sua mãe parecia claro: Deborah era rica, Clemmie estava morta e restava apenas Alice. No entanto, Alice conhecia Eleanor melhor do que isso. Compreendia que havia mais no legado do que parecia. Houve noites em que a escuridão se fechou ao redor dela, em que Alice já sentia pena de si mesma, bebendo demais à mesa nua no apartamento vazio, seus pensamentos muito altos no silêncio, em que as paredes que ela havia construído contra o passado começavam a tremer. Voltara a sua outra vida, pouco antes de começar a escrever, antes que Diggory Brent a levasse a algum lugar para atenuar seus medos e arrependimentos. Nessas noites, ficava claro para Alice que a mãe estava punindo a filha deixando-lhe Loeanneth. Que Eleanor sempre a culpara pela perda de Theo, mesmo que nunca tivesse dito isso claramente. E que castigo requintado era aquele, tão *acertado*, de lhe dar a posse de um lugar que ela amava mais do que qualquer outro no mundo, mas que o passado tornara fora do alcance.

Alice pegou o metrô de casa para Hampstead. Um anúncio avisava sobre o acidente com uma pessoa na estação Goodge Street, então ela tomou a linha Piccadilly até King's Cross. Um casal viajava no vagão com ela, abraçados na extremidade do carro, entre as malas de outras pessoas. A garota estava encostada no rapaz, rindo um pouco enquanto sussurrava em seu ouvido.

Alice cruzou o olhar com um homem de aparência pomposa do outro lado. Ele levantou as sobrancelhas com desprezo para o casal, mas Alice se recusou a se aliar a ele e desviou o olhar. Lembrava-se do amor, do tipo de amor arrebatador dos jovens, mesmo que fizesse muito tempo desde que ela o sentira. Havia beleza no amor, assim como havia perigo. Um amor como esse fazia o resto do mundo desaparecer, tinha o poder de fazer até a pessoa mais sensata abrir mão de sua sensatez.

Se Benjamin Munro tivesse pedido que ela morresse por ele naquele verão, Alice tinha certeza de que morreria. Ele não pedira, claro. Pedira muito pouco dela, no fim. Mas, também, não precisara pedir. Ela lhe dera alegremente tudo que ele queria.

Na época, Alice exibia comportamento discreto. Criança tola. Julgava-se tão inteligente e adulta... Mas estava cega, o amor a havia cegado para as falhas, tanto as dela quanto as dele, assim como William Blake dissera que o amor faria. O amor tornava as pessoas fora da lei, lhes dava asas e as deixava sem limites, descuidadas. E eles foram vistos juntos, ela e Ben. Talvez Deborah não soubesse sobre eles, mas outra pessoa sabia.

Enquanto o metrô sacolejava, duas vozes do passado voltaram para ela como se viessem de um velho rádio transmitindo através das décadas. Era noite de inverno em 1940, no auge da Blitz, e Clemmie fora a Londres rapidamente, em uma licença inesperada, se alojando no minúsculo apartamento de Alice. Elas estavam compartilhando histórias da guerra enquanto tomavam uma garrafa de gim. O trabalho de Clemmie como auxiliar de transporte aéreo, os contos de Alice sobre a recuperação de locais bombardeados e, conforme avançavam na noite, a garrafa mais vazia e as irmãs mais sentimentais, a conversa se voltara para o pai, a Grande Guerra e os horrores que ele tinha visto e que só agora elas começavam a entender.

– Ele escondeu bem, não foi? – perguntou Clemmie.

– Ele não queria nos sobrecarregar.

– Mas ele nunca disse uma palavra. *Nenhuma*. Eu não consigo imaginar passar por tudo isso e simplesmente deixar tudo de lado até a guerra terminar. Posso me ver aborrecendo meus netos e os levando às lágrimas quando for velha, enchendo seus ouvidos com histórias da guerra e de minha participação nela. Mas não papai. Eu nunca imaginaria que ele estivera nas trincheiras. A lama, os ratos e o inferno de ver seus companheiros morrerem. Ele alguma vez falou com você sobre isso?

Alice balançou a cabeça.

– Eu me lembro dele dizendo que ficava feliz por ter tido filhas, que nenhum filho seu teria que lutar se houvesse outra guerra. – Ela ergueu o copo em direção ao uniforme de Clemmie e deu um meio sorriso. – Acho que ninguém está certo o tempo todo.

– Nem mesmo papai – concordou Clemmie. – E não importa o que dissesse, ele queria um filho.

– Todos os homens querem, segundo vovó DeShiel.

Alice não acrescentou que aquela mulher venenosa dissera isso em outubro de 1920, logo depois de Clemmie nascer, repreendendo a mãe delas, pois uma terceira filha não era forma de acolher o marido de volta depois da guerra.

– De todo modo, ele conseguiu um no fim – disse Clemmie. – Ele teve seu filho.

Então, elas ficaram sentadas em silêncio, a conversa as levava para a infância e o grande assunto tabu que era seu irmão, cada uma perdida nas próprias lembranças do passado. O bebê no apartamento de cima começou a chorar, uma sirene soou em uma parte distante de Londres e Alice se levantou, a sala se inclinando enquanto pegava os copos vazios com uma das mãos, levando-os presos entre os dedos para a pia sob a pequena janela coberta de fuligem entrecruzada com fita adesiva. Ela estava de costas para a irmã quando Clemmie disse:

– Vi aquele homem a caminho da França, o jardineiro que trabalhou por um tempo em Locanneth.

A palavra estalou como um fósforo sendo aceso na sala fria. Alice cerrou as mãos e as enfiou nas mangas do casaco de tricô. Enrijecendo, ela se virou para a irmã e se ouviu dizer:

– Que jardineiro?

Clemmie estava olhando para o tampo de madeira da mesa, a unha curta deslizando sobre os desenhos da madeira. Ela não respondeu, pois, claro, não havia necessidade, ambas sabiam de quem ela estava falando.

– Allie – disse, o apelido de infância fazendo Alice tremer –, há algo que eu preciso... que tenho desejado... Algo que eu vi, quando éramos crianças.

O coração de Alice batia furiosamente. Ela se preparou, uma parte dela querendo encerrar a conversa, a outra parte, a parte bêbada, cansada de fugir do passado, cavalheiresca naquele tempo de morte e perigo sempre presentes, quase a convidando. Era assustador como o álcool tirava as restrições da confissão.

– Foi naquele verão, no último verão. Nós tínhamos ido à exibição aérea alguns meses antes e eu estava obcecada por aviões. Eu costumava correr pela casa, lembra, fingindo que estava voando.

Alice assentiu, a garganta seca.

– Eu tinha ido para a base, aquela depois da fazenda de Jack Martin. Costumava ir lá às vezes, só para ver os aviões decolarem e aterrissarem, imaginando como seria voar um dia. Estava voltando para casa tarde, então cortei caminho pelo bosque, ao longo do rio. Saí na velha casa de barcos.

A visão de Alice ficou turva e ela piscou para um quadro na parede, algo deixado pelo inquilino anterior do apartamento, um navio em um mar tempestuoso. Aquele navio estava se movendo agora. Alice assistiu, ligeiramente surpresa, enquanto ele balançava de um lado para outro.

– Eu não teria parado, estava com fome e com pressa de chegar em casa, mas ouvi uma voz lá dentro, a voz de um homem.

Alice fechou os olhos. Durante anos tivera medo daquele momento, imaginara cenários diferentes, ensaiara explicações e desculpas em sua mente. Agora o momento tinha chegado e ela não conseguia pensar em nada para dizer.

– Eu sabia que não era o papai ou o Sr. Llewellyn e fiquei curiosa. Fui até a janela. Não pude evitar. Subi no barco virado e vi, Alice, eu não queria, mas eu vi. Aquele homem, o jardineiro...

– Cuidado! – interrompeu Alice, pulando para pegar a garrafa de gim da mesa e a derrubando.

O vidro se estilhaçou e Clemmie pulou da cadeira. Ela espanou suas roupas, assustada pelo súbito barulho e a bebida gelada.

– Sinto muito – disse Alice –, seu cotovelo... A garrafa estava prestes a cair. Tentei pegá-la.

Ela correu para a pia e trouxe de volta um pano, pingando água por todo lado.

– Alice, pare.

– Meu Deus, você está molhada. Vou buscar outra blusa.

Clemmie protestou, mas Alice insistiu e, depois que ela trocou de roupa e tudo foi limpo, o humor para a revelação passou. Na manhã seguinte, Clemmie foi embora. O espaço no chão onde ela deixara suas coisas estava vazio e todos os traços dela haviam sumido.

Alice sentiu um alívio tão grande que chegou a ficar tonta. Nem mesmo o bilhete em cima da mesa poderia

destruir seu bom humor: *Tive que ir; voo cedo programado. Vejo você na volta. Precisamos conversar. É importante. C.*

Ela amassou aquele pedaço de papel e agradeceu a Deus pelo adiamento.

Acontece que Deus pode ser cruel. Dois dias depois, Clemmie foi derrubada sobre o mar, a 4 milhas da costa inglesa. Seu avião caiu, mas seu corpo nunca foi encontrado. *O piloto provavelmente ejetou*, dizia o relatório, *imediatamente antes de o avião ser abatido*. Só mais uma perda em um mundo que decidira que a vida era barata. Alice não era egocêntrica o suficiente para acreditar que os destinos de outras pessoas estavam a serviço de suas lições de vida. Ela abominava a expressão “Tudo acontece por um motivo”. Com certeza havia consequências para tudo o que aconteceu, mas essa era uma perspectiva completamente diferente. Então escolheu ver isso como uma mera coincidência: que a morte de uma irmã tenha poupado seu envolvimento na morte do irmão.

Alice ainda via a irmã quando menos esperava. Nos dias de verão, quando olhava para o sol pulsante e sua visão ficava estrelada. Uma mancha preta disparando pelo céu, girando num arco gracioso, caindo silenciosamente no mar. Aquela garotinha que girava nos campos, de braços abertos. A segunda dos irmãos de Alice a desaparecer. *Ah, se eu tivesse asas como uma pomba! Então voaria para longe e repousaria.*

O trem chegou a King’s Cross e os amantes saltaram, seguindo em direção à saída. Alice lutou contra um desejo de ir atrás deles, apenas para ficar, por um breve tempo, às margens de sua paixão insaciável.

Ela não foi, claro. Trocou de linha e seguiu para Hampstead, onde finalmente pegou o elevador para a superfície. Não tinha tempo para nostalgia. Precisava voltar, falar com Peter e fazer alguns ajustes. Era uma bela tarde. O calor do dia havia desaparecido, o sol tinha perdido seu brilho, e Alice tomou o caminho familiar para casa.



Peter pegou um marca-texto amarelo e o deslizou cuidadosamente sobre as linhas. Era o fim de um longo dia e ele se permitiu um momento de celebração silenciosa. A editora de Alice queria que o site estivesse no ar em um mês e ele fora encarregado de fornecer o conteúdo – um trabalho que ficou bem mais difícil do que seria pela ardente recusa da pessoa que era o tema do site em se envolver na preparação.

Não era nada tão simples ou clichê como a recusa de uma octogenária em aceitar a inovação. Na verdade, Alice tinha orgulho de se manter em dia com a tecnologia. A internet fez uma enorme diferença nas práticas de policiamento durante a vida de Diggory e Alice era rigorosa sobre manter o realismo em seus livros. Ela se indignava com a “insidiosa violação” da esfera privada pela pública. O marketing não era problema, dizia, mas, quando o autor se tornava mais importante do que os livros, o mundo com certeza estava ao contrário. Só com a proximidade do aniversário de 50 anos e um apelo pessoal da diretora da editora ela foi convencida a ceder, e com uma condição:

– Eu não quero saber disso, Peter. Apenas faça acontecer, está bem?

Peter tinha prometido que aconteceria e agia com cautela, tomando o cuidado de evitar qualquer menção a palavras como “on-line” e “plataforma” quando ela pudesse estar ouvindo. A biografia da autora tinha sido bastante fácil – eles já tinham um documento padrão que ele mantinha atualizado para comunicados de imprensa – e Peter estava bastante orgulhoso da página especial que havia montado a partir da perspectiva do próprio Diggory Brent, porém agora trabalhava no “Perguntas frequentes” e as coisas estavam indo bem devagar. O problema era que o trabalho necessariamente se baseava nas respostas de Alice. Sem sua cooperação, ele estava limitado a pesquisar nos arquivos artigos dos quais pudesse tirar as respostas.

Tinha se concentrado no tema da escrita e do processo, em parte porque sabia que isso agradaria a Alice e, em parte, porque facilitava a vida. Alice não concedia muitas entrevistas atualmente e as que ela dava eram conduzidas sob a estrita condição de que falassem apenas sobre seu trabalho. Ela guardava sua privacidade

com um fervor que Peter às vezes se preocupava (em silêncio, para si mesmo e nunca de modo que ela pudesse intuir sua preocupação) que estivesse se aproximando da neurose.

Entretanto, ele incluía algumas questões pessoais em respeito ao assessor de imprensa de Alice, que tinha enviado uma “lista curta” de trinta sugestões, e, para encontrar as respostas, precisava pesquisar sobre décadas antes. Os arquivos pessoais de Alice não eram organizados. Havia alguns sistemas de arquivamento interessantes e variados implementados ao longo dos anos. A tarefa era mais complicada do que poderia ter sido.

Mas então, finalmente, o sucesso. Em uma entrevista ao *Yorkshire Post* datada de agosto de 1956, ele encontrou uma citação de Alice que, com alguns ajustes, poderia responder a uma das questões pessoais problemáticas:

P: Que tipo de criança você foi? Você já era escritora nessa época?

Peter olhou para as linhas que acabara de destacar.

R: Eu sempre fui rabiscadora, o tipo de criança repreendida por escrever nas paredes ou por gravar o nome nos móveis. Tive a sorte de ser bastante encorajada por um amigo da família, um escritor que nunca parecia se cansar de incentivar uma criança em seus voos fantasiosos. Um dos maiores presentes que já recebi foi meu primeiro diário. Meu pai é que me deu. Como eu adorava aquele caderno! Eu o carregava para todos os lugares e desenvolvi uma predileção por cadernos que nunca perdi. Meu pai me dava um novo a cada ano. Escrevi um romance de mistério inteiro, o meu primeiro, no caderno que ganhei no meu décimo quinto aniversário.

Servia perfeitamente. Cantarolando para si mesmo, Peter rolou para baixo o documento na tela do computador, procurando o espaço em branco que esperava uma resposta. A luz da tarde morna se derramava sobre o teclado. Um ônibus suspirou para parar na rua lá fora, uma mulher com a voz animada chamou alguém “Depressa!” e, lá embaixo, na High Street, um artista de rua tocava Led Zeppelin em uma guitarra.

Peter já estava mentalmente arrumando suas coisas, imaginando a longa viagem de ônibus para casa com Pip e Abel Magwitch por companhia, quando outra pergunta no documento chamou sua atenção. Ou, mais propriamente, a resposta que ele tinha escrito embaixo dela.

P: Num piscar de olhos foi seu primeiro romance protagonizado por Diggory Brent a ser publicado, mas foi o primeiro manuscrito que você concluiu?

R: Foi. Sou uma daqueles raros e sortudos autores que nunca tiveram que lidar com uma carta de rejeição.

Peter parou de cantarolar. Olhou de novo para as linhas realçadas.

As duas respostas não se contradiziam exatamente. Havia uma diferença entre concluir um manuscrito e escrever um romance em um diário de adolescente; ainda assim, alguma coisa se insinuou na memória de Peter.

Ele vasculhou a pilha de fotocópias sobre a mesa, procurando as páginas das quais havia tirado a segunda resposta. Encontrou-a em uma entrevista de 1996 para o *Paris Review* e a releu:

ENTREVISTADOR: Num piscar de olhos foi o primeiro manuscrito que você concluiu, mas certamente não o primeiro que começou.

EDEVANE: Na verdade, foi.

ENTREVISTADOR: *Você nunca escreveu ficção antes de começar* Num piscar de olhos?

EDEVANE: *Nunca. Não tinha me passado pela cabeça escrever uma história, muito menos uma de mistério, até depois da guerra. O personagem Diggory Brent veio a mim em um sonho certa noite e, na manhã seguinte, comecei a escrever. Ele é um arquétipo, é claro, embora qualquer escritor de séries que lhe diga que seu personagem não compartilha suas preocupações e interesses esteja mentindo.*

Peter ouviu o relógio na lareira tiquetaquear. Levantou-se, esticou-se, terminou o copo de água e foi até a janela. Não importava quanto ele tentasse distorcê-las, as duas entrevistas estavam em contradição direta.

Voltou a se acomodar à mesa. Seu cursor estava piscando perto da palavra “mentindo”.

Alice não era mentirosa. Na verdade, ela era escrupulosamente honesta, a ponto de ofender em muitos casos.

Então a discrepância era um erro. Passaram-se quarenta anos entre a primeira e a segunda resposta e, nesse tempo, ela esqueceu. Alice tinha 86 anos. Havia partes de sua infância das quais Peter não conseguia se lembrar com certeza, e ele tinha apenas 30.

Ainda assim, ele não colocaria na internet nada que fizesse Alice correr o risco de ser confrontada. Deixara de ser fácil se livrar de inverdades ou contradições. Tudo era instantaneamente verificável. As contradições eram captadas como insetos na internet. Já não era possível esquecer.

Peter estendeu a mão para tocar o teclado preguiçosamente com um dedo. Não era nada de mais, só um aborrecimento. Não podia exatamente perguntar a Alice qual entrevista era a correta. Ele tinha prometido fazer o site acontecer sem incomodá-la e valorizava muito a vida para arriscar insinuar que ela dissesse uma mentira.

Seus olhos voltaram para a tela.

Não tinha me passado pela cabeça escrever uma história, muito menos uma de mistério, até depois da guerra... Como eu adorava aquele caderno! Eu o carregava para todos os lugares e desenvolvi uma predileção por cadernos que nunca perdi. Escrevi um romance de mistério inteiro, o meu primeiro, no caderno que ganhei no meu décimo quinto aniversário.

Passos arranharam os degraus lá fora e Peter olhou para o relógio. A porta da frente se abriu e ele ouviu Alice no corredor.

– Peter?

– Na biblioteca! – gritou, apertando o botão de desligar para que sua página fosse reduzida a um único pontinho eletrônico. – Eu estava terminando. Uma xícara de chá antes que eu vá?

– Sim, por favor. – Alice apareceu à porta. – Tenho algumas questões que gostaria de discutir com você.

Ela parecia cansada, mais frágil do que ele estava acostumado a vê-la. Parecia estar carregando o calor do dia nos vincos de suas roupas, em sua pele, no seu jeito.

– Algum recado? – perguntou ela, sentando-se para tirar os sapatos.

– Jane ligou para saber do novo romance, Cynthia quer falar da divulgação e Deborah telefonou.

– Deborah? – Alice ergueu os olhos bruscamente.

– Faz apenas meia hora.

– Mas acabei de encontrá-la. Ela está bem? Deixou algum recado?

– Sim. – Peter empurrou os arquivos de entrevistas para o lado para encontrar a anotação. – Está aqui em algum lugar. Eu anotei para não esquecer.

Afinal encontrou o pedaço de papel e franziu a testa para seus garranchos. Deborah era sempre formal ao telefone, mas naquele dia fora excepcionalmente circunspecta, insistindo para que ele repetisse sua mensagem para Alice literalmente, pois era importante.

– Ela disse para eu lhe dizer que ela se lembra dele, *sim*, e que seu nome era Benjamin Munro.

Em sua última manhã em Loeanneth, Theo Edevane acordou com os pássaros. Ele só tinha 11 meses, muito jovem para entender o tempo, quanto mais para dizer as horas, mas, se pudesse, saberia que os ponteiros no grande relógio do quarto tinham acabado de chegar a seis minutos depois das cinco. Theo só sabia que gostava do modo como a luz da manhã tocava as pontas prateadas dos ponteiros e as fazia brilhar.

Com o polegar enfiado na boca e Puppy quente sob seu braço, ele rolou alegremente para o lado e olhou através da meia-luz para onde sua babá estava dormindo na cama de solteiro dentro do abrigo. Seus óculos não estavam no nariz e, sem as hastes de metal para manter as coisas juntas, o rosto se achatava contra o travesseiro, uma série de linhas, vincos e bolsas suaves e flácidas.

Theo se perguntava onde estava sua outra babá, a babá Rose. Ele sentia falta dela (embora os detalhes do que sentia falta já estivessem se desvanecendo). Aquela nova era mais velha e mais dura, com um cheiro que fazia seu nariz coçar. Ela mantinha um lenço úmido dentro da manga preta de algodão e uma garrafa de óleo de mamona no peitoril da janela. Dizia muitas vezes que não existe isso de “não consigo” e que “autoelogio não é recomendado”, além de gostar de sentá-lo no grande carrinho preto e levá-lo de um lado para outro na garagem acidentada. Theo não gostava de ficar no carrinho; não agora que já sabia andar. Ele tentou lhe dizer isso, mas não sabia muitas palavras e a babá Bruen dissera apenas:

– Quiet, Sr. Theodore. Não convidamos o Sr. Malcriado.

Theo estava ouvindo os pássaros do lado de fora da janela, observando a aurora rastejar pelo teto, quando o som da porta do quarto se abrindo o fez rolar de barriga para baixo e observar ansiosamente por entre as grades do berço.

Lá, espiando de volta para ele pela abertura entre a porta e o batente, estava sua irmã mais velha, aquela com as longas tranças castanhas e sardas nas bochechas, e Theo sentiu emoção e amor explodir dentro dele. Ele se levantou e sorriu, batendo as mãos na borda do berço, de modo que os botões de latão dos cantos retiniram.

Theo tinha três irmãs mais velhas e amava a todas, mas essa era sua favorita. As outras sorriam para ele, balbuciavam e diziam que ele era um amor de bebê, mas não podia contar com elas da mesma maneira. Deborah o colocava no chão se ele ficasse agitado demais e agarrasse seus cabelos ou suas roupas, e Alice podia estar rindo num minuto, no meio de uma deliciosa brincadeira de “Cadê o bebê?”, quando de repente seu olhar ficava estranho, como se ela não pudesse mais vê-lo, e, sem nenhuma explicação, ela se levantava, se colocava na mesma distância em que os adultos viviam e pegava o caderno e a caneta.

Essa, entretanto, Clemmie, nunca se cansava de agradá-lo, fazer caretas e soprar sua barriga. Ela o levava a lugares, seus braços quentes e magros firmes ao redor do corpo dele, e, quando enfim o colocava no chão, não o impedia, como os outros, sempre que ele encontrava algo realmente interessante para explorar. Nunca usava palavras como *sujeira*, *perigoso* e *não!*, e quando vinha até ele logo de manhã, como tinha feito naquele dia, sempre o levava à cozinha, onde havia pães quentes e frescos esfriando nas bancadas e potes de geleia de morango na despensa.

Theo pegou Puppy, empolgado, e levantou os braços bem alto, contorcendo o corpo como se, de alguma forma, pudesse se libertar do berço se tentasse o bastante. Ele acenou com as mãos, estendeu os dedos com

alegria, e sua irmã mais velha sorriu, os olhos se iluminando e as sardas dançando, e, como ele *soubera* que ela faria, estendeu a mão para dentro do berço e o pegou por cima da borda.

Enquanto ela o carregava saltitante em direção à porta e a babá Bruen dava um ronco em seu travesseiro, a empolgação agitou o corpo de Theo.

– Vamos lá, fofuchinho – disse a irmã, beijando-lhe o topo da cabeça –, vamos ver os aviões.

Eles começaram a descer as escadas juntos e Theo sorriu de alegria para o carpete vermelho, pensou em pão quente com manteiga e geleia, patos no córrego e os tesouros que encontraria na lama, os braços da irmã estendidos enquanto ela fingia que estavam voando; e, quando atravessaram o salão, ele riu ao redor de seu polegar quente e molhado apenas pela alegria de ser feliz e amado naquele momento.



Eleanor ouviu o guincho nas escadas, mas sua mente adormecida o tomou como alimento, transformando-o em um sonho vívido em que ela era a mestra de um grande circo caótico. Tigres que não admitiam ser domesticados, trapezistas cujos pés escorregavam, um macaco que não podia ser encontrado. Quando enfim acordou para a realidade de seu quarto, o barulho já era uma lembrança distante, perdida no vazio escuro cavernoso junto com todos os outros detritos noturnos que foram perdidos ao despertar.

Luz, solidez, manhã enfim. Depois de meses de planejamento, o solstício de verão tinha chegado, mas Eleanor não saltou da cama com entusiasmo. A noite fora interminável e sua cabeça parecia uma esponja molhada. Acordara no escuro e ficara deitada por horas, a cabeça cheia e o quarto quente. Cada carneirinho que ela contou havia se transformado em um trabalho na lista de coisas a serem feitas naquele dia e só quando amanhecia ela finalmente caiu em um sono agitado.

Esfregou os olhos e se espreguiçou, então pegou o velho relógio de seu pai na mesa de cabeceira, olhando de soslaio para seu rosto fiel e redondo. Nem sete horas e já estava terrivelmente quente! Eleanor desabou contra os travesseiros. Se fosse outro dia, teria vestido seu traje de banho e ido ao córrego para um mergulho antes do café da manhã, antes que os outros acordassem e ela tivesse que ser mãe. Eleanor sempre adorou nadar, a água sedosa contra a pele, a claridade da luz na superfície ondulada, o modo como o som se adensava quando suas orelhas estavam sob a superfície. Quando criança, tinha um lugar favorito, particularmente profundo, perto da casa de barcos, onde a verbena crescia selvagem nas margens íngremes e o ar era doce e pungente. A água era maravilhosamente gelada lá, quando ela desaparecia sob a superfície, girando o corpo para mais e mais fundo, até que estivesse aninhada entre os juncos escorregadios. Os dias seriam muito mais longos a partir de então.

Eleanor estendeu a mão, roçando o braço contra o lençol ao lado dela. Anthony não estava lá. Devia ter se levantado cedo e provavelmente estava lá em cima, evitando o tumulto que bem sabia que o dia traria. Até pouco tempo, ela teria se preocupado ao ver que ele já se levantara; angustiava-se até que ela o encontrasse, sozinho. Porém, não mais. Ela havia consertado as coisas e esse medo particular poderia ser descartado.

Um cortador de grama foi acionado lá fora e Eleanor soltou um suspiro que não tinha percebido que estava preso. Um cortador de grama significava que o tempo estava bom, graças a Deus. Uma coisa a menos com que se preocupar. A chuva teria sido um desastre. Houvera trovões durante a noite, isso foi o que a acordou da primeira vez e a fez correr para a janela e abrir as cortinas, temendo o mundo molhado que sabia que veria lá fora. Mas a tempestade estava distante, os raios iam de uma nuvem a outra, não do tipo que trazia chuva; o jardim estava seco e iluminado pela lua, estranho em sua quietude.

Aliviada, Eleanor ficou algum tempo de pé no quarto escuro, observando as ondulações do lago, as nuvens prateadas rodeando o céu cinzento, acalutando a estranha sensação de ser a única pessoa acordada na Terra. O sentimento lhe era bem familiar, a fazia pensar nas noites em que seus filhos eram bebês e ela mesma os amamentava, para grande aversão de sua mãe, enroscada na poltrona junto da janela do quarto de bebê.

Pequenos gritos de satisfação, mãozinhas macias na lua que era seu peito inchado, o vasto e ainda tranquilo mundo ao redor.

Quando bebê, Eleanor fora amamentada naquele mesmo quarto, mas sob condições muito diferentes. Sua mãe não tivera essas tendências “vampirescas” com bebês, instruindo a babá Bruen – mais jovem na época, mas não com atitude menos retrógrada – a preparar leite de vaca esterilizado para “a pequena estranha” em uma das mamadeiras de vidro encomendadas especialmente da Harrods. Até então, Eleanor não podia sentir cheiro de borracha sem experimentar uma onda aguda de náusea e isolamento. A babá Bruen, naturalmente, aprovou incondicionalmente o regime e as mamadeiras foram preparadas com precisão militar a intervalos ditados pelo relógio frio do quarto de bebê, independentemente dos rumores do pequeno estômago de Eleanor. Era mais do que certo, as duas mulheres concordaram, que a criança começasse a ser educada para questões de “ordem e pontualidade”. De que outra forma ela se tornaria adequadamente subordinada, ocupando com prazer seu lugar no fundo da hierarquia familiar? Aqueles foram os dias insossos antes de seu pai aparecer e resgatá-la de sua infância vitoriana. Ele interveio quando começaram a falar de contratar uma governanta, declarando que não havia necessidade, ele próprio ensinaria a filha. Ele era uma das pessoas mais inteligentes que ela conhecera – não formalmente educado, como Anthony ou o Sr. Llewellyn, mas um grande cavalheiro erudito, com uma mente que se lembrava de tudo que lia e ouvia, que refletia constantemente, juntando peças de conhecimento, procurando mais.

Eleanor se recostou nos travesseiros, amarrando seu amado relógio, e ocorreu-lhe a lembrança de sentar no colo dele diante da lareira da biblioteca enquanto ele lia em voz alta a tradução de William Morris e A. J. Wyatt para *Beowulf*. Ela era jovem, muito jovem para compreender completamente o significado das antigas palavras em inglês, e estava sonolenta. Sua cabeça repousava contra o peito dele e ela passava a escutar a ressonância de sua voz de dentro para fora, um zumbido quente e ecoante que estava em todos os lugares ao mesmo tempo. Ela estava hipnotizada pelo brilho de chamas laranja refletido no vidro de seu relógio e, naquele momento, o objeto tinha se tornado um emblema dos sentimentos de segurança e contentamento absolutos que a envolviam. Lá, com ele, no meio da tempestade, o centro do universo girando.

Talvez os pais e suas filhas fossem sempre ligados? Anthony, com certeza, era um herói para suas meninas. Assim era desde seu retorno da guerra. No começo, elas ficaram espantadas, dois pequenos rostos espiando curiosos por trás da porta de seu escritório, ouvindo e sussurrando, mas em pouco tempo foram arrebatadas. Uma pequena maravilha. Ele acampou com elas nos prados, mostrou-lhes como tecer barcos com a grama, ouviu pacientemente todas as suas lágrimas e histórias. Certa vez, um hóspede se voltara para Eleanor por cima dos julepos de hortelã no gramado, enquanto Anthony pulava carniça com Deborah e Alice, então foi a vez da pequena e cambaleante Clementine. De repente, ele se tornou um cavalo, galopando ao redor do jardim enquanto as três meninas se escangalhavam de rir. O hóspede lhe perguntara, a maledicência disfarçada de simpatia, se ela se incomodava que seu marido fosse tão claramente o favorito das filhas. Eleanor respondeu que, naturalmente, não.

Era quase verdade. Depois das privações da guerra, quatro longos anos durante os quais os dois foram obrigados a viver separados, crescer e assumir novas responsabilidades, tê-lo de volta ao lugar a que ele pertencia e ver o amor puro e a admiração em seu rosto enquanto observava suas filhas era uma panaceia. Era como ter a própria máquina do tempo e voltar a uma era de inocência.

Eleanor pegou a fotografia que guardava ao lado da cama, os dois na horta, em 1913, Anthony com o chapéu de palha novinho em folha. Ele estava olhando diretamente para o fotógrafo, seu sorriso torto como se tivesse acabado de fazer uma piada. Ela olhava para ele com adoração, um lenço amarrando seus cabelos. Ambos seguravam pás. Era do dia em que eles tinham cavado a plantação de morangos e feito uma tremenda bagunça. Howard Mann era quem estava atrás da câmera. Ele havia chegado certo dia em seu Silver Ghost, ansioso para “ver se vocês dois não tinham caído pela borda da Terra”, e acabara ficando a semana inteira. Eles riam, brincavam e discutiam ferozmente sobre política, pessoas e poesia, exatamente como nos anos de Cambridge, e, quando ele enfim retornou a Londres, foi com relutância e promessas de voltar logo, a mala do carro cheia de sobras de sua primeira colheita. Olhando para a fotografia agora, lembrando-se dos dois

naquela época, Eleanor sentiu o abismo do tempo. Ela se sentiu humilhada por aqueles jovens felizes. Tão certos, tão inteiros, tão intocados pela vida...

Ela estalou a língua, impaciente consigo mesma. Era a falta de sono que a deixava nostálgica, o tumulto dos últimos meses, o peso do dia à frente. Com cuidado, pôs a moldura de volta na mesa. O sol estava ganhando força, uma constelação deslumbrante de pontos de luz aparecia nas cortinas de brocado. Eleanor sabia que era hora de se levantar e, ainda assim, uma parte dela resistia, agarrando-se à ideia irracional de que, ficando na cama, poderia de alguma forma impedir que a contagem regressiva começasse. Evitar que a onda estourasse. *Não há como conter a maré.* A voz de seu pai. Os dois observando o mar em Miller's Point, as ondas quebrando nas rochas ao pé do penhasco antes de se arrependerem e serem arrastadas para trás novamente. É tão inevitável quanto o dia se seguir à noite. Foi na manhã em que ele lhe disse que estava doente e a fez prometer que se recordaria de quem ela era quando ele partisse: *Lembre-se de ser sempre boa, corajosa e verdadeira.* A antiga e muito amada frase de *O portal mágico de Eleanor*.

Eleanor afastou a lembrança e se concentrou. Os primeiros convidados chegariam às oito horas daquela noite, o que significava que ela precisava estar pronta, vestida, com o coquetel de boas-vindas preparado, às sete e meia. Ah, mas ainda havia tanto a fazer! As meninas teriam que ser forçadas a ajudar. Para Alice, ela daria a tarefa simples (alguns diriam prazerosa, embora soubesse que não para Alice) de encher os vasos dos quartos com flores. Deborah faria um trabalho mais elaborado, mas estava de mau humor ultimamente, petulante e cheia de opinião, tomada pela fé ingênua e infantil de que faria tudo melhor do que os pais, e Eleanor não estava com disposição para brigar. Quanto a Clemmie, pobre criança, bastava que ela ficasse fora do caminho. Querida Clemmie, a mais incomum dos filhos de Eleanor e, agora, presa naquela fase estranha, dentuça e com membros compridos, recusando-se a deixar a infância para trás.

A porta se abriu abruptamente e Daisy chegou com a bandeja de café da manhã prateada orgulhosamente erguida.

– Bom dia, senhora – disse ela com uma expressão de alegria. – O grande dia enfim chegou!

A empregada pousou a bandeja, balbuciando sem respirar sobre o cardápio, os convidados e o estado lamentável das coisas na cozinha.

– Na última vez em que vi, a cozinheira estava perseguindo Hettie em volta da mesa com uma galinha-d'angola em uma das mãos e um rolo de massa na outra!

Então ela foi abrir as cortinas, permitindo que a luz, notável e forte, atravessasse o vidro e dissipasse os vestígios da noite.

Enquanto Daisy começava um relato não solicitado dos preparativos que estavam acontecendo no gramado lá embaixo, Eleanor serviu chá do pequeno bule de prata e se perguntou como conseguiria dar conta de tudo o que o dia exigia.



As cortinas da janela do quarto se abriram e, de onde ela estava sentada no banco do jardim, Constance podia ver pelo vidro aquela empregada, Daisy, se agitando e falando sem parar, sem dúvida levando Eleanor à beira da distração com sua tagarelice. Não era menos do que ela merecia. Ficar deitada, pomposa, até tão tarde quando havia uma festa a oferecer! Mas Eleanor sempre fora uma criança muito cheia de caprichos.

Constance havia tomado seu café da manhã havia uma hora. Ela sempre se levantava ao amanhecer. Era o costume de uma vida inteira. Constance não estava acima dos vícios – de fato, ela sempre sentira que era dever de uma mulher manter-se interessante –, mas a pontualidade era uma virtude, aprendera quando criança, sem a qual se atrapalhava a vida dos outros. Essa grosseria não poderia ser tolerada.

O jardim já fervilhava de agitação. Constance tinha seus papéis com ela e uma lista de cartas para escrever, mas era quase impossível não ceder à diversão. Um bom número de homens corpulentos erguiam elaborados lançadores de fogos de artifício no gramado oval e vans começavam a chegar com entregas para a cozinha.

Ali perto, dois meninos locais deselegantes com grinaldas decorativas pisavam nos canteiros enquanto procuravam algum lugar para pôr uma escada. Um deles, um rapaz de aparência doentia, com espinhas novas no queixo, cometeu o erro de se aproximar de Constance procurando “o patrão”, mas ela logo se livrou dele com um olhar vazio e uma conversa sobre o clima. A senilidade era um traje útil. Era verdade que seus pensamentos vagavam nesses dias, mas não tanto quanto ela deixava que todos acreditassem. Ainda podia concentrar sua mente para realizar coisas incríveis se estivesse inspirada o bastante.

Sim, ia ser um bom dia. Embora nunca fosse declarar isso em voz alta, especialmente para Eleanor, Constance gostava do solstício. Os Edevanes não se divertiam com frequência, mas a festa no solstício era uma tradição da qual Eleanor não fora capaz de abrir mão e ela agradecia a Deus por isso. A celebração em Loeanneth era o ponto alto do ano de Constance, a única coisa que compensava o fato de ela ter que viver naquele lugar esquecido, onde o cheiro do mar e seu som horrível quando a brisa soprava de certo modo eram o suficiente para fazer seu sangue correr gelado. Constance desprezava aquele som. Lembrava-lhe aquela noite terrível tantos anos antes. Ela pensou que se livrara daquilo quando deixaram a casa havia mais de vinte anos, mas a vida podia mesmo ser cruel assim.

Enfim, o propósito e a empolgação dos preparativos da festa lhe lembravam momentos mais felizes do passado: a expectativa que sentira quando era uma jovem mulher, vestindo seda e joias, pulverizando sua colônia e prendendo o cabelo; o momento da chegada, fazendo sua grande entrada, lançando seu olhar pela multidão, chamando a atenção de uma conquista digna; e, então, a empolgação da perseguição, o calor da pista de dança brilhante, o voo silencioso ao longo de corredores escuros para reivindicar seu prêmio... Às vezes, ultimamente, o passado era tão vívido, tão *real*, que ela quase acreditava ser aquela jovem outra vez.

Um movimento interrompeu seu devaneio e Constance sentiu seu sorriso desaparecer. A porta da frente se abriu e agora Daffyd Llewellyn saía, tropeçando sobre o limiar, enquanto ajustava o chapéu e apoiava o cavalete no quadril. Ela ficou muito quieta, escondida nas sombras. A última coisa que queria era conversar com ele. Ele andava mais devagar do que o normal, quase como se sentisse algum tipo de desconforto. Constance notara isso na outra tarde, quando todos estavam no gramado e Eleanor fez o anúncio sobre o prêmio que ele receberia em breve. Azia, aparentemente – não que fosse da sua conta ou que ela se importasse. Constance não tinha tempo para aquele homem tolo e fraco. A maneira como ele andava à espreita na casa e no jardim quando ela era a dona, com suas roupas excêntricas e seus olhos tristes, seus contos de fadas ridículos – toda vez que ela se virava, ele estava lá. E quanto àquele seu colapso?! Constance bufou com desprezo. O homem não tinha orgulho nem vergonha. Que motivo ele tinha para ficar deprimido? Era *ela* quem deveria ter se sentido ofendida. Ele lhe roubara sua filha, lançando seu papo furado sobre terras mágicas e liberdade sobre ela e, então, ousara abusar de sua hospitalidade. Ela exigira que Henri o mandasse embora, mas Henri, flexível e manso em todos os outros aspectos, recusara-se.

E, agora, era a vez de Eleanor paparicá-lo. Ela o adorava quando era criança, e ele a ela, os dois ainda mantinham uma amizade singular. Constance os vira em um simpático encontro duas semanas antes, sentados no banco do jardim perto das rosas. Eleanor estava lhe dizendo alguma coisa, seu rosto angustiado, e ele assentia, então tocou sua face com as pontas dos dedos e Constance percebeu que Eleanor estava chorando. E assim soube sobre o que era a conversa.

Uma brisa quente soprou levemente e pétalas se espalharam como confete.

Constance via muitas coisas naqueles dias. Ela preferiria manter sua juventude e beleza, mas lutava contra o inevitável e descobriu que havia vantagens no envelhecimento. Quando perdeu a capacidade de virar cabeças, ganhou a habilidade de se sentar muito quieta, respirar silenciosamente, passar despercebida. E, assim, via coisas. Ela viu Deborah dando trabalho à mãe desde que ficou noiva; Alice se afastar para encontrar em segredo aquele jardineiro de cabelos escuros e olhos ciganos; aquela relação entre Anthony e a babá muito jovem.

Era uma pena que Eleanor não fosse tão atenta quanto Constance. Ela poderia ter descoberto as coisas mais cedo. Constance tinha se perguntado quanto tempo levaria para que a ficha caísse. Claro, ela poderia ter contado à filha o que tinha visto, mas as pessoas tendiam a matar o mensageiro e, evidentemente, Eleanor

havia chegado lá no fim das contas, pois a babá tinha ido embora. Ela fora dispensada sem aviso nem alarde. E problema resolvido. Os sorrisos encobertos, as conversas arrebatadas quando achavam que ninguém estava vendo. Mas Constance viu. Ela viu até a jovem entregar um presente certa tarde, um livro. Os olhos de Constance não eram os mesmos de antes e ela não conseguira distinguir o título, não na hora, mas se incumbira de entrar na sala de estudo de Anthony mais tarde e lá vira, entre borboletas e lupas, a mesma cobertura verde. Um livro de poemas de John Keats.

Não era à infidelidade que ela se opunha – Constance não via razão para que homens e mulheres não desfrutassem do prazer como bem quisessem –, mas o segredo era a discrição. Convinha que as pessoas de sua classe fizessem as escolhas certas, de modo que a história não vazasse além do seu círculo, onde poderia ser transformada em fofoca. E ali estava o problema. Uma criada com certeza não estaria dentro do círculo e se envolver de tal maneira era não apenas tolice, mas também pouco gentil. Dava às criadas ideias acima da sua posição, e nada de bom poderia vir disso.

O conforto costumava gerar transgressão, e Rose Waters ficara muito confortável, particularmente no trato do bebê Theo. A babá não manteve nenhuma das barreiras profissionais que se poderia esperar, beijando a criança e cantando baixinho em seu ouvido, carregando-o no colo quando o levava ao jardim em vez de sentá-lo em seu carrinho, como era apropriado. Era o tipo de tratamento inconveniente que se poderia tolerar de um membro da família afetuoso, mas não de ajuda contratada. E as liberdades tomadas não tinham terminado aí. Rose Waters tinha passado dos limites várias vezes, culminando recentemente em um momento de loucura quando ousou reclamar com Constance por entrar no quarto do bebê “durante a hora de descanso”. Constance era a avó do menino, pelo amor de Deus, e só queria sentar-se ao lado do berço e observá-lo, seu peito pequeno subindo e descendo com saúde.

Graças a Deus a babá Bruen tinha voltado. Constance ficava animada só de pensar nisso. Foi bom ver sua velha parceira recentemente, trazida de volta à casa e encarregada de Theo. Constance tinha um interesse especial pelo neto mais novo e a restauração de padrões apropriados estava seriamente atrasada. Ela fez uma anotação mental para ter uma conversa com a babá Bruen mais tarde. Tinha visto algo inaceitável menos de trinta minutos antes. Clementine, aquela menina infeliz cheia de sardas e com dentes de cavalo, tinha aparecido ao lado da casa com o bebê montado em suas costas! Constance sentira a raiva se erguer dentro dela. Ela a tinha chamado, com a intenção de repreendê-la, mas a menina a ignorara.

Agora, Constance olhou para o jardim onde vira pela última vez a menina sumindo na margem do lago. O cortador de grama estava ligado no gramado atrás dela e ela pegou seu conjunto de papel de carta, usando-o como um ventilador. Os ruídos mecânicos sempre faziam o calor parecer pior, e aquele dia seria terrivelmente quente. As pessoas faziam coisas estranhas no calor, coisas inesperadas. Não era inédito que uma pessoa ficasse um pouco louca quando a temperatura aumentava muito. Constance nunca apreciara Shakespeare – na maioria das vezes, ele era um grande chato –, mas estava certo numa coisa: o solstício de verão era um tempo estranho e imprevisível.

Não havia nenhum sinal de Clementine e do bebê. O riso de Theo ainda estava vivo em sua memória e Constance sentiu o coração se suavizar. Ele era mesmo a criança mais deliciosa: de natureza agradável, um sorriso que terminava em covinhas, aquelas pernas gordas e resistentes. Perguntava-se, às vezes, o que o outro garotinho teria sido, o primeiro, se tivesse tido ao menos uma chance.

Ela se sentaria com Theo aquela tarde, decidiu Constance, e o veria dormir. Era uma de suas atividades favoritas naqueles dias e, com Rose Waters longe, Eleanor ocupada e a babá Bruen consciente de seu lugar, não haveria ninguém para detê-la dessa vez.



Clemmie tomou o caminho estreito de grama batida ao longo do córrego. Havia outras maneiras mais rápidas de chegar lá, mas Theo gostava de saltar na água rasa na travessia e Clemmie gostava de fazê-lo feliz. Além

disso, era a véspera do solstício de verão e a casa ficaria tumultuada o dia inteiro. Quanto mais tempo eles ficassem fora, melhor. Ocorreu-lhe, sem emoção nem autopiedade, que provavelmente nem dariam pela falta deles.

– Ainda bem que temos um ao outro, fofuchinho – disse ela.

– Ga! – veio a resposta murmurada de Theo.

Uma onda de emoção que podia ser tanto perda quanto amor a tomou de repente e ela apertou mais os braços em torno das pernas dele, tão redondas e macias. Ele podia tê-la substituído como o bebê da família, mas agora Clemmie não podia mais imaginar o mundo sem seu irmãozinho.

O sol nascente estava atrás deles e uma longa sombra se esticava à frente, o corpo alongado dela com as perninhas dele esticadas no meio. A cabeça dele espreitava sobre o ombro dela enquanto ele se agarrava às suas costas e, de vez em quando, estendia um punho pequeno e animado para apontar o dedo gorducho para algo pelo qual estavam passando. Precisara de um pouco de prática, mas agora ele era bom em segurar no pescoço dela. Clemmie podia até esticar os braços quando tinha vontade, deslizando-os pelo ar, virando-se para um lado e para outro enquanto fazia manobras acrobáticas elaboradas.

Ela parou quando chegaram à travessia de pedras, jogou no chão a bolsa de piquenique que trouxera (bolos de festa roubados da cozinha) e deixou Theo deslizar para baixo, pela parte de trás de suas pernas, até o grande monte de grama seca na margem. Ele aterrissou com uma risada encantada e ficou de pé.

– Aga – disse, importante, apontando para o córrego. – Aga.

Enquanto Theo cambaleava pelo trevo até a borda lamacenta, agachando-se entre os juncos, Clemmie procurou a pedra perfeita para arremessar. Tinha que ser pequena, plana e suave, mas, além disso, tinha que se acomodar perfeitamente na ponta dos dedos. Ela pegou uma e avaliou seu peso, suas bordas redondas, antes de descartá-la por ser muito desigual.

Repetiu esse processo uma, duas, três vezes antes de encontrar uma que, embora não fosse perfeita, parecia servir ao truque. Ela a pôs no bolso e começou a procurar a próxima.

Alice era a melhor em encontrar pedras. Era uma daquelas pessoas que sempre ganhavam os jogos porque tinham paixão por detalhes e uma natureza obstinada que se recusava a desistir. As irmãs costumavam passar horas ali selecionando e, em seguida, atirando suas pedras premiadas. Elas brincavam de roda, faziam balanços com as longas e firmes cordas dos barcos, construíam casinhas elaboradas no tojo. Brigavam, faziam cócegas e riam, aplicavam emplastros gosmentos nos joelhos uma da outra e adormeciam, cansadas e suadas, sob os arbustos de maio enquanto o sol da tarde desbotava a cor do jardim. Mas Alice estava diferente naquele verão e Clemmie foi abandonada.

Pegou uma pedra clara com manchas engraçadas e a esfregou com o polegar molhado. Era assim desde que vieram de Londres. Estavam todos acostumados com o modo como Alice se perdia atrás de seus cadernos, nos mundos de faz de conta de suas histórias, mas agora era diferente. Ela estava mal-humorada, variando de uma alegria extrema a uma exaustão amarga. Começara a dar desculpas esfarrapadas para ficar sozinha em seu quarto – *Preciso me deitar... Estou ocupada escrevendo... Estou com dor de cabeça...* – e, então, escapulia, de modo que, quando Clemmie ia encontrá-la, não estava lá.

Clemmie olhou de volta para onde Theo estava cavando com um graveto num pedaço de terra no córrego. Ele balbuciou alegremente quando um gafanhoto saltou de um junco para outro e ela sorriu com melancolia. Theo era um companheiro incrível, mas ela sentia falta de Alice e teria feito qualquer coisa para tê-la de volta, para que as coisas fossem como antes. Sentia falta das irmãs. As duas seguiram em frente sem ela, tornando-se adultas sem sequer olhar para trás. Alice, com aquela expressão de quem sonha acordada, e Deborah, noiva. Clemmie sentia isso como uma traição. Ela nunca seria como elas, nunca cresceria. Os adultos eram difíceis de entender. Clementine se desesperava com o tédio cansado de suas instruções (*agora não, mais devagar, pare já com isso*), as conversas embotadas, as misteriosas dores de cabeça, as desculpas que davam para se ausentar de qualquer atividade que pudesse ser divertida. E se ressentia das infinitas pequenas traições, do reino da insinuação e da nuance em que se moviam, de falar uma coisa e querer dizer outra. Clemmie vivia

num mundo um pouco mais preto no branco. Para um piloto, escolhas binárias eram muito importantes: sim ou não, para cima ou para baixo, certo ou errado.

– Não! – sussurrou, uma autocensura.

Seu humor já havia lançado uma sombra sobre a manhã ensolarada e, agora, aquilo em que estava tentando não pensar tinha voltado à sua mente. A coisa que tinha visto. Corpos nus, entrelaçados e se movendo...

Não. Clemmie fechou os olhos e afastou a imagem.

Ela sabia por que as terríveis imagens estavam de volta. Tinha sido num dia como aquele quando os viu; ela fora até a base, para ver os aviões, e estava a caminho de casa.

Clemmie bateu com o pé no chão. Se ao menos tivesse ido para casa mais cedo, qualquer coisa que a impedisse de cortar caminho pelo bosque naquele momento e passar pela casa de barcos. A horrível visão deles, o susto e a confusão enquanto ela tentava entender o que estavam fazendo.

– Pobrezinha – disse Deborah quando Clemmie lhe confiou a cena horrível, incapaz de guardá-la por mais tempo. – Você sofreu um choque terrível.

Ela pegou as mãos de Clemmie e disse que ela não devia mais se preocupar. Estava certíssima por ter lhe contado, mas agora devia esquecer aquilo.

– Vou cuidar de tudo, eu prometo.

Clemmie pensara que aquilo soava um pouco como prometer restaurar uma casca de ovo quebrada, mas Deborah sorriu, e seu rosto estava tão serenamente bonito, sua voz tão segura, que as preocupações de Clemmie foram afastadas por um momento.

– Vou falar com ela – disse Deborah. – Você vai ver... Tudo ficará bem.

Clemmie sacudiu as pedras no bolso e mordeu, distraída, a unha do polegar. Ela ainda se perguntou se deveria ter procurado a mãe ou contado ao pai o que tinha visto. Quando perguntou a Deborah, porém, a irmã disse que não. Ela pediu que esquecesse tudo sobre isso, que não devia contar a ninguém, a nem mais uma alma.

– Isso só os aborreceria, Clem, e não queremos isso, não é?

Ela pegou uma pedra oval e rosada e a segurou entre o polegar e o indicador. Tinha pensado em ir direto até Alice depois de vê-los e, talvez, se estivessem mais próximas, tivesse feito isso, mas do jeito que as coisas andavam, a nova distância que tinha surgido tão de repente entre elas... Não, ela havia feito a coisa certa. Deborah era o tipo de pessoa que sabia como agir em todas as situações. Ela cuidaria disso.

– Mi-mi?

Theo observava sua irmã solenemente, seu rosto de bebê voltado para o dela, e Clemmie percebeu que estava franzindo a testa. Ela deu um sorriso e, depois de uma segunda consideração, ele imitou a expressão feliz, o pequeno rosto franzido e belo, seu equilíbrio restaurado. Clemmie sentiu uma onda de melancolia, alegria e pavor misturados. Que fé ele tinha nela! Que fé ele tinha de que um pequeno sorriso era tudo de que precisava para transformar completamente seu humor. Ela voltou a ficar com o rosto sério e a alegria deixou os olhos dele. A menina tinha poder absoluto sobre ele e, para Clemmie, impotente de tantas outras formas, essa percepção foi inebriante. Sentiu agudamente a vulnerabilidade dele. Como seria fácil uma pessoa usar esse tipo de confiança de má-fé!

Clemmie, então, foi distraída pelo barulho do cortador de grama. Ou melhor, pela ausência do seu ruído. O corte da grama fazia parte das manhãs de verão de tal forma que ela já não notava mais até que o barulho parava e outros sons – o córrego, os pássaros madrugadores, a falação do irmãozinho – de repente ficavam mais altos.

O rosto dela se obscureceu. Clemmie sabia quem estava por trás do cortador e a última coisa que queria era vê-lo, *aquele* homem. Não agora, nem nunca mais. Ela desejava com todas as suas forças que ele fosse embora, para longe de Loanneth. Então talvez ela fosse capaz de esquecer o que tinha visto na casa de barcos e tudo voltaria a ser como antes.

Clemmie levantou Theo em seu quadril.

– Vamos, fofuchinho – disse, enxugando suas mãos enlameadas. – Suba a bordo, é hora de decolar.

Ele era uma criança amável; ela ouvira a mãe dizer à babá Bruen quando ela substituiu a babá Rose duas semanas antes (*amável e de bom temperamento*, o tom satisfeito e surpreso que implicava que a filha anterior, Clemmie, não era nem uma coisa nem outra). Ele não protestou, deixando as explorações para trás e assumindo sua posição nas costas dela, Puppy encaixado na dobra de seu cotovelo. Mantendo o equilíbrio, Clemmie atravessou as pedras do córrego e partiu em direção à base aérea além da fazenda de Jack Martin. Andou depressa, os braços enganchados sob os joelhos de Theo, e não olhou para trás.



Ben saltou do cortador de grama e se agachou junto do motor. A corrente estava no lugar, não havia nada preso nas pás, o chão que ele estava tentando cortar era plano. Terminava aí seu conhecimento de mecânica. Supôs que não havia nada a fazer além de dar à máquina alguns minutos para repensar sua decisão.

Ele se sentou e procurou fósforos no bolso da camisa. O sol da manhã aquecia sua nuca e prometia um dia sufocante. Ele podia ouvir pardais cantando e um trem saindo cedo da estação, sentia o cheiro das rosas, de chá doce e de grama recém-aparada.

Um biplano passou voando e Ben o observou até que se transformasse numa mancha minúscula para então desaparecer. Baixou o olhar e viu que o sol tinha atingido o lado da casa. Tinha chegado aos vitrais mais altos – os quartos, ele sabia – e Ben sentiu aquela atração de desejo que sempre sentia. Amaldiçoou-se por ser um tolo e desviou o olhar, pegando o cigarro. Seus sentimentos eram irrelevantes. Pior do que isso, eram um risco. Ele já tinha ultrapassado muitas linhas. E estava envergonhado.

Sentiria falta desse jardim quando fosse embora. Seu contrato era apenas temporário – ele sabia disso quando começou, só não sabia quão rápido ia acabar e quanto ele ia querer ficar. Harris oferecera extensão de seu tempo, mas Ben disse que precisava cuidar de outras coisas. “Questões de família”, falou, e o chefe assentiu e deu um tapinha no ombro de Ben, enquanto Adam se arrastava no galpão atrás deles, com seus 33 anos mas os olhos arregalados de um filhotinho. Ben não deu mais detalhes, com certeza, não mencionou nada sobre Flo e seus problemas. Não precisava. Harris tinha melhor entendimento do que a maioria sobre as responsabilidades com a família. Como todos os que tinham comemorado o retorno seguro de um ente querido da Grande Guerra, ele sabia que aqueles rapazes podiam ter voltado, mas que nunca chegaram em casa de fato.

Ben se abaixou debaixo da pérgula e fez uma pausa junto ao aquário quando uma lembrança o tomou como uma sombra. Aquele era o lugar onde Alice tinha lido seu manuscrito para ele pela primeira vez. Ele ainda podia ouvir a voz dela, como se, de alguma forma, tivesse sido capturada pelas folhas ao redor deles, e ela estava sendo executada de novo agora, só para ele, como uma gravação de gramofone.

– Tive uma ideia brilhante – ele a ouviu falar, tão jovem e inocente, tão cheia de alegria. – Estive trabalhando nisso a manhã toda e, embora não goste de me gabar, tenho certeza de que vai ser o meu melhor até agora.

– É mesmo? – disse Ben com um sorriso.

Ele implicava com ela, mas Alice estava animada demais para perceber.

Ela continuou contando a ele sobre sua ideia, o enredo, as personagens, a virada na trama, e a intensidade de sua concentração – sua paixão – transformava completamente seu rosto, trazendo uma beleza animada a seus traços. Ele não tinha percebido como ela era bonita até que ela contou para ele sobre suas histórias. Suas bochechas coraram e os olhos brilhavam com inteligência. E ela era *muito* esperta. Era preciso certo tipo de inteligência para resolver um quebra-cabeça – olhar para a frente e ver todos os cenários possíveis, ser tão estratégico. Ben não tinha esse tipo de cérebro.

No início, ele simplesmente gostava de sua alegria, da indulgência de ouvir uma história enquanto trabalhava, da chance de trocar ideias, o que era muito parecido com brincar. Ela o fazia se sentir jovem,

supôs; sua preocupação juvenil com seu trabalho, com o momento presente, era contagiante. Isso fazia com que as preocupações de adulto dele desaparecessem.

Ele sabia que os pais dela não aprovavam que eles se encontrassem assim, mas não achou que isso pudesse fazer qualquer mal. E não tinha feito, a princípio. Ele nunca imaginou, de início – nenhum deles poderia ter adivinhado –, aonde aquilo levaria. Mas era mais velho do que Alice; deveria saber. Deveria ter sido mais cuidadoso. O coração humano, a vida, as circunstâncias eram coisas difíceis de controlar. Quando percebeu o que estava acontecendo, era tarde demais.

O cigarro tinha acabado e ele sabia que deveria voltar ao trabalho. Harris lhe dera uma lista de coisas a fazer para a festa, ainda havia uma fogueira a montar, e ele teria que mandar alguém se entender com o cortador de grama.

Ben olhou em volta para verificar se não havia ninguém à espreita e, depois, pegou a carta dela. Fizera isso tantas vezes que as marcas de dobra estavam amolecidas e partes das palavras que estiveram lá haviam desaparecido. Ben se lembrava delas, como sussurros. Ela certamente sabia escrever; fazia bom uso das palavras. Leu cada linha lentamente, com cuidado, e os parágrafos que o haviam alegrado antes agora lhe causavam arrependimento.

Ele sentiria saudade desse lugar. Sentiria falta dela.

Um pássaro voou baixo, cantando uma reprimenda, e Ben dobrou a carta e a pôs de volta no bolso. Havia coisas a serem feitas e não tinha sentido se concentrar no passado.

– Vai ter uma fogueira enorme hoje à noite – dissera Harris com um meio sorriso, acenando com a cabeça para a pilha de lenha que tinham cortado durante a semana. – Vão conseguir vê-la de Caradon Hill. Sabe, há um velho ditado aqui que diz que, quanto maior a fogueira do solstício, melhor será a sorte da pessoa no ano que virá.

Ben ouvira o ditado antes. Fora Alice que dissera para ele.

15

Cornualha, 2003

Clive Robinson era um homem magro e esperto de quase 90 anos. Tinha a testa alta, enrugada, e cabelos brancos e espessos, um nariz grande e um sorriso largo. Ele ainda tinha todos os dentes. Seu olhar era claro e afiado, do tipo que sugeria uma mente rápida. Estava olhando Sadie por trás de óculos enormes com armação de baquelite marrom que ela logo suspeitou que ele usava desde a década de 1970.

– O calor daquele verão – disse ele, balançando a cabeça – era do tipo que fica colado na pele, tornando quase impossível dormir. Seco, também, semanas sem uma gota de chuva, de modo que a grama estava começando a desbotar. Não na Casa do Lago, veja bem. Eles tinham pessoas, jardineiros, para garantir que isso não acontecesse. Estava tudo enfeitado quando chegamos lá: lanternas, flâmulas, grinaldas de flores. Eu nunca tinha visto algo assim, um cara comum como eu, um lugar como aquele. Era tão bonito... Eles nos mandaram bolos na hora do chá. Você pode imaginar isso? Um dia depois de seu filho ter desaparecido e eles nos enviando bolinhos. As coisas mais bonitas que já vi, tudo especialmente para a festa da noite anterior.

Sadie entrara em contato com o policial aposentado assim que recebera sua carta. Ele tinha escrito o número de seu telefone no fim dela e, assim que leu, a detetive correu para dentro para ligar para ele, com as ramificações de sua descoberta na planta de 1664 ainda pulsando sob a pele.

– Eu estava esperando por você – falou ele quando ela se apresentou, e não passou despercebido a Sadie que era exatamente o que o velho de *O portal mágico de Eleanor* dissera à menina quando ela chegou para consertar o erro dele.

Pelo modo como ele falou, Sadie não teve certeza, no início, se ele estava se referindo às 24 horas desde que lhe escrevera ou aos setenta anos desde que o caso fora arquivado sem solução.

– Eu sabia que alguém acabaria vindo, que eu não era o único que ainda pensava neles – acrescentou Clive.

Os dois conversaram brevemente por telefone, um entrevistando o outro, trocando credenciais policiais (Sadie deixou de mencionar que estava na Cornualha por causa de uma licença forçada), e então falaram do caso. Apesar da novidade premente, Sadie se contivera e não deixara escapar a teoria do túnel, revelando apenas que estava difícil encontrar informações, que estivera limitada, até agora, ao relato de Pickering, diante do que Clive bufou, em divertida zombaria.

– Ele carece de informações sólidas – concordou Sadie.

– Não é só disso que aquele pobre homem carecia – disse Clive com uma risada. – Não quero falar mal dos mortos, mas receio que Arnold Pickering não estivesse na fila quando o Todo-Poderoso distribuiu cérebros.

Ele tinha perguntado se ela queria vê-lo e Sadie sugeriu um encontro para o dia seguinte.

– Venha de manhã – disse ele. – Minha filha, Bess, chegará ao meio-dia para me levar a um compromisso.

– Fez uma pausa antes de acrescentar, *sotto voce*: – Ela não aprova meu interesse pelo caso. Diz que é obsessivo.

Sadie sorriu ao telefone. Conhecia aquele sentimento.

– Ela prefere que eu jogue bridge ou coleciono selos.

– O segredo está a salvo comigo. Vejo o senhor às nove.

E, assim, ali estava ela, numa brilhante manhã de sábado, sentada na cozinha de Clive Robinson, em Polperro, com um bule de chá, um prato de biscoitos e um bolo de frutas fatiado entre eles. Havia um pano bordado aberto sobre a mesa embutida, com vincos que sugeriam que fora colocado ali havia pouco tempo. Sadie tinha ficado inesperadamente tocada quando notou uma pequena etiqueta na bacia e percebeu que estava com o lado errado para cima.

Se Clive parecia genuinamente satisfeito em vê-la, o enorme gato preto com quem ele vivia ficara claramente indignado com a visita.

– Não tome como pessoal – disse ele quando Sadie chegou, acariciando o animal sibilante sob o queixo. – Ela está zangada comigo por ter ido para o exterior. Muito possessiva, minha Mollie.

O animal assistia aos procedimentos agora do espaço entre dois potes de ervas no peitoril da janela ensolarada, ronronando amargamente enquanto sua cauda ondulava um alerta.

Sadie pegou um biscoito e examinou as perguntas restantes na lista que tinha feito para Clive. Resolvera testar as águas antes de decidir se podia ou não confiar no velho policial e em sua teoria. Havia também a pequena questão de verificar sua competência como fonte. Embora estivesse animada por fazer a entrevista, Sadie tinha dúvidas sobre quanto um homem de quase 90 anos se lembraria de um caso em que havia trabalhado sete décadas antes. Mas Clive rapidamente aliviou suas dúvidas e várias páginas de seu bloco de anotações estavam agora cheias de rabiscos.

– Nunca consegui esquecer – disse ele enquanto servia o chá com um coador. – Olhando para mim, pode não parecer, mas tenho boa memória. O caso Edevane, em particular, ficou comigo. Não teria conseguido me livrar dele nem se eu tentasse.

Ele endireitou os ombros estreitos que se encurvavam sob a camisa de gola bem passada. Clive era daquela geração que tinha uma opinião forte sobre questões de apresentação pessoal.

– Foi o meu primeiro, sabe? – Ele a estudou através das lentes grossas. – Bem, você é da polícia, entende o que quero dizer.

Sadie disse que sim. Nenhum treinamento preparava uma pessoa para a tempestade e o estresse de seu primeiro caso real. O dela tinha sido um chamado de violência doméstica. A mulher parecia ter lutado dez rounds no ringue, seu rosto estava preto e azul, o lábio aberto, mas ela se recusou a dar queixa. “Bati na porta”, dissera ela, sem ao menos se preocupar em inventar uma mentira original. Sadie, recém-saída do treinamento e nutrindo os próprios demônios, queria prender o namorado de qualquer maneira. A injustiça da situação era ardente. Ela não podia acreditar que não tinham escolha; que, sem a cooperação da vítima, não havia nada a fazer senão emitir um aviso e ir embora. Donald lhe dissera para se acostumar, que não havia limite para o que uma cônjuge amedrontada era capaz de fazer para proteger seu agressor, que o sistema tornava difícil para eles sair dessa situação. O cheiro do apartamento ainda era fresco em sua memória, como se tivesse sido no dia anterior.

– Foi meu primeiro gosto de dor – continuou Clive Robinson. – Eu tive uma infância protegida, uma família feliz, uma casa bastante agradável onde morar, irmãos e irmãs e uma avó na mesma rua. Nunca tinha ido a um funeral quando comecei na polícia. Mas tive minha cota depois, posso garantir. – Franziu o cenho para algo além dela, lembrando. – Aquela casa, aquelas pessoas... sua impotência, o olhar desesperado em seus rostos... até o ar dentro dos cômodos parecia saber que alguma coisa fora perdida. – Ele girou a xícara de chá no pires, pequenos ajustes enquanto escolhia as palavras. – Foi minha primeira vez.

Sadie lhe ofereceu um leve sorriso de compreensão. Nada como a força de policial para tornar os horrores da vida próximos e pessoais. As únicas pessoas que lidavam com coisas piores eram os paramédicos.

– Então, você começou com a teoria de que Theo Edevane tinha se perdido?

Um breve aceno de cabeça.

– Apenas imaginamos que tinha sido isso. Ninguém pensava em sequestros naquele tempo. Houvera o caso Lindbergh, nos Estados Unidos, no ano anterior, mas só foi notícia porque era muito raro. Tínhamos certeza de que encontraríamos o menino em questão de horas, pois, sendo tão jovem, não poderia ter ido muito longe. Procuramos até o anoitecer, passamos pente-fino nos prados e nos bosques ao redor da

propriedade, mas não encontramos nem um traço dele. Nenhuma pista. No dia seguinte, trouxemos mergulhadores para verificar o lago e, quando nada apareceu, começamos a pensar em quem poderia ter levado o menino.

O que conduzia Sadie à sua segunda série de perguntas, rabiscadas na noite anterior. Normalmente, lutava contra a pergunta “Por quê?”, ainda mais quando estava apenas começando uma investigação.

“O motivo é para os escritores de ficção”, Donald gostava de resmungar. “Escritores de ficção e detetives de TV.”

Brusco como sempre, mas ele tinha um bom argumento. Os policiais precisavam de provas; tinham que responder às perguntas sobre *como* o crime foi cometido e *quem* teve a chance de cometê-lo. O *porquê* era uma distração muitas vezes enganosa.

Naquele caso, no entanto, com evidências especialmente escassas e setenta anos decorridos desde que o crime fora cometido, Sadie imaginou que exceções tinham que ser feitas. Além do mais, a nova planta mudava as coisas. Aquela misteriosa alcova na cavidade da parede, a possibilidade de outro túnel conectando a casa ao mundo exterior, um túnel que fazia muito tempo havia desaparecido da maioria dos mapas e memórias. Se fosse assim, então um dos aspectos mais intrigantes do caso, o *como*, poderia ser resolvido. E, com ele, Sadie esperava, o *quem*, pois o grupo de pessoas que sabiam da existência do túnel devia ser pequeno e exclusivo. Uma frase de *Um prato frio* girava na cabeça de Sadie desde que marcara o encontro com Clive: *Diggory sempre começava com a família. Era um erro presumir que a dor e a culpa eram mutuamente excludentes.* A frase tinha precedido a primeira visita de Diggory Brent à ex-mulher e à filha do morto.

– Você entrevistou os pais? – perguntou Sadie.

– Foi a primeira coisa que fizemos. Não havia nenhuma evidência que incriminasse nenhum dos dois e eles tinham álibis. A mãe do menino, em particular, tinha ficado bastante visível, já que fora a anfitriã. Ela passou a maior parte da noite na casa de barcos, onde havia passeios de gôndola para os hóspedes. Tudo o que eles contaram foi verificado. Não é surpresa. Por que um pai raptaria o próprio filho?

Um argumento válido, mas Sadie não estava preparada para deixá-los de fora tão facilmente, mesmo se tivesse desenvolvido certo sentimento de parentesco com Eleanor Edevane.

– O livro de Pickering sugeriu um período de cerca de três horas entre o final da festa e a descoberta de que o menino tinha desaparecido. Onde estavam os pais, então?

– Ambos foram se deitar na mesma hora. Nenhum deles saiu do quarto até as oito da manhã, quando a empregada veio lhes dizer que o menino não estava no berço.

– Alguma coisa sugeria que estavam mentindo?

– Nada.

– Ou que pudessem ter agido juntos?

– Para sumir com o garoto, quer dizer? Depois de terem dado boa-noite aos seus trezentos convidados?

Parecia absurdo, agora que ele colocava assim, mas Sadie era muito meticulosa. Ela assentiu.

– Não conseguimos encontrar ninguém que não tenha dito como o menino era amado. Mais do que isso, como fora *desejado*. Os Edevanes esperaram muito tempo por aquele filho. Já tinham três garotas, a mais nova fizera 12 anos em junho de 1933, e o menino era adorado. Todas as famílias ricas queriam meninos naquela época, alguém que pudesse herdar o nome e a fortuna. Agora não mais. Minha neta me diz que todos os seus amigos querem meninas. Mais bem-comportadas, mais divertidas de vestir, mais fáceis em todos os sentidos. – Ele ergueu as sobranceiras brancas, visivelmente incrédulo. – Eu mesmo tive filhas e posso garantir que não é bem assim.

Sadie deu um ligeiro sorriso, enquanto Clive pegava um biscoito.

– Vou ter que aceitar a sua palavra – disse ela, concentrando-se na lista de membros da família que ele lhe dera quando chegara. – Você disse que a avó do menino morava com a família?

Um ligeiro olhar franzido cruzou seu rosto amável.

– Constance deShiel. Uma mulher insuportável. Daquele tipo arrogante e cheio de frescuras que parece que vai devorá-lo enquanto responde às suas perguntas. Exceto quando perguntamos sobre a filha e o genro...

Ela se tornou muito mais receptiva, então.

– O que ela disse?

– Pequenas alfinetadas do tipo “As coisas nem sempre são o que parecem”. Mais de uma vez fez alusão a infidelidades, insinuando que houvera algum tipo de caso, mas não chegou a dar detalhes.

– Vocês a pressionaram?

– Naquela época, alguém da nobreza, especialmente uma mulher... bem, havia regras de conduta diferentes, não podíamos pressioná-la como gostaríamos.

– Mas vocês investigaram isso?

– Claro. Como você sabe, a desarmonia familiar é o pão com manteiga de um policial. Há aqueles que fazem qualquer coisa para punir um cônjuge. O pai que aparece para uma visita, leva as crianças e nunca mais as traz de volta; a mãe que diz aos filhos um monte de mentiras sobre o ex-marido. Os direitos das crianças muitas vezes ficam perdidos na batalha entre os pais.

– Mas não neste caso, certo?

– As pessoas faziam questão de nos dizer como os Edevanes eram devotados um ao outro, um casal inseparável.

Sadie pensou nisso. Casamentos eram coisas misteriosas. Ela mesma nunca se casara, mas parecia-lhe que cada um era seu próprio monstro, com segredos, mentiras e promessas fervendo sob a superfície. Por que Constance deShiel teria sugerido isso se não fosse verdade? Ela havia visto alguma coisa? Talvez sua filha tenha se confidenciado com ela?

– Mãe e filha não eram próximas. Mais de uma pessoa nos revelou isso.

– E ainda moravam juntas?

– Contra a vontade, pelo que entendo. A senhora tinha perdido tudo em um mau investimento depois que seu marido morreu e dependia da caridade da filha e do genro, uma situação da qual se ressentia. – Ele deu de ombros. – Suas insinuações podiam ter sido apenas má vontade.

– Mesmo com uma criança desaparecida?

Ele fez um gesto com a mão e sua expressão sugeriu que nada o teria surpreendido, que ele tinha visto as pessoas fazerem todo tipo de coisa em seu tempo.

– É possível, embora existissem outras explicações. A senhora estava sofrendo dos estágios iniciais de demência em 1933. Seu médico nos aconselhou a tomar cuidado com o que ela dizia. Na verdade... – eles estavam sozinhos, mas ele se inclinou um pouco para mais perto, como se quisesse compartilhar um segredo que não queria que ouvissem – o Dr. Gibbons sugeriu que Constance tinha sido bastante inconstante no próprio casamento, que era possível que seus comentários fossem na verdade lembranças confusas, e não relatos confiáveis. Dizem que o passado e o presente se tornam difíceis de separar.

– O que você acha?

Ele estendeu as mãos.

– Acho que ela era amarga, mas inofensiva. Velha, solitária, e tinha um público cativo.

– Acha que ela estava tentando parecer importante?

– Era quase como se ela quisesse que lhe fizessemos perguntas, que a imaginássemos arquiteta de algum grande esquema nefasto. Ouso dizer que ela ficaria satisfeita se a tivéssemos prendido. Teria lhe dado toda a atenção que estava procurando e mais um pouco. – Clive pegou uma migalha da toalha de mesa, colocando-a cuidadosamente na borda de seu prato. – Não é fácil envelhecer, sentir-se sem a mesma relevância. Ela foi bonita e importante, senhora da casa. Havia um retrato dela pendurado sobre a lareira na biblioteca. Ela era formidável. Ainda estremeço ao me lembrar de como aqueles olhos pintados pareciam observar todos os meus movimentos. – Ele encarou Sadie, seu olhar se estreitando de modo que ela vislumbrou o policial firme que ele devia ter sido. – Mesmo assim, uma pista é uma pista, e Deus sabe que não tínhamos muitas. Eu os observei, Anthony e Eleanor, muito de perto depois disso.

– E...?

– A perda de um filho é como uma granada na maioria das famílias e as estatísticas sobre pais que se

separaram depois de uma tragédia provam isso, mas eles eram adoráveis juntos. Ele era tão cuidadoso com ela, gentil e protetor, certificando-se de que ela descansasse, impedindo-a de sair para acompanhar as buscas. Ele mal a perdia de vista. – Sua boca se comprimiu quando ele lembrou. – Realmente, foi um tempo terrível. Pobre mulher, aquele era o pior pesadelo de uma mãe, mas Eleanor se comportou com extrema graciosidade. Sabe, durante anos, depois que a família partiu, ela costumava voltar aqui.

– Para a cidade?

– Para a casa. Só ela, sozinha.

Isso era novo. Louise, amiga de Bertie, tinha sugerido que ninguém da família estivesse ali desde o desaparecimento de Theo.

– Você viu?

– A polícia ouviu coisas, correu pela cidade a notícia de que havia alguém de volta à Casa do Lago. Fui até lá algumas vezes, apenas para ter certeza de que ela estava bem, ver se havia alguma coisa que eu poderia fazer para ajudar. Ela sempre foi educada, dizia que era gentil da minha parte, mas estava apenas tirando um descanso de Londres. – Clive deu um sorriso triste. – Mas eu sabia que ela esperava que ele voltasse.

– Não tinha acabado para ela.

– Claro que não. Seu bebê estava lá fora em algum lugar. Eleanor me agradeceu uma ou duas vezes, disse que apreciava o trabalho que tínhamos feito, a dedicação com que tínhamos procurado seu filho. Até fez uma doação excepcionalmente generosa à delegacia local. Ela era muito digna. Muito triste.

Ele franziu a testa, perdido em suas lembranças. Quando voltou a falar, uma nota amarga, melancólica tinha se infiltrado em sua voz:

– Eu tinha esperança de que ainda pudesse encontrar o garoto para ela. Não me conformei com aquele arquivo aberto. As crianças não desaparecem simplesmente, não é? Elas vão para algum lugar. Há sempre um caminho, é apenas uma questão de saber onde procurar. – Ele a encarou. – Já teve um caso como este? Ele devora você.

– Um ou dois – disse Sadie.

Pensou em Caitlyn Bailey no corredor daquele apartamento. Lembrou-se da sensação daquela mãozinha morna e confiante na dela, as cócegas do cabelo desarrumado da criança quando ela pegou seu livro de contos e apoiou a cabeça no ombro de Sadie.

– Este foi o meu – disse ele. – E tudo era pior porque tínhamos tão pouco com o que trabalhar.

– Mas você devia ter teorias...

– Havia pistas, algumas delas mais fortes que outras. Mudanças recentes no corpo de funcionários, um frasco de comprimidos para dormir que achamos que poderia ter sido usado no sequestro e um amigo da família que morreu em circunstâncias incomuns, um cara chamado Daffyd Llewellyn...

– O escritor...

– Ele mesmo. Muito conhecido naquela época.

Sadie se amaldiçoou por ter deixado fechada a dissertação da biblioteca com um capítulo sobre Llewellyn. Lembrou-se da introdução de *O portal mágico de Eleanor* e de sua menção a uma Ordem do Império Britânico póstuma, concedida em 1934. Ela não tinha percebido que sua morte tinha acontecido logo após o desaparecimento de Theo.

– O que aconteceu?

– Alguns dias depois da busca, fomos para o rio, um pouco longe da casa de barcos, e alguém gritou: “Um corpo!” Mas não era o bebê, era um velho. Suicídio, descobrimos. Achamos que devia ter sido culpa, que ele tivera algo a ver com o desaparecimento do menino.

– E ele não tinha mesmo?

– Investigamos, mas não havia motivo. Ele adorava o menino e todos que entrevistamos confirmaram que era o amigo mais próximo de Eleanor. Escreveu um livro sobre ela quando era menina, sabia?

Sadie assentiu com a cabeça.

– Ela ficou completamente devastada... Desmoronou quando lhe contaram. Terrível. – Ele estava

balançando a cabeça. – Uma das piores coisas que já vi.

Sadie pensou nisso. Uma criança desaparece e um amigo da família se mata nas horas ou nos dias seguintes.

– O timing parece extraordinário.

– Concordo com você, mas conversamos com o médico local, que revelou que Llewellyn estava sofrendo de ansiedade nas semanas anteriores. Encontramos um frasco de barbitúricos em seu bolso.

– Foi isso que ele usou?

– O médico-legista confirmou a overdose. Llewellyn misturou os comprimidos com champanhe, deitou-se à margem do rio e nunca mais acordou. Timing extraordinário, como você diz, visto que o menino foi levado na mesma época, mas não havia nada suspeito nisso. Certamente nada o ligava ao destino de Theo Edevane. Apenas uma coincidência.

Sadie deu um sorriso discreto. Ela não gostava de coincidências. Em sua experiência, eram apenas elos que ainda não tinham sido provados. E, agora, suas antenas vibravam. Tinha a sensação de que havia mais na morte de Llewellyn do que parecia. Clive obviamente tinha descartado essa possibilidade havia muito tempo, mas Sadie fez uma anotação para investigar isso mais tarde. *Suicídio de Llewellyn – um acidente na hora errada ou ele estava envolvido? Culpado?*

Enquanto isso... Ela bateu a caneta no bloco, pensativa, circulando a palavra *acidente*. Porque, naturalmente, havia uma terceira possibilidade no caso de Theo Edevane, talvez a mais arrepiante de todas: que a criança nunca tivesse saído da casa – pelo menos, não com vida. Sadie tinha visto casos em que crianças foram feridas ou mortas – acidentalmente ou não – e o crime fora encoberto. Os responsáveis invariavelmente procuravam simular um caso de fuga ou sequestro, porque isso desviava a atenção da cena do crime.

Uma série de estalidos perturbou sua linha de raciocínio e ela percebeu, pela primeira vez, um grande relógio digital sobre o banco atrás de Clive. Era do tipo com peças de plástico que giravam e três delas tinham acabado de virar de uma vez, mostrando que eram onze horas. Sadie percebeu, de repente, que estava chegando o meio-dia, quando a filha de Clive chegaria e encerraria seu encontro.

– E as irmãs? – perguntou, com uma urgência renovada. – Falou com elas?

– Mais de uma vez.

– Algo útil?

– Mais do mesmo. O garoto era amado, elas não tinham visto nada de incomum, prometeram nos avisar caso se lembrassem de algo útil. Todas tinham álibis para a noite.

– Você está franzindo a testa.

– Estou? – Clive piscou os olhos azul-claros por trás dos óculos. Passou a mão pelo cabelo branco e deu de ombros. – Acho que sempre senti que havia algo que a mais nova não estava nos contando. Era apenas um palpite, algo a ver com a maneira estranha como se comportava. Seu rosto ficava vermelho quando a interrogávamos, cruzava os braços e se recusava a nos olhar nos olhos. Mas ela insistia que não tinha ideia do que poderia ter acontecido com ele, que nada inusitado tinha ocorrido na casa nas semanas anteriores, e não havia nenhuma prova real para sugerir que ela estivesse envolvida.

Sadie se permitiu considerar o motivo. Ciúme era o mais óbvio. Uma menina que tinha sido o bebê da família por quase doze anos até que um irmão menor, um filho muito amado, chegou para tomar seu lugar. A festa teria sido o momento perfeito para se livrar de um obstáculo, o ruído e a atividade tornando mais fácil não ser notada.

Ou então – e certamente mais provável do que Clementine Edevane ser uma sociopata com desejos assassinos? –, Sadie se lembrou do relato de Pickering sobre o hábito da garota de levar Theo para passear com ela de manhã, sua insistência de que a porta do quarto do bebê estava fechada quando ela passou, que ela não tinha entrado para buscar o irmãozinho como fazia às vezes. Mas e se ela o tivesse levado, e se algo horrível tivesse acontecido com ele, um acidente, e ela estivesse assustada demais, envergonhada demais para contar a alguém?

– Havia uma equipe de limpeza na propriedade – disse Clive, antecipando sua linha de raciocínio. – No

momento em que o último hóspede saiu, ao nascer do sol, a equipe contratada começou a arrumar o local. Ninguém viu nada.

Mas e se, como Sadie suspeitava, houvesse outra maneira de deixar a casa sem ser visto? Ela escreveu a palavra *Clementine* em seu bloco de anotações e a circulou.

– Como ela era? Clementine Edevane.

– Um moleque, não há como negar. Eram todos um pouco diferentes, os Edevanes. Encantadores, carismáticos. Fiquei bastante impressionado com eles. Admirado. Eu só tinha 17 anos, lembre-se, e era imaturo. Nunca conheci pessoas como eles. Era o romance, acho... a casa grande, o jardim, a maneira como falavam, as coisas de que falavam, suas boas maneiras e as regras tácitas que seguiam. Eles eram encantadores. – Olhou para ela. – Gostaria de ver uma foto?

– Você tem uma?

A oferta tinha sido feita abertamente, com ansiedade até, mas agora ele hesitava.

– Não tenho certeza... Bem, é um pouco estranho, você sendo membro atual da polícia...

– Mais ou menos – disse Sadie antes que pudesse evitar.

– Mais ou menos?

Ela suspirou, derrotada.

– Houve um caso – começou ela.

Então, talvez pela calma da cozinha, pela distância de Londres e de seu mundo real, pela conexão profissional que sentia com Clive ou pelo alívio de finalmente poder contar a alguém o segredo que tão diligentemente vinha escondendo de Bertie, Sadie se pegou resumindo o caso Bailey, o modo como ela se recusou a deixá-lo ir, convenceu-se e tentou persuadir a todos de que havia mais do que parecia, que estava ali na Cornualha não de férias, mas de licença forçada.

Clive ouviu sem interromper e, quando ela terminou, ele não franziu a testa, não começou um sermão nem lhe pediu que saísse. Disse simplesmente:

– Eu vi no jornal. Um negócio terrível.

– Eu nunca deveria ter falado com aquele jornalista.

– Você achou que estava certa.

– Não pensei o suficiente, esse é o problema. – Sua voz estava cheia de autodepreciação. – Eu tinha uma *intuição*.

– Bem, não se envergonhe. Às vezes, “intuições” não são tão etéreas quanto parecem. Às vezes, são apenas o produto de observações que não percebemos que estamos fazendo.

Ele estava sendo gentil. Sadie tinha uma antipatia instintiva por gentilezas. A atividade policial podia ter mudado nos anos desde que Clive se aposentara, mas Sadie tinha certeza de que ir a público com um palpite nunca foi considerado uma prática aceitável. Ela deu um sorriso fraco.

– Você disse que havia uma foto?

Ele pegou a deixa: não pressionar mais sobre o caso Bailey. Pareceu considerar por um momento antes de assentir.

– Volto em um minuto.

Ele arrastou os pés pelo corredor e Sadie podia ouvi-lo revirar e praguejar em um quarto nos fundos da casa. O gato a observava, os olhos verdes arregalados, a cauda batendo lentamente, como uma crítica. *Ora, ora, ora*, a cauda parecia estar dizendo.

– O que você quer de mim? – resmungou Sadie num sussurro. – Já disse que foi culpa minha.

Ela mexeu distraidamente na etiqueta da toalha de mesa e tentou não pensar em Nancy Bailey. *Nem pense em fazer contato com a avó*. Tentou ignorar a sensação daquela mãozinha quente na dela. Olhou para o relógio e se perguntou se era possível que Clive estivesse agora telefonando para a delegacia.

Outros dois números estremeeceram e viraram; enfim, depois do que pareceu uma eternidade em câmera lenta, Clive voltou, parecendo, Sadie imaginou, tão nervoso quanto ela se sentia. Havia uma inexplicável animação em sua expressão e ela decidiu que, a menos que fosse um sádico, e não havia nenhuma indicação

disso até agora, ele não tinha acabado de denunciá-la a Ashford. Ela notou que ele também não trazia uma fotografia. Em vez disso, tinha uma pasta grossa debaixo de um braço. Era de um tipo familiar.

– Eu estava esperando para ver o que achava de você – disse Clive enquanto chegava à mesa. – Bem, quando me aposentei, não achei que alguém fosse notar e muito menos se importar, então eu peguei...

– O arquivo!

Os olhos de Sadie se arregalaram.

Um curto aceno de cabeça.

– Você roubou o arquivo do caso Edevane.

– Peguei emprestado. Vou levá-lo de volta quando o caso estiver encerrado.

– *Seu...*!

A admiração aqueceu o rosto dela enquanto olhava a pasta, agora sobre a mesa entre eles, repleta de transcrições de entrevistas, ilustrações, nomes, números, teorias.

– Seu *diabo*! Seu diabo *maravilhoso*.

Ele fez um gesto com o queixo.

– Não ia servir de nada nos arquivos, não é? Não havia ninguém lá que fosse dar falta. A maioria deles... Seus pais não tinham nem nascido quando aconteceu. – Seu lábio inferior tremia de leve. – É o *meu* caso. *Meu* caso inacabado.

Ele lhe entregou uma grande fotografia em preto e branco do topo do arquivo: uma família de boa aparência, próspera, cujos penteados, vestidos, ternos e chapéus indicavam que pertenciam à década de 1930. Tinha sido tirada do lado de fora durante um piquenique e eles estavam descansando sobre um cobertor xadrez coberto de pratos e xícaras de chá. Havia um muro de pedra atrás deles que Sadie reconheceu como sendo a do fundo do jardim perto do córrego. Eleanor e o marido, Anthony, estavam no centro do grupo. Sadie os conhecia da foto do jornal, embora naquela parecessem felizes e, portanto, mais jovens. Uma mulher mais velha, que devia ser Constance deShiel, tinha se sentado em uma cadeira de vime à esquerda da filha, e três garotas, adolescentes ou quase, estavam reunidas no outro lado, as pernas estendidas, os tornozelos cruzados ao sol. Deborah, a mais velha e mais bonita, estava sentada perto do pai, um lenço prendendo seu cabelo; Alice estava próxima, o olhar interessado parecido com o da foto em seus livros; e, por fim, uma menina alta e elegante, mas obviamente mais jovem que as outras, que devia ser Clementine. Seus cabelos castanho-claros, ondulados e soltos caíam sobre os ombros, mas seu rosto era difícil de distinguir. Ela não estava olhando para o fotógrafo, mas sorrindo para o menino sentado aos pés da mãe. O pequeno Theo, um braço estendido para a irmã, um ursinho de pelúcia na mão.

Mesmo a contragosto, Sadie se emocionou com a foto. A grama, as sombras se estendendo em um dia de verão, as pequenas manchas brancas de margaridas no primeiro plano da foto. Tinha sido um breve e único momento na vida de uma família feliz, capturado antes que tudo mudasse. Clive dissera que os Edevanes eram diferentes de qualquer pessoa que ele tinha conhecido, mas foi o aspecto comum dessas pessoas, dessa cena, que mais atingiu Sadie. O casaco de Anthony, jogado casualmente atrás dele, o pedaço de bolo mordido na mão de Deborah, o cão golden retriever de pelo lustroso sentado, atento, olhando seu prêmio.

Ela franziu a testa e olhou mais de perto.

– Quem é essa?

Havia outra mulher na fotografia. Sadie não a vira de início; ela estava perdida na luz manchada no muro de pedra.

Clive olhou para a imagem.

– É a babá do menino. Rose Waters era seu nome.

– Babá – disse Sadie, pensativa. Ela sabia um pouco sobre babás; tinha visto *Mary Poppins*. – Ela não dormia no quarto com o bebê?

– Dormia. Infelizmente, ela saiu da Casa do Lago duas semanas antes da festa. Levamos um tempo para encontrá-la. Conseguimos por meio de uma irmã, em Yorkshire, por fim. Bem a tempo, também: ela estava em

um hotel em Londres, prestes a embarcar para começar em outro emprego. – Ele coçou a cabeça. – No Canadá, eu acho. Conversamos com ela, mas não foi de muita ajuda.

– Então não havia uma babá em Locanneth no solstício de verão?

– Ah, havia uma substituta, sim. Hilda Bruen. Uma senhora hostil, uma daquelas babás antigas, do tipo que tem prazer em dar óleo de fígado de bacalhau para as crianças, fazendo-as chorar e lhes dizendo que é para seu próprio bem. Mais jovem do que eu sou agora, mas, quando eu era um rapaz, ela me parecia Matusalém. Ela trabalhou na Casa do Lago quando Eleanor era menina e foi trazida de volta da aposentadoria depois que Rose Waters partiu.

– Ela estava lá na noite em que o menino desapareceu?

– No mesmo quarto.

Isso era uma grande novidade.

– Ela deve ter visto ou ouvido alguma coisa.

Clive balançou a cabeça.

– Dormia como um bebê. Parece que tinha tomado uma dose de uísque para ajudar a silenciar o barulho da festa. Não era incomum, pelo que pude concluir.

– Não é possível!

– Mas é.

– Não havia menção a ela no livro de Pickering.

– Não, bem, não haveria, não é? Ele era um homem tolo e ninguém lhe dava a menor atenção, por isso se limitou ao que encontrou nos jornais.

– Não entendo como algo assim poderia ter ficado *fora* dos jornais... alguém dormindo no mesmo quarto que o menino.

– A família insistiu. Eleanor Edevane foi ver meu chefe, pedindo garantias de que nada fosse dito publicamente sobre Hilda Bruen. A babá estava na família havia muito tempo e eles não permitiriam que sua reputação fosse manchada. O inspetor não gostou – ele deu de ombros –, mas, como eu disse, eram outros tempos. Uma família como os Edevanes, nobres... Eles receberam uma indulgência que não seria concedida hoje em dia.

Sadie perguntou-se quantas outras pistas tinham sido perdidas por causa dessa “indulgência”. Deu um suspiro, recostou-se na cadeira e girou a caneta de um lado para outro antes de jogá-la levemente sobre o bloco de anotações.

– Há tão pouco para continuar...

Clive sorriu, num triste pedido de desculpas. Ele gesticulou para a pasta de arquivo cheia.

– Sabe, de todo este material, de centenas de entrevistas, apenas uma testemunha achava que poderia ter visto algo útil.

Sadie ergueu as sobrancelhas numa interrogação.

– Uma das convidadas da festa relatou ter visto uma silhueta, de uma mulher, na janela do quarto do bebê na noite da festa. Pouco depois da meia-noite, segundo ela. Era a hora dos fogos de artifício. Disse que quase não nos contou. Estava andando por ali com um homem que não era seu marido.

Sadie franziu as sobrancelhas.

– Mas falou que não suportaria pensar que o menino não fora encontrado porque ela não se apresentara.

– Ela era confiável?

– Jurou que tinha visto, mas ainda dava para sentir o cheiro de álcool nela no dia seguinte.

– Poderia ter sido a velha babá que ela viu?

Clive balançou a cabeça.

– Dificilmente. Ela insistiu que a silhueta era esguia e Hilda Bruen era decididamente forte.

Sadie pegou outra vez a fotografia do piquenique. Havia muitas mulheres na família Edevane e todas eram magras. Na verdade, percebeu, ao olhar a imagem, que Anthony Edevane era o único homem entre eles – além do bebê Theo, claro. Era um homem bonito, de 40 e poucos anos, mas com cabelos louro-escuros, as

sobrancelhas pesadas e inteligentes, e o tipo de sorriso que Sadie suspeitava que era concedido livremente aos que amava.

Seu olhar deslizou para a mulher no muro de pedra, escondida pela sombra, exceto por um tornozelo delgado que tinha se esgueirado para a luz do sol.

- Por que ela foi embora? Rose Waters, quero dizer.
- Foi dispensada.
- Demitida? – Sadie levantou a cabeça bruscamente.
- Uma diferença de opinião, segundo Eleanor Edevane.
- Que opinião?
- Algo a ver com tomar liberdades. Tudo foi bastante vago.

Sadie pensou nisso. Parecia uma desculpa, o tipo de coisa que as pessoas diziam quando tentavam mascarar uma verdade desagradável. Ela olhou para Eleanor. À primeira vista, Sadie presumira que a fotografia era de uma família feliz e despreocupada desfrutando de um dia quente de verão. Ocorreu-lhe agora que tinha sido pega no mesmo feitiço que Clive descrevera. Deixar que o charme, a riqueza e a atratividade da família Edevane a deslumbrassem. Olhou mais de perto. Será que estava imaginando tensão nos belos traços do rosto de Eleanor? Sadie deu um suspiro lento e pensativo.

- E Rose Waters? Ela disse a mesma coisa?

– Sim. Também estava muito angustiada. Descreveu a demissão como inesperada e injusta. Particularmente preocupante porque fora seu primeiro emprego como babá. Estava lá havia dez anos, desde os 18. No entanto, não havia muito que pudesse fazer sobre isso. Não havia como fazer uma queixa naquela época. Ela teve sorte de receber boas referências.

O momento, o sentimento de Rose Waters de que fora injustiçada, seu conhecimento da família e de seus hábitos. Sadie teve uma sensação estranha.

- Ela devia ser suspeita.
- Todos eram suspeitos. Todos e ninguém. Isso foi metade do problema: o campo nunca se estreitou. Rose Waters ficou muito agitada quando a entrevistamos, frenética ao ouvir o que tinha acontecido. Estava muito preocupada com o menino. Eles eram muito próximos, de acordo com os outros criados. Mais de um comentou que ela amava o menino como se fosse seu.

O coração de Sadie começou a bater mais rápido.

Clive pareceu notar.

– Eu sei como isso soa – disse ele –, mas aconteceu muito naquela época, depois da Primeira Guerra. Uma geração inteira foi enterrada sob a lama na França e, com eles, as esperanças de casamento de milhões de moças. O emprego como babá de uma família como os Edevanes era o mais perto de ter um filho a que a maioria delas poderia chegar.

- Deve ter sido difícil ser mandada embora e afastada de um menino que ela amava.

Clive, antecipando a linha de raciocínio dela, disse calmamente:

– Sem dúvida, mas amar o filho de outra pessoa é muito diferente de roubá-lo. Não havia nada que a ligasse ao crime.

- Exceto uma testemunha que viu uma mulher no quarto do menino.

Ele balançou a cabeça de modo ambíguo, claramente da opinião de que, embora qualquer coisa fosse possível, considerava a teoria improvável.

– Ninguém a viu na propriedade, ela não estava na festa e um sujeito da recepção do hotel em Londres disse que tinha servido seu café da manhã no dia 24 de junho.

Os álibis podiam ser frágeis. Havia uma série de razões para uma pessoa ser induzida a testemunhar a favor de outra. Quanto a Rose Waters não ter sido vista em Loeanneth, se a teoria do túnel de Sadie se mostrasse correta, isso era irrelevante.

Sadie sentiu o estalido divino de uma pista crível se abrindo. Era uma sensação da qual ela não se cansaria nunca, acreditava. A babá amava o menino; tinha sido demitida de repente e, em sua opinião, injustamente;

uma testemunha relatara ter visto uma silhueta de mulher no quarto do bebê. Além disso, Rose Waters tinha morado na casa por um bom tempo. Não era impensável que tivesse ficado sabendo do túnel durante seu período como babá. Por uma das filhas, talvez? Clementine? Seria esse o segredo que Clive suspeitava que a filha mais nova dos Edevanes estava guardando?

Roubar o menino era uma medida extremada, sem dúvida, mas todos os crimes não eram a execução de uma reação extremada? Sadie tamborilou a ponta dos dedos na borda da mesa. A demissão de Rose Waters era importante, ela simplesmente *sabia* disso.

– Vou lhe dizer uma coisa: foi uma grande pena ela não estar em Locanneth naquela noite – falou Clive. – Mais de uma pessoa que entrevistamos comentou como Rose Waters era vigilante quando se tratava do menino. Mesmo Eleanor Edevane disse que isso nunca teria acontecido se a babá Rose ainda estivesse lá. Ela estava cheia de remorso.

– Por ter demitido a babá?

Ele assentiu.

– Mas os pais geralmente acham uma forma de se culpar, não é? – Ele pegou a foto e a estudou, afastando suavemente uma partícula de poeira com a parte de trás dos dedos. – Sabe, ela parou de voltar à casa durante a Segunda Guerra Mundial. Achei que fosse apenas a guerra, que tornou tudo uma confusão tão sangrenta, mas, mesmo depois, Eleanor Edevane nunca mais voltou. Eu me perguntava sobre ela às vezes, se tinha sido atingida por uma bomba. É uma coisa terrível de se dizer, mas a guerra era assim: todos nós nos acostumamos com as pessoas morrendo. É triste pensar que a casa ficou abandonada, mas fazia sentido que ela ficasse longe. Tanta morte e destruição, o tempo continuou se arrastando, seis longos e duros anos de guerra. O mundo era um lugar diferente quando terminou. Tinham se passado mais de onze anos desde que o menino desaparecera. Fosse qual fosse a vigília que ela estava mantendo ali, acho que a superou, finalmente deixou que o garotinho se fosse.

Sadie se perguntou se ele estava certo, se havia um ponto em que até mesmo o mais determinado enlutado superava suas perdas. Se metade de uma década de guerra e de austeridade, de destruição em massa e de desperdício, poderia apagar a memória de um sofrimento comparativamente pequeno e pessoal, não importava quão abrasador tivesse sido. Talvez uma pessoa pudesse aprender a viver com a sombra de uma criança. Qualquer coisa era possível – bastava olhar para Maggie Bailey. Ela havia se afastado de sua filha. (“Ela não fez, *nunca* faria uma coisa dessas”, insistira Nancy Bailey. Sadie afastou a voz dela.)

– Então... – disse Clive com um sorriso triste – aí está. Um resumo do caso Edevane. Milhares de horas de trabalho, a melhor das intenções, décadas de obsessão pessoal e quase nada para mostrar. Não há mais pistas dignas hoje do que tínhamos nos primeiros dias da investigação.

Sadie sentiu o peso de sua teoria não compartilhada entre eles. Agora era a hora de contar. Ele confiaria nela ao lhe mostrar seu arquivo; o mínimo que podia fazer era retribuir o favor.

– Eu posso ter algo novo.

Clive inclinou a cabeça como se ela tivesse falado em uma língua estrangeira e ele tentasse decodificar o significado de sua declaração.

– Uma teoria, quero dizer.

– Eu ouvi. – Os olhos dele brilharam e, ao mesmo tempo, se estreitaram, como se ele estivesse se protegendo da própria ansiedade. Quando falou, sua voz era grave: – Vá em frente.

Sadie começou com o mapa que Alastair encontrara para ela, sua idade e obscuridade, sua origem incomum, passando a descrever a planta com a pequena cavidade sem descrição na parede e sua teoria de que poderia levar a um túnel.

Ele assentiu e disse:

– Eu sabia que havia pelo menos um túnel, nós o verificamos nos dias seguintes, mesmo com o alçapão no jardim selado, mas eu não sabia nada sobre um que poderia levar àquela parte da casa. Ninguém sabia. Esse mapa era velho, você diz?

– Muito. Ele estava armazenado com outros itens e peças em algum porão mofado e só foi encontrado

durante reformas recentes. Todo o lote foi enviado para restauração e encerrado no arquivo do condado, e foi assim que cheguei a essa planta.

Clive enfiou a mão sob os óculos para esfregar o alto do nariz, os olhos fechados, pensando.

– Eu me pergunto se é possível... – murmurou. – Mas por que ninguém mencionou isso? Talvez eles não soubessem?

– Nem *nós* sabemos – Sadie o lembrou. – Não com certeza. Preciso entrar na casa para verificar. Eu escrevi para Alice Edevane...

– Pff! – explodiu ele, encontrando os olhos dela. – Mais fácil tirar leite de pedra do que conseguir qualquer ajuda dela.

– Já reparei. Por que isso? Por que ela não está tão ansiosa quanto nós para saber o que aconteceu?

– Não tenho ideia. Perversidade? Teimosia? Ela escreve livros policiais. Você sabia disso? Muito famosa.

Sadie assentiu, distraída. Era por isso que não tivera resposta? Suas cartas tinham se perdido entre as centenas de outras que uma escritora como A. C. Edevane devia receber? Cartas de fãs, pedidos de dinheiro, esse tipo de coisa.

– Um detetive chamado Brent – continuou Clive. – Li alguns livros dela. Não é ruim. Peguei-me tentando ler nas entrelinhas, ver se havia alguma coisa lá que ajudasse no caso. Eu a vi na TV há algum tempo. Ela era como eu me lembrava.

– O que você quer dizer?

– Alta e poderosa, enigmática, segura de si. Tinha 16 anos quando o irmão desapareceu, apenas um ano mais nova do que eu, mas de uma espécie diferente. Fria como um pepino quando a entrevistamos.

– Muito fria?

Ele assentiu.

– Na época, eu me perguntei se era uma encenação. Eu não podia acreditar que uma jovem pudesse ter tanto sangue-frio. Com certeza, vi outro lado dela mais tarde. Meu talento como policial naquela época era minha submissão. Como um rato, eu estava sempre me infiltrando sem ser notado. Isso me tornava muito útil. Meu chefe me mandou buscar uma caneta nova, pois a dele tinha ficado sem tinta, e, ao voltar para o hall de entrada, eu a vi à espreita na escada, rastejando em direção à porta da biblioteca, onde estávamos conduzindo os interrogatórios, antes de mudar de ideia e voltar para as sombras.

– Você acha que ela estava tentando ganhar coragem para bater à porta e lhes dizer alguma coisa?

– Ou isso, ou estava muito ansiosa para ouvir o que estava sendo dito ali.

– Você perguntou a ela?

– Ela virou aqueles olhos azuis na minha direção e me disse para parar de incomodá-la e continuar a procurar seu irmão. A voz dela era cheia de autoridade, mas seu rosto... estava pálido. – Ele se inclinou para mais perto. – Pela minha experiência, as pessoas que sabem mais do que deveriam sobre um crime se comportam de duas maneiras: ou se tornam invisíveis, ou então são atraídas para a investigação como uma mariposa para a chama.

Sadie pensou nisso.

– Preciso entrar naquela casa.

– Você precisa... *Nós* precisamos. – Ele encontrou seu olhar. – Não pense nem por um segundo que não vou com você.

– Vou escrever para ela esta tarde.

– Certo.

Ele parecia prestes a dizer mais alguma coisa.

– O que foi?

Clive endireitou as laterais de seu colete de malha, fazendo um esforço cuidadoso para evitar contato visual.

– Melhor, é claro, ter permissão do proprietário...

– Sim – concordou Sadie.

– ... mas *há* outra opção. Um homem local, pago para dar uma olhada no lugar de vez em quando e se certificar de que os vândalos e os animais selvagens não fiquem muito à vontade.

– Ele não tem trabalhado muito.

– Seja como for, tem uma chave.

– Ah!

– Posso colocá-la em contato com ele, se quiser.

Sadie respirou fundo, pensativa. Ela gostava da ideia. Mas ia para Londres em poucos dias e não poderia se dar ao luxo de andar fora da linha se quisesse Donald do seu lado...

– Vou tentar mais uma vez – disse por fim. – Ver se consigo a permissão de Alice Edevane.

– E se você não conseguir...

– Então sei onde encontrar você.

A casa de Bertie estava vazia quando Sadie chegou. Havia um bilhete na mesa avisando que o avô saíra para tratar de assuntos do festival e, ao lado dele, um presente desembrulhado, um pano emoldurado com palavras bordadas por alguém sem experiência com linha laranja. *Que seu passado seja uma lembrança agradável assim / Seu futuro cheio de prazer e mistério sem fim / O agora um momento glorioso / Que preencha sua vida com profundo gozo.* Um cartão anexado informou a Sadie que aquela era uma bênção celta feita por Louise “com amor” para Bertie. Ela franziu o nariz e jogou um pedaço de queijo entre duas fatias de pão. A mensagem era boa, supunha, mas Sadie podia imaginar o que Ruth teria dito sobre ela. Sua avó sempre odiara esse tipo de sentimento superficial. Até onde Sadie sabia, Bertie também.

Ela levou um sanduíche para o andar de cima e se acomodou à janela em seu quarto, o caderno equilibrado nos joelhos. Clive hesitara em deixá-la levar o arquivo Edevane para casa, mas dissera que ela seria bem-vinda para se sentar à sua mesa e fazer anotações. Naturalmente, Sadie agarrou a oferta e ainda estava rabiscando furiosamente quando ouviu uma batida à porta e uma mulher robusta de queixo largo entrou.

– Sadie... – A voz de Clive tinha uma nota de pânico enquanto conduzia a intrusa pelo corredor: – Esta é minha filha, Bess. Bess, esta é Sadie, minha...

– Parceira de bridge.

Sadie se moveu depressa para reordenar e esconder o arquivo antes de cumprimentar a outra mulher com a mão estendida quando ela chegou à cozinha. Elas trocaram um breve e educado “Como vai?”, durante o qual Bess expressou a aprovação de que seu pai tivesse enfim encontrado um hobby aceitável e, então, Sadie pediu desculpas e saiu em meio a promessas de voltar no fim de semana “para outra partida”.

Ela planejou fazer exatamente isso. Só conseguira dar uma olhada superficial no conteúdo do arquivo. Havia centenas de documentos diferentes e, com o tempo tão limitado, concentrou-se em construir um cronograma da investigação.

Dois dias depois de Theo Edevane ter sido declarado desaparecido, a polícia lançou a maior busca da história da Cornualha. Centenas de pessoas haviam aparecido todas as manhãs, ansiosas por fazer a sua parte, junto com um grupo de homens que serviram com Anthony Edevane em seu batalhão na Primeira Guerra Mundial. O litoral foi vasculhado, assim como campos e bosques. A polícia bateu às portas de todas as casas por onde o menino e seu sequestrador pudessem ter passado.

Cartazes com a foto de Theo foram distribuídos e exibidos em todo o condado e, nos dias após o solstício de verão, os pais do menino fizeram apelos através dos jornais. O desaparecimento se transformou em notícia nacional, capturando a imaginação popular, e a polícia foi inundada com informações, algumas delas anônimas. Cada pista foi seguida, não importava quão louca ou improvável parecesse. Em 26 de junho, a polícia descobriu o corpo de Daffyd Llewellyn, mas, como Clive dissera, apesar da suspeita inicial, nenhuma conexão foi encontrada entre o suicídio do escritor e o desaparecimento da criança.

A investigação continuou ao longo de julho e, no dia 8 daquele mês, a polícia da capital foi trazida para ajudar a força local. Sadie podia imaginar como isso tinha sido recebido. Eles foram seguidos de perto pelo lendário inspetor Keith Tyrell, contratado como detetive particular por um jornal londrino. Tyrell foi embora uma semana depois, sem nada de novo para mostrar sobre seu tempo na Cornualha. A polícia de Londres

voltou para casa logo depois. À medida que o outono se transformava em inverno, as buscas foram reduzidas, a polícia incapaz de continuar sem resultados. Apesar de três meses de investigação rigorosa, não encontraram mais pistas nem descobriram outras testemunhas.

Ao longo dos anos, a polícia continuou recebendo dicas de vez em quando. Todas foram investigadas, mas nenhuma levou a algo concreto. Uma carta foi recebida por um jornal local, em 1936, supostamente do sequestrador de Theo, contudo provou-se uma farsa. Em 1938, um vidente de Nottingham declarou que o corpo do menino fora enterrado sob as fundações de concreto de um galpão em uma fazenda local, porém uma busca não revelou nada. E, em 1939, a polícia foi chamada a um asilo em Brighton para entrevistar novamente Constance deShiel; a nova enfermeira responsável por ela ficara preocupada com seu choro incessante, pois ela alegava que um menino que lhe era querido fora morto por um amigo da família. A enfermeira, que crescera na Cornualha e conhecia o caso, juntou os pontos e telefonou para a polícia.

– Ela fica muito chateada – dissera a enfermeira aos oficiais de investigação. – Aflige-se com a perda do garoto, fala e fala sobre as pílulas para dormir que eram usadas para mantê-lo quieto.

Embora inicialmente promissor, especialmente à luz de um frasco de sedativos esquecido no caso Edevane, a pista não deu em nada. Constance deShiel foi incapaz de fornecer à polícia qualquer informação nova e verificável. Contou, sob interrogatório, uma narrativa divagante sobre sua filha Eleanor e um bebê natimorto. O médico que a tratava havia muito tempo, entrevistado quando voltou de férias, confirmou que ela estava sofrendo de um estágio avançado de demência e a afirmação sobre homicídio era apenas um caso de uma série de assuntos aos quais sua mente confusa retornava. Do mesmo jeito, era provável que ela contasse à polícia outra história favorita, um relato detalhado de uma visita régia que ela nunca fizera.

Sadie jogou seu caderno na extremidade do banco da janela. Tudo isso os levava exatamente aonde estavam no final de junho de 1933... a lugar nenhum.



Ela saiu para correr naquela noite. Estava quente e seco, mas o ar zumbia com a promessa de chuva. Sadie seguiu uma das trilhas pelo bosque, o ritmo de seus passos ajudando a expulsar pensamentos agitados. Ela estava estudando as anotações do caso como uma mulher possuída (“obcecada”, segundo Donald) e seu cérebro doía em razão do esforço.

O sol estava baixo no céu quando ela chegou ao limite de Loeanneth e a grama alta do prado ia mudando de verde para malva. Os cachorros estavam habituados a continuar até a casa e Ash choramingou, incerto, quando Sadie parou. Ramsay, normalmente distante, andava de um lado para outro a alguns metros dali.

– Hoje não, rapazes – disse ela. – Está muito tarde. Não gosto da ideia de ficar presa no bosque depois que escurecer.

Havia um grande graveto liso ali perto e ela o lançou para eles no gramado, um prêmio de consolação. Eles saíram como tiros, pulando e tropeçando. Sadie sorriu, vendo-os lutar pelo graveto, então sua atenção mudou para o bosque distante de teixos do outro lado da propriedade. A luz estava sumindo, os grilos ocultos na beira do bosque começaram sua cantoria vespertina e centenas de pequenos estorninhos se elevaram da copa sombria. Debaixo deles, escondida dentro de suas paredes de vegetação, a casa se encolhia para outra noite. Sadie observou a imagem, o último dos raios de sol brilhando no vitral, o lago se estendendo à frente, o telhado solitário.

Folhas de grama fizeram cócegas em suas pernas e ela as puxou distraidamente, arrancando-as das hastes. A ação, satisfatória, para a surpresa dela, trouxe consigo a lembrança de um artigo de um dos pequenos jornais das meninas Edevane: instruções sobre como tecer um barco de grama. Sadie tentou, então, pegando dois talos planos e dobrando um sobre o outro para fazer uma espécie de trança. No entanto, seus dedos eram desajeitados e a tarefa de jardim de infância era muito estranha. Fazia muito tempo desde que Sadie tinha feito qualquer coisa detalhada ou caprichosa. Ela jogou os talos para o lado.

Pareceu-lhe que um dos personagens do romance de A. C. Edevane que estava lendo havia mencionado um verão na infância em que passara tecendo barcos com longos talos de grama. Não era uma grande coincidência, é claro. Fazia sentido que um autor invadisse a própria vida para fornecer a seus personagens pensamentos e lembranças. Foi isso que Clive quis dizer quando falou de ler as entrelinhas dos romances de Alice, procurando pistas que pudessem esclarecer o desaparecimento de Theo Edevane. Ele não mencionara nada – de fato, confessara o hábito com um sorriso irônico e autodepreciativo, como se convidasse Sadie a rir do seu desespero para obter informações críveis. Agora, porém, Sadie refletia. Não tanto sobre os livros de A. C. Edevane, mas se era possível que Alice soubesse de algo importante, alguma coisa que manteve em segredo todos esses anos.

Sadie vislumbrou outro graveto muito grande e o pegou, batendo-o no chão sem parar. Isso explicava por que Alice não tinha respondido às cartas dela? Ela era culpada? Clive estava certo. Os culpados geralmente podiam ser divididos em dois grupos: aqueles que estão constantemente por perto enquanto se empenham em “ajudar” os policiais com suas indagações e aqueles que evitam a polícia como a peste. Alice era uma das últimas? Teria visto algo naquela noite? Clive estava certo quando supôs que ela estava voltando à biblioteca de Loeanneth para contar algo à polícia? Talvez tivesse sido Alice que contou a Rose Waters sobre o túnel? Talvez ela própria tivesse visto a babá naquela noite?

Sadie enterrou o graveto na terra. Mesmo enquanto pensava nisso, sabia que não bastava. Supondo que Alice *tivesse* contado a Rose sobre o túnel... Não era um pecado grave o bastante, sem dúvida, para ela mentir, não quando um bebê estava desaparecido, a não ser que houvesse alguma outra razão pela qual Alice devesse a Rose Waters seu silêncio. Sadie balançou a cabeça, impaciente consigo mesma. Estava se esforçando demais. Era exatamente por isso que precisava continuar correndo, para desligar qualquer hábito enraizado nela que não pararia de criar teorias.

Ash venceu a disputa e voltou para junto dos pés de Sadie, largando o graveto com orgulho. Ele ofegou, implorando, antes de cutucá-la com o focinho.

– Ah, está bem – disse ela, acariciando as orelhas dele. – Mais uma vez e, daí, temos que ir.

Ela arremessou o graveto, fazendo os cachorros latirem de prazer enquanto corriam pela grama.

A verdade era que a teoria de Sadie sobre Rose tinha esfriado um pouco desde que ela saíra da casa de Clive. Não importava por qual ângulo olhasse, sequestrar uma criança parecia uma reação muito extremada para uma mulher sã. E, segundo todos os depoimentos – o arquivo continha mais de um –, Rose Waters era sã. Ela também era descrita de várias maneiras, como “eficiente”, “atraente” e “vivaz”, com um impecável registro de serviço. Tirara apenas um mês de férias nos dez anos em que havia trabalhado para os Edevanes e só porque “um assunto familiar” a chamara.

Mesmo que tivesse sido demitida injustamente e que quisesse se vingar de seus empregadores, a ofensa sofrida não parecia forte o suficiente para justificar o crime. Além disso, houvera enormes dificuldades práticas na execução do sequestro. Uma mulher poderia ter agido sozinha? Se não, quem era seu ajudante – Daffyd Llewellyn, algum outro desconhecido? – e como ele (ou ela) foi induzido a ajudar em tal vingança pessoal? Não, ela estava se agarrando a nada, procurando traçar conexões onde não havia nenhuma. Mesmo o motivo agora parecia fraco. Não houvera nenhum pedido legítimo de resgate, o que desmerecia a teoria de que Rose estivesse buscando recompensa financeira, não é?

Um trovão distante ribombou e Sadie deu uma olhada no horizonte. O sol estava se pondo, lançando luz sobre uma pesada faixa de nuvens cinza-escuras sobre o mar. A chuva estava chegando. Ela chamou os cães, ansiosa para ir embora. O cadarço do seu tênis tinha se soltado e ela apoiou o pé em uma pedra próxima para amarrá-lo. Independentemente de quem o tivesse levado e por quê, a questão do que acontecera com Theo Edevane permanecia. Presumindo que ele tivesse sobrevivido depois da noite do solstício de 1933, devia ter ido para algum lugar. Crianças não podiam ser roubadas e depois inseridas numa nova situação sem chamar a atenção. Alguém deveria ter notado. Devia ter havido suspeitas, especialmente em um caso que recebera tanta cobertura da imprensa. O fato de que nada digno de crédito tivesse chegado à polícia ao longo de setenta anos

sugeria que Theo estava muito bem escondido, e o melhor lugar para esconder uma criança era à vista. Inventando um cenário tão crível que ninguém pensara em questioná-lo.

Sadie estava apertando o laço do outro tênis quando algo na pedra chamou sua atenção. O tempo havia consumido as letras e uma fina mancha de líquen crescera sobre elas, mas a palavra ainda era perfeitamente clara para Sadie, que vinha encontrando versões dela nas últimas duas semanas. ALICE. Só que essa era diferente das outras. Havia algo mais gravado abaixo dela na pedra. Sadie se ajoelhou, afastando a grama para longe, enquanto as primeiras gotas de chuva começavam a cair. Era outro nome. Sadie sorriu. A marca dizia: ALICE + BEN. SEMPRE.



O chalé estava escuro e ainda vazio quando Sadie e os cães voltaram, com frio, encharcados e famintos. Sadie encontrou uma toalha seca para Ash e Ramsay e, em seguida, esquentou as sobras do guisado (lentilhas e amor!). Comeu debruçada sobre suas anotações na mesa enquanto a chuva tamborilava firmemente no telhado e os cães ressonavam com satisfação profunda a seus pés. Depois de limpar o segundo prato, Sadie escreveu sua terceira carta para Alice Edevane, pedindo permissão para entrar na casa. Pensou em perguntar se havia um túnel escondido no corredor perto do quarto do bebê no segundo andar, mas achou melhor não. Tampouco mencionou Rose Waters ou o grande interesse que tinha em discutir Clementine Edevane e qualquer informação que ela pudesse ter sobre o caso. Sadie disse apenas que tinha uma teoria que estava disposta a seguir e ficaria muito grata se Alice entrasse em contato. Tinha perdido a coleta do carteiro no sábado, mas pegou um guarda-chuva e saiu no escuro para postar a carta mesmo assim. Com alguma sorte, ela chegaria a Alice na terça-feira. Enquanto isso, Sadie ficaria feliz só por saber que a carta já estava a caminho.

Enquanto estava na aldeia, aproveitou a oportunidade de ter um único traço vacilante de sinal de celular para se enfiar debaixo do toldo da loja e verificar sua caixa de mensagens. Ainda não havia nada de Donald. Sadie refletiu sobre isso antes de decidir não interpretar seu silêncio como reprovação, mas, sim, como um acordo tácito de retomar o trabalho como ela sugerira, depois de fazer contato em Londres na semana seguinte.

Por capricho, antes de partir ligou para Clive a fim de indagar sobre a entrevista de 1939 com Constance deShiel. Algo no relato que ela leu disparara um alarme em sua mente, mas ela não conseguia dizer o que era nem por quê. Clive ficou satisfeito por ela ter ligado, mas decepcionado quando ouviu a pergunta.

– Ah, isso – disse ele. – Não havia nada ali. Ela já estava terrivelmente degenerada naquela época, coitadinha. Um fim terrível. Passava os dias revoltada, delirando sobre o passado, misturando as coisas, se aborrecendo. Não, é Alice Edevane que tem a chave para resolver esse mistério. É com ela que precisamos conversar.

As luzes do Seaview Cottage estavam acesas quando Sadie fez a curva na estrada do penhasco estreito. Bertie estava na cozinha fazendo um bule de chá e pegou uma segunda xícara no corredor quando Sadie se sentou à mesa.

- Olá, querida – cumprimentou ele. – Você teve um dia cheio.
- Eu poderia dizer a mesma coisa de você.
- Doze caixas de brinquedos embalados e prontos para serem vendidos.
- Você deve estar com fome. Perdeu o jantar.
- Estou bem. Comi enquanto estava fora.

Com Louise, sem dúvida. Seu avô não deu mais detalhes e Sadie não quis parecer infantil ou revoltada, então resistiu a perguntar. Ela sorriu – um tanto debilmente – quando ele lhe entregou uma xícara fumegante e se sentou na sua frente.

Sadie notou que o presente bordado por Louise estava pendurado em um gancho perto da porta.

– Não perdi seu aniversário, não é?
Ele seguiu seu olhar e sorriu.
– Foi um presente sem motivo.
– Isso é bom.
– Louise é gentil.
– É uma boa mensagem. Um pouco simplista, talvez.
– Sadie...
– Eu sei onde Ruth o colocaria. Lembra-se da cópia emoldurada do poema “Desiderata” que ficava pendurada atrás da porta do banheiro?
Ela riu. Parecia vazia.
– Sadie...
– Ela dizia que, se em meio ao barulho e à pressa uma pessoa não pudesse ir calmamente ao banheiro, então que esperança havia?
Bertie estendeu a mão sobre a mesa e pegou a dela.
– Sadie... Menina adorável.
Sadie mordeu o lábio inferior. De forma inexplicável e irritante, as palavras dele fizeram um soluço subir até a metade de sua garganta.
– Você é como uma filha para mim. Sou mais próximo de você do que jamais fui da minha filha. É engraçado isso. Minha própria filha, mas não tenho nada em comum com sua mãe. Mesmo quando criança, ela era tão preocupada com o que as outras pessoas iam pensar, preocupada que nós não estávamos fazendo as coisas “do jeito certo”, que Ruth ou eu a constrangeríamos se não nos vestíssemos, falássemos ou pensássemos como os outros pais. – Ele sorriu de forma suave e esfregou a barba branca que vinha deixando desde que se mudara para a Cornualha. – Você e eu somos muito mais parecidos. Eu penso em você como uma filha e sei que você olha para mim como um pai. Mas, Sadie querida, eu sou apenas uma pessoa.
– Você é diferente aqui, vovô.
Ela não sabia que ia dizer isso. Não sabia nem que sentia. Parecia uma criança.
– Espero que sim. Quero ser. Estou tentando seguir em frente.
– Você até tirou carteira de motorista.
– Estou morando no campo! Não posso contar com o metrô para me levar aos lugares.
– Mas toda aquela conversa com Louise, sobre a magia acontecer e deixar o universo decidir, aquele enfeite de parede... Não é você.
– Costumava ser quando eu era garoto. Eu tinha esquecido...
– Certamente não é Ruth.
– Ruth se foi.
– E cabe a nós rememorar-la.
A voz dele soou estranhamente frágil:
– Sua avó e eu nos conhecemos quando eu tinha 12 anos. Não consigo me lembrar de um tempo *sem* ela. Minha dor, perdê-la... Isso me engoliria se eu permitisse. – Ele terminou seu chá. – O enfeite foi um presente.
Ele sorriu de novo, mas havia tristeza por trás do sorriso e Sadie sentiu pena por saber que ela a provocara. Quis pedir desculpas, mas eles não tinham discutido de verdade e ela se sentiu criticada de alguma forma, estava irritada, isso tornou difícil o pedido de desculpas. Ela ainda estava decidindo o que dizer quando ele foi mais rápido:
– Estou sentindo falta do meu coador favorito. Vou lá em cima ver se consigo encontrá-lo.



Sadie passou o resto da noite sentada de pernas cruzadas no chão de seu quarto. Ela lutou para vencer as três primeiras páginas de “Escapadas ficcionais” antes de perceber que o capítulo sobre Daffyd Llewellyn era uma interpretação de seu livro, e não uma biografia do autor, logo impenetrável nesse sentido. Voltou-se, então, para as anotações que tinha feito na casa de Clive, alternando entre elas e os jornaizinhos das irmãs Edevane. Estava pensando na certeza de Clive de que Alice era a chave e isso a levava ao entalhe que encontrara naquela tarde na pedra. Tinha a vaga sensação de ter visto o nome “Ben” em algum lugar naquele dia, mas não conseguia lembrar onde.

A chuva escorria pelos vidros das janelas, o doce cheiro de fumaça de cachimbo se infiltrando pelo teto, e Sadie lançou o olhar sobre o monte de páginas, anotações rabiscadas e livros espalhados pelo chão diante dela. Em algum lugar naquela confusão ela sabia que havia detalhes coçando para se conectar, ela podia *sentir* isso. Não importava que parecesse uma anarquia em papel.

Com um suspiro profundo, deixou sua pesquisa e foi para a cama. Abriu *Um prato frio* e leu por um tempo, numa tentativa de clarear a mente. Descobriu-se que o dono da rede de restaurantes de fato tinha sido assassinado e parecia cada vez mais provável que tivesse sido sua ex-mulher. Eles estavam divorciados havia vinte anos, décadas em que ele construíra sua carreira e sua fortuna, enquanto sua ex-mulher se dedicara a cuidar da filha deficiente. Suas aspirações de carreira foram sacrificadas junto com sua liberdade, mas ela amava a filha e o acordo parecia bastante amigável.

O gatilho, ao que parecia – Sadie virava as páginas mais depressa agora –, foi o anúncio casual de que ele estava a caminho da América do Sul para passar duas semanas de férias. Toda a sua vida a ex-mulher sonhara visitar Machu Picchu, mas sua filha não poderia acompanhá-la, tampouco ser deixada sozinha. O fato de que seu ex-marido – um homem que sempre se achou muito ocupado e importante para ajudar nos cuidados da filha – estivesse agora prestes a viver seu grande sonho era mais do que a mulher poderia suportar. Décadas de sofrimento materno, o isolamento sentido por todos os cuidadores e a sublimação dos desejos pessoais de uma vida inteira tinham se transformado em bolas de neve, levando a mulher, geralmente amável, à inevitável conclusão de que seu ex-marido deveria ser impedido de fazer a viagem.

Surpresa, satisfeita e estranhamente revigorada, Sadie apagou a luz e fechou os olhos, ouvindo a tempestade e o mar agitado, os cachorros sonhando e roncando aos pés da cama. A. C. Edevane tinha uma visão interessante da moralidade. Seu detetive descobriu a verdade sobre a morte aparentemente natural do homem, mas optou por não contar à polícia. Seu dever como detetive particular, Diggory Brent concluiu, era descobrir aonde levava o rastro do dinheiro. E isso foi feito. Ninguém lhe pedira que olhasse para a morte do restaurador. Ela nem sequer foi considerada suspeita. A ex-mulher dele havia carregado, quase sem recompensa, um enorme fardo por muito tempo. Se fosse presa, a filha ficaria bem pior. Diggory decidiu que não diria nada e deixaria a justiça seguir seu curso sem ele.

Sadie se lembrou da descrição de Clive de uma jovem Alice Edevane espreitando a biblioteca enquanto as investigações estavam em andamento; a sensação que ele tinha de que ela sabia mais do que estava contando e sua mais recente intuição (um tanto desesperada) de que um de seus livros pudesse revelar uma pista. *Um prato frio* podia não espelhar os eventos do desaparecimento de Theo Edevane, mas certamente sugeria que Alice tinha uma perspectiva matizada sobre questões de justiça e seu curso. O romance também tinha muito a dizer sobre a complicada relação entre pais e filhos, descrevendo o vínculo como um fardo e um privilégio. Um elo inquebrável, para o bem ou para o mal. Era evidente que Alice não via com bons olhos aqueles que fugiam às suas responsabilidades.

Sadie tentou dormir, mas não era boa de sono nem nas melhores situações, e pensamentos sobre Rose Waters a invadiram. Era toda aquela coisa de ser maternal, a devoção e o comprometimento dos cuidadores, ela supunha. O amor que a babá tinha demonstrado por Theo, “como se fosse seu filho”; seu registro de emprego impecável e a demissão repentina, “injusta”, que a deixara devastada; a testemunha que jurava ter visto a figura de uma mulher esbelta se movendo no quarto do bebê depois da meia-noite...

Sadie suspirou, se virou e tentou esvaziar a cabeça. Ocorreu-lhe espontaneamente uma imagem do piquenique da família Edevane. O marido e a esposa no centro, o amado menino em primeiro plano, aquele

tornozelo esbelto e a perna nas sombras. Ouviu a voz de Clive lhe dizendo como o menino foi desejado, quanto tempo os Edevanes esperaram por ele, e pensou na entrevista de 1939 com Constance deShiel, na qual se dizia que ela “falava sobre Eleanor e um natimorto”. Talvez não fosse um produto de sua mente confusa, afinal. Talvez Eleanor tivesse ficado grávida entre Clementine e Theo. “Não era nenhum segredo que eles queriam um filho”, dizia um dos depoimentos no arquivo de Clive. “Foi uma bênção quando o tiveram. Tão inesperado.”

Sadie abriu os olhos no escuro. Outra coisa chamava sua atenção.

Ela acendeu a luz e se inclinou sobre o lado da cama, folheando os papéis no chão até a página que estava procurando. Era um dos jornaizinhos produzidos pelas irmãs Edevane na velha prensa. Tinha certeza de que se lembrava de ler algo sobre a babá Rose.

Ali estava.

Levou as velhas páginas consigo para a cama. Um artigo de Alice detalhando o castigo de Clementine Edevane por ter chamado a babá Rose de gorda. Sadie verificou a data, fez um rápido cálculo de cabeça e, então, pulou da cama para pegar seu caderno. Virou as páginas até que chegou às anotações descrevendo o registro de emprego de Rose Waters – em particular, sua ausência de um mês em julho de 1932, quando foi chamada para cuidar de “um assunto familiar”. As datas batiam.

Sadie olhou pela janela – os penhascos iluminados pela lua, o turbulento mar escuro, os relâmpagos no horizonte – tentando ordenar os pensamentos. Clive tinha dito: *Por que um pai raptaria o próprio filho?* Ele estava falando de Anthony e Eleanor Edevane e a pergunta tinha sido retórica, uma piada, porque, é claro, os pais não precisavam sequestrar seus filhos. Eles já os tinham.

Mas e nos casos em que não os tinham?

O rosto de Sadie estava pulsando, quente. Um novo cenário estava se formando. Podia pensar em uma razão pela qual um pai poderia sequestrar o próprio filho.

Os detalhes se encaixaram, como se estivessem juntos, como se estivessem esperando alguém. Uma empregada em apuros... Um menino precisando de um lar... Uma senhora que não conseguia ter o próprio filho... Fora uma solução satisfatória para todos. Até que, de repente, não era mais.

A mensagem era curta, mesmo para os padrões de Alice. Ela havia saído, voltaria mais tarde. Peter avaliou o pedaço de papel – não conseguia chamar aquilo de bilhete – e se perguntou o que significava. O comportamento de Alice andava estranho ultimamente. Ela estava irritadiça, mais do que o habitual, e muito distraída. Peter suspeitava que as coisas não estavam indo bem com o novo livro, além da típica angústia autoral que era esperada, e que o bloqueio criativo de Alice era um sintoma, e não a causa de seus problemas.

Tinha a sensação de que conhecia a causa. Seu rosto, quando lhe transmitiu o recado de Deborah na sexta-feira, tinha perdido a cor, e sua reação, o ligeiro tremor na voz, o fez lembrar de quando, mais cedo naquela semana, chegara a carta da detetive perguntando sobre o antigo caso policial não resolvido. As duas coisas estavam conectadas, Peter tinha certeza. Além disso, tinha se convencido de que estavam relacionadas ao crime real que acontecera no passado da família de Alice. Ele sabia agora sobre o menino, Theo. Alice tinha tentado esconder o choque quando a carta chegara, mas Peter notara como as mãos dela começaram a tremer, a tentativa dela de escondê-las embaixo da mesa para que ele não visse. A reação, combinada com sua veemente negação do conteúdo da carta, despertou o interesse dele o suficiente para que, sentado ao computador de casa naquela noite, ele digitasse *Edevane e criança desaparecida* no site de busca. Foi assim que soube que o irmãozinho de Alice havia sumido em 1933 e nunca mais fora encontrado.

O que ele não sabia era por que ela mentira sobre isso e por que o caso a deixara tão abalada. Certa manhã, ao chegar ao trabalho, encontrou-a apagada numa poltrona na biblioteca. Seu coração disparou e, por uma fração de segundo, ele temeu o pior. Estava prestes a fazer uma ressuscitação cardiopulmonar duvidosa quando ela ressonou e ele percebeu que estava dormindo. Alice Edevane não cochilava. Peter teria ficado menos surpreso se tivesse aberto a porta e a encontrado fazendo dança do ventre com uma túnica de seda enfeitada com moedas. Ela despertou com um sobressalto e ele voltou ao corredor para que ambos pudessem fingir que ele não tinha visto. Peter fez uma encenação, tirando os sapatos com alarde e dando uma sacudida extra na mesa, antes de voltar e encontrá-la lendo um esboço de capítulo, caneta vermelha na mão. E agora isso. Uma quebra inesperada da rotina. Só que Alice Edevane não quebrava a rotina, nem uma única vez o fizera nos três anos em que Peter trabalhava para ela.

A virada inesperada dos acontecimentos era chocante, mas, pelo menos, deu a ele a oportunidade de terminar a página de “Perguntas frequentes” do site. Os editores de Alice tinham entrado em contato novamente, a paciência acabando à medida que a data da publicação se aproximava, e Peter prometera que teria o conteúdo pronto para eles no final da semana. Ele teria. Tudo o que faltava era averiguar se Alice tinha ou não um manuscrito anterior a *Num piscar de olhos*. O artigo de 1956 do *Yorkshire Post* do qual ele queria tirar uma das respostas citava Alice dizendo que havia escrito um romance de mistério inteiro, seu primeiro, no caderno que ganhara de presente de aniversário de 15 anos e Peter achou que isso seria muito fácil de se confirmar. Alice era neurótica com seus cadernos. Nunca ia a lugar algum sem o atual e mantinha todos eles, sem exceção, organizados nas prateleiras de sua sala de escrita. Tudo o que ele precisava fazer era verificar.

Ele começou a subir as escadas, pegou-se assobiando constrangido e parou. Não havia necessidade de uma demonstração de inocência. Apenas os culpados faziam isso e não havia nada de errado no que estava fazendo. Entrar no escritório de Alice não era proibido. Pelo menos, nada nunca foi dito nesse sentido. Peter

não costumava entrar ali, mas isso era apenas uma questão de circunstâncias. A oportunidade quase nunca surgia. Eles sempre se reuniam na biblioteca, e Peter trabalhava na grande mesa da cozinha ou, às vezes, na sala vazia que havia muito tempo fora destinada aos arquivos.

Era um dia quente e os raios de sol atravessavam a janela estreita no alto das escadas. O ar quente subia, estagnando no patamar, sem nenhum outro lugar aonde ir, e Peter ficou feliz em abrir a porta para a sala de escrita fresca de Alice e entrar.

Como esperado, na prateleira abaixo de todas as suas primeiras edições internacionais encontrou os cadernos. O primeiro era pequeno e fino, com capa de couro marrom que tinha amaciado e desbotado com o tempo. Peter o abriu e viu, na primeira página amarelada, a caligrafia cuidadosa e arredondada de uma criança metódica. *Alice Cecilia Edevane, 8 anos*. Ele sorriu. A linha manuscrita ofereceu um vislumbre da Alice que ele conhecia – confiante, formidável, apegada à rotina – quando era uma jovem diligente com toda a vida pela frente. Ele pôs o caderno no lugar e contou levemente ao longo da fileira. Pelos seus cálculos, o que estava procurando era o que ela havia ganhado em 1932 e usado no ano seguinte. Parou e pegou um volume maior da prateleira.

Peter soube imediatamente que algo estava errado. O caderno era muito leve para seu tamanho e muito fino em sua mão. De fato, quando o abriu, metade das páginas tinha sumido, apenas uma franja grossa de restos ásperos restava no lugar de onde as folhas haviam sido rasgadas. Ele confirmou que era de fato o caderno de 1932-1933 e correu o dedo, pensativo, pelas extremidades esfarrapadas. Aquilo por si só não significava nada. Como Peter sabia, muitas adolescentes rasgavam as páginas de seus diários. Só que aquilo não era um diário, era um caderno. E não eram poucas páginas: mais da metade dele estava faltando. O suficiente para o rascunho de um romance? Depende do tamanho do romance.

Peter percorreu as primeiras páginas. A peculiaridade do achado dava um ar de desconforto à tarefa e, de repente, ele se sentiu como um ladrão. Lembrou-se de que estava apenas fazendo seu trabalho. Que era para isso que Alice lhe pagava. *Eu não quero saber disso*, ela dissera ao mandá-lo criar o site. *Apenas faça acontecer*. Basta encontrar a resposta, disse a si mesmo, colocar o livro de volta e acabou.

As primeiras páginas pareciam promissoras. Estavam cheias de observações de sua família (Peter sorriu ao reconhecer a descrição de Alice de sua avó – “um esqueleto nas cinzas de um vestido caro” – como uma citação de *Grandes esperanças*) e ideias para um romance sobre personagens chamadas Laura e lorde Hallington, que estavam envolvidos em um caso de amor terrivelmente complicado. Havia também referências frequentes a um tal de “Sr. Llewellyn”, que Peter calculou que fosse o escritor que Alice mencionara na entrevista, seu mentor de infância.

Mas, em seguida, a trama era interrompida abruptamente, abandonada, ao que parecia, e substituída por uma lista enumerada intitulada: “As regras segundo o Sr. Ronald Knox, adaptado do prefácio de *As melhores histórias de detetives*”.

A lista de regras, ainda que antiquada e didática para os padrões atuais, pareceu dar início a uma nova era da vida criativa de Alice, pois depois dela não houve mais menção a Laura e lorde Hallington (ou ao Sr. Llewellyn, por sinal), suas interações infantis substituídas por reflexões mais gerais sobre a vida e o amor, sérias e comoventes idealizações em seu tom ingênuo de otimismo.

Peter examinou rapidamente as exortações adolescentes de Alice sobre o propósito da literatura, suas tentativas de reproduzir as descrições arrebatadoras da natureza nos poemas românticos que ela citava como seus favoritos, a pronta articulação sobre suas aspirações para o futuro: *desejar menos posses e ter um amor maior*. Começava a se sentir como um voyeur desconfortável, quase prestes a desistir da pesquisa, quando deparou com algo que o deixou alerta. As iniciais BM começaram a aparecer nas anotações de Alice. *Segundo BM... BM diz... Vou perguntar a BM...* Qualquer outra pessoa poderia não ter se lembrado do nome que Deborah lhe pedira para dizer a Alice em seu recado, mas Peter tinha estudado com um garoto chamado Benjamin e os dois tinham trabalhado como entregadores de jornal para um lojista chamado Sr. Munro. Assim, quando Deborah disse o nome, a coincidência o cimentara na mente de Peter. Benjamin Munro, o homem cuja menção tinha feito Alice empalidecer.

Mais ou menos quando as referências a “BM” começaram a aparecer no caderno, Alice começou a criar um novo romance. *Um mistério, desta vez, uma história de detetive com um método engenhoso que ninguém jamais vai adivinhar!* O planejamento continuou nas páginas seguintes, setas e perguntas rabiscadas, mapas e diagramas esboçados – técnicas que lhe eram familiares de seus cadernos atuais – e, então, uma entrada datada de abril de 1933: *A primeira coisa que vou fazer amanhã é começar APA. Já tenho a primeira e última frases em mente, e uma ideia clara de tudo o que precisa acontecer entre elas (graças, em parte, a BM). Sei que este vai ser o que vou terminar. Já é diferente de tudo que escrevi antes.* Se ela começou ou não “APA” e se terminou ou não, Peter não poderia dizer. Debaixo de sua declaração de missão, algo tinha sido rabiscado com tanta veemência que fizera um furo no papel e, então, não havia nada. As páginas restantes tinham sido arrancadas.

Por que Alice teria arrancado o rascunho de um romance? Ela, que era meticulosa, quase supersticiosa, quanto a manter registrado tudo o que contribui para a criação de um livro.

“Um escritor nunca destrói seu trabalho!”, dissera à BBC. “Mesmo que o deteste. Fazer isso seria como negar a existência de uma criança desajeitada.”

Peter se levantou e se espreguiçou, olhando pela janela com vista para a charneca. Podia não significar nada. Algumas páginas faltando em um diário de adolescente. Páginas escritas setenta anos antes. Mas Peter não conseguia afastar a sensação de mal-estar que se infiltrava nele. O comportamento recente de Alice, a forma como ela negara o velho caso policial, seu choque quando ele dera o recado de Deborah, quando pronunciara o nome de Benjamin Munro. Até mesmo o pequeno e inexplicável mistério de por que começara a contar aos jornalistas que ela nunca tinha escrito nada antes de seu primeiro romance publicado. Algo estava acontecendo e Alice ficara preocupada.

Peter pôs o caderno de volta no lugar, tomando cuidado extra para fazer isso em silêncio, como se assim pudesse de alguma forma apagar o fato de que tinha mexido na prateleira e olhado lá dentro. Decidiu simplesmente omitir a pergunta sobre o primeiro trabalho de ficção que Alice concluía da página de “Perguntas frequentes”. Desejou ter feito isso logo em vez de ir até lá e abrir a caixa de Pandora.

Talvez tivesse sido a pressa em deixar o sótão e abandonar tudo para trás que o fez tropeçar na luminária. Talvez fosse apenas sua falta de jeito habitual. Fosse como fosse, a luminária era alta, de pé, e Peter a derrubou de lado sobre a mesa de Alice. Um copo, felizmente vazio, tombou e Peter o estava colocando no lugar quando viu o envelope endereçado a Alice. Isso, por si só, não era incomum; afinal, a casa era dela. No entanto, a correspondência era função de Peter e ali estava uma carta que ele não tinha visto. O que significava que tinha sido tirada da pilha da manhã sem o seu conhecimento.

Peter hesitou, mas apenas por um instante. Ele gostava de Alice. Eles não eram exatamente como avó e neto, mas ele se importava com ela e, à luz de tudo o que estava acontecendo, sentiu uma responsabilidade para com Alice. Abriu a carta apenas o suficiente para ver de quem era. *Sadie Sparrow*. Não era o tipo de nome que uma pessoa que gostava de palavras esquecesse e Peter se lembrou imediatamente da carta que tinha chegado uma semana antes. A detetive que vinha investigando o antigo caso de uma criança desaparecida. O caso de 1933, o mesmo ano em que BM apareceu no diário de Alice e o polêmico manuscrito tinha sido (presumivelmente) arrancado. Peter experimentou a sensação sombria de peças de um quebra-cabeça se encaixando, enquanto permanecia frustrado, sem saber o que aquele quebra-cabeça revelava. Bateu os dedos nos lábios, pensando, e então olhou outra vez para a fina folha de papel dobrada sobre a mesa. Isso de fato era bisbilhotar. Com certeza não fazia parte de seu trabalho. Peter tinha a sensação de que estava empoleirado na beira de um penhasco, decidindo entre saltar ou recuar. Com um movimento de cabeça, sentou-se e começou a ler.



Alice decidiu caminhar pelo parque. O ar fresco lhe faria bem, disse a si mesma, abusando de sua pequena ironia natural. Ela saltou do metrô na Hyde Park Corner e subiu a escada rolante até a superfície. Estava muito mais quente naquele dia do que no início da semana. O ar estava parado e o calor era denso, aquele tipo particular de calor da cidade que parecia aumentar nos espaços entre o asfalto e as construções. As linhas do metrô, com suas serpentes agitadas sibilando pelos túneis, despejando passageiros suados em cada estação, eram como algo saído de Dante. Ela pegou o Rotten Row, observando os canteiros de rosas e o fraco aroma das violetas como se realmente estivesse caminhando, porque gostava de ficar sozinha com a natureza, não apenas adiando um pouco mais a terrível tarefa que tinha à sua frente.

Foi Deborah quem forçou o encontro daquele dia. Depois que Peter lhe dera o recado na sexta-feira (o arrepio terrível de ouvir seu assistente falar o nome de Benjamin Munro!), Alice decidiu que o melhor era a negação. Não havia motivo para que ela e Deborah se vissem nos próximos meses. O aniversário de Eleanor tinha passado e a próxima reunião de família seria apenas no Natal, o que dava muito tempo para a coisa toda se dissipar. Para Alice *garantir* que se dissiparia. Mas Deborah insistiu, usando sua marca particular de força gentil que sempre exercera como a irmã mais velha e que depois dominara durante suas décadas como esposa de um político.

– Há assuntos que devemos tratar.

Qualquer que fosse a extensão do conhecimento de Deborah sobre Theo, ela evidentemente tinha feito uma viagem considerável pela memória, chegando a um ponto que deixava Alice muito nervosa. Quanto Deborah sabia?, ela se perguntava. A irmã se lembrava de Ben, mas sabia o que Alice tinha feito? Devia saber. Por que mais insistiria em encontrá-la para conversar sobre o passado?

– Você se lembra da babá Rose? – perguntou Deborah antes de desligar. – Estranho, não é mesmo, como ela foi embora de repente?

Alice sentiu se fecharem as paredes que ela vinha segurando havia muito tempo. Extraordinário como tudo aconteceu de uma vez. (Embora na verdade tivesse sido ela, Alice, quem despertara o interesse de Deborah com suas perguntas no museu. Se ao menos tivesse ficado de boca fechada...) Naquela manhã, Alice recebera uma terceira carta da detetive, mais assertiva que as outras e com um único desdobramento preocupante. Essa tal de Sparrow agora pedia permissão para entrar na casa “para testar uma teoria”.

Alice parou de andar quando uma libélula se aproximou. *Sympetrum flaveolum*. O nome veio à sua mente por vontade própria. Ela observou o inseto voar em direção a um jardim ali perto, um emaranhado espetacular de flores de verão, laranja brilhante, vermelhas e malva. Os jardins realmente eram um bálsamo. Uma abelha voava entre flores e Alice experimentou um vislumbre súbito de uma lembrança por todo o seu corpo. Aquela sensação vinha surgindo com mais frequência ultimamente. Ela podia sentir como seria entrar naquele jardim, seu corpo flexível e sem dor, serpentear sob a folhagem fria e deitar-se de costas, de modo que o céu pareceria pequenos diamantes azuis por entre os galhos e seus ouvidos se encheriam com o coro dos insetos.

Ela não entrou, claro. Continuou pelo caminho, deixando o jardim e o estranho vislumbre de lembrança para trás. Só poderia ser o túnel, pensou, essa teoria de Sadie Sparrow. De algum modo, ela devia ter descoberto o segundo túnel. Alice esperava sentir pânico, mas, em vez disso, experimentou apenas um aborrecido sentimento de resignação. Era inevitável, ela sempre soube disso. Uma das maiores sortes em todo o acontecimento fora o fato de que ninguém (até então) tinha mencionado o túnel para a polícia. Porque Alice não era a única que sabia disso em 1933. Havia outros. Seus pais, suas irmãs, vovó DeShiel e a babá Rose, que souberam no inverno em que Clemmie ficou presa por causa de seu trinco ardiloso.

Alice reduziu a velocidade quando chegou à parte de Rotten Row em que o caminho se bifurcava para formar uma ponte sobre o lago Serpentine. Além da água estava o grande trecho verde do parque. Alice nunca poderia olhar para aquele lugar sem pensar na Segunda Guerra Mundial. Havia sacos de areia, então, e fileiras de legumes e verduras, toda a extensão dedicada à produção. Parecia uma ideia um tanto pitoresca agora, uma lembrança do passado medieval, como se uma nação faminta e bombardeada pudesse, de alguma forma, ser alimentada com a colheita da horta real de Sua Majestade. Na ocasião, porém, lhe parecera bastante sensato. Mais do que isso, parecera vital. Seus rapazes estavam morrendo em terras estrangeiras, bombas caíam sobre

Londres à noite e os navios de abastecimento eram bloqueados por submarinos antes de poderem atracar, mas o povo da Grã-Bretanha não morreria de fome. Venceriam a guerra com uma plantação de legumes de cada vez.

Alguns anos antes, no Museu Imperial da Guerra, Alice tinha ouvido um par de alunos rindo de um cartaz de Potato Pete ostentando que ele fazia uma boa sopa. Os meninos tinham ficado para trás, afastados das colegas, e, quando o professor lhes chamou a atenção, o mais alto fez que ia chorar. Alice sentiu uma onda de prazer na tristeza do garoto. Por que grande parte da parafernália que restara da guerra fazia parecer que fora civilizada, pitoresca ou bem-humorada, quando de fato tinha sido feroz e mortal? As pessoas eram diferentes na época, mais estoicas. Havia muito menos conversa sobre emoções. As pessoas eram ensinadas desde a infância a não chorar quando se ferissem, a ser boas perdedoras, a não reconhecer medos. Mesmo a babá Rose, que era a doçura em pessoa, teria franzido a testa ao ver lágrimas quando colocava iodo em cortes e arranhões. Esperava-se que as crianças enfrentassem seu destino. Habilidades muito úteis, como se verificou, em tempos de guerra. Na verdade, para a vida.

Todas as mulheres Edevane se apresentaram às Forças Armadas quando a guerra eclodiu. Clemmie se juntou ao Apoio ao Transporte Aéreo, pilotando aviões entre as bases da Força Aérea Real. Alice dirigiu um carro fúnebre transformado em ambulância pelas ruas destruídas pelas bombas. E Deborah reuniu mulheres no Serviço Voluntário Real, uma organização de ação social. Mas foi Eleanor quem surpreendeu a todos. Deborah e Alice pediram que os pais buscassem abrigo no campo, porém a mãe se recusou.

– Vamos ficar aqui e fazer a nossa parte – disse ela. – Não pensaríamos em nos esquivar, e vocês não devem sugerir isso. Se é bom o suficiente para o rei e a rainha, é bom para nós. Não é verdade, querido?

Ela sorriu para o marido, que já sofria com a pleurisia que o mataria, e ele apertou sua mão em solidariedade.

Então, ela se juntou à Cruz Vermelha, andando de bicicleta em torno do East End e oferecendo assistência médica a mães e crianças que tiveram suas casas bombardeadas.

Às vezes, Alice via a cidade como um mapa em sua mente, com pinos em todos os lugares com os quais ela poderia reivindicar uma conexão. Esse mapa estava coberto, os pinos se acumulando uns sobre os outros. Era uma grande coisa alguém passar a maior parte de sua vida no mesmo lugar. Adquirir lembranças incontáveis que se acumulam na mente de modo que certos locais ganham identidade. Na experiência de mundo de Alice, os lugares eram tão importantes que ela, às vezes, se perguntava como as pessoas nômades avaliavam o passar do tempo. Como marcavam e mediam seu progresso se não o comparavam com uma constante que era muito maior e mais duradoura do que eles? Talvez não marcassem. Talvez fossem mais felizes assim.

Uma das coisas que mais a intrigavam em Ben era sua natureza itinerante. Havia inúmeras pessoas desabrigadas após a Primeira Guerra Mundial, homens tristes cuja presença nas ruas de toda a Grã-Bretanha, segurando cartazes que pediam trabalho, comida ou dinheiro, lançou uma sombra sobre a década. A Alice e suas irmãs fora dito para ajudar quando pudessem e nunca olhar fixamente. Elas foram ensinadas a ter pena. Ben não era como os soldados desalojados, no entanto. Ele era a primeira pessoa que Alice conhecera que vivia dessa maneira por escolha própria. Mudando de um emprego para outro, sem ter mais bens do que os que pudesse carregar em sua mochila.

– Sou um andarilho – dissera ele com um sorriso e um dar de ombros. – Meu pai costumava dizer que havia sangue cigano na família de minha mãe.

Para Alice, cuja avó sempre teve muito a dizer sobre os ciganos e vagabundos que atravessavam o bosque perto de Loanneth, essa ideia era uma maldição. Fora criada apoiando-se na solidez da história de sua família. O legado dos antepassados de seu pai, sua história de trabalho duro e empreendimento, a construção do império Edevane. E a família de sua mãe, com suas raízes profundas no lote de terra que ainda chamavam de casa. Mesmo a festejada história de amor de Eleanor e Anthony era centrada no resgate e restauração de Loanneth. Alice sempre pensou que era uma história muito nobre e herdou, feliz, a paixão de sua mãe pela Casa do Lago. Nunca imaginara que houvesse outra maneira de viver.

Mas Ben era diferente e a fazia ver tudo de outro jeito. Não tinha nenhum desejo de possuir coisas ou acumular riquezas. Bastava, dizia ele, conseguir chegar de um lugar a outro. Quando ele era criança, seus pais tinham trabalhado em escavações arqueológicas no Extremo Oriente e ele percebeu, então, que as posses que as pessoas cobiçavam no presente fugaz estavam destinadas a desaparecer. Se não se transformassem em pó, seriam enterradas debaixo do pó, aguardando a curiosidade das futuras gerações. Seu pai havia desenterrado muitos desses itens, disse ele, belos objetos que já tinham sido disputados.

– E todos eles acabaram perdidos ou descartados, as pessoas que os possuíram, mortas. Tudo o que importa para mim são as pessoas e as experiências. Conexão, isso é o mais importante. Essa faísca de eletricidade entre as pessoas, o laço invisível.

Alice tinha corado ao ouvir isso. Ela sabia exatamente o que ele queria dizer. Também sentira.

Apenas uma vez Alice o ouviu falar de sua falta de dinheiro com tristeza e pesar. Ela se lembrava por causa da emoção desagradável que isso despertou nela. Ele crescera com uma menina, contou, uma garota inglesa, alguns anos mais velha, cujos pais trabalhavam na mesma escavação que os pais dele. Ela o tomara sob sua guarda; tinha 13 anos e ele, 8. Como eram muito parecidos, juntos em uma terra estranha, criaram um laço forte.

– Eu era um pouco apaixonado por ela, é claro – confessou ele com uma risada. – Eu a achava muito bonita, com as longas tranças e os olhos amendoados.

Quando a menina – Florence era o nome dela (“Flo”, ele a chamava, a intimidade do apelido soando como uma punhalada para Alice) – partiu para a Inglaterra com seus pais, os dois continuaram a se corresponder, cartas que se tornaram mais longas e mais íntimas à medida que Ben crescia. Cada um permaneceu como uma constante na vida errante do outro e, quando ele voltou para a Grã-Bretanha, aos 17 anos, se reconectaram. Ela já tinha se casado, mas insistiu para que ele ficasse com eles sempre que passasse por Londres. Continuaram sendo o mais próximo de amigos.

– Ela é uma pessoa muito generosa – disse ele. – Ferozmente leal, muito amável e sempre pronta para rir.

Havia pouco tempo, porém, ela e o marido começaram a enfrentar tempos difíceis. Eles tinham um negócio que haviam lutado para começar, juntando todas as suas economias e trabalhando duro, mas agora o senhorio ameaçava despejá-los.

– Passaram por outras dificuldades também – disse ele. – Problemas pessoais. Pessoas tão boas, Alice, com desejos modestos. Essa é a última coisa de que precisam. – Ele afiava as tesouras de poda enquanto falava. – Eu faria qualquer coisa para ajudá-los. – Uma nova nota de frustração se infiltrou em sua voz: – Mas a única coisa que fará diferença é dinheiro, e só tenho o que há no meu bolso.

A dificuldade de sua amiga deixou Ben amargo e Alice, desamparadamente apaixonada àquela altura, ansiava por consertar as coisas para ele. Ao mesmo tempo, invejava essa outra mulher (*Flo*, como ela odiava a redução casual desse apelido), que tinha desempenhado um papel tão importante na vida de Ben, cuja infelicidade, a centenas de quilômetros de distância, em Londres, tinha o poder de destruir seu humor naquela hora.

Mas o tempo tem uma maneira engraçada de acalmar até mesmo as paixões mais intensas. Ben não mencionou sua amiga outra vez e Alice, que era jovem afinal de contas e, portanto, egocêntrica, deixou que Flo e sua situação se esvaíssem de sua memória. Quando contou a ele sua ideia para *Adeus, passarinho azul* três ou quatro meses depois, se esquecera de quando ele lhe disse que faria qualquer coisa – qualquer coisa – para conseguir o dinheiro para ajudar sua amiga de infância.



Do outro lado do Serpentine, uma criança corria para a água. Alice hesitou e, em seguida, parou, observando a menina – ou o menino, era difícil distinguir – chegar à beira da água e começar a arrancar pequenos pedaços de pão, jogando os punhados enquanto um bando de patos se reunia. Um cisne barulhento se aproximou

depressa, pegando o que restava de uma só vez. Seu bico afiado estava muito próximo e a criança começou a chorar. Um dos pais achegou-se, como eles sempre fazem, e a criança foi facilmente acalmada, porém o incidente fez Alice se lembrar dos patos selvagens de Loeanneth, tão gananciosos e ousados. Ela se perguntou se eles ainda estariam lá e essa ideia lhe provocou um nó na garganta. Isso acontecia às vezes. Depois de anos de determinada negação, uma brutal, quase esmagadora, onda de curiosidade sobre a casa, seu lago e seus jardins abatia-se sobre ela.

Quando crianças, em Loeanneth, elas passavam o verão entrando e saindo da água, a pele bronzeando sob o sol, os cabelos quase brancos. Apesar de seu pulmão fraco, Clemmie tinha sido, entre elas, a que mais gostava de ficar ao ar livre, com suas pernas de potro, longas e magras, e sua natureza livre. Ela deveria ter nascido mais tarde. Deveria ter nascido agora. Havia tantas oportunidades naqueles dias para meninas como Clemmie. Alice as via em toda parte, animadas, independentes, diretas e concentradas. Garotas poderosas, não limitadas pelas expectativas da sociedade. Elas a deixavam feliz, aquelas garotas, com piercings no nariz, cabelos curtos e impacientes com o mundo. Às vezes, Alice sentia que podia quase vislumbrar o espírito da irmã nelas.

Clemmie recusara-se a falar com qualquer pessoa nos meses seguintes ao desaparecimento de Theo. Uma vez que a polícia terminara os interrogatórios, ela fechou a boca, trancada como um molusco, e se comportou como se seus ouvidos também houvessem se desligado. Ela sempre fora excêntrica, mas parecia a Alice, olhando em retrospecto, que, no final do verão de 1933, ela se tornara completamente selvagem. Mal voltava para casa, rondando pelos campos de aviação, cortando os juncos perto do córrego com um bastão afiado, rastejando para dentro de casa apenas para dormir e, na maioria das noites, nem isso. Acampava no bosque ou junto do córrego. Só Deus sabia o que ela comia. Ovos de aves, provavelmente. Clemmie sempre teve um dom para invadir ninhos.

A mãe estava fora de si. Como se a angústia a respeito de Theo não fosse suficiente, agora ela precisava se preocupar com Clementine também, lá fora, na natureza. Clemmie acabava voltando, mas cheirava a sujeira, os cabelos longos emaranhados e a roupa muito pior. O verão tinha amadurecido e apodrecido, de modo que o outono, quando chegou, veio pesado e sombrio. Com ele, um interminável sofrimento tomou Loeanneth, como se toda a esperança de que Theo fosse encontrado tivesse morrido com a estação mais quente. Quando a busca da polícia foi oficialmente encerrada, os policiais cheios de desculpas, decidiu-se que a família Edevane deveria voltar para Londres. O casamento de Deborah seria realizado lá, em novembro, e fazia sentido que a família fosse algumas semanas antes para se instalar. Mesmo a mãe, que geralmente ficava chateada por deixar o campo, parecia feliz em escapar da tristeza fria e estonteante da Casa do Lago. As janelas foram fechadas, as portas trancadas, e o carro carregado.

De volta a Londres, Clemmie foi obrigada a usar sapatos novamente. Vestidos novos foram comprados para substituir aqueles que tinham se rasgado ou ficado pequenos. Eles conseguiram uma vaga para ela em uma escola diurna para meninas especializada em matemática e ciências. Ela gostou disso. Depois de uma sucessão de governantas antiquadas, nenhuma das quais tinha durado muito tempo em Loeanneth, uma escola de verdade ofereceu doçura, a recompensa pela aquiescência. Foi um alívio, de certa forma, vê-la de volta, mas Alice lamentara em silêncio a perda de sua irmã selvagem. A reação de Clemmie ao sofrimento tinha sido tão primitiva, tão crua, que mesmo observá-lo se mostrou uma espécie de libertação. Seu retorno à civilização agravou a tragédia e a tornou permanente, pois, se Clemmie tinha perdido a esperança, então não havia realmente nenhuma.



Alice caminhava mais rápido do que pretendia e uma dor apertou seu peito. Uma pontada com certeza, disse a si mesma, não um ataque cardíaco. Ela chegou a um banco e se permitiu cair nele. Decidiu ficar ali um momento para recuperar o fôlego. A brisa em sua pele era leve e quente. Diante dela havia uma pista de

equitação e, mais afastado, um parquinho onde as crianças estavam escalando equipamentos plásticos coloridos, perseguindo umas às outras enquanto suas babás, moças de rabos de cavalo usando jeans e camisetas, conversavam debaixo de uma árvore. Ao lado do parquinho havia um recinto coberto de areia onde os soldados de cavalaria do quartel de Knightsbridge estavam treinando. Parecia que Alice estava muito perto do local onde se sentara com Clemmie naquele dia, em 1938. Era verdade o que as pessoas diziam: quando uma pessoa ficava velha (e isso também acontecia aos segredos, tão dissimulado era o tempo), lembranças do passado distante, reprimidas por décadas, subitamente se tornavam claras e vívidas. Uma garotinha muito arrumada estava tendo aulas de equitação, girando e girando ao redor da areia. Alice e Clemmie descansavam em uma toalha de piquenique, discutindo a intenção de Clemmie de começar as aulas de voo. Foi antes da guerra e a vida em Londres para as filhas das famílias prósperas era como sempre fora, mas havia conversas em todos os lugares se você soubesse onde ouvir. Alice sempre soubera onde ouvir. Clemmie também, ao que parecia.

Com 17 anos agora, ela se recusara categoricamente a participar da temporada e, depois de vender uma série de relíquias da família para que pudesse viajar para a Espanha a fim de lutar com os republicanos na guerra civil, acabou por ser detida nas docas. Alice, embora impressionada com a coragem de sua irmã, ficou feliz de vê-la ser arrastada de volta para casa. Dessa vez, no entanto, ao ver a obstinação de Clemmie, o feroz entusiasmo com que ela brandia o anúncio de jornal para a escola de voo, Alice prometeu fazer o que fosse necessário para ajudar a convencer os pais a concordarem. O dia estava quente, elas tinham terminado o almoço e uma agradável calma se estabelecera sobre elas, em parte por causa do acordo recente a que tinham chegado. Alice estava apoiada nos cotovelos, com os olhos fechados atrás de seus óculos escuros, quando Clemmie disse, do nada:

– Ele ainda está vivo, você sabe.

Ela não tinha perdido a esperança, afinal.



Agora, Alice olhou para o lugar exato onde elas estiveram sentadas. Era perto de um jardim, lembrou, e entre duas enormes raízes de um castanheiro. Não havia um parquinho na época e as babás, de vestidos longos e chapéus de pano, se reuniam junto do Serpentine, segurando as mãos de suas crianças pequenas e empurrando os menorezinhos em grandes carrinhos pretos. No Natal daquele ano, a grama desapareceria, abrindo caminho para trincheiras construídas em preparação para futuros ataques aéreos. Naquele dia com Clemmie, porém, a guerra, com todo o seu terror e morte, ainda estava à frente delas. O mundo estava inteiro e o sol ainda brilhava.

– Ele ainda está vivo, você sabe.

Cinco anos tinham se passado, mas Alice soube imediatamente de quem Clemmie estava falando. Era a primeira vez que Alice ouvia a irmã falar de Theo desde que ele desaparecera e sentiu o peso da confidência. O que aumentava o peso de sua responsabilidade era a certeza de que Clemmie estava errada. Evasiva, ela disse:

– Como você sabe?

– Eu apenas sei. É uma intuição.

A garota do cavalo trotava agora e o animal sacudia a crina, que brilhava orgulhosa.

– Não houve pedido de resgate.

– E...?

– Bem, você não percebe? Se não houve nenhum pedido de resgate, seja lá quem o tenha levado fez isso porque o queria.

Alice não respondeu. Como refutar gentilmente a irmã de modo que não deixasse dúvidas? Como poderia fazer isso sem confessar demais?

Clemmie, entretanto, se animara. Estava falando rápido, como se tivesse esperado cinco anos para tagarelar e, agora que havia começado, não devesse hesitar.

– Eu acho que foi um homem – dizia ela. – Um sem filhos, que estava visitando a Cornualha e por acaso viu o nosso Theo e se apaixonou loucamente por ele. Aquele homem tinha uma esposa, uma senhora bondosa que queria muito ter filhos mas não conseguia. Posso imaginá-los, Alice, o homem e sua jovem esposa. Prósperos, mas não rígidos ou pomposos, apaixonados um pelo outro e pelos filhos imaginários que pretendiam ter. Posso vê-los ficando cada vez mais tristes à medida que os anos passavam e a mulher não conseguia engravidar, até que lentamente começaram a perceber que talvez nunca pudessem ouvir passinhos no corredor ou risos no quatinho. Uma apatia se instalou sobre a casa e toda a música, a felicidade e a luz deixaram suas vidas, até que um dia, Alice, um dia em que o homem estava fora de Londres a trabalho ou para encontrar um sócio – ela fez um gesto com a mão –, não importa por quê... ele se aproximou de Loeanneth, viu Theo e soube que ele era o menino que levaria a alegria de volta à alma de sua esposa.

O cavalo trotando relinchou e, então, Alice viu Loeanneth em sua mente, os campos das fazendas vizinhas, os cavalos para quem elas costumavam roubar maçãs da cozinha. A história de Clemmie era cheia de buracos, claro, não só porque ninguém chegava a Loeanneth sem querer. Também era inspirada, pelo menos em parte, nos problemas de Deborah (“Cinco anos e ainda nenhum bebê”, os sussurros se infiltravam pelas paredes em reuniões da sociedade). Ocorreu-lhe uma lembrança de rouxinóis junto do lago ao raiar do dia e ela tremeu violentamente, apesar do sol forte em sua pele. Clemmie não percebeu.

– Você vê, não vê, Alice? Não foi a coisa certa a fazer, trouxe sofrimento para a nossa família, mas era compreensível. Theo teria se provado irresistível. Você se lembra da maneira como ele agitava os braços quando estava feliz, como se tentasse decolar? – Ela sorriu. – E ele foi tão *desejado*. Está crescendo cercado de amor, Alice, feliz. Ele era jovem quando se foi, se esqueceu de nós, se esqueceu de que algum dia foi parte de nós, mesmo que nós jamais pudéssemos esquecê-lo. Posso viver com a minha dor quando penso nele feliz.

Não havia nada que Alice pudesse dizer em resposta. Ela era a escritora da família, mas Clemmie tinha o dom de ver o mundo através de uma lente diferente. Se fosse honesta, Alice reconheceria que sempre ficara admirada, até com um pouco de inveja, da imaginação da irmã, como se as próprias pretensões de criatividade, suas histórias, produto de tantas tentativas e erros, fossem diminuídas ao lado da originalidade inata de Clemmie. Ela era de uma ingenuidade tal que necessariamente classificava a outra pessoa como uma bruta realista. Alice não queria desempenhar esse papel, e que sentido havia em argumentar? Por que destruir a fantasia encantadora que a irmã tinha criado: uma nova vida para Theo, com uma família amorosa? Não era suficiente que ela, Alice, soubesse a verdade?

Mas Alice, gananciosa, queria ouvir mais da história de Clemmie.

– Onde eles moram? – perguntou ela. – Como Theo é?

Quando Clemmie deu suas respostas, Alice fechou os olhos e escutou, invejando a inocência e a certeza da irmã. Era uma maneira sedutora de pensar, mesmo que mal orientada. Pois Theo não estava vivendo uma nova vida com uma família amorosa em uma bela casa. Clemmie estava certa ao dizer que não houvera pedido de resgate, mas errada sobre o que isso significava. Porém, Alice sabia. A falta de pedido de resgate significava que tudo tinha dado terrivelmente errado e que Theo estava morto. Ela sabia disso porque havia sido exatamente como planejara.

O dia em que ela teve a ideia tinha começado como qualquer outro. Era 1933, no início da primavera, mas ainda estava frio e ela passara a manhã toda sentada no armário de ventilação de Locanneth com os pés encostados no reservatório de água quente, lendo a coleção de recortes de jornal que mantinha trancada na caixa de metal com filigrana que vovô Horace tinha trazido da Índia e que ela havia roubado do sótão. Ela encontrara um artigo sobre o sequestro do menino Lindbergh nos Estados Unidos e isso a fizera pensar em resgates, bilhetes e qual seria a melhor forma de um criminoso confundir a polícia. Havia percebido recentemente (uma percepção que coincidia com sua nova obsessão por Agatha Christie) que o que faltava a suas tentativas anteriores de criar uma história era um quebra-cabeça, uma reviravolta complexa na trama destinada a enganar e confundir os leitores. Além disso, um crime. A chave para o romance perfeito, Alice tinha decidido, era desenvolver a história em torno da solução de um crime e, ao mesmo tempo, enganar o leitor, fazendo parecer que ela estava fazendo uma coisa quando na verdade estava alegremente fazendo outra. Pressionando os dedos dos pés, cobertos por meias de lã, no revestimento morno do reservatório, ela rascunhou e anotou, tendo ideias a respeito de quem, por quê e, o mais importante, como.

Ela ainda seguia essa linha de raciocínio depois do almoço, quando se enrolou no velho casaco de zibelina da mãe e foi procurar Ben no jardim. Lá fora o tempo estava feio, mas ele estava perto do lago, no local onde vinha construindo o jardim secreto, todo abrigado dentro de uma alta sebe circular. Estava arrancando ervas daninhas, com os antebraços expostos, o suor começando a brotar e pedaços de terra colados em sua pele úmida. Não ouviu Alice chegar, então ela decidiu se sentar por um momento na fria borda de mármore do lago, cravando os calcanhares de suas botas Wellington nos musgos, e experimentou uma onda de prazer quando viu o exemplar de *O misterioso caso de Styles* que tinha emprestado a ele espreitando de sua mochila.

Do outro lado do jardim, Ben afastou os longos cabelos escuros dos olhos e, finalmente, ela não conseguiu mais se segurar:

– Tive uma ideia brilhante.

Ele se virou rapidamente, assustado.

– Alice! – A surpresa logo deu lugar ao prazer. – Uma ideia?

– Estive trabalhando nisso a manhã inteira e, sem querer me gabar, tenho certeza de que vai ser o melhor que escrevi até hoje.

– É mesmo?

– Sim. – E então ela disse as palavras que, mais tarde, teria dado qualquer coisa para não ter dito. – Um sequestro, Ben. Vou escrever um livro sobre um sequestro.

– Um sequestro – repetiu ele, coçando a cabeça. – De uma criança?

Ela assentiu, ansiosa.

– Por que alguém ia querer levar uma criança que não é sua?

– Porque os pais são ricos, é claro!

Ele a olhou perplexo, como se não entendesse direito como uma coisa se conectava à outra.

– Por dinheiro. – Alice revirou os olhos, brincando. – Um resgate.

Uma pontada de sofisticação afiou sua voz, fazendo-a soar, para os próprios ouvidos, como uma mulher do mundo. Enquanto continuava descrevendo o plano para ele, Alice não podia deixar de admirar o elemento atraente de perigo que sua história lhe dava, uma impressão de que ela sabia muito sobre o funcionamento da mente criminoso.

– O sequestrador da minha história estará enfrentando tempos difíceis. Não sei exatamente como, ainda não defini os detalhes. Talvez ele tenha sido cortado de um testamento e perdido sua herança ou, então, é um cientista e fez uma grande descoberta, mas seu sócio, o pai da criança, roubou sua ideia e fez rios de dinheiro. Agora ele está amargo e bravo. Não importa o porquê, apenas...

– ... que ele é um pobre homem.

– Sim, e que está desesperado. Ele *precisa* do dinheiro por algum motivo, talvez tenha se endividado ou queira se casar com uma jovem de situação diferente. – Alice sentiu as bochechas quentes, consciente de que tinha chegado muito perto de descrever a própria situação. Ela continuou, apressada, tecendo os fios de sua trama: – Seja como for, ele precisa de muito dinheiro e depressa, então calcula que essa seja a forma de consegui-lo.

– Não é um sujeito muito agradável – disse Ben, soltando grumos de terra das raízes de uma grande erva daninha.

– O vilão não precisa ser agradável. Não é para ser. Ele é o vilão.

– Mas as pessoas não são assim, são, completamente boas ou ruins?

– Ele não é uma pessoa, é um personagem. São coisas diferentes.

– Bem – ele deu de ombros levemente –, você é a autora.

Alice franziu o nariz. Estava empolgada, mas a interrupção fez com que perdesse a linha de raciocínio. Voltou para as anotações, esperando retomar de onde estava.

Ben enterrou o ancinho e falou:

– Só que me ocorre agora que essa é uma das coisas de que não gosto muito nesses romances policiais.

– O quê?

– As pinceladas grotescas, a falta de sutileza, a ideia de que a moralidade não é ambígua. Não é o mundo real, entende? É simplista. Como um livro infantil, um conto de fadas.

Alice sentira suas palavras como uma faca. Mesmo agora, aos 86 anos, passando pelos campos de futebol de Rotten Row, ela estremeceu ao se lembrar delas. Ele estava certo, é claro, e bem à frente de seu tempo. Atualmente o *porquê* sempre vencia o *como*, mas, naquele tempo, Alice não viu nenhum mérito em sua opinião sobre o motivo que levava pessoas comuns a serem induzidas a cometer um crime, muito menos lhe interessava abordar esse fascinante assunto. Ela só tinha se preocupado com truques e quebra-cabeças. Uma onda de angústia a atingiu quando ele disse aquilo, como se a estivesse chamando de simplista, e não ao gênero. O dia estava frio, mas, com o constrangimento e a dor que a inflamaram, Alice estava fumegando. Ignorou sua crítica, avançando com a descrição da história:

– A criança sequestrada vai ter que morrer, é claro.

– Ela vai morrer?

– Ele. Melhor se for um menino.

– É?

Ele se divertiu então, o que era irritante. Alice se recusou a retribuir seu sorriso, a voz imperiosa e paciente enquanto continuava. Falava como se estivesse lhe explicando coisas que ele realmente devia saber. Mais excruciante, ela se comportou como se o estivesse educando sobre um assunto que um homem como ele não poderia ter esperança de entender. Foi terrível. Era possível ouvi-la interpretando a Menininha Rica, um papel que ela desprezava, mas que não podia evitar.

– Os meninos são mais valiosos, entende, num sentido familiar. Herdeiros das terras, do título e de tudo mais.

– Tudo bem, um menino, então.

O tom dele era mais tranquilo do que nunca. Ainda mais irritante!

- Mas por que o pobre rapaz tem que morrer? – perguntou ele.
- Porque um mistério de assassinato precisa de um assassinato!
- Mais de suas regras?

Ele a estava provocando. Sabia que a tinha magoado e estava tentando fazer as pazes. Bem, ela não seria dobrada com tanta facilidade.

- Não são minhas regras. São do Sr. Knox, publicadas nas *Melhores histórias de detetives*.
- Ah, entendo. Bem, isso é diferente. – Ele tirou as luvas e pegou um sanduíche envolto em papel encerado. – E quais são as outras regras do Sr. Knox?
- O detetive não pode ser ajudado por um acidente ou por uma intuição inexplicável.
- Parece justo.
- Nada de gêmeos ou pares, a menos que o leitor tenha sido previamente preparado.
- Seria muito fácil para trapacear.
- E não deve haver mais do que uma sala ou passagem secreta. Isso é importante para a minha história.
- É? Por quê?
- Vou chegar lá. – Ela continuou citando as regras, contando-as nos dedos: – O criminoso deve ser mencionado no início da história. O leitor não deve conhecer seus pensamentos. E, por último mas não menos importante, o detetive deve ter um amigo estúpido, um Watson, que é um pouco, não mais do que um pouco, menos inteligente do que o leitor médio.

Prestes a morder o sanduíche, Ben parou e apontou casualmente para o espaço entre eles.

- Tenho a forte impressão de que sou o Watson nesta equipe.

Alice sentiu seus lábios se curvarem e não pôde mais resistir. Ele era tão bonito, sorrindo para ela daquele jeito, e o dia estava começando a brilhar, o sol espreitando através das nuvens. Era muito difícil ficar brava com ele. Ela riu e, então, a expressão dele mudou.

Alice seguiu seu olhar por cima do ombro, através da brecha na sebe. Por um momento terrível, se convenceu de que veria a babá Rose atrás dela. Alice estava olhando pela janela outro dia e tinha visto os dois, Ben e a babá, conversando. As coisas pareciam um pouco mais íntimas do que ela gostaria. Mas não era a babá Rose, apenas a mãe, que saíra pela porta dos fundos e agora estava sentada no banco de ferro, os braços cruzados, uma tênue faixa de fumaça subindo do cigarro entre os dedos.

– Não se preocupe – disse Alice, revirando os olhos e afastando a cabeça para fora da vista. – Ela não vai nos incomodar... não hoje. Ela acha que não sabemos que fuma.

Alice estava tentando soar des preocupada, mas o humor leve da última meia hora havia desaparecido. Alice e Ben sabiam quão importante era manter o relacionamento em segredo, sobretudo da mãe. Eleanor não o aprovava. Houvera alguns comentários genéricos nos últimos meses sobre como escolher com cuidado as companhias e, na outra noite, uma cena particularmente embaraçosa em que a mãe a chamara para a biblioteca depois da ceia. Havia uma estranha tensão no rosto de Eleanor, apesar de fingir estar à vontade, e Alice intuía o que estava por vir.

– Não é apropriado, Alice, que uma garota como você passe tanto tempo conversando com os empregados. Sei que você não tem nenhuma intenção com isso, mas as pessoas vão interpretar errado. Seu pai certamente não aprovaria. Imagine se ele olhasse pela janela do escritório e visse a filha na companhia de alguém tão inadequado, um jardineiro, pelo amor de Deus.

Alice não acreditava nem por um momento que seu pai tivesse a mente tão fechada a ponto de desaprovar – ele não dava a mínima para as distinções arbitrárias de classe –, mas não falou nada. Não ousou. A mãe poderia ter demitido Ben num piscar de olhos se decidisse que ele era um problema.

– Vá – pediu Ben, piscando. – Saia daqui. Preciso me manter ocupado e você tem uma obra-prima para escrever.

Ela ficou tocada por sua preocupação, o cuidado tácito em sua voz.

- Não tenho medo de me meter em apuros, sabe?
- Não achei que tivesse – disse ele. – Nem por um momento.

Ben lhe entregou o romance de Agatha Christie. Ela estremeceu quando seus dedos se encontraram.

– Conte-me quando tiver trabalhado mais em sua história. – Ele balançou a cabeça num horror fingido. – Matando menininhos. Que horrível!



O ônibus 9 passou enquanto Alice esperava para atravessar a Kensington Road. Era um dos antigos Routemasters, o tradicional ônibus londrino de dois andares, e a lateral tinha um anúncio de *O lago dos cisnes*, do balé Kirov. Alice teria gostado de ver a produção, mas tinha medo de que fosse muito tarde para conseguir ingressos. Ela não ia ao balé a menos que pudesse se sentar perto o suficiente para ouvir as pontas das sapatilhas dos bailarinos batendo nas tábuas do palco. A excelência era o resultado do trabalho árduo e Alice não tinha interesse em fingir o contrário. Ela entendia que a ilusão era parte da apresentação, que os bailarinos se esforçavam para fazer parecer fácil. Sabia também que para muitos na plateia o romantismo da graciosidade sem esforço era a grande questão, mas não para ela. Alice era uma grande admiradora do rigor mental e físico e considerava que uma apresentação era bastante melhorada pelo brilho do suor nos ombros do protagonista, o suspiro de conclusão no fim do solo da bailarina, o baque seco das pontas das sapatilhas batendo na madeira enquanto ela girava e sorria. Era o mesmo que ver a estrutura nos livros de outros escritores. A consciência da construção não diminuía seu prazer, apenas aumentava.

Alice não era de disposição romântica. Esse era um dos modos pelos quais voluntariamente se distinguira de Eleanor, uma determinação infantil que se tornara um hábito. A propósito, a história de balé favorita de sua mãe era do verão em que conhecera seu pai.

– Era 1911, antes da guerra, e o mundo ainda era cheio de magia. – Eleanor tinha contado isso com frequência ao longo dos anos. – Eu estava com minha tia em Mayfair e havia conhecido seu pai naquela semana. Ele me convidou para ver os balés russos se apresentarem e eu disse sim sem pensar duas vezes. Sem consultar minha mãe, na verdade. Você pode imaginar? Vóvó DeShiel quase me deserdou. Ah, mas valeu a pena aquela noite! Como foi perfeita e como éramos jovens. Incrivelmente jovens. – Ela sempre sorria quando dizia isso, reconhecendo que as filhas nunca aceitariam de verdade o fato de que seus pais haviam sido diferentes do que eram então. – Nijinsky como o Espírito da rosa era diferente de tudo que eu já tinha visto. Ele dançou um solo de quinze minutos e foi como um sonho. Usava uma malha de seda clara, cor da pele, sobre a qual foram presas dezenas de pétalas de seda Bakst rosa, vermelhas e roxas. A criatura mais exótica, tão *bonito*, como um inseto brilhante e gracioso prestes a voar. Ele saltava como se não fizesse esforço algum, permanecendo no ar por muito mais tempo do que era possível, e parecia não tocar o palco entre os saltos. Naquela noite, acreditei que um homem podia voar, que tudo era possível.

Alice franziu a testa. Estava sendo injusta. Eleanor podia ter mantido a fluência de sua infância na linguagem supersticiosa dos contos de fadas, mas sua natureza romântica não era só de casos amorosos e felizes para sempre. Era uma forma de olhar o mundo, todo um sistema moral só dela. Tinha um senso inato de moralidade, um complexo sistema de contrapesos que determinava a medida de algo que ela chamava de “justiça”.

Esse instinto de equilíbrio moral ficou em evidência durante a última conversa que tiveram. Eleanor havia acabado de voltar para casa depois de assistir à apresentação de *A ligação do inspetor* no New Theatre e ligou para Alice imediatamente para dizer que a noite fora “edificante”. Alice, que já vira a peça, ficou em silêncio por um momento antes de retrucar:

– A parte em que a jovem inocente é maltratada e levada ao suicídio ou a descrição da desprezível família Birling, que não ligava a mínima para o sofrimento e só estava interessada em salvar as próprias peles?

Eleanor ignorou a ironia e continuou com sua crítica:

– O final foi tão portentoso, tão *certo*. Cada membro da família era culpado a seu modo e ficou com uma sensação inteiramente satisfatória de que a verdade viria à tona. – Ela também havia admirado, de forma

previsível, a incerteza do personagem do inspetor Goole. – Oh, Alice – disse, decepcionada, quando a filha sugeriu que sua aparição poderia ter sido explicada com mais clareza. – Isso não tem importância. Ele é um arquétipo, um símbolo, a personificação da justiça. Não importa como soube da pobre menina ou apenas quem ou o que ele realmente era. Tudo o que importa é o restabelecimento da ordem.

Alice tinha resmungado alguma coisa sobre caracterização e credibilidade, mas Eleanor, cansada, encerrou temporariamente a conversa:

– Ainda vou convencê-la. Vamos voltar ao assunto pessoalmente amanhã.

Elas nunca voltaram ao assunto, é claro. Eleanor ia visitar Alice em seu apartamento, em Shoreditch, quando atravessou a Marylebone Road na frente do motorista que havia tirado os olhos da estrada. Alice estava sentada em sua cozinha escura o tempo todo, uma caneca fresca de leite na geladeira e uma toalha sobre a mesa, sem qualquer pista de que o mundo tinha saído dos trilhos enquanto ela esperava.

Fora aí que Ben se enganara. Alice afastou o súbito e inesperado calor da perda. Sua preferência por pessoas em vez de lugares era muito boa, mas as pessoas tinham o hábito desagradável de mudar. Ou ir embora. Ou morrer. Os lugares eram muito mais confiáveis. Eles prevaleciam. E, se danificados, podiam ser reconstruídos, até mesmo melhorados. Não se podia confiar que as pessoas ficariam por perto.

– Exceto a família. – Alice ouviu a voz de Eleanor em sua cabeça. – Foi por isso que tive tantas filhas. Para que vocês sempre tenham alguém. Eu sabia o que era ficar sozinha.



Andando pela Exhibition Road em direção aos museus, Alice sentia-se tudo, menos sozinha. Havia pessoas por toda parte, adolescentes em sua maioria. Alice sentiu uma onda de pena deles, presos no fulgor da juventude, quando tudo parecia tão vital, tão essencial e importante. Perguntou-se aonde iam. Para o Museu da Ciência ou para o V&A, ou talvez até para o Museu de História Natural, onde passariam pelos insetos que haviam voado ao sol de Loanneth?

– Eu gostaria que você não os matasse – dissera Eleanor um dia, o mais perto de criticar o pai que Alice a ouvira. – Parece tão cruel. Criaturas tão bonitas.

Fora Alice, usando as luvas brancas de assistente, que saíra em defesa do pai, embora na verdade também odiasse aqueles pinos.

– A natureza é cruel. Não é verdade, papai? Todo ser vivo tem que morrer. E eles ainda são bonitos. Agora ficarão assim para sempre.

Um grupo de meninas passou correndo, rindo, e se virou para mexer com um rapaz bonito de cabelos pretos que gritou algo indecifrável em resposta. A juventude e a exuberância deles se irradiavam em ondas que Alice quase podia enxergar. Ela se lembrava de como era ser um deles. Sentir pela primeira vez uma paixão que tornava tudo hiper-real. A atração de Ben, naquela época, fora inexorável; tão forte que ela teria deixado de piscar antes de desistir dele. Ignorou as súplicas da mãe e continuou a se encontrar com o jardineiro, apenas se tornando mais cuidadosa do que antes, mais ardilosa.

Durante as semanas seguintes, enquanto Ben ouvia e, de vez em quando, tecia comentários, Alice refinou sua ideia de como encenar o sequestro perfeito. Numa bela manhã de primavera, quando o ar estava claro depois de uma noite de chuva e as trutas pulavam no córrego, ela pôs seu cobertor sob um salgueiro. Ben estava cavando buracos para uma nova cerca e Alice se deitou de bruços, os tornozelos cruzados, as pernas balançando enquanto olhava o caderno com a testa franzida. De repente, ela disse:

– Parece que vou precisar de um cúmplice. Ninguém vai acreditar que o criminoso agiu sozinho.

– Não?

Ela balançou a cabeça.

– Difícil demais. Muitas pontas soltas para cuidar. Sabe, não é fácil sequestrar uma criança. Certamente não é um trabalho para um homem só.

– Um cúmplice, então.

– Alguém que entenda de crianças. De preferência, alguém que conheça *essa* criança em particular. Um adulto de confiança é bem melhor para manter o pequeno quieto.

Ele olhou para ela.

– Eu não sabia que você era tão maliciosa.

Alice recebeu o elogio com um ligeiro dar de ombros e pegou um fio de cabelo, pensativa. Observou uma faixa borrada de nuvens flutuar pelo céu azul.

Ben parou a escavação para enrolar um cigarro.

– Mas isso é bem mais complicado, não é?

Alice olhou para ele, movendo a cabeça para que seu ombro bloqueasse o sol.

– Por quê?

– Bem, uma coisa é nosso criminoso planejar um sequestro. Ele é um criminoso, quer dinheiro. Mas quais são as chances de ele encontrar uma segunda pessoa, alguém em quem confie o suficiente para revelar seus planos covardes e que esteja disposto a se envolver?

– Simples. Ele tem um amigo criminoso, alguém que conheceu na prisão.

Ben selou o papel de cigarro.

– Muito fraco.

– Um amigo com quem ele se ofereceu para dividir o dinheiro?

– Teria que ser muito dinheiro. É um risco enorme.

Alice pressionou a ponta da caneta contra os lábios, batendo ligeiramente enquanto refletia. Ela se perguntou em voz alta:

– Por que uma pessoa concordaria com isso? Por que alguém ajudaria a cometer um crime? Tem que haver algum bom motivo para a mulher também.

– Mulher?

Alice sorriu maliciosamente.

– As pessoas tendem a não suspeitar das mulheres em casos de crime. Não quando se trata de crianças, pelo menos. Uma mulher será a cúmplice perfeita.

– Bem, então... – ele se ajoelhou na beirada do cobertor – ...eles estão apaixonados. As pessoas fazem tudo que não devem por amor.

O coração de Alice bateu contra o chão duro como se pudesse explodir para fora do peito. As palavras dele estavam carregadas de significado. Sugestões, uma promessa. Ultimamente ele vinha falando muito mais coisas assim, dirigindo a conversa para assuntos como amor, vida e sacrifício. Ela tentou manter o tremor fora de sua voz:

– Amor... sim.

A mente dela estava cheia das coisas que faria de bom grado por amor. Ela podia sentir a pele do pescoço começar a ruborizar. Tinha certeza de que Ben notaria. Forçou-se a pensar em sua história, a se concentrar apenas em sua trama.

– Pelo menos, ele *acha* que estão apaixonados.

– Não estão?

– Infelizmente para ele, não. Ela tem o próprio motivo para se envolver.

– Ela é uma escrava branca?

– Ela quer vingança.

– Vingança?

– Contra a família do bebê.

– Por quê?

Alice ainda não tinha pensado nisso. Acenou com a mão, impaciente.

– O que importa é que ela planeja trair seu amante. Concorda em ajudá-lo, eles traçam o plano: roubar a criança de seu quarto e levá-la para outro lugar. Escrevem o bilhete pedindo resgate, mas nunca o enviam.

– Por que não?
– Porque... Porque...
A bolha de uma descoberta na trama cresceu dentro dela e a aquece. Ela se sentou depressa.
– Porque você está certo – completou. – A mulher não quer metade do dinheiro. Ela quer a criança.
– Quer?
– Ela não quer devolvê-lo. Quer ficar com ele. Ela o ama.
– Ama em tão pouco tempo?
– Ele é um menino adorável ou talvez ela já o amasse, está relacionada a ele de alguma forma. Não importa por quê, só que ela o ama. Talvez tenha sido seu plano o tempo todo, ficar com ele.
– Nosso criminoso não vai gostar disso.
– Não, sem dúvida. Ele *precisa* desse dinheiro, era o *seu* plano, e já passou por muitos problemas e teve despesas para realizar o sequestro.
– E então?
– Então eles discutem. A mulher tenta levar a criança, o homem a ameaça, eles brigam. – Um sorriso de realização se espalhou em seu rosto e ela suspirou com satisfação encantada. – A criança morre!
– Na briga?
– Por que não?
– Parece um pouco sombrio.
– Então, dormindo... Isso não importa agora. Talvez já esteja indisposto e durma profundamente. Ou então... – ela se empertigou – eles o sedaram. Queriam facilitar o sequestro, mas calcularam mal. Os comprimidos para dormir são para adultos e a dose é muito forte. Estragaram seu próprio plano. O bilhete de resgate nunca é enviado e nenhum deles recebe um único centavo ou a criança. Ah, Ben... – ela esticou a mão num impulso para apertar a dele – é *perfeito*.



Atravessando no sinal perto da estação de metrô de South Kensington, Alice viu a tenda de flores pintada de verde na rotatória próxima. No balde na frente do expositor havia ramos de rosas e um arranjo em particular chamou sua atenção, um sortimento de cores que traziam à mente a descrição de sua mãe sobre o traje do Espírito da rosa. Por um capricho, decidiu levar um arranjo para Deborah, que estaria ansiosa a essa altura, olhando para o relógio em sua sala, o elegante relógio preto sobre a lareira que tinha sido presente de casamento, e se perguntando quando Alice chegaria. Ela não esperaria à toa, pois isso não era do feitio de Deborah. Usaria o tempo com sabedoria, cuidando da correspondência ou polindo relíquias de prata, cumprindo uma das muitas tarefas com as quais senhoras de certa idade e classe preenchiam seu tempo.

Um homem pequeno, de cabelos escuros e avental de florista apareceu e Alice apontou para as rosas.

– Estão cheirosas?

– Muito.

– Aroma natural?

Ela se inclinou e fungou.

– Como a chuva que cai.

Alice estava em dúvida. Ela não tolerava que as flores fossem borrifadas com óleos perfumados, mas fez a compra mesmo assim. O dia do julgamento se abatia sobre ela, que se sentia estranhamente imprudente. Ela esperou enquanto o florista enrolava os caules no papel de açougue e amarrava o embrulho com um fio marrom e, então, continuou em direção a Chelsea, olhando as flores enquanto caminhava. Deborah ficaria satisfeita com elas e Alice estava contente. Sua satisfação foi ligeiramente azedada pela preocupação rastejante de que Deborah poderia supor que o presente fosse uma tentativa de amansá-la.

Era estranho estar a caminho de confessar um terrível segredo a alguém que a conhecia quase tão bem quanto ela própria. Alice nunca disse nada a ninguém. Logo após o sequestro de Theo, ela esteve muito perto de contar à polícia tudo o que sabia.

– Foi Ben – praticou dizer várias vezes em sua mente, indo tão longe a ponto de descer as escadas na ponta dos pés e espreitar pela porta da biblioteca. – Ben Munro levou Theo. Conte-lhe sobre o túnel, foi ideia minha, mas nunca quis que isso acontecesse. – Ela imaginou seus olhares incertos e se ouviu dizer: – Eu o vi naquela noite, na beira do bosque. Saí da festa e fui dar uma caminhada. Estava escuro, mas os fogos de artifício começaram e eu o vi perto do alçapão do túnel. Sei que foi ele.

A cada vez, porém, ela se detinha, seu instinto de autopreservação se impondo muito forte. Tinha sido fraca e estava com medo. Voltou a ter esperança. Haveria um pedido de resgate, pensou. Seus pais tinham dinheiro, pagariam o valor pedido e Theo seria devolvido. Ben teria a quantia de que precisava para ajudar seus amigos e ninguém jamais saberia o papel de Alice nisso tudo.

Os dias se arrastaram e ela mantinha um olho na investigação e outro na caixa de correio. Ouviu uma das empregadas falar à polícia sobre um frasco de comprimidos para dormir que tinha sumido, mas deu pouca atenção a isso, assim como eles. Só no terceiro dia, quando chegou a notícia do suicídio do Sr. Llewellyn e o sofrimento de sua mãe ameaçou dominá-la, Alice percebeu que as coisas eram muito piores do que ela pensava. Ouviu o Dr. Gibbons avisar à mãe que o remédio para dormir que ele lhe prescrevera era muito forte – “Tome muitos e você não vai acordar” –, então sua mente voltou àquela tarde com Ben, o modo como ela ressaltara a importância de ter ajuda de alguém de dentro, a sugestão de usar comprimidos para dormir para sedar a criança e o fantasma do que aconteceria se fosse dada ao menino uma dose alta demais.

De repente, ela entendeu o que significava a falta de um bilhete de resgate. Mas já era tarde para soar o alarme. Se, antes, sua confissão poderia ter levado a polícia a Theo, agora não fazia sentido. E ela precisaria explicar por que havia esperado três dias para dizer qualquer coisa. Eles saberiam que ela era responsável, não apenas pelo desaparecimento de Theo, mas por sua morte. Nunca a perdoariam. Como poderiam? E, por isso, ela não disse nada. Guardou seu segredo por setenta anos e não contou a ninguém. Até agora.

Se Alice devia contar a alguém, estava feliz que fosse Deborah. Elas eram próximas, as duas, uma proximidade que não se expressava pela necessidade de passar tanto tempo na companhia uma da outra, mas era algo completamente diferente, algo intrínseco. Tinham a mesma origem. Ambas ainda estavam ali. E, como Deborah nunca se cansava de lembrá-la, estivera lá no dia em que Alice nasceu.

– Você não era nada do que eu esperava. Vermelha e repulsiva... e nua! Que surpresa. Eu vi você contorcendo seu pescoço e enroscando o rosto da maneira como os bebês fazem. Mamãe não sabia que eu tinha entrado no quarto e ficou bastante surpresa quando caminhei até a cama, estendi os braços e exigi que ela me desse o meu bebê. Levamos alguns momentos tensos para resolver nossas diferenças. Ela me dissera tantas vezes durante a gravidez que um bebê novo estava chegando, que eu seria a irmã mais velha e que era meu dever cuidar de você enquanto nós duas vivêssemos. Temo que tenha tomado a palavra dela literalmente. Fiquei bastante chocada e desapontada quando ela riu e disse que você não era de fato minha!

A boa, gentil e responsável Deborah. O que ela ia dizer quando soubesse o que Alice tinha feito? Alice passara boa parte da última semana tentando adivinhar. Tinha chegado a um acordo com sua culpa havia muito tempo. Ela não tinha agido por mal nem deliberadamente. Era culpada porque a coisa toda fora ideia sua, mas não havia necessidade de fazer uma grande confissão para a polícia. Não agora. Era tarde demais para que qualquer coisa fosse feita e seu crime não era do tipo que eles processavam. Assassinato, ela escreveu? Além disso, já fora punida. Continuava sendo. Eleanor tinha razão. O mundo tinha sua própria maneira de manter a balança em equilíbrio. Os personagens culpados podem escapar à acusação, mas nunca escapavam à justiça.

Apesar de todas as suas tentativas de se diferenciar de Eleanor, foi quando percebeu que a mãe estava certa sobre a justiça que a escrita de Alice deu um salto para melhor. Ela havia deixado para trás sua adulação servil ao racionalismo das histórias de detetive da Idade de Ouro e Diggory Brent entrara em sua vida, tomando o lugar dos detetives secretos meticulosos e pedantes com que havia trabalhado até aquele momento.

Ela disse a pessoas – jornalistas, leitores – que ele lhe viera em um sonho, o que era quase verdade. Ela o encontrara no fundo de uma garrafa de uísque nos meses moribundos da guerra. Ela estava pensando em Clemmie, na conversa que nunca tiveram sobre o que a irmã vira pela janela da casa de barcos. Alice ainda sorria sem graça ao pensar que sua irmã mais nova estivera lá naquela tarde em que ela, enfim, se ofereceu a Ben. Tinha ficado tão satisfeita consigo mesma quando bateu de leve à porta, o manuscrito na mão. Agatha Christie era a única outra romancista de mistério que ela conhecia que ousara matar uma criança e Alice mal podia esperar que Ben lesse seu livro e visse como ela era inteligente, como tinha tecido o enredo de sua história. Sua voz de 16 anos voltou a flutuar até ela agora, através das décadas, vinda do dia em que teve a ideia:

- Um túnel, Ben, há um túnel secreto.
- Subterrâneo, você quer dizer?
- Eu sei o que você vai dizer, então nem precisa. Você vai dizer que não é realista, que é simplista, semelhante a uma pantomima. Mas não é!

Então ela sorriu muito satisfeita consigo mesma e lhe contou tudo sobre seu túnel secreto. A entrada escondida perto do quarto do bebê no segundo andar da casa, o trinco com o mecanismo antiquado que precisava ser sacudido para abrir, o último degrau cortado no muro de pedra dura que levava à floresta e ao caminho para a liberdade. Tudo o que ele precisava saber para roubar uma criança de Loeanneth.



Alice já tinha chegado a Chelsea. Compradores com sacolas de lojas ao longo da King's Road passavam em ambas as direções e, no fim da rua, ela conseguiu vislumbrar as escadas que levavam à casa de Deborah. O número 56 era pintado em preto brilhante sobre a coluna branca na frente e havia um par de vasos com gerânios vermelhos de cada lado do degrau inferior. Ela se empertigou e seguiu em direção a eles.

Um jardim comunitário frondoso ocupava o meio da praça, seu portão de ferro preto trancado contra estranhos, e Alice hesitou sob uma espessa cobertura de hera. Era mais calmo ali, a agitação da avenida principal suavizada pelos altos prédios vitorianos em todos os quatro lados da praça. As andorinhas tagarelavam entre si nos galhos acima, o som se tornando mais encantador e de outro mundo por seu contraste com o zumbido urbano. Através do vidro facetado da sala de Deborah, Alice pôde ver a forma de uma figura alta e magra. Alice Edevane não era uma pessoa que tinha o hábito de quebrar compromissos, certamente não quando a outra parte estava à sua espera, mas, ah, como parte dela ansiava por continuar andando. Seu coração tremeu ao vislumbrar a fuga. Ela podia simplesmente fingir que tinha esquecido, rir quando Deborah ligasse para ver se estava tudo bem, culpar a velhice. Ela era velha, afinal. Não *mais velha*, *envelhecendo* ou qualquer uma das outras palavras que as pessoas usavam porque pensavam que eram mais suaves e mais palatáveis. Alice era velha e os idosos tinham certos privilégios. Mas não, ela sabia que era uma fantasia. A prorrogação seria apenas breve. Chegara a hora.

Alice bateu à porta e foi pega de surpresa quando ela se abriu quase imediatamente. Mais surpreendente ainda foi o fato de ser a própria Deborah quem a abriu. Ela estava lindamente vestida como sempre, num vestido de seda drapeado, amarrado em sua cintura fina. Seus cabelos estavam presos em um elegante coque prateado.

As irmãs acenaram com a cabeça uma para a outra, mas nenhuma das duas disse uma palavra. Com um leve sorriso, Deborah se pôs de lado, fazendo um gesto com a mão para Alice entrar.

A casa estava impecável e brilhante, requintados e abundantes arranjos florais em cada superfície. Alice então lembrou: entregas de flores frescas chegavam a cada três dias de uma floricultura em Sloane Square, um contrato de muito tempo. Ela olhou para o buquê de rosas em suas mãos. De repente elas pareciam insignificantes, uma tolice. Alice as ofereceu, no entanto.

- Aqui. Para você.
- Ah, Alice, obrigada, são lindas.

- Não é nada. Bobagem. Elas me fizeram lembrar a mamãe, só isso. Nijinsky...
- O figurino Bakst.

Deborah sorriu, levando as flores ao nariz, tanto para ganhar tempo quanto para sentir seu perfume, conforme pareceu a Alice. Claro, ela temia o encontro, assim como a irmã. Deborah tinha bom coração e não encontraria nenhuma alegria na conversa que estava por vir.

Alice seguiu a irmã até a sala onde Maria, que estava mais para assistente pessoal do que para governanta, arrumava utensílios de chá na mesinha de centro. Ela se endireitou, a bandeja vazia debaixo do braço, e perguntou se elas precisavam de mais alguma coisa.

- Um vaso, por favor, Maria. Alice trouxe isto. Não são lindas?
- Belas cores – concordou Maria. – Você gostaria de deixá-las aqui na sala?
- No meu quarto, acho.

Maria pegou as flores da mão de Deborah e saiu como um raio, eficiente e veloz. Alice lutou contra a vontade de chamá-la de volta para perguntar sobre sua mãe ou seus muitos irmãos e manter a governanta lá só mais um pouco. Mas não foi isso que fez e as partículas de ar da sala se moveram para preencher o espaço da ausência de Maria.

As irmãs se entreolharam e, sem dizer uma palavra, sentaram-se uma de frente para a outra nos sofás de linho. Então Alice notou um livro sobre a mesa entre elas, um marcador de couro em alguma parte perto do fim. O reconhecimento foi instantâneo e visceral. Seu pai carregava sempre aquela edição dos poemas de Keats com ele, um favorito que o confortara ao longo dos anos, apertando-o junto de si até mesmo em seu leito de morte. A visão do livro agora fez as bochechas dela se aquecerem, como se os pais estivessem com eles na sala, esperando para ouvir o que ela havia feito.

- Chá?
- Por favor.

O gorgolejo límpido e rápido do chá sendo derramado do bule foi angustiante. Alice teve a sensação de que todos os seus sentidos estavam aguçados. Ela estava ciente de uma mosca voando ao lado da bandeja, de Maria movendo-se lá em cima, do fraco e persistente cheiro de limão do lustre-móveis. A sala estava muito quente e ela deslizou a ponta do dedo sob o colarinho para levantá-lo do pescoço. O peso de sua confissão iminente a pressionava.

- Deborah, preciso...
- Não.
- Perdão?
- Por favor.

Deborah pousou o bule e apertou firmemente as pontas dos dedos. Ela esfregou as mãos com força e as afundou no colo. O gesto era de angústia. Seu rosto estava pálido e contraído e, de repente, Alice percebeu que tinha entendido tudo errado. Que ela não estava ali para falar sobre Ben, que sua irmã estava doente, talvez até morrendo, e ela, Alice, tinha sido egoísta demais para perceber.

- Deborah?
- A boca da irmã se apertou. Sua voz era pouco mais que um sussurro:
- Ah, Alice, é um fardo...
- O quê?

– Eu deveria ter falado há anos. Eu quis falar, de verdade. Houve tantas ocasiões ao longo desse tempo todo em que eu quase... e, então, outro dia no museu, quando você mencionou Loeanneth, o jardineiro... Você me surpreendeu, eu não estava preparada.

Não era uma doença, então. Claro que não. Alice quase riu de seu instinto ilimitado de autopreservação. Ali estava ela, sentada no confessionário, ainda procurando uma rota de fuga. Lá fora, um táxi rondava a rua. Alice teve um vislumbre através das cortinas finas. Ela queria estar dentro desse táxi, indo embora, para longe, para qualquer lugar, menos ali.

- Theo – disse Deborah, e Alice fechou os olhos, esperando o que ela sabia que estava por vir. – Eu sei o

que aconteceu com ele.

Depois de toda sua agonia, depois de anos guardando o segredo para si mesma, de conviver com a culpa, tudo acabara. Alice sentiu-se surpreendentemente leve. Ela nem precisava dizer nada, Deborah já sabia.

– Deborah – começou –, eu...

– Eu sei de tudo, Alice. Eu sei o que aconteceu com Theo e isso está me deixando louca. Foi culpa minha, sabe? Tudo que aconteceu foi culpa minha.

Descobriu-se que Rose Waters tinha uma sobrinha-neta que morava em Oxford. Margot Sinclair era diretora de uma pomposa escola pública e “uma pessoa muito ocupada”. Sua secretária, no entanto, conseguiu para Sadie um encontro de meia hora, à uma em ponto, na terça-feira. Ela não tinha de fato dito “em ponto”, mas estava implícito.

A entrevista era um tiro no escuro – a maioria das pessoas não mantinha um relacionamento muito próximo com a tia-avó –, mas Sadie, ansiosa como um cão de caça e sem muitas pistas, chegou lá ao meio-dia e se concentrou nas perguntas que havia anotado. Preparação era fundamental. Teria que ser muito delicada para introduzir a Margot Sinclair o possível envolvimento da tia-avó no sequestro do próprio filho ilegítimo; um menino nascido em segredo e doado como filho de seus patrões.

– Tem certeza de que não está produzindo um romance? – perguntou Bertie quando ela testou a teoria com ele.

Ela revirou os olhos. Era a hora do café da manhã, no dia seguinte a sua quase discussão, e ambos estavam tentando muito parecer leves e alegres.

– Tudo bem, tudo bem. Lembre-me por que os Edevanes pegariam a criança.

– Porque tiveram dificuldade de conceber novamente depois de sua terceira filha e queriam um filho desesperadamente. Uma década se passou e, embora Eleanor finalmente tenha engravidado em 1931, o bebê nasceu morto no ano seguinte. Era isso que Constance estava tentando dizer às pessoas, mas ninguém a ouviu. Imagine só como deve ter sido terrível para eles, como devem ter achado injusto, particularmente sabendo que Rose Waters, sua babá solteira, também estava secretamente grávida, de uma criança que ela sem dúvida não podia manter. Não é preciso dar um salto muito grande para ver o que aconteceu em seguida. Eles devem ter ficado loucos para ficar com o bebê dela, não acha?

Ele coçou seu queixo com a barba por fazer antes de concordar, com um aceno de cabeça, que era possível.

– O desejo por um bebê é, com certeza, uma coisa poderosa. Minha mãe costumava brincar que, se eu não tivesse vindo quando vim, ela teria começado a olhar para os bebês em carrinhos no parque.

– Só que Eleanor Edevane não precisou roubar um bebê de um carrinho. Um menininho que precisava de um lar caiu bem em seu colo, por assim dizer. E tudo funcionou perfeitamente até Eleanor demitir Rose, que decidiu que queria seu bebê de volta.

– Um movimento bastante arriscado, demitir a mãe biológica da criança.

– Talvez tenha se tornado arriscado mantê-la. É isso que pretendo descobrir.

Ele suspirou, pensativo.

– Acho que não é a teoria mais louca que você já criou.

– Obrigada, vovô.

– Agora você só precisa testá-la com alguém que conhecia Rose Waters.



Alastair foi quem encontrou Margot Sinclair. Na manhã seguinte à criação de sua teoria, Sadie foi direto para a biblioteca e ficou andando de um lado para outro na calçada em frente até ele chegar para abrir os portões.

– Café? – disse ela, entregando-lhe um copo para viagem.

Ele ergueu as sobrancelhas brancas, mas não disse uma palavra, levando-a para dentro, enquanto ela explicava com bastante hesitação o que estava pensando. Alastair sem dúvida pegou a essência, porque, quando ela terminou e respirou fundo, ele disse:

– Você precisa encontrar alguém que saiba o que aconteceu com Rose depois que ela deixou Loeanneth.

– Exatamente.

Ele logo entrara em ação, pegando pastas empoeiradas de prateleiras, digitando coisas em ferramentas de busca no computador, folheando cartões de arquivo e finalmente: “Bingo!” Algo sobre registros de emprego antigos, o censo, uma parente e, em seguida, ele anunciou que a irmã de Rose Waters, Edith, morava no Lake District e tinha uma neta que agora podia ser encontrada em Oxford. O colega de Sadie do tráfego de dados tinha feito o resto – ela lhe devia, agora mais do que nunca, uma garrafa de alguma coisa boa quando voltasse a Londres –, deixando o endereço da escola em uma mensagem no telefone dela.

– Espero que não haja nada ilegal, Sparrow – disse antes de desligar.

– Nada mesmo, Dave – murmurou Sadie, juntando suas anotações e as enfiando na bolsa. – Nada.

O relógio do painel marcava dez para uma, então ela trancou o carro e passou entre os pilares com adornos no topo, seguindo um caminho de entrada até um prédio que não ficaria deslocado ao lado do Palácio de Buckingham. Era hora do almoço e as crianças de chapéus palheta e blazers corriam em pequenos grupos no vasto trecho de gramado bem cuidado. Naquele mundo, naquele círculo ensolarado estranho onde Sadie costumava estar, ela de repente se sentiu malvestida com jeans e camiseta. Elas brilhavam, aquelas crianças, com aparelhos nos dentes, rabos de cavalo cheios e brilhosos, risadas destemidas e futuros de sucesso.

Sadie chegou ao escritório da administração e deu seu nome a uma jovem recatada atrás de uma mesa de madeira escura.

– Por favor, sente-se – disse a mulher num sussurro educado. – A Dra. Sinclair a receberá em breve.

A recepção era silenciosa no que dizia respeito a vozes, mas agitada por outros ruídos. As batidas furiosas dos dedos da recepcionista no teclado, o galope do relógio, um ar-condicionado zumbindo, destacado. Sadie percebeu que estava mordendo a unha do polegar novamente e parou. Disse a si mesma para se acalmar.

No mundo exterior, no mundo *real*, Sadie exibia orgulhosamente sua falta de educação formal.

– Você e eu, Sparrow – dissera Donald em mais de uma ocasião, lançando um olhar de desgostoso desdém sobre seu ombro diante do “especialista” que tinham acabado de interrogar –, nós temos a sabedoria das ruas. Uma centena de pedaços de papel dizendo ao mundo como você é inteligente não se compara a isso.

Era uma visão de mundo muito agradável, equiparando a educação com riqueza, a riqueza com fineza, e a fineza com falência moral. Isso tornou Sadie melhor em seu trabalho. Ela vira o modo como pessoas como Nancy Bailey se encolhiam e se retiravam quando o inspetor Parr-Wilson começava a falar com elas com seu sotaque cortante. Só quando ia a lugares como aquele Sadie sentia o incômodo do que aquilo poderia causar.

Ela endireitou o colarinho quando o ponteiro do relógio que indicava os minutos saltou para a vertical. Uma hora em ponto e a porta do escritório se abriu. Uma mulher que parecia uma estátua, com um terninho creme, apareceu. O cabelo castanho liso roçou nos ombros quando ela inclinou a cabeça e arregalou os olhos azuis como o mar para a visitante.

– Detetive Sparrow? Eu sou Margot Sinclair. Por favor, entre.

Sadie obedeceu, controlando-se para não saltitar.

– Obrigada por me receber, Sra. Sinclair.

– Dra. Sinclair. Não sou casada – disse a diretora, sorrindo ligeiramente enquanto se sentava atrás de sua mesa.

Com um gesto, indicou que Sadie deveria fazer o mesmo do outro lado.

– Dra. Sinclair – corrigiu-se Sadie. Não era o mais auspicioso dos começos. – Não sei ao certo quanto sua secretária lhe contou.

– Jenny disse que você estava interessada na minha tia-avó materna, Rose Martin. Rose Waters, antes de se casar. – A diretora tinha uma maneira de olhar por cima dos óculos que sugeria interesse sem suspeita. – Você é policial. Está trabalhando em um caso?

– Sim – disse Sadie, antes de decidir que Margot Sinclair era metódica do tipo que cortava os tês e botava pingos nos is. – Embora não oficialmente. É um caso arquivado – acrescentou ela.

A outra mulher recostou-se na cadeira.

– *É mesmo?* Que intrigante.

– Uma criança desaparecida nos anos 1930. Seu desaparecimento nunca foi resolvido.

– Imagino que minha tia-avó não seja suspeita... – Margot Sinclair parecia se divertir com essa ideia.

Sadie sorriu em resposta, esperando que o gesto implicasse concordância.

– Foi há muito tempo e estou trabalhando com quase nada, na verdade, mas tinha esperança de descobrir um pouco sobre a vida dela antes de se casar. Não tenho certeza se você sabe, mas ela trabalhou como babá quando era jovem.

– Pelo contrário – disse Margot Sinclair. – Eu sei muito sobre a vida profissional de Rose. Ela foi um dos temas da minha tese de pós-doutorado sobre a educação das mulheres. Ela era governanta. Ensinava os filhos da aristocracia.

– Governanta? Não uma babá?

– Ela começou assim, quando era muito jovem, mas passou a ser governanta e mais tarde se tornou uma professora bastante notável. Rose era incrivelmente inteligente e motivada. Não era fácil, naquela época, adquirir o treinamento necessário para elevar sua posição na vida.

Não é tão fácil ainda hoje, pensou Sadie.

– Tenho uma cópia da minha tese aqui. – Margot andou rapidamente até uma parede coberta de prateleiras, pegou um livro com capa de couro e depois se deteve para espaná-lo. – Hoje a tese anda meio esquecida, mas eu era apaixonada pelo assunto quando estava estudando. Parece estúpido, talvez, mas Rose foi, e continua sendo, a minha inspiração. Ao longo da minha carreira, tomei-a como exemplo brilhante do que é possível com um pouco de dedicação.

Voltando para sua cadeira, Margot começou uma descrição entusiasmada do argumento de sua tese, enquanto o olhar de Sadie se erguia para observar os diplomas emoldurados e expostos meticulosamente na parede atrás da mesa. Um doutorado em biologia em Oxford, uma segunda formação em pedagogia, várias outras realizações. Sadie se perguntou como seria passar pela vida com provas, gravadas a ouro e emolduradas em ébano, de que você valia alguma coisa. Inteligência.

Sadie tinha 15 anos quando, por insistência do diretor de sua escola, concordou em fazer o teste para bolsa da escola para meninas na cidade vizinha. Ainda se lembrava da carta que chegara para informar que haviam lhe concedido uma vaga para o ensino médio, mas a lembrança adquirira o ar irreal de um sonho. A viagem para comprar seu uniforme, no entanto, estava gravada a ferro em sua psique. Sadie e a mãe tinham ido juntas, sua mãe cuidadosamente vestida com o que imaginava ser um traje esportivo, muito nervosa enquanto caminhava ao lado de Sadie, determinada, como sempre, a não errar em nada. Tudo ia bem até que elas se perderam. O compromisso marcado tinha a duração estrita de uma hora. O relógio traiçoeiro da torre de pedra já corria avançado e ela e a mãe tiveram um dos ataques de ansiedade que todos concordavam em chamar de “asma”. A mãe dela era perfeccionista e esnobe. A grandeza do lugar, a pressão reprimida para se provar e a percepção de que seu atraso ia “estragar tudo” eram demais. Sadie encontrou um banco para elas se sentarem enquanto a mãe se recuperava e, então, falou com um zelador, que indicou o caminho para a loja de uniformes. Chegaram faltando vinte minutos para o fim da hora marcada e sua mãe passou todo esse tempo em silenciosa reprovação, enquanto uma mulher usava uma fita métrica para medir as pernas de Sadie e contava com reverente familiaridade sobre “o casaco de tweed”, “nossa boina de veludo” e outras coisas que Sadie não podia se imaginar usando.

Por fim, ela não precisou. Conheceu um rapaz durante o verão, bonito, com um carro e um ar de vencedor, e, quando as aulas começaram, ela estava grávida. Trancou a matrícula, planejando voltar no ano

seguinte, mas, quando tudo acabou, ela era uma pessoa diferente.

Mesmo se Sadie *fosse* capaz de recomeçar, quando o novo ano letivo chegou seus pais não a receberam de volta: tinham dito aos amigos que ela estava terminando o ensino médio em intercâmbio nos Estados Unidos. O que eles pensariam se ela voltasse um ano antes? Além disso, a bolsa não incluía as taxas de matrícula. Ruth e Bertie haviam lhe garantido que dariam um jeito de resolver as coisas, mas Sadie sabia que eles não conseguiriam arcar com os custos sem contraírem uma dívida alta. Era pedir demais. Ela agradeceu, mas recusou. Eles não ficaram satisfeitos com sua decisão, pois queriam o melhor para ela, mas Sadie prometeu a si mesma, e a eles, que seria um sucesso em seus próprios termos e que não precisava de uma escola extravagante para isso. Prestou seus exames no supletivo e entrou para a polícia. Uma surpresa para seus avós, mas não uma surpresa desagradável. Eles ficaram bastante aliviados por ela não acabar do lado errado da lei. Tudo parecera incerto por um tempo, depois do bebê, em que Sadie estava em queda livre.

– Então, *aí está* – disse Margot Sinclair, passando a tese para Sadie. – Não tenho certeza se isso vai responder a todas as suas perguntas, mas, com certeza, vai lhe dar uma ideia melhor de quem foi Rose. Agora, vamos ao ponto? Receio que tenha outro compromisso em quinze minutos.

Margot era rápida, mas parecia disposta, o que ajudava Sadie. Ela estava se perguntando como a mulher reagiria a perguntas sobre a vida pessoal de Rose, quão cuidadosamente teria que dar voltas em torno do assunto, mas, com o relógio correndo e Margot Sinclair sinalizando seu incentivo, Sadie decidiu apenas ser direta:

– Acho que sua tia-avó teve um bebê quando era jovem, Dra. Sinclair. Antes de se casar. Quando trabalhava como babá para uma família na Cornualha, os Edevanes.

Houve um momento de silêncio atordoado enquanto Margot Sinclair absorvia a declaração. Sadie esperou que ela se indignasse, refutasse ou negasse, mas ela parecia em estado de choque, sentada muito quieta, enquanto um pequeno músculo na mandíbula se contraía. A afirmação de Sadie fez pesar o ar entre elas e pareceu, em retrospecto, que uma aproximação um pouco mais suave teria sido mais apropriada. Sadie estava tentando pensar em uma forma de suavizar as coisas quando a outra mulher respirou fundo e depois exalou com firmeza. Algo em sua expressão chamou a atenção de Sadie. Ela estava surpresa, isso era certo, o que era de esperar, mas havia algo mais. De repente, Sadie percebeu.

– Você já sabia sobre o bebê – disse, admirada.

Margot Sinclair não respondeu, não imediatamente. Ela se levantou da mesa e, com um comportamento adquirido na melhor escola suíça, foi verificar se a porta do escritório estava devidamente trancada. Satisfeita, virou-se e disse em voz baixa:

– Isso sempre foi segredo de família.

Sadie tentou não deixar sua excitação transparecer. Ela estava certa!

– Sabe quando Rose ficou grávida?

– No final de 1931. – Margot voltou a se sentar, cruzando os dedos com esmero. – O bebê nasceu em junho de 1932.

Praticamente na mesma época que Theo Edevane. A voz de Sadie tremia um pouco quando ela disse:

– E ainda assim ela retomou o trabalho em Loanneth apenas um mês depois?

– Isso mesmo.

– O que ela fez com o bebê?

Sadie esperou a resposta que ela sabia que viria.

Margot Sinclair tirou os óculos, segurando-os em uma das mãos enquanto olhava para Sadie.

– Detetive Sparrow, tenho certeza de que não preciso dizer que os tempos eram diferentes. As mulheres jovens que engravidavam fora do casamento não tinham uma vida fácil. Além disso, Rose não tinha como cuidar de um bebê, não naquela época.

– Ela deu o bebê?

– Ela teve que fazer isso.

Sadie mal podia conter a emoção. Ela estava prestes a encontrar Theo Edevane depois de tanto tempo.

– Sabe para quem ela deu o menino?
– Claro que sei. Rose tinha uma irmã no norte que estava disposta a ficar com o bebê e criá-lo como se fosse seu. E não era um menino, mas uma menina. Minha mãe, na verdade.

– Ela... *O quê?*

Margot continuou:

– Foi por isso que Rose ficou tão chateada quando foi demitida pela família Edevane. Ela sentiu que tinha aberto mão de sua filha e dado todo o seu amor para o bebê deles apenas para ser demitida por um motivo trivial.

– Mas... – Sadie pigarreou, ainda tentando ordenar seus pensamentos. – Mas, se o bebê de Rose foi viver no norte, quem era a mãe de Theo Edevane?

– Bem, você é a detetive, mas creio eu que era a Sra. Edevane.

Sadie franziu a testa. Não fazia sentido. Estivera *tão certa*. A incapacidade de Eleanor de conceber outra criança – um filho – por tanto tempo, seguida por um bebê natimorto; a gravidez secreta de Rose, cujo momento se encaixava perfeitamente; Eleanor demitindo Rose; Rose tomando seu filho de volta. Só que ela não tivera um filho, mas uma filha. A mãe de Margot Sinclair, criada desde o nascimento no Lake District pela irmã de Rose Waters. E, de qualquer forma, não havia provas de que Eleanor tivesse perdido o bebê que esperava, apenas o depoimento da divagante Constance deShiel. Toda a teoria desmoronou como um castelo de cartas.

– Você está bem, detetive Sparrow? Está muito pálida. – Margot apertou um botão em seu interfone de mesa. – Jenny? Um pouco de água, por favor.

A secretária trouxe uma bandeja redonda com uma garrafa e dois copos. Sadie tomou um gole de água, grata por ter alguma coisa para fazer enquanto reordenava suas ideias. Aos poucos, sentiu sua magia retornando e uma série de novas perguntas veio à tona. Rose talvez não fosse a mãe de Theo, mas ainda assim fora demitida de repente e de modo inesperado alguns dias antes do sequestro, o que era suspeito. Por quê? Se não fosse porque Eleanor Edevane se sentia ameaçada por sua presença materna, o que Rose tinha feito para tirar sua patroa do sério? Devia ter havido um motivo. Empregados eficientes e queridos por seus patrões geralmente não eram mandados embora. Ela, então, voltou a atenção para Margot.

– Acho que ela nunca entendeu isso. Sei que ficou muito magoada. Disse que adorava trabalhar em Loeanneth. Quando eu era criança e ela vinha me visitar, costumava me contar histórias sobre aquela casa no lago e eu sempre sentia um parentesco, uma inveja também, das meninas que cresceram lá. Do modo como Rose falava, eu meio que acreditava que havia fadas naquele jardim. Ela também gostava dos patrões; falava bem deles, principalmente de Anthony Edevane.

– Ah, é?

Isso era interessante. Sadie se lembrou do seu encontro com Clive, seu relato da entrevista com Constance deShiel em que ela insinuava que havia algum tipo de infidelidade acontecendo que poderia ser relevante para o desaparecimento da criança.

– Você acha possível que ela tenha se tornado muito próxima do patrão? De Anthony Edevane?

– Um caso, você quer dizer?

A franqueza de Margot Sinclair fez Sadie estremecer por conta de seu eufemismo tímido. Ela assentiu.

– Ele era mencionado nas cartas, eu sei que ela o admirava. Era um homem muito inteligente e Rose tinha simpatia por ele, é claro, mas nunca tive a impressão de que houvesse mais do que isso. Em determinado momento, Rose lhe credita a sugestão de que ela daria uma excelente professora, encorajando-a a prosseguir os estudos no futuro.

– Mas nenhum romance? Nem sequer uma pista disso?

– Nada disso. Na verdade, acho que, depois de sua gravidez, Rose tornou-se muito cautelosa sobre se envolver romanticamente. Ela não se casou até ter quase 40 anos e não havia nenhuma indicação de que tenha sido cortejada antes.

Outro beco sem saída. Sadie suspirou. Ela havia perdido a batalha para manter o desespero longe de sua

voz.

– Há alguma coisa em que você consiga pensar? Qualquer coisa que possa ser relevante para Rose ter deixado o emprego com os Edevanes?

– Há algo. Não sei se é relevante exatamente, mas é um pouco estranho.

Sadie assentiu.

– Rose nunca entendeu por que foi demitida. O que tornou a demissão ainda mais surpreendente foi que os Edevanes lhe deram excelentes referências e um presente de despedida muito generoso.

– Que tipo de presente?

– Dinheiro. O suficiente para financiar as viagens e os estudos que a prepararam para o resto de sua carreira.

Sadie digeriu essa informação. Mas por que demitir uma pessoa e recompensá-la generosamente? Tudo em que ela podia pensar era que o dinheiro era um suborno, mas não parecia haver muito sentido em subornar alguém que não tinha ideia do que não devia contar.

Houve uma batida à porta e a recepcionista enfiou a cabeça pela fresta para lembrar a Margot Sinclair que ela devia entrar em reunião com o conselho diretor em cinco minutos.

– Bem, então – disse a diretora com um sorriso de desculpas – sinto muito, mas tenho que me despedir. Não sei se fui de muita ajuda.

Sadie também não estava de todo certa, mas apertou a mão de Margot Sinclair e agradeceu por seu tempo. Já estava na porta quando algo lhe ocorreu. Virou-se e disse:

– Mais uma coisa, Dra. Sinclair, se não se importa...

– De modo algum.

– Você disse que Rose tinha simpatia por Anthony Edevane. Por que simpatia? O que você quis dizer com isso?

– É só que o pai dela era igualmente ansioso, então ela entendia o que ele estava sofrendo.

– Ansioso?

– Meu bisavô teve uma participação terrível na guerra. Bem, acho que não há como ser diferente na guerra. Foi intoxicado por gás em Ypres e, em seguida, enviado de volta para as trincheiras. Nunca mais foi o mesmo, dizia a vovó. Tinha pesadelos e terríveis apagões. Costumava manter todos acordados com sua falação. Transtorno de estresse pós-traumático, é como chamamos isso agora. Naquela época, era apenas trauma de guerra, não era?

– Trauma de guerra? – repetiu Sadie. – Anthony Edevane?

– Sim. Rose menciona isso muitas vezes em seu diário. Ela tentou ajudá-lo e, na verdade, foram suas interações que mais tarde inspiraram suas teorias sobre o ensino de poesia, particularmente a romântica, para adolescentes refugiados.

Trauma de guerra. Isso era uma surpresa. Sadie repassou a conversa em sua mente enquanto voltava para o carro. Não era uma surpresa que ele tivesse sofrido dessa condição, afinal lutara na França por anos. Pelo contrário, o que a surpreendia era o fato de ela não ter encontrado qualquer outra menção a isso até então. Era um segredo? Em caso afirmativo, por que Rose Waters sabia da verdade? Talvez, como Margot tinha dito, fosse simplesmente porque a babá reconhecia os sinais, os sintomas que outros negligenciavam. Sadie se perguntou se isso era importante ou se estava criando esperanças vãs. Ela pensou em ligar para alguém – Clive, Alastair, Bertie – para verificar com eles, ver se podiam lançar luz sobre a condição, mas, quando pegou seu celular, ele tinha descarregado. Com o sinal tão ruim na casa de Bertie, ela havia perdido o hábito de carregá-lo.

Um sinal tocou e os alunos agora voltavam para a sala de aula. Sadie os observou pela janela do carro. Charlotte Sutherland frequentava uma escola como aquela. Na fotografia que tinha enviado com sua carta, ela estava usando um uniforme elegante com um brasão no blazer e uma lista de realizações bordadas sob ele. Essa lista era longa. Sem dúvida, havia um casaco de tweed e uma boina pequena para os meses mais frios.

Sadie protestou consigo mesma por sua mesquinha. Ficava feliz ao pensar em Charlotte em um lugar como aquele. Por que tinha feito tudo o que fez se não para dar à filha o tipo de oportunidade que ela nunca teve?

Sadie ligou o carro e deu a si própria a ordem severa de esquecer Charlotte de uma vez por todas. A carta havia desaparecido, devolvida ao remetente: ninguém naquele endereço. Ela deveria estar sentindo – e agindo – como se nunca a tivesse recebido. Em vez disso, voltou seus pensamentos para encontrar o caminho para sair de Oxford e, uma vez que estava na M40, indo para leste em direção a Londres, repassou seu encontro com Margot Sinclair, extraíndo todas as novas informações – as excelentes referências dadas a Rose Waters, a alta quantia em dinheiro –, revirando-as e se perguntando vagamente se o trauma de guerra de Anthony Edevane mudava as coisas, e como mudava.

20

Londres, 1931

Mais tarde, Eleanor foi tomar chá na Liberty. A consulta tinha terminado antes do que esperava, deixando-a com duas horas livres antes de o trem sair de Paddington. Ela ficara parada na esquina da Harley Street com a Marylebone Road, nuvens cinzentas se desintegrando em edifícios cinzentos, antes de se decidir e acenar para um táxi. E, então, ali estava ela. Girou a delicada colherzinha em círculos, mexendo o leite e, depois, tilintou a borda fina da xícara de porcelana. Ela chamou a atenção de um homem bem-vestido em uma mesa próxima, mas não devolveu seu sorriso educado e indagador.

Foi estupidez dela tanta esperança, mas as coisas são assim. Não há ninguém mais tolo que um tolo velho. Anthony tinha razão: o médico não tinha nada de novo para oferecer, apenas mais da mesma conversa. Eleanor às vezes se perguntava se a esperança, aquele hábito terrível, em algum momento morria. Melhor ainda, se poderia ser morta. As coisas seriam muito mais fáceis se pudesse, se fosse tão simples quanto desligar um interruptor. Mas infelizmente parecia que o brilho da esperança sempre flutuava ao longe, não importava por quanto tempo caminhássemos em sua direção sem sucesso.

Eleanor pousou a colher. Mesmo enquanto pensava nisso, sabia que estava errada. Anthony perdera a esperança. Não nos campos da França, talvez, mas em algum momento na década seguinte. E esse era o problema, era por isso que ela precisava continuar tentando. Acontecera debaixo do seu nariz. Ela não estava prestando atenção suficiente, pois, se estivesse, teria percebido e feito o que fosse necessário para impedir. Ela havia feito uma promessa para ele e para si mesma.

Naquele dia, estava chovendo e Londres estava suja e cinzenta como ardósia. As ruas brilhavam com poças escuras e um mar de guarda-chuvas pretos fluía acima do tráfego humano embaixo deles. As pessoas se moviam mais depressa na chuva, expressões fixas, olhos focados, cada uma atenta a seus objetivos. Havia tantos motivos para correr lá fora que Eleanor foi dominada pelo cansaço. Ali, no calor do salão de chá, ela se sentava inerte como um único fragmento de um mar de determinação que ameaçava afundá-la. Ela nunca tinha sido boa em preencher o tempo. Devia ter trazido um livro da Cornualha. Devia ter trazido seu marido.

A recusa de Anthony em acompanhá-la era previsível. O que a pegou de surpresa foi a veemência dele.

– Pare – disse ele quando ela tocou no assunto. – Por favor, apenas pare.

Mas Eleanor não parou. Desde que lera o artigo na *Lancet*, decidira que ela e Anthony deveriam ver o Dr. Heimer. Aparentemente, ela não era a única. A consulta tinha levado semanas para ser marcada e ela teve que conter a empolgação, a esperança, enquanto aguardava o tempo passar, sabendo que era melhor não perturbar Anthony tão cedo.

– Pare. – Ele não tinha erguido a voz; tinha sido quase um sussurro.

– Pode funcionar, Anthony – insistira ela. – Esse homem, o Dr. Heimer, tem trabalhado no problema, estudando outros homens com as mesmas aflições, e obteve sucesso, diz aqui que sabe como consertar...

– *Por favor.*

As palavras cortaram como uma faca e o resto da frase ficou por ser dito. Ele não olhou para ela, sua cabeça permaneceu curvada sobre seu microscópio, de modo que Eleanor não percebeu logo que seus olhos estavam fechados.

– Apenas pare – acrescentou ele.

Ela se aproximou. Podia sentir o leve cheiro de sua transpiração, misturado com o estranho odor de laboratório do quarto. Sua voz era suave, mas firme:

– Não vou desistir de você, Anthony, não importa quanto tente me afastar. Não agora, quando parece que podemos ter encontrado alguém capaz de ajudar.

Então ele olhou para ela com uma expressão que Eleanor não pôde definir. Já o vira ressentido antes, vezes demais para contar: os pesadelos que aconteciam até de dia, os suores à noite e o terrível tremor que não podia ser contido, nem mesmo com toda a força do corpo dela enrolado no dele. Mas aquilo era diferente. A paralisia. O silêncio. Aquela expressão em seu rosto que a fez estremecer como se tivesse sido atingida.

– Chega de médicos – disse ele em um tom baixo e firme que não tolerava qualquer argumento. – Chega.

Ela o deixou em seu escritório, desceu correndo as escadas, o rosto quente e os pensamentos confusos. Mais tarde, sozinha, tinha conjurado seu rosto. Não pudera evitar. Aquela expressão dele a acompanhara durante toda a tarde enquanto cumpria as tarefas do dia. Só no meio da noite, enquanto ele dormia largado ao seu lado e ela estava acordada ouvindo os pássaros noturnos no lago, lembrando-se da noite de muito tempo atrás quando haviam andado de bicicleta sobre pedras brancas ao luar, a palavra lhe ocorreu. Repulsa, foi isso que ela vira em seu rosto. Aqueles traços que ela amara tanto e por tanto tempo tinham sido rearrumados em uma atitude de repugnância e desgosto geralmente reservada aos piores inimigos. Eleanor poderia ter suportado a repulsa dirigida a ela, mas saber que seu ódio era voltado contra si mesmo era o que a fazia querer chorar, lamentar e amaldiçoar.

De manhã, porém, ele se mostrou amável outra vez. Inclusive sugeriu um piquenique junto ao córrego. A esperança renasceu e, se ele ainda se recusava a ir com ela a Londres, pelo menos, daquela vez, fez isso com um sorriso no rosto e a afirmação de que precisava tocar sua pesquisa. Assim, ela carregara sua esperança. Durante todo o trajeto desde a estação de Looe, sua esperança esteve sentada no banco vazio ao seu lado, onde seu marido devia estar.

Então Eleanor inclinou a xícara de chá e observou as borras tépidas rolaem de um lado para outro. Dissera às meninas que iria a Londres para visitar uma costureira em Mayfair e elas acreditaram, porque esse era o tipo de pessoa que achavam que ela era. Mãe. Elas não se lembravam dos primeiros anos de suas vidas, quando Anthony estava na guerra e ela ficou sozinha com as filhas em Loanneth. O tempo que passaram cuidando juntas da propriedade, as histórias que ela contara, os lugares secretos que ela havia mostrado. Havia tantos aspectos de Eleanor que suas filhas não conheciam. Ela os pegava às vezes, aqueles traços ocultos, e os revirava, inspecionando e admirando por todos os ângulos, como se fossem pérolas preciosas. E, então, ela os cobria de novo e os guardava em segurança. Ela nunca mais os revelaria, pois, caso o fizesse, teria que explicar por que mudara.

Eleanor não falava sobre Anthony com os outros. Teria sido desleal com o jovem por quem se apaixonara naquele verão em Londres, havia vinte anos, e, mais devastador talvez, com sua firme crença de que um dia isso também passaria. E, quando acontecesse, quando encontrasse o caminho para devolver a ele a sua leveza de espírito e tudo o que ele tinha perdido, quando ele estivesse bem de novo, Anthony ficaria feliz que ninguém além de Eleanor soubesse quão baixo chegara. Sua dignidade merecia isso.

Ela certamente nunca deixou as meninas saberem. Anthony amava as filhas. Apesar de tudo, era um bom pai e as garotas o adoravam. Elas não conheceram o jovem e suas ambições excepcionais. Ele era simplesmente o “papai” e suas excentricidades o tornavam seu. Os longos passeios pelos bosques, dias seguidos em que ele desaparecia, voltando com seu saco cheio de amostras de folhas de samambaia ou borboletas, tesouros que as garotas espiavam e o ajudavam a arquivar. Elas não tinham visto, como Eleanor tinha, o homem com seu velho livro de medicina no colo, os olhos fechados enquanto tentava lembrar os ossos da mão humana, a própria mão, uma vez tão elegante, capaz e precisa, tremendo repousada na página aberta. Ele sentiu sua presença e abriu os olhos; um sorriso triste apareceu quando viu que era ela.

– Eu me tornei um daqueles homens. Um daqueles sujeitos que ficam sentados tentando preencher suas horas vazias com buscas inúteis.

– Isso não é verdade – disse ela. – Você está trabalhando em seu livro de história natural. Está afastado da

medicina por um tempo, mas vai voltar. Vai terminar seu treinamento clínico e será melhor do que nunca.

– Quando você vai perceber que é tarde demais? Aceitar que não sou mais aquele homem? Que ele morreu na França? As coisas que aconteceram, Eleanor, as escolhas terríveis, as decisões monstruosas...

– Me conte sobre elas. Conte, por favor, e então vou entender.

Mas ele nunca contou, apenas olhava para ela, balançava a cabeça e voltava para seus livros.

Uma mulher na entrada chamou a atenção de Eleanor. Uma mulher bonita, segurando a mão de um menino pequeno, de uns 3 anos, Eleanor calculou, elegantemente vestido para a ocasião, com um terno branco de marinheiro. Ele tinha um rosto de querubim, grandes olhos azuis, bochechas vermelhas e coradas, e lábios de arco de Cupido que se separaram, maravilhados, enquanto olhava em volta da mão da mãe para a sala cheia e muito iluminada.

Eleanor sentiu uma conhecida pontada de saudade. Ela ainda esperava por outro bebê. Mais do que esperava, ansiava. Doía-lhe o desejo de segurar uma criança nos braços novamente, fazer cócegas, beijar e abraçar um corpo pequeno e gordinho. Às vezes, lembrava-se da rainha, na história do Sr. Llewellyn, que perdera seu filho e desejava tanto outro que estava disposta a negociar com o diabo para conseguir um. O desejo de Eleanor não era *totalmente* egoísta. Havia uma pequena parte dela que se perguntava se talvez outra criança, um garotinho, fosse o que Anthony precisava. Ele amava as meninas, mas todos os homens não queriam um filho que crescesse à sua imagem? Sua mão foi distraidamente para o abdômen reto e firme. Às vezes, ainda havia momentos de ternura entre eles, quando ele conseguia. Era possível que ela ficasse grávida de novo. Mas, apesar de sua disposição, seu desejo, nada tinha acontecido em dez anos.

Ansiosa, Eleanor forçou-se a desviar o olhar da mulher e do filho, sentados juntos agora a uma mesa, o pequeno tomando o cuidado de observar as maneiras que lhe haviam sido ensinadas enquanto seus grandes olhos redondos o entregavam, ocupados catalogando o lugar desconhecido. Ela se voltou para a janela. As nuvens cinzentas escuras tinham baixado mais sobre Londres e a cidade estava sombria. As luzes estavam acesas no salão de chá e, enquanto Eleanor via o interior aquecido refletido no vidro escuro, pedestres fantasmagóricos passando apressados do outro lado, viu o próprio reflexo sem querer.

Sempre foi um choque flagrar-se inesperadamente em repouso. A mulher que olhava para ela era um modelo de respeitabilidade discreta. Suas costas eram retas, as roupas eram da moda sem serem extravagantes, o cabelo estava ordenadamente arrumado sob o chapéu. Seu rosto era uma máscara agradável que não entregava nada. O tipo de rosto pelo qual os olhares de outras pessoas passavam direto. A mulher no vidro era tudo o que Eleanor havia jurado que não seria. Com certeza, não o tipo de pessoa que Eleanor, a Aventureira, esperaria se tornar quando crescesse. Eleanor pensava nela algumas vezes, sua versão da infância, aquela garotinha com olhos selvagens, arregalados, cabelos rebeldes e um feroz espírito de aventura. Eleanor gostava de imaginar que ela ainda estava lá em algum lugar. Que ela não fora domesticada, mas, em vez disso, tornara-se de novo uma pérola que rolou para longe. Que ela estava em algum lugar esperando que as fadas a encontrassem e os bosques a trouxessem de volta à vida.

O pensamento era perturbador e Eleanor fez o que sempre fazia quando pensamentos sombrios ameaçavam derrubá-la. Ela se mexeu. Um gesto rápido trouxe o garçom, ela pagou a conta, pegou sua bolsa, puxou o vestido para o qual mal olhara antes de comprar e, com uma sacudidela para abrir o guarda-chuva, foi para a rua.



A bilheteria estava lotada quando ela chegou à estação. O cheiro de roupas molhadas era penetrante. Eleanor se juntou a uma fila de viajantes descontentes e fez seu caminho lentamente até a frente.

– Tenho passagens reservadas em nome de Edevane – disse ao atendente do outro lado do balcão.

O homem começou a procurar em sua caixa de arquivo e, enquanto ele murmurava os nomes que passavam, Eleanor olhou para trás na multidão, empurrando.

– Acho que o trem está cheio – observou.

O homem não ergueu os olhos.

– O trem anterior quebrou. Foi essa confusão a tarde inteira, com as pessoas tentando se acomodar nos trens seguintes. Edevane, você disse?

– Sim.

– Aqui estão. – O homem na cabine deslizou dois bilhetes por baixo da grade. – Embarque na plataforma 3.

Eleanor se virou para sair, olhando para os dois bilhetes em sua mão enluvada. Ela abriu caminho de volta até a frente do balcão.

– Meu marido não vai viajar comigo – disse quando capturou a atenção do funcionário. – Ele teve um contratempo. – Mais desculpas. Dava desculpas sem pensar ultimamente.

– Não há reembolso – disse o homem enquanto começava a atender o cavalheiro atrás dela.

– Não quero reembolso, só quero devolver este bilhete. – Eleanor o deslizou de volta pela grade. – Não preciso dele. Pode ser usado por outra pessoa.

Sentou-se no vagão esperando que o trem saísse da estação. Na plataforma, homens de terno andavam, muito ocupados, enquanto carregadores empurravam as torres inclinadas das malas por entre a multidão e pequenos grupos de pessoas faziam os rituais íntimos de despedida. Parecia a Eleanor, enquanto os observava, que alguns dos momentos mais vívidos de sua vida foram determinados em estações como essas. No dia em que ela conheceu Anthony, a limonada na estação de metrô Baker Street, e na manhã de 1914, quando ela se despedira do marido, que ia para a guerra. Parecia tão arrojado em seu uniforme, Howard ali ao lado dele, ambos brilhando, cheios de juventude.

Quando ele lhe disse que planejava se alistar, os dois deitados lado a lado sobre um cobertor junto ao córrego em Locanneth, milhares de razões para ele não ir lhe passaram pela cabeça.

– Mas estamos tão felizes – murmurou ela.

– Seremos felizes de novo quando eu voltar para casa.

– Se você voltar para casa.

Foi petulante, a primeira coisa que lhe veio à mente e a pior que poderia ter dito. Egoísta, infantil e verdadeira. Ela se puniu depois. Os quatro anos seguintes lhe ensinariam temperança, mas, naquele tempo, o medo, o pânico e sua impotência para conter seu fluxo a tornavam feroz.

– É uma guerra, você sabe. Não vai ser um piquenique.

Ele estendeu a mão para afastar um cachinho teimoso que tinha caído sobre os olhos dela. As pontas dos dedos dele em sua têmpora a fizeram estremecer.

– Tenho formação médica, Eleanor. Posso ser útil. Esses homens, meus amigos, vão precisar de pessoas como eu.

– *Eu* preciso de você. Há outros médicos, homens com experiência clínica.

Ele sorriu suavemente.

– Você deve saber que não há outro lugar em que eu preferiria estar além daqui, com você, mas quem eu seria se não fosse? Como eu poderia viver comigo mesmo se não ajudasse? Como você olharia para mim se eu não fizesse a minha parte? Se um homem não pode ser útil a seu país, é melhor que morra.

Ela soube, então, que não havia nada que pudesse dizer para fazê-lo mudar de ideia e essa percepção a queimou por dentro. Sentiu gosto de cinzas na boca.

– Prometa-me que vai voltar – disse ela, jogando seus braços em volta dele e enterrando o rosto em seu peito, agarrando-se como se ele fosse uma rocha em um mar revolto.

– É claro que vou voltar. – Não havia a menor sombra de dúvida. – Nada vai me impedir. Não vou deixar.

Caminharam juntos para a estação no dia em que ele partiu e ela se sentou com ele no vagão, enquanto outros jovens soldados em uniformes novos subiam a bordo. Ele a beijou e, por um momento, ela achou que não seria capaz de deixá-lo ir. Então o apito soou e ela estava na plataforma novamente, sem ele, e o trem se

afastava. A casa, quando ela voltou, permanecia quente e imóvel. O fogo queimava na lareira da biblioteca, exatamente como quando eles saíram.

Estava tão silencioso.

Uma fotografia dos dois jazia sobre a mesa debaixo da janela e, enquanto olhava para seu rosto risonho, Eleanor tentou se convencer de que ele estava lá em cima ou lá fora no lago, e que voltaria a qualquer momento, chamando-a pelo corredor para se juntar a ele. Mas sua ausência gritava por toda parte e Eleanor percebeu, de repente, quão longos seriam os próximos dias, semanas e meses. Insuportavelmente longos.

Graças a Deus tinha seu bebê, Deborah, que lhe dava os motivos para concentrar toda a sua atenção. Não era tão fácil revoltar-se no calor do medo quando se estava sendo observado por olhos arregalados e confiantes, uma pessoinha que queria sorrir e estava lendo a expressão da mãe, procurando o sinal de que não havia problema em fazê-lo. Mas, por trás da expressão alegre que Eleanor forçava, sob as cantigas de ninar que cantava e as histórias que contava, quase não ousava respirar. Cada batida à porta disparava um arrepio por todo seu corpo. Cada história da aldeia sobre a morte de outro soldado era um golpe e, mais tarde, um alívio secreto por não ser Anthony. O alívio de encontrar uma carta, e não um telegrama com tarja preta, durava pouco quando ela lia a data e percebia que ele havia postado dias antes e qualquer coisa poderia ter acontecido desde então.

As próprias cartas não entregavam nada, de início. Havia menções a bombardeios, é claro, e à destruição de zepelins nas proximidades, mas seus relatos os faziam soar como pequenos inconvenientes. Quando teve sua primeira experiência com gás alemão, foi “sob as circunstâncias mais apropriadas”, porque tinham por perto um companheiro que lhes mostrou como “as medidas preventivas eram eficazes”. Eleanor sabia que ele estava escondendo as coisas e isso a acalmava e enfurecia na mesma medida.

Ele tinha um fim de semana de folga em Londres e ela foi encontrá-lo, fora de si de tanto nervosismo, incapaz de se distrair com qualquer coisa no trem, um livro fechado no colo durante todo o caminho. Ela se vestira com cuidado, mas, quando o viu, sentiu-se envergonhada por seus esforços, porque, afinal, tratava-se de Anthony, o verdadeiro amor de seu coração. Sua ansiedade, sua atenção a trivialidades – como qual roupa lhe caía melhor – pareciam de algum modo demonstrar falta de fé nos dois, no que realmente importava.

Ambos falaram imediatamente quando se encontraram.

– Devemos...

– Eu acho...

E, então, depois de uma hesitação angustiante em que, por um momento, pareceu que tudo o que eles eram tinha se transformado em pó, ambos começaram a rir sem parar e, ao menor gatilho, recomeçavam, sentados na área de descanso tomando chá. Depois disso, voltaram a ser eles mesmos, Anthony e Eleanor, e ela insistiu que ele lhe contasse tudo.

– Tudo – disse ela –, sem atenuantes.

Estava desesperada por ultrapassar a superfície educada e inadequada das cartas que ele enviava para casa.

Então ele contou. Falou da lama e dos ossos que os homens quebravam tentando se arrastar por ela, e dos homens que eram engolidos inteiros. Chamou o Somme de uma máquina picadora e disse que a guerra em si era intolerável. Descreveu a agonia do fracasso de “seus homens”. Eles estavam morrendo, disse, um após outro.

As cartas para casa mudaram depois dessa visita e ela não tinha certeza se estava contente. Ocorreu-lhe que devia ter sido mais cuidadosa com o que desejava. A censura removia as piores partes, mas restava o suficiente para que ela soubesse que as coisas continuavam sombrias, que a guerra pedia aos homens que fizessem coisas horríveis e que fazia coisas horríveis com eles em troca.

Quando Howard foi morto, o tom das cartas mudou outra vez. Não havia mais referências a “seus homens” e Anthony nunca mais mencionou outro amigo pelo nome. E o mais arrepiante de tudo: suas cartas, que sempre foram preenchidas com perguntas sobre o lar, com fome de detalhes sobre Deborah e o novo bebê, Alice – *Eu também queria estar aí. Me sinto tão distante de todas vocês. Seja forte, meu amor, e*

enquanto isso, por que não me manda um cachinho do cabelo da minha bebê? –, a partir daquele momento passaram a ser pouco mais que relatos frios e estatísticos do que acontecia na frente de batalha. Podiam ter sido escritas por e para qualquer um. E então Eleanor teve que enfrentar de uma vez as duas dores da morte de Howard – o choque da notícia, seu impossível caráter definitivo – e a subsequente perda do marido, que já estava muito longe, atrás de um muro de boas maneiras impenetrável.

No dia em que ele voltou de vez, 12 de dezembro de 1918, Eleanor levou as duas pequenas a Londres para ver o trem dele chegar. Havia uma orquestra na estação, violinos tocando canções de Natal.

– Como vamos saber que é o papai? – perguntou Deborah.

Ela estava intensamente curiosa sobre essa pessoa que conhecia apenas da fotografia na moldura ao lado da cama da mãe.

– Nós saberemos – respondeu Eleanor.

A fumaça encheu a estação quando o trem chegou e, no momento em que se dissipou, os recrutas estavam saltando para a plataforma. Quando ela finalmente o viu, na fração de segundo antes de seus olhos encontrarem os dela, sentiu o peso dos anos. Ansiedades aglomeradas como traças ao redor de uma chama. Eles ainda se conheceriam? Seria como antes? Tinha passado tempo demais?

– Você está machucando minha mão, mamãe – disse Alice.

Nem 2 anos e já tinha um admirável talento para a franqueza.

– Sinto muito, querida. Sinto muito.

Logo em seguida, ele olhou diretamente para ela e por um breve instante ela viu algo em seus olhos, uma sombra com a forma de Howard e todos os outros como ele, depois essa imagem sumiu. Ele sorriu e era Anthony, *seu* Anthony, finalmente de volta a casa.



O apito soou lá fora. O trem estava prestes a sair e já não era sem tempo. Pela janela, Eleanor observava os trilhos enegrecidos. Fora tão maravilhoso tê-lo em casa. As garotas não se cansavam dele. Loanneth parecia mais brilhante por ele estar lá, as coisas estavam mais claras, como se alguém tivesse ajustado o foco de uma câmera. A vida continuaria, como ele havia prometido. Mais de quatro anos se passaram, mas a guerra foi vencida e eles compensariam o tempo perdido. E se às vezes suas mãos tremiam um pouco, se ele se interrompia no meio de uma frase e tinha que reorganizar seus pensamentos antes de continuar, se ocasionalmente acordava de um sonho ruim e se recusava a falar sobre Howard, bem, esses eram problemas compreensíveis e que, com certeza, se resolveriam.

Ou foi o que ela pensou.

Na primeira vez em que aconteceu, eles estavam lá fora no jardim. As meninas tinham corrido atrás dos patos e, depois, a babá as levava para dentro, para o jantar. Foi uma tarde gloriosa, o sol parecia hesitar para se pôr, como se não suportasse a ideia de terminar o dia. Estava balançando no horizonte, jogando fitas cor-de-rosa e malva no céu como cordas de vida, e o ar era doce com perfume de jasmim. Havia trazido as cadeiras de vime brancas da casa e Anthony, tendo passado a tarde entretendo as meninas, finalmente abriu o jornal que trouxera, apenas para cair no sono atrás dele.

Edwina, a nova cadelinha, pulava aos pés de Eleanor, trazendo uma bola que as filhas tinham encontrado para ela. Eleanor estava rolando essa bola suavemente ao longo do gramado, rindo com carinho, enquanto a filhote tropeçava em suas orelhas para buscá-la de volta. Ela estava provocando a cadelinha, levantando a bola para fora de seu alcance pelo simples prazer de vê-la se equilibrar nas patas traseiras, as dianteiras se agitando no ar, para depois morder. Eram dentes afiados. A filhote já havia conseguido abrir buracos na maioria das meias de Eleanor. Uma pequena e querida ameaça, tinha um sexto sentido para destruir justamente as coisas que não deveria destruir, mas era impossível ficar brava com ela. Bastava erguer aqueles grandes olhos

castanhos e inclinar um pouco a cabeça que Eleanor se derretia. Ela queria um cachorro quando era criança, mas sua mãe dizia que cachorros eram “bestas imundas” e ponto final.

Eleanor puxou a bola para trás e Edwina, que gostava de um cabo de guerra mais do que de qualquer outra brincadeira, afundou mais seus dentes na borracha. Tudo estava perfeito. Eleanor ria e Edwina grunhia, animada, com a bola antes de entrar em uma luta agitada com um pato. O sol brilhava laranja no céu e, então, de repente, Anthony aparecera sobre elas com um grito poderoso. Com um movimento rápido, agarrou a cadelinha e a apertou contra o chão, as mãos em volta do pescoço dela.

– Fique quieta – sussurrava –, fique quieta.

Edwina gritou e uivou, o pato fugiu e Eleanor, chocada, levantou-se de um salto.

– Anthony! Não! Pare!

Ela estava tão assustada, não tinha ideia do que estava acontecendo.

– Anthony, por favor.

Era como se ele não pudesse ouvi-la, como se ela não estivesse ali. Somente quando ela correu para junto dele, caiu ao seu lado e agarrou seus ombros, ele olhou para ela. Anthony encolheu os ombros e, por uma fração de segundo, Eleanor achou que ia atacá-la também. Seus olhos estavam arregalados e ela vislumbrou aquela sombra outra vez, a que tinha visto por um momento na estação de trem quando o receberam em casa.

– Anthony – repetiu ela –, por favor. Solte-a!

Ele respirava com dificuldade, o peito subindo e descendo, sua expressão mudando de raiva para medo e depois para confusão. Em algum momento, ele afrouxou o aperto em Edwina e a filhote correu livre, emitindo um pequeno grito de autopiedade enquanto disparava para a segurança da cadeira de Eleanor para lamber suas feridas.

Nenhum deles se moveu. Mais tarde, pareceu a Eleanor que eles foram congelados por uma sensação compartilhada, um acordo tácito de que, permanecendo imóveis, poderiam de alguma forma impedir que aquele ovo rachasse ainda mais. Mas, então, ela percebeu que ele estava tremendo e, por instinto, o tomou em seus braços e o segurou firme. Ele estava congelando.

– Pronto, pronto – ouviu-se dizer repetidamente, da mesma forma que faria se uma das meninas tivesse ralado um joelho ou acordado de um pesadelo.

Mais tarde eles se sentaram juntos na noite enluarada, ambos silenciosos e chocados com o que tinha acontecido.

– Desculpe – disse ele. – Por um instante pensei... Eu poderia jurar que vi...

Mas ele nunca lhe contou o que pensara ter visto. Nos anos que se seguiram, Eleanor leu relatos, conversou com médicos e aprendeu o suficiente para saber que Anthony devia ter revivido um trauma de guerra quando atacou Edwina, mas nunca falaria sobre as coisas que se moviam nas sombras. E essas coisas voltaram, aqueles fantasmas. Ela estava falando com ele e, então, o pegava olhando para longe, com a mandíbula contraída, a princípio com medo, depois decidido. Com o tempo, ela concluiu que tinha algo a ver com Howard, sobre a forma como ele tinha morrido, mas Anthony se recusou a falar sobre isso, de modo que ela não podia ter certeza dos detalhes.

Ela disse a si mesma que não tinha importância, que ele ia superar isso. Todo mundo tinha perdido alguém na guerra, tudo ficaria melhor com o tempo. Quando suas mãos se acalmassem, voltaria ao treinamento. E isso faria toda a diferença. Anthony seria médico, como sempre planejou – cirurgião. Ele tinha uma missão.

Porém, suas mãos não se acalmaram e as coisas não melhoraram com o tempo. Pioraram. Eleanor e Anthony simplesmente se tornaram melhores, os dois, ao esconder a verdade. Havia pesadelos terríveis também, dos quais ele acordava uivando ou tremendo, exortando-os a andarem depressa, a sair, a fazer o cão parar de latir. Ele não era violento com frequência e, quando era, a culpa não era dele, Eleanor sabia disso. Seu grande impulso na vida sempre foi ajudar e curar. Ele nunca faria mal a alguém. O medo do que pudesse fazer, no entanto, o atormentava.

– Se as meninas – começou –, se tivesse sido uma delas...

– Shhh. – Eleanor não o deixaria expressar esse pensamento absurdo em voz alta. – Isso não vai

acontecer.

- Mas poderia.
- Não vai. Eu não vou deixar. Prometo.
- Você não pode prometer isso.
- Eu posso. E prometo.

Havia tanto medo em seu rosto que suas mãos, quando pegaram as dela, estavam tremendo.

– Me prometa, se alguma vez tiver que fazer uma escolha, vai salvá-las de mim. Salve-me de mim mesmo. Eu não poderia viver comigo mesmo se...

Ela apertou os dedos contra os lábios dele para impedi-lo de dizer aquelas palavras terríveis. Beijou-o e, então, o segurou firmemente enquanto ele se sacudia contra seu corpo. Eleanor sabia o que ele estava lhe pedindo e sabia que faria o que fosse necessário para cumprir sua promessa.

21

Londres, 2003

O apartamento de Sadie tinha a aparência e o cheiro dos lugares aonde ela estava acostumada a ser mandada a trabalho.

– Você pode saber muito sobre uma pessoa pela sua casa – disse Donald uma vez, com ar afetado, completamente fora de sintonia com sua personalidade forte. Um comentário bastante significativo, vindo de um homem cuja esposa fazia toda a limpeza.

Ela pegou as malas diretas e as contas espalhadas no tapete e fechou a porta com o pé. O tempo tinha ficado cinzento, mas, quando ela acendeu a luz, apenas uma das três lâmpadas funcionou.

Pouco mais de duas semanas fora e uma camada de poeira já tinha se instalado sobre todas as superfícies. A sala tinha um cheiro acre de abandono e os móveis de Sadie, que nunca foram encantadores, se tornaram inóspitos e vergonhosos em sua ausência, além de mais desgastados do que ela se lembrava. Para aumentar o ar de descuido, desamor e desimportância, havia o vaso de planta na pia da cozinha.

– Ai, meu Deus – disse Sadie, largando a mala e jogando a correspondência no sofá enquanto se aproximava da pobre e triste carcaça. – O que aconteceu com você?

Ela a pegara na festa de Páscoa da escola local alguns meses antes, em um surto de aspiração doméstica, uma resposta ao homem com quem estava saindo, cuja última frase ecoara da escada enquanto ele ia embora:

– Você está tão acostumada a ficar sozinha que não conseguiria cuidar sequer de um vaso de planta.

Sadie esmagou as folhas secas e murchas na pia de aço inoxidável. Ela havia mostrado a ele.

O ruído externo, o trânsito e as vozes faziam a sala parecer silenciosa de uma forma não natural. Sadie encontrou o controle remoto e ligou a televisão. Stephen Fry estava no ar, sendo inteligente e engraçado sobre alguma coisa. Sadie abaixou o volume para um murmúrio e verificou a geladeira. Mais um desastre. Quase vazia, exceto por duas cenouras velhas e uma garrafa de suco de laranja. Ela verificou a data de validade do suco e decidiu que seis dias além estava ótimo, eles eram sempre cautelosos em excesso com essas coisas. Serviu-se um copo e foi até a mesa.

Enquanto o computador ligava, Sadie botou seu celular para carregar e, em seguida, pegou o arquivo Edevane na bolsa. Tomou um gole do suco amargo e sentou-se, tremendo quando o modem emitiu um som agudo, conectando-se à internet. Durante todo o caminho para casa, ela repassara a entrevista com Margot Sinclair em sua mente. Sadie estava tão convencida de que Rose Waters e Anthony Edevane tinham tido um caso e que Theo era filho de Rose, e não de Eleanor, que estava tendo dificuldade para processar as novas informações. As peças do quebra-cabeça se encaixavam tão bem que precisou de um esforço enorme para separá-las e começar de novo. Talvez fosse por isso que ela se agarrava à intuição de que Anthony Edevane era importante. Quando a página inicial de busca apareceu, ela digitou *trauma de guerra*.

Uma lista de sites apareceu em sua tela e ela percorreu as opções até que encontrou o link de um chamado First World War, que parecia confiável. Sadie clicou e começou a ler a definição. *Termo usado para descrever um trauma psicológico... intensidade das batalhas de artilharia... surtos neuróticos em soldados em geral mentalmente estáveis*. Havia uma fotografia em preto e branco de um homem uniformizado olhando fixamente para a câmera com um meio sorriso, seu corpo inclinado de modo que o lado direito do rosto ficasse escondido pela sombra. O artigo continuava: *Os soldados passaram a reconhecer os sintomas, mas o*

reconhecimento pelas autoridades militares foi mais demorado... Ataques de pânico, paralisia mental e física, dores de cabeça terríveis, pesadelos... Muitos continuaram a sentir seus efeitos após anos... O tratamento era, na melhor das hipóteses, primitivo; na pior, até mesmo perigoso...

Havia um link na parte inferior da página que levava a um artigo de um tal de Dr. W. H. R. Rivers, no qual ele esboçava suas teorias com base em observações de soldados feridos no Hospital de Guerra Craiglockhart entre os anos de 1915 e 1917. Grande parte do artigo se dedicava a explicar o processo de repressão. O Dr. Rivers sugeria que, depois que voltavam, os soldados que passavam a maior parte do dia tentando esquecer seus medos e as lembranças ficavam muito mais propensos a ser acometidos durante o silêncio e o isolamento da noite, quando o sono enfraquecia seu autocontrole e os tornava suscetíveis à invasão de pensamentos medonhos.

Fazia sentido. Pela experiência de Sadie, a maioria das coisas era mais intensa à noite. Sem dúvida, era quando os pensamentos obscuros dela escapavam de seus limites e se transformavam em pesadelos para assombrá-la. Ela continuou lendo a página. Segundo o Dr. Rivers, a repressão fazia com que os pensamentos negativos acumulassem energia, resultando em imagens de sonho vívidas ou mesmo dolorosas além dos horrores que corriam violentos pela mente. Sadie anotou a frase em seu caderno, considerou-a e, então, envolveu a palavra *violentos*. O médico estava se referindo à ocorrência de pensamentos no cérebro do soldado, mas a palavra, especialmente no contexto do destino misterioso de Theo Edevane, deu a Sadie uma sensação de desconforto. Ela sabia que havia uma terceira possibilidade terrível, que o menino podia não ter se perdido nem ter sido levado, mas, em vez disso, encontrado um fim violento. Quando conversou com Clive, ela se perguntou se Clementine Edevane poderia estar envolvida na morte de seu irmão, por acidente ou não. Mas e se fosse Anthony? E se fosse o pai de Theo o tempo todo?

Sadie folheou o caderno de volta às anotações que havia feito durante sua conversa com Clive. Anthony e Eleanor tinham fornecido álibis um para o outro. Eleanor estava tomada pelo sofrimento durante as entrevistas e precisou de sedação ao longo da semana. Clive notara que Anthony era atencioso e muito protetor com a esposa. *Ele era muito cuidadoso com ela*, contara Clive, *gentil e protetor, certificando-se de que ela descansasse, impedindo-a de sair para acompanhar as buscas. Mal a perdia de vista*. Sadie se levantou e se espreguiçou. Quando escreveu essas coisas, aceitara a observação de Clive como prova do vínculo forte entre os Edevanes, o amor de um pelo outro, as ações naturais de um casal passando pelo inimaginável. Ela com certeza não suspeitara de nada. Mas agora, vendo pelo olhar de sua teoria em desenvolvimento (e isso é tudo o que era, lembrou-se, um pressentimento construído sobre outro), o comportamento assumia um tom mais sinistro. Seria possível que Eleanor soubesse o que seu marido tinha feito e o estivesse acobertando? Uma mãe faria isso? Uma esposa? Será que Anthony a estava cercando, deixando-a sob vigilância de modo que ela não pudesse revelar à polícia o que sabia?

Sadie olhou para o relógio digital no canto da tela. Tinha decidido, na viagem de volta de Oxford, que aquela noite era tão boa quanto qualquer outra para se encontrar com Donald. Ela devia estar se concentrando para convencê-lo de que estava pronta para voltar ao trabalho, e não caçando fantasmas na internet. Deveria desligar e voltar ao site mais tarde. Deveria deixar o caderno de lado e tomar um banho. Observando sua aparência, nada dizia “pronta para ser profissional”. Mas uma anotação rabiscada mais abaixo na página chamou sua atenção – o relato de Clive sobre as visitas anuais de Eleanor a Loanneth – e ela continuou lendo. Clive dissera que Eleanor retornava todos os anos, com a esperança de que seu filho pudesse, de alguma forma, encontrar o caminho de volta para casa, mas isso era suposição. Eleanor não tinha dito a Clive qual era sua expectativa. Essa fora a interpretação dele das ações dela. E se Eleanor não estivesse esperando que Theo voltasse porque já sabia que ele estava morto? E se sua visita anual não fosse uma vigília, mas uma homenagem, da mesma forma que as pessoas faziam peregrinações regulares às lápides daquelas que haviam perdido?

Sadie bateu com a caneta no bloco. Ela estava fazendo muitas suposições. Em nenhuma das entrevistas alguém tinha usado a palavra “violento” para se referir a Anthony Edevane e o Dr. Rivers escreveu sobre a dissociação, a depressão, a confusão, o sentimento de um soldado de que sua “luz” havia se apagado, mas não

fez menção a tendências violentas. Ela se sentou e navegou por mais algumas páginas, passando os olhos e clicando até encontrar uma citação de um correspondente de guerra chamado Philip Gibbs, que falava do retorno dos soldados às suas vidas após a guerra:

Algo estava errado. Eles vestiam roupas civis novamente e, para suas mães e esposas, eram muito parecidos com os rapazes que saíam para trabalhar nos dias de paz antes de agosto de 1914. Mas não tinham voltado os mesmos homens. Alguma coisa havia mudado neles. Estavam sujeitos a mudança de humor e comportamentos estranhos, crises de depressão profunda alternando com um desejo inquieto de prazer. Muitos eram facilmente arrebatados por paixões e então perdiam o controle, muitos tinham discursos amargurados, opiniões violentas, assustadoras.

Sadie mordeu os lábios e releu a passagem. *Mudança de humor... comportamentos estranhos... perdiam o controle... opiniões violentas... assustadoras.* Condições que poderiam certamente levar uma pessoa a cometer um erro terrível, um ato hediondo do qual jamais seria capaz em seu juízo perfeito.

Em seguida, havia um artigo sobre as condições das trincheiras na Frente Ocidental, descrições da horrível falta de saneamento, dos ratos, da lama e dos fungos que acometiam os pés dos soldados, dos piolhos que comiam a carne podre. Sadie estava completamente absorta na leitura e, quando o telefone da casa tocou, voltou ao presente tão depressa que quase pôde ver imagens da lama e do massacre se desvanecerem ao seu redor.

Ela atendeu:

– Alô?

Era Bertie, sua voz querida e familiar, um bálsamo de boas-vindas.

– Só liguei para ver se você chegou bem a Londres. Não tive resposta no seu celular. Você ficou de me telefonar.

– Ai, vovô, me desculpe. – *Sou uma péssima neta que não merece alguém como você.* – Minha bateria está descarregada. Parei algumas vezes no caminho e o trânsito na M40 estava um pesadelo. Acabei de entrar.

Ela o imaginou na cozinha da Cornualha, os cães dormindo sob a mesa, e sentiu o peito se apertar de saudade.

– Como vai o dia? Como estão meus rapazes?

– Com saudade de você. Fui calçar os sapatos e eles foram atrás de mim, esperançosos, prontos para a corrida deles.

– Bem, você sabe o que fazer. Eles lhe mostrarão o caminho.

Ele riu.

– Posso imaginar quanto eles gostariam de correr comigo. Pareceria mais um galope manco!

O arrependimento veio em uma onda inesperada:

– Olhe, vovô, sobre a outra noite...

– Águas passadas.

– Fui insensível.

– Você sente falta de Ruth.

– Fui sarcástica.

– É porque você se importa.

– Gosto da Louise, ela parece gentil.

– Ela tem sido uma boa amiga. Eu preciso de amigos. Não estou tentando substituir sua avó. Agora me diga: como foi seu encontro com a sobrinha-neta de Rose?

– Um beco sem saída, basicamente.

– O bebê não era da babá?

– Parece que não.

Sadie fez um resumo de sua conversa com Margot Sinclair, a decepção por sua teoria parecer ter sido destruída, terminando com a notícia inesperada sobre o trauma de guerra de Anthony Edevane.

– Não sei se é relevante, mas estou lendo alguma coisa sobre o assunto e é difícil imaginar um homem passando por tudo isso sem ter sua vida afetada depois – contou Sadie.

Enquanto falava, ela foi até a janela e, naquela hora, estava olhando para a rua onde uma mulher argumentava com uma criança que se recusava a entrar em seu carrinho.

– Alguém da nossa família foi para a Primeira Guerra Mundial, vovô?

– O primo da minha mãe lutou em Somme, mas ele morava no norte, então nunca o conheci, e meu tio favorito lutou na Segunda Guerra.

– Ele voltou diferente?

– Ele não voltou, morreu na França. Uma perda terrível. Minha mãe nunca superou. Nosso vizinho, porém, o Sr. Rogers, voltou da Primeira Guerra Mundial em uma condição terrível.

– Terrível como?

– Ele passou dezoito horas enterrado depois de uma explosão. Dezoito horas! Você consegue imaginar? Ele estava no meio do nada e seus companheiros não conseguiram chegar até ele por causa de todos os bombardeios. Quando finalmente conseguiram desenterrá-lo, ele se encontrava num estado catatônico de choque. Foi enviado de volta para casa e tratado em um desses hospitais que montaram em casas de campo, mas nunca mais foi o mesmo, segundo meus pais.

– Como ele era?

– Seu olhar fitava o nada, o rosto com uma expressão permanente de horror. Ele costumava ter pesadelos em que não conseguia respirar e acordava arfando. Em outras noites éramos acordados por uma lamentação que atravessava as paredes da nossa casa. Pobre homem. As crianças do bairro ficavam todas assustadas com ele. Costumavam se desafiar para ver quem era corajoso o suficiente para ir até sua porta, bater e depois sair correndo e se esconder.

– Mas não você.

– Não. Bem, minha mãe teria arrancado minha pele se suspeitasse que eu era capaz de uma crueldade infantil dessas. Além disso, ela levava para o lado pessoal. Minha mãe o tomara sob suas asas. Ela cozinhava um prato extra de ceia todas as noites, lavava suas roupas sujas, cuidava para que sua casa se mantivesse limpa. Ela era assim, o mais gentil dos corações, nunca tão feliz como quando ajudava alguém menos afortunado.

– Gostaria de tê-la conhecido.

– Eu também gostaria que você a tivesse conhecido.

– Pelo que você fala, ela se parece muito com Ruth.

Sadie se lembrou de como Ruth a recebera de coração aberto em sua casa quando ela não tinha para onde ir.

– Engraçado você dizer isso. Depois que mamãe morreu e nós assumimos a loja, Ruth tomou para si os cuidados com o Sr. Rogers também. Ela estava convencida de que não poderíamos abandoná-lo.

– Posso ouvi-la dizendo isso.

Bertie riu e depois suspirou. Sadie soube que ele subiria as escadas para o sótão quando terminassem o telefonema, para vasculhar suas caixas atrás de uma pequena lembrança de Ruth. Ele não voltou a mencioná-la, porém, mudando o assunto para preocupações mais imediatas, tangíveis e solucionáveis:

– Você tem o que jantar?

Sadie sentiu uma onda de emoção. Isso era amor, não era? Alguém em sua vida que se importava com o que você iria comer. Ela abriu a geladeira e franziu o nariz.

– Tenho, sim – disse, fechando a porta. – Vou sair para encontrar um amigo.



O Fox and Hounds ficava movimentado nas noites de terça-feira, em grande parte por sua localização, de frente para um albergue de mochileiros, e por ter instituído um happy hour de quatro horas. Havia outros pubs mais próximos da Met, lugares cheios de policiais, mas Donald dizia que já encontrava muito os colegas no trabalho e valia a pena a caminhada extra para ter uma pausa nos assuntos profissionais. Sadie tinha acreditado nele por um bom tempo, até que percebeu que ele sempre a deixava tagarelar, sempre falavam de trabalho, geralmente instigados por ele. A verdade era que o Fox and Hounds tinha as cervejas mais baratas daquele lado do Tâmbisa e Donald era um pão-duro. Um pão-duro adorável, mas ainda assim um pão-duro. Terça-feira também era a noite em que suas quatro filhas iam jantar em casa e, uma vez, Donald dissera a Sadie que precisava de todo o reforço que pudesse para não ter uma dor de cabeça no momento em que entrasse pela porta.

– As discussões, Sparrow, as brigas e as mudanças de lado. Não consigo entender nem acompanhar. Mulheres! – Ele balançou a cabeça. – Elas são um mistério, não são?

Tudo isso para dizer que Donald era fiel a seus hábitos. Quando saiu para o Fox and Hounds com o estômago roncando, Sadie sabia que o encontraria sentado no banco abaixo da imagem emoldurada de um sapo. De fato, quando ela chegou, uma espiral de fumaça pairava acima da mesa. Ela pagou por duas cervejas e, depois, as levou cuidadosamente pelo salão, pronta para deslizar no banco vazio em frente a ele. Porém, não estava vago. Harry Sullivan tinha se encolhido no canto, rindo alto sobre algo que Donald acabara de dizer. Sadie pôs suas duas cervejas na mesa e disse:

– Desculpe, Harry. Não sabia que você estava aqui.

Como todos os velhos policiais, Donald vira um número suficiente de coisas estranhas e feias para ter perdido a capacidade de parecer surpreso. O mais próximo a que chegou foi uma leve sugestão de arquear as sobrancelhas.

– Sparrow – disse ele com um aceno de cabeça, como se ela não tivesse acabado de passar duas semanas afastada por insistência sua.

– Don.

– Pensei que estivesse de férias, Sparrow – comentou Harry alegremente. – Já se cansou de tomar sol e surfar?

– Mais ou menos, Sully.

Ela sorriu para Donald, que tomou o último gole de sua caneca e secou o bigode com as costas da mão antes de empurrar o copo vazio para a beirada da mesa.

– Cornualha, não é? – continuou Sully. – Uma tia minha morava em Truro. Todos os verões eu, meu irmão e minha irmã...

– Que tal buscar outra rodada para nós, hein, Sull? – sugeriu Donald.

O detetive mais novo olhou as cervejas frescas que Sadie tinha trazido, abriu a boca para dizer a Don que ele já estava bem servido, mas fechou-a novamente. Não era o mais inteligente da corporação, mas a mensagem clara ficou estampada em sua testa larga. Ele acenou com o copo vazio na direção do bar e disse:

– Vou buscar outra desta para mim.

– Isso aí – disse Donald, satisfeito.

Sadie se afastou para que Harry pudesse sair do banco e, então, ocupou seu lugar. O couro estava quente, uma triste manifestação física de sua crescente sensação de que havia sido substituída.

– Então você e Sull têm trabalhado juntos?

– Sim.

– Em algo interessante?

– Uma invasão, bastante padrão.

Sadie estava se coçando para obter mais detalhes, mas sabia que era melhor não pressionar. Pegou o cardápio e deu uma olhada.

– Estou morrendo de fome. Você não se importa se eu comer?

– De modo algum.

A moda da gentrificação passara batida pelo Fox and Hounds e o cardápio exibia uma lista básica de quatro opções, todas servidas com batatas fritas, como era desde 1964. A gerência tinha tanto orgulho de sua resistência à mudança que o fato foi estampado em letras garrafais na parte superior do cardápio. Não é preciso dizer que Donald aprovava isso inteiramente.

– Malditas *tapas* – dissera a Sadie em mais de uma ocasião quando um caso os levava mais longe. – O que há de errado com uma boa torta à moda antiga? Quando as pessoas ficaram tão frescas?

A garçonete veio e Sadie pediu *fish and chips*.

– Quer alguma coisa?

Donald balançou a cabeça.

– Jantar em família – falou, sombrio.

A garçonete saiu e Sadie tomou um gole de cerveja.

– Está tudo bem em casa?

– Muito bem.

– E você, está ocupado?

– Muito. Olhe, Sparrow...

– Também estive ocupada trabalhando em um caso arquivado.

Mesmo antes de terminar a frase, Sadie se arrependeu. Ela não pretendia mencionar os Edevanes. Procurar uma criança desaparecida havia setenta anos, rastrear velhas plantas e arquivos policiais, fazer entrevistas com os descendentes dos envolvidos... não era o tipo de coisa que gritava descanso e recuperação, mas ver Sully sentado lá em seu lugar a deixara furiosa. Idiota!

No entanto, não havia como voltar atrás e Sadie achou que o melhor a fazer era seguir em frente com um novo assunto, cobrir seu erro. Porém, mesmo enquanto pensava nisso, sabia que era tarde demais. Donald parecia ter ficado de orelha em pé, como um pastor-alemão ao farejar um coelho.

– Caso arquivado? Para quem?

– Ai, não é nada, na verdade. Um velho policial da Cornualha estava precisando de ajuda. – Tomou um gole de cerveja, ganhando algum tempo antes de agravar a mentira. – Um amigo do meu avô. Não tive como dizer não.

Ela começou a esboçar o caso Edevane antes que Donald pudesse fazer mais perguntas sobre *como* aquilo tinha chegado a ela. Era melhor que pensasse que ela estava sendo benignamente útil do que estranhamente obsessiva. Ele ouviu, balançando a cabeça de vez em quando, enquanto deslizava minúsculos pedaços de tabaco caídos sobre a mesa.

– Tenho a impressão de que esse choque é importante – disse Sadie enquanto a garçonete colocava um prato de peixe e fritas na frente dela.

– Você e sua intuição, hein?

Sadie amaldiçoou a escolha ruim de palavras, mas não hesitou:

– Você entende disso?

– Transtorno de estresse pós-traumático? Um pouco.

Lembrou então que o sobrinho de Donald tinha servido na Guerra do Golfo. Seu parceiro não era a mais loquaz das pessoas, mas havia referências veladas suficientes para que Sadie percebesse que Jeremy não tivera o que se poderia eufemisticamente chamar de “uma boa guerra”.

– É uma droga. Quando pensamos que vencemos uma etapa, ela o atinge de novo. Uma depressão terrível. – Ele balançou a cabeça como se não houvesse palavras para descrever a profundidade do sofrimento de seu sobrinho. – Não é a sua tristeza habitual, mas algo muito diferente. Desesperança, desespero, terror.

– Ansiedade?

– Isso também. Palpitação cardíaca, medo, pesadelos que parecem reais.

– E impulsos violentos?

– Pode-se dizer que sim. Minha cunhada o encontrou com o rifle de caça do pai apontado para a porta do quarto do irmão mais novo. Ele achava que havia militantes lá dentro. Tivera uma visão.

– Meu Deus, Don, sinto muito.

Os lábios de Donald se apertaram numa linha fina. Ele se permitiu um rápido aceno de cabeça.

– Coisa de Deus. Ele era um bom garoto, tinha bom coração, e não estou dizendo isso só porque é filho do meu irmão. Eu sempre soube que podia ficar tranquilo quando minhas meninas estavam com Jeremy. – Ele varreu os pedaços de tabaco da mesa com um golpe furioso. – As coisas que esses rapazes foram obrigados a fazer... As coisas que viram e que não conseguem esquecer... Como uma pessoa volta ao normal depois disso? Como você diz a um homem para matar e depois espera que ele volte ao normal?

– Não sei.

Donald pegou a cerveja e bebeu às goladas. Quando o copo esvaziou, passou as costas da mão nos pelos do bigode. Seus olhos estavam injetados.

– Don...

– O que você está fazendo aqui, Sparrow?

– Eu liguei, deixei uma mensagem. Você não recebeu?

– Eu tinha esperança de que você estivesse brincando. Sexta-feira 13 e tudo mais.

– Não estava. Estou pronta para voltar. Se você pudesse confiar em mim...

– É tarde demais, Sparrow.

Sua voz tinha baixado, era quase um sussurro. Ele se inclinou para mais perto, olhando por cima do ombro para onde Sully ainda estava apoiado contra o bar, rindo com uma turista loura.

– Ashford abriu um inquérito sobre o vazamento do caso Bailey. Quem falou isso foi Parr-Wilson, que sempre sabe das coisas antes da gente. Há pressão de cima, é preciso dar exemplo, política interna. Você entende o esquema.

– Merda.

– É isso aí.

Ficaram sentados por um momento, cada um ponderando a gravidade da situação. Don rolou seu copo de um lado para outro sobre a mesa.

– Por Deus, Sparrow. Você sabe que gosto muito de você, mas estou prestes a me aposentar no final do ano, então preciso me manter limpo.

Ela assentiu enquanto a nova realidade a dominava.

– A melhor coisa que você tem a fazer é voltar para a Cornualha. Se a verdade vier à tona, e não vai ser por mim, pelo menos você poderá alegar exaustão mental, mostrar que reconheceu que errou e pediu licença.

Sadie esfregou a testa. A decepção tinha um gosto amargo e o bar de repente pareceu muito mais barulhento.

– Você está me entendendo, Sparrow?

Ela assentiu com relutância.

– Boa menina. Você não esteve aqui esta noite. Estava na Cornualha o tempo todo, descansando.

– E o Sully?

– Não se preocupe com o Sully. Com a loura ali rindo de suas piadas, ele nem vai se lembrar do seu nome.

– Droga, obrigada.

– Você deveria ficar contente.

– Sim, sim.

– E agora você deveria ir embora.

Ela pegou sua bolsa.

– E... Sparrow?

Sadie se virou para ele.

– Avise-me do andamento desse caso arquivado, hein?

Estava chovendo quando Sadie chegou ao seu bairro, finos dardos prateados inclinados sob a luz dos postes. Poças se formavam ao longo da rua e cada carro que passava fazia a água respingar para os lados. Sadie tinha pensado que a corrida para casa lhe faria bem, mas não estava com a mente mais clara do que quando deixara o Fox and Hounds, apenas com as roupas mais encharcadas. Disse a si mesma que pelo menos as coisas não ficariam muito piores, que não havia nada que uma ducha quente não pudesse resolver, mas, quando se aproximou do seu prédio, notou alguém parado nas sombras debaixo da marquise da entrada.

As pessoas geralmente não ficavam na chuva por diversão e ele – ou ela, era impossível dizer de onde Sadie estava – tinha a aparência distinta de alguém que esperava: ombros curvados, braços cruzados, uma postura de prontidão enquanto se encostava à parede. Sadie diminuiu o ritmo para uma caminhada e olhou para cima. As luzes de todos os seus vizinhos estavam acesas. As únicas janelas escuras eram as suas, o que talvez significasse que a pessoa ali no escuro esperava por ela. Com um suspiro decidido, enfiou a mão na bolsa para pegar as chaves e posicionou a mais afiada entre os dedos. Sadie fora pega de surpresa antes – o suspeito de um caso de drogas insatisfeito – e jurara nunca deixar isso acontecer de novo.

Disse a si mesma para manter a calma, continuar andando no mesmo ritmo, mesmo com a adrenalina correndo sob a sua pele. Sua mente vasculhava todos os casos antigos que ela havia arquivado, a lista de conhecidos questionáveis, qualquer pessoa que pudesse ter decidido que aquela noite seria a oportunidade perfeita para um acerto de antigas contas. Ela deu uma olhada dissimulada nos carros estacionados na rua, perguntando-se em qual, se é que havia algum, um cúmplice a espreitava, e lembrou, com uma sensação de desalento, que deixara seu celular lá em cima carregando.

Quando se aproximou, a intensificação instintiva do medo foi superada pela irritação. Sadie não estava com vontade de fazer o jogo de outra pessoa, não depois da noite que tivera. Trincou os dentes e gritou para o estranho:

– Está me procurando?

A pessoa virou-se rapidamente.

– Achei que você tivesse ido embora.

Era voz de mulher. A luz do lampião iluminou seu rosto de laranja e, como Sadie nem de longe tinha a idade nem a mesma experiência de Donald, sabia que sua surpresa se mostrava óbvia.

– Eu fui – balbuciou. – Estou de volta, voltei hoje.

Nancy Bailey deu um breve sorriso.

– Então cheguei na hora certa, hein? Você se importa se eu entrar?

Sadie hesitou. Deus, sim, ela se importava. Uma visita da mãe de Maggie Bailey era a última coisa de que precisava enquanto tentava não ser notada pela inquisição de seus superiores. Podia imaginar exatamente o que aconteceria se continuasse ligada ao caso Bailey.

– Você me disse para manter contato – justificou-se Nancy –, para avisá-la se eu pensasse em alguma coisa.

Idiota. Sadie se amaldiçoou por ser uma tola. Lembrava-se de ter pedido isso quando ela e Donald terminaram sua última visita a Nancy, avisando-lhe que o caso seria arquivado e que o envolvimento da polícia

na situação de sua filha estava encerrado.

– Tenho certeza de que compreende, Sra. Bailey, que não podemos sair em busca de todos que decidem tirar umas férias sem avisar ninguém.

Fora Donald quem dera a notícia e Sadie ficara ao lado dele, assentindo.

Somente quando já estavam na rua ela disse que tinha esquecido seu caderno lá em cima e correu de volta para bater à porta de Nancy. *Idiota*. Sadie estava furiosa consigo mesma, mas o que poderia fazer agora?

– Entre – disse, abrindo a porta da frente e conduzindo a mãe de Maggie para dentro do prédio.

Sadie deu uma olhada por cima do ombro, esperando ver um dos espões de Ashford fazendo anotações.

Em seu apartamento, a televisão ainda murmurava e a planta morta continuava morta. A iluminação era sinistra ou romântica, dependendo do ponto de vista. Sadie tirou apressadamente as coisas de cima do sofá – a bolsa para passar uma noite fora, as roupas espalhadas, as cartas e as malas diretas que ela havia jogado ali antes – e as empilhou na mesa de centro.

– Fique à vontade. Vou me secar. Não demoro nem um minuto.

Em seu quarto, praguejou baixinho enquanto lutava para tirar a camisa molhada e vasculhava a gaveta em busca de uma nova. *Merda, merda, merda*. Secou os cabelos com a toalha, enxugou o rosto e respirou fundo. Não era bom ter Nancy em seu apartamento, não havia dúvida, mas ela poderia, pelo menos, tirar proveito da situação e usar a oportunidade para terminar aquela relação de uma vez por todas. Com um suspiro profundo e decisivo, voltou para a sala de estar.

Nancy estava no sofá, tamborilando de leve na coxa de seu jeans desbotado enquanto esperava. Sadie ficou impressionada ao ver como ela parecia vulnerável, tão jovem. Tinha apenas 45 anos, os cabelos louros caindo retos atrás dos ombros, a franja longa e sem corte.

– Posso lhe oferecer um chá, Nancy?

– Seria ótimo.

Uma rápida análise na cozinha revelou que ela estava sem chá.

– Que tal um uísque?

– Isso seria ainda melhor.

Sadie se lembrou de quanto gostava de Nancy. Em outra vida, poderiam ter sido amigas. Isso era parte do problema. Pegou dois copos e os levou para a mesa de centro junto com o Johnnie Walker. Sabia o que devia fazer: recusar-se a conversar sobre o “desaparecimento” de Maggie, comportar-se como se, para todos os efeitos, a filha de Nancy tivesse acabado de sair e houvesse todas as chances de que voltasse para casa ao fim de uma quinzena, dizer algo como “Você já teve notícias de Maggie?”. Mas, assim que abriu a boca para fazer isso, tornou a fechá-la. Tinha sido uma defensora tão veemente da teoria de que Maggie fora vítima de um crime que soaria incrivelmente falsa. Resolveu deixar Nancy falar primeiro. Serviu o uísque e estendeu um copo a ela.

– Então – disse Nancy –, dei uma olhada nas pessoas que estão se mudando para o apartamento de Maggie. O apartamento *delas* agora. O homem de quem ela alugava decidiu vendê-lo, rápido e sem alarde, como se minha Maggie nunca tivesse existido.

– Você foi ver os novos donos?

– Eu queria ter certeza de que eles sabiam o que aconteceu lá. Só por garantia.

Ela não deu mais detalhes, mas não precisava. Sadie entendia o que ela queria dizer. *Só para o caso de Maggie voltar*. Ela podia imaginar a conversa. Pela experiência de Sadie, a maioria das pessoas não gostava da notoriedade de comprar e morar em um lugar que fizera parte de uma investigação criminal, embora supusesse que o abandono de crianças fosse preferível a uma cena de assassinato.

– E...? – perguntou. – Como foi?

– Eles foram legais. Jovens, recém-casados, sua primeira casa. Ainda estavam desempacotando, mas me convidaram para tomar uma xícara de chá.

– E você aceitou?

– Claro.

Claro. A fé de Nancy em Maggie era feroz, igualada apenas pelos esforços que tinha que empreender para provar que estava certa, que a filha não tinha abandonado a própria filha.

– Queria vê-lo por dentro só mais uma vez. Ela não estava lá, entretanto, minha Maggie. Era um lugar diferente sem as coisas dela.

As coisas de Maggie estavam todas encaixotadas, Sadie sabia, empilhadas no quarto extra de Nancy, o que ela havia montado para Caitlyn. Nancy parecia que ia chorar e Sadie não sabia o que dizer. Não tinha sequer uma caixa de lenços para colocar de forma significativa na mesa de centro entre elas.

– Sei que não faz sentido – prosseguiu Nancy. – Sei que foi uma coisa estúpida. Eles foram legais, me perguntaram sobre ela, mas eu via em seus rostos que estavam com pena de mim, acharam que eu era louca. Uma velha louca e triste. Sei que foi idiota.

Foi idiota. Um casal menos tolerante poderia chamar a polícia. Nancy poderia ter sido acusada de assédio ou mesmo invasão. Mas era compreensível também. Sadie pensou em Loeanneth, ainda mobiliada, setenta anos após o desaparecimento de Theo, e no relato de Clive sobre Eleanor Edevane voltar ano após ano apenas para estar no lugar onde seu filho fora visto pela última vez. Era a mesma coisa, só que Nancy não podia se dar ao luxo de manter um santuário para a filha desaparecida. Tudo o que tinha era um quarto extra, cheio de caixas e móveis baratos.

– Como está Caitlyn? – perguntou, mudando de assunto.

Isso trouxe um sorriso ao rosto de Nancy.

– Ela está bem, a florzinha. Sente falta da mãe. Não a vejo tanto quanto gostaria.

– Eu realmente sinto muito por ouvir isso.

Ela sentia mesmo. Quando entrevistara Nancy pela primeira vez, Sadie tinha ficado impressionada pelo número de fotografias emolduradas da menina exibidas em seu apartamento. Em cima da televisão, penduradas na parede, de pé entre outras fotos na estante. Aparentemente, passaram muito tempo juntas antes que Maggie sumisse. Nancy costumava cuidar de Caitlyn quando Maggie estava trabalhando.

– Sinto que perdi as duas.

Nancy brincou com a borda de uma almofada no sofá de Sadie.

– Mas você não perdeu. Acho que Caitlyn precisará de você mais do que nunca.

– Não sei onde me encaixo. Caty tem uma vida nova. Eles decoraram um quarto especialmente para ela na casa de Steve, cheio de brinquedos, uma cama nova com colcha da Dora, a Aventureira. Dora é sua favorita.

– Eu me lembro – disse Sadie, imaginando a menininha no corredor, sua camisola rosa da Dora.

A lembrança provocou uma dor aguda em seu peito e ela podia ver quanto machucava Nancy pensar que sua filha tinha sido tão facilmente substituída no coração da menina.

– Ela é uma criança. As crianças gostam de brinquedos e personagens de TV, mas sabem o que realmente importa.

Nancy suspirou e afastou a franja do rosto.

– Você é uma boa pessoa, Sadie. Não sei por que estou aqui. Eu não deveria ter vindo, vou acabar metendo você em encrencas.

Sadie não disse que isso já tinha acontecido. Em vez disso, encheu os copos.

– Creio que esteja trabalhando em outra coisa agora.

– Não há descanso para os ímpios.

Sadie considerou esboçar o caso Edevane, só para mudar de assunto, mas decidiu que a semelhança – uma pessoa desaparecida nunca encontrada – seria contraproducente. E Nancy não estava realmente ouvindo, ainda estava pensando em Maggie.

– Sabe o que não faz sentido? – disse Nancy, pousando o copo e esticando os dedos. – Por que Maggie teria deixado Caitlyn depois de todas as dificuldades que enfrentou para tê-la?

– Para concebê-la, você quer dizer?

Sadie ficou ligeiramente surpresa. Era a primeira vez que ouvia falar de questões de fertilidade.

– Meu Deus, não. Eles só precisavam olhar um para o outro, aqueles dois. Eles tiveram que apressar o

casamento, se é que me entende. Não. Estou falando sobre *depois* de se divorciarem, da guarda. Maggie precisou se esforçar muito para provar que era uma boa mãe. Precisou conseguir declarações de testemunhas, se apresentar ao Serviço Social, que fazia visitas e tomava notas. Sendo tão jovem, os tribunais tinham algumas convicções, mas ela estava determinada a não deixar Caitlyn ir. Ela me disse: “Mamãe, Caty é minha filha e o lugar dela é comigo.” – Nancy olhou para Sadie com uma expressão de súplica, de alguma forma triunfante. *Você não vê?*, parecia dizer. – Por que ela passaria por tudo isso só para ir embora?

Sadie não teve coragem de dizer a Nancy que uma batalha judicial não provava nada. Que havia muito poucas separações em que os pais não lutavam com unhas e dentes pela guarda e que sua determinação muitas vezes tinha menos a ver com um desejo de ser pai ou mãe do que com uma vontade de irritar o ex. Ela vira outras pessoas leves e sãs lutarem violentamente na Vara de Família por porquinhos-da-índia, conjuntos de talheres e o retrato que a tia-avó Mildred havia pintado de seu terrier, Bilbo.

– Também não foi fácil. Ele tem uma situação financeira muito melhor que a de Maggie e se casou de novo. Ela temia que os tribunais decidissem que dois adultos em casa, uma mãe e um pai, era melhor do que um. A juíza acertou no final, no entanto. Viu que minha Maggie era uma boa mãe. E ela era uma boa mãe. Eu sei o que Steve lhe disse, aquele negócio de ela ter esquecido de buscar Caitlyn na creche, mas foi um mal-entendido. Ela só se atrasou porque tinha começado em um novo emprego e, assim que percebeu que ia ficar apertado, eu comecei a ajudar. Maggie era uma mãe incrível. Quando Caty fez 2 anos, tudo o que ela queria era uma viagem para a praia e foi o que planejamos fazer no seu aniversário. Tínhamos prometido e prometido e falado sobre isso por semanas, mas no dia anterior ela ficou doente. Uma febre, toda mole e tristonha. Sabe o que Maggie fez? Trouxe a praia até Caty. Buscou no depósito do trabalho restos de materiais e passou a noite inteira fazendo ondas de celofane e papelão, peixes, gaivotas e conchas para Caty catar. Fez um teatro de fantoches só para a filha.

Os olhos azuis de Nancy brilharam com a lembrança. Sadie retribuiu o sorriso dela, mas o seu estava temperado com pena. Entendeu por que Nancy viera essa noite e isso a deixou triste. Não houve avanço no caso. Ela simplesmente queria falar sobre Maggie e, em vez de procurar um amigo ou um parente, escolhera Sadie como sua confidente. Não era incomum que, durante as investigações, os membros da família da vítima desenvolvessem um vínculo anormalmente forte com o policial responsável. Sadie achava que alguém cuja vida fosse virada de cabeça para baixo pelo choque e o trauma de um crime inesperado se agarrava à pessoa que parecia representar soluções e segurança, que parecia estar no comando e ser capaz de consertar as coisas.

Só que Sadie não era mais responsável por encontrar Maggie e, com certeza, não era capaz de consertar as coisas. Não para Nancy Bailey, nem para si mesma. Sadie olhou para o relógio digital do forno. De repente, fora atingida por uma onda de cansaço extremo. O dia fora longo e cansativo. Acordar naquela manhã na Cornualha parecia algo que tinha acontecido com outra pessoa havia muito tempo. Sentia pena de Nancy, mas estavam pisando sobre um terreno antigo que não ia fazer bem a nenhuma das duas. Ela juntou os copos vazios perto da garrafa de uísque.

– Nancy, olhe, desculpe, não quero ser rude, mas estou muito cansada.

A outra mulher assentiu rapidamente.

– Claro que está, desculpe... Eu só fico travada, sabe?

– Eu sei.

– E houve um motivo para eu ter vindo aqui hoje. – Ela tirou algo do bolso, um pequeno caderno de couro. – Tenho revisto as coisas de Maggie, apenas para o caso de encontrar uma nova pista, e vi no diário dela que minha filha saiu para jantar com um homem chamado MT. Estava ali o tempo todo, mas eu não entendi o que era. Lembro agora, ele era um novo colega de trabalho.

Ela estava apontando para as iniciais com uma unha roída até o sabugo.

– Você acha que esse cara, esse MT, poderia estar envolvido? Que ele teve alguma coisa a ver com o seu desaparecimento?

Nancy olhava para ela como se Sadie tivesse enlouquecido.

– Não, sua boba! Acho que ele é a prova de que ela não foi a lugar algum, não por vontade própria. Maggie nunca teve um namorado, não desde que ela e Steve se separaram. Ela não achava certo confundir Caty ao levar outros homens para dentro de casa. Mas esse era diferente, esse MT. Ela me falou dele, entende, mais de uma vez. “Mãe”, disse ela, “ele é tão bonito, muito gentil e engraçado”. Ela achava que ele poderia até ser O Cara.

– Nancy...

– Você não vê? Por que ela iria embora justo quando tudo estava se acertando?

Sadie podia pensar em inúmeras razões, mas motivos pouco importavam naquele momento. Era como Donald sempre dizia: pensar sobre o motivo era uma distração. Elas não viam o que estava bem na sua frente se não pudessem explicá-lo imediatamente. Tudo o que importava era que Maggie tinha ido embora. Havia provas irrefutáveis.

– Havia um bilhete, Nancy.

– Bilhete... – Nancy gesticulou com a mão, frustrada. – Você sabe o que penso desse bilhete.

Sadie sabia o que Nancy pensava. Ela achava que não valia nada. Como era de prever, Nancy estava convencida de que o bilhete era uma farsa. Isso apesar de ter sido dito inúmeras vezes, por mais de um grafologista, com altos graus de certeza, que a mensagem tinha sido escrita por Maggie.

– Não faz sentido – disse Nancy. – Se a conhecesse, concordaria.

Sadie *não* conhecia Maggie, mas havia uma série de coisas que ela sabia. Sabia que havia um bilhete, sabia que Caitlyn estava com fome e assustada quando a encontraram, sabia que a menina estava feliz e segura agora. Sadie olhou para Nancy, sentada do outro lado da mesinha, com o rosto sofrido pelo esforço de inventar infinitas possibilidades para o que poderia ter acontecido com Maggie. Parecia que o cérebro humano tinha uma capacidade criativa ilimitada quando desejava muito alguma coisa.

Ela pensou novamente em Eleanor Edevane, cujo filho também havia desaparecido. Em nenhum lugar nas anotações de Clive havia evidências de que ela fizera sugestões alternativas sobre onde seu filho poderia estar. De fato, Clive disse que tinha se comportado com elegância, que deixara silenciosamente a polícia fazer seu trabalho, que seu marido a tinha impedido de desmoronar e ajudar nas buscas, que ela havia se recusado a anunciar uma recompensa, mais tarde, porém dera dinheiro à polícia em agradecimento por seus esforços.

De repente, esse comportamento pareceu a Sadie muito pouco natural. Diferentemente da crença feroz de Nancy Bailey de que a polícia estava errada e de suas incansáveis tentativas de encontrar novos caminhos para a investigação. De fato, a passividade de Eleanor Edevane podia quase ser lida como mais uma evidência de que ela já conhecia o paradeiro do filho. Clive com certeza não tinha pensado assim. Ele estava convencido de que ela fazia um tremendo esforço para se controlar e só desmoronou com a tragédia do suicídio de seu amigo Llewellyn.

Mas nem sempre se podia contar com os detetives envolvidos na investigação para olhar além do relacionamento pessoal que haviam criado com as famílias, especialmente um jovem policial em início de carreira. Sadie se sentou em silêncio, sua mente de repente ativa, passando por cima das possibilidades. A doação à polícia era na verdade algum tipo de pedido de desculpas por desperdiçar seu tempo e seus recursos em uma busca que ela sabia que seria infrutífera? À procura de um menino que já estava morto? Que talvez já estivesse enterrado no solo de Loanneth? Na floresta, talvez, que dava à casa total privacidade?

– Sinto muito. Você está cansada. Melhor eu ir.

Sadie piscou. Perdida em seus pensamentos, quase tinha esquecido a visitante.

Nancy pendurou sua bolsa no ombro e se levantou.

– Foi gentileza sua me receber.

– Nancy...

Sadie parou. Não tinha certeza do que dizer. *Lamento que o resultado não tenha sido diferente. Sinto muito por ter decepcionado você.* Ela não era de abraçar e, mesmo assim, naquele momento, Sadie sentiu um desejo irresistível de abraçar a outra mulher. E foi o que fez.



Depois que Nancy saiu, Sadie ficou um tempo sentada no sofá. Ainda estava cansada, mas sua mente estava muito inquieta para dormir. Amaldiçoou-se por ter devolvido aquela dissertação “Escapadas ficcionais” antes de sair da Cornualha. Um bom sedativo agora seria útil. A tristeza da outra mulher, a solidão e a evidente traição que sentia diante da fuga da filha deixaram um eco sombrio no apartamento. Era uma pena que ela se sentisse afastada de Caitlyn, mas Sadie estava contente que a menina tivesse um pai amoroso, com uma segunda esposa preparada para assumir a filha de outra mulher. Havia algumas pessoas boas no mundo, pessoas como Bertie e Ruth.

Naquele verão, quando Sadie descobriu que estava grávida, houve uma terrível série de discussões com seus pais. Eles tinham sido inflexíveis quanto a que “as pessoas não devem saber” e tinham exigido que ela “cuidasse disso” o mais rápido e silenciosamente possível. Sadie ficara confusa e assustada, mas recusara. As coisas tinham piorado, seu pai gritara e a ameaçara e, por fim – ela não conseguia se lembrar agora se fora ele ou ela quem dera o ultimato –, Sadie saiu de casa. Foi quando o Serviço Social se envolveu, perguntando se havia alguém com quem ela pudesse ficar enquanto as coisas esfriavam, família ou amigos que pudessem recebê-la. De início, Sadie dissera que não. Só depois de pressionarem foi que ela se lembrou dos avós, a quem costumava visitar quando era mais nova. Lembranças vagas lhe ocorreram: da viagem para Londres, dos assados dos almoços de domingo e do pequeno jardim murado. Houvera uma briga, ela lembrou – era comum que seus pais, como muitas das pessoas tacanhas e inflexíveis, brigassem com os outros –, e sua mãe rompera com os pais dela quando Sadie tinha 4 anos.

Sadie ficou nervosa quando encontrou Bertie e Ruth outra vez depois de tantos anos. As circunstâncias do reencontro a fizeram se sentir envergonhada e, portanto, indignada. Ela ficou de pé, apoiada na parede da loja, tímida, fingindo estar mal-humorada, enquanto o Sr. e a Sra. Gardiner falavam amenidades com os avós para os quais ela mal conseguia olhar. Ruth batia papo, enquanto Bertie permanecia em silêncio ao seu lado, com suas sábias sobranceiras franzidas, e Sadie se concentrava em seus sapatos, suas unhas, o cartão emoldurado da caixa registradora – qualquer coisa que não fosse os adultos bem-intencionados que haviam assumido recentemente o controle sobre seu pequeno mundo.

Foi quando ela estava ali, olhando para o cartão-postal, uma fotografia em sépia de um portão de jardim em algum lugar, que sentiu o bebê chutar pela primeira vez. *Como se compartilhássemos o segredo mais incrível, aquela pessoinha minúscula e escondida e eu*, Eleanor escrevera a Anthony no papel com bordas de hera. Foi exatamente assim que pareceu a Sadie. Apenas os dois contra o mundo. Foi então que se insinuou pela primeira vez a ideia de que talvez ela pudesse ficar com seu bebê, que talvez tudo estivesse bem enquanto estivessem juntos. Não fazia nenhum sentido prático: aos 16 anos, não tinha renda nem perspectivas, não sabia nada sobre cuidar de uma criança – ela mesma ainda era uma –, mas o desejo foi tão forte que a deixou sem sentidos por algum tempo. Hormônios, foi o que as enfermeiras lhe disseram.

Com um suspiro, pegou a pilha de correspondências na mesa e começou a separar o que era conta e o que ia para o lixo. Tinha quase terminado quando chegou a um envelope que não era nem uma coisa nem outra. Seu endereço estava escrito à mão, a letra imediatamente reconhecível, e, por uma fração de segundo, Sadie pensou que devia ser a mesma carta que tinha devolvido na semana passada, que o carteiro se enganara e entregara de novo a ela, e não ao remetente. Então percebeu que, claro, era uma nova carta, que Charlotte Sutherland havia escrito de novo.

Ela se serviu de um uísque.

Uma parte de Sadie não queria abrir o envelope, mas outra parte queria ver o que estava escrito.

A parte curiosa ganhou. Geralmente ganhava.

A primeira metade da mensagem era muito semelhante à anterior, formal e educada, explicando quem ela era e contando um pouco sobre si mesma, suas realizações e hobbies, do que gostava e do que não gostava, mas, quando Sadie chegou ao último parágrafo, notou que a escrita perdia a firmeza, tornando-se irregular.

Um par de linhas em particular chamava atenção: *Por favor, responda. Não quero nada de você, só quero saber quem eu sou. Não me reconheço, me olho no espelho e não sei mais quem sou. Por favor*

Sadie deixou cair a carta como se queimasse sua mão. As palavras soaram verdadeiras. Poderiam ter sido suas, quinze anos antes. Lembrou-se vividamente da dor de sentir que já não se reconhecia. De olhar, no espelho da casa de Bertie e Ruth, o inchaço de sua barriga antes reta, a sensação de outra vida se movendo lá dentro. Pior, porém, foi depois, sua pele carregando as marcas da experiência que tivera. A esperança de tornar a ser como antes e a percepção, quando era tarde demais, de que era impossível voltar atrás.

No hospital, elas eram aconselhadas a não dar nome a seus bebês. Era mais fácil assim, ao que parecia, e todo mundo estava muito preocupado que as coisas fossem fáceis. Ninguém queria uma cena. Eles tinham que lidar com isso de vez em quando, a enfermeira lhe contara, não importava quão cuidadosos fossem. Era inevitável, ela continuara, com aquela sabedoria tranquila. Independentemente da qualidade de seu sistema, sempre havia algumas cenas. Houve uma menina, de cabelos escuros e aparência italiana, cujos gritos Sadie ainda ouvia de vez em quando – *Eu quero meu bebê, me dê meu bebê* –, disparando pelo corredor pintado de branco, seu vestido franzido e os olhos selvagens.

Sadie não tinha gritado. Ela mal falara. E quando Bertie e Ruth foram buscá-la, quando tudo acabou, ela desceu aquele corredor com suas roupas velhas e seus olhos na porta, como se nada tivesse acontecido e todo o episódio pudesse ser deixado para trás naquele quarto verde-pálido, com a fissura no formato do rio Nilo na parede.

Em seu trabalho, Sadie tinha lidado com mães jovens e sabia que, atualmente, as agências trabalhavam com as mães para arranjar as adoções. Elas eram autorizadas a ver e dar nome a seus bebês após o nascimento, passar um tempo com eles. Em alguns casos, era possível receber notícias sobre o desenvolvimento de seus filhos e até mesmo visitá-los.

Mas as coisas eram diferentes naquela época. Havia mais regras, regras diferentes. Enquanto estava deitada na cama, o braço ainda conectado a um monitor na mesa ao lado, enfermeiras movendo-se de um lado para outro, na grande agitação que se segue ao nascimento de um bebê, ela havia segurado em seus braços um pacote estranho e quente, de membros magros, barriga arredondada e bochechas que pareciam de veludo.

Noventa minutos.

Sadie segurou sua bebê por noventa minutos antes de ela ser levada, uma pequena mão trêmula e assustada saindo do cobertor listrado de branco e amarelo no qual estava embrulhada. Era a mesma mãozinha milagrosa que Sadie passara a última hora e meia acariciando e embalando, que tinha se fechado firmemente ao redor de seu dedo como se para reivindicá-la, e, por um momento, um enorme vazio se abriu no quarto entre elas. Para lá fluíram todas as coisas que Sadie queria dizer àquela menina, as coisas que queria que ela soubesse, sobre a vida e o amor, o passado e o futuro, mas as enfermeiras tinham um sistema e, antes que Sadie pudesse pensar, muito menos falar, o pacotinho desapareceu. O eco de seu grito ainda fazia Sadie tremer às vezes. O calor daquela mãozinha minúscula a fazia acordar suando frio. Mesmo agora, ali em sua sala de estar, ela estava fria, muito fria. Sadie tinha quebrado apenas uma das regras do hospital. Ela dera um nome à sua filha.



As cervejas com Donald, o uísque com Nancy, o sufocamento dos pensamentos sentimentais a desgastaram e, embora fossem apenas nove e meia, Sadie devia ter cochilado, pois a próxima coisa de que se deu conta foi seu celular tocando. Ela piscou na luz fraca de seu apartamento, tentando lembrar onde havia deixado o maldito aparelho.

O carregador. Sadie tropeçou para atender, trazendo a mente de volta à clareza. Sua cabeça estava cheia de bebês. Bebês perdidos, bebês adotados, bebês abandonados. Talvez até um bebê assassinado.

Pegou o celular e viu um monte de chamadas perdidas na tela, todas de um número que não reconhecia.

– Alô?

– Detetive Sadie Sparrow?

– Sou eu.

– Meu nome é Peter Obel. Trabalho como assistente da escritora A. C. Edevane.

Alice. Sadie sentiu uma onda de adrenalina. De repente, ela estava muito acordada.

– Ok.

– Lamento ligar tão tarde, mas é um assunto delicado e eu não queria deixar uma mensagem.

Aquele era o momento em que ele ameaçava tomar as providências legais se ela não deixasse sua patroa em paz.

– A Sra. Edevane recebeu suas cartas sobre o desaparecimento de seu irmão Theo e me pediu que ligasse para você.

– Ok.

– Ela gostaria de marcar um encontro para conversar com você sobre o caso. Sexta-feira ao meio-dia está bom?

A primeira lembrança real que Alice tinha do pai foi de um dia que passaram no circo. Poucas semanas depois de ela ter completado 4 anos, quando as tendas vermelhas e amarelas tinham chegado como mágica a um campo vazio nos limites da aldeia.

– Como eles souberam que era meu aniversário?– perguntou à mãe, os olhos arregalados de alegria ao passar pelo local.

A animação foi crescendo ao longo dos dias seguintes, cartazes aparecendo nas paredes e nas vitrines, com palhaços, leões e, a favorita de Alice, uma menina voando alto em um balanço brilhante, fitas vermelhas ondulando atrás dela.

A pequena Clementine sofria de pneumonia, então, quando o grande dia enfim chegou, a mãe ficou em casa, enquanto eles saíram de mãos dadas através dos campos. Alice pulava ao lado do pai, a saia de seu vestido novo saltando graciosamente, tentando pensar em coisas para dizer a ele, tímida, mas cheia de uma sensação de importância. Ocorria-lhe agora que Deborah também devia estar lá, mas a mente de Alice tinha apagado a irmã da memória. Quando chegaram, foram recebidos pelo cheiro de serragem e adubo, o som da música de parque, crianças guinchando e cavalos relinchando. Uma tenda gigante surgiu diante deles, sua boca escura, larga e aberta, o toldo pontudo que perfurava o céu, e Alice parou onde estava para contemplar, de olhos arregalados, a bandeira amarela hasteada no alto, tremulando à brisa enquanto pequenos estorninhos voavam acima.

– É colossal – disse, satisfeita com a palavra, uma nova que tinha ouvido a Sra. Stevenson usar na cozinha e, desde então, ansiava por empregar.

Pessoas em fila se empurravam na entrada, crianças e adultos tagarelando animadamente enquanto desapareciam debaixo da cobertura alta e tomavam seus lugares nos bancos. Havia uma tensão estática no ar enquanto esperavam o espetáculo começar. O sol queimava e o cheiro das lonas quentes se misturava ao da expectativa, até que finalmente um tambor rufou, silenciando vozes e trazendo todos para a beirada de seus assentos. O apresentador se pavoneava, os leões rugiam e os elefantes carregavam dançarinas ao redor do picadeiro. Durante todo o espetáculo Alice permaneceu paralisada, sua atenção se desviando da ação apenas de vez em quando e muito rapidamente para olhar o pai ao seu lado, absorver seu rosto franzido, as faces encovadas, a barba feita. Ele ainda era uma novidade, a peça que completava o quebra-cabeça, aquilo de que sentiram falta nos anos de guerra, mesmo sem saber: o cheiro da espuma de barbear, o par de botas enormes no salão, o calor profundo de sua risada rouca.

Depois, ele comprou um saco de amendoins e eles foram de jaula em jaula, esticando a mão por entre as grades, estendendo a palma aberta para receber uma lambida áspera. Havia um homem vendendo doces em uma carrocinha vistosa e Alice puxou o braço do pai até que ele consentiu. Com as maçãs do amor na mão, cheios da sensação de prazer e cansados, seguiram para a saída, onde encontraram um homem com tocos de madeira no lugar das pernas e um pedaço de metal cobrindo metade do rosto. Alice olhou para ele pensando que fosse outra atração, como a mulher barbada ou o palhaço anão com seu chapéu alto e o rosto de pintura triste, mas, então, seu pai a surpreendeu ajoelhando-se ao lado do homem e falando baixinho com ele. O tempo passou e Alice ficou entediada, chutando a terra e comendo a maçã até o palito pegajoso.

Eles voltaram para casa pelas falésias, o mar batendo lá embaixo e margaridas brotando nos campos. O pai explicou que o homem com a máscara de metal fora um soldado como ele; que nem todos tiveram a sorte de voltar para uma casa maravilhosa como a deles, para uma bela esposa e filhos; que muitos deixaram uma parte de si na lama da França.

– Mas não você – disse Alice, corajosa, orgulhosa por seu pai ter voltado incólume, por manter ambos os lados de seu belo rosto.

Qualquer coisa que Anthony pudesse ter dito em resposta foi perdida quando Alice, equilibrando-se na corda bamba de pedras irregulares, escorregou e caiu, fazendo um grande corte no joelho. A dor foi imediata e aguda, ela chorava lágrimas de raiva contra a pedra que tinha pulado em seu caminho e provocado a queda. Seu pai protegeu-lhe o joelho amarrando um lenço nele enquanto falava palavras suaves que a faziam esquecer da dor, antes de levá-la nas costas para casa.

– Seu pai sabe como consertar as coisas – disse a mãe mais tarde, quando chegaram, bem-humorados e com os rostos queimados de sol, depois de terem tomado banho, se penteado e comido ovos cozidos no quarto das crianças. – Antes de você nascer, ele foi para uma grande universidade aonde só as pessoas mais brilhantes da Inglaterra podem ir. Foi lá que aprendeu a fazer as pessoas se sentirem melhor. Foi lá que ele aprendeu a ser médico.

Alice franziu a testa, considerando aquela nova informação antes de balançar a cabeça contra o erro de sua mãe.

– Meu pai não é médico – disse ela. – Ele não é como o Dr. Gibbons. – O Dr. Gibbons tinha dedos frios e mau hálito. – Meu pai é um mágico.

Eleanor sorriu e, então, pegou Alice no colo e sussurrou:

– Eu já lhe contei que seu pai salvou minha vida?

Alice se acomodou para ouvir a história que se tornaria uma de suas favoritas, sua mãe contando tão vividamente que Alice podia sentir o cheiro da mistura de gases de escape e estrume, ver a Marylebone Road movimentada com ônibus, carros e bondes, sentir o medo de sua mãe ao olhar para cima e ver o anúncio de chá Lipton batendo nela.

– Alice?

Ela piscou. Era Peter, seu assistente. Ele estava esperando.

– Não falta muito – disse ele.

Ela olhou para o relógio.

– Talvez. Embora muito poucas pessoas sejam pontuais, Peter. Você e eu ainda somos exceções.

Ela tentava impedir que sua voz transparecesse seu nervosismo, mas o sorriso gentil dele lhe disse o havia falhado.

– Há alguma coisa que você gostaria que eu fizesse quando ela estiver aqui? – perguntou ele. – Eu poderia tomar notas ou preparar um chá?

Basta estar aqui, ela queria dizer, *então nós seremos dois e ela, apenas uma. E não vou me sentir tão vulnerável.*

– Não consigo pensar em nada – respondeu ela, sem pressa. – Se a detetive ainda estiver aqui depois de quinze minutos, você pode oferecer chá. Não vou levar mais tempo do que isso para determinar se ela é ou não uma perda de tempo. Enquanto isso, você também pode ir fazendo outras coisas.

Ele acatou sua instrução e saiu para a cozinha, onde estivera trabalhando toda a manhã naquele bendito site. Em sua ausência, a sala logo voltou a ficar carregada de lembranças teimosas. Alice suspirou. Todas as famílias eram um conjunto de histórias e, no entanto, a sua, ao que parecia, tinha mais camadas de narrativas e recapitulações do que a maioria. Para começar, eles eram muitos e todos gostavam de conversar, escrever e pensar. Como tinham morado em Loeanneth, uma casa com uma história própria bastante rica, era inevitável que tivessem construído suas vidas como uma série de histórias. Mas parecia haver um capítulo muito importante que nunca fora contado. Uma verdade tão importante, tão central, que seus pais tinham tomado como projeto de vida mantê-la secreta. Alice estivera errada naquele dia no circo, quando teve pena do homem

com os tocos e o rosto de metal enquanto ela pulava ao lado do pai e se vangloriava de ele estar inteiro. Seu pai também havia perdido parte de si na França.

– Mamãe me contou logo depois do Dia da Vitória na Europa – disse Deborah na terça-feira, quando se sentaram juntas em sua sala, tomando chá, seu inexplicável *mea culpa* ainda pairando entre elas. – Estávamos no meio da preparação para a comemoração e papai descansava lá em cima. Ele estava muito perto do fim e eu a peguei em um clima reflexivo, suponho. Falei algo banal sobre como era maravilhoso que a guerra tivesse, enfim, acabado, que todos os rapazes pudessem voltar para casa e continuar com suas vidas e ela não respondeu. Mamãe estava de costas para mim, em cima de uma escada, prendendo uma bandeira britânica na janela. Achei que ela não tivesse ouvido. Só quando repeti foi que vi seus ombros tremendo e percebi que ela estava chorando. Foi quando me contou sobre o papai, sobre como ele tinha sofrido. Como ambos sofreram depois da Primeira Guerra.

Alice, sentada no sofá com uma xícara de chá de porcelana na mão, ficou completamente confusa. Pelo trauma de guerra do pai, porém, mais do que isso, pela escolha de Deborah de revelar isso agora, no dia em que se encontraram para falar sobre Theo. Ela disse:

– Nunca houve qualquer indício de que ele tivesse um trauma. Eles viveram em Londres durante a Blitz, pelo amor de Deus. Eu os vi muitas vezes e ele nunca estremeceu com o barulho.

– Não era assim, segundo mamãe. Sua memória não era mais tão boa quanto antes e suas mãos tremiam por causa da exposição a gás mostarda... Ele não pôde terminar sua formação e trabalhar como cirurgião, o que o deixou muito deprimido. Mas o verdadeiro problema era mais específico, algo que tinha acontecido lá e pelo qual ele não conseguia se perdoar.

– O que aconteceu?

– Ela não contou. Não tenho certeza se ela sabia e ele se recusava a procurar médicos, mas, seja lá o que tenha feito ou visto, lhe causou pesadelos a vida toda e, quando ele estava aterrorizado, não era mais o mesmo.

– Não acredito. Nunca vi sinal disso.

– Eles tinham um acordo. Mamãe falou que eles tomavam muito cuidado para esconder isso de nós, de todos. Papai estava determinado a não permitir que soubéssemos de algo. Fora muito sacrifício, ele dizia, para que falhasse em seu papel de pai. Senti muita pena dela quando me contou. Percebi como se sentira sozinha. Sempre pensei neles como autossuficientes, isolados por opção, mas, de repente, me ocorreu que ela se recolhera em consequência da condição de papai. Cuidar de alguém doente é bastante difícil, mas manter sua condição em segredo significa cortar laços com amigos e familiares, mantendo-se ao largo. Ela não teve ninguém em quem confiar durante todo esse tempo. Fui uma das primeiras pessoas a quem ela contou desde 1919. Mais de 25 anos!

Alice olhou para o console da lareira de Deborah, onde havia uma fotografia emoldurada de seus pais no dia do casamento deles, incrivelmente jovens e felizes. A inviolabilidade do casamento de Eleanor e Anthony tinha sido uma certeza na mitologia da família Edevane, até onde Alice podia se lembrar. Descobrir que os dois haviam escondido um segredo todo aquele tempo era como olhar para um modelo exemplar e de repente descobrir que era falso. Para piorar a questão e aumentar sua indignação, havia o fato de que Deborah sabia de algo de que, ao longo de quase sessenta anos, ela, Alice, fora mantida na ignorância. As coisas não eram assim. *Ela* era a detetive da família, aquela que sabia de coisas que não deveria saber. Alice empinou o queixo.

– Por que o segredo? Papai era um herói de guerra, não há vergonha nisso. Teríamos compreendido. Poderíamos ter ajudado.

– Concorro, mas, é claro, ela lhe fez uma promessa logo depois que ele voltou, e você sabe como se sentia por causa disso. Lembro que houve algum tipo de incidente e depois ela prometeu que ninguém jamais saberia. Ele nunca teve que se preocupar em nos assustar, ela simplesmente não permitiria que isso acontecesse. Eles aprenderam a reconhecer os sinais de uma crise iminente e ela se certificava de nos manter longe dele até que passasse.

– Com ou sem promessa, com certeza nós teríamos *sabido*.

– Eu também duvidei, mas então comecei a me lembrar de coisas. Centenas de medos bobos, pensamentos e observações voltaram. Percebi que, de alguma forma, eu já sabia. Eu sempre soube.

– Bem, eu não sabia mesmo e tenho o hábito de ficar atenta.

– Eu sei que você tem. Você é quem sempre sabe das coisas primeiro. Mas era mais nova.

– Só dois anos.

– Dois anos fundamentais. E você estava fora, em seu mundo particular, a maior parte do tempo, enquanto eu observava os adultos, ansiosa para me juntar a eles no ar rarefeito lá em cima. – Deborah sorriu sem alegria. – Vi coisas, Alice.

– Que tipo de coisas?

– Portas que se fechavam depressa quando eu me aproximava, vozes altas que, de repente, silenciavam, um olhar no rosto de mamãe, uma mistura particular de preocupação e amor quando papai ia para o bosque e ela ficava esperando que ele voltasse. Todas aquelas horas que passava sozinho em seu escritório e a insistência de mamãe de que não devíamos incomodá-lo, aquelas viagens intermináveis para a cidade para buscar encomendas. Em uma ocasião, me esgueirei lá para cima e descobri que a porta estava trancada.

Alice acenou com uma mão desdenhosa.

– Ele queria privacidade. Se eu tivesse filhos, trancaria a porta do meu escritório também.

– Estava trancada pelo lado de fora, Alice. E quando mencionei o fato para mamãe tantos anos mais tarde, quando ela finalmente me contou sobre o trauma de guerra, ela falou que tinha sido por insistência dele, que, quando ele sentisse uma crise se aproximando, especialmente quando parecesse que seria uma crise de raiva, não haveria nada que ele não pudesse fazer para nos poupar de algum mal.

– Algum mal! – zombou Alice. – Nosso pai nunca teria nos machucado.

Essa sugestão era tão ridícula que Alice estava confusa por sua irmã levantá-la. Elas deveriam estar falando sobre Theo, sobre o que acontecera com ele. Até onde Alice sabia, o trauma do pai não tinha nada a ver com Benjamin Munro e com o sequestro que ela descrevera para ele.

– Ele nunca teria nos machucado – voltou a afirmar.

– Não intencionalmente – retrucou Deborah. – E mamãe deixou muito claro que sua raiva era sempre dirigida a ele mesmo. Mas nem sempre estava no controle.

Agora, como uma corrente de ar que entra pela janela, a percepção fria atingiu Alice. Elas estavam falando de Theo.

– Você acha que papai machucou Theo?

– Mais do que isso.

Alice sentiu a boca se abrir e um pequeno sopro de ar escapar. As coisas antes implícitas ficaram claras. Deborah acreditava que seu pai havia matado Theo. *Papai*. Que ele tinha sofrido algum surto de raiva provocado pelo trauma de guerra. Que havia matado acidentalmente seu irmãozinho.

Mas não, Alice *sabia* que não fora isso que tinha acontecido. Fora Ben que havia pegado Theo. Ele seguiu o plano que ela havia esboçado em seu manuscrito, com a intenção de enviar um pedido de resgate para chantagear seus pais pelo dinheiro de que precisava para ajudar Flo, sua amiga de Londres, que estava passando por dificuldades. E, embora isso pudesse parecer exagerado, Alice não confiava em um palpite. Ela o vira no bosque de Loeanneth naquela noite.

A alternativa que Deborah sugeria era absurda. Papai era o homem mais gentil que ela conhecia, o mais bondoso. Ele nunca teria feito isso, nem mesmo sob um surto de raiva terrível. A perspectiva era angustiante. Não era possível.

– Não acredito – disse Alice. – Nem por um minuto. Na hipótese de papai ter feito o que você diz, então o que aconteceu com Theo? Com seu corpo, quero dizer.

– Acho que ele foi enterrado em Loeanneth. Escondido, talvez, até a polícia ter ido embora, e depois enterrado.

Apesar do horrível cenário que ela estava descrevendo, Deborah soou incrivelmente calma, como se de alguma forma tirasse força da indignação de Alice.

– Não – rebateu Alice. – Mesmo deixando de lado a violência, nosso pai não era capaz desse tipo de farsa. Ele e mamãe se amavam. Isso era real. As pessoas viam como eram próximos. Não. Não só acho impossível imaginar que papai fosse capaz de um ato tão hediondo como não posso aceitar que ele tivesse mantido esse segredo de mamãe. Enterrar Theo, pelo amor de Deus, enquanto ela enlouquecia de preocupação quanto ao seu paradeiro...

– Não foi isso que eu disse.

– Então...?

– Pensei muito nisso, Alice. Pensei nisso até ter medo de que fosse ficar louca. Lembra como eles ficaram depois? Tremendamente próximos no início, de modo que você nunca via um sem o outro, mas, quando saímos de Locanneth e voltamos a Londres, uma distância estranha se estabeleceu entre eles. Não de modo que qualquer um que não os conhecesse percebesse, apenas uma mudança sutil. Era quase como se estivessem fingindo, sendo muito cuidadosos um com o outro. Aparentemente, ainda amorosos nas conversas e no comportamento, mas com uma nova rigidez, como se estivessem trabalhando muito duro para fazer algo que antes era natural. E a maneira como eu a via olhando para ele às vezes: com preocupação e afeição, mas também com algo mais, alguma coisa mais obscura. Acho que ela sabia o que ele tinha feito e o acobertou.

– Mas por que ela teria feito uma coisa dessas?

– Porque ela o amava. E porque devia isso a ele.

Alice forçou sua mente, lutando, mais uma vez, para entender a conexão. Era uma experiência estranha. Ela não gostou. Sentiu-se voltando ao papel de irmã mais nova pela primeira vez em décadas.

– Por causa do modo como se conheceram? A ideia de mamãe de que ele salvara sua vida no dia dos tigres e de que havia salvado Locanneth para ela?

– Isso também, mas havia outra coisa. É o que estou tentando lhe dizer, Alice. Tem tudo a ver com o que Clemmie viu pela janela da casa de barcos.

O calor foi instantâneo. Alice se levantou, se abanando.

– Alice?

Elas iam enfim falar sobre Benjamin Munro. A lembrança inundou Alice, o modo como ela se ofereceu para ele naquela tarde na casa de barcos, só para ser rejeitada, tão gentilmente, tão educadamente que ela teve vontade de abrir um buraco no chão e se enfiar lá até não poder mais sentir a agonia e a vergonha de ter sido tão estúpida, tão pouco amável, tão *infantil*. *Você é uma ótima menina, Alice*, dissera ele. *Nunca conheci ninguém com uma mente tão inteligente quanto a sua. Você vai crescer, ir a lugares, conhecer pessoas e nem vai se lembrar de mim*.

– Você está bem? – O rosto de Deborah estava cheio de preocupação.

– Sim. Sim, desculpe, eu só tive uma súbita...

Há outra pessoa, não é?, disparara ela, como faziam todas as grandes heroínas românticas afrontadas. Ela não acreditou nisso nem por um minuto, foi apenas algo para se dizer, mas ele não respondeu. Seu rosto se encheu de empatia e ela percebeu, de repente, que estava certa.

– Uma súbita...

– É muita coisa para absorver.

– Sim.

Alice sentou-se de novo no sofá de linho de Deborah e uma expressão veio a sua mente, algo que tinha ouvido uma mulher dizer a outra no metrô e anotado para usar em um romance: *Eu disse a mim mesma para vestir minha roupa de adulta e continuar a fazer o que tinha que ser feito*. Alice estava cansada de esconder. Já estava na hora de vestir sua roupa de adulta e confrontar o passado.

– Você estava falando da Clemmie – retomou ela. – Acho que ela lhe contou o que viu pela janela da casa de barcos.

– Sim, e é por isso que nunca vou me perdoar – disse Deborah. – Eu contei ao papai, entende? Fui eu que despertei sua crise de fúria naquele dia.

Alice franziu a testa.

- Eu realmente não consigo entender o que uma coisa tem a ver com a outra.
 - Você sabe o que Clemmie viu?
 - Claro que sei.
 - Então sabe como deve ter sido confuso para ela. Clemmie foi direto me procurar e eu avisei que cuidaria de tudo. Contar ao papai era a coisa mais distante da minha cabeça na hora, mas por fim senti tanta pena dele e fiquei com tanta raiva dela... Eu era ingênua e tola. Deveria ter mantido minha boca fechada.
- Alice estava completamente confusa. Ele, ela, com raiva de quem? Clemmie? Como o que acontecera entre Alice e Ben na casa de barcos tinha enfurecido seu pai a ponto de Deborah acreditar que ele seria capaz de machucar Theo, logo ele? Com um suspiro exasperado, Alice ergueu as mãos.
- Deborah, pare, por favor. O dia foi muito longo e minha cabeça está zozna.
 - Sim, claro, pobrezinha. Quer outro chá?
 - Não, eu não quero outro chá. Quero que você volte um pouco e me diga exatamente o que Clemmie viu.



Então Deborah contou e, quando terminou, Alice teve vontade de se levantar e deixar aquela linda sala, ficar sozinha, sentar-se em silêncio num lugar onde ninguém a incomodasse e ela pudesse se concentrar, invocar a lembrança de todos os encontros que teve com ele, cada conversa, cada sorriso que trocaram. Ela precisava entender como tinha sido tão cega. Porque, no fim, ela estivera errada todo esse tempo. Clemmie não tinha visto Alice pela janela e Deborah não sabia nada sobre sua paixão por Ben Munro. Ela, com certeza, não suspeitara que Alice o ajudara a sequestrar Theo. Tinha os próprios motivos para lembrar o nome do jardineiro depois de todo esse tempo.

Alice não ficou muito tempo depois daquela conversa. Alegou cansaço e prometeu a Deborah que elas se encontrariam de novo em breve e, então, partiu. No metrô, ficou sentada, imóvel, uma série de emoções lutando para dominá-la enquanto examinava as novas informações.

Não podia acreditar no que tinha feito. Uma criança tão desesperada e desejosa, tão absorta em seu próprio mundo que não tinha visto o que de fato estava acontecendo. Clemmie sabia, porém, e tentara contar a Alice naquela noite sombria durante a Blitz, mas, mesmo assim, quase dez anos depois, quando eram mulheres crescidas e a guerra lhes revelara os males do mundo, Alice fora muito estúpida para ouvir. Muito envolvida na própria visão equivocada. Preocupada com o fato de que Clemmie a tivesse visto com Ben e, portanto, pudesse ligá-la a um sequestrador. Mas Clemmie não tinha visto Alice e Ben juntos. Alice estava errada sobre isso. Seria possível que ela estivesse errada sobre o que acontecera a Theo também?

Alice passou a tarde toda no metrô, mal notando os outros passageiros. Havia acreditado em sua versão dos fatos por muito tempo, mas a revelação de Deborah trouxera à tona perguntas simples, triviais. Ela sempre entendera que a falta de um pedido de resgate significava que alguma coisa tinha dado errado durante o sequestro. Mas agora, olhando de fora de sua angústia culpada, parecia um tiro arriscado demais, uma suposição com pouca evidência que a sustentasse. Parecia uma ideia tirada de uma ficção, e uma ficção ruim, por sinal.

A certeza de Alice de ter visto Ben no bosque naquela noite – uma visão sobre a qual ela fundamentara toda a sua convicção – parecia o desejo de uma jovem sugestível que não queria nada mais do que vê-lo novamente. Estava escuro, ela se encontrava a certa distância, havia trezentos estranhos em Loeanneth para a festa do solstício. Poderia ter sido qualquer um. Poderia não ter sido ninguém. O bosque podia ser dissimulado assim, moldando sombras, pregando peças nas pessoas. Ela poderia nunca ter ido lá. Várias coisas poderiam ter acontecido de forma diferente se ela tivesse esperado pelo Sr. Llewellyn como havia prometido. Não menos importante, seu velho amigo poderia não ter morrido. (Havia, então, um pensamento que ela tentava normalmente manter afastado. O fato de ela não tê-lo encontrado, como combinado, a coisa

“importante” que ele queria discutir com ela, o pobre velho deitado ao lado do córrego para morrer. Teria sido capaz de salvá-lo se tivesse ido vê-lo em vez de se dirigir ao bosque?)

Aceitar as dúvidas era como acender um fósforo. Toda a ideia agora parecia uma grande bobagem: um jardineiro cuja amiga precisa de dinheiro sequestra o filho de seus patrões na noite de uma grande festa com a intenção de pedir resgate. Ele usa um túnel secreto e um frasco de remédios para dormir, executando o plano exatamente como fora delineado por uma menina de 16 anos com inclinação para a ficção... Era risível. Ben não era um sequestrador. Alice havia permitido que a culpa a cegasse. Suas convicções de adolescente foram tomadas como certas e nenhum raciocínio adulto foi capaz de mudá-las. Mas ela não havia tentado mudá-las. Tinha se desviado de seu caminho para evitar pensar nisso.

A versão de Deborah dos fatos, embora desagradável, tinha uma clareza que Alice não tinha. Havia uma lógica e uma simplicidade subjacentes à sequência de eventos, até mesmo uma inevitabilidade. Theo nunca tinha saído de Loanneth. Foi por isso que a polícia não encontrou nenhum vestígio dele no mundo lá fora. Ele tinha encontrado seu fim em casa, nas mãos de alguém que ele amava e em quem confiava. Outra vítima da Grande Guerra e de seus horrores duradouros.

A descoberta era como se uma morte antiga acontecesse de novo e, ali no metrô, escondida atrás de seus óculos de sol, Alice sentiu as lágrimas arderem em seus olhos. Lágrimas por seu irmãozinho, mas também por seu pai, um bom homem culpado da ação mais hedionda. A vida naquele momento parecia impossivelmente cruel e fria, e de repente ela se sentiu muito cansada. Alice não acreditava em Deus, mas agradeceu a Ele mesmo assim por Clemmie ter morrido sem saber. Que ela tivesse morrido acreditando em seu conto de fadas sobre o casal sem filhos e a feliz vida nova de Theo.

O constrangimento e o remorso, o horror e a dor, e ainda outra emoção brincavam nas bordas de sua experiência quando ela enfim tomou seu caminho para casa naquele dia, uma emoção mais leve, a que ela lutara para se agarrar. Só no início da noite, quando saiu da estação de Hampstead, Alice percebeu que era alívio. Durante todo esse tempo, ela se culpava por ter contado a Ben sobre o túnel, mas, após setenta anos, a revelação de Deborah – a *possibilidade* de aceitar que tivesse acontecido uma versão diferente dos fatos naquela noite – libertou Alice de alguma forma.

Não foi o alívio, no entanto, que ajudou Alice a tomar a decisão de pedir para Peter entrar em contato com Sadie Sparrow: foi a curiosidade. Houve um tempo em que Alice ria se alguém sugerisse que ela confiasse a um estranho os detalhes mais íntimos da história de sua família. O orgulho e o desejo de privacidade a teriam impedido. Mas Alice estava velha. O tempo estava acabando. E, desde que ouviu a história de Deborah, deitada à noite, acordada enquanto sua mente repassava cada mudança, enquanto uma percepção levava a outra e os fatos que aceitara toda a sua vida mudavam como as imagens em um caleidoscópio, Alice precisava saber a verdade.

Anos escrevendo romances treinaram sua mente para peneirar as informações e transformá-las em narrativa. Não demorou muito para organizar os fatos de maneira linear. Mas havia lacunas, incluindo a pequena questão da prova, e Alice queria preenchê-las. Ela *precisava* de um cenário completo. Teria feito pessoalmente as investigações necessárias, porém havia o momento certo de admitir os impedimentos e, aos 86 anos, Alice tinha que reconhecer certas limitações físicas. Arriscando soar muito parecida com sua mãe, a aparição de uma detetive profissional, desejosa de esmiuçar tudo no momento em que Alice precisava, parecia, de algum modo, uma feliz coincidência. Além disso, após a pesquisa de caráter que Alice tinha feito desde terça-feira, pedindo favores de cada contato que tinha dentro do Departamento de Investigações Criminais, Sadie Sparrow não era mais uma estranha.

Alice pegou seu dossiê e deu uma olhada nas anotações, demorando-se na informação que obtivera sobre o mais recente trabalho de investigação da detetive Sparrow. Por todos os relatos, a mulher era uma excelente profissional, descrita de várias maneiras como apaixonada e bastante obstinada. Não tinha sido fácil encontrar manchas em seus registros. Mesmo Derek Maitland fora relutante em falar contra sua integridade, e esse tipo de atitude significava alguma coisa, mas Alice não se convencia com facilidade. Ela havia acompanhado o caso Bailey através da imprensa. Sempre se interessava por histórias de pessoas desaparecidas. Tinha visto

que o caso estava arquivado, a polícia confiante de que a mãe abandonara a menina; também leu o artigo subsequente, denunciando um acobertamento. Soube que alguém no Departamento de Investigações Criminais devia ter falado e agora sabia quem tinha sido. Era sempre bom ter uma salvaguarda e, embora Alice se encolhesse diante da mera ideia (da *sordidez* da chantagem, porque não havia como amenizar isso), com a carta de Derek Maitland na manga, tinha certeza de que poderia confiar na discricção da detetive Sparrow sobre o legado Edevane.

Ela fechou o arquivo e olhou para o relógio. O ponteiro dos minutos estava quase no doze, o que significava que, em questão de segundos, Sadie Sparrow estaria atrasada e Alice seria capaz de obter uma pequena, porém não menos agradável, sensação de supremacia. Ela teria a vantagem e tudo estaria bem com o mundo. Percebeu que estava prendendo a respiração e balançou a cabeça, divertindo-se com seu lapso de superstição. Que tolice! Comportando-se como se o sucesso da reunião, toda a resolução favorável do mistério de sua família, dependesse de que sua convidada chegasse atrasada. Alice se recompôs, pegou as palavras cruzadas do jornal que estava tentando terminar desde o café da manhã e olhou impassível enquanto o ponteiro dos segundos se movia com afinco em direção ao doze. O ponteiro dos minutos se preparou para avançar e, quando soou uma batida à porta, apesar de suas melhores intenções, o coração de Alice pulou.

Sadie parou nos degraus da frente, recuperando o fôlego. Ela havia corrido todo o caminho desde o ponto de ônibus, o que não era fácil com os sapatos sociais que tirara do fundo de seu armário no último minuto. Eles estavam empoeirados e mofados também, como ela descobriu, o salto de um deles pendurado por uma única tira de cola. Sadie se curvou e tirou algo preso no pé, que não tinha visto antes. Seus pés pareciam os de outra pessoa, alguém de quem ela não tinha certeza se gostava, mas A. C. Edevane se vestia com elegância e Sadie não tinha intenção de ofender a sensibilidade da senhora apresentando-se à porta com aquela aparência lamentável. Tampouco era sua intenção chegar atrasada, não importando se seria difícil correr com aqueles saltos precários. A. C. Edevane era chata quando se tratava de pontualidade. Ela já se recusara a terminar uma entrevista com um jornalista que se atrasara e repreendera, no ar, um famoso apresentador da BBC porque ele a fizera esperar. Sadie sabia disso porque passara a maior parte dos últimos dois dias e meio agitada, lendo velhas entrevistas e tudo o que podia sobre A. C. Edevane. (Foi uma tarefa agradável, que a surpreendeu – havia algo de muito interessante em Alice Edevane –, principalmente por tê-la distraído da chegada da segunda carta de Charlotte Sutherland.) Ela também sabia que a autora preferia vasos de planta a buquês de flores e notou com um aceno de satisfação os vasos de cerâmica nos peitoris da casa. Por enquanto, tudo bem. Sadie ficou satisfeita ao sentir uma nova onda de confiança invadi-la enquanto endireitava os punhos da camisa. Seguiria o roteiro da entrevista e não sairia sem a informação de que precisava.

Sadie levantou a mão para bater de novo, mas, antes que pudesse tocar na porta, ela se abriu. Não era Alice Edevane de pé do outro lado, mas um homem de cerca de 30 anos, com pernas longas e a barba feita. Ele parecia um figurante em um filme sobre os Rolling Stones. Sadie, surpresa, sentiu um tremor interior de atração.

– Peter? – adivinhou.

– Detetive Sparrow. – Ele sorriu. – Entre, Alice está esperando.

O assoalho rangia enquanto eles andavam e um relógio em algum lugar tiquetaqueava. Peter conduziu-a a uma sala de estar no fim do corredor, excessivamente mobiliada, elegante, com um toque masculino.

Uma mulher que Sadie reconheceu imediatamente das fotos de publicidade como sendo Alice Edevane estava sentada em uma cadeira perto da lareira apagada. Como acontece com frequência quando se encontra uma pessoa muito famosa na vida real, Sadie experimentou uma sensação esmagadora de familiaridade. Não uma sensação frívola de déjà-vu, mas uma verdadeira impressão de já conhecer a outra mulher. O modo como suas pernas, de calças compridas, estavam cruzadas e dobradas para um lado, como segurava o jornal casualmente, até mesmo a protuberância do queixo dela, eram de alguma forma *conhecidos*. Embora, naturalmente, não a conhecesse de fato, não além das copiosas entrevistas sobre as quais Sadie havia se debruçado. Uma citação lhe ocorreu – *Não há nada tão cansativo quanto uma pessoa que confunde reconhecimento com amizade* – e Sadie corou, percebendo que era de Diggory Brent, que ela lera na semana anterior.

– Alice – disse Peter –, a detetive Sparrow está aqui para vê-la. – Ele se virou para Sadie e gesticulou gentilmente em direção a uma poltrona de couro verde com botões. – Vou deixá-las a sós. Se precisarem de mim, estarei na cozinha.

O barulho do relógio na lareira se tornou imediatamente mais alto em sua ausência e Sadie sentiu um desejo ardente de dizer alguma coisa. Ela se conteve, lembrando-se de um comentário desdenhoso que Alice havia feito em uma entrevista sobre a incapacidade das pessoas de resistirem ao silêncio nos dias atuais. Sadie estava determinada a não deixar a outra mulher captar o mais leve sopro de hesitação. Fazer isso, ela suspeitava, seria um desastre.

Alice a encarava. Olhos pequenos e penetrantes que pareciam extraordinariamente brilhantes em um rosto que, se não fosse por isso, pareceria desbotado. Eram olhos, Sadie de repente teve certeza, que podiam ver dentro da alma de uma pessoa. Depois de alguns segundos que pareceram muitos mais, a senhora falou. Sua voz era como a de uma atriz de teatro, sua dicção, de outra época:

- Então finalmente nos encontramos, detetive Sparrow.
- Por favor, me chame de Sadie. Não estou trabalhando oficialmente.
- Não, não está.

Sadie parou. Não foram as palavras em si – era uma simples concordância –, mas o modo como Alice as dissera. Aqueles olhos que sabiam das coisas.

– Fiz perguntas sobre você, detetive Sparrow. Tenho certeza de que vai concordar que era a coisa mais prudente a fazer. Você escreveu pedindo permissão para entrar na casa da minha família, mexer nos nossos arquivos, sem dúvida, e expressou um desejo especial de discutir o desaparecimento do meu irmão. Sou uma pessoa muito reservada, como você pode ter percebido, apesar do meu trabalho. Não concordaria em falar sobre minha família com qualquer um. Precisava saber que podia confiar em você, e isso significava pesquisar um pouco para obter uma imagem melhor de quem você é.

Sadie lutou para esconder o medo sob um sorriso calmo, perguntando-se como seria essa imagem.

Alice continuou:

– Eu sei sobre o caso Bailey. Em particular, sei sobre sua conversa em off com o jornalista Derek Maitland.

Sadie sentiu o sangue se esvair de sua cabeça até a ponta dos pés, que começaram a latejar, como se o sangue não tivesse ido longe o suficiente. *Alice sabia que ela havia vazado a informação.* As palavras piscavam como neon e, por um momento, seu brilho quente e assustador impediu que outros pensamentos se formassem. Lentamente, porém, a razão voltou. Alice sabia o que ela havia feito, mas, ainda assim, a convidara para ir à casa dela.

– Estou intrigada, detetive Sparrow, quanto ao que fez você ter certeza de que sua mulher desaparecida, Maggie Bailey, tinha sido vítima de um crime quando, até onde posso dizer, não havia nenhuma prova que sugerisse isso.

Sadie não esperava falar sobre o caso Bailey naquele momento, mas havia uma razão para a outra mulher ter levantado o assunto. Alice poderia ter denunciado Sadie a seus superiores e se recusado a ter qualquer ligação com ela. Em vez disso, convidou-a à sua casa. Sadie só podia imaginar que Alice estava tentando aborrecê-la. Ela conhecia esse jogo. A arte do jogo das entrevistas era um dos esportes favoritos da detetive. Ela experimentou uma onda de respeito colegial pela senhora.

– Não é uma coisa fácil de explicar.

A decepção fez o rosto de Alice murchar. A resposta era fraca e maçante e Sadie sabia que tinha que fazer melhor. Continuou rapidamente:

– Para começar, havia a aparência do apartamento, os pequenos detalhes que mostravam cuidado, se não dinheiro, na decoração: o piano que tinha sido pintado com um amarelo claro e ensolarado, a parede dedicada a desenhos que a menina tinha feito, seu nome escrito orgulhosamente no canto. Achei difícil acreditar que uma mulher responsável por essas demonstrações de amor abandonaria sua filha. Não me pareceu certo e, quando começamos a conversar com as pessoas que a conheciam, elas concordaram.

- Que pessoas?
- Sua mãe, por exemplo.

As sobrancelhas de Alice se arquearam.

– Mas, detetive Sparrow, com certeza uma mãe sempre vai apoiar seu filho em uma situação como aquela. Você entrevistou outras pessoas que a conheciam? Havia um ex-marido, não é? Ele lhe deu a mesma impressão?

– A referência dele ao caráter dela não era tão positiva.

– Não era?

– Não, mas é certo que um ex-marido sempre será menos efusivo em relação a uma situação como aquela.

Alice permitiu que um sorriso fugaz, um pouco divertido, cruzasse seus lábios. Ela se inclinou mais para trás em sua cadeira e fitou Sadie sobre suas mãos unidas.

– As pessoas podem não ser confiáveis, não é? Mesmo a testemunha mais consciente, com vontade de agradar e sem nada a ganhar, é passível de cometer erros, misturando ao seu testemunho pequenas desavenças, suposições e opiniões em vez de fatos.

A mente de Sadie voltou ao relato de Clive sobre como Alice pareceu relutante na entrevista em 1933. A maneira como ela espreitava no corredor, do lado de fora da biblioteca, a sensação de que estava escondendo alguma coisa ou ansiosa para ouvir o que os outros entrevistados diziam.

– Somos todos vítimas da nossa experiência humana – continuou Alice –, aptos a ver o presente através da lente do nosso passado.

Sadie teve a clara impressão de que elas não estavam mais falando de modo geral. Alice a encarava novamente com aquele olhar de pássaro.

– É verdade – concordou Sadie.

– Estou curiosa, detetive Sparrow. Deixando de lado as declarações das testemunhas por um momento, havia alguma prova real para sustentar sua suposição de que alguma coisa terrível acontecera à jovem mãe?

– Não – admitiu Sadie. – Na verdade, havia uma carta, assinada por Maggie, que comprovava a teoria de que ela fugira.

– Lembro-me dos relatos dos jornais. Vocês acharam a carta uma semana depois de terem encontrado a criança.

– Sim, a essa altura tínhamos avançado bastante na investigação das outras possibilidades. De algum modo a carta caiu e ficou presa ao lado da geladeira.

– Mas, mesmo depois de encontrá-la, você não aceitou que Maggie Bailey simplesmente tivesse fugido.

– Eu tive dificuldade de abandonar minha teoria.

– Tanto que você saiu da Met e foi falar com a imprensa.

Sadie sustentou o olhar de Alice. Negar não era uma opção. Alice não era idiota. Além disso, Sadie não queria negar. A senhora tinha as informações necessárias para arruinar sua carreira e isso era, ao contrário do que poderia pensar, libertador. Desde que se afastara, havia muito poucas pessoas com quem Sadie pudesse conversar honestamente sobre o caso Bailey. Donald se recusava a ouvir uma palavra, Sadie precisava manter alguma postura profissional com Clive e não queria decepcionar Bertie com a verdade. Mas agora, de repente, podia falar livremente. Não tinha nada a perder: Alice já sabia o pior.

– Não vi outra maneira de manter o destino de Maggie na atenção do público. A Met havia encerrado o caso... Não há muita simpatia por policiais dispostos a gastar o dinheiro do contribuinte em casos sem quaisquer provas reais. Porém, eu não suportava pensar que alguma coisa *tivesse* acontecido com ela e ninguém estava mais procurando...

– Vai perder seu emprego se descobrirem que foi você.

– Eu sei.

– Você gosta do seu trabalho?

– De todo o coração.

– Mesmo assim, fez isso.

– Eu precisei.

– Você é uma pessoa imprudente, detetive Sparrow?

Sadie ponderou a pergunta.

– Espero que não. Com certeza não me aproximei de Derek Maitland de modo precipitado. E gostaria de pensar que estava sendo responsável com Maggie, ao invés de irresponsável com meu trabalho. – Ela exalou, decidida. – Não, não sou uma pessoa imprudente. Sou consciente. Talvez um pouco cabeça-dura.

Enquanto ela oferecia seu perfil psicológico, Peter tinha voltado à sala. Sadie olhou para ele em expectativa, se perguntando se de alguma forma havia acionado um botão oculto de remoção para que ele fosse ali levá-la à porta. Ele não disse nada, apenas olhou interrogativamente para Alice. Ela acenou com a cabeça uma vez, com firmeza, e falou:

– Acho que gostaríamos de um chá, Peter. Obrigada.

Ele parecia tranquilo além da conta.

– Ah, ótima notícia. Estou muito contente.

Peter lançou para Sadie um sorriso muito entusiasmado enquanto saía, deixando-a tocada, embora insegura sobre o que tinha feito para merecer isso. Sim, ela definitivamente se sentia atraída por ele. Estranho, porque ele não fazia nem um pouco seu tipo. Ele a intrigava, com seus cabelos longos e desgrehados e seus modos antiquados. Não podia ser muito mais velho do que ela e era encantador de um jeito erudito. Como tinha vindo parar ali, trabalhando como um mordomo moderno?

– Ele é doutor em literatura, não em medicina – disse Alice Edevane, lendo sua mente. – E o melhor assistente que já tive.

Sadie percebeu que ela a estava observando e desviou os olhos para seus joelhos, onde espanou ansiosamente um fiapo invisível.

– Você leu algum dos meus livros, detetive Sparrow?

Sadie deu uma última espanada em suas calças.

– Um.

– Então conheceu Diggory Brent.

– Sim.

– Talvez você não saiba que ele se tornou detetive particular depois de ter sido expulso da polícia por algo muito parecido com o seu delito recente.

– Eu não sabia disso.

– Não? Bem, antigamente esperava-se que os autores fornecessem um pequeno resumo do passado dos personagens no início de cada novo livro quando se escrevia uma série, mas os editores pararam de insistir e, depois de tantos livros, fiquei feliz em abrir mão desse hábito. As formas de contar a mesma coisa são limitadas e temo que tenha se tornado uma tarefa bastante tediosa.

– Posso imaginar.

– Diggory não se encaixava naturalmente no Departamento de Investigações Criminais. Um homem muito motivado, mas que sofreu terríveis privações em sua vida pessoal. Perdeu a esposa e o filho, veja bem, perdas que lhe deram uma tenacidade que nem sempre era apreciada por seus pares, para não falar de seus superiores. Observei que perder uma criança tende a criar uma ausência mordaz em uma pessoa.

Não era a primeira vez que Sadie tinha a estranha sensação de que Alice sabia mais sobre o seu passado do que precisava. Ela sorriu enquanto Alice Edevane continuava:

– Diggory era muito mais adequado a uma vida de investigação fora das restrições da lei. Não que ele seja um homem que aja ilegalmente, muito pelo contrário. É um homem honrado, extremamente consciencioso. Consciente e um... como você disse?... um tanto cabeça-dura.

Peter voltou com uma bandeja de chá, colocando-a sobre a mesa atrás de Sadie.

– Como você toma? – perguntou e depois serviu com delicadeza o chá branco com uma colher de açúcar que ela pediu.

– Obrigada, Peter.

Alice aceitou o dela – preto, sem açúcar. Sorveu um gole, hesitando brevemente enquanto engolia, então pousou a xícara e o pires, girando só um pouco a asa.

– Agora – continuou, seu tom sugerindo outra mudança de assunto –, vamos começar a trabalhar? Na sua

carta você mencionou uma teoria. Queria entrar na Casa do Lago para investigá-la. Imagino que tenha descoberto o segundo túnel em Loeanneth...

E, assim, deixaram Maggie Bailey e Diggory Brent para trás. Alice estava conduzindo a entrevista sobre o desaparecimento de seu irmão. Sadie estava contente por voltar ao assunto, estupefata com a forma como tinham chegado lá, mas ansiosa para avançar.

– Sim – respondeu, sentando-se mais ereta –, mas minhas ideias mudaram desde que escrevi para você. Gostaria de saber se posso lhe perguntar sobre seu pai.

Alice mal piscou, quase como se soubesse o que estava por vir.

– Você pode perguntar, detetive Sparrow, mas sou velha e meu tempo é precioso. Seria mais agradável para mim, e com certeza mais útil para você, se simplesmente pulasse a investigação e me contasse sua teoria. O que *você* acha que aconteceu com Theo?

Em dez anos trabalhando na Met, Sadie tinha certeza de que nunca havia entrevistado alguém como Alice Edevane. Tentou não parecer confusa:

– Acho que seu irmão morreu naquela noite em Loeanneth.

– Também acho. – Alice parecia quase satisfeita, como se estivesse fazendo um exame e Sadie tivesse dado a resposta certa. – Não achei por muito tempo. Acreditava que ele tinha sido sequestrado, mas recentemente percebi que estava errada.

Sadie se esforçou para continuar:

– Seu pai sofreu um trauma de guerra.

Mais uma vez, Alice se manteve imperturbável:

– Sim, embora, mais uma vez, eu só tenha ficado sabendo disso recentemente. Era um segredo muito bem guardado por meus pais. Foi minha irmã Deborah que me contou e ela mesma só descobriu em 1945. – Os longos dedos de Alice acariciavam o tecido de veludo do apoio de braço de sua cadeira. – Então, detetive Sparrow, definimos que meu pai sofria de trauma de guerra e concordamos que meu irmão provavelmente morreu em Loeanneth. Como você imagina que essas duas coisas se relacionem?

Pronto. Sadie sustentou o olhar de Alice.

– Acredito que o seu irmão tenha sido morto acidentalmente por seu pai, Sra. Edevane.

– Sim – disse Alice. – Acabo de me convencer da mesma coisa.

– Acho que ele está enterrado em Loeanneth.

– É o cenário que faz mais sentido.

Sadie soltou um suspiro de alívio. Sua experiência lhe dizia que as pessoas geralmente não gostavam da sugestão de que os que lhe eram mais próximos e mais queridos fossem capazes de cometer um crime grave. Ela se imaginou tendo que convencer Alice, bajular, explicar e ter muito cuidado para não ferir seus sentimentos. Aquele acordo franco era muito melhor.

– O único problema – disse ela – é que não sei como provar isso.

– Nesse ponto, detetive Sparrow, é onde posso ajudá-la.

Sadie experimentou uma leve empolgação.

– Como?

– Depois de tanto tempo, duvido que ainda reste muita coisa em termos de “pistas” físicas, mas existem outras fontes a que podemos recorrer. Minha família é do tipo que escreve as coisas. Não sei se você tem esse hábito...

Sadie balançou a cabeça.

– Não? Bem, não importa, não são os seus segredos que esperamos descobrir. Meu pai mantinha um diário no qual escrevia religiosamente e minha mãe, embora não todo dia, gostava de cartas. Ela era uma daquelas crianças que deixavam pequenos bilhetes para as fadas, muito charmosos, e, então, nosso pai partiu para a guerra logo após o casamento e o hábito de escrever cartas foi interrompido.

Sadie lembrou-se da carta de amor com bordas de hera que encontrara na casa de barcos, a mensagem de Eleanor para Anthony, escrita enquanto ele estava na guerra e ela, grávida de Alice. Considerou mencioná-la

agora, mas seu interesse, visto através dos olhos da filha deles, parecia de algum modo voyeurístico. Além disso, Alice já havia prosseguido:

– Há um escritório no sótão de Loeanneth onde são mantidos os registros da família que datam de gerações e também onde meu pai costumava trabalhar. Há uma escrivãzinha no quarto de minha mãe. É por onde eu começaria. Ela era religiosa com a correspondência. Escrevia todas as suas cartas em três vias, guardando os cadernos que acabavam nas prateleiras de seu escritório e cada carta que recebia nas gavetas de cada lado da mesa. Elas estão trancadas, mas você encontrará a chave em um pequeno gancho debaixo da cadeira do escritório. Eu gostava de saber dessas coisas quando era criança. Infelizmente, não imaginava que houvesse algo nos papéis de minha mãe que valesse a pena conhecer e não teria ousado violar o escritório de meu pai. Eu poderia ter poupado a todos muitos incômodos se tivesse dado uma olhada naquela época. Não importa. Antes tarde do que nunca. Não posso garantir que você encontrará as respostas que buscamos, mas estou otimista. Não ouvi nada além de elogios a suas habilidades investigativas.

Sadie conseguiu dar o que ela esperava ser um sorriso confiante e reconfortante.

– Você vai encontrar todo tipo de coisas enquanto estiver procurando. Espero que seja discreta. Todos nós temos segredos que não queremos compartilhar, não é?

Sadie percebeu que estava sendo chantageada. Educadamente.

– Você pode confiar em mim.

– Sei que posso e sou muito boa em avaliar o caráter das pessoas, detetive Sparrow. Você tem a coragem de suas convicções. Sempre admirei essa característica nas pessoas. Gostaria de saber exatamente o que aconteceu naquela noite. Não gosto da palavra “encerramento”. A ideia de um final definitivo é muito boa na ficção, mas uma expectativa bastante infantil neste nosso vasto mundo. Ainda assim, tenho certeza de que não preciso explicar quanto significa para mim obter essas respostas.

Alice estendeu a mão e pegou um molho de chaves da mesinha ao lado dela. Depois de girá-las um par de vezes, entregou-as a Sadie.

– As chaves de Loeanneth. E tem a minha permissão para procurar onde quiser.

Sadie pegou as chaves velhas solenemente.

– Se houver alguma coisa para descobrir...

– Você vai descobrir. Sim, excelente. Agora, a menos que haja qualquer outra coisa de que você precise, acho que já terminamos.

Sadie estava profundamente consciente de que tinha sido dispensada, mas algo lhe ocorrera enquanto Alice descrevia as anotações de seu pai e as cartas de sua mãe. Alice parecia confiante de que as provas necessárias para responsabilizar Anthony pela morte de Theo seriam encontradas ali, mas, se Sadie podia ver as conexões, sem dúvida Eleanor Edevane, que sabia da condição de seu marido o tempo todo, também as teria visto.

– Você acha possível que sua mãe soubesse?

Alice não hesitou:

– Ela devia saber.

– Mas... – As implicações foram surpreendentes – por que ela não contou à polícia? Ela continuou casada com ele. Como poderia, depois do que ele fez?

– Ele não estava bem; jamais teria feito isso intencionalmente.

– Mas era o *filho* dela.

– Minha mãe tinha ideias fixas sobre moral e justiça. Ela acreditava que uma promessa, uma vez feita, devia ser mantida. Teria sentido que, de alguma forma, merecia o que acontecera, até mesmo se tivesse provocado isso para si.

Sadie estava sentindo falta de alguma coisa.

– Por que ela acharia isso?

Alice permaneceu sentada ereta, imóvel como uma estátua.

– Havia um homem que trabalhou em Loeanneth por um tempo, um sujeito chamado Munro.

– Benjamin Munro, sim, eu sei. Você estava apaixonada por ele.

Então Alice pareceu perder a compostura, mas só ligeiramente.

– Ora, ora. Você *fez* o seu dever de casa.

– Estou apenas fazendo meu trabalho.

Sadie estremeceu diante da própria frase piegas.

– Sim, bem, da maneira incorreta, neste caso. – Alice levantou um ombro e um osso pontudo apareceu debaixo de sua blusa de seda marfim. – Eu posso ter nutrido uma paixão juvenil por Ben, mas não foi nada mais do que isso. Você sabe como são os jovens, tão volúveis em seus afetos.

Pelo modo como dissera aquilo, Sadie se perguntou se Alice, de alguma forma, sabia sobre sua paixão adolescente. O garoto de traços suaves e com o carro brilhante, o sorriso que fizera seus joelhos tremerem. Sadie disse:

– Benjamin Munro deixou Loeanneth pouco antes de Theo desaparecer.

– Sim. Seu contrato expirou.

– Ele não teve nada a ver com o que aconteceu com Theo.

– Num sentido prático, não.

Sadie estava se cansando de enigmas.

– Então não entendo por que estamos falando dele.

Alice ergueu o queixo.

– Você perguntou por que minha mãe se sentia responsável pelo que aconteceu com Theo. Uma semana antes do solstício de verão, minha irmã mais velha, Deborah, contou a meu pai algo que o deixou num estado terrível. Eu mesma só descobri recentemente. Parece que, no período que antecedeu o verão, minha mãe envolveu-se em um caso amoroso com Benjamin Munro.

Eleanor se apaixonou pela segunda vez quando tinha 36 anos. Não foi amor à primeira vista, não como fora com Anthony. Em 1931, ela era uma pessoa diferente da menina de vinte anos antes. Mas o amor tem muitas cores e aconteceu assim: Londres, cinza e chuvosa, o médico na Harley Street, chá na Liberty, um mar de guarda-chuvas pretos, uma estação de trem lotada, seu assento amarelo entediante no vagão úmido.

O apito soou lá fora, o trem estava prestes a partir e já não era sem tempo. Eleanor olhava pela janela, observando as faixas enegrecidas de fuligem, e não pensou muito quando um homem saltou para o trem no último minuto para tomar o assento da janela à sua frente. Ela notou o seu reflexo no vidro – era jovem, pelo menos dez anos mais novo do que ela. Registrou vagamente uma voz agradável ao ouvi-lo dizer ao homem ao lado que tivera sorte de conseguir um bilhete que tinha sido devolvido no último minuto e, então, ela não lhe deu mais atenção.

O trem se afastou da estação com um jato de fumaça e a chuva começou a escorrer pelo vidro, dissolvendo tudo. À medida que Londres dava lugar ao campo aberto, Eleanor repassou o seu encontro com o Dr. Heimer, perguntando-se se havia falado demais. A pequena e delicada datilógrafa num canto, transmitindo tudo para sua máquina enquanto Eleanor falava, compôs uma situação bastante perturbadora na hora, contudo lembrar aquele momento era nauseante. Eleanor sabia que era importante ser honesta com os médicos, contar exatamente o que Anthony fazia e falava, ainda assim, enquanto revia as próprias palavras em sua mente, sentiu o peso de ter traído o marido que jurara proteger.

Ele era muito maior do que os sintomas que o atormentavam. Ela queria dizer ao médico como ele era gentil com as meninas, quanto era bem-humorado, bonito e intenso quando se conheceram, como a guerra era injusta por ter permissão de arrancar o núcleo de um homem, rasgar a tapeçaria de sua vida, deixando apenas os fios esfarrapados de seus primeiros sonhos para consertá-la. Mas não importavam as palavras que escolhesse, ela não poderia fazer o médico ver quanto amava seu marido, não poderia dizer que queria apenas salvar Anthony como ele a salvara. Eleanor queria que o médico a absolvesse de seu fracasso, mas, em vez disso, ele permaneceu sentado diante dela, firme atrás de seu terno cinza e seus óculos de aro fino, a caneta pressionada contra os lábios enquanto assentia, suspirava e, de vez em quando, fazia uma anotação na margem de seu bloco forrado. As palavras dela evaporavam quando chegavam a ele, escorregando por seus cabelos oleosos como a água das penas de um pato, e, enquanto isso, na quietude tranquila da sala, o barulho daquela máquina de escrever a repreendia sem cessar.

Eleanor não percebeu que estava chorando até que o homem sentado à sua frente se inclinou para lhe passar um lenço. Ela olhou para cima, surpresa, e percebeu que eles estavam, então, sozinhos no vagão, exceto por uma mulher idosa sentada na borda do banco mais próximo da porta. Eleanor estava muito envolvida em seus pensamentos para notar que o trem fazia paradas ao longo do caminho.

Ela pegou o lenço e secou os olhos com movimentos leves. Sentia-se constrangida – mais do que isso, furiosa – por ser essa pessoa, uma mulher chorosa que desperta a bondade de um estranho. Parecia íntimo demais aceitar o lenço de um jovem e Eleanor estava dolorosamente consciente da velha senhora perto da porta, fingindo interesse em seu tricô enquanto lançava olhares discretos e enviesados.

– Não – disse o homem quando Eleanor tentou devolver o lenço –, fique com ele.

O jovem não perguntou quais eram seus problemas e Eleanor não os explicou; ele apenas sorriu educadamente e voltou a cuidar de seus afazeres.

Seus afazeres, ela observou, eram manipular um pequeno pedaço de papel, os dedos trabalhando depressa, mas de modo ordenado, fazendo múltiplas dobras, triângulos e retângulos, virando o papel e repetindo aqueles movimentos. Ela percebeu que ele a estava encarando e desviou o olhar, mas não parou de observar pelo reflexo da janela do trem. Ele fez um ajuste final e depois segurou o papel em uma das mãos, inspecionando-o de todos os ângulos. Eleanor sentiu-se inesperadamente satisfeita. Era um pássaro, uma figura de cisne com asas pontiagudas e um pescoço comprido.

O trem seguia, pesado, arrastando-se para oeste, e a escuridão caía do lado de fora, tão absoluta quanto uma cortina em um teatro escuro depois de uma apresentação. Eleanor devia ter dormido profundamente e por muito tempo, pois a próxima coisa que soube era que o trem chegara ao fim da linha. O comissário da estação tocava o apito, ordenando o desembarque, e os passageiros iam passando pela janela do vagão.

Ela tentou tirar suas bolsas do bagageiro e, como não conseguiu alcançar, ele a ajudou. Simples assim. A bolsa de compras ficou presa em um pedaço de metal dentado, foi estranho, e ela ainda estava desorientada de sono, cansada depois de um dia que tinha começado antes do amanhecer.

– Obrigada – falou. – E por antes também. Receio ter arruinado seu lenço.

– Não se preocupe com isso – disse ele com um sorriso que fez aparecer uma covinha em sua bochecha. – É seu. Isto aqui também.

As mãos deles se tocaram de leve quando ela pegou a bolsa e Eleanor o fitou nos olhos brevemente. O homem também tinha sentido, ela podia dizer pelo modo como ele se empertigou, a breve expressão desconcertada em seu rosto. Foi elétrico, uma centelha de reconhecimento cósmico, como se naquele momento o tecido do tempo se abrisse e eles vislumberrassem uma existência alternativa na qual eram mais que estranhos em um trem.

Eleanor forçou seus pensamentos a se ordenarem. Pela janela, podia ver Martin, seu motorista, na plataforma iluminada. Ele estava estudando os outros passageiros, procurando por ela, pronto para levá-la para casa.

– Bem – disse ela com o mesmo tom eficiente que poderia ter usado para dispensar uma empregada nova –, obrigada novamente por sua ajuda.

E, com um curto aceno de cabeça, ergueu o queixo e foi embora, deixando o jovem no vagão.



Se ela não o tivesse visto outra vez, o encontro deles com certeza seria esquecido. Um encontro casual no trem, um belo estranho que lhe demonstrara uma pequena bondade. Um momento trivial consignado aos recessos de uma memória já cheia de outros.

Mas Eleanor o viu outra vez, alguns meses depois, em um dia nublado de agosto. A manhã estava extraordinariamente quente, o ar pesado, e Anthony tinha acordado em um dia ruim. Eleanor o ouviu se revirando na cama antes do amanhecer, lutando contra as terríveis visões que o assaltaram durante a noite, e sabia que podia esperar pelo pior. Também sabia, por experiência, que a melhor defesa era o ataque. Ela o mandou para o andar de cima logo após o café da manhã, convenceu-o a tomar dois comprimidos para dormir do Dr. Gibbons e deu instruções firmes para os empregados de que ele não devia ser incomodado porque estava ocupado com um projeto importante. Por fim, como era o dia de folga da babá Rose, ela reuniu as garotas e pediu que buscassem seus sapatos. Elas iam passar a manhã na cidade.

– Ah, não! Por quê? – questionou Alice, sempre a que reclamava primeiro e mais alto.

Sua reação não poderia ter sido mais horrorizada se Eleanor sugerisse que passassem uma semana nas minas.

– Porque tenho encomendas para buscar nos correios e gostaria de ter alguns braços para carregá-las.

– Mais encomendas, mãe? Você deve ter comprado um exemplar de tudo o que há em Londres a esta altura.

Resmungos, resmungos.

– Já chega, Alice. Um dia, se Deus quiser, você estará à frente de uma família e, então, caberá a você decidir comprar ou não os itens necessários para mantê-la funcionando.

O olhar no rosto de Alice gritava: *Nunca!* E Eleanor se assustou ao reconhecer-se mais jovem nos traços teimosos da filha de 14 anos. A semelhança a irritou e ela se empertigou o máximo que pôde. Sua voz soou mais frágil do que ela pretendia:

– Não vou falar de novo, Alice. Vamos para a cidade, já mandei Martin buscar o carro, então ande logo e calce seus sapatos.

Alice contraiu a boca em uma linha ativa e seus olhos brilharam com desdém.

– Sim, mãe – disse ela, enunciando as palavras como se não pudesse fazer com que saíssem dos seus lábios rápido o bastante.

Ninguém gostava muito do papel de Mãe. Até Eleanor, às vezes, se encolhia com seu pedantismo incessante. Ela não era nem um pouco divertida e sempre se esperava que temperasse uma ocasião turbulenta com um sermão sobre responsabilidade ou segurança. E, no entanto, ela era essencial. Eleanor teria desmoronado sob a tensão dolorosa da condição de Anthony, mas a Mãe estava sempre à altura da tarefa. Ela assegurava que as meninas dessem espaço ao pai quando ele precisava e estava sempre de guarda para apoiá-lo antes que ele caísse. A Mãe não se preocupava com o fato de que suas filhas a vissem como uma megera. Por que se importaria? Era tudo para ajudá-las a se tornarem o melhor que poderiam ser.

Eleanor, ao contrário, se importava muito, lamentando a perda daqueles longínquos anos de guerra, quando as meninas se enroscavam em seu colo e ouviam suas histórias, quando corria com elas pela propriedade, explorando e apontando os lugares mágicos da própria infância. Mas havia muito ela não sentia pena de si mesma. Tinha testemunhado outras famílias cujas vidas giravam em torno das exigências de um inválido e chegara à firme conclusão de que os danos colaterais eram grandes demais. Ela não queria que a sombra da decepção e da angústia de Anthony se espalhasse pela vida de suas filhas em crescimento. Se pudesse absorver seus problemas, as meninas permaneceriam intactas e, um dia, quando encontrasse o médico certo, quando descobrisse uma cura que o restaurasse, ninguém mais ficaria sabendo.

Enquanto isso, Eleanor se comprometeu a manter o estado de Anthony em segredo, tal como ela lhe havia prometido que faria. Era para cumprir a promessa que ela se certificava de sempre fazer muitas encomendas nas lojas de departamentos de Londres. Não precisava de metade das coisas que comprava, mas essa não era a questão. Era uma das maneiras mais simples, mais razoáveis que tinha inventado ao longo dos anos para tirar as meninas de perto dele. Além de passeios à praia ou ao campo, ela fazia com que as filhas a acompanhassem à cidade para buscar encomendas. Por sua vez, elas achavam bastante crível (embora manifestassem irritação) que sua mãe fosse uma compradora compulsiva que não se contentava em não ter as últimas novidades de Londres. E foi assim naquela manhã.

– Deborah, Clementine, Alice! Venham! Martin está esperando.

Houve a comoção usual enquanto as meninas corriam pela casa tentando encontrar seus sapatos. Haveria um sermão mais tarde – moças, responsabilidade, um dever para com elas mesmas, esse tipo de coisa. A mãe era boa em dar sermões. Mas precisava ser: tivera o exemplo perfeito em Constance. Eleanor se espantou com quanto podia soar ranzinza, fria e sem graça. Quando ela fazia seus severos apelos para que elas melhorassem, os rostos das filhas eram tomados pelo tédio e pela antipatia. Pior: exceto pelo simples e ocasional bruxuleio de dor e confusão que atravessava o rosto de Deborah – como se ela *quase* se lembrasse de uma época em que as coisas haviam sido diferentes –, elas revelavam uma completa falta de surpresa. Isso, para Eleanor, era o aspecto mais aterrorizante de todos. Suas filhas não tinham ideia de quanto ela invejava sua liberdade e aplaudia sua falta de boas maneiras; como fora parecida com elas; que grandes amigas poderiam ter se tornado se as coisas fossem diferentes.

Finalmente, suas filhas chegaram ao pé da escada, mais desganhadas do que Eleanor esperava, mas com

um sapato em cada pé, o que pelo menos era alguma coisa. Eleanor conduziu-as para fora, para onde Martin esperava com o carro ligado, e todas entraram. Enquanto as meninas discutiam sobre quem se sentaria à janela e quem estava sentada em cima do vestido de quem, Eleanor olhou pela janela para o sótão, onde Anthony estava agora dormindo. Se ela pudesse manter as meninas fora pela manhã, à tarde, se Deus quisesse, ele estaria bem e poderiam salvar parte do dia. Às vezes, seus melhores momentos em família vinham depois de manhãs como aquela. Era um estranho padrão de empurrar e puxar, em que a profundidade de seu desespero era mais tarde combinada com o alívio radiante de sua recuperação. Eram joias aqueles momentos, lembranças raras, porém preciosas do homem que ele tinha sido. O homem que, no fundo, ainda era, corrigiu-se.

As nuvens estavam altas quando chegaram à cidade. Barcos de pesca retornavam ao porto e gaivotas flutuavam e mergulhavam em um mar imóvel, cor de ardósia. Martin diminuiu a velocidade quando chegou à High Street.

– Algum lugar em particular onde a senhora quer que eu as deixe?

– Aqui está perfeito, obrigada, Martin.

Ele parou o carro e abriu a porta, deixando todas saltarem.

– Quer que eu espere enquanto faz suas compras, senhora?

– Não, obrigada. – Eleanor alisou a saia sobre os quadris enquanto uma brisa salgada do mar acariciava sua nuca. – Tenho certeza de que você tem outras coisas para fazer para a Sra. Stevenson e ainda vamos levar algumas horas.

O motorista concordou em retornar para buscá-las ao meio-dia e meia e o arranjo recebeu as queixas previsíveis:

– Mas duas horas inteiras, mãe!

– Para buscar alguns pacotes?

– Eu vou morrer de tédio!

– O tédio é a província da insensatez – ela se ouviu dizer. – Um estado a ser lamentado. – E, então, ignorando todos os protestos: – Pensei em tomarmos um chá matinal enquanto estamos aqui. Vocês podem me contar o que estão aprendendo em suas aulas.

Não muito, suspeitava Eleanor. A julgar pelo número de jornaizinhos em circulação e pelas risadas das empregadas domésticas quando deveriam estar ocupadas com outras coisas, as garotas estavam muito mais concentradas na velha prensa do que em seus trabalhos escolares. Eleanor fora exatamente igual, é claro, mas não havia necessidade de suas filhas saberem disso.

Animadas pela ideia de comer bolo, embora não por falar de lições, as meninas seguiram Eleanor para o café na calçada, onde as quatro compartilharam uma hora relativamente alegre. O único contratempo ocorreu quando Clementine derramou um bule de leite e balde e esfregão tiveram que ser trazidos.

Infelizmente, a cordialidade só podia ser esticada até esse ponto. A conversa educada e o bule de chá haviam secado quando Eleanor deu uma olhada no relógio de pulso de seu pai e viu que ainda havia mais de uma hora para preencher. Ela pagou a conta e seguiu o plano B. Viera preparada com motivos inventados para ir ao armário, ao chapeleiro e ao joalheiro e arrastou as meninas pela High Street. No momento em que terminou suas perguntas sobre o conserto do fecho de sua pulseira de ouro, no entanto, estavam bastante entediadas.

– Por favor, mãe – disse Alice. – Não podemos ir até o mar enquanto você termina aqui?

– Sim, por favor, mãe – ecoou Clementine, que quase quebrara três relógios em três minutos.

– Deixa-me levá-las, mãe – sugeriu Deborah, que, aos 16 anos, começava a vislumbrar seu papel de filha mais velha e adulta em formação. – Eu tomo conta. Garanto que vão se comportar bem e voltamos para ajudar você com as encomendas antes de o Martin voltar.

Eleanor observou enquanto saíam, soltando um longo suspiro. Realmente, ela ficou tão contente quanto as garotas. Era muito mais fácil preencher o tempo quando não precisava mantê-las entretidas e na linha. Eleanor agradeceu ao joalheiro, concordou com o método de conserto que ele sugeriu e saiu da loja.

Havia um banco de madeira na praça e Eleanor ficou satisfeita por encontrá-lo vazio. Sentou-se e passou uma meia hora tranquila observando as idas e vindas das pessoas da aldeia. Quando criança, Eleanor nunca tinha percebido quanto prazer um adulto poderia obter por simplesmente se sentar. A ausência de exigências e expectativas, de perguntas e conversas, era uma alegria verdadeira e simples. Foi com certo pesar que ela notou que faltavam apenas quinze minutos até Martin voltar para buscá-las e que era hora de ir aos correios.

Ou seja – Eleanor enrijeceu –, era hora de enfrentar a gerente da agência. Marjorie Kempling era uma fofqueira com um arsenal inesgotável de material que estava explodindo de ansiedade de compartilhar. Provavelmente, como consequência das frequentes visitas de Eleanor para buscar encomendas, a Srta. Kempling passou a considerar que as duas eram uma espécie de parceiras conspiradoras. Era uma suposição equivocada, Eleanor não tinha feito nada para encorajá-la. Tinha pouco desejo de conhecer os altos e baixos da vida de seus vizinhos, mas parecia que seu óbvio silêncio não era capaz de deter o entusiasmo da outra mulher. Na verdade, parecia que quanto mais distanciamento Eleanor impusesse, maior era a determinação da Srta. Kempling em preencher esse espaço.

Eleanor hesitou brevemente no degrau de pedra mais alto do prédio dos correios. Havia um pequeno sino suspenso na viga do outro lado da porta e seu tilintar efusivo era um som que ela havia passado a temer. Para a Srta. Kempling, era um toque de trombeta; para Eleanor, sinalizava o início do ataque. Ela se preparou, determinada apenas a entrar e, com educação e firmeza, sair com suas encomendas com o mínimo de confusão. E, então, talvez com mais força do que era necessário, ela segurou a maçaneta da porta e se preparou para empurrar. Tão logo a porta se afastou dela e para sua imediata mortificação, Eleanor deu de cara com um homem tentando sair da agência.

– Sinto muito, me perdoe – disse ela, voltando ao patamar.

– Não foi nada. A culpa foi minha, eu estava correndo. Tive uma repentina necessidade de ar fresco e de um momento de silêncio.

Eleanor riu, mesmo contra a vontade. Ela encontrou os olhos dele e levou um momento para se lembrar de onde o conhecia. Ele estava mudado. Seu cabelo era mais longo, escuro e enrolado, sua pele estava muito mais morena do que antes. Ele parecia muito diferente do rapaz arrumado que ela havia visto pela primeira vez no trem para casa.

O sorriso foi de surpresa.

– Nós já nos encontramos?

– Não – disse ela rapidamente, lembrando-se da viagem, do lenço, da emoção que sentira quando seus dedos se roçaram. – Acho que não.

– Em Londres, talvez?

– Não. Nunca.

A testa dele se franziu de leve, mas ele sorriu como se não tivesse qualquer preocupação no mundo.

– Então me enganei. Desculpe-me. Tenha um bom dia.

– Bom dia.

Eleanor soltou a respiração. O incidente a deixou inesperadamente trêmula e ela esperou alguns segundos antes de entrar. O sino tilintou. Ela lutou contra um impulso de estender a mão e pará-lo.

Os olhos da gerente se iluminaram quando viu que era Eleanor.

– Sra. Edevane, que agradável receber sua visita. Tenho algumas encomendas aqui. Mas, meu Deus, a senhora parece tão pálida!

– Bom dia, Srta. Kempling. Acabei de esbarrar em um cavalheiro na escada. Um terrível descuido da minha parte. Estou um pouco abalada.

– Ai, minha nossa! Devia ser o Sr. Munro. Aqui... sente-se, querida, deixe-me buscar um copo de água.

Sr. Munro. Ela devia ter imaginado que Marjorie Kempling saberia quem ele era. Eleanor se odiou por estar interessada. Odiou-se ainda mais pela faísca irracional de ciúme que sentira pelo fato de a gerente dizer o nome dele de modo tão familiar.

– Mas ele não é lindo?! – A Srta. Kempling voltou de trás do balcão segurando um copo de água. – Ele

poderia estar no cinema! Muito diferente dos outros jovens que vemos por aqui. Um tipo de faz-tudo, pelo que sei. Ele viaja por aí, aceitando trabalho onde há oferta. Está trabalhando no pomar de maçãs do Sr. Nicolson durante o verão. – Ela se inclinou o suficiente para que Eleanor pudesse sentir o odor oleoso de sua pele. – Ele vive numa velho trailer perto do rio, como um cigano. Dá para ver, só de olhar para ele, não é, que provavelmente tem um pouco desse sangue. Aquela pele! Aqueles olhos!

Eleanor deu um sorriso fraco, desprezando a empolgação da outra mulher, seu gosto pelas fofocas e, ainda assim, ansiosa por ouvir mais. Ah, mas ela era a pior espécie de hipócrita!

– Não é um cavalheiro exatamente – disse a Srta. Kempling –, mas tem boas maneiras e um jeito encantador. Vou sentir saudades das visitas dele.

Sentir saudades?

– Ah, é?

– Foi o que ele veio fazer agora mesmo, me informar que não vai mais precisar de coleta de cartas. Seu contrato com o Sr. Nicolson está terminando e ele vai embora na próxima semana. Não deixou nenhum endereço de encaminhamento, o que é uma pena. Um homem misterioso. Eu perguntei: “Mas e se chegar correspondência e eu não tiver para onde enviá-la?” E você sabe o que ele respondeu?

– Não consigo imaginar.

– Ele me disse que todas as pessoas de quem ele gostaria de ter notícias saberiam para onde escrever e que pode ficar sem o resto.



Não havia como esquecê-lo depois daquilo. A Srta. Kempling tinha dado a Eleanor informações suficientes para alimentar seu interesse e ela se pegou pensando nisso muitas vezes nas semanas seguintes. Sr. Munro. O nome se insinuava em sua mente nos momentos mais estranhos. Quando ela estava visitando Anthony em seu escritório, quando olhava as meninas no gramado, quando se deitava para dormir e os pássaros noturnos começavam a piar no lago. Ele era como uma canção que tinha ficado gravada em sua cabeça e não podia ser esquecida. Lembrou-se do calor de sua voz, da maneira como ele a olhara, como se os dois compartilhassem uma piada particular, como ela se sentiu quando a mão dele roçou na sua no trem, como se fosse o destino e os dois estivessem fadados a se encontrar sempre.

Sabia que esses pensamentos não eram seguros e que estavam errados. O frisson ilícito que os acompanhava lhe dizia isso. Ficou consternada e chocada consigo mesma. Eleanor nunca imaginara que seria capaz de se sentir atraída por alguém além de Anthony e, de certo modo, estava triste por se ver nessa posição. Assegurou-se de que era uma situação temporária, uma aberração. Que logo se esqueceria desse outro homem. Que, nesse meio-tempo, seus pensamentos seriam só seus e ninguém mais precisaria saber. O próprio homem se mudara havia semanas e não tinha deixado nenhum endereço. Não havia nenhum risco real. Por que ela não poderia ter uma agradável lembrança de vez em quando, que mal havia nisso? E, assim, ela continuou a lembrar e, às vezes, até imaginar. Sr. Munro. Aquele sorriso fácil, a atração que sentira quando ele a olhou, o que poderia ter acontecido se ela tivesse dito: “Sim, eu me lembro de você. Já nos encontramos.”



Mas, é claro, há sempre um risco quando o coração abre uma brecha, não importa quão pequena ou inofensiva possa parecer. Na próxima vez em que Eleanor precisou tirar as garotas de Loanneth, era uma manhã gloriosa, a primeira depois de semanas de chuva, e a última coisa que ela queria fazer era se enfiar em um de seus vestidos formais para viajar até a cidade. E então decidiu: fariam um piquenique em vez disso.

A Sra. Stevenson preparou um almoço para elas, que partiram pelo caminho entre as sebes de loureiros, contornando o lago até chegar ao córrego nos fundos do jardim. Edwina, que não gostava de ser deixada para

trás, ofegava, nervosa, ao lado delas. Era uma cadela adorável, leal a todos eles, mas gostava particularmente de Eleanor. Elas tinham se conectado, as duas, na época do incidente com Anthony quando Edwina era apenas um filhote. A cachorrinha, àquela altura, desenvolvera artrite, mas se recusava a deixar de acompanhá-la aonde quer que fosse.

O clima estava maravilhoso e, talvez porque tivessem ficado presas durante dias, elas foram mais longe do que o costume. Mais tarde, Eleanor jurou a si mesma que não tinha levado as meninas ao pomar do Sr. Nicolson de propósito. Na verdade, foi Clementine quem liderou a caminhada, correndo à frente, os braços estendidos, até que Deborah, enfim, apontou para um lugar plano, gramado, debaixo do salgueiro à beira da água e disse:

– Ah, vamos nos sentar ali. É perfeito!

Eleanor sabia onde elas estavam, é claro, e suportou um pequeno nervosismo, um tanto envergonhado, quando as fantasias abrigadas por ela durante o último mês correram de volta na sua direção. Mas, antes que ela pudesse contestar, sugerir que fizessem o piquenique mais acima no córrego ou em outro campo, o cobertor estava estendido e as duas meninas mais velhas esticadas sobre ele. Alice tinha a testa franzida, voltada para seu caderno, mordendo o lábio enquanto desejava que sua caneta desse continuidade a seus pensamentos. Eleanor teve que aceitar, com um suspiro, que não haveria saída. E, realmente, não havia uma boa razão para ir a outro lugar. Aquele homem, Sr. Munro – suas bochechas coraram só de pensar no nome dele –, tinha partido semanas antes. Era apenas sua consciência culpada que hesitava à ideia de se sentar naquele campo específico, naquela fazenda em particular.

Eleanor tirou as coisas da cesta de piquenique e espalhou as guloseimas da Sra. Stevenson. Quando o sol ficou mais alto, as quatro comeram sanduíches de presunto, maçãs do tipo Cox e muito bolo, tudo regado a cerveja de gengibre fresca. Edwina observava os procedimentos com ar suplicante, comendo cada pedacinho jogado na sua direção.

Mas, realmente, fazia um calor estranho para outubro! Eleanor abriu os pequenos botões de pérola de seus punhos, enrolando as mangas uma vez e depois uma segunda, de modo que elas se acomodassem em plissados perfeitos. Uma sonolência se abatera sobre ela após o almoço e deitou-se de costas no cobertor. Fechando os olhos, pôde ouvir as meninas discutindo preguiçosamente sobre o último pedaço de bolo, mas sua atenção se afastou, navegando para além delas para ouvir o espirro da água quando uma truta reluzente saltava no córrego, os cantos de grilos escondidos na borda do bosque, o farfalhar quente das folhas no pomar próximo. Cada som era um exagero, como se um feitiço fascinante fosse lançado sobre aquele pequeno pedaço de terra, como se tivesse saído de um conto de fadas, uma das histórias do Sr. Llewellyn sobre sua infância. Eleanor suspirou. O velho já estava fora havia mais de um mês. Ele partira, como sempre fazia, quando o verão terminava, buscando os climas mais quentes da Itália para acalmar as pernas e o espírito inquietos. Eleanor sentia muita falta dele. Os meses de inverno em Loeanneth eram sempre mais longos e frios por causa de sua ausência. Ela, pessoalmente, era mais rígida sem ele, mais contida. Ele era a única pessoa que ainda olhava para ela e tinha o vislumbre de uma menina com cabelo selvagem, emaranhado, e um espírito aparentemente insaciável.

Eleanor adormeceu, ficou inclinada sobre o penhasco da consciência e sonhou que era criança. Estava em seu barco, a vela branca cheia de brisa. Seu pai e o Sr. Llewellyn acenavam da margem. Seu coração estava repleto de felicidade. Ela não sentia nenhuma incerteza ou medo. A luz se refletia na água e as folhas brilhavam, mas então, quando ela se virou para acenar de volta, percebeu que tinha ido mais longe do que devia e o lago não era mais uma forma que ela reconhecia, deparando-se, ao contrário do que se habituara, com um distanciamento de sua casa e de sua família, além da correnteza forte, que puxou Eleanor para ainda mais longe deles, a água agitada, o barco balançando de um lado para outro, e ela teve que se segurar firme para não cair...

Acordou abruptamente e percebeu que estava sendo sacudida.

– Mãe! Acorde, mãe!

– O que foi?

O sol não estava mais brilhando. Grandes nuvens escuras se reuniam a oeste e o vento soprava forte. Eleanor se sentou depressa, olhando em volta para contar as filhas.

– Clementine? – questionou Eleanor.

– Clemmie está bem. É com Edwina que estamos preocupadas. Ela saiu correndo atrás de um coelho há meia hora, não voltou e agora vai chover.

– Meia hora... mas há quanto tempo estou dormindo? – Eleanor consultou o relógio. Eram quase três. – Para onde ela foi?

Deborah apontou para um bosque distante e Eleanor olhou fixamente, como se, perscrutando as árvores com bastante vontade, ela pudesse ver Edwina.

O céu estava cinza. Eleanor podia sentir o cheiro da tempestade que se aproximava, uma combinação de calor e umidade. Ia chover forte e logo, mas não podiam deixar Edwina, não tão longe de casa. Ela era velha e parcialmente cega e, com as articulações tão rígidas, não seria capaz de se livrar de problemas.

– Eu vou atrás dela – disse Eleanor, decidida, enfiando as coisas do piquenique de volta na cesta. – Não deve estar muito longe.

– Vamos esperar?

Eleanor pensou por um instante e balançou a cabeça.

– Não há motivo para todos nos molharmos. Você leva as outras para casa. Certifique-se de que Clemmie não pegue chuva.

Depois de despachar as meninas com severas instruções para que não perdessem tempo, Eleanor começou a andar em direção ao bosque. Chamou por Edwina, mas o vento era forte e suas palavras se perderam. Caminhou depressa, parando de vez em quando para observar o horizonte, chamar e escutar, mas não ouviu latido em resposta.

Estava escurecendo muito e depressa; a ansiedade de Eleanor crescia a cada minuto. Edwina ficaria assustada, ela sabia. Em casa, quando chovia, a velha cadela corria direto para sua cama atrás da cortina da biblioteca, o rabo entre as pernas e as patas sobre os olhos enquanto esperava o pior.

Um trovão estrondoso encheu o vale. As nuvens de tempestade estavam bem acima dela agora. O último pedaço de céu claro foi absorvido pela tumultuosa escuridão e, sem hesitar, Eleanor pulou a cerca para o descampado vizinho. Um grande redemoinho de vento a cercou e um relâmpago rasgou o céu. Quando as primeiras gotas grossas começaram a cair, ela pôs as mãos em volta da boca e chamou de novo:

– Edwina!

Mas sua voz foi varrida pela tempestade e não houve resposta.

A trovoadas se propagou através da planície e Eleanor ficou encharcada em poucos minutos. O tecido do vestido batia contra suas pernas e ela precisava estreitar os olhos para ver através do brilho da chuva pesada. Houve um tremendo estalido quando um relâmpago atingiu algum lugar nas proximidades e, apesar de seu temor por Edwina, Eleanor sentiu uma onda de emoção curiosa. A tempestade, o perigo, a chuva violenta, tudo combinado para lavar o verniz que a tornava mãe. Ela era Eleanor de novo ali fora, Eleanor, a Aventureira. Livre.

Chegou ao topo de uma colina e, lá no fundo, na margem do córrego, havia um pequeno trailer cigano, de cor borgonha, com rodas amarelas desbotadas. Eleanor sabia de quem era e seguiu na direção dele com um arrepio de reconhecimento. O trailer estava vazio agora, cortinas desbotadas desenhadas atrás das janelas. Encontrava-se em mau estado de conservação, mas, por baixo da pintura descascada, ela vislumbrou um traço do velho desenho floral que o adornava. Perguntou-se vagamente onde ele estava agora. Como devia ser viver assim. Livre para viajar, para explorar, para fugir. Ela o invejava por gozar dessa liberdade e isso se manifestava naquele momento como uma raiva curiosa direcionada a ele. Loucura, porque é claro que ele não lhe devia nada. Foi apenas a força de sua imaginação que alimentou sua sensação de que fora traída.

Eleanor tinha quase chegado ao córrego e estava cogitando se deveria segui-lo em direção a Loeanneth ou atravessá-lo quando olhou para o trailer e parou. Uma escada de madeira rudimentar levava a um patamar e ali, absolutamente seca, estava Edwina. Eleanor deu uma gargalhada.

– Ora, sua velhota esperta! Muito bonito, você sentada aí em cima, linda e seca, enquanto eu estou completamente encharcada.

O alívio foi instantâneo e imenso. Ela subiu correndo a escada, ajoelhando-se para cobrir o querido focinho da retriever com suas mãos.

– Você me deu um susto enorme. Pensei que tivesse ficado presa em algum lugar. Está machucada?

Ela verificou as patas da cadela, procurando lesões, e então, com admiração, avançou mais no patamar precário e estreito.

– Mas como foi que você chegou até aqui?

Eleanor não notou a porta do trailer se abrindo. Só soube que ele estava lá quando ouviu sua voz:

– Eu a ajudei. Eu a ouvi latindo debaixo do trailer quando a tempestade começou e achei que ficaria mais confortável aqui em cima.

Seu cabelo escuro estava encharcado e ele usava apenas calças e camiseta.

– Convidei-a a entrar, mas ela quis ficar aqui fora. Suspeito que estivesse de vigília à sua espera – completou ele.

Eleanor não conseguiu pensar em nada para dizer. Foi o choque de vê-lo. Ele não deveria mais estar ali. Deveria ter ido embora, estar trabalhando em outro lugar. Sua correspondência, aquelas cartas das pessoas com quem ele se importava o bastante para receber notícias, estava destinada a encontrá-lo em algum novo lugar. E era mais do que isso também. Uma sensação semelhante ao déjà-vu, mas muito mais potente. Uma impressão inexplicável, encorajada talvez pelo tempo selvagem, pela estranheza do dia, de que ele estava ali porque ela o conjurara. Que havia uma inevitabilidade naquele momento, naquele encontro, que tudo sempre tivesse levado àquele instante. Ela não sabia o que fazer, o que dizer. Olhou por cima do ombro. O tempo ainda estava ruim. Uma tempestade no campo. Sentia-se em terra de ninguém, nem lá nem acolá, empoleirada numa ponte entre dois mundos. E, então, bastou que ele falasse de novo para uma ponte desmoronar sob seus pés.

– Eu estava prestes a acender o fogo. Gostaria de entrar e esperar a tempestade passar?

Algum tempo depois de Sadie Sparrow sair, as chaves de Loeanneth enfiadas com segurança na bolsa da detetive, Alice foi para o jardim dos fundos. Estava chegando o crepúsculo e um silêncio melancólico caíra com a sombra. Ela seguiu o caminho de tijolos cobertos de vegetação, registrando tarefas corriqueiras que precisariam ser feitas nas próximas semanas. Havia muitas delas. Alice preferia um jardim com personalidade, mas havia uma diferença entre caráter e caos. O problema era que não saía para o jardim com muita frequência. Ela adorava estar ao ar livre nos tempos de antigamente.

Um emaranhado de jasmims-estrela se derramava pelo caminho e Alice se ajoelhou para arrancar um raminho, segurando-o sob o nariz e respirando o perfume capturado do sol. Por capricho, desamarrou seus sapatos. Em um canto ao lado da camélia, havia uma delicada cadeira de ferro e ela se sentou, libertando os pés dos sapatos e tirando as meias, balançando os dedos na surpresa do ar ameno. Uma borboleta atrasada pairava em um arbusto de rosas ali perto e Alice pensou, como sempre, em seu pai. Durante toda a vida, ele foi um devotado cientista amador. Ela nunca imaginara que desejasse outra coisa além do que tinha. Sabia que, uma vez, no passado, muito tempo antes, ele estudara e aspirara a praticar medicina, mas isso, como todos os sonhos e desejos dos pais, existia em um reino muito menos real do que o brilhante, ousado presente em que ela vivia. Agora, porém, vislumbrava quanto a guerra lhe havia roubado. Lembrou-se de fragmentos de conversas, murmúrios e maldições sobre suas mãos trêmulas, sua dificuldade em se concentrar, os jogos de memória que ele costumava fazer tão frequentemente, tentando manter seus pensamentos em ordem.

Alice moveu as solas dos pés contra os tijolos quentes, ciente de cada seixo, cada flor gasta debaixo deles. Sua pele era sensível naqueles dias, não como os pés endurecidos pelas brincadeiras de sua infância. Durante os longos verões em Loeanneth, passara semanas sem sapatos, tendo de correr para encontrá-los quando a mãe anunciava um raro passeio à cidade. A corrida louca pela casa, agachando-se para olhar debaixo das camas, atrás das portas, debaixo das escadas e, depois, a descoberta final, triunfante. A memória era tão vívida que Alice quase podia tocá-la.

Deu um suspiro pesado. Entregar as chaves de Loeanneth a Sadie Sparrow despertara nela uma tristeza havia muito reprimida. Quando sua mãe morreu e ela herdou a casa, Alice tinha guardado aquelas chaves e se comprometido a nunca mais voltar. Entretanto, uma pequena parte dela sabia que a promessa era temporária, sabia que, naturalmente, devia mudar de ideia; Loeanneth era sua casa, sua amada casa.

Mas ela não mudou de ideia e, naqueles dias, parecia que jamais mudaria. Ela dera as chaves e a tarefa de ordenar os segredos de sua família para outra pessoa, uma jovem detetive bem preparada, porém apartada de seu círculo íntimo; seu interesse pela solução do crime era puramente acadêmico. Parecia de algum modo um fim, uma admissão de que ela mesma, Alice, nunca voltaria.

– Gostaria de um gim-tônica? – ofereceu Peter, um jarro de cristal em uma das mãos, dois copos na outra, cubos de gelo estalando como em uma peça de Noel Coward.

Alice sorriu com mais alívio do que pretendia ou esperava.

– Não consigo imaginar nada que eu pudesse desejar mais.

Sentaram-se juntos à mesa de ferro forjado e ele serviu uma dose para cada. Cítrico, adstringente e gelado, era exatamente do que Alice precisava. Conversaram sobre o jardim e bateram um papo agradável, o

que se mostrou um afastamento bem-vindo de suas recentes reflexões. Se Peter percebeu seus pés descalços e pensou que eram uma ruptura alarmante do protocolo, era muito educado para dizer isso. Quando terminou, levantou-se e guardou a cadeira no lugar.

– Suponho que seja hora de ir para casa – disse ele. – A menos que haja algo mais que você gostaria que eu fizesse.

– Não consigo pensar em nada agora.

Ele assentiu, mas não saiu, e ocorreu a Alice que uma demonstração de gratidão não seria fora de hora.

– Obrigada por hoje, Peter. Por organizar o encontro com a detetive Sparrow, por manter as engrenagens girando enquanto ela estava aqui.

– Imagine, não precisa agradecer. – Pegou um ramo eriçado de hera e virou as folhas para a frente e para trás em seus dedos. – Espero que a reunião tenha sido proveitosa.

– Acho que foi.

– Ótimo – disse ele. – Isso é uma boa notícia.

Ainda assim, ele não saiu.

– Peter?

– Alice.

– Você ainda está aqui.

Ele suspirou com determinação.

– Vou falar.

– Por favor.

– Agora que o site está pronto, eu estava me perguntando se poderia ter algum tempo livre, se você poderia me liberar de minhas tarefas habituais por um tempo.

Alice ficou surpresa. Peter nunca tinha pedido um tempo antes e seu instinto ordenava a recusa do pedido. Ela não *queria* poupá-lo. Estava acostumada com ele. Gostava de tê-lo por perto.

– Entendo.

– Há algo importante... algo que eu gostaria muito de fazer.

Alice olhou para o rosto dele e foi atingida por uma súbita onda de autoconsciência. O pobre garoto nunca pedira nada, fazia tudo o que ela mandava sem reclamar, cozinhava seus ovos exatamente do jeito que ela gostava, e ali estava ela, dificultando as coisas para ele. Que megera tinha se tornado. Como isso aconteceu? Alice, que sempre fora cheia de uma alegria sem limites, que enxergava o mundo como um lugar de possibilidades infinitas? Foi isso que aconteceu com Eleanor? Alice engoliu em seco e disse:

– De quanto tempo você acha que vai precisar?

Ele sorriu, denunciando seu alívio.

– Imagino que três ou quatro dias sejam suficientes, incluindo o fim de semana.

Fazer o quê?, as palavras estavam na ponta da língua, mas Alice as deteve a tempo. Forçou em seu rosto o sorriso mais agradável que conseguiu.

– Quatro dias, então. Vejo você de volta aqui na quarta-feira.

– Na verdade...

– Peter?

– Esperava que você viesse comigo.

Seus olhos se arregalaram.

– Numas férias?

Peter riu.

– Não exatamente. Acho que devíamos ir à Cornualha, a Loeanneth. Não para ficar no pé da detetive Sparrow enquanto ela faz sua investigação, apenas para estar lá. Você poderia supervisionar e eu poderia ajudar com os diários e as cartas. Ler nas entrelinhas, análise textual... é o que eu faço.

Ele observava Alice com atenção, esperando por uma reação. Uma hora antes ela teria dito não, definitivamente não, mas, naquele momento, as palavras não saíam. Enquanto eles bebiam o gim e

conversavam, havia na brisa da tarde um aroma familiar de jardim, de terra úmida e cogumelos, Alice experimentou uma inesperada onda de lembranças e saudade. Havia algo em Loeanneth que ela queria, percebeu, um sinal da garota que tinha sido, da culpa e da vergonha que sentira todos esses anos, e de repente precisava dela mais do que tinha precisado de qualquer coisa em muito tempo. Tinha a sensação de que, se fosse começar a deixar as coisas para trás, teria que recuperá-la.

E ainda assim... voltar a Loeanneth... Ela havia prometido a si mesma que não faria isso.

Simplesmente não conseguia decidir. Esse fato em si era perturbador: Alice Edevane não sofria de indecisão. Não podia deixar de sentir que as coisas estavam começando a se desatar, que ela estava perdendo o ponto. Além disso, abrir mão do controle não seria tão ruim.

Peter ainda estava parado ali.

– Não sei – disse Alice por fim. – Não sei mesmo.



Alice ficou no jardim por mais uma hora depois que Peter saiu. Bebeu um segundo gim e depois um terceiro. Ouviu seus vizinhos enquanto tocavam as tarefas reconfortantes de sua rotina noturna, à medida que o tráfego ficava mais intenso e então diminuía na rua, enquanto os últimos pássaros procuravam abrigo. Era uma daquelas noites de verão perfeitas, quando tudo estava no seu auge. Um dos pontos altos da natureza. O ar estava perfumado, o céu ia gradualmente do rosa ao malva e ao azul-marinho e, apesar das coisas que descobrira nos últimos dias, Alice recebeu a visita de uma enorme sensação de paz.

Quando enfim entrou, viu que Peter tinha deixado o jantar no fogo. A mesa fora posta com sua louça favorita e um bilhete com instruções sobre por quanto tempo devia aquecer a sopa estava apoiado no portatálheres, perto do fogão. Aparentemente, Alice teve uma impressão muito convincente de incapacidade. Ela ainda não estava com fome e decidiu ler por um tempo. Na sala de estar, porém, se viu segurando a fotografia de sua família naquele piquenique de muito tempo atrás em Loeanneth. Pouco antes de tudo ruir. Embora, naturalmente, ela lembrou a si mesma, já estivesse ruindo.

Ela estudou o rosto de sua mãe. Eleanor tinha 38 anos em 1933, velha para a mente de uma menina de 16 anos, mas, do ponto em que Alice se encontrava naquele momento, apenas uma criança. Ela havia sido bonita, de feições marcantes, mas Alice se perguntou como não notara a tristeza na expressão da mãe. Olhando em retrospecto, sabendo da provação interminável que Eleanor sofrera cuidando do marido, de que resguardou a situação para si mesma e absorveu duas decepções como se fossem dela, Alice, então, podia ver claramente. De certa forma, isso tornava a mãe ainda mais atraente. Havia uma aparência de guarda em sua pose, um aspecto assustador em seu olhar penetrante, além de um peso em seu semblante, de resistência ou talvez de desafio. Ela era frágil, forte e encantadora. Não era de admirar que Ben tivesse se apaixonado por ela.

Alice largou a foto. Clemmie estava perturbada quando contou a Deborah o que tinha visto.

– Ela tinha 12 anos e meio – dissera Deborah –, mas era inocente para a idade. Não queria deixar a infância para trás. E, é claro, era uma mãezona.

Alice pôde imaginar sua irmãzinha subindo na varanda de madeira da casa de barcos, pressionando o braço com força contra o vidro, apoiando a testa na parte de trás da mão enquanto olhava pela janela. Como ela deve ter ficado confusa ao ver a mãe e Ben juntos daquele jeito. E como o pai deve ter ficado devastado ao descobrir. Deborah também.

– Pensei que odiaria a mamãe para sempre depois que Clemmie me contou – dissera ela quando Alice disse a mesma coisa.

– Mas você não a odiou.

– Como eu poderia, depois do que aconteceu com Theo? Sua perda desvalorizava sua infidelidade, você não acha? Suponho que eu sentia que ela tinha sido punida o suficiente e minha empatia superou a raiva. Além

disso, voltou a se comprometer com o papai depois de tudo o que aconteceu. Achei que, se ele podia perdoá-la, eu também podia.

– E Clemmie?

Deborah balançou a cabeça.

– Nunca foi fácil saber o que Clemmie pensava. Não voltamos a falar disso. Tentei uma ou duas vezes, mas ela olhou para mim como se eu estivesse falando tolices. Era tão devotada a voar. Às vezes, parecia que ela conseguia subir acima dos emaranhados humanos comuns que prendiam o resto de nós.

Mas será que ela conseguia? De repente, uma nova luz foi lançada sobre o distanciamento eterno entre Clemmie e a mãe. Alice sempre tinha presumido que isso era apenas um aspecto da natureza rebelde e solitária de Clemmie. Ela nunca tinha imaginado, nem mesmo por um momento, que havia algo tão específico, tão traumático, por trás.

E quanto a mim? Alice conseguiu se segurar para não dizê-lo. Em vez disso, um pouco mais leve do que se sentia, falou:

– Não posso deixar de me perguntar por que você não me contou isso antes. Não sobre o caso, não é disso que estou falando, mas sobre tudo. Papai, seu choque, Theo.

Os lábios de Deborah tremeram em sua linha firme.

– Todas nós amávamos o papai, mas você, Alice... você o idolatrava. Eu não queria ser quem ia tirar isso de você. – Ela tentou rir, mas o som saiu fraco. – Meu Deus, até parece que minha decisão foi nobre, mas não foi. Não foi nada disso. – Ela suspirou. – Eu não lhe contei, Alice, porque sabia que você me culparia por ter provocado a raiva de papai. Sabia que você ia me culpar, sabia que você estaria certa e eu simplesmente não suportaria.

Então ela chorou, a culpa e o pesar combinados, admitindo que tinha se perguntado diversas vezes se a sua dificuldade em engravidar tinha sido um castigo pelo que ela fizera, mas Alice a confortou. Por um lado, o cosmos não funcionava desse modo. Por outro, sua reação era inteiramente compreensível. Havia sentido uma lealdade ardente pelo papai e uma raiva feroz contra a mãe. Não teria como saber dos terríveis acontecimentos a que tinha dado início.

Tantas peças de um quebra-cabeça e todo mundo segurando fragmentos diferentes. A única pessoa que sabia de tudo era Eleanor, e ela não ia falar. Sadie Sparrow tinha ficado confusa com o perdão de Eleanor ao marido. A pergunta silenciosa pulsava por trás de suas palavras: *Ela não amava seu bebê?* Mas a mãe adorava Theo. Ninguém que a conhecesse poderia ter pensado o contrário. Ela sofrera pelo resto de sua vida, voltando a Loanneth todos os anos, mas nunca jogara isso nas costas do marido.

– O amor não guarda rancor – dissera Eleanor a Deborah na noite antes de seu casamento e, no caso dela, era verdade.

Eleanor também tinha uma razão extra para ficar junto do marido. A detetive Sparrow tivera dificuldade para compreender, mas Alice sabia que era porque sua mãe acreditava que era culpada. Que tudo o que aconteceu foi uma punição por ter quebrado seu voto.

Alice olhou de novo para a fotografia. Perguntou-se quanto tempo teria durado o caso de sua mãe com Ben. Teria sido um breve encontro ou teriam se amado? Quando Deborah lhe contou, Alice ficou envergonhada. Seus pensamentos foram imediatamente para a casa de barcos na tarde em que Ben a rejeitou. Perguntara-lhe se havia alguém e a ternura no rosto dele confessara que sim. No entanto, não lhe contara quem era.

Lembrou-se dos dois rindo dela pelas costas e se sentiu incrivelmente estúpida. Mas Alice já não era mais uma tola. As fortes emoções de dias antes haviam se desvanecido. Ela era uma criança de 15 anos quando se conheceram, precoce mas ingênua, e se apaixonou pelo primeiro homem mais velho que mostrou interesse por ela, confundindo sua bondade com um amor retribuído. Era uma história simples e ela perdoou sua juventude. Sabia também que sua mãe nunca riria dela. Pelo contrário, podia ver agora por que Eleanor estava tão irritada e foi tão insistente ao tentar alertar Alice sobre o relacionamento com alguém tão “inadequado”.

Tampouco Alice estava com ciúmes por Ben ter escolhido Eleanor em vez dela. Como poderia ter ciúme

de sua mãe, que sofrera e perdera tanto? Que tinha sido muito mais jovem do que Alice era agora, que estava morta havia quase seis décadas. Seria como ter ciúme do próprio filho ou do personagem de um livro lido há muito tempo. Não, Alice não estava com ciúme: estava era triste. Não nostálgica; não havia nada de generalizado ou inexplicável em sua emoção. Ela estava triste por sua mãe ter suportado tudo sozinha. Ocorreu-lhe agora, enquanto olhava para o rosto da mãe muito tempo antes, que talvez aquela tivesse sido a atração. Ben era um homem bom, gentil, atraente e livre dos laços de responsabilidade que, às vezes, pareciam ser um fardo insuportável para Eleanor.

O foco de Alice mudou para o pai, sentado na ponta do cobertor de piquenique, atrás do grupo. Havia um muro de pedra atrás dele e, ao olhar para a foto, Alice ficou impressionada que seu pai sempre lhe tivesse parecido tão seguro e estável quanto aqueles antigos muros de pedra que atravessavam os campos de Loeanneth. Deborah dissera que Alice o idolatrava. Ela certamente o amava de um jeito especial e queria que ele também a amasse. Mas todas elas queriam isso, todas competiram por seu afeto.

Então absorveu cada detalhe de seu rosto familiar, tentando ver, além das características amadas, os segredos por baixo delas. Alice sabia um pouco sobre traumas de guerra, as mesmas coisas que todo mundo sabia, os tremores, pesadelos e os homens traumatizados que se acovardavam quando ouviam sons altos. Mas Deborah tinha dito que não era assim com seu pai. Sua capacidade de concentração foi prejudicada e suas mãos tremiam às vezes – tremiam demais para retomar sua formação de cirurgião. No entanto, era outra coisa que o atormentava, uma experiência particular, e não um peso geral de horrores. Uma provação do campo de batalha que, por sua vez, teve consequências devastadoras para sua família nos tempos de paz.

Então, como devia ser, o olhar de Alice caiu sobre Theo. Sentado aos pés da mãe, um sorriso sedutor iluminava seu rosto enquanto estendia um braço em direção a Clemmie. Seu ursinho de pelúcia pendia de sua mão e, para os não iniciados, poderia ter parecido que ele estava dando um presente para a irmã. Mas Theo nunca teria dado aquele bichinho, não de bom grado. O que aconteceu com o pequeno brinquedo? O paradeiro do ursinho tinha pouca importância no grande esquema das coisas, mas ainda assim Alice se perguntava. Era a romancista nela, supôs, sempre procurando os menores detalhes. As questões maiores continuavam também. Do mais básico – Como isso aconteceu? Quando o pai percebeu o que tinha feito? Como a mãe descobriu? – até o mais premente, no que dizia respeito a Alice: que diabos havia acontecido com seu pai para que reagisse dessa maneira? Alice teria dado qualquer coisa para voltar a falar com a mãe e o pai, para perguntar a eles claramente, mas tudo que restava era esperar que as respostas estivessem nos diários de Loeanneth.

Ela havia confiado em Sadie Sparrow para encontrá-los, mas, naquele momento, estava claro para Alice que não poderia simplesmente ficar de braços cruzados. Prometera a si mesma nunca mais voltar a Loeanneth, mas, de repente, era o que ela queria fazer mais do que qualquer outra coisa no mundo. Alice se levantou abruptamente, passou pela biblioteca, abanou o rosto quente. Voltar a Loeanneth... Peter tinha dito que ela só precisava ligar e dizer que sim... Será que ela realmente se deixaria levar por um compromisso feito no calor da juventude, da incerteza e do medo?

Alice olhou para o telefone e sua mão tremeu.

Ele tinha uma vida abençoada. E era isso que tornava tudo muito pior. Tinha uma esposa que amava, três filhas cuja inocência e bondade trouxeram luz para sua vida e, então, haveria outro bebê. Ele morava em uma linda casa com um jardim irregular, à beira de um bosque grande e exuberante. Os pássaros cantavam nas árvores, os esquilos faziam seus estoques e as trutas cresciam gordas no córrego. Era muito mais do que ele merecia. Milhões de homens perderam a chance de uma vida normal, morreram na lama e na loucura; homens que teriam dado tudo pelo que ele tinha. Mas, enquanto eles estavam mortos e esquecidos, as bênçãos de Anthony continuavam chegando.

Contornou o lago e parou quando avistou a casa de barcos. Seria sempre um lugar especial. Foram dias tão simples antes da guerra, quando a casa estava sendo reformada e ele e Eleanor tinham acampado junto ao córrego. Ele não tinha certeza se voltara a ser feliz desde então. As coisas eram tão certas. Ele tinha o propósito, a capacidade e a confiança que vinham com a juventude intactos, de quem ainda não tinha sido posto à prova. Achava que poderia dizer honestamente que fora sempre um homem de *bem*, então. A vida parecia uma estrada reta à frente, esperando que a percorresse.

Quando a guerra terminou e voltou para casa, Anthony passou muito tempo na casa de barcos. Às vezes, simplesmente se sentava e observava o córrego, outras vezes lia cartas antigas. Havia dias em que simplesmente dormia. Andava tão cansado... Em algumas oportunidades, pensava que nunca acordaria; em muitos dias, teria ficado feliz de não ter acordado. Mas acordava, uma vez após outra, e, com a ajuda de Eleanor, montou seu escritório no sótão, e a casa de barcos ficou para as meninas. Tornou-se um lugar de crianças, para brincadeiras e aventuras, a partir de então, e servia como alojamento para os criados. A ideia lhe agradava. Anthony vislumbrava camadas de tempo e uso, fantasmas do passado dando lugar aos atuantes de hoje. As construções eram muito maiores do que a vida de um homem; isso não era uma coisa boa? Era o que mais gostava nas florestas e nos campos de Loanneth. Gerações andaram neles, trabalharam e foram enterradas embaixo deles. Havia muito consolo na permanência da natureza. Até mesmo os bosques em Menin teriam crescido agora. Era difícil de imaginar, mas devia ser assim. As flores cresceram na sepultura de Howard?

Pensava, às vezes, nas pessoas que conhecera na França. Tentava não lembrar, mas elas apareciam por vontade própria, os aldeões e fazendeiros cujas casas ficavam no meio da guerra. Ainda estariam lá, perguntou-se, monsieur Durand e madame Fournier, os inúmeros outros que os abrigaram, de boa vontade ou não, ao longo do caminho? Quando o armistício foi assinado e as armas postas de lado, as pessoas cujas vidas tinham sido interrompidas, cujas casas e fazendas foram destruídas, começaram o longo e lento processo de reparação? Ele achava que sim. Para onde mais teriam ido?

Anthony contornou a cerca e partiu para a floresta. Alice queria ir com ele naquele dia, mas Eleanor dissera que não e inventara uma tarefa para mantê-la ocupada em casa. Ao longo dos anos, a esposa se tornara perita em ler seu estado de espírito. Houve momentos em que parecia que ela o conhecia melhor do que ele próprio. Naqueles últimos dias, porém, as coisas estavam desandando. Desde que Eleanor lhe falara sobre o novo bebê, as coisas pioraram. Isso o preocupava. Tinha pensado que a notícia o faria feliz, e de certa forma fez. Mas era cada vez mais comum que tivesse seus pensamentos atraídos para aquele celeiro na

fazenda de madame Fournier. Ouvia um choro fantasmagórico à noite, um grito de criança, e toda vez que o cão latia, tinha que ficar muito quieto, para começar a dizer a si mesmo que tudo estava bem, que era só sua cabeça. Como se isso o fizesse se sentir melhor.

Um bando de pássaros cortou rapidamente o céu e Anthony estremeceu. Por uma fração de segundo, ele estava no chão atrás do galpão de ordenha na França, seu ombro doendo por causa do soco que Howard lhe dera. Fechou os olhos com força e contou cinco respirações antes de abri-los um pouco e deixar a luz inundar novamente sua visão. Concentrou-se em ver apenas os campos abertos e largos de Locanneth, o balanço de Alice, o último portão que levava dos prados para o bosque. Lentamente, com determinação, começou a caminhar em direção a ele.

Era melhor que tivesse vindo sozinho nesse dia. Eleanor tinha razão. Estava se tornando imprevisível. Ele estava preocupado com o que poderia fazer sem perceber, o que as meninas poderiam ver ou ouvir. E elas não deviam saber o que ele tinha feito, o que ele era. Não poderia suportar que elas soubessem. Pior ainda se vislumbrassem o que ele quase fizera, a linha monstruosa que ele quase ultrapassara.

Uma noite ele foi acordado por um barulho no escuro, no quarto que dividia com Eleanor. Ele se sentou na cama e percebeu que havia algo sombrio no canto perto das cortinas. Alguém. O coração de Anthony se acelerou.

– O que foi? – sussurrou. – O que você quer?

O homem tinha andado lentamente em sua direção e, quando passou por um raio de luar, Anthony tinha visto que era Howard.

– Eu vou ser pai – disse. – Vou ser pai, Anthony, como você.

Anthony tinha fechado os olhos e tapado os ouvidos, de modo que suas mãos tremiam contra as têmporas. A próxima coisa de que soube foi que Eleanor estava acordada, segurando-o, e o abajur da cabeceira estava aceso, e Howard tinha ido embora.

Mas ele voltaria. Ele sempre voltava. E agora, com um bebê novo a caminho, não havia chance de Anthony conseguir mantê-lo longe.



Eles estavam em guerra havia dois anos e meio. Os combates tinham chegado à frente de batalha e eles enfrentavam uma mixórdia, aparentemente interminável, de hostilidade, seguida de hospitalidade nas casas de civis atrás da linha. Eles conheciam bem a cidade de Warloy-Baillon e seu povo, e se sentiram tão à vontade quanto era possível em seu limbo de trincheiras. No entanto, corria o boato de que se preparavam para uma grande investida e Anthony estava contente. Quanto mais cedo ganhassem essa batalha sangrenta, mais cedo poderiam voltar para casa.

Ele estava voltando de seu último dia longe das trincheiras e se sentou à mesa de estilo campestre feita de carvalho na cozinha de seu relutante anfitrião, monsieur Durand, desfrutando de um último chá em xícara de porcelana em vez de estanho enquanto relia a última carta de Eleanor. Ela enviara uma fotografia de Deborah e do novo bebê, Alice, uma coisa pequena e gorda com ar surpreendentemente feroz e determinado. Depois de olhar mais uma vez, enfiou cuidadosamente a foto no bolso do casaco.

A carta, escrita no papel de marfim que ele lhe dera, era exatamente o que pedira: histórias de uma vida que ele começava a sentir que só existia na ficção. Havia, realmente, uma casa chamada Locanneth, um lago com patos e uma ilha no meio, com um córrego que corria pelo fundo do jardim? Duas pequenas meninas inglesas chamadas Deborah e Alice passavam as manhãs em uma horta plantada pelos pais, passando mal por comerem morangos demais? *Ambas ficaram um tanto mal depois*, Eleanor tinha escrito, *mas o que se pode fazer? Elas são uma dupla de gatunas quando se trata de suas invasões ao jardim. Deborah os guarda nos bolsos e os dá a Alice quando não estou vendo. Não sei se fico orgulhosa ou zangada! E, mesmo quando desconfio, não tenho coragem de impedi-las. Há algo melhor do que colher morangos frescos da parreira?*

Devorá-los e sentir-se derreter com sua doçura? Ó Deus, mas o quarto, Anthony – aqueles dedinhos pegajosos –, depois ficou cheirando a geleia quente por dias!

Anthony viu Howard na porta da cozinha. Pego em um momento particular, de fraqueza, dobrou a carta rapidamente e a escondeu junto da fotografia.

– Estou pronto quando você estiver – disse, pegando o chapéu e o endireitando.

Howard sentou-se na cadeira rústica do outro lado da mesa.

– Você não está pronto – retrucou Anthony.

– Eu não vou.

– Não vai aonde?

– Voltar à frente de batalha.

Anthony franziu a testa, perplexo.

– Você está brincando? Está doente?

– Nem uma coisa nem outra. Vou fugir, desertar, chame como quiser. Vou embora com Sophie.

Anthony não ficava sem palavras com muita frequência, mas, naquele momento, elas lhe faltaram. Sabia que Howard gostava da governanta de monsieur Durand. A pobre moça havia perdido o marido nas primeiras semanas da guerra. Tinha apenas 18 anos e um filho, Louis, para criar, sem parentes ou amigos na aldeia. Ele não tinha percebido quanto as coisas haviam avançado.

– Estamos apaixonados – disse Howard. – Sei que parece ridículo em um momento como o de agora, mas é isso.

As armas nunca silenciavam, sempre pipocando ao fundo. Eles se acostumaram com o modo como a terra tremia e os copos e pires tilintavam na mesa. Eram bons agora em ignorar o fato de que cada barulho significava a morte de mais homens.

Anthony segurou a xícara de chá para que ela parasse e observou enquanto a superfície do líquido restante tremia.

– Apaixonados – repetiu.

Era uma palavra tão estranha de se ouvir quando todos estavam muito mais acostumados a falar sobre ratos, lama e membros ensanguentados.

– Não sou um homem da guerra, Anthony.

– Todos nós somos homens da guerra agora.

– Eu não. Tive sorte, mas minha sorte vai acabar.

– Precisamos terminar o que começamos. Se um homem não pode ser útil a seu país, é melhor que morra.

– Isso é bobagem. Não sei se alguma vez acreditei nisso. Que serventia eu tenho para a Inglaterra? Sou muito mais útil para Sophie e Louis do que para a Inglaterra.

Ele apontou vagamente para a janela e Anthony viu que Sophie e o bebê estavam sentados em um banco de jardim do outro lado do pátio. Ela cantarolava para o menino – uma criança linda, com grandes olhos castanhos e uma covinha em cada bochecha –, que ria e estendia a mãozinha gorda para acariciar o rosto da mãe.

Anthony baixou a voz:

– Veja, eu posso lhe arranjar uma licença. Você pode voltar para a Inglaterra por algumas semanas. Para se organizar.

Howard balançou a cabeça.

– Não vou voltar.

– Você não tem escolha.

– Sempre há uma escolha. Vou fugir hoje à noite. Vamos embora.

– Você vai voltar comigo agora... É uma ordem!

– Quero ficar com ela. Quero ter uma vida normal. Ser pai e marido.

– Você pode ser todas essas coisas e *vai*. Mas tem que fazer isso do jeito certo. Não pode simplesmente fugir.

- Eu não teria lhe contado, mas você é mais que um amigo. Você é um irmão.
- Não posso permitir que faça isso.
- Você tem que permitir.
- Nós dois sabemos o que acontece com os desertores.
- Teriam que me pegar primeiro.
- E vão.

Howard deu um sorriso triste.

- Anthony, meu velho amigo, já estou morto. Minha alma está morta e meu corpo logo a alcançará.

Ele se levantou, empurrando a cadeira lentamente, com cuidado. Saiu da cozinha da fazenda assobiando uma canção que Anthony não ouvia fazia anos, uma música de dança de seus dias de universitários.

O assobio, aquela melodia, a maneira casual com que seu amigo assinava a própria sentença de morte... Todas as coisas terríveis que tinham visto e feito juntos, a implacabilidade de tudo aquilo, tudo o que Anthony havia deixado para chegar até ali – a intensidade terrível da saudade que sentia de Eleanor e de suas meninas, de seu bebê Alice, que ele nem sequer conhecia – ameaçou dominá-lo naquele momento.

Seus pensamentos se desfocaram e ele se levantou abruptamente. Saiu correndo da cozinha, atravessou a área gramada e cruzou os caminhos entre as construções da fazenda. Alcançou Howard no beco atrás do galpão de ordenha do vizinho. Seu amigo estava na outra extremidade e Anthony gritou:

- Ei! Pare aí.

Howard não parou. Em vez disso, respondeu por cima do ombro:

- Você não é mais meu comandante.

Anthony sentiu o medo, a impotência e a raiva crescerem dentro dele como uma onda negra que não poderia ser controlada. Ele não podia deixar isso acontecer; tinha que impedi-lo de alguma forma.

Começou a correr. Nunca fora um homem violento – estava estudando para ser médico, para curar –, mas, naquela hora, seu coração estava disparado e o sangue corria em suas veias e cada pedaço de raiva, tristeza e frustração que sentira nos últimos anos pulsava sob sua pele. Quando chegou perto de Howard, saltou, puxando-o para o chão.

Os dois homens rolaram juntos, lutando e brigando, cada um tentando desferir um soco decisivo no outro, nenhum dos dois conseguindo. Howard foi o primeiro a acertar, movendo-se para trás para ganhar distância antes de soltar um gancho de esquerda. Anthony sentiu uma chama de dor líquida atravessar seu peito e o ombro.

Howard tinha razão, ele não era um homem da guerra, nem Anthony, e a briga foi exaustiva, para surpresa deles. Os dois se soltaram, caindo separados de costas no chão, os peitos subindo e descendo enquanto lutavam para recuperar o fôlego, a loucura momentânea encerrada.

- Ah, meu Deus – disse Howard por fim. – Sinto muito. Você está ferido?

Anthony balançou a cabeça. Olhou para o céu, mais deslumbrante de alguma forma pela falta de ar.

- Que droga, Howard.

- Eu já disse, me desculpe.

- Você não tem comida nem suprimentos... O que você está pensando?

- Sophie e eu... temos o bastante. Temos um ao outro.

Anthony fechou os olhos e levou a mão ao peito. O sol fazia suas bochechas queimarem de um jeito prazeroso e deixava sua visão alaranjada.

- Você sabe que tenho que detê-lo.

- Você vai ter que me matar para conseguir isso.

Anthony piscou para a luz. Um bando organizado de pássaros pretos voou contra o azul brilhante do céu. Ele os observou e, ao fazer isso, suas certezas pareceram desmoronar. Aquele dia, aquele sol, os pássaros, tudo estava fora da esfera da guerra. Era como se uma realidade diferente estivesse acontecendo lá em cima. Se ao menos eles pudessem chegar perto o suficiente para escapar daquele lugar que chamavam de mundo...

Howard agora estava sentado com as costas apoiadas na parede de tijolos, inspecionando sua mão ferida.

Anthony foi se sentar ao lado dele. Suas costelas doíam.

– Você está determinado a fazer isso?

– Nós estamos.

– Então me conte o plano. Você deve ter um plano. Não posso acreditar que você seria estúpido o suficiente para atravessar o país com uma mulher e um bebê se não tivesse um plano.

Enquanto Howard descrevia seu esquema, Anthony ouviu. Ele tentou não pensar no Exército, nas regras e no que aconteceria se seu amigo fosse pego. Apenas ouviu, assentiu e se forçou a acreditar que poderia funcionar.

– Essa tia de Sophie... Ela está no sul?

– Quase na fronteira espanhola.

– Ela vai recebê-lo?

– É como uma mãe para Sophie.

– E a viagem? E a comida?

– Tenho guardado rações e o pacote que Eleanor enviou, e Sophie conseguiu pão e água.

– Da cozinha de monsieur Durand?

Howard assentiu.

– Pretendo deixar-lhe dinheiro em troca. Não sou ladrão.

– Onde você está guardando esses suprimentos?

– Há um celeiro à beira da fazenda de madame Fournier. Está fora de uso. As bombas abriram grandes buracos no telhado e entra água como uma peneira.

– Algumas rações, um bolo, um pão... não serão suficientes. Você vai ter que se esconder por dias e não dá para saber o que vai encontrar enquanto viajar para o sul.

– Ficaremos bem.

Anthony imaginou a despesa do Exército. As latas de carne e leite condensado, farinha, queijo e geleia.

– Você vai precisar de mais – disse ele. – Espere até escurecer. Todo mundo estará ocupado se preparando para a investida de amanhã. Encontro você no celeiro.

– Não, você não vai. Não quero que você se envolva.

– Já estou envolvido. Você é meu irmão.



Anthony levou uma mochila naquela noite, cheia de tudo o que tinha conseguido pegar. Tomou cuidado para não ser seguido. Como oficial, tinha mais privilégios do que a maioria, mas não podia se dar ao luxo de ser pego no lugar errado com uma mochila cheia de suprimentos roubados.

Ele sacudiu a porta do celeiro quando chegou e depois bateu uma vez, como tinham combinado. Howard a abriu imediatamente. Ele devia estar esperando do outro lado. Abraçaram-se. Anthony não conseguia se lembrar de terem feito isso antes. Mais tarde ele se perguntaria se cada um tivera um pressentimento do que ia acontecer. Entregou a mochila.

A luz prateada da lua entrava por um buraco no telhado e ele pôde ver Sophie sentada em um fardo de feno no canto, o bebê amarrado ao seu peito em uma faixa de lona. A criança estava dormindo, os lábios rosados apertados, um olhar de intensa concentração em seu pequeno rosto. Anthony invejou a paz da criança. Mesmo então, sabia que nunca mais dormiria assim. Assentiu com uma saudação e Sophie sorriu timidamente. Ali, não era mais a governanta de monsieur Durand, mas o amor do melhor amigo de Anthony. Isso mudava as coisas.

Howard foi até ela e falaram baixinho. Sophie ouvia com atenção, acenando rapidamente às vezes. Em um momento, descansou a mão, pequena e fina, no peito dele. Howard pôs a sua por cima da dela. Anthony sentiu-se como um intruso, mas não conseguia desviar o olhar. Ficou impressionado com a expressão do

amigo. Parecia mais velho, mas não porque estivesse cansado. A máscara de falso humor que usara desde que Anthony o conhecia, o sorriso protetor que ria do mundo antes que o mundo pudesse rir dele, tinha desaparecido.

Os dois amantes terminaram a conversa e Howard foi se despedir depressa. Anthony percebeu que era um adeus. Durante toda a tarde ele se perguntara o que dizer quando chegasse a hora. Teria percorrido uma vida inteira de desejos e arrependimentos, além de coisas aparentemente aleatórias que de outra forma jamais teria a chance de falar, mas agora tudo tinha evaporado. Havia muito para expressar e muito pouco tempo para isso.

– Cuide-se – recomendou.

– Você também.

– E quando tudo acabar...

– Sim. Quando tudo acabar.

Veio um barulho do lado de fora e ambos congelaram.

Um cão latia ao longe.

– Howard – chamou Sophie num sussurro assustado. – *Dépêche-toi! Allons-y.*

– Sim. – Howard assentiu, ainda olhando para Anthony. – Nós temos que ir.

Correu para o lado de Sophie, jogou a mochila do Exército sobre o ombro e pegou a outra bolsa perto de seus pés.

O cão ainda estava latindo.

– Cale a boca – sussurrou Anthony. – Por favor, cale a boca.

Mas o cão não se calou. Ele rosnava e uivava, estava chegando mais perto, ia acordar o bebê e, de repente, havia vozes lá fora também.

Anthony olhou ao redor. Havia uma abertura de janela, mas era alta demais para que passassem o bebê. Uma porta aberta na parede mais distante conduzia a uma pequena antessala. Gesticulou naquela direção.

Eles se esconderam lá dentro. Estava mais escuro sem o luar e todos prenderam a respiração, ouvindo. Aos poucos, seus olhos se ajustaram. Anthony pôde ver o medo no rosto de Sophie. Já Howard, com o braço em volta dela, não era tão fácil de decifrar.

A dobradiça da porta do celeiro foi sacudida e a porta se abriu com um ruído.

O bebê estava acordado agora e começou a balbuciar baixinho. Não havia nada de engraçado na situação, mas a criança não sabia disso. Ele estava cheio da alegria simples de estar vivo e isso o fez rir.

Anthony levou um dedo aos lábios, sinalizando com urgência que tinham que mantê-lo quieto.

Sophie sussurrou no ouvido do bebê, mas isso lhe fez cócegas e ele riu com mais vontade ainda. *Uma brincadeira*, diziam seus olhos escuros, dançando. *Que divertido!*

Anthony sentiu seus pelos se eriçarem. Os passos estavam muito próximos, o murmúrio de vozes alto e claro. Novamente, pressionou o dedo contra os lábios e Sophie empurrou o bebê, seus sussurros ganhando um traço de pânico.

Mas o pequeno Louis estava cansado de brincar e talvez com fome, ansioso para se soltar da mãe e confuso porque ela não o deixava. Seu balbuciar se transformou em choro e o choro ficou mais alto. Num piscar de olhos, Anthony estava ao lado de Sophie, as mãos sobre a criança, puxando o pequeno embrulho, tentando soltá-lo da faixa de pano, tentando tapar a boca da criança e parar o choro, fazê-lo ficar quieto para que todos ficassem seguros.

Então, o cachorro aproximou-se da segunda porta, arranhando a madeira, e Howard estava atrás de Anthony, puxando-o para longe, empurrando-o para trás com muita força, o bebê ainda chorando, o cachorro latindo, Howard tinha o braço em volta de Sophie, que também choramingava. A maçaneta da porta sacudiu.

Anthony puxou a arma e prendeu a respiração.

Quando a porta se abriu, o facho da lanterna era de cegar. Anthony piscou e levantou a mão por instinto. Sua mente era um nevoeiro, mas ele conseguiu distinguir dois homens corpulentos no escuro. Um, percebeu quando o homem começou a falar rápido em francês, era monsieur Durand. O outro usava o uniforme do Exército britânico.

– O que é isso? – perguntou o oficial.

Anthony quase pôde ouvir as engrenagens da mente do homem girando e não foi nenhuma surpresa quando ele disse:

– Largue a mochila e saia.

Howard obedeceu.

O bebê Louis estava quieto naquela hora, notou Anthony, e estendia a mão para tocar as bochechas pálidas de Sophie. Ele continuou observando a criança, fascinado por sua inocência, seu contraste marcante com o horror da situação em que estavam.

E, no silêncio, foi inundado pelo reconhecimento do que quase havia feito, a depravação de seu instinto naquele momento terrível.

Anthony balançou a cabeça. Era monstruoso! Era impossível. Com certeza não ele, Anthony, que sempre pudera confiar em si mesmo, em seu controle, precisão e cuidado, na sua orientação para ajudar os outros.

Confuso, forçou o pensamento e concentrou-se novamente no bebê Louis. De repente, pareceu a Anthony que, em um mundo do qual toda a bondade tinha sido minada, todos deveriam estar observando aquela criança preciosa, maravilhando-se com sua pureza. *Pare de falar*, ele queria dizer. *Apenas olhe para o pequeno*.

Ele estava enlouquecendo, claro. Era o que acontecia nos momentos antes de enfrentar a morte. Não havia dúvidas de que todos iam morrer. Ajudar um desertor era o mesmo que desertar. Estranhamente, não era tão ruim quanto Anthony imaginara. Pelo menos aquilo terminaria em breve.

Ele estava cansado, percebeu, muito cansado e, então, podia parar de se esforçar tanto para chegar em casa. Eleanor lamentaria por ele, mas, quando se recuperasse, ficaria satisfeita, ele sabia, por saber que ele morrera tentando ajudar Howard a começar uma nova vida. Anthony quase riu. Começar uma nova vida! Em um momento como aquele, quando o mundo se transformava em ruínas.

Ouviu-se um som estridente e Anthony piscou. Ele ficou surpreso ao perceber que ainda estava no celeiro francês. O oficial abrira a mochila e jogara no chão as provisões roubadas do Exército. Latas de carne, de legumes e leite condensado jaziam por todo o chão – Anthony tinha se assegurado de pegar o suficiente para que Howard e Sophie pudessem se esconder por semanas se fosse preciso.

O oficial assobiou baixinho.

– Parece que alguém estava planejando umas férias.

– E eu teria escapado – disse Howard de repente – se Edevane não tivesse me alcançado.

Anthony fitou o amigo, confuso. Howard não olhou para ele.

– O desgraçado me seguiu. Tentou me convencer a desistir.

Pare de falar, pensou Anthony, pare de falar. É tarde demais.

O oficial olhou para a arma na mão de Anthony.

– É verdade? – Ele olhou de um para o outro. – Você estava tentando trazê-lo de volta?

Mas Anthony não conseguia formar frases rápido o bastante, cada palavra era como um pedaço de confete em um dia de vento e ele não conseguia juntá-las.

– Eu disse que ele teria que me matar aqui – falou Howard rapidamente.

– Edevane?

Anthony ouviu o oficial, mas apenas de longe. Não estava mais naquele celeiro abandonado na França. Estava de volta a Loeanneth, na horta, vendo suas filhas brincarem. Estava cuidando do jardim que ele e Eleanor haviam plantado juntos uma vida atrás, podia sentir o cheiro dos morangos aquecidos pelo sol, sentir o calor no rosto, ouvir as filhas cantando.

– Volte para casa – dissera Eleanor naquele dia, junto ao córrego, e ele prometera que voltaria.

Ele ia voltar para elas, nem que fosse a última coisa que fizesse. Tinha feito uma promessa, mas era mais do que isso também. Anthony ia voltar para casa porque queria.

– Tentei detê-lo – ouviu-se dizer. – Eu falei para ele não fugir.

Quando posicionaram Howard entre eles e marcharam de volta para o acampamento, enquanto Sophie se lamentava em um francês gaguejante, Anthony disse a si mesmo que tinha conseguido mais tempo para seu

amigo. Que não ia terminar assim. Que onde havia vida, havia esperança. Encontraria uma forma de explicar tudo, de salvar Howard, de fazer as coisas voltarem a ser como eram. A frente de batalha estava a quilômetros de distância. Teria muito tempo para pensar em uma saída para aquela confusão.

No entanto, a meio quilômetro do acampamento, ele ainda não tinha pensado em nada e percebeu que já não podia sentir o odor dos morangos, apenas o fedor da podridão da guerra, da lama e do desperdício e o gosto acre de pólvora nos lábios. Ouvia um cachorro latindo em algum lugar e – tinha certeza – um bebê chorando naquela noite distante, e, antes que pudesse impedir, ocorreu-lhe o pensamento frio, aborrecido e desprovido de emoção de que, se ao menos ele tivesse terminado o que havia começado lá, silenciado aquele bebê, aquela criança pequena e querida que mal começara a viver, que não teria sabido o que estava acontecendo, a quem Anthony poderia ter feito isso rápido, com misericórdia, então Howard teria sido poupado. Aquela tinha sido sua única chance de salvar seu irmão e ele tinha falhado.

Sadie não via sentido em continuar em Londres depois de ter falado com Alice Edevane. As chaves de Loeanneth abriam um buraco no seu bolso e, quando voltou ao seu apartamento, decidiu partir imediatamente. Jogou um copo de água na planta desidratada, apanhou as anotações e pôs no ombro sua bolsa de viagem, ainda arrumada, do jeito que estava quando fora à Cornualha pela última vez. Trancou a porta ao sair e, sem olhar para trás, desceu as escadas de dois em dois degraus.

A viagem de cinco horas foi rápida, para surpresa dela. Condado após condado iam passando em um borrão esverdeado enquanto Sadie se perguntava sobre a prova que Alice tinha prometido que ela encontraria escondida nos depósitos em Loeanneth. Eram quase nove e meia e estava escurecendo quando ela saiu da A38 para seguir em direção à costa. Reduziu a velocidade quando se aproximou da placa inclinada que indicava o caminho para o bosque e a entrada escondida de Loeanneth; sentia uma grande tentação de seguir a estrada bifurcada. Sua impaciência para começar era igualada apenas por sua ânsia de evitar a tarefa incômoda à sua frente de explicar a Bertie por que tinha voltado tão rápido. Ela podia apenas imaginar sua expressão intrigante ao perguntar: “Férias de novo?” Mas não havia eletricidade na Casa do Lago, ela não trouxera uma lanterna e, a menos que planejasse evitar a aldeia e seu avô completamente, teria que encará-lo em algum momento. Não, decidiu, era melhor acabar logo com a investigação.

Com um suspiro de determinação relutante, ela continuou ao longo da estrada da costa em direção à aldeia, onde os preparativos para o Festival de Solstício no fim de semana estavam em andamento. Fios compridos com luzes coloridas estavam sendo colocados ao longo das ruas e, na praça da aldeia, pilhas de madeira e lona eram baixadas a intervalos regulares, esperando para serem montadas em barracas. Sadie dirigiu lentamente pelas ruas estreitas antes de começar a subir para a casa de Bertie. Fez a curva final e ali estava, empoleirada no topo do penhasco, luzes acesas brilhando na cozinha e o céu estrelado iluminando por trás seu telhado inclinado. A cena parecia saída de um filme de Natal em família, faltando só a neve. O que fazia de Sadie a parente inconveniente, ela supôs, que chegava sem ser convidada para acabar com a paz. Ela estacionou o carro na beira da rua estreita, pegou sua bolsa de viagem do banco de trás e subiu as escadas.

Os cães estavam latindo lá dentro e a porta da frente se abriu antes que ela pudesse bater. Bertie usava um avental, uma concha na mão.

– Sadie! – disse com um largo sorriso. – Você veio para o fim de semana do festival. Que surpresa maravilhosa!

Claro, o festival! Uma saída brilhante.

Ramsay e Ash saltaram de trás dele, cheirando Sadie com alegria desenfreada. Ela não pôde deixar de rir, ajoelhando-se para lhes dar um pouco de carinho.

– Você está com fome? – Bertie incitou os cães para dentro. – Eu já ia jantar. Venha e coma um pedaço de pão com manteiga enquanto eu preparo a comida.



Todas as superfícies planas da cozinha estavam cobertas com jarros de conservas e suportes de bolos, que estavam esfriando, então eles comeram na comprida mesa de madeira no quintal. Bertie acendeu velas nos lampiões de vidro e, enquanto as pequenas chamas cintilavam e a cera derretia, Sadie se atualizou com as notícias da aldeia. Como era de esperar, a contagem regressiva do festival estava cheia de intriga e drama.

– Mas tudo está bem quando termina bem – disse Bertie, polvilhando uma camada de fermento em seu prato vazio – e amanhã à noite, a esta hora, tudo estará terminado.

– Até o próximo ano – completou Sadie.

Ele revirou os olhos para o céu.

– Não tente me enganar, você adora isso – acusou Sadie. – Basta olhar para a sua cozinha. Você preparou uma tempestade profana.

Bertie ficou horrorizado.

– Santo Deus, bata na madeira, não desafie o destino. Você não deve nem dizer essa palavra. A última coisa de que precisamos amanhã é chuva!

Sadie riu.

– Supersticioso como sempre, pelo que estou vendo. – Ela olhou além do jardim para o mar iluminado pela lua, o céu estrelado. – Acho que vocês estão bem seguros.

– De qualquer maneira, teremos que começar cedo amanhã se quisermos ter tudo preparado a tempo. Ficarei feliz por ter mais um par de mãos.

– Sobre isso – disse Sadie –, temo não ter sido completamente honesta quanto ao motivo de estar aqui.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Fiz um grande avanço no caso Edevane.

– Ora, ora, fez, é? – Ele empurrou de lado sua tigela. – Conte-me tudo.

Sadie falou sobre seu encontro com Alice e a teoria sobre Anthony Edevane.

– Então, como vê, o trauma de guerra era relevante, afinal.

– Meu Deus – disse Bertie, balançando a cabeça. – Que tragédia horrível. Aquela pobre família.

– Pelo que posso deduzir, a morte de Theo foi o começo do fim. A família nunca mais voltou a Loeanneth, a guerra começou e, quando terminou, ou perto disso, Eleanor, Anthony e sua filha mais nova, Clemmie, estavam todos mortos.

Uma coruja voou sobre eles sem que pudesse ser vista, suas asas batendo no ar quente, e Bertie suspirou.

– É uma coisa estranha, não é?, descobrir os segredos de pessoas que não estão mais conosco. Não é como um dos seus crimes habituais, em que a força motriz é prender e punir os culpados. Agora, não há ninguém para punir.

– Não – concordou Sadie –, mas a verdade ainda importa. Pense nas pessoas deixadas para trás. Elas também sofreram. Merecem saber o que realmente aconteceu. Se você conhecesse Alice, veria que fardo foi não saber. Acho que ela passou toda a vida à sombra dos terríveis acontecimentos daquela noite, mas agora me deu as chaves da casa e permissão para procurar onde eu quisesse. Estou determinada a não ir embora sem encontrar o que precisamos para provar o envolvimento de Anthony na morte de Theo.

– Bem, acho que é incrível o que você está fazendo, ajudando-a a encerrar o caso. E que desafio! Resolver um crime que permaneceu um mistério por setenta anos. Isso deve ser ótimo.

Sadie sorriu. *Era* um desafio. *Era* ótimo.

– E é bastante condescendente por parte da Met lhe dar mais tempo para amarrar as pontas soltas.

Suas bochechas imediatamente ficaram vermelhas. Bertie, em comparação, era a imagem da inocência, esticando o braço para acariciar o pescoço de Ramsay. Se ele estava falando sério ou se sua aparência de tranquilidade mascarava uma pergunta não dita, Sadie não tinha certeza. De qualquer forma, ela poderia ter mentido, mas nesse momento não tinha ânimo para isso. Estava cansada de fingir, especialmente para Bertie, que era toda a sua família, a única pessoa no mundo com quem ela poderia ser completamente verdadeira.

– Na verdade, vovô, tive um problema no trabalho.

Bertie não hesitou:

– Teve, querida? Quer me contar sobre isso?

E, então, Sadie se viu explicando o caso Bailey. Seu forte sentimento de que Maggie tinha sido vítima de um crime, sua recusa em seguir o conselho de seus superiores e sua decisão final de falar com Derek Maitland.

– É a regra número um: não fale com jornalistas.

– Mas você é uma excelente detetive. Deve ter sentido que tinha uma boa razão para quebrar as regras.

A fé dele em seu discernimento era tocante.

– Achei que sim. Eu estava convencida de que meus instintos estavam certos e parecia a única maneira de manter a atenção no caso.

– Então você agiu de boa-fé, mesmo que tenha feito algo errado. Com certeza, isso vale alguma coisa.

– Não é assim que funciona. Eu já estaria em apuros se tivesse razão, mas não tinha. Fiz uma coisa ruim, me envolvi com o caso e agora abriram um inquérito.

– Ah, querida... – Seu sorriso era cheio de simpatia. – Se serve de consolo, eu confiaria nos seus instintos a qualquer momento.

– Obrigada, vovô.

– E quanto a Donald? Ele sabe? O que ele diz?

– Foi ele quem sugeriu que eu tirasse uma licença. Uma ação preventiva, por assim dizer. Dessa forma, se descobrirem que fui eu, posso argumentar que já me afastei do serviço.

– Isso vai ajudar?

– Nunca soube que Ashford fosse indulgente. Vou ser suspensa, no mínimo. Se ele estiver em um dia ruim, serei desligada.

Bertie balançou a cabeça.

– Não parece certo. Tem algo que você possa fazer?

– O melhor plano que pude imaginar, além de ficar quieta e evitar Nancy Bailey, é manter os dedos cruzados.

Ele ergueu a mão, os dedos velhos entrelaçados.

– Então vou ajudar com os meus. Mas você tem a solução para o mistério da Casa do Lago como prova.

– Exatamente.

Sadie sentiu uma pontada de empolgação ao antecipar o dia seguinte.

Estava se felicitando em silêncio por ter, enfim, dito a verdade a Bertie quando ele coçou a cabeça e disse:

– Fico me perguntando sobre o que era o caso Bailey.

– O quê?

– Por que você acha que se envolveu com esse caso em particular?

– Mães e filhos – disse ela, dando de ombros. – São sempre difíceis para mim.

– Mas você já teve casos semelhantes no passado. Por que esse? Por que agora?

Sadie estava prestes a dizer que não sabia, descartando o assunto como uma dessas coisas inexplicáveis, quando a primeira carta de Charlotte Sutherland lhe passou pela cabeça. Naquele momento, uma vibração que parecia muito com sofrimento surgiu dentro dela e uma onda que ela vinha contendo por quinze anos ameaçou estourar.

– Houve uma carta – disse rapidamente. – Há poucos meses. O bebê, ela tem 15 anos agora, escreveu para mim.

Bertie arregalou os olhos por trás dos óculos.

– Esther? – foi apenas o que disse.

O nome, falado assim, era uma flecha. A única regra que Sadie tinha quebrado, dando um nome a seu bebê quando viu aquela mãozinha espalmada aparecer acima do cobertor amarelo e branco.

– Esther escreveu para você?

Duas vezes, Sadie pensou, mas não disse.

– Duas semanas depois de começar a trabalhar no caso Bailey. Eu não sei como ela conseguiu meu

endereço. Acho que eles guardam registros dos nomes e os dão se as pessoas perguntam, e não é tão difícil encontrar um endereço particular se você sabe onde procurar.

– O que ela falou?

– Contou um pouco sobre ela. Boa família, boa escola, seus adoráveis interesses. E disse que quer me conhecer.

– Esther quer conhecer você?

– O nome dela não é Esther. É Charlotte. Charlotte Sutherland.

Bertie recostou-se em sua cadeira, um sorriso fraco e confuso no rosto.

– O nome dela é Charlotte e você vai encontrá-la.

– Não. – Sadie balançou a cabeça. – Não, eu não vou.

– Mas, Sadie querida...

– Não posso, vovô. Já decidi.

– Mas...

– Eu a dei para adoção. O que ela vai pensar de mim?

– Você era pouco mais que uma criança.

Sadie ainda estava balançando a cabeça involuntariamente. Ela tremeu, apesar da noite amena.

– Ela vai pensar que eu a abandonei.

– Você ficou angustiada sobre o que era melhor para ela.

– Ela não vai ver dessa forma. Vai me odiar.

– E se ela não odiar?

– Olhe para mim...

Solteira, poucos amigos, até mesmo a planta de sua casa tinha morrido por negligência. Ela sacrificara tudo na vida pelo trabalho e mesmo isso parecia tênue. Ela estava fadada a ser uma decepção.

– ... não sou do tipo maternal.

– Não acho que ela esteja procurando alguém para amarrar seus cadarços. Pelo que parece, ela se saiu muito bem nesse departamento. Ela só quer saber quem é sua mãe biológica.

– Você e eu sabemos que a biologia não é garantia de sentimentos de companheirismo. Às vezes, a melhor coisa que pode acontecer a uma pessoa é ganhar novos pais. Veja como você e Ruth se apresentaram para cuidar de mim.

Naquele momento, Bertie balançou a cabeça, mas não com tristeza. Ele estava frustrado com ela, Sadie sabia, mas não havia nada que ela pudesse fazer para mudar isso. Não era ele quem decidia, era ela, e já havia decidido. Para o bem ou para o mal.

Para o bem. Ela exalou com determinação.

– Ruth costumava dizer que, se você fez a coisa certa e a faria de novo, a única coisa que resta a fazer é seguir em frente.

Os olhos de Bertie ficaram úmidos por trás dos óculos.

– Ela sempre foi sábia.

– E, geralmente, estava certa. Foi o que fiz, vovô, segui o conselho de Ruth. Por quinze anos eu segui em frente e não olhei para trás, estava tudo bem. Todo esse problema começou por causa da carta. Isso trouxe o passado de volta à minha vida.

– Não era isso que Ruth queria dizer, Sadie querida. Ela queria que você avançasse sem arrependimentos, para não negar o passado por completo.

– Não estou negando, só não estou pensando nisso. Fiz a escolha que fiz e nada de bom virá ao remexer nisso.

– Mas não é isso que você está fazendo com a família Edevane?

– É diferente.

– É?

– Sim.

E era mesmo. Ela não conseguia encontrar as palavras para explicar como, não ali, naquele momento, apenas sabia disso. Estava irritada com a oposição de Bertie, mas não queria discutir com ele. Então acrescentou, suavizando a voz:

– Olhe, tenho que me recolher e fazer algumas ligações antes que fique muito tarde. Que tal eu esquentar a chaleira e trazer um bule fresco para compartilharmos?



Apesar do som soporífero do mar, Sadie não conseguiu dormir naquela noite. Conseguira finalmente tirar Charlotte Sutherland, Esther, da mente, mas sua atenção tinha se voltado para os Edevanes e Loemanneth. Ela se revirava enquanto as visões do solstício de verão de 1933 enchiam seus pensamentos. Eleanor verificando o bebê Theo antes de voltar para junto de seus convidados, pedalinhas e gôndolas que deslizavam pelo córrego em direção à casa de barcos, a grande fogueira que estalava na ilha no meio do lago.

Ainda estava escuro quando desistiu completamente de dormir e vestiu sua roupa de corrida. Os cachorros acordaram animados quando ela atravessou a cozinha, apressando-se a entrar no ritmo dela quando Sadie partiu. Estava muito escuro para tentar um caminho pelo bosque, então ela se contentou com o promontório, examinando todas as coisas que precisava fazer quando chegasse a Loemanneth. Já estava de volta à casa de Bertie e comendo sua terceira rodada de pão quando a primeira luz da aurora começou a se insinuar na bancada. Sadie deixou um bilhete para Bertie sob a chaleira, carregou o carro com seus arquivos, uma lanterna e uma garrafa térmica de chá e sussurrou para os cães ficarem.

O horizonte estava dourado enquanto ela dirigia para leste. O mar cintilava como se alguém o tivesse polvilhado com partículas de ferro e Sadie abriu a janela para apreciar a brisa cortante e salgada em seu rosto. Seria um dia quente e claro para o festival e ela estava feliz por Bertie. Ainda mais contente por ter saído antes de ele acordar, esquivando-se assim de um retorno à conversa da noite anterior. Não por que ela se arrependeu de lhe contar sobre a carta, só não queria discutir mais o assunto. Ele estava decepcionado, Sadie sabia, com sua decisão de não conhecer Charlotte Sutherland, convencido de que ela estava interpretando errado o conselho de Ruth, mas era uma situação que ele não conseguia entender. Encontraria as palavras para lhe explicar o que era desistir de uma criança, quanto ela tivera que superar o fato de que havia alguém lá fora, sangue do seu sangue, a quem nunca poderia conhecer, mas no momento, com tanta coisa acontecendo, era muito complicado.

Sadie chegou à placa inclinada, sua pintura branca descascando depois de anos de vento forte, e virou à esquerda. A estrada que levava para longe da costa era estreita, longos aglomerados de mato invadindo o asfalto desbotado, e ficava mais estreita ainda enquanto serpenteava pela floresta. A aurora ainda não havia rompido o céu e Sadie teve que acender os faróis do carro para iluminar o caminho entre as árvores. Ela dirigiu devagar, vasculhando as margens cobertas de plantas em busca da entrada para Loemanneth. De acordo com as instruções de Alice Edevane, seria difícil encontrar os portões de ferro forjado. Ficavam escondidos atrás da estrada, dissera ela, e eram tão elaborados que, mesmo durante o auge da família, foram ameaçados pela hera que se estendia para além das árvores, se agarrando a eles e os escalando.

De fato, Sadie quase os perdeu. Foi só quando seus faróis resvalaram para trás de um poste manchado que ela percebeu que eram eles. Ela deu ré depressa, saiu da estrada, saltou do carro e remexeu nas chaves que Alice lhe dera, procurando a que tinha a etiqueta escrito *Portão*. Seus dedos estavam trêmulos de empolgação e demoraram algumas tentativas para colocar a chave na fechadura. Finalmente, porém, ela conseguiu. O portão estava enferrujado e rígido, mas Sadie sempre fora capaz de encontrar força física quando motivada. Ela forçou os portões a se abrirem o suficiente apenas para passar com o carro.

Ela nunca se aproximara da casa vindo daquela direção e ficou impressionada quando, enfim, saiu do bosque espesso e percebeu como era escondida do resto do mundo, enterrada em seu vale, a casa e os jardins internos protegidos por uma plantação de olmos. Ela seguiu o caminho de automóveis através de uma ponte de

pedra e estacionou o carro debaixo dos ramos de uma enorme árvore em uma área de cascalho colonizada por astutos tufos de grama. O sol ainda estava subindo quando ela chegou ao antigo portão e entrou no jardim.

– Você chegou cedo – disse, ao ver o velho sentado na borda do grande vaso.

Clive acenou.

– Espero por isso há setenta anos. Eu não quis esperar um minuto mais do que era necessário.

Sadie tinha telefonado para ele na noite anterior e o informara rapidamente sobre seu encontro com Alice. Ele ouvira chocado quando soube de sua nova teoria de que Theo Edevane fora morto pelo pai.

– Eu estava certo de que o menino tinha sido levado – concluiu ele quando Sadie terminou. – Durante todo esse tempo, esperei ainda poder encontrá-lo.

Havia um tremor em sua voz e Sadie podia dizer quanto ele investira pessoalmente no caso. Ela conhecia a sensação.

– Ainda temos um trabalho a fazer – disse ela. – Devemos ao menino descobrir o que exatamente aconteceu naquela noite.

Ela lhe contou então sobre as chaves e a permissão de Alice para procurar na casa.

– Liguei para ela antes de telefonar para você e mencionei seu interesse. Disse a ela como você tem sido de um valor inestimável até aqui – completou Sadie.

Agora estavam juntos sob o pórtico enquanto Sadie lutava com a porta da frente. Por um instante, pareceu que a fechadura estava presa e a chave não ia girar, mas então veio o clique de boas-vindas do mecanismo ao ceder. Momentos depois, Sadie e Clive atravessaram o umbral, entrando no hall da Casa do Lago. A sala cheirava a mofo e o ar estava mais frio do que Sadie esperava. A porta da frente ainda estava aberta e, quando ela olhou por cima do ombro, o mundo acordado lá fora parecia mais brilhante do que antes. Ela podia ver todo o caminho coberto até onde a superfície do lago cintilava com os primeiros raios de sol da manhã.

– É como se o tempo tivesse parado – disse Clive baixinho. – A casa não mudou nada desde que estivemos aqui tantos anos atrás – continuou, inclinando-se para contemplar todos os ângulos, e acrescentou: – Exceto pelas aranhas. Elas são novas.

Ele encontrou o olhar dela.

– Então, por onde você gostaria de começar? – indagou Clive.

Sadie correspondeu a seu tom ligeiramente reverente. Havia algo sobre uma casa fechada por tanto tempo que convidava a essa encenação.

– Alice acha que é mais provável encontrarmos o que estamos procurando no escritório de Anthony ou na escrivaninha de Eleanor.

– E o que exatamente estamos procurando?

– Qualquer coisa que detalhe a condição de Anthony, especialmente nas semanas que antecederam o verão de 1933. Cartas, diários... Uma confissão assinada seria ideal.

Clive sorriu enquanto ela continuava:

– Vamos render mais se nos separarmos. Que tal você ficar com o escritório? Eu fico com a escrivaninha e nos reunimos para comparar anotações em algumas horas.

Sadie estava ciente do silêncio de Clive enquanto subiam a escada lado a lado, o modo como ele olhava ao redor, seu profundo suspiro quando pararam no patamar do primeiro andar. Só podia imaginar o que devia ser para ele estar de volta à casa depois de tantas décadas. Setenta anos em que o caso Edevane permanecia vivo para ele, sem que nunca perdesse a esperança de resolver o crime. Ela se perguntou se ele teria passado a noite pensando na investigação inicial e se peças do quebra-cabeça, anteriormente inócuas, tinham se encaixado.

– Não pensei em mais nada – disse ele quando ela lhe perguntou. – Eu estava indo para a cama quando você ligou, mas não consegui dormir depois. Fiquei pensando no modo como ele se manteve perto dela durante as entrevistas. Na época, presumi que fosse para protegê-la, para que ela não desmoronasse depois do desaparecimento do menino. Mas, ocorre-me agora, havia algo quase antinatural em sua proximidade. Quase como se ele estivesse de guarda, certificando-se de que ela não fosse ou não pudesse revelar o que ele fizera.

Sadie estava prestes a responder quando seu celular tocou no bolso da calça jeans. Clive fez um sinal com a cabeça indicando que ia para o escritório de Anthony e ela assentiu, pegando o celular. Seu coração deu um pulo quando reconheceu o número de Nancy Bailey na tela. Sadie se considerava uma espécie de especialista em rompimentos e achara que “Adeus e cuide-se” era bastante claro: uma maneira discreta, suave até, de dispensar a outra mulher. Evidentemente, seria necessária uma abordagem mais explícita. Mas não agora. Ela silenciou o celular e o enfiou de volta no bolso. Cuidaria de Nancy Bailey outro dia.

O quarto de Eleanor ficava no corredor, a apenas duas portas de distância, mas Sadie não se mexeu. Em vez disso, seu olhar foi arrastado para o corredor com tapete vermelho desbotado, apodrecendo em remendos, que se estendia por mais um lance de escadas. Havia algo que ela precisava fazer antes. Subiu mais um andar e depois seguiu o corredor até o fim. Ficara mais quente quando ela subiu e o ar era mais embotado. Nas paredes ainda estavam penduradas fotos emolduradas comemorando gerações de membros da família DeShiel e, atrás de cada porta parcialmente aberta, os quartos estavam mobiliados, até com os pequenos itens decorativos nas mesas de cabeceira: lâmpadas, livros, conjuntos de pente e espelho. Era estranho. Ela foi dominada por uma sensação forte, embora completamente irracional, de que precisava andar sem fazer barulho. A parte do contra dela tossiu, apenas para quebrar o silêncio dominante.

No fim do corredor, a porta do quarto do bebê estava fechada. Sadie parou quando chegou lá. Tinha imaginado esse momento muitas vezes durante a última quinzena, mas, agora que estava à porta do quarto de Theo, tudo parecia mais real do que imaginara. Ela não costumava se deter com rituais e superstições, mas fez questão de visualizar Theo Edevane, o bebê de olhos arregalados e bochechas redondas das fotos do jornal, lembrando-se de que o quarto em que estava prestes a entrar era sagrado.

Abriu a porta silenciosamente e entrou. O quarto estava abafado e, embora as cortinas, antes brancas, estivessem puxadas, agora eram cinza e comidas por traças, e a luz se espalhava através delas sem impedimento. Era menor do que imaginara. O curioso berço de ferro fundido no meio era um amplo lembrete de como Theo Edevane era jovem e vulnerável em 1933. Ficava sobre um tapete trançado e, além dele, perto da janela, havia uma poltrona coberta de chita que devia ter sido de um amarelo alegre, mas tinha desbotado para um bege triste e indescritível. A prateleira de brinquedos de madeira, o cavalo balançando debaixo da janela, a banheira de bebê antiga no canto: todos eram familiares das fotos do jornal e Sadie experimentou uma ligeira sensação de reconhecimento distante, como se fosse um quarto com o qual sonhara ou um de que se recordava vagamente da própria infância.

Foi em direção ao berço para examiná-lo. Seu colchão ainda estava coberto com lençóis e um cobertor tricotado tinha sido esticado e preso em uma extremidade. Estava empoeirado, triste. Sadie correu a mão de leve sobre a grade de ferro e ouviu um tilintar fraco. Um dos quatro botões de latão oscilava irregularmente no topo da trave. Tinha sido ali que Theo Edevane fora posto para dormir na noite da festa. A babá Bruen estava dormindo na cama de solteiro contra a parede do fundo, escondida debaixo do teto inclinado, e lá fora, no gramado junto ao lago, centenas de pessoas comemoravam o solstício de verão.

Sadie olhou para a pequena janela lateral através da qual a única testemunha do caso afirmava ter visto uma mulher esbelta. A convidada da festa disse que era por volta de meia-noite, mas devia ter se enganado. Ou tinha imaginado a coisa toda – e, de acordo com Clive, ainda estava bêbada na manhã seguinte –, ou então tinha sido outra janela, outro quarto. Era possível que tivesse visto Eleanor no berçário, olhando para Theo como era seu costume, mas, nesse caso, ela estaria errada sobre o horário, pois Eleanor tinha deixado o quarto às onze horas, parando na escada para dar instruções a uma das empregadas. E testemunhas tinham visto Eleanor junto à casa de barcos, onde as gôndolas estavam ancoradas, pouco antes da meia-noite.

Um relógio redondo, com a face branca e desbotada, olhava do alto, seus ponteiros marcando as três e quinze de muito tempo atrás, e havia cinco imagens do Ursinho Pooh na parede. Essas paredes tinham visto tudo, mas o quarto não ia falar. Sadie olhou para a porta e uma impressão fantasmagórica dos acontecimentos da noite se desenrolou diante dela. Em algum ponto depois da meia-noite, Anthony Edevane tinha atravessado o corredor, cruzando o quarto para pairar acima do berço, como Sadie estava fazendo naquele momento. O que aconteceu depois?, perguntou-se. Ele tirou o menino do quarto ou foi tudo aqui? Theo acordou?

Reconheceu o pai e sorriu ou balbuciou, ou compreendeu de alguma forma que havia algo diferente nessa visita, algo terrível? Ele lutou ou chorou? E o que aconteceu depois? Quando Eleanor descobriu o que seu marido tinha feito?

Algo no chão embaixo do berço atraiu os olhos de Sadie, uma coisa minúscula e brilhante caída no tapete em um pedaço de luz do sol da manhã. Ela se inclinou para pegar. Era um botão de prata redondo com um cupido gordo nele. Ela o estava girando na ponta dos dedos quando algo se moveu contra sua perna. Sadie pulou, o coração acelerado, antes de perceber que era apenas seu celular vibrando no bolso. O alívio logo se transformou em exasperação quando viu o número de Nancy Bailey outra vez. Com uma carranca, ela apertou em “cancelar”, desativou a função “vibrar” e guardou o telefone e o botão no bolso. Olhou ao redor, mas o feitiço já havia se quebrado. Não conseguia mais imaginar Anthony caminhando em direção ao berço ou ouvir o barulho da festa lá fora. Era apenas um velho quarto solitário e ela estava perdendo tempo com botões perdidos e imaginações mórbidas.



O quarto de Eleanor Edevane estava escuro e o ar cheirava a ranço, de tristeza e negligência. Cortinas de veludo grossas estavam puxadas contra as quatro janelas e a primeira coisa que Sadie fez foi abri-las, tossindo enquanto nuvens de poeira se soltavam. Ela abriu as rígidas janelas de guilhotina o mais alto possível e parou por um segundo para admirar a vista do lago. O sol brilhava e os patos estavam agitados. Um leve gorjeio chamou sua atenção e ela olhou para cima. Escondida sob o abrigo do beiral, avistou a ponta de um ninho.

Enquanto uma corrente de ar fresco e limpo passava pela janela aberta, ela sentiu uma onda de motivação e decidiu aproveitá-la. Notou a escrivaninha contra a parede mais distante, exatamente onde Alice dissera que estaria. Foi Eleanor quem iniciou Sadie naquele caminho; Eleanor, com quem ela havia originalmente sentido um envolvimento, acesa pela carta de borda de hera; e era Eleanor quem a ajudaria a provar o que tinha acontecido com o bebê Theo. Lembrando-se das instruções de Alice, Sadie tateou sob a cadeira, acariciando o forro gasto na parte de baixo do assento, passando as pontas dos dedos ao longo de cada borda de madeira. Finalmente, onde a perna traseira direita se juntava ao assento, seus dedos encontraram um par de chaves minúsculas penduradas em um gancho. Bingo.

Uma vez destrancada, a tampa de madeira do gabinete rolou para trás para revelar uma mesa limpa com um bloco de couro e um suporte para caneta dispostos na superfície de escrita. Uma série de diários ocupavam as prateleiras do fundo e uma rápida olhada no primeiro revelou que eram os volumes em três vias que Alice dissera que Eleanor usava para a correspondência. Seu olhar correu avidamente pelas lombadas. Não havia o que sugerisse que estavam em ordem cronológica, mas um olhar para a mesa arrumada e ordenada indicou que era provável. A família tinha deixado Loeanneth no final de 1933, o que significava, talvez, que o último livro cobrira os meses anteriores ao solstício de verão daquele ano. Sadie o puxou da prateleira e, de fato, a primeira página era uma carta datada de janeiro de 1933, endereçada, com bela caligrafia, a alguém chamado Dr. Steinbach. Sentou-se no chão com as costas apoiadas na lateral da cama e começou a ler.

Foi a primeira do que se provou uma série de cartas a uma série de médicos, cada uma delas descrevendo os sintomas de Anthony e pedindo ajuda em frases educadas que não conseguiam esconder seu desespero. As descrições de Eleanor sobre sua situação eram pungentes, o jovem ansioso cuja esperança de vida lhe fora tirada pelo serviço ao seu país, que tentara ao longo dos anos desde seu retorno recuperar suas antigas habilidades. Sadie se emocionou, mas não havia tempo para lamentar os horrores da guerra. Havia apenas um horror que ela estava interessada em provar naquele dia e, para isso, tinha que se concentrar em sua busca de referências ao potencial de Anthony para a violência, sua condição que levou ao 23 de junho.

Se havia algo de reservado nas cartas que Eleanor escreveu aos médicos de Londres, as para Daffyd Llewellyn – e eram muitas – tinham um tom mais pessoal. Sadie tinha esquecido que Llewellyn se formara

médico antes de largar tudo para se tornar escritor – mas, livre de ter que dar as suas descrições em termos que sustentassem a dignidade e a privacidade do marido aos olhos de um médico distante, Eleanor foi capaz de descrever sua condição e seu desespero honestamente: *Às vezes temo que ele nunca seja livre, que minha busca seja em vão... Eu desistiria de qualquer coisa para que ele melhore, mas como posso ajudar quando ele perdeu a vontade de ajudar a si mesmo?* Havia algumas linhas em particular que convenceram Sadie de que ela estava no caminho certo: *Aconteceu de novo na outra noite. Ele acordou com um uivo, gritando outra vez sobre o cachorro e o bebê, insistindo em que eles deveriam partir naquele instante, e eu tive que segurá-lo com todas as minhas forças para impedi-lo de sair do quarto. Meu pobre amor, quando fica assim, batendo e tremendo, nem percebe que sou eu... Ele fica tão arrependido de manhã... Às vezes, me pego mentindo para ele, fingindo que me machuquei correndo. Conheço os vossos sentimentos sobre tais assuntos e concordo, em princípio, que a honestidade com sensibilidade é a melhor abordagem, mas lhe faria um grande mal conhecer a verdade. Ele nunca machucaria uma mosca. Eu não podia suportar vê-lo envergonhado assim... Agora você não deve se preocupar! Eu jamais teria lhe dito se tivesse pensado que isso o faria sofrer tanto. Eu lhe asseguro que estou bem. As feridas físicas cicatrizam; o dano ao espírito é muito pior... Fiz uma promessa a Anthony e promessas devem ser cumpridas. Foi você que me ensinou isso...*

Ao ler, ficou claro para Sadie que Llewellyn também estava a par do caso de Eleanor com Benjamin Munro. *Meu amigo, como você insiste em estranhamente (timidamente!) chamá-lo, está bem... É claro que estou tomada pela culpa. É muito gentil de sua parte apontar as diferenças entre mim e minha mãe, mas, sob suas palavras generosas, sei que nossas ações não são tão diferentes... Em minha defesa, se me for permitido uma defesa, eu o amo, diferente de Anthony, é claro, mas agora sei que é possível que o coração humano ame em dois lugares...* E então, na última carta: *Você tem razão, Anthony nunca deve saber. Muito mais do que um revés, isso o destruiria...*

A última carta era datada de abril de 1933 e no livro não havia outras. Sadie lembrou que Daffyd Llewellyn tinha o hábito de morar em Loeanneth durante os meses de verão, o que explicava por que não havia mais correspondência entre eles. Ela olhou de novo para a linha: *Você tem razão, Anthony nunca deve saber... Isso o destruiria.* Não era exatamente uma prova, mas era interessante. A julgar pela resposta de Eleanor, Llewellyn estava muito preocupado com a maneira que Anthony poderia reagir se soubesse do caso. Sadie se perguntou se sua ansiedade havia contribuído para a depressão que o levou ao suicídio. Ela não era especialista, mas não parecia impossível. Certamente ajudava a explicar a confluência dos acontecimentos, que ainda a cutucava no fundo de seu cérebro.

Sadie se iluminou. Alice tinha dito que a mãe guardava as cartas que recebia nas gavetas de cada lado da escrivaninha. Com alguma sorte, as de Daffyd Llewellyn estariam lá. Ela podia ver exatamente o que ele temia – e quanto – escrito em suas próprias palavras. Sadie destrancou as duas gavetas. Centenas de envelopes, picotados onde foram abertos, estavam amarrados por grupos com fita colorida. Todos eram dirigidos à Sra. E. Edevane, alguns datilografados oficialmente, outros manuscritos. Sadie os folheou, pacote por pacote, procurando pelos de Daffyd Llewellyn.

Ela ainda estava de mãos vazias quando encontrou um lote incomum, pois o envelope de cima não tinha um endereço nem um selo. Perplexa, Sadie olhou o resto. Havia um ou dois que tinham chegado oficialmente pelo correio, mas o resto era tão vazio quanto o primeiro. E então ela percebeu. A fita vermelha suave, a tênue sugestão de perfume. Eram cartas de amor.

Não era estritamente o que ela havia esperado encontrar, mas Sadie foi dominada por um frisson de curiosidade. Além disso, havia uma chance de Eleanor ter compartilhado com seu amante os medos que abrigava sobre a condição de Anthony. Puxou a fita vermelha, tão ansiosa para abrir o pacote que deixou tudo se espalhar no chão ao seu redor. Ela estava se amaldiçoando por tê-los tirado da ordem quando algo chamou sua atenção. Algo que não pertencia àquele pacote.

Reconheceu o papel imediatamente, o padrão de ramos de hera serpenteando nas margens, a caligrafia, a caneta: era uma combinação perfeita. Aquela era a primeira metade da carta que havia encontrado quando estava explorando a casa de barcos, a carta que Eleanor escrevera para Anthony quando ele estava na guerra.

O coração de Sadie disparou mesmo enquanto alisava a folha de papel. Mais tarde, pareceria como se tivesse experimentado um pressentimento do que estava prestes a descobrir, porque, quando começou a ler, uma parte perdida do quebra-cabeça, uma pista que ela nem percebera que estava procurando, caiu em seu colo.

– Sadie?

Ela olhou para cima. Era Clive, parado à porta, um caderno de couro na mão e uma expressão animada no rosto.

– Ah, aí está você – disse ele.

– Aqui estou – repetiu ela, sua mente ainda correndo com as implicações do que acabara de descobrir.

– Acho que consegui – disse ele, animado, andando o mais rápido que suas velhas pernas lhe permitiam para se sentar na beirada da cama perto de Sadie. – No diário de Anthony de 1933. Alice tinha razão, ele escrevia de um jeito prolífico. Há um para cada ano, preenchido principalmente com observações do mundo natural e exercícios de memória. Eu os reconheci dos meus primeiros dias na polícia, quando estava tentando me fazer lembrar todos os detalhes de uma cena de crime. Mas havia entradas de diário também, na forma de cartas para um sujeito chamado Howard. Um amigo, acho, que morreu na Primeira Guerra. Foi onde encontrei. Em junho de 1933, Anthony parece entrar em um novo trecho de escuridão. Ele diz a seu companheiro que se sentiu declinando durante o ano anterior, que algo tinha mudado, ele simplesmente não sabia o que era, e que o nascimento de seu filho não tinha melhorado as coisas. Na verdade, quando olhei as anotações antigas, ele mencionava algumas vezes que o choro do menininho trazia de volta memórias de uma experiência que ele chama de “o incidente”, algo que aconteceu durante a guerra. Em sua última entrada antes do solstício, ele escreve que a filha mais velha, Deborah, fora procurá-lo e que contara a ele algo que mudou tudo, explicando seu sentimento de que algo estava errado e “quebrando a ilusão” de sua vida perfeita.

– A traição – disse Sadie, pensando nas preocupações de Daffyd Llewellyn.

– Só pode ser.

Anthony ficara sabendo do caso pouco antes do solstício de verão. Sem dúvida foi o suficiente para derrubá-lo. Daffyd Llewellyn certamente estava preocupado com isso. Agora, porém, à luz do que ela acabara de ler, Sadie se perguntou se isso era tudo o que ele descobrira.

– E você? – Clive fez um gesto com a cabeça indicando os envelopes ainda espalhados sobre o tapete. – Alguma coisa interessante?

– Pode-se dizer que sim.

– Bem...?

Ela o atualizou rapidamente sobre a carta parcial que tinha encontrado na casa de barcos, a carta de Eleanor a Anthony, escrita quando ele estava na guerra e ela estava sozinha em casa, grávida de Alice e se perguntando como seria sem ele.

– E...? – indagou Clive.

– Acabei de encontrar a outra metade, a primeira. Aqui, no meio da correspondência de Eleanor.

Ele acenou com a cabeça para a folha de papel na mão de Sadie.

– Posso?

Ela passou a folha para Clive, que correu os olhos pelo conteúdo, levantando as sobrancelhas.

– Meu Deus!

– Sim.

– É apaixonada.

– Sim.

– Mas não foi escrita para Anthony. Diz *Querido Ben*.

– É isso mesmo – disse Sadie. – E é datada de maio de 1932. O que significa que o bebê na barriga sobre o qual ela escreve não é Alice. É Theo.

– Mas isso significa...

– Exatamente. Theo Edevane não era filho de Anthony. Era filho de Ben.

Eleanor não tinha intenção de engravidar, não de Ben, mas não se arrependeu nem por um segundo. Ela soube quase no momento em que aconteceu. Dez anos se passaram desde que engravidara de Clementine, mas ela não tinha esquecido. Sentiu um amor imenso e imediato pelo pequeno ser que crescia dentro dela. Anthony às vezes lhe mostrava o que via em seu microscópio, então ela sabia sobre células, moléculas e o tecido da vida. Seu amor pelo bebê era celular. Eles eram um só e ela não poderia imaginar a vida sem esse pequeno ser.

Tão intenso e pessoal era o seu amor que era fácil esquecer que o bebê tinha um pai, que ela não o havia criado sozinha – particularmente quando a criança prometida era tão pequena e estava tão segura e escondida. Ele guardou o segredo dela (ela tinha certeza de que o bebê era um menino), e Eleanor era boa em guardar segredos. Tinha muita prática. Tinha mantido o segredo de Anthony durante anos, e o seu próprio, desde que conhecera Ben.

Ben. No começo, Eleanor tinha dito a si mesma que ele era apenas um vício. Certa vez, quando pequena, o pai de Eleanor lhe dera uma pipa especial vinda da China e a ensinou a empiná-la. Eleanor amava aquela pipa com paixão, a enorme rabiola colorida, a força da linha trêmula em suas mãos, a escrita estranha e maravilhosa na asa da pipa que era mais como uma ilustração do que uma linguagem.

Juntos, ela e o pai tinham escavado os campos de Loeanneth, procurando o melhor lugar para soltar a pipa, os melhores ventos para voar. Eleanor ficou obcecada. Guardava anotações de voo em um caderno, desenhava copiosos diagramas e planos para fazer ajustes no design e se via acordando de repente durante a noite, sentando-se na cama, repassando os movimentos de empinar, as mãos enrolando o carretel de uma pipa fantasma, como se ela ainda estivesse no campo.

– Você desenvolveu um vício – disse a babá Bruen com um olhar de severa aversão antes de tirar a pipa de seu quarto e escondê-la. – Um vício é um demônio, e o demônio vai embora quando encontra a porta firmemente fechada para ele.

Eleanor tinha desenvolvido um vício em Ben (ou foi o que disse a si mesma), mas então era adulta, responsável pelo próprio destino. Não havia a babá Bruen para esconder a pipa e fechar a porta, assim ela estava livre para fazer o que queria.



– Eu estava prestes a acender o fogo – dissera ele no dia em que ela o encontrou no trailer. – Gostaria de entrar e esperar a tempestade passar?

Ainda estava chovendo forte e, sem a busca por Edwina para aquecê-la, Eleanor percebeu como estava fria, encharcada. Podia ver, atrás dele, uma pequena sala de estar que de repente pareceu confortável e quente. Atrás dela, a chuva caía forte e Edwina, firme a seus pés, decidira-se claramente por ficar. Eleanor viu que não tinha muita escolha. Agradeceu, respirou fundo e entrou.

O homem a seguiu, fechando a porta atrás de si, e o barulho da chuva diminuiu no mesmo instante. Ele lhe entregou uma toalha e depois se ocupou de acender uma fogueira num pequeno fogão de ferro fundido no

meio do trailer. Eleanor aproveitou a oportunidade enquanto secava seu cabelo para olhar ao redor.

O trailer era confortável, mas não luxuoso. Apenas o básico tinha sido feito para lhe dar um ar caseiro. No peitoril da janela, ela notou, havia mais daquelas delicadas aves de papel que ela o vira dobrar no trem.

– Por favor, sente-se – disse ele. – Vou acender isso num instante. É um pouco temperamental, mas temos vivido em bons termos ultimamente.

Eleanor afastou um sussurro de apreensão. Estava ciente de que a cama dele, o lugar onde dormia, era visível atrás da cortina esticada na outra extremidade do trailer. Ela desviou o olhar, pôs a toalha sobre uma cadeira de vime e se sentou. A chuva caiu suavemente, então, e ocorreu-lhe, não pela primeira vez, que era um dos melhores sons que ela conhecia. Estar lá dentro, com a esperança de em breve estar quente e seca, enquanto a chuva caía do lado de fora, era uma alegria esplêndida e simples.

As chamas saltaram e o fogo começou a crepitar, então ele se levantou. Jogou um fósforo gasto no fogo e fechou a grade.

– Eu conheço você – disse ele. – O trem, o trem cheio de Londres para a Cornualha há alguns meses. Você estava no meu vagão.

– Pelo que me lembro, era você que estava no meu.

Ele sorriu e o coração dela tremeu de forma inesperada e perigosa.

– Não posso argumentar contra isso. Tive sorte de conseguir um bilhete.

Limpou a fuligem das mãos batendo-as nas calças.

– Lembrei-me de você assim que nos separamos no correio. Voltei, mas você já tinha ido embora.

Ele tinha voltado. O fato era enervante e Eleanor escondeu sua inquietação sob uma inspeção do trailer.

– Você mora aqui? – perguntou ela.

– Por ora. É do fazendeiro para quem trabalho.

– Pensei que tivesse deixado de trabalhar para o Sr. Nicolson.

Ela se amaldiçoou pelo comentário.

Agora o homem saberia que tinha perguntado por ele. Mas ele não reagiu e Eleanor rapidamente mudou de assunto:

– Não tem água corrente nem eletricidade.

– Eu não preciso dessas coisas.

– Onde você cozinha?

Ele acenou com a cabeça para o fogo.

– Onde toma banho?

Ele inclinou a cabeça para o córrego.

Eleanor arqueou as sobrancelhas. Ele riu.

– Acho tranquilo aqui.

– Tranquilo?

– Você nunca quis fugir do mundo?

Eleanor pensou nos rigores de ser mãe, no ódio que sentia quando sua mãe assentia em aprovação, a vigília constante que fazia seus ossos se enrijecerem e as engrenagens de sua mente se apertarem como se elásticos as segurassem.

– Não – respondeu, com aquela voz leve que aperfeiçoara ao longo dos anos –, não posso dizer que tenha desejado isso.

– Suponho que isso não seja para todos – disse ele, dando de ombros. – Gostaria de uma xícara de chá enquanto suas roupas secam?

O olhar de Eleanor seguiu seu braço, que indicava uma panela no fogão.

– Bem... – disse ela. Estava frio, afinal, e seus sapatos ainda estavam molhados. – Talvez apenas enquanto espero a chuva parar.

Ele preparou o chá. Eleanor perguntou sobre a panela e ele riu, disse-lhe que não tinha uma chaleira, mas aquilo parecia funcionar.

- Você não gosta de chaleiras?
- Gosto muito, só que não tenho uma.
- Nem em casa?
- Aqui é minha casa. Pelo menos por enquanto.
- Mas para onde você vai quando vai embora?
- Para o próximo lugar. Tenho pés inquietos – explicou. – Não fico em lugar algum por muito tempo.
- Acho que eu não suportaria não ter um lar.
- As pessoas são a minha casa, as que eu amo.

Eleanor sorriu, agridoce. Ela podia se lembrar de dizer algo muito semelhante, muitos anos, uma vida inteira antes.

- Você não concorda?
- As pessoas mudam, não é? – Ela não tinha a intenção de soar tão amarga. – Uma casa, porém... Uma casa com paredes, um piso e um telhado em cima, com quartos cheios de coisas especiais, com memórias nas sombras... Bem, é confiável. Segura, real e...

Ele lhe entregou uma xícara de chá fumegante e sentou-se na cadeira ao lado da dela.

- Sim – disse Eleanor. – Sim, é exatamente isso. Honesta, boa e verdadeira.

Ela sorriu, subitamente envergonhada por ter expressado uma opinião tão veemente. Sentiu-se exposta e estranha. Que tipo de pessoa sentia essas coisas por uma casa? Mas ele também sorriu e ela vislumbrou que, embora discordasse, compreendia.

Havia muito tempo desde que Eleanor conheceria alguém novo, desde que tinha sido capaz de relaxar o bastante para fazer perguntas, ouvir e responder. Baixou a guarda e conversou com ele, questionando-o sobre sua vida. Ele tinha crescido no Extremo Oriente, seu pai era arqueólogo, e sua mãe, uma ávida viajante. Eles o encorajaram a fazer a própria vida e não ficar atado às expectativas da sociedade para ele. Sentimentos que Eleanor quase podia se lembrar de ter.

O tempo passou de um modo estranho, não natural, como se a atmosfera dentro do trailer fosse alheia às marés e fluxos do mundo mais amplo. O tecido da realidade havia se dissolvido, de modo que havia apenas os dois. Eleanor tinha observado ao longo dos anos que, mesmo sem um relógio, era capaz de dizer a hora com precisão de cinco minutos, mas ali perdeu completamente a noção. Só quando teve a chance de ver um pequeno relógio em pé no peitoril da janela percebeu que duas horas tinham se passado.

- Eu tenho que ir – disse com um arquejo, entregando a ele sua xícara de chá vazia enquanto se levantava. Tal descuido era sem precedentes. Era impensável. As meninas, Anthony, a mãe... O que iam dizer?

Ele também se levantou, mas nenhum dos dois se moveu. Aquela mesma corrente estranha passou entre eles, a que ela havia notado no trem, e Eleanor sentiu uma compulsão por ficar, se esconder, nunca sair daquela sala. Ela deveria ter dito “Adeus”, mas o que falou em vez disso foi:

- Ainda estou com o seu lenço.
- Do trem? – Ele riu. – Eu lhe disse: é seu.
- Não posso aceitar. Antes era diferente, eu não tinha como devolvê-lo, mas agora...
- Agora?
- Bem, agora sei onde você está.
- Sim – confirmou ele. – Você sabe.

Eleanor sentiu um frio descendo pela espinha. Ele não a tocou, mas ela percebeu que queria que ele se aproximasse. Tinha a sensação de estar à beira de um precipício e, naquele momento, queria cair. Mais tarde perceberia que já tinha caído.



– Você parece que tem uma mola nos pés – observou sua mãe naquela tarde. – Ficar presa na chuva pode ser mesmo maravilhoso para o espírito.

Naquela noite, quando Eleanor deitou na cama ao lado de Anthony, quando estendeu o braço na direção dele e acariciou sua mão antes de rolar para o outro lado, ficou muito quieta no escuro, olhando as linhas do teto, escutando enquanto a respiração do marido se estabilizava, tentando se lembrar de quando se tornara tão isolada, vendo em sua mente o jovem do trem, o homem cujo primeiro nome, só agora percebeu, ainda não sabia. O homem que a fazia rir, pensar e ser mais suave, que estava a apenas uma caminhada de distância.



No início, era apenas por sentir-se viva depois de tantos anos. Eleanor não tinha notado que estava se transformando em pedra. Sabia que havia mudado ao longo da década ou desde que Anthony voltara da guerra, mas não tinha notado quanto lhe custara sua determinação de cuidar dele, de protegê-lo e de ser para ele um bem, de evitar que as meninas se machucassem. E havia Ben, tão livre, leve e bem-humorado. O caso lhe oferecia uma fuga, proximidade e um prazer egoísta, era fácil dizer a si mesma que ele era apenas um vício, um bálsamo temporário.

Mas os sintomas do vício – os pensamentos obsessivos, o sono perturbado, o prazer requintado que tinha ao rabiscar o nome de outra pessoa em uma folha de papel em branco, de vê-lo escrito ali, um pensamento real – são notavelmente semelhantes aos da paixão. Eleanor não percebeu imediatamente o que estava acontecendo. Mas também nunca imaginou que seria possível amar duas pessoas ao mesmo tempo. Ficou chocada quando se pegou cantarolando um dia uma velha melodia de balé na qual não pensava havia um tempo e percebeu que estar com Ben fazia com que se sentisse da mesma maneira de quando conhecera Anthony, como se o mundo, de repente, para surpresa dela, fosse mais brilhante do que antes.

Ela estava apaixonada por ele.

As palavras em sua mente eram chocantes, contudo soaram verdadeiras. Ela havia esquecido que o amor podia ser assim, simples, fácil e alegre. O amor que ela sentia por Anthony havia se aprofundado e mudado ao longo das décadas. A vida lhes impusera desafios e seu amor tinha se adaptado para enfrentá-los. O amor passara a significar que alguém estivesse em primeiro lugar, fizesse sacrifícios, impedisse que o barco remendado afundasse nas tempestades. Com Ben, no entanto, o amor era um pequeno barco a remo no qual ela flutuava tranquila acima de tudo.



Quando ficou grávida, Eleanor soube imediatamente de quem era o bebê. Mesmo assim, fez questão de contar as semanas para trás, apenas para ter certeza. Teria sido muito mais fácil se o bebê fosse de Anthony.

Eleanor nunca considerou mentir para Ben e, no entanto, não lhe contou de imediato. O cérebro humano tem uma habilidade para resolver problemas complexos com a negação e Eleanor simplesmente se concentrou em sua alegria: haveria um bebê, ela sempre sonhara em ter outro, um bebê faria Anthony feliz. Mais do que isso, outra criança faria bem a ele. Essa ideia povoava seu pensamento havia tanto tempo que não ocorreu a Eleanor questioná-la.

De início, recusou-se a reconhecer a questão complicada da paternidade do bebê. Mesmo quando sua barriga começou a endurecer e ela sentiu os pequenos movimentos, Eleanor guardou seu segredo para si mesma. Em quatro meses, porém, deu a notícia maravilhosa a Anthony e às meninas. Soube, então, que era hora de falar com Ben. Estava começando a aparecer.

Enquanto pensava em como dizer a ele, Eleanor percebeu que estava com medo, mas não porque temia que Ben tornasse as coisas difíceis. Desde o primeiro dia no trailer, ela esperava que ele desaparecesse, antecipando com desolação o dia em que ela iria até lá e ele teria ido embora. Cada vez que caminhava ao

longo do córrego para encontrá-lo, prendia a respiração, preparando-se para o pior. Ela nunca tinha falado a palavra “amor” em voz alta. A ideia de perdê-lo tinha sido uma agonia, mas Eleanor continuava lembrando a si mesma que ele era um andarilho e que ela sabia disso desde o início. Fez parte da atração e foi a razão pela qual se permitiu envolver-se. Sua impermanência parecia a própria antítese do fardo que carregava. Um dia ele partiria, dizia a si mesma, e tudo acabaria. Sem vínculos, sem arrependimentos, nenhum dano sério causado.

Mas Eleanor estivera se enganando e, agora, via quanto sua atitude casual era falsa e arrogante. Prestes a dar a notícia que o faria fugir, seu amante boêmio, um homem que não tinha sequer uma chaleira, percebeu que passara a depender muito dele: de seu conforto e humor, de sua bondade e gentileza. Ela o amava e, apesar da solução prática que sua partida proporcionaria, não queria que ele fosse embora.

Mesmo enquanto pensava nisso, Eleanor se amaldiçoou por acalentar esperanças ingênuas. Claro que as coisas não poderiam continuar como estavam. Ela ia ter um bebê. Ela era casada com Anthony. Ele era seu marido e ela o amava, sempre o amaria. A única coisa a fazer era contar a Ben que ia ser pai e vê-lo fazer as malas.



Eleanor não tinha contado com a biologia. Não tinha contado com o amor.

– Um bebê – disse ele com admiração quando lhe contou. – Um bebê.

Havia um olhar incomum em seu rosto, um sorriso de alegria e prazer, mas, mais do que isso, de temor. Mesmo antes de Theo nascer, Ben já tinha caído de amores por ele.

– Fizemos uma pessoinha – falou ele, que se esquivara da responsabilidade e do compromisso durante toda a vida. – Nunca imaginei que seria assim. Sinto-me ligado ao bebê e a você, um laço inquebrável. Você sente isso também?

O que ela poderia dizer? Ela *também* sentia. O bebê atara Eleanor a Ben de uma forma que era completamente diferente do amor que sentia por Anthony, do futuro que previra para sua família em Locanneth.

A empolgação de Ben nos meses seguintes, seu otimismo e sua recusa a admitir até a menor sugestão de que a concepção de seu bebê era algo diferente de perfeita e desejada eram contagiantes.

Ben estava muito convencido de que as coisas iam se acertar.

– Elas sempre se acertam. Vivi toda a minha vida deixando as coisas acontecerem como deveriam.

Eleanor começou a acreditar nele. Por que as coisas não podiam continuar como tinham sido, ela e o bebê em Locanneth e Ben ali? Funcionara até então.

Mas Ben tinha planos diferentes e, no verão, quando estava chegando o fim de seu contrato, informou que estava deixando o trailer. Ela pensou que ele pretendia ir embora da Cornualha, e a repentina mudança de ideia doeu, mas, então, ele prendeu uma mecha do cabelo dela atrás da orelha e disse:

– Eu preciso estar mais perto. Aceitei um novo emprego que vi anunciado no jornal local. O Sr. Harris disse que eu poderia começar na próxima semana. Aparentemente, há uma casa de barcos onde a equipe de jardinagem fica de vez em quando.

Talvez a preocupação de Eleanor tivesse se estampado em seu rosto, pois ele continuou rapidamente:

– Não vou dificultar as coisas, prometo. – Pôs as duas mãos suavemente sobre a barriga firme e redonda dela. – Mas preciso estar mais perto, Eleanor. Preciso estar com vocês dois. Você e o bebê. Você é a minha casa.



Ben começou a trabalhar em Locanneth no final do verão de 1932. Subiu o caminho para carros certa tarde, em meio a um feitiço ardente, olhando o mundo ao redor como se não soubesse nada da propriedade, exceto

que uma vaga na equipe de jardinagem tinha sido anunciada. Nesse momento, Eleanor se convenceu de que tudo daria certo. Ben tinha uma posição segura para ver o bebê crescer. Ela seria capaz de vê-lo sempre que quisesse. E Anthony, o querido Anthony, nunca precisaria saber a verdade.

Ela estava vivendo num paraíso de tolos, é claro. O amor, o entusiasmo pela chegada iminente do bebê, o longo período de verão – tudo a cegara para a realidade, mas não demorou muito para que o paraíso perdesse seu esplendor. A proximidade de Ben tornou o caso real. Antes, ele existia para Eleanor em um reino diferente, mas, a partir daquele momento, ele se transplantou para a vida que ela compartilhava com sua família, e a culpa de Eleanor, havia muito suprimida, começou a se agitar.

Ela estava errada em trair Anthony. Eleanor via tão claramente agora que não podia imaginar o que estivera pensando. O que acontecera com ela? Anthony era seu amor. Ela via seu rosto jovem e brilhante em sua mente – naquela manhã, tanto tempo antes, quando ele a tirara da frente do ônibus, no dia do seu casamento, quando ele sorriu, apertou sua mão e ela vislumbrou seu futuro se estendendo à frente, na tarde na estação de trem, quando ele partira para a guerra, tão ansioso para ser útil – isso fez com que ela desejasse enroscar-se em si mesma e morrer de vergonha.

Eleanor começou a evitar o jardim. Era um castigo apropriado. O jardim sempre fora sua parte favorita de Locanneth, um lugar de conforto e consolo, e ela merecia perdê-lo. Mas havia outra razão para que ficasse afastada. A culpa tinha nutrido um medo neurótico de se revelar sem querer, de que pudesse encontrar Ben e, de alguma forma, entregar seu segredo. Não podia arriscar: as consequências para Anthony seriam devastadoras. Ela se afastava depressa da janela se vislumbresse Ben caminhando pelo jardim e começou a ficar acordada à noite, preocupada com o que aconteceria se ele decidisse que queria se aproximar mais do bebê do que ela estava disposta a permitir.

Mas não importava quanto se censurasse; por mais contrita que se sentisse, Eleanor nunca poderia lamentar completamente o caso. Como poderia, quando seus atos tinham lhe dado Theo? Ela amava o garotinho especialmente desde o momento em que soube que o carregava, mas, depois que ele nasceu, ela passara a *adorá-lo*. Não era que o amasse mais do que às filhas, mas era uma mulher diferente da que tinha sido naquela época. A vida fez com que mudasse. Ela estava mais velha, mais triste, tinha mais necessidade de conforto. Era capaz de amar esse bebê com um altruísmo libertador. O melhor de tudo era que, com Theo, quando estavam apenas os dois, podia ser Eleanor. A mãezona tinha ido embora.



Nunca, nem uma vez sequer, entre todos os cenários que imaginara e com que se preocupara, Eleanor considerou que a condição de Anthony poderia piorar em vez de melhorar depois do nascimento de Theo. Ela havia acreditado tão firmemente ao longo dos anos que um novo bebê – um filho! – era exatamente o que ele precisava para ficar bem que não havia espaço para nenhuma alternativa em sua mente. Mas estava errada. O problema começou logo, quando Theo tinha apenas algumas semanas de vida.

Anthony o adorava, o embalava suavemente, olhando com admiração seu rosto pequeno e perfeito, mas sua alegria muitas vezes era manchada pela melancolia, uma vergonha amarga por sua vida ser tão perfeita quando outros sofriam tantas privações. Pior do que isso, às vezes, quando o bebê chorava, um olhar se fixava em seu rosto, uma expressão vazia, como se ele estivesse distraído por outras coisas, secretas, dentro de sua cabeça.

Era naquelas noites que surgiam os pesadelos – tremores horríveis, instruções para “fazer o bebê parar de chorar”, para “mantê-lo quieto” – e Eleanor tinha que usar de toda a sua força para impedi-lo de atravessar o corredor para fazer isso pessoalmente, a ponto de se perguntar o que tinha arrumado para si.

E, então, no décimo segundo aniversário de Clementine, deram-lhe o planador. Tinha sido ideia de Anthony, e foi boa, mas as esperanças de Eleanor de evitar o jardim foram por terra. Eles já haviam almoçado quando Clemmie abriu o presente e correu para fora, então só faltavam o chá e o bolo antes de acabar a parte

formal do dia. Eleanor disse a si mesma que nada de mal poderia acontecer em tão pouco tempo e deu, cansada, instruções para a empregada levar a bandeja para o jardim.

O tempo estava lindo, uma daquelas tardes de outono frescas e ensolaradas durante as quais uma pessoa ousada ainda podia nadar. Todo mundo entrara no espírito festivo do dia, caminhando pelo gramado, lançando o avião planador, rindo quando ele quase atingia um couro cabeludo. Mas Eleanor estava tensa. Estava ciente de que Ben estava trabalhando no lago, ansiosa para que sua família não os visse juntos, preocupada com que Ben notasse o cesto de Theo e encontrasse um motivo para subir até o gramado e participar da festa.

Ele não faria isso; tinha prometido. Mas o medo faz uma pessoa pensar coisas loucas e ela só queria que o dia acabasse, que eles comessem seu bolo e tomassem o chá e voltassem para a segurança da casa. Clementine, no entanto, tinha outros planos. Sentia, de fato, como se toda a família estivesse envolvida em uma conspiração contra ela. Ninguém queria chá, recusaram a oferta de bolo, e ela estava presa bancando a mãe, quando tudo que queria era estar sozinha.

E, então, Clemmie, que parecia ter uma habilidade para escolher precisamente os piores momentos para exercer sua imprudência natural, começou a subir no grande sicômoro. O coração de Eleanor estava na boca, seus nervos já à flor da pele, e ela achou que não ia suportar. Estava debaixo da árvore, concentrada intensamente na filha mais nova, que escalava a árvore – os pés nus, as saias dobradas, os joelhos ralados –, determinada a amparar Clemmie se ela caísse.

Foi assim que ela não viu quando aconteceu. A babá Rose foi a primeira a notar. Ela arquejou e tocou na mão de Eleanor.

– Rápido – sussurrou. – O bebê.

As palavras foram arrepiantes. O mundo pareceu sair do eixo quando Eleanor olhou por cima do ombro e viu Anthony se dirigindo para o cesto de Theo. O pequeno estava chorando e ela podia ver pela postura rígida e desajeitada de Anthony que ele estava fora de si.

Rose já corria pelo gramado. Ela era uma das poucas pessoas que sabiam sobre Anthony. Eleanor não lhe contara, ela havia descoberto sozinha. Seu pai sofrera da mesma forma, disse ela na noite em que foi contar a Eleanor que estaria ali para ajudar, se necessário.

– Daffyd – chamou Eleanor –, leve as meninas para o barco.

Ele deve ter ouvido o pânico em sua voz, porque levou apenas uma fração de segundo para entender e, então, com a sua mais alegre voz de contador de histórias, reuniu Deborah e Clemmie e começou a andar para onde o barco estava ancorado no córrego.

Eleanor correu. Quase bateu de frente com Alice, que estava gritando para seguir as irmãs. Seu coração batia forte e ela só conseguia pensar que tinha que chegar a Anthony a tempo.

Com uma breve olhada quando o alcançou, ela viu que ele não estava lá de fato. Tinha ido para onde quer que fosse quando a escuridão se abatia sobre ele.

– O bebê – dizia ele, a voz frenética –, faça-o parar, faça-o se calar.

Eleanor segurou o marido com força, dirigindo-o de volta para a casa, sussurrando para ele que estava tudo bem. Quando teve uma chance, olhou para a babá Rose e viu que ela estava com Theo. Rose captou seu olhar e Eleanor soube que ela manteria o pequenino em segurança.



Naquela noite, quando Anthony caiu num pesado sono induzido pelos remédios, Eleanor saiu do quarto e caminhou descalça pelo corredor. Desceu as escadas com cuidado, evitando arrastar o tapete Baluch do vovô Horace, sua sombra correndo pelo chão atrás dela.

As pedras do caminho do jardim ainda mantinham o calor do dia e Eleanor saboreava sua solidez sob a sola macia dos pés. Essas solas já tinham sido duras.

Quando chegou à beira do lago, Eleanor parou e acendeu um cigarro que ninguém sabia que fumava. Tragou profundamente.

Ela havia perdido o jardim. Seu amigo de infância.

O lago marulhava na escuridão, as aves noturnas reorganizaram seus voos, uma pequena criatura – talvez uma raposa – correu para longe, subitamente assustada.

Eleanor terminou o cigarro e foi rapidamente para o córrego. Desabotoou o vestido e o deslizou sobre a cabeça, ficando apenas de combinação.

Não era uma noite fria, embora estivesse muito fresca para nadar. Mas Eleanor tinha um ardor no peito. Queria sentir-se renascida. Queria se sentir viva e livre. Queria perder-se, esquecer tudo e todos que conhecia. “Você nunca quis sair do mundo?”, Ben lhe pergantara no trailer. Sim, ela queria, aquela noite mais do que nunca.

Ela mergulhou e foi para o fundo, as algas frias e escorregadias contra seus pés, a água densa com sedimentos em suas mãos. Imaginou que era um pedaço de madeira flutuante sendo levado de um lado para outro pela correnteza, sem responsabilidades, sem preocupações.

Irrompeu na superfície iluminada pela lua e flutuou de costas, ouvindo os sons da noite: um cavalo em um prado próximo, os pássaros no bosque, o gorgolejar do córrego.

Em algum momento, percebeu que não estava mais sozinha e, de alguma forma, sabia que era Ben. Ela nadou até a margem e saiu da água, depois foi se sentar ao lado dele no tronco caído. Ele tirou o casaco e a envolveu e, sem que ela lhe dissesse exatamente o que estava errado, segurou-a e acariciou seus cabelos e disse-lhe para não se preocupar, que tudo ia ficar bem. E Eleanor deixou que ele falasse, porque sentira falta dele, e o alívio de estar em seus braços ali mesmo, naquele momento, fez um nó surgir em sua garganta.

Contudo, Eleanor sabia a verdade. Ela era como a rainha de *O portal mágico de Eleanor*, que desejara tanto um filho que se dispôs a fazer um acordo com o diabo para tê-lo. Ela abriu a porta, atravessou-a e amou onde não deveria. Então, sofreria as consequências. O mundo era um lugar de equilíbrio e justiça natural; sempre havia um preço a pagar e já era tarde demais para fechar a porta.

– Meu Deus.

Clive estava olhando para Sadie com seus olhos azuis arregalados atrás dos óculos, conforme as implicações do que eles tinham descoberto se encaixavam.

– Não sei por que não pensei nisso antes – disse ela.

– Não havia motivo. Eu estava aqui em 1933 e conheci toda a família. Ninguém nunca insinuou nada.

– Você acha que Anthony sabia?

Clive assobiou baixinho entre os dentes enquanto considerava a possibilidade.

– Se sabia, com certeza isso torna os acontecimentos mais sombrios.

Sadie teve que concordar.

– Havia alguma coisa nos diários? – perguntou. – Por volta de quando Deborah visitou seu escritório?

– Se havia, era muito enigmático para eu entender.

– E durante os interrogatórios de 1933? Sei que você disse que não havia nenhuma pista de que Anthony não fosse o pai biológico de Theo, mas havia alguma outra coisa? Algum pequeno detalhe que não parecesse importante na época, mas poderia importar agora?

Clive pensou. Por fim, falou, em tom de dúvida:

– *Havia* uma coisa. Não sei se é importante, me sinto um pouco tolo só de mencionar, mas, quando fizemos nossas entrevistas, meu chefe recomendou que os Edevanes conversassem com a mídia. Ele achava que conquistar a simpatia do público significaria ter muito mais olhos à procura do menino. Estava abafado naquele dia, todos nós na biblioteca lá embaixo, um fotógrafo, o jornalista, Anthony e Eleanor Edevane sentados lado a lado no sofá enquanto a polícia fazia buscas no lago. – Ele balançou a cabeça. – Foi terrível. Simplesmente terrível. Na verdade, Eleanor meio que entrou em colapso e foi aí que Anthony deu um fim abrupto à entrevista. Eu não o culpo, mas o que ele disse ficou gravado na minha mente: “Tenham compaixão, minha mulher está em choque, o filho dela desapareceu.” – Clive olhou para Sadie, uma nova determinação em seu olhar. – Não “o *nosso* filho”, mas “o filho *dela*”.

– Ele poderia apenas estar sendo solidário com ela, descrevendo sua reação em particular?

Clive, com crescente empolgação, disse:

– Não, acho que não. Na verdade, quanto mais penso nisso, mais suspeito parece.

Sadie sentiu uma resistência. À medida que Clive ficava cada vez mais certo de que Anthony sabia que não era o pai de Theo, a detetive tinha mais vontade de provar que ele não sabia. Não havia lógica por trás de sua obstinação; ela simplesmente não queria acreditar. Até aquele ponto, ela e Alice agiram sob a suposição de que Anthony matara Theo acidentalmente, uma terrível consequência de uma raiva induzida pelo trauma de guerra. Mas se Theo, o tão esperado e adorado filho, não fosse seu filho biológico, e se Anthony de alguma forma tivesse descoberto a verdade quando soube da infidelidade da esposa, então uma possibilidade muito mais terrível se abria.

Ela sabia que, se Donald estivesse ali, ele a acusaria de se envolver com a família, e assim, enquanto Clive continuava a listar as muitas pequenas observações que fizera de Anthony em 1933, distorcendo-as naquele momento para que se adaptassem à sua nova teoria em desenvolvimento, ela tentou manter a mente aberta.

Devia a Alice não deixar que seus sentimentos pessoais nublassem seu julgamento. Mas era uma imagem feia a que Clive pintava. A ideia de que Anthony teria escolhido a noite perfeita para cometer seu crime, uma festa anual durante a qual ele sabia que sua esposa estaria muito ocupada cumprindo seus deveres de anfitriã, com sua equipe de criados ocupada para observar qualquer coisa incomum. A conveniente demissão de Rose Waters, cuja vigilância, conforme Eleanor lamentara em seu interrogatório, nunca teria permitido que qualquer dano acontecesse sob sua guarda. A substituição da jovem babá pela velha Hilda Bruen, que, com certeza, tomaria uma dose de uísque se o barulho da festa ameaçasse seu sono. Era tudo tão premeditado... E quanto a Eleanor, onde a teoria a colocava?

– Você ainda acha que ela sabia? – perguntou Sadie.

– Acho que devia saber. É a única coisa que explica sua resistência a oferecer uma recompensa. Ela sabia que seria inútil, que seu filho não seria encontrado.

– Mas por que teria ajudado a encobrir o crime? Por que não disse nada? Ela continuou casada com Anthony Edevane, e era feliz, ao que tudo indica!

– As situações domésticas são complicadas. Talvez ele tenha feito outras ameaças, talvez tenha ameaçado Benjamin. Isso explicaria por que Munro sumiu completamente de cena. Talvez Eleanor se achasse culpada, de alguma forma, de que sua infidelidade o levara a isso.

Sadie se lembrou da conversa com Alice, que lhe disse que Eleanor tinha um conjunto forte e específico de valores morais. Provavelmente, uma mulher com uma ética como aquela teria sentido uma tremenda culpa por ter quebrado seus votos matrimoniais. Mas teria aceitado a morte de Theo como a merecida punição? Não. Uma coisa era perdoar Anthony por um acidente – e até isso era forçar a barra –, mas perdoar o assassinato de seu filho era muito diferente. E não importava a determinação de Sadie em manter a mente aberta, as descrições que tinha lido de Anthony Edevane – pai gentil, marido amado, ex-soldado corajoso – simplesmente não combinavam com aquele retrato de monstro vingativo.

– Então – disse Clive –, o que você acha?

Ele esperava ansiosamente a concordância de Sadie, coisa que ela não podia lhe oferecer. Havia algo que eles estavam deixando passar. Aquilo *quase* fazia sentido, mas a parte faltante do enigma era crucial.

– Acho que devemos ir lá embaixo, abrir a garrafa térmica e tomar uma xícara de chá. Dar um tempo para tudo se assentar.

Clive ficou frustrado, mas assentiu. O sol entrava no quarto agora e, enquanto Sadie juntava os envelopes espalhados, ele foi até a janela aberta.

– Ora, quem diria? – comentou. – Aquela é quem eu acho que é?

Sadie se juntou a ele, examinando a vista familiar, o jardim emaranhado e o lago além. Duas figuras percorriam lentamente o caminho. Sadie não poderia ter ficado mais surpresa se tivesse visto o bebê Theo caminhando em direção à casa.

– É Alice – disse ela. – Alice Edevane e seu assistente, Peter.

– Alice Edevane – repetiu Clive, com um suave assobio de descrença. – Finalmente de volta à casa.



– Mudei de ideia – foi tudo o que Alice disse a título de explicação assim que Sadie e Clive a encontraram no hall de entrada e ela e Clive se reapresentaram.

Peter, tendo deixado a patroa à porta, fora despachado de volta ao carro para buscar algo que ela chamou misteriosamente de “suprimentos” e Alice ficou de pé sobre os ladrilhos empoeirados com um ar vagamente indignado, olhando ao redor como uma castelã campestre e libertina que tivesse acabado de voltar de um passeio matinal e não ficasse nada satisfeita com os serviços de sua equipe relapsa. Ela continuou vivamente:

– Esta casa velha certamente precisa de uma boa limpeza. Vamos nos sentar na biblioteca?

– Vamos – concordou Sadie, indicando a direção a Clive com um ligeiro dar de ombros enquanto seguiam Alice pela porta do outro lado do corredor.

Era o cômodo que Sadie tinha visto pela janela no primeiro dia em que tropeçara em Locanneth, o lugar onde a polícia realizara os interrogatórios, em 1933, e onde Clive disse que Anthony e Eleanor haviam se encontrado com o jornalista e o fotógrafo no dia seguinte ao desaparecimento de Theo.

Clive sentou-se numa das extremidades do sofá e Sadie na outra. Tudo estava muito empoeirado, mas, além de uma faxina urgente, não parecia haver muito o que fazer. Presumivelmente, Alice estava ali para se atualizar acerca das investigações e não era o tipo de pessoa que aceitava um não ou que deixava uma sujeirinha à toa ficar no seu caminho.

Sadie esperou que Alice se sentasse na poltrona e comesse a lhes fazer perguntas, mas ela continuou andando, da porta para a lareira e de lá para a mesa debaixo da janela, parando momentaneamente em cada ponto antes de se mover outra vez. Seu queixo estava erguido, mas Sadie, com o olho treinado de detetive, podia ver por trás dessa fachada. Embora tentasse desesperadamente esconder, Alice estava nervosa, inquieta. E não era nenhuma surpresa. Poderia haver poucas experiências mais estranhas do que chegar à casa de sua infância setenta anos depois de tê-la deixado e encontrá-la ainda decorada exatamente como antes. E isso sem se levar em consideração o acontecimento traumático que fizera a família Edevane ir embora. Alice parou perto da mesa e ergueu o esboço do rosto da criança.

– É ele? – perguntou Sadie com gentileza, lembrando-se da beleza sobrenatural da ilustração que tinha visto pela janela na manhã em que descobriu Locanneth. – Theo?

Alice não ergueu os olhos e por um segundo Sadie achou que ela não tivesse ouvido. Estava prestes a repetir quando Alice disse:

– Foi desenhado por um amigo da família, um homem chamado Daffyd Llewellyn. Ele o esboçou no dia em que Theo morreu. – Ela olhou para a janela, trincando o queixo. Os arbustos não podados bloqueavam a maior parte da vista, mas Alice não pareceu notar. – Eu vi quando ele estava trazendo isso de volta do rio. Ele costumava passar o verão conosco, no quarto cor de amora no andar de cima. Saía de manhã cedo, um cavalete sobre o ombro, um bloco de desenho sob o braço. Nunca o tinha visto desenhar Theo até que vi esta foto.

– Uma coincidência interessante – Sadie sondou com cuidado. – A primeira vez que ele desenhou seu irmão foi no dia em que Theo desapareceu.

Alice ergueu os olhos bruscamente.

– Uma coincidência, talvez, mas eu não diria interessante. O Sr. Llewellyn não teve nenhuma participação no destino de Theo. Ainda bem que ele desenhou o retrato. Trouxe grande consolo para minha mãe nas semanas que se seguiram.

– Daffyd Llewellyn morreu muito pouco depois de Theo, não foi? – Sadie se lembrava da conversa com Clive, das suspeitas que tinha sobre a proximidade dos dois eventos.

Clive assentiu e Alice também:

– A polícia encontrou seu corpo durante as buscas. Foi uma infeliz...

– Coincidência? – sugeriu Sadie.

– Virada nos acontecimentos – completou Alice, brusca. Ela voltou sua atenção para o esboço e sua expressão se suavizou. – Uma tragédia tão terrível. Sempre me perguntei, é claro... – Mas não revelou o que se perguntava. – Todos nós gostávamos muito do Sr. Llewellyn, mas ele e mamãe eram muito próximos. Ele não gostava muito da companhia de outros adultos e ela era uma exceção notável. Foi um golpe duplo para minha mãe quando ele foi encontrado logo após Theo ter desaparecido. Normalmente, ela teria procurado conforto na amizade dele. Era como um pai para ela.

– O tipo de pessoa a quem ela teria contado seus segredos?

– Imagino que sim. Ela não tinha muitos outros amigos, não do tipo em quem pudesse confiar.

– Nem a própria mãe?

Alice ainda estava olhando para o desenho, mas ergueu os olhos agora, sua expressão iradamente

divertida.

– Constance?

– Ela morava com vocês, não é?

– Contra a vontade.

– Sua mãe podia ter confiado nela?

– Com certeza, não. Minha mãe e minha avó nunca se entenderam. Não sei a causa da animosidade, mas era antiga e profunda. De fato, depois que Theo morreu e nós deixamos Loeanneth, os últimos laços tênues entre elas foram quebrados. Minha avó não foi conosco para Londres. Sua saúde não estava boa. Ela já estava confusa nos meses anteriores ao solstício e depois foi rapidamente ladeira abaixo. Foi enviada para um asilo em Brighton onde viveu até o fim dos seus dias. Foi uma das únicas vezes em que vi mamãe mostrar verdadeiro afeto por ela: tinha certeza de que só a melhor casa de repouso serviria para minha avó, tudo devia ser perfeito. As famílias são complicadas, não são, detetive?

Mais do que você imagina, pensou Sadie, trocando um olhar com Clive. Ele assentiu.

– O que foi? – Alice, astuta como sempre, olhou para eles. – Descobriram alguma coisa?

Sadie ainda estava com a carta de Eleanor para Ben no bolso de trás e passou-a para Alice, que correu os olhos por seu conteúdo, arqueando uma sobrancelha.

– Sim, bem, já tínhamos entendido que minha mãe e Benjamin Munro tinham um caso.

Então Sadie contou sobre a outra página que tinha encontrado na casa de barcos, em que Eleanor falava da gravidez.

– Supus que estivesse escrevendo para seu pai quando ele estava na guerra. Ela mencionou quanto sentia saudades dele, quão difícil seria ter o bebê sem ele, mas, quando encontrei essa página lá em cima, percebi que ela estava escrevendo para Ben. – Sadie hesitou por um instante. – Sobre Theo.

Nessa hora, Alice afundou lentamente na poltrona e Sadie, enfim, compreendeu a força das palavras “ficar sem ar”.

– Você acha que Theo era filho de Ben – concluiu ela.

– Acho.

Curta e direta, mas Sadie podia ver que não havia muito mais a dizer sobre o assunto.

A percepção tinha tirado a cor do rosto de Alice e ela estava olhando para o nada, seus lábios se movendo ligeiramente, como se estivesse fazendo contas de cabeça. Em Londres, ela parecera formidável, mas, ali, Sadie vislumbrava a vulnerabilidade. Não que Alice parecesse frágil, mas, tendo saído de trás da própria lenda, ela se revelava um ser humano com fraquezas comuns.

– Sim – disse por fim, um tom de admiração em sua voz. – Sim, faz sentido. Faz muito sentido.

Clive pigarreou.

– Isso muda as coisas, não acha?

Alice olhou para ele.

– Não muda o destino do meu irmão.

– Não, claro que não, eu quis dizer...

– Você quis dizer o motivo do meu pai. Sei o que está sugerindo e posso garantir que não há como meu pai ter ferido Theo de propósito.

Sadie tinha sentido a mesma coisa quando Clive aventou a teoria pela primeira vez, no andar de cima. Mas, nesse momento, vendo a recusa veemente de Alice em considerar a possibilidade, ela se perguntou se também estaria deixando nascer uma profunda aversão pela ideia que podia nublar seu discernimento.

Ouviram o som de passos na sala lá fora e Peter apareceu na porta, voltando de sua misteriosa tarefa.

– Alice? – disse, hesitante. – Você está bem? – Ele se virou para Sadie, os olhos arregalados de preocupação. – Está tudo bem?

– Estou bem – respondeu Alice. – Está tudo bem.

Peter estava ao lado dela, perguntando se ela gostaria de um copo de água, um pouco de ar fresco, se queria almoçar, e ela descartou tudo com um gesto de mão.

– De verdade, Peter, estou muito bem. É apenas a surpresa de voltar aqui, as lembranças. – Ela entregou o desenho para ele. – Olhe – disse. – É o meu irmãozinho. Esse é Theo.

– Nossa, que desenho maravilhoso. Você é que fez...?

– Claro que não! – Ela quase riu. – Foi um amigo da família, Daffyd Llewellyn, quem desenhou.

– O escritor – disse Peter, tão satisfeito com a notícia como se estivesse descobrindo a resposta de uma antiga questão. – Claro, o Sr. Llewellyn. Faz todo o sentido.

A menção ao escritor lembrou a Sadie que a conversa tinha mudado de curso antes de ela estar convencida sobre a proximidade entre seu suicídio e o desaparecimento do bebê. Ocorreu-lhe agora que poderia ter se sentido culpado, não por ter machucado Theo, mas porque não conseguira impedir Anthony.

– Seu pai era próximo de Daffyd Llewellyn? – perguntou Sadie.

– Eles se davam muito bem – disse Alice. – Meu pai o considerava da família, mas, além disso, tinham um grande respeito profissional um pelo outro, sendo ambos médicos.

Eles tinham mais do que isso em comum, Sadie lembrou. Daffyd Llewellyn, como Anthony, não pôde continuar praticando a medicina depois de um colapso nervoso.

– Você tem alguma ideia do que provocou o colapso do Sr. Llewellyn?

– Nunca tive chance de perguntar a ele. Sempre me arrependi disso... Eu queria perguntar, ele estava se comportando de forma estranha antes da festa do solstício, mas eu estava concentrada em outras coisas... e depois era tarde demais.

– Não havia ninguém mais que pudesse saber?

– Mamãe, talvez, mas ela com certeza nunca disse nada, e a única outra pessoa que o conheceu quando jovem era minha avó. Extrair a verdade dela seria uma façanha. Não havia afeto entre eles. Constance não suportava a fraqueza e, no que lhe dizia respeito, o Sr. Llewellyn merecia desprezo. Sua irritação quando foi anunciado que ele receberia a Ordem do Império Britânico foi enorme. O restante de nós ficamos imensamente orgulhosos... Eu só queria que ele estivesse vivo para recebê-la pessoalmente.

– Ele foi seu mentor – disse Peter baixinho. – Como a Srta. Talbot foi para mim.

Alice ergueu o queixo, como se para evitar as lágrimas se elas se atrevessem a ameaçá-la. Assentiu.

– Sim, por um tempo, até que decidi que o havia superado. Que arrogância! Mas os jovens são sempre muito ansiosos para se livrar dos velhos, não são?

Peter sorriu. Para Sadie, pareceu um sorriso de tristeza.

A lembrança devia ter desencadeado algo em Alice, porque ela suspirou com determinação e juntou as mãos.

– Mas chega de tudo isso – falou, virando-se para Peter com energia renovada. – Hoje não é dia para remorsos, a menos que seja para superá-los. Você trouxe os suprimentos?

Ele assentiu.

– Deixei na porta.

– Maravilha. Agora você acha que poderia encontrar...

– A tábua no chão com cabeças de alces? Já fiz.

– Excelente.

Sadie ignorou a conversa de cabeças de alces e pegou a carta de Eleanor quando ela lhe foi devolvida. Não podia imaginar o que sentiria ao ler uma carta assim, escrita pela própria mãe. Uma voz do passado distante chegando ao presente para complicar uma verdade que sempre lhe fora cara. Ocorreu-lhe que era uma coisa muito corajosa a fazer, escrever seus sentimentos no papel e entregá-los a outra pessoa.

Uma imagem de Charlotte Sutherland lhe veio à mente. Em todo seu pânico ao receber as cartas da menina, Sadie não tinha parado um momento para considerar o ato de coragem envolvido em escrever e enviá-las. Havia algo incrivelmente íntimo sobre a transferência do sentimento. E, no caso de Charlotte, escrever não uma vez, mas duas, tinha sido arriscar a rejeição pela segunda vez. E Sadie se apressara a conceder essa rejeição – Charlotte foi corajosa ou imprudente ao tentar outra vez?

– O que eu não entendo – disse ela, tanto para si quanto para os outros – é por que alguém guardaria uma

carta assim. Uma coisa é escrevê-la no calor do momento, mas guardá-la para sempre depois... – Ela balançou a cabeça. – É tão pessoal, tão *incriminadora*.

Um sorriso apareceu no rosto de Alice e ela pareceu melhor consigo mesma.

– Você só faz essa pergunta porque não tem o hábito de escrever cartas, detetive Sparrow. Se tivesse, saberia que um escritor nunca destrói seu trabalho. Mesmo quando teme que o conteúdo possa comprometê-lo.

Sadie estava pensando nisso quando veio uma chamada do lado de fora.

– Olá? Tem alguém aí?

Era a voz de Bertie.

– Meu avô – disse ela, surpresa. – Com licença um minuto.

– Eu trouxe o almoço – disse ele chegando à porta da frente, segurando uma cesta carregada com uma enorme garrafa térmica e pão que cheirava a recém-saído do forno. – Tentei ligar, mas você não atendeu.

– Ai, droga, desculpe. Coloquei o celular no modo silencioso.

Bertie assentiu compreensivamente.

– Você queria se concentrar.

– Mais ou menos.

Sadie pegou seu telefone e verificou a tela. Havia seis chamadas perdidas. Duas de Bertie, as outras quatro de Nancy.

– O que foi? Você está franzindo a testa.

– Nada. Não tem importância.

Ela sorriu para ele, suprimindo uma crescente onda de preocupação. Nancy era ingênua no que dizia respeito ao desaparecimento de sua filha, mas fazer todas essas ligações era incomum.

– Entre e conheça todo mundo.

– Todo mundo?

Sadie explicou sobre as chegadas de surpresa, contente por eles estarem lá. Tinha a sensação de que Bertie, por sua vez, tinha a esperança de transformar seu almoço em uma conversa sobre Charlotte Sutherland ou sobre as consequências do caso Bailey, dois assuntos que Sadie estava ansiosa por evitar.

– Bem, que bom que sempre faço comida a mais – disse ele alegremente quando Sadie o levou para a biblioteca.

Alice estava de pé com os braços cruzados, olhando para o relógio e batendo com as pontas dos dedos, e Clive parecia aliviado por Sadie ter voltado.

– Aqui está meu avô, Bertie – apresentou ela. – Ele trouxe o almoço.

– Como você é gentil – elogiou Alice enquanto se aproximava para apertar sua mão. – Eu sou Alice Edevane.

Todo traço de nervosismo se fora e, de repente, ela parecia dona da casa, exalando o tipo de autoridade sem esforço que Sadie imaginava que deviam ensinar às famílias ricas na época.

– Qual é o menu?

– Fiz sopa – disse Bertie. – E ovos cozidos.

– Meus favoritos. – Alice recompensou-o com um breve aceno de prazer surpreso. – Como você sabia?

– As melhores pessoas preferem ovos cozidos.

Surpreendentemente, Alice sorriu, uma genuína demonstração de apreço que transformou seu rosto.

– Vovô passou a semana toda cozinhando para a barraca do hospital no Festival de Solstício – contou Sadie, sem motivo.

Alice assentia quando Peter voltou com uma pequena bolsa preta na mão.

– Estou pronto quando vocês quiserem – disse ele e, então, percebendo Bertie: – Ah, oi.

As apresentações foram feitas brevemente e houve um momento confuso durante o qual Alice e Peter debateram se deveriam continuar com a tarefa planejada agora ou primeiro parar e comer, antes de decidirem que seria grosseiro deixar a sopa de Bertie esfriar.

– Esplêndido – disse Bertie. – Talvez você possa nos mostrar o melhor lugar para comer. Eu não tinha certeza sobre quanto a casa estaria habitável, então trouxe um tapete de piquenique.

– Muito sensato – disse Alice. – Este jardim foi feito para piqueniques. Um pouco cheio de mato no momento, receio, mas há algumas clareiras lindas junto ao córrego e não muito longe daqui.

Alice saiu do cômodo com Peter e Bertie, conversando sobre um enorme sicômoro no jardim, um avião de madeira e a casa de barcos além.

– Minhas irmãs e eu passávamos a maior parte do nosso tempo lá – dizia Alice, sua voz sumindo quando eles desapareceram pelo caminho de pedra. – Há um túnel na casa que leva até a borda do bosque, bem perto da casa de barcos. Nós costumávamos ter as melhores brincadeiras de esconde-esconde.

A manhã tinha tomado um rumo estranho e, quando o silêncio caiu, Sadie virou-se para Clive com um leve dar de ombros perplexo.

– Paramos para o almoço?

Ele assentiu.

– Acho que sim. Vou com você, mas não posso ficar. Minha filha e sua família vão me levar para uma tarde ao estilo antigo.

Ele parecia pouco entusiasmado com a saída planejada e Sadie estremeceu em simpatia. Caminharam para onde os outros estavam esperando e só quando contornaram o lago Sadie percebeu que estavam indo na direção oposta ao local onde o carro estava estacionado. Além disso, ocorreu-lhe, ela não tinha visto o automóvel de Clive quando chegou pela manhã. Em todo caso, o portão de entrada estava trancado.

– Clive, como você chegou aqui hoje?

– De barco – disse ele. – Tenho uma pequena embarcação que deixo com um amigo na aldeia. É a maneira mais fácil de vir de lá para cá... Mais rápida que dirigindo.

– Uma bela viagem também, aposto. Uma paisagem tão tranquila...

Ele sorriu.

– Às vezes, dá para percorrer todo o caminho sem vislumbrar vivalma.

Então o celular de Sadie tocou, rompendo a paz e a quietude, e ela o pegou, fazendo uma careta quando olhou para a tela.

– Más notícias?

– É Nancy Bailey. O caso sobre o qual lhe contei.

– A avó da menina – disse ele. – Eu me lembro. Gostaria de saber o que ela quer?

– Eu não sei, mas ela está ligando o dia todo.

– Deve ser importante para ela ligar em um sábado.

– Talvez. Ela é bem insistente.

– Você vai ligar para ela?

– Eu não deveria. Há um inquérito e, se o superintendente descobrir que ainda estou em contato com ela, não vai demorar muito para somar dois mais dois. Além disso, estamos ocupados aqui.

Clive assentiu, mas Sadie percebeu que ele não estava convicto.

– Você acha que devo ligar para ela?

– Quem sou eu para falar, mas, às vezes, quando você se envolve num caso, é porque há algo que ainda precisa de sua atenção. Olhe para mim, aqui, setenta anos depois.

O telefone tocou de novo, o número de Nancy Bailey apareceu na tela e Sadie olhou para Clive. Ele sorriu em encorajamento e, respirando fundo, ela atendeu.

Depois, Sadie encontrou os outros junto ao córrego. O cobertor de piquenique estava aberto na grama alta debaixo de um salgueiro e um pequeno bote chamado *Jenny* balançava na correnteza suave na extremidade do píer da casa de barcos. Peter e Clive estavam entretidos em uma conversa e Alice, sentada de modo elegante sobre uma cadeira velha recuperada de algum lugar, ria de tudo que Bertie falava. Sadie sentou-se na ponta do cobertor e aceitou, sem prestar atenção, uma tigela de sopa. Sua mente estava ativa, analisando cada pedaço de prova que ela havia trabalhado tão duro nas últimas semanas para conseguir. Havia um momento no trabalho de cada caso, um ponto de inflexão, quando uma pista em particular fornecia uma nova ótica através da qual todo o resto de repente se tornava mais claro, diferente, conectado. O que Nancy tinha acabado de dizer mudava tudo.

– E então? – perguntou Clive. – Eu não poderia ir embora sem saber o que ela queria.

As conversas pararam e todos olhavam para Sadie, ansiosos. Ocorreu-lhe que todas as pessoas a quem ela confiara a história do caso Bailey e de seu humilhante envolvimento com ele estavam reunidas naquele tapete de piquenique.

– Sadie querida? – incitou Bertie com gentileza. – Clive falou que Nancy Bailey esteve tentando contatá-la o dia todo.

O caso estava oficialmente encerrado. Ela já tinha o máximo de problemas possível. Mas temia que fosse explodir se não compartilhasse as novas informações. Sadie respirou fundo e disse:

– Nancy me falou que recebeu um telefonema dos novos proprietários do apartamento de sua filha.

Bertie coçou a cabeça.

– Os novos proprietários têm o telefone dela?

– É uma longa história.

– O que eles disseram?

– Ligaram para dizer que viram algo escrito a caneta na borda da fórmica da mesa da cozinha. “Foi ele.” Não teriam dado muita atenção, mas Nancy os procurou recentemente e o desaparecimento de Maggie estava fresco em suas mentes.

Houve um momento de silêncio enquanto todos pensavam nisso.

– Quem era “ele” e o que “ele” fez? – perguntou Peter, perplexo.

Sadie percebeu que o assistente de Alice era o único entre eles que não estava familiarizado com o papel que ela desempenhara no caso Bailey, sua suspeita de que houvera um crime, e rapidamente o atualizou. Quando terminou, Peter disse:

– Então, esse “ele”, seja quem for, é o homem que você está procurando.

Sadie notou, com uma vaga apreciação, que ele tinha presumido que ela estava certa de acreditar que havia mais do que parecia no desaparecimento de Maggie.

– Só preciso descobrir quem é.

Alice não tinha falado ainda, mas agora pigarreou.

– Se uma mulher em apuros diz “Foi ele”, é porque acha que as pessoas vão saber a quem estava se referindo. Maggie Bailey teve muitos homens na vida?

Sadie balançou a cabeça.

– Ela não tinha muitas *pessoas* em sua vida. Apenas a filha Caitlyn e Nancy, sua mãe.

– E o pai de Caitlyn?

– Bem, sim...

– Que agora tem a guarda da menina?

– Sim.

– Ele se casou de novo depois que se separou da mãe da criança, não foi?

– Há dois anos.

– Mas eles não têm filhos?

– Não.

Sadie pensou em quando tinha visto Caitlyn na delegacia: como a esposa de Steve, Gemma, arrumara o cabelo da menina com fitas, como segurava sua mão e sorria para ela com um carinho que Sadie podia sentir de onde estava.

– Mas sua nova esposa parece gostar muito de Caitlyn – retomou Sadie.

Alice estava impassível.

– Como é o marido?

– Steve? Sério, ansioso. Não o conheço bem. Ele foi prestativo no interrogatório.

Clive franziu o cenho.

– Prestativo como?

Sadie refletiu sobre como Steve tinha conduzido as buscas por Maggie, indo à polícia de livre e espontânea vontade dar informações sobre sua personalidade e seu passado, pintando para a polícia um retrato muito claro de uma mulher frívola, irresponsável, que gostava de se divertir e que achava a pressão de cuidar de uma criança opressiva.

– Muito – disse ela. – Na verdade, eu o descreveria como excepcionalmente prestativo.

Clive emitiu um ruído baixo de satisfação, como se a resposta corroborasse alguma teoria profundamente enraizada nele, e Sadie se lembrou, de repente, de seu comentário em relação ao caso Edevane, sobre os culpados em geral se comportarem de duas maneiras. Sua pele se arrepiou. O primeiro tipo, dissera ele, eram aqueles que evitavam a polícia como a peste. E o segundo tipo, os prestativos, procuravam os policiais em todas as oportunidades, colocando-se no centro da investigação enquanto mantinham secreta sua culpa.

– Mas houve um bilhete – completou Sadie depressa, lutando para recuperar seus pensamentos que desmoronavam enquanto uma nova imagem terrível começava a se formar. – Um bilhete de Maggie, com sua letra...

Sua voz falhou quando ela se lembrou da maneira como Steve lamentara o descuido de Maggie, repreendeu-a por ter se esquecido de que ele estaria viajando naquela semana. Ele tinha avisado sobre a troca de datas, “Eu a fiz anotar”, antes de mudar suas palavras na frase seguinte para “Anotei para ela”. Um pequeno ajuste, mas que Sadie tinha percebido na época. Ela presumira que fosse apenas um deslize. Ele estava chateado e confundira as palavras. Nada de mais. Agora, perguntava-se se o deslize tinha uma natureza mais freudiana. Uma gafe que apontava para outro momento em que tinha *forçado* Maggie a escrever o que ele ditava.

– Mas *assassinato*? – Ela estava pensando em voz alta. – Steve?

Ele nunca tinha sido suspeito, nem mesmo antes de encontrarem o bilhete. Tinha um álibi, ela lembrava, a viagem de pesca para Lyme Regis. Eles tinham checado as informações dele, mas apenas por rotina. Tinham verificado tudo – o hotel, a folga no trabalho, a empresa de aluguel de barcos – e ponto final. Mas, então, longe de absolvê-lo, de repente pareceu a Sadie que a ausência de Steve de Londres – uma viagem que o levava a uma parte distante do país, exatamente quando sua ex-mulher desapareceu – apresentava uma oportunidade perfeita.

– Mas *por quê*? – Contrariando a própria prática, Sadie não podia deixar de pensar no motivo. – Ele e Maggie tinham sido casados. Eles se amaram. Tinham muito pouco contato desde o divórcio. Por ele a

mataria de repente?

A voz nítida de Alice Edevane cortou o emaranhado de pensamentos de Sadie:

– Um dos meus primeiros mistérios de Diggory Brent foi baseado em uma história que minha irmã Clemmie me contou. Estávamos sentadas juntas no Hyde Park antes da Segunda Guerra Mundial e ela me contou sobre um homem cuja esposa desejava tanto uma criança que ele roubou uma para ela. Nunca esqueci essa história. Parecia-me inteiramente plausível que o desejo do casal por uma criança e o amor do marido pela esposa pudessem levá-lo a medidas drásticas.

Sadie visualizou o rosto amável e feliz de Gemma, o modo como ela segurava a mão de Caitlyn quando saíram da delegacia, a naturalidade com que pegara a menina e a encaixara em seu quadril. Ai, Deus, Sadie se lembrou de se sentir tão contente por Caitlyn quando as viu, aliviada porque, apesar do sumiço da mãe, a menina tinha encontrado um lar amoroso com pais que cuidariam dela.

A voz de Bertie se mostrou gentil:

– O que você vai fazer, Sadie querida?

Sim, uma lista de tarefas práticas. Isso ajudaria. Seria muito mais útil do que autocensura.

– Preciso rever o álibi de Steve – disse ela –, descobrir se é possível que tenha estado no apartamento de Maggie durante o período em que deveria estar fora de Londres. Preciso falar com ele outra vez, mas não vai ser fácil, não com o inquérito.

– Poderia ligar para Donald? Conseguir que ele faça algumas perguntas no seu lugar?

Sadie balançou a cabeça.

– Preciso ter certeza absoluta antes de envolvê-lo. – Ela franziu a testa quando outra ideia lhe ocorreu: – Vou precisar dar outra olhada no bilhete de Maggie também, fazer com que a perícia o examine como prova.

– DNA?

– Isso! E sinais de coação. Ele já foi analisado por especialistas em caligrafia, que o compararam com outros exemplares da letra de Maggie e disseram que havia elementos que pareciam artificiais; indícios de que fora escrito às pressas. Parecia bastante perfeito para mim, mas eles veem todo tipo de coisas impossíveis para o restante de nós. Presumimos que a pressa se devesse à enormidade do que estava prestes a fazer. Fazia sentido.

O bilhete tinha sido escrito em um elegante pedaço de papel-cartão. Maggie tinha trabalhado na WHSmith e, segundo Nancy, havia adquirido um gosto refinado por artigos de papelaria. A letra era elegante, até onde Sadie podia dizer, mas havia um rabisco irregular no topo do cartão que a fizera pensar.

– Ela estava testando a caneta – dissera Donald, dando de ombros. – Eu mesmo já fiz isso centenas de vezes.

Sadie também e, ainda assim, aquilo não se encaixava. Sadie se perguntava por que uma pessoa cuja vida lhe dava a impressão de ser fastidiosa testaria uma caneta num cartão caro que ela pretendia usar para escrever uma mensagem importante?

– Ela não estava em seu juízo perfeito – alegara Donald quando Sadie levantara a questão. – Estava prestes a abandonar a filha, estava sob pressão, duvido que estivesse pensando que o papel era bonito.

Sadie se contivera naquele momento. O bilhete tinha sido um choque, arruinando suas teorias e a fazendo parecer uma louca fantasiosa. A última coisa que ela precisava era insistir no assunto de um rabisco em um pedaço de papel. Nancy, no entanto, concordou.

– Maggie nunca teria feito isso – dissera. – Maggie gostava de coisas limpas e arrumadas desde que era pequena. Precisava que as coisas fossem assim.

De repente, aquele rabisco pareceu muito importante. E se fosse prova de que alguém estivera lá com Maggie? Alguém que a controlasse, que talvez tenha até testado a caneta antes de ditar a mensagem que ela ia escrever?

Sadie conseguiu articular esses pensamentos para os outros, ajoelhando-se enquanto enfiava a mão no bolso para pegar o telefone. Por sorte, de um jeito que nem de longe era lícito, ela havia tirado uma foto do

bilhete antes de o caso ser oficialmente encerrado e arquivado. Agora, procurou na galeria de fotos até encontrar e, então, entregou o telefone para que cada um deles pudesse dar uma olhada.

Ela se levantou e começou a andar de um lado para outro. Steve poderia ter planejado algo tão terrível, executado um plano tão cruel? Talvez ela estivesse ficando louca, agarrando-se a esperanças inúteis, mas, quando olhou para os outros, ficou tranquila. Um ex-policia, uma escritora especializada em crimes e um pesquisador ph.D. Com suas credenciais combinadas, eles eram uma incrível equipe de investigação e todos pareciam achar que havia algum sentido na nova teoria.

Bertie sorriu, seu rosto familiar e bondoso cheio de algo que parecia orgulho.

– O que você vai fazer, Sadie querida? – perguntou outra vez. – O que acontece agora?

Não importava se estava certa ou errada nem quais seriam as consequências para ela, se houvesse a menor chance de que Steve estivesse controlando Maggie quando ela escreveu aquele bilhete, se ela previu que as coisas não iam acabar bem e ainda assim teve coragem suficiente para deixar uma pista para os investigadores, então Sadie lhe devia o acompanhamento do caso. Ou se certificar de que alguém acompanharia o caso.

– Acho que tenho que fazer uma ligação – disse ela.

Bertie assentiu.

– Eu também acho.

Mas não para Donald. Havia uma chance de que essa nova pista não levasse a lugar algum. Ela não podia arriscar colocá-lo em apuros por sua causa outra vez. Teria que ir direto ao topo, mesmo que isso significasse se revelar como a pessoa que vazara as informações para a imprensa. Enquanto Bertie e os outros guardavam os restos do piquenique, Sadie ligou para a Met e pediu para falar com o superintendente Ashford.



Quando os outros voltaram à aldeia naquela tarde, Sadie não foi com eles. Clive saiu no *Jenny* logo depois do almoço, tendo feito a detetive prometer que o avisaria assim que tivesse uma resposta da Met, e Bertie, que ficaria com o primeiro turno na barraca do hospital, precisava se apresentar para o trabalho às três horas, quando o festival oficialmente começava. Ele tentou seduzir Sadie com promessas de pãezinhos doces e creme de nata, mas a ideia de estar cercada de alegria quando cada nervo de seu corpo estava tenso era nauseante.

Alice, entretanto, deu a Bertie um de seus raríssimos sorrisos e disse:

– Faz séculos que não experimento um verdadeiro creme de nata córnico.

Ela franziu a testa quando Peter lembrou-a delicadamente da misteriosa tarefa em que estivera tão empenhada desde que chegaram e, então, ela acenou, declarando que, se tinha esperado tanto tempo, poderia tranquilamente esperar mais um dia. Além disso, seria melhor fazer o check-in no hotel antes de o festival começar e a praça da aldeia ficar superlotada. Alice havia prometido autografar livros para seu anfitrião, o que fora fundamental para conseguir dois quartos no fim de semana do festival com tão pouca antecedência.

E, então, Sadie ficou sozinha, observando os dois carros desaparecerem pelo caminho e serem engolidos, um após o outro, pela floresta. No momento em que se foram, ela pegou o telefone. Estava se tornando um hábito. Não havia nenhuma chamada perdida – o que não era surpresa, visto que ela havia aumentado o volume para o máximo – e ela o guardou com um suspiro de profundo descontentamento.

Sadie não foi completamente honesta com os outros quando lhes dissera que a Met agradecera a nova pista. Na verdade, Ashford não ficara nem um pouco satisfeito com seu telefonema e, quando ouviu o que Sadie tinha a dizer, se enfurecera. Sua orelha ainda ardia da bronca que tinha recebido. A saliva dele parecia ter percorrido a linha telefônica para queimá-la. Sentiu a própria raiva aumentar em resposta, mas lutou para contê-la. Deixou que ele dissesse o que queria e, tão tranquilamente quanto pôde, pediu desculpas por seu erro e disse que tinha novas informações. Ele não quisera ouvir e, então, com o embrulho no estômago de alguém

que apostava alto no trabalho que amava, Sadie lhe lembrou que tinha o número de Derek Maitland e não pegaria bem se no fim ela estivesse certa, a mulher tivesse sido assassinada e a Met não tivesse se interessado em cuidar do assunto.

Então Ashford escutou, bufando como um dragão, e quando ela terminou, ele disse bruscamente:

– Vou botar alguém nisso.

E desligou na cara dela.

Depois disso, não havia mais nada a fazer além de esperar, torcer para que ele estivesse disposto a lhe fazer a cortesia de telefonar e contar o que tinham desvendado.

E então ali estava ela. Sadie tinha que admitir que havia lugares piores para passar o tempo. A casa não era a mesma à tarde. Com o ângulo do sol diferente, era como se todo o lugar tivesse se assentado. A atividade frenética das aves e dos insetos pela manhã cessara, o telhado esticava e estalava suas articulações aquecidas com a facilidade habitual, e a luz que escorria pelas janelas era lenta e satisfeita.

Sadie vasculhou um pouco o escritório de Anthony. Seus livros de anatomia ainda estavam na prateleira acima da escrivaninha, seu nome escrito com cuidado e esperança na primeira página, e na gaveta inferior ela encontrou seus prêmios acadêmicos: o melhor em Clássicos, Hexâmetros Latinos e inúmeros outros. Havia uma fotografia escondida no canto escuro do fundo, um grupo de homens jovens de beca e capelo, e, dentre eles, reconheceu Anthony muito novo. O companheiro de pé ao lado dele, rindo, aparecia também em um retrato emoldurado sobre a mesa no estúdio de Anthony, um soldado com cabelo preto selvagem e um rosto inteligente. Um raminho de alecrim tinha sido colocado debaixo do vidro, mantido em posição pela configuração firme do quadro, mas, por sua cor marrom desbotada, Sadie sabia que, se fosse tirado dali, viraria pó e seria levado pelo vento. Na mesa também havia uma fotografia emoldurada de Eleanor, de pé, na frente de um edifício de pedra. Sadie pegou para olhar mais de perto. A foto fora tirada em Cambridge, ela imaginou, onde eles tinham morado antes de Anthony surpreender a esposa com o resgate e o retorno a Locanneth.

Os diários de Anthony ocupavam uma prateleira inteira da estante que ia do chão ao teto na parede oposta e Sadie escolheu alguns ao acaso. Logo ficou absorta, lendo até que a luz fraca fez seus olhos se estreitarem. As entradas não davam nenhuma indicação de que Anthony cultivasse intenções assassinas. Pelo contrário, estavam cheias de suas sérias tentativas de se “consertar”. A autorreprovação por ter decepcionado a esposa, o amigo, a nação. E várias páginas de jogos de memória, exatamente como Clive dissera, enquanto tentava recompor a mente fragmentada. A culpa por ter sobrevivido enquanto outros morreram o consumia. Suas cartas para Howard, o amigo perdido, eram dolorosas. Descrições simples e elegantes do que era viver, como ele dizia, *além de sua utilidade*, sentir que sua vida era um prêmio imerecido, roubado dos outros.

Expressões da gratidão que sentia por Eleanor e sua profunda vergonha de si mesmo eram difíceis de ler, mas piores eram as descrições sussurradas do medo que sentia de que machucasse por acidente as pessoas que mais amava no mundo. *Você, querido amigo, mais do que qualquer outro, sabe que sou capaz disso.* (Por quê? Sadie franziu a testa. Isso significava alguma coisa ou Anthony estava apenas dizendo que seu amigo o conhecia bem?)

Também ficou claro que a incapacidade de Anthony de se qualificar como cirurgião o atormentava. *Era a única coisa em que eu pensava*, escreveu, *depois do que aconteceu na França. A única maneira de acertar as coisas era garantir que minha sobrevivência importasse, voltar à Inglaterra, trabalhar como médico e ajudar mais pessoas do que eu havia prejudicado.* Mas ele não fez isso e Sadie lamentou desesperadamente por ele. Sua curta experiência de viver sem o trabalho que amava tinha sido punição suficiente.

Ela se virou na cadeira giratória de madeira para olhar o restante do aposento escuro. Era um espaço solitário, triste e velho. Tentou imaginar como devia ser para Anthony, confinado a um lugar assim, acompanhado apenas por seus demônios e decepções, sempre com medo de que eles o superassem. Ele também estava certo quanto a ter medo, pois no final foi exatamente seu temor que se concretizou.

Porque é claro que a morte de Theo tinha sido um acidente. Mesmo que Ben Munro fosse o pai do menino, que Anthony soubesse da infidelidade de Eleanor e estivesse cheio de raiva e ciúme, matar o filho de

sua esposa era um ato hediondo. As pessoas mudavam, a vida acontecia, mas Sadie não era capaz de acreditar nessa hipótese. A autoconsciência de Anthony, a ansiedade por achar que era capaz de cometer alguma violência, tudo o que fizera para evitar isso certamente contradiziam a teoria de Clive de que ele havia cometido um crime tão devastador de propósito. A identidade do pai de Theo era irrelevante. O *timing* – a morte de Theo e a descoberta do caso da esposa por Anthony – foi uma coincidência. Sadie franziu a testa. Coincidência? Mais uma vez essa palavra incômoda.

Ela suspirou e se espreguiçou. O longo crepúsculo de verão começara a cair. Os grilos iniciaram seu canto noturno escondidos no jardim queimado de sol e as sombras dentro da casa se alongavam. O calor do dia tinha chegado ao auge e agora se assentava, denso e parado, esperando o frio da noite varrê-lo. Sadie fechou o diário e o colocou de volta em seu lugar na prateleira. Fechando a porta do escritório de Anthony calmamente, desceu a escada para pegar sua lanterna. Um rápido olhar para a tela do telefone – ainda nada – e, então, ela voltou para a escrivaninha de Eleanor.

Ela não tinha ideia do que estava procurando; sabia apenas que havia deixado passar alguma coisa e que as cartas de Eleanor eram o melhor lugar para procurar. Começaria antes de Theo nascer e leria tudo com a esperança de que, ao longo do caminho, encontrasse a informação vital, a lente através da qual todo o resto de repente se conectaria. Em vez de ler por destinatário, seguiu a ordem cronológica, começando com a cópia de Eleanor e, depois, encontrando e lendo a resposta correspondente.

Era demorado, mas Sadie tinha tempo livre, nenhum outro lugar onde estar além de um profundo desejo de distração. Ela expulsou o caso Bailey e Ashford da mente e deixou o mundo de Eleanor ganhar vida em seu lugar. Ficou claro que o amor de Eleanor por Anthony era o relacionamento que definia sua vida, um grande amor ofuscado pelo horror e a confusão implacáveis da terrível condição dele. De carta em carta, de médico em médico, ela fazia súplicas contínuas por ajuda, seu tom sempre cordial, sua determinação para encontrar uma cura nunca enfraquecida.

Mas, por trás das súplicas educadas, Eleanor estava em agonia, um fato que ficava claro em suas cartas para Daffyd Llewellyn. Durante muito tempo, só a ele foi confiado o assunto do definhamento e da angústia de Anthony. As meninas não sabiam e, ao que parecia, nem os empregados, exceto por algumas exceções notáveis e confiáveis. Nem Constance, por quem Eleanor e Daffyd Llewellyn aparentemente compartilhavam uma inimizade de longa data.

Eleanor tinha feito a Anthony, ela escreveu em mais de uma ocasião, a promessa de que guardaria seu segredo, e não havia por que quebrar sua palavra. Para todos os outros, criara a fantasia de que ela e seu marido não tinham preocupações: ela ocupada com o funcionamento da casa; ele ocupado com seus estudos do mundo natural e a produção de uma Grande Obra. Escrevia cartas loquazes a seus poucos conhecidos sobre a vida em Loeanneth, cheias de observações engraçadas, às vezes pungentes, sobre as filhas, *cada uma mais excêntrica do que a que viera antes*.

Sadie admirou a obstinada insistência de Eleanor, mesmo enquanto balançava a cabeça diante da impossibilidade enlouquecedora que se autoimpusera. Daffyd Llewellyn também a instara a ser honesta com as pessoas ao seu redor, especialmente, no início de 1933, quando suas preocupações ficaram maiores. Ela estava ansiosa como sempre por Anthony, mas, naquele momento, também temia por seu bebê, cujo nascimento, ela disse, tinha provocado algo terrível na mente do marido.

Um profundo trauma tinha ressurgido, lembranças de uma experiência terrível que ele tivera durante a guerra, quando perdeu seu melhor amigo Howard. É como uma bola de neve. Ele se ressentia da sua boa sorte e lamenta profundamente sua incapacidade de trabalhar como médico e, de alguma forma, tudo se confunde com suas lembranças da guerra, com um “incidente” em particular. *Durante o sono, eu o ouço chorar, gritando que eles devem ir, que devem manter o cão e o bebê em silêncio*.

E, então, algumas semanas depois: *Como você sabe, Daffyd, tenho feito minha própria investigação, em segredo, há algum tempo. Fiquei perplexa quando não encontrei nenhuma menção a Howard no quadro de honra, então cavei um pouco mais fundo e, ai, Daffyd, é horrível. Ele foi baleado ao amanhecer, coitado, pelo nosso próprio Exército! Encontrei um camarada que tinha servido no mesmo regimento que Howard e*

Anthony e ele me contou: Howard estava tentando desertar e Anthony o deteve. Meu pobre amor deve ter acreditado que ele conseguiria esconder o fato, mas evidentemente outro oficial se envolveu e as coisas acabaram como acabaram. O homem com quem falei me disse que, para Anthony, foi um golpe muito duro e, conhecendo meu marido como conheço, tenho certeza de que ele se culpou com a mesma convicção que teria se tivesse puxado o gatilho pessoalmente.

No entanto, conhecer a origem dos terrores noturnos de Anthony não explicava por que eles estavam aumentando naquele tempo e não ajudou Eleanor na difícil tarefa de acalmá-lo e trazê-lo de volta à realidade. Ele adorava o bebê Theo, escreveu ela, e o medo de que pudesse inadvertidamente machucá-lo estava lhe causando desespero. Em seus momentos mais sombrios, ele chegava até a falar em “acabar com tudo”. *Eu não posso permitir*, Eleanor escreveu. *Não posso permitir que a esperança e a promessa desse homem incrível terminem desse jeito. Preciso encontrar um jeito de consertar as coisas. Quanto mais penso nisso, mais convencida fico de que só falando sobre o que aconteceu com Howard ele, enfim, terá a chance de escapar dos terrores que o perseguem. Pretendo lhe perguntar sobre o “incidente”, eu tenho que fazer isso, mas não até que tudo esteja resolvido aqui. Não até que todos estejam seguros.*

Durante tudo isso, a única luz na vida de Eleanor, seu único lugar de descanso, era sua relação com Ben. Evidentemente, ela contara a Daffyd Llewellyn sobre ele e, por sua vez, confidenciara a Ben sobre o estado mental de Anthony. Havia algo sobre a natureza itinerante de Ben, Eleanor havia escrito, sua falta de raízes, que fazia dele a pessoa perfeita com quem compartilhar seu segredo. *Não que a gente discuta o assunto com frequência, você não deve pensar isso. Há tantas outras coisas sobre as quais falar. Ele viajou por tanto tempo e por tantos lugares, sua infância é como um tesouro de histórias sobre pessoas e lugares, e eu sou ávida por todas. Uma forma indireta de fuga, mesmo que apenas por um tempo. Mas, em ocasiões em que eu simplesmente tenho que me libertar do fardo, ele é o único, além de você, meu caro Daffyd, em quem posso confiar. Falar com ele é como escrever na areia ou gritar para o vento. Sua natureza é tão elementar que sei que posso lhe dizer qualquer coisa que ela não se espalhará.*

Sadie se perguntou o que Ben sentia em relação à condição de Anthony – em particular, a possível ameaça que ele representava para Eleanor e para o bebê Theo. *Seu filho*, afinal. A carta que Sadie tinha encontrado na casa de barcos deixava claro que Ben sabia que o menino era dele. Ela correu o dedo pela pilha de cartas de Ben para Eleanor. Até aquele momento tinha evitado lê-las. Ler as cartas de amor de outra pessoa era como ultrapassar um limite. A partir dali, porém, parecia que ela precisava dar uma olhada.

Fez mais do que isso. Leu todas. E, quando chegou à última, o quarto estava mais escuro, a casa e o jardim tão silenciosos que ela podia ouvir o mar batendo ao longe. Sadie fechou os olhos. Seu cérebro estava cansado e ativo, um casamento estranho de estados contrapostos, tudo o que ela havia visto, lido, ouvido e pensado no dia se embaralhava. Alice contando a Bertie sobre a entrada do túnel perto da casa de barcos; Clive e seu barco – “o modo mais fácil de vir de lá para cá... dá para percorrer todo o caminho sem vislumbrar viva-lma”; a promessa de Eleanor a Anthony e suas preocupações com Theo; as histórias da infância de Ben.

Também pensava em Maggie Bailey e nas coisas que uma pessoa faria para salvar sua filha do perigo; em Caitlyn e no modo como Gemma tinha sorrido para ela; em Rose Waters e no amor profundo que uma pessoa poderia sentir por uma criança que não era sua. Compadeceu-se de Eleanor, que tinha perdido Theo, Ben e Daffyd Llewellyn no espaço de uma semana. E continuava voltando à descrição de Alice sobre a mãe: *Ela acreditava que uma promessa, depois de feita, deveria ser cumprida...*

Não era tanto a descoberta de uma única pista, mas a reunião de muitos pequenos detalhes. Aquele momento em que o sol se desloca um grau e a teia de aranha, antes escondida, começa a brilhar como prata fina. Porque, de repente, Sadie pôde ver como tudo estava ligado e soube o que tinha acontecido naquela noite. Anthony não havia matado Theo. Não de propósito nem por acidente: na verdade isso não acontecera.

No meio do lago, a fogueira queimava. As chamas alaranjadas saltavam contra o céu noturno estrelado, e os pássaros, formas escuras, cortavam o espaço acima. Constance adorava o solstício. Era uma das poucas tradições da família de seu marido de que gostava. Ela sempre gostou de um pretexto para uma festa com fogueiras e lanternas; a música e a dança, o abandono das inibições tornavam tudo especialmente empolgante. Constance nunca se importara com a conversa supersticiosa dos DeShiels sobre renovações e transições, afastar os maus espíritos, mas, naquele ano, se perguntava se talvez houvesse algum sentido nisso. Naquela noite, Constance pretendia empreender uma renovação importante. Depois de quase quarenta anos, decidiu, enfim, acabar com uma antiga inimizade.

Levou a mão ao peito. A antiga dor ainda estava lá, alojada em seu coração como um caroço. Depois de décadas suprimindo as lembranças, elas vinham surgindo muitas vezes naqueles dias. Estranho como ela podia esquecer o que tinha comido no jantar da noite anterior, apenas para se ver de volta ao frenético redemoinho daquele quarto, naquela manhã, quando o dia estava raiando e seu corpo se rasgando por dentro. A empregada idiota tremendo com o pano flácido, as mangas de Cook erguidas até os cotovelos grossos, as brasas espocando na lareira. Havia homens no corredor, debatendo sobre o que deveria ser feito, mas Constance não os ouvia. Suas vozes foram abafadas pelo som do mar. O vento soprava com força naquela manhã e, quando as pessoas começaram a se mover na escuridão ao seu redor, quando ela estava no limiar da consciência, uma confusão de mãos ásperas e vozes afiadas, Constance desaparecera sob o implacável vaivém das ondas odiosas. (Como ela desprezava aquele som! Mesmo agora, quase a enlouquecia.)

Mais tarde, no deserto das semanas que se seguiram, Henri chamou vários médicos, os melhores de Londres, e todos concordaram que foi inevitável – o cordão estava apertado como um laço ao redor do pescoço – e seria melhor para todos se o infeliz incidente fosse esquecido. Mas Constance não tinha esquecido e sabia que estavam errados. O “incidente” não era inevitável. Seu bebê morrera por incompetência. A incompetência *dele*. É claro que os médicos o protegeram – era um deles. A natureza nem sempre era amável, justificaram, cada um mais agradável que o anterior, mas sempre soube que não era assim. Não havia nada que os impedisse de tentar outra vez.

Agente firme.

Quanto menos se falar, mais rápido vai ser esquecido.

As coisas seriam diferentes na próxima vez.

Todos tinham certeza disso. Quando Eleanor nasceu, doze meses depois, e a parteira a ergueu para que a visse – “É uma menina!” –, Constance a olhou de cima a baixo, o suficiente para ver que estava molhada, rosada e gritando, antes de balançar a cabeça brevemente, rolar para o lado e pedir uma xícara de chá quente.

Tinha esperado que os sentimentos viessem, a onda de amor e desejo maternal que sentira da primeira vez (ah, aquele rosto gorducho cor de cera, os dedos finos compridos, os doces lábios curvados que nunca emitiriam um som), porém dias se passaram, um após outro, seus seios incharam e doeram, depois se acomodaram e, antes que ela se desse conta, o Dr. Gibbons estava de volta para declará-la saudável e fazê-la sair de seu confinamento.

Àquela altura, entretanto, algo entre elas fora silenciosa e mutuamente acordado. A menina gritava, chorava e se recusava a se acalmar quando Constance a segurava. Constance olhava para o rosto da criança aos berros e não conseguia pensar em nenhum nome que lhe fosse mais adequado. Ficou a cargo de Henri escolhê-lo, segurá-la e embalá-la, até que o anúncio foi colocado e a babá Bruen chegou à porta com suas referências impecáveis e seus padrões de criação. Quando Daffyd Llewellyn entrou em cena, com suas histórias e versos, Constance e Eleanor eram como estranhas. Com o tempo, ela nutriu sua raiva pelo homem que não tinha lhe roubado apenas um, mas dois filhos.

Mas – Constance suspirou – estava cansada de sentir raiva. Havia guardado seu ódio arraigado por tanto tempo que tinha se transformado em aço e enrijecera com ele. Quando a banda atacou outra melodia alegre e as pessoas giraram na pista de dança iluminada por lanternas dentro do anel de salgueiros, ela atravessou a multidão até as mesas onde os garçons contratados estavam servindo bebidas.

– Uma taça de champanhe, senhora?

– Obrigada. E mais uma, por favor, para meu amigo.

Ela aceitou as duas taças cheias e foi se sentar no banco embaixo da tenda. Não ia ser fácil – sua antiga antipatia era tão familiar quanto seu reflexo –, mas era hora de deixá-la de lado e finalmente se libertar da raiva e do sofrimento que a tinham mantido prisioneira.

Bem naquela hora, Constance vislumbrou Daffyd Llewellyn à beira da multidão. Ele estava indo direto para a pérgula, contornando os foliões, quase como se soubesse que ela o esperava. Para Constance, o fato cimentou a convicção de que ela estava fazendo a coisa certa. Seria educada, até gentil, perguntaria sobre sua saúde – a azia que ela sabia que o acometia – e o parabenizaria por suas conquistas recentes e pela honraria que se aproximava.

Um sorriso nervoso repuxou os cantos de seus lábios.

– Sr. Llewellyn – chamou, de pé para acenar para ele. Sua voz estava mais alta do que de costume.

Ele olhou ao redor, seu corpo se enrijecendo de surpresa quando a viu.

Num lampejo de lembrança, ela o viu jovem, o médico brilhante e arrojado de quem seu marido tinha ficado amigo. Constance se preparou.

– Eu estava me perguntando se você teria um momento. – Sua voz vacilou, mas ela conseguiu controlá-la. Determinada, resolvida, ansiosa para se libertar. – Esperava que pudéssemos conversar.



Constance acenava para ele com uma taça de champanhe debaixo da pérgula, o mesmo lugar em que Daffyd devia encontrar Alice em quinze minutos. A menina tinha um sexto sentido para o paradeiro de Ben Munro e Eleanor havia implorado que ele a mantivesse ocupada naquela noite.

– Por favor, Daffyd – pediu ela. – Tudo seria arruinado se Alice aparecesse no lugar errado na hora errada.

Ele concordara, mas apenas porque Eleanor era o mais perto que ele tinha de uma filha. Ele a amava desde pequena. Uma boneca em um embrulho, um anexo permanente a Henri, sempre em seus braços, e, mais tarde, já mais velha, andando sobre seus ombros ou pulando ao lado dele. Será que teria ficado tão parecida com o pai se não tivesse passado tanto tempo com ele quando era pequena? Impossível dizer, mas ela era parecida com o pai, e Daffyd a amava por isso.

– Por favor – dissera ela, pegando as mãos dele. – Estou implorando. Não posso fazer isso sem você.

E então, claro, ele concordou.

Na verdade, ele tinha sérias reservas quanto à ideia. A preocupação que sentia por Eleanor o estava deixando distraído e angustiado. Sua azia havia se tornado crônica desde que ela lhe contara e a velha depressão, o mal-estar que uma vez ameaçara dominá-lo, tinha voltado. Ele vira, em primeira mão, o que podia acontecer com as mulheres que perdiam seus filhos. Era o tipo de trama inventada pelo desespero que só se sustentava nas longas horas da noite.

Ele havia implorado para que ela reconsiderasse durante as muitas conversas que tiveram em que ela abria seu coração, mas Eleanor fora inflexível. Daffyd compreendia sua lealdade a Anthony – conhecera os dois quando eram jovens e sofreu tanto quanto ela a perda do marido. Além disso, compartilhava seus medos pelo bebê Theo. Mas fazer um sacrifício desses! Tinha que haver outra maneira.

– Então me diga como – implorara ela – e eu a aceitarei.

Porém, por mais que virasse e revirasse as peças do quebra-cabeça, não conseguia encontrar um arranjo que lhe agradasse. Não sem tornar públicos os problemas de Anthony, o que ela se recusava a fazer.

– Eu fiz uma promessa a ele – disse Eleanor –, e você, mais do que ninguém, sabe que promessas não podem ser quebradas. Foi você que me ensinou isso.

Daffyd protestara quando ela falou isso, gentilmente de início, e, depois, de modo mais severo, tentando fazê-la ver que a lógica que animava seu mundo inventado de contos de fadas, aqueles fios luminosos que tecera para criar suas histórias, não era forte o suficiente para suportar as complicações da vida de um ser humano. Mas ela se deixara dissuadir.

– Às vezes, amar de longe é o máximo que podemos esperar – alegou.

E, no fim, ele se consolou com a ideia de que nada era para sempre. Que ela poderia mudar de ideia. Que talvez fosse melhor assim, um refúgio seguro e temporário para o pequeno.

Então ele fez o que ela pediu. Combinou encontrar Alice ali naquela noite, para impedi-la de ir aonde ela não devia e estragar os planos. Eleanor tinha certeza de que a curiosidade natural da menina seria suficiente para garantir sua colaboração e ele passou o dia inteiro se preparando, planejando, antecipando problemas. Mas não tinha previsto ser interceptado por Constance. Como regra, Daffyd tentava pensar em Constance o mínimo possível. Eles nunca tinham se dado bem, mesmo antes do terrível acontecimento daquela noite distante. Durante o namoro com Henri, Daffyd tinha assistido de longe enquanto ela conduzia seu amigo em uma dança alegre. Tão cruel, tão indiferente, e, contudo, Henri fora capturado. Daffyd acreditou que ele a amansaria, que, quando ela aceitou se casar com ele, seus dias de aventuras amorosas tinham acabado.

No entanto, o sofrimento de Constance após a morte do bebê havia sido real. Daffyd não tinha dúvida disso. Seu coração fora partido, ela precisava de alguém a quem culpar e o escolhera. Não importava quantos médicos explicassem sobre o cordão, assegurando-lhe que o resultado teria sido o mesmo não importava quem estivesse presente. Ela não acreditara neles. Nunca perdoou Daffyd pelo papel que havia desempenhado. Mas ele tampouco jamais se perdoou. Nunca mais exerceu a medicina. Sua paixão pela profissão morreu naquela manhã sombria. Ele era acossado por imagens do rosto do bebê, do calor úmido do quarto, da terrível aflição de Constance enquanto se agarrava à criança natimorta.

Mas ali estava ela, segurando uma taça de champanhe e pedindo para conversarem.

– Obrigado – disse ele, aceitando a taça e tomando um gole maior do que devia.

Estava gelado e borbulhante, e ele não tinha percebido quanta sede sentia, quanto estava nervoso com a tarefa que tinha à frente. Quando, enfim, parou de beber, Constance olhava para ele com uma expressão estranha, surpresa, sem dúvida, por sua sede grosseira.

E, então, a expressão se foi. Ela sorriu.

– Sempre amei o solstício. Há tantas possibilidades no ar, não acha?

– Para mim, tem muita gente, me sinto acuada.

– Na festa, talvez, mas eu estava falando de forma geral. A ideia de renovação, um novo começo.

Havia algo inquietante em seu jeito. Ela estava tão nervosa quanto ele, Daffyd percebeu. Tomou outro gole de champanhe.

– Ora, você, mais do que ninguém, conhece o Benefício de um novo começo, não é, Daffyd? Essa transição que você fez. Uma segunda chance tão surpreendente.

– Tive sorte.

– Henri era tão orgulhoso de seus esforços literários e Eleanor... bem, ela louva o chão em que você pisa.

– Também sempre fui louco por ela.

– Ah, sim, eu sei. Você a estragou terrivelmente. Todas aquelas histórias que contou, colocando-a em seu

livro. – Ela deu uma risada leve antes de parecer experimentar uma súbita mudança de humor. – Fiquei velha, Daffyd. Muitas vezes me pego pensando no passado. Oportunidades perdidas, pessoas perdidas.

– Isso acontece com todos nós.

– Eu tinha a intenção de parabenizá-lo por sua recente honraria, a ordem real. Haverá uma recepção no palácio, imagino?

– Acredito que sim.

– Você vai encontrar o rei. Eu já lhe contei que quase tive o mesmo privilégio quando era jovem? Fiquei doente, infelizmente, e minha irmã Vera foi no meu lugar. Essas coisas não podem ser consertadas, é claro. A vida é cheia de reviravoltas. Seu sucesso, por exemplo, um caso tremendo de rosas nascidas das cinzas.

– Constance...

– Daffyd – ela inspirou e esticou a coluna. – Eu tinha esperança de que você concordasse que é hora de deixar o passado para trás.

– Eu...

– Não se pode guardar sentimentos ruins para sempre. Chega um momento em que devemos decidir agir em vez de reagir.

– Constance, eu...

– Não, deixe-me terminar, Daffyd, por favor. Imaginei essa conversa tantas vezes. Preciso falar.

Ele assentiu e ela sorriu em uma breve apreciação antes de levantar sua taça. Sua mão tremia um pouco, mas, se era pela emoção ou pela idade avançada, Daffyd não sabia.

– Gostaria de propor um brinde. À ação. À cura. E à renovação! – exclamou Constance.

Ele encostou sua taça na dela e eles beberam, Daffyd quase engolindo o resto de seu champanhe. Ele estava paralisado; sentia-se subjugado. Era tudo tão inesperado que ele não tinha certeza do que dizer: uma vida inteira de culpa e tristeza brotava dentro dele e seus olhos estavam vidrados. Era demais para uma noite que já estava pesada com tarefas angustiantes.

Sua confusão devia estar evidente, pois Constance o examinava, observando-o como se o estivesse vendo pela primeira vez. Talvez porque estava sendo observado, sentiu-se balançar instintivamente. Ficou acalorado de repente. Estava abafado ali, muito quente. Havia tantas pessoas ao redor e a música era tão alta. Ele secou as últimas gotas de champanhe.

– Daffyd? – disse Constance, franzindo a testa. – Você está pálido.

Ele levou a mão à testa como se para se estabilizar. Piscou, tentando focar a visão, parar de ver vultos indistintos em torno de tudo e de todos.

– Quer um copo de água? Precisa de ar fresco?

– Ar – disse ele, com a garganta muito seca, a voz rouca. – Por favor.

Havia pessoas em todos os lugares, rostos, vozes, todos um borrão, e ele estava feliz por ter o braço dela para firmá-lo. Nem em um milhão de anos Daffyd teria imaginado um cenário em que seria Constance a lhe oferecer ajuda. E, no entanto, temia que, sem ela, pudesse ter caído.

Passaram por um grupo de pessoas rindo e ele pensou ter visto Alice ao longe. Tentou dizer alguma coisa, explicar a Constance que não podia ir muito longe, que tinha coisas importantes a fazer, mas sua língua estava mole e não formava as palavras. Ainda havia tempo. Eleanor dissera que eles não se encontrariam até a meia-noite. Ele faria o que prometera; só precisava de um pouco de ar fresco primeiro.

Eles seguiram o caminho além da cerca até que o barulho da multidão pareceu muito distante. Seu coração martelava. Era mais do que sua azia ou sua ansiedade de sempre. Ele podia ouvir o sangue pulsando atrás das orelhas. Era a culpa, claro. Lembranças daquela terrível aurora de tanto tempo atrás. Seu fracasso em salvar o bebê. E pensar que seria Constance a fazer as pazes. Daffyd sentiu uma vontade irresistível de chorar.

A cabeça girava. Vozes, muitas vozes, cacofônicas, distantes, mas uma soava mais alta que todas, perto de sua orelha, em seu ouvido:

– Espere aqui. Descanse um pouco, vou buscar um copo de água.

De repente, ele ficou gelado. Olhou em volta. A dona da voz tinha desaparecido. Estava sozinho. Onde ela

estava? Onde estava quem? Havia alguém com ele ou tinha imaginado? Estava cansado, muito cansado.

A cabeça girava com os sons à sua volta. Peixes batendo o rabo nas águas escuras, ruídos misteriosos de gotejamento nas profundezas do bosque.

Ele vislumbrou a casa de barcos. Havia muita gente lá, rindo e gritando enquanto entravam nos barcos iluminados por lampiões. Ele precisava ficar sozinho, respirar, recuperar a compostura.

Caminharia um pouco mais adiante na outra direção. Ao longo do córrego. Sempre fora um de seus lugares favoritos. Tão belos dias que tiveram, dias tão longos e ensolarados, ele e Henri, e, mais tarde, a pequena Eleanor saltando, encantando-os com sua inteligência. Daffyd nunca esqueceria o olhar no rosto de Henri quando observava sua filha, a adoração absoluta. Daffyd tentou esboçar essa expressão muitas vezes, mas nunca conseguiu capturá-la no papel.

Ele tropeçou e se equilibrou. Suas pernas estavam muito estranhas. Flácidas, como se todos os ligamentos tivessem se transformado em borracha. Decidiu se sentar um pouco. Só um tempinho. Procurou no bolso um de seus comprimidos para azia, enfiou-o na boca e engoliu a seco.

A terra estava fria e úmida debaixo dele e Daffyd apoiou as costas no tronco forte e sólido de uma árvore. Fechou os olhos. Sua pulsação era como um rio fluindo rápido depois da chuva, ritmada. Sentia-se como um barco apanhado pela correnteza, balançando, girando e latejando.

Daffyd podia ver o rosto de Henri agora. Um rosto tão cavalheiresco, um rosto *bom*. Eleanor estava certa. Às vezes, amar de longe era o máximo que podíamos esperar. E era melhor, com certeza, do que nunca ter amado.

Ah, mas era difícil...

A água do córrego batia na margem e a respiração de Daffyd Llewellyn diminuiu para acompanhá-la. Ele tinha que ver Alice. Prometera a Eleanor. Ele iria logo. Apenas mais alguns minutos ali, a terra sólida e fria sob ele, a árvore confiável, a brisa leve contra suas bochechas. E o rosto de Henri em sua memória, seu velho amigo, chamando-o, fazendo um gesto com a mão que Daffyd logo seguiria...



Alice estava olhando para o relógio de pulso quando quase esbarrou em sua avó. A senhora andava muito depressa e parecia estar numa agitação pouco característica.

– Água – disse ela quando viu Alice. Suas bochechas estavam vermelhas e seus olhos, brilhantes. – Eu preciso de um pouco de água.

Normalmente, a energia incomum da avó teria sido o suficiente para despertar a curiosidade de Alice, mas não naquela noite. Todo o seu mundo tinha desmoronado e ela estava muito ocupada absorvendo sua vergonha e angústia para admirar as peculiaridades dos outros. Fora só por um profundo senso de dever que viera ao encontro do Sr. Llewellyn naquela noite. Alice mal podia suportar pensar na conversa deles naquela manhã. Ela estivera tão ansiosa para se livrar dele, tão animada para mostrar seu manuscrito a Ben, tão orgulhosa. Que erro aquilo tinha se revelado!

Deus, ela poderia morrer de vergonha! Alice sentou-se no banco debaixo da pérgula e puxou os joelhos contra o peito, completamente sofreda. Não queria participar da festa, preferindo lamber suas feridas com privacidade, mas a mãe insistira.

– Você não vai ficar a noite inteira sentada de mau humor dentro de casa – dissera. – Vá pôr seu melhor vestido e se juntar ao resto da família lá fora. Eu não sei o que está acontecendo com você e por que tem que escolher justo hoje à noite, mas não vou tolerar isso, Alice. Muito planejamento foi feito para hoje para você estragar tudo com seu mau humor.

E, assim, ali estava ela, contra a vontade. Queria passar a noite inteira em seu quarto, escondida sob as cobertas, tentando esquecer como tinha sido tola, uma idiota estúpida. Era tudo culpa do Sr. Llewellyn. No momento em que se livrou do velho naquela manhã, achou que restara muito pouco tempo para mostrar o

manuscrito a Ben; o Sr. Harris e seu filho voltariam a qualquer momento. Então, em vez disso, decidira levar o manuscrito para a casa de barcos naquela tarde. Assim, Alice tinha pensado, poderiam, enfim, estar a sós.

Sua pele queimou quando lembrou. O modo como tinha subido as escadas para bater à porta, cheia de empolgação e confiança. O cuidado especial que tomara com suas roupas e seus cabelos. As borrifadas da água-de-colônia da mãe, que tinha aplicado sob os botões da blusa e no interior dos pulsos, como tinha visto Deborah fazer.

– Alice – dissera ele ao vê-la, sorrindo (confuso, ela podia ver agora; na hora, achou apenas que ele estivesse tão nervoso quanto ela. A mortificação a queimava!). – Eu não estava esperando visita.

Ele abriu a porta da casa de barcos e ela entrou, satisfeita com o aroma de perfume que a seguia. Era aconchegante lá dentro, apenas uma cama e uma cozinha básica. Alice nunca estivera no quarto de um homem e teve que se esforçar para não arquejar como uma criança tola ao ver o edredom de retalhos embotado casualmente no pé do colchão.

Havia um pequeno presente retangular em cima da cama, embrulhado de forma simples mas cuidadosa, amarrado com um pedaço de barbante, um cartão feito de um dos animais de papel de Ben.

– Isso é para mim? – perguntou ela, lembrando que ele dissera que tinha algo para lhe dar.

Ele seguiu seu olhar.

– É, sim. Nada de mais, veja bem, apenas um pequeno encorajamento para a sua escrita.

Alice poderia ter explodido de prazer.

– Por falar nisso – disse, antes de começar a contar, animada, que havia terminado o manuscrito –, acabou de sair do forno. – Ela pôs a cópia que fizera especialmente para ele em suas mãos. – Eu queria que você fosse o primeiro a ler.

Ele estava empolgado por ela, um sorriso largo trazendo uma covinha à bochecha esquerda.

– Alice! Isso é maravilhoso. Que realização! A primeira cópia de muitas, pode escrever o que estou dizendo.

Ela se sentiu muito adulta recebendo seu elogio.

Ele prometeu lê-lo e, por um momento, ela prendeu a respiração, esperando que Ben abrisse a capa e visse a dedicatória, mas, em vez disso, ele pôs sobre a mesa. Havia uma garrafa de limonada aberta ali perto e Alice, de repente, se sentiu seca.

– Eu faria tudo por uma bebida – disse com uma voz parecendo um miado.

– Não precisa fazer nada. – Ele serviu-lhe um copo. – Fico feliz em dividir.

Enquanto a atenção dele estava em outro lugar, ela abriu o botão superior da blusa. Ben entregou-lhe o copo e seus dedos se tocaram. Um arrepio elétrico percorreu a espinha de Alice.

Sem desviar os olhos dos dele, ela tomou um gole. A limonada estava gelada e doce. Ela lambeu os lábios delicadamente. Pronto. Era agora ou nunca. Em um movimento rápido, pousou o copo, deu um passo na direção dele e tomou seu rosto entre as palmas das mãos, inclinando-se para beijá-lo, exatamente como sonhara fazer.

Por um segundo, foi perfeito! Ela inalou seu perfume – couro, almíscar e apenas um ligeiro toque de suor –, seus lábios eram quentes e macios, ela quase desmaiou, porque *sabia* que seria assim, soubera desde sempre...

E, então, de repente, a chama crescente foi apagada. Ele se afastou, os olhos procurando os dela.

– O que foi? – perguntou ela. – Eu fiz errado?

– Ah, Alice... – A percepção e a preocupação competiam em seu rosto. – Alice, sinto muito. Eu fui tão estúpido. Não fazia ideia.

– Do que você está falando?

– Eu pensei... Eu não pensei...

Então ele sorriu, com gentileza e tristeza. Alice viu que sentia pena dela e foi então que soube. Ela percebeu em um instante. Ele não sentia o mesmo que ela. Nunca sentira.

Ben ainda estava falando, a expressão séria, a testa franzida e os olhos gentis, mas o toque de mortificação

em seus ouvidos era agudo e implacável. De vez em quando, a frequência diminuía e ela pegava um fragmento banal:

– Você é uma garota incrível... muito inteligente... uma escritora maravilhosa... um grande futuro pela frente... vai encontrar outra pessoa...

Ela estava seca e tonta, não precisava mais estar ali, naquele lugar onde se desonrara tanto, onde o homem que ela amava, o único homem que ela *amava*, estava olhando para ela com piedade e desculpas, conversando com ela no tom de voz que os adultos usam para acalmar crianças confusas.

Com toda a dignidade que pôde reunir, Alice pegou seu copo e terminou a limonada. Recolheu seu manuscrito com a dedicatória nauseante e começou a dirigir-se para a porta.

Foi quando notou a mala dele. Mais tarde, refletiria sobre o fato e se perguntaria se havia alguma coisa errada com ela; mesmo quando seu coração estava partido, uma pequena parte dela deixava a emoção do momento de lado, tomando notas. Mais tarde ainda, quando ela se familiarizasse melhor com Graham Greene, perceberia que era apenas a lasca de gelo que todos os escritores tinham em seus corações.

A mala estava aberta contra a parede, cheia de pilhas de roupas. A roupa de Ben. Ele estava fazendo as malas.

Sem se virar para encará-lo, ela disse:

– Você vai embora.

– Vou.

– Por quê?

Ah, terrível vaidade, mas ela sentiu ressurgir a esperança de que ele a *amava*, afinal, e era seu amor que o obrigava a partir. O respeito dele por sua juventude e seu dever para com a família que o empregava.

Mas não. Em vez disso, ele disse:

– Está na hora. Já passou da hora, na verdade. Meu contrato terminou há quinze dias. Só fiquei para ajudar na preparação para o solstício.

– Para onde você vai?

– Ainda não tenho certeza.

Ele era cigano, claro, um viajante. Nunca se descrevera em outros termos. E, então, iria embora. Sairia de sua vida tão casualmente quanto entrara. Um pensamento súbito a atingiu. Ela se virou.

– Há outra pessoa, não é?

Ben não respondeu, não precisou. Ela soube imediatamente que havia pelo olhar triste em seu rosto.

Com um pequeno aceno atordoado de cabeça e sem olhar para ele, saiu da casa de barcos, a cabeça erguida, o olhar fixo, um passo calmo atrás do outro.

– Alice, seu presente – Ben a chamou, mas ela não voltou.

Somente quando dobrou a curva no caminho ela aconchegou o manuscrito junto ao peito e correu em direção à casa tão rapidamente quanto seus olhos cegados pelas lágrimas lhe permitiram.

Como ela havia entendido tudo tão errado? Sentada no banco do jardim debaixo da pérgula, enquanto as celebrações de verão se agitavam ao redor dela, Alice ainda não conseguia compreender. Sua mente relembrava um ano de interações. Ben sempre se sentira tão satisfeito ao vê-la, ouvindo atentamente enquanto ela falava sobre sua escrita, sua família, fazendo até sugestões quando reclamava da mãe, os desentendimentos que tinham, tentando consertar a fenda entre elas. Alice nunca conhecera ninguém que se importasse e a entendesse tanto quanto ele.

Era verdade que ele nunca, nem uma vez sequer, a tocou, não direito, não do jeito que ela queria, e ela se perguntava sobre as coisas que ouvira Deborah dizer a respeito dos rapazes e de suas atenções lascivas. Porém, apenas achava que ele era um cavalheiro. E esse era o problema. Ela havia suposto demais. Durante todo o tempo, tinha visto apenas o que queria ver: os próprios desejos refletidos.

Com um suspiro deprimido, Alice olhou ao redor procurando o Sr. Llewellyn. Fazia mais de quinze minutos que ela estava esperando e até agora nenhum sinal dele. Ela devia ir embora. Depois de se arrastar para fora a fim de encontrá-lo, ele não tinha sequer se preocupado em manter o compromisso. Provavelmente

tinha esquecido ou encontrado uma companhia mais agradável e se atrasado. Seria bom ele chegar e ver que ela não estava ali.

Mas para onde iria? Para as gôndolas? Não, ficavam muito perto da casa de barcos. Ela nunca mais queria pisar lá. Para casa? Não, havia criados em todos os lugares, todos espiões da mãe, muito felizes em relatar que Alice desobedecera às instruções. Para a pista de dança? Dificilmente! Ela não conseguia pensar em nada que sentisse menos vontade de fazer do que bater seus calcanhares e gritar como aqueles outros tolos – e quem, aliás, dançaria com ela?

Ali estava. A terrível verdade. Ela não tinha nada melhor para fazer e ninguém com quem estar. Não era de admirar que Ben não a amasse. Ela era totalmente indigna de amor. Faltavam dez minutos para a meia-noite, os fogos de artifício começariam em breve e Alice estava sozinha. Desesperada e sem amigos, não parecia haver muito sentido em continuar.

Então, viu a si mesma de cima. Uma figura solitária, trágica, usando seu vestido mais bonito, abraçando os joelhos. Uma menina cuja família inteira não a entendia.

Alice parecia, de fato, um pouco como uma imigrante sentada no cais depois de uma longa viagem marítima. Algo na curva de seus ombros, no arco de sua cabeça, seu pescoço fino e reto. Ela era uma garota forte lidando com uma grande perda. Toda a sua família tinha sido morta (como? De modo horrível, trágico, os detalhes não importavam, não agora), mas, com uma determinação feroz, ela se encarregaria de vingar suas mortes. Alice sentou-se mais ereta, enquanto a semente de uma ideia começava a crescer. Levou lentamente a mão ao bolso para acariciar seu caderno. Pensando, pensando...

A garota estava sozinha no mundo, completamente desolada, abandonada e esquecida por todos aqueles em quem poderia ter acreditado, mas ia vencer. Alice se certificaria disso. Ela se levantou depressa quando uma faísca de empolgação a incendiou por dentro. A respiração se acelerou e sua cabeça estava cheia de fios trêmulos de ideias que precisavam ser trançados. Ela precisava pensar, tramar.

O bosque! Era para onde iria. Longe da festa, longe de todas aquelas pessoas tolas se divertindo. Ela se concentraria em planejar sua próxima história. Ela não precisava de Ben, nem do Sr. Llewellyn, nem de nenhum deles. Ela era Alice Edevane, a contadora de histórias.



O plano traçado dizia que se encontrariam no bosque cinco minutos depois da meia-noite. Só quando o viu aguardando exatamente onde ele dissera que estaria, Eleanor percebeu que estivera prendendo a respiração a noite toda, esperando que tudo desse errado.

– Oi – disse ela.

– Oi.

Estranhamente formal. A única maneira de levar adiante a terrível tarefa. Eles não se abraçaram; em vez disso, tocaram no braço um do outro, nos cotovelos, pulsos, em um arremedo estranho do afeto e da familiaridade a que estavam acostumados. Tudo era diferente naquela noite.

– Você não teve problemas? – perguntou ele.

– Encontrei uma empregada na escada mais cedo, mas ela estava nervosa, recolhendo taças de champanhe para a meia-noite. Não deu muita atenção.

– Provavelmente, isso é bom. Coloca você na cena bem antes da hora. É menos suspeito.

Eleanor se encolheu diante das expressões contundentes. *Na cena. Menos suspeito.* Como isso foi acontecer? Uma sensação cambaleante de pânico e confusão girou dentro dela, ameaçando derrubá-la. O mundo além, o bosque ao redor, a festa ao longe eram um borrão. Sentia-se inteiramente desconectada de tudo isso. Não havia nenhuma lanterna acesa, nenhum convidado ria e flertava em suas roupas de seda e cetim, não havia lago, casa ou orquestra. Havia apenas aquilo, o instante, aquilo que eles tinham planejado, que parecera tão razoável na ocasião, tão lógico.

Fogos de artifício assobiavam no céu atrás deles, subindo alto até estourar, uma confusão de faíscas vermelhas caindo sobre o lago. Era um estímulo para a ação. Os fogos de artifício estavam agendados para durar trinta minutos. Eleanor instruíra o pirotécnico a montar um espetáculo ao qual ninguém pudesse resistir e dera permissão aos criados para ver a queima de fogos. Daffyd estava distraído Alice.

– Precisamos ir em frente – disse ela. – Não há muito tempo. Sentirei saudades.

Seus olhos se ajustaram à escuridão do bosque e ela pôde vê-lo claramente. O rosto dele era uma imagem de relutância e pesar, os olhos escuros procurando os dela, em busca, ela sabia, de uma brecha em sua determinação. Seria muito fácil mostrar-lhe uma, dizer “Acho que cometemos um erro” ou “Vamos pensar mais um pouco” e recuar cada um para seu lado. Mas ela endureceu seu coração e se dirigiu para o alçapão que descia até o túnel.

Talvez ele não a seguisse, pensou, esperançosa. E, então, ela poderia voltar sozinha, deixar seu bebê dormindo onde estava, retornar à festa como se não tivesse qualquer preocupação no mundo. Poderia acordar amanhã e, quando visse Ben, balançariam a cabeça em uma divertida incredulidade, surpresos com a loucura que os havia envolvido, a loucura que quase tinham feito, o feitiço que tinham superado. “Uma *folie à deux*”, diriam eles, “uma loucura a dois”.

Mas, mesmo enquanto pensava nisso, mesmo enquanto seu espírito se elevava e se iluminava, ela sabia que não resolveria nada. Anthony estava pior do que nunca. Theo corria perigo. E, então, num desdobramento inimaginável – *devastador* –, Deborah e Clemmie tinham descoberto sobre Eleanor e Ben. A simples ideia de que as filhas soubessem que tinha sido infiel ao pai fazia Eleanor querer se encolher em uma pequena partícula de poeira e sumir. O que era fraco, preguiçoso e só servia para aumentar a aversão que tinha por si mesma. Não, esse plano, esse plano repugnante e impensável, era a única maneira de impedir um desastre. Mais do que isso, era exatamente o que ela merecia.

Eleanor se sobressaltou. Algo tinha se movido no bosque, tinha certeza. Ela havia vislumbrado – ou teria ouvido? – alguma coisa no escuro. Havia alguém lá? Teriam sido vistos?

Examinou as árvores além, quase não ousando respirar.

Não havia nada.

Ela havia imaginado.

Não era mais do que sua consciência culpada.

De qualquer forma, era bom não demorar.

– Depressa – sussurrou –, siga-me pela escada. Depressa.

Ela chegou ao fundo e se afastou para abrir espaço para ele no estreito túnel de paredes de tijolos. Ele havia fechado o alçapão atrás de si e estava mais escuro do que a noite. Eleanor acendeu a tocha que havia escondido antes e o conduziu pela passagem em direção à casa. Cheirava a mosto e mofo e mil aventuras de infância. De repente, ela ansiou por ser criança de novo, sem ter mais com o que se preocupar do que com o que ocuparia o dia interminável iluminado pelo sol. Um soluço ardeu em sua garganta, ameaçando estourar livremente, e ela balançou a cabeça, furiosa, amaldiçoando-se por tal indulgência. Precisava ser mais forte do que isso. Haveria momentos muito piores nos próximos dias. Amanhã, em algum momento descobririam, uma busca seria iniciada, a polícia seria envolvida. Haveria perguntas e uma investigação, Eleanor teria que interpretar seu terrível papel – e Ben teria ido embora.

Ben. Ela podia ouvir seus passos atrás dela, e mais uma vez lhe veio a consciência fugaz, pungente, de que ela ia perdê-lo também. Que, em questão de minutos, ele se viraria, se afastaria e ela nunca mais o veria... Não. Eleanor trincou o queixo e se forçou a se concentrar apenas em avançar. Um pé na frente do outro, parando apenas quando chegou aos degraus de pedra que conduziam pela cavidade na parede da casa. Ela direcionou a chama para a porta no alto e respirou fundo. O ar era denso dentro do túnel, parado e terroso, e as partículas de poeira flutuavam no fecho de luz. Uma vez que atravessassem aquela porta, não haveria mais volta. Ela estava se preparando para começar a subir quando Ben segurou seu pulso. Surpresa, virou-se para encará-lo.

– Eleanor, eu...

- Não – disse ela, sua voz inesperadamente sem emoção no túnel estreito. – Ben, não.
- Dizer adeus está me matando.
- Então não diga.

Ela percebeu imediatamente, pelo brilho de sua expressão à luz da tocha, que ele a entendera mal. Pensara que ela estava sugerindo que ele não precisava partir. Então, acrescentou depressa:

- Não *diga*. Apenas faça o que tem que ser feito.
- Deve haver outro jeito.
- Não há.

Não havia. Se houvesse, ela teria encontrado. Eleanor pensou e pensou até sentir que seu cérebro sangraria com o esforço. Ela envolvera o Sr. Llewellyn e nem ele tinha sido capaz de sugerir uma alternativa aceitável. Não havia como fazer a coisa certa para todos, como manter todos felizes. Aquilo era o mais perto a que havia chegado, aquele plano em que ela suportaria o peso. Theo ficaria confuso a princípio – que Deus a perdoasse, ele também ficaria angustiado –, mas era jovem e esqueceria. Ela acreditava em Ben quando ele dizia que a amava, que não queria ficar sem ela, mas era cigano e viajar estava em seu sangue; no fim ele acabaria indo embora mesmo. Não, era ela quem sofreria mais, deixada para trás para suportar sua perda, sentindo falta dos dois como a lua sente falta do sol, sempre se perguntando...

Não. Não pense nisso. Com toda a força de vontade que conseguiu reunir, Eleanor soltou sua mão e começou a subir as escadas. Ela devia estar se concentrando em pensar se tinha feito tudo o que era preciso para o plano dar certo. Se a dose extra de uísque garantiria o sono profundo da babá Bruen. Se o Sr. Llewellyn de fato conversava agora com Alice, que estivera especialmente difícil a noite toda.

No topo da escada, espiou através da fechadura escondida na porta secreta. Seus olhos estavam vidrados e ela piscou furiosamente para limpá-los. O corredor estava vazio. A distância ela podia ouvir os fogos de artifício estourando. Olhou para o relógio. Faltavam dez minutos. Era tempo suficiente. A conta certa.

A maçaneta era sólida em sua mão, muito real. Era isso. O momento que ela sabia que estava chegando, mas se recusara a imaginar, concentrando-se, em vez disso, na logística, nunca se permitindo pensar em como se sentiria quando chegasse ao limiar dessa porta.

- Diga-me novamente que tipo de pessoas eles são – pediu baixinho.

A voz dele atrás dela era quente e triste e, pior de tudo, resignada.

– As melhores – disse ele. – São trabalhadores, leais e divertidos. A casa deles é o tipo de lugar que sempre cheira a comida boa e, não importa o que possa faltar, nunca falta amor.

Onde é?, ela quis perguntar. *Para onde você vai levá-lo?* Mas ela fizera Ben prometer nunca lhe contar. Não podia confiar em si mesma. Tudo isso só funcionaria se ela não soubesse onde encontrá-lo.

A mão de Ben estava em seu ombro.

- Eu te amo, Eleanor.

Ela fechou os olhos, a testa na madeira dura e fria da porta. Ele queria que ela dissesse que também o amava, sabia disso, mas seria fatal.

Com um ligeiro aceno de reconhecimento, Eleanor levantou o trinco complicado e saiu para o corredor vazio. Com os fogos de artifício ainda estourando sobre o lago, luzes vermelhas, azuis, verdes se derramando através das janelas e sobre o tapete, ela se preparou para entrar no quarto do bebê.



Theo acordou de repente. Estava escuro e a babá roncava pesadamente na cama no canto. Um baque surdo soou e uma luz verde se derramou através das cortinas. Havia outro ruído também, um barulho alegre, muitas pessoas, ao longe, lá fora. Mas outra coisa contribuiu para que acordasse. Ele chupou o polegar, ouvindo, concentrando-se, e então sorriu.

Sabia antes de ela chegar ao berço que era a mamãe. Ela o pegou e Theo aninhou sua cabeça sob seu queixo. Havia um ponto onde se encaixava perfeitamente. Ela estava murmurando em seu ouvido e a mãozinha esquerda dele se ergueu para acariciar o rosto dela. Ele suspirou satisfeito. Theo amava a mamãe mais do que qualquer outra pessoa no mundo. Suas irmãs eram mais divertidas e seu pai podia levá-lo mais alto, mas havia algo no cheiro da mamãe, no som de sua voz e na maneira como seus dedos acariciavam seu rosto tão suavemente.

Houve outro ruído então e Theo ergueu a cabeça. Havia mais alguém no quarto com eles. Seus olhos agora se ajustavam à escuridão e ele viu um homem atrás de sua mãe. O homem se aproximou e sorriu. Theo viu que era Ben do jardim. Theo gostava muito de Ben. Ele fazia coisas de papel e contava histórias que terminavam em cócegas.

Sua mãe sussurrava suavemente em seu ouvido, mas Theo não estava ouvindo. Ele estava ocupado brincando de esconder sobre seu ombro, tentando chamar a atenção de Ben. Mamãe segurava com mais força do que o normal e ele se contorceu para se soltar. Ela lhe deu uma série de beijos na bochecha, mas Theo se afastou. Ele estava tentando fazer Ben sorrir. Theo não queria abraçar, queria brincar. Quando Ben estendeu a mão para acariciar sua bochecha, uma risada explodiu em torno do polegar de Theo.

– Shhh – sussurrou a mamãe –, shhh.

Havia algo diferente em sua voz e Theo não sabia se gostava. Ele olhou para seu rosto, mas ela não estava mais olhando para ele. Estava apontando para algo debaixo da cama. Theo observou Ben se ajoelhar e depois se levantar de novo, com uma bolsa sobre o ombro. Não era uma bolsa que Theo reconhecesse, então não pensou mais nisso.

Ben se aproximou e ergueu a mão para tocar a bochecha da mamãe. Ela fechou os olhos e apoiou a cabeça na palma da mão dele.

– Eu também te amo – disse ela.

Theo olhou os rostos dos dois. Ambos estavam muito quietos, sem dizer uma palavra. Ele tentou adivinhar o que aconteceria em seguida. Quando mamãe o entregou a Ben, Theo ficou surpreso, mas não infeliz.

– Está na hora – sussurrou ela.

Theo olhou para o grande relógio na parede. Ele não sabia ao certo o que era hora, mas sabia que vinha de lá.

Eles deixaram o quarto e Theo se perguntou aonde iam. Não era normal sair do quarto à noite. Ele chupou seu polegar, observou e esperou para ver. Havia uma porta no corredor, ele nunca tinha percebido aquilo antes, mas agora sua mãe a segurava aberta. Ben parou e se inclinou para perto da mamãe, ele estava sussurrando em seu ouvido, mas Theo não conseguia ouvir as palavras. Ele também sussurrou, *da, da, da*, e sorriu com satisfação. E, então, Ben o carregou e a porta se fechou suavemente atrás deles.

Estava escuro. Ben acendeu uma tocha e começou a descer as escadas. Theo olhou ao redor procurando a mamãe. Não conseguiu vê-la. Talvez estivesse escondida? Isso era uma brincadeira? Ele olhou, esperançoso, sobre o ombro de Ben, esperando que ela pulasse e dissesse “Achou!”. Mas ela não fez isso. Ele esperou e esperou, e ela não fez.

O lábio inferior de Theo tremeu e ele pensou em chorar, mas Ben estava falando com ele, e sua voz fez Theo se sentir seguro e quente. Algo parecia certo, da mesma maneira que a cabeça de Theo se encaixava perfeitamente no espaço sob o queixo da mãe, da mesma maneira como a pele de sua irmã Clemmie tinha exatamente o mesmo cheiro que a dele. Theo bocejou. Ele estava cansado. Levantou o urso e o colocou no ombro de Ben e então deitou sua cabeça nele. Enfiou o polegar na boca, fechou os olhos e ficou de ouvidos atentos.

Theo estava contente. Conhecía a voz de Ben assim como conhecía sua família, de um jeito muito especial, um conhecimento tão antigo quanto o próprio mundo.

Estava um breu, exceto pelos luminosos raios brancos de suas lanternas que varriam o solo alguns metros à frente. Peter não sabia exatamente por que eles estavam ali, naquela hora, no bosque do lado de fora de Loeanneth, e não na aldeia, aproveitando o Festival de Solstício. Ele preferia um prato de guisado de peixe, seguido por uma caneca de hidromel local, mas Alice tinha sido tão teimosa quanto misteriosa.

– De fato, não é o ideal ir lá quando está escuro – dissera ela –, mas isso precisa ser feito e sou eu que tenho que fazer. – O que levava à questão de por que não tinham entrado e feito isso antes, de dia, como haviam planejado. – Eu não ia fazer isso com a detetive e o avô dela por perto. É particular.

A resposta soou verdadeira em parte, pois Alice era uma das pessoas mais reservadas que Peter conhecia. Ele até se perguntaria por que ela o convidara para ir junto se não houvesse a lista de coisas que ela lhe pedira para a excursão, “os suprimentos”, como insistia em chamá-los, sugerindo claramente que ele foi convidado porque ela precisava de músculos. Ele tinha conseguido arranjar tudo o que ela pedira. Não foi fácil em tão curto prazo, mas Peter era bom em seu trabalho e não queria decepcioná-la.

Estava claro que a tarefa era muito importante para Alice, como evidenciado por sua ligação para a casa dele na sexta-feira à noite, quando ela anunciou que tinha pensado no assunto e o acompanharia à Cornualha no fim das contas. Ela se mostrara estranhamente empolgada, até mesmo tagarela, e ocorrera a Peter que Alice tinha exagerado no gim-tônica depois que ele fora embora.

– Não tenho intenção de assumir o controle da investigação – dissera ela, antes de avisá-lo que estaria pronta e esperando que ele a buscasse às cinco horas da manhã seguinte. – É melhor partirmos antes que tenha trânsito, não acha? – Ele concordara e estava prestes a desligar quando ela acrescentou: – E... Peter?

– Sim, Alice?

– Você acha que consegue uma pá e um par de luvas de jardinagem de boa qualidade? Há algo que eu gostaria muito de fazer enquanto estivermos lá.

Durante todo o caminho desde Londres, ela ficou sentada ao lado dele com uma expressão fixa no rosto, ar distraído, proferindo um decidido “Não é necessário” a todas as sugestões que ele fazia de que parassem para tomar ar, comer, beber água ou apenas esticar as pernas. Ela não estava com vontade de conversar, o que convinha a Peter. Ele simplesmente aumentou o volume de seu audiolivro e se concentrou na faixa seguinte de *Grandes esperanças*. Estivera tão ocupado durante as duas últimas semanas que não conseguiu terminar o romance, mas achou que a longa viagem seria a oportunidade perfeita para tal. Quando se aproximaram da aldeia, ele sugeriu que fossem direto para o hotel fazer o check-in, mas Alice respondeu bruscamente:

– Não. Impensável. Vamos direto para Loeanneth.

Foi quando ela lhe contou sobre a chave que queria que ele buscasse.

– Há uma sala de secagem no andar de cima – disse ela –, e no chão embaixo da prateleira uma tábua está solta. Você saberá qual é porque tem um nó na madeira que parece muito com a cabeça de um alce. Dentro da cavidade você encontrará uma pequena bolsa de couro. Dentro dela há uma chave. É minha e sinto falta dela há muito tempo.

– Entendi. Tábua no chão, cabeça de alce, pequena bolsa de couro – repetiu ele.

A determinação dela ainda era evidente quando se juntaram aos outros para o piquenique na hora do almoço. Ela fez com que Peter levasse o equipamento com eles, ansiosa para ir ao bosque assim que terminassem, mas então o avô de Sadie Sparrow, Bertie, se ofereceu para acompanhá-la no festival e ela aceitou sem um momento de hesitação. Peter teria ficado completamente confuso, só que, ao longo da manhã, vislumbrara algo que acreditava que poderia explicar sua mudança de ideia. Ele não podia ter certeza, mas tinha a sensação de que Alice gostara de Bertie. Ela o ouvia com atenção enquanto ele falava, ria de suas piadas e balançava a cabeça para suas histórias. Decididamente, esse comportamento não era típico de Alice. Em geral, ela não criava laços com rapidez; não criava laços nunca, na verdade.

Seja como for, eles voltaram à aldeia, fizeram check-in no hotel e Alice desfrutou de um passeio pelo festival. Peter, entretanto, deu uma desculpa para ficar sozinho. Havia algo brincando em sua mente durante toda a tarde, uma pequena coisinha pessoal, e ele queria passar na biblioteca para conferir. E, então, ali estavam eles, na escuridão da noite, seguindo o mesmo caminho que haviam tomado mais cedo, contornando o lago e descendo em direção à casa de barcos. Quando chegaram ao córrego, Alice não parou, encorajando-o em direção ao bosque. Peter estava desconfiado, imaginando se seria condenável trazer uma octogenária para o bosque à noite, mas Alice pediu que não se preocupasse.

– Conheço este bosque como a palma da minha mão – disse ela. – Uma pessoa nunca esquece a paisagem de sua infância.



Não pela primeira vez, Alice agradeceu a Deus que Peter não fosse de falar muito. Ela não queria conversar, explicar ou divertir ninguém. Queria apenas caminhar e se lembrar da última vez que seguira esse caminho pelo bosque. Um pássaro noturno voou acima deles na escuridão e os sons a levaram de volta àquela noite, quase setenta anos antes, quando se arrastou por ali para enterrar: o cavalo relinchando, as ondas do lago, os pássaros voando.

Ela tropeçou e Peter segurou seu braço.

– Você está bem?

Ele era um bom rapaz. Fazia pouquíssimas perguntas. Fazia tudo o que ela pedia.

– Não falta muito – disse ela.

Caminharam em silêncio, através das urtigas, da clareira onde o alçapão do túnel ficava escondido, passaram pelo lago de trutas. Alice sentiu uma estranha alegria em voltar a Loanneth, estar ali no bosque naquela noite. Era exatamente como ela imaginara enquanto estava sentada em sua biblioteca em Londres na noite anterior, ouvindo o tique-taque do relógio da lareira, quando a chama da saudade que tinha daquele lugar se tornou uma chama de anseio e ela ligou para Peter. Não que se sentisse jovem de novo, com certeza não. Em vez disso, pela primeira vez em sete décadas, ela se permitiu se lembrar daquela jovem – aquela garota assustada, apaixonada e tola.

Por fim chegaram ao ponto que Alice havia escolhido naquela época, o lugar ao qual sua culpa estivera ancorada durante todo esse tempo.

– Podemos parar agora – disse ela.

Alice sentiu um cheiro – rato-do-campo e cogumelos – e a onda de memórias foi tão forte que precisou se firmar no braço de Peter.

– Você poderia cavar um pouco para mim?

Graças a Deus ele não fez perguntas, apenas tirou a pá do saco que estava carregando, calçou as luvas de jardinagem e começou a cavar onde ela apontou.

Alice inclinou a lanterna para iluminar uma área na qual ele devia trabalhar. Prendeu a respiração, lembrando-se daquela noite, da chuva, da bainha de seu vestido enlameada se colando às botas. Nunca mais o usara. Ela o enrolou assim que voltou para a casa e o queimou na primeira oportunidade que teve.

Ela se obrigou a atravessar os campos, apesar da chuva. Poderia ter usado o túnel. Não teria sido fácil ir sozinha, não com aquele trinco complicado, mas teria conseguido. Mas não queria ir a qualquer lugar aonde Ben tivesse ido. Tinha tanta certeza de que fora ele quem sequestrara Theo, tão presa em sua própria teoria... Apavorada com a possibilidade de alguém somar dois mais dois e descobrir o papel que havia desempenhado.

– Alice – disse Peter –, você pode jogar a luz um pouco para o lado?

– Desculpe.

Ela deixara o facho de luz flutuar com seus pensamentos e o corrigiu.

Houve um ruído quando a pá atingiu algo sólido.

Ele estava apoiado nos joelhos e nas mãos, tirando um pacote de dentro do buraco. Desembrulhando e removendo o que restava do saco de pano no qual ela o colocara.

– É uma caixa – disse ele, fitando-a com os olhos arregalados de surpresa. – Uma caixa de metal.

– É.

Ele se levantou, tirando a terra de cima da caixa com as mãos enluvadas.

– Quer que eu a abra?

– Não. Vamos levá-la de volta ao carro conosco.

– Mas...

Seu coração havia disparado quando ela a viu, mas conseguiu fazer sua voz soar calma:

– Não há necessidade de abri-la agora. Eu sei exatamente o que vamos encontrar aí dentro.



Sadie abriu caminho através da multidão agitada do Festival de Solstício. As ruas que se encontravam para formar a praça da aldeia alinhavam-se às barracas que vendiam espigas de milho, roupas, tortas de carne de porco artesanais e doces. Chamas saltavam de barris e, no porto, um pontão flutuante estava cheio de fogos de artifício, à espera de serem acesos à meia-noite. Alice e Peter estavam hospedados no hotel na esquina da High Street – o prédio branco de dona esnobe com os cestos de flores pendurados na parede –, mas atravessar a multidão demorou mais do que Sadie imaginara. Ela só esperava que eles estivessem lá, e não entre os foliões. Estava desesperada para lhes dizer o que tinha descoberto sobre a morte de Theo, para deixar Alice saber que Anthony era inocente.

O telefone dela estava tocando. Ela podia senti-lo vibrar contra sua perna. Tirou-o do bolso bem na hora em que uma criança com um enorme algodão-doce passou por ela dando-lhe uma cotovelada. Sadie olhou para a tela e viu que era da Met.

– Alô?

– Sparrow.

– Donald?

– Bem, você com certeza conseguiu mexer num ninho de vespas desta vez.

Sadie ficou imóvel. Sua pulsação se acelerou.

– O que aconteceu? Eles conversaram com o marido, com Steve?

– Ele está aqui agora, preso. Confessou tudo.

– O quê? Espere, deixe-me encontrar um lugar mais calmo.

Era mais fácil falar do que fazer, mas Sadie conseguiu encontrar um recanto no muro de pedra do porto onde poderia se afastar da multidão.

– Conte-me exatamente o que aconteceu.

– Ashford trouxe primeiro a nova esposa. Conseguiu que o inspetor Heather se sentasse e fizesse as perguntas, como iam as coisas com Caitlyn, esse tipo de coisa, tudo agradável e amigável, então lhe indagaram se tinha outros filhos, se queria ter mais. Acontece que ela não pode ter filhos.

Sadie apertou a outra mão contra a orelha.

– Como é?

– Ela e o marido tentaram um bebê por mais de um ano antes de irem a um médico para fazer exames.

Era bem como tinham conversado durante o almoço em Loanneth, o mesmo cenário que Alice descrevera de seu primeiro livro de Diggory Brent, a história que sua irmã lhe contara anos antes.

– Então ele pegou uma criança para ela?

– É o resumo. Disse que a esposa ficara devastada com a notícia de sua infertilidade. Ela sempre quis um bebê, queria uma menina mais do que qualquer coisa no mundo. A impossibilidade de engravidar foi devastadora e todos os remédios de fertilidade a deixaram ainda pior. Ela mostrou ter tendências suicidas, pelo que ele disse, e ele queria fazê-la feliz.

– Encontrando uma filha para ela – completou Sadie. – A solução perfeita, mas com o detalhe incômodo de que Caitlyn já tinha mãe.

– Ele desmoronou quando foi interrogado. Contou o que tinha feito, onde encontraríamos o corpo. Viagem de pesca, o caramba! Temos mergulhadores lá agora. Típico réu primário, chorando, dizendo que não era uma pessoa má, que não queria que isso acontecesse, que não queria que as coisas fossem tão longe.

Sadie apertou os lábios com severidade.

– Ele devia ter pensado nisso antes de obrigar Maggie a escrever aquele bilhete, antes de matá-la.

Ela estava em ebulição. O modo como pegara a caneca de poliestireno durante a entrevista, a interpretação do pai amoroso, do ex-marido maltratado, preocupado, confuso e disposto a fazer o que fosse necessário para encontrar a fugitiva irresponsável, enquanto o tempo todo sabia exatamente onde ela estava, o que tinha feito com ela.

Maggie devia ter previsto o que estava por vir. Em algum momento de seu último confronto, ela devia ter percebido. *Foi ele*, rabiscou em desespero. *Foi ele*. O uso do passado nunca foi tão arrepiante. Nem tão corajoso. A única misericórdia era que Caitlyn, ao que tudo indicava, não tinha visto o que acontecera com a mãe.

– Ele disse o que fez com a filha enquanto cuidava de Maggie?

– Colocou *Dora, a Aventureira*. A menina não se mexeu.

E saber que Caitlyn ainda estava no apartamento teria impedido Maggie de fazer uma cena, tomando o cuidado de proteger a filha do que tinha percebido que estava prestes a acontecer. Pela segunda vez naquela noite, Sadie teve motivos para refletir sobre até onde uma mãe ia para proteger seu filho amado.

A voz de Donald assumiu um tom envergonhado:

– Olhe, Sparrow...

– Ele deixou a filha sozinha no apartamento por uma semana.

– Disse que achava que a avó ia visitá-la... que a menina seria encontrada muito antes. Disse que estava prestes a ir lá ele mesmo.

– Nancy Bailey tem que saber.

– Já enviaram um policial.

– Ela estava certa o tempo todo.

– Sim.

– A filha dela não fugiu. Maggie nunca faria isso. Exatamente como Nancy tinha falado.

Ela fora assassinada. E eles quase deixaram seu ex-marido sair impune. Sadie se sentiu aliviada e vingada, mas também enojada e triste, porque isso significava que a filha de Nancy não voltaria para casa.

– O que vai acontecer com Caitlyn?

– O Serviço de Proteção à Criança está cuidando dela agora.

– E depois?

– Não sei.

– Nancy adora a menina – disse Sadie. – Cuidava dela quando Maggie estava trabalhando. Já tem um quarto preparado para Caitlyn. A criança deve ficar com sua família.

– Vou tomar nota disso.

– Precisamos fazer mais do que tomar nota, Donald. Devemos isso à menina. Falhamos com ela uma vez. Temos que garantir que isso não aconteça de novo.

Sadie não ia deixar Caitlyn desaparecer dentro do sistema. Ela era boa em botar a boca no trombone e ficaria mais do que feliz de fazer o barulho que fosse necessário para que as coisas acabassem como deviam.

No momento em que estava tomando a resolução silenciosa de cobrar todos os favores que lhe eram devidos, de não parar até que Caitlyn e Nancy estivessem reunidas, vislumbrou na multidão duas pessoas que reconheceu.

– Olhe, Don, tenho que ir.

– Tudo bem, Sparrow, entendi, eu deveria ter dado ouvidos e...

– Não se preocupe com isso. Falo com você depois. Só me faça um favor.

– Está bem.

– Certifique-se de que a menina e a avó fiquem juntas.

Ela encerrou a ligação e guardou o telefone, costurando por entre a multidão o mais rápido que pôde até o local onde tinha visto Alice e Peter. Parou um segundo ao chegar lá, olhando de um lado para outro, até que viu os cabelos brancos inconfundíveis.

– Alice! – Ela acenou com a mão acima da multidão. – Peter!

Eles pararam e olharam ao redor, desorientados, até Peter, uma cabeça mais alto do que a maioria das outras pessoas, avistar Sadie e sorrir. Aquela faísca novamente. Nenhuma dúvida sobre isso.

– Detetive Sparrow – disse Alice, surpresa, quando Sadie os alcançou.

– Estou tão feliz por ter encontrado vocês... – Sadie estava sem fôlego. – Foi Ben. Foi ele o tempo todo.

Então ela notou que Peter tinha uma pá em um saco sobre o ombro e Alice estava segurando algo em seus braços, uma caixa muito grande. Agora parecia segurá-la com mais força.

– Que diabos você quer dizer? – perguntou Alice.

– Ben levou o Theo. Seu pai, Anthony... Não foi ele. Ele era inocente.

– Ela está delirando – disse Alice a Peter. – Ajude-a, Peter, ela não está falando coisa com coisa.

Sadie balançou a cabeça. Ainda estava se recuperando da conversa com Donald, precisava se acalmar, começar do início, fazer com que vissem.

– Tem algum lugar onde possamos conversar? Um lugar mais tranquilo?

– Tem o hotel – respondeu Alice –, mas tenho sérias dúvidas quanto à tranquilidade.

Sadie olhou para o hotel. Alice estava certa: não haveria como escapar do barulho lá. Pensou no quintal de Bertie, bem acima da aldeia, com vista para o mar.

– Venham comigo – falou. – Conheço o lugar perfeito.



Embora Bertie ainda estivesse no festival, ele havia deixado a luz da varanda acesa e a porta aberta. Os cachorros examinaram os recém-chegados, cheirando-os curiosamente, antes de aceitarem que eram amigos e os seguirem para a cozinha.

– Quer uma xícara de alguma coisa? – ofereceu Sadie, lembrando vagamente que, como anfitriã, tinha alguns deveres.

– Suspeito que vou precisar de um copo de alguma coisa – disse Alice. – Alguma coisa forte.

Sadie encontrou uma garrafa de xerez na parte de trás da despensa de Bertie, juntou algumas taças e levou tudo para junto dos outros no pátio. As luzinhas de Natal presas nos muros de pedra do jardim já estavam brilhando e, quando Alice e Peter puxaram cadeiras até a mesa, Sadie acendeu as velas dos lampiões. Serviu-lhes a bebida.

– Então – disse Alice, claramente sem disposição para sutilezas sociais –, que história é essa sobre Benjamin Munro ter levado meu irmão? Pensei que tínhamos concordado: meu pai, o trauma de guerra...

– Sim – começou Sadie –, nós tínhamos, e isso, com certeza, era importante, mas Theo não morreu naquela noite. Ben o levou e não agiu sozinho. Ele e sua mãe planejaram tudo.

– O que você está dizendo?

A mão de Alice foi descansar no topo da caixa de metal que trouxera com ela. Estava coberta de terra e, no espaço de um instante, Sadie conectou a sujeira com a pá de Peter antes de deixar a curiosidade de lado e continuar:

– Estávamos certas sobre a ameaça que o trauma de guerra de seu pai representava, mas erradas quanto a ele ter machucado Theo. Ben e sua mãe decidiram que o bebê precisava ser protegido, e o túnel, a festa, a queima de fogos, tudo isso lhes dava a oportunidade perfeita de sumir com o menino. Está nas cartas dela. Pelo menos se você souber o que procurar. Sua mãe sofreu, mas não conseguiu pensar em outra maneira de manter Theo em segurança. Ela não podia deixar seu pai, pois o amava e tinha feito a promessa de não revelar a ninguém sua condição. Ela não via alternativa.

– E Ben era o pai biológico de Theo – disse Peter, assentindo. – A melhor pessoa a quem ela podia confiar o bebê.

– A única pessoa – concordou Sadie.

– Foi por isso que ela não quis oferecer uma recompensa – falou Alice de repente, conectando os pontos com a velocidade e a precisão que se poderia esperar de uma mulher que tinha tramado romances de mistério durante meio século. – Isso sempre me incomodou. Eu não conseguia entender por que ela havia sido tão inflexível quanto a isso. Na época, ela disse que a perspectiva de dinheiro traria pessoas desesperadas, oportunistas. Agora faz sentido: ela simplesmente não queria que as pessoas procurassem Ben e Theo. Ela não queria que eles fossem encontrados.

– Isso também explica por que ela insistiu em que nenhuma menção fosse feita na imprensa sobre a negligência da babá Bruen – disse Sadie. – E por que ela se certificou de que Rose Waters e a polícia local fossem generosamente recompensadas.

– Ela fez isso? – perguntou Alice. – Eu não sabia.

– Rose ficou devastada com a demissão, e não é de admirar... Ela foi demitida justamente *porque* era muito vigilante. Não havia como o plano funcionar se Rose estivesse cuidando de Theo. Quando ela foi dispensada, sua mãe lhe deu excelentes referências e um bônus que lhe permitiu estudar. Isso resolveu o resto de sua vida.

– Ela estava se redimindo – disse Peter.

Sadie assentiu.

– O “sequestro” foi uma ficção criada por ela mesma, então ela se certificou de que qualquer pessoa que sofresse as consequências disso fosse recompensada pela perda e pelos problemas desnecessários.

– Isso é típico da minha mãe – disse Alice. – Seu senso de justiça, de “correção”, era seu norte.

– Então o que aconteceu depois? – perguntou Peter. – Ben levou Theo pelo túnel para longe de Loeanneth. Acha que ele o criou?

Alice franziu a testa, balançando o copo de xerez de um lado para outro entre os dedos.

– Ben lutou na Segunda Guerra Mundial. Morreu no desembarque na Normandia, coitado... Tão cruel, morrer assim, no fim. Ele tinha lutado durante muito tempo também. Minha irmã Clementine o viu na França em 1940.

– Theo ainda era um menino durante a Segunda Guerra Mundial – disse Sadie, fazendo um rápido cálculo mental. – Tinha apenas 7 anos quando ela começou. Se Ben se alistou no início, não pode ter criado Theo como seu filho. A menos que tivesse se casado com outra pessoa.

– Ou Theo foi para outro lugar – sugeriu Peter.

– O que não nos deixa em melhor situação do que quando começamos – concluiu Alice.

O desânimo se abateu sobre o grupo, articulado por Ash, que deixou escapar um longo suspiro canino enquanto dormia. Sadie encheu seus copos de xerez e eles beberam em silêncio. O barulho distante da alegria do festival, à medida que a meia-noite se aproximava, se fez ouvir da aldeia.

– E as cartas? – perguntou Alice por fim. – Havia alguma coisa nelas que pudesse indicar para onde Ben e

Theo foram após deixar Loeanneth?

- Não que eu tenha percebido. Na verdade, sua mãe queria mais que Ben *não lhe dissesse* para onde iam.
- Talvez ele tenha lhe dado uma pista?
- Acho que não.
- Algo sutil. Alguma coisa pessoal que você pode não ter notado.

A certeza de Sadie não era páreo para a obstinação de Alice.

– Vale a pena dar uma olhada – falou ela. – Vou buscar o arquivo. Trouxe algumas cartas para casa comigo.

Bertie entrava pela porta da frente quando ela chegou à cozinha.

– Oi, Sadie querida – disse ele, com um sorriso cansado mas feliz. – Consegui escapar antes de a festa realmente começar. Gostaria de jantar?

Sadie explicou que Alice e Peter estavam no quintal, conversando sobre o caso Edevane.

- Tivemos um grande avanço, mas nos trouxe novas perguntas.
- Jantar para quatro, então. Num instante.
- Você não está cansado de servir bolo de pera?
- Nunca! Que sacrilégio.

Enquanto ela tirava o arquivo da mochila, Bertie cantarolava baixinho perto da chaleira.

– E o outro assunto? – perguntou ele, jogando saquinhos de chá em xícaras. – Teve notícias da Met?

Sadie o atualizou rapidamente sobre o telefonema de Donald.

– Então – disse ele com uma satisfação sombria – você estava certa. Eu lhe disse que seus instintos eram bons. – Ele balançou a cabeça e seus lábios se apertaram em simpatia. – Aquela pobre mulher, e a pobre criança... Imagino que você vá recuperar seu emprego.

– Não tenho tanta certeza disso. Ashford sabe que fui eu que vazei a informação. Não vai querer compactuar com as minhas ações, independentemente de como as coisas aconteceram. Vou ter que esperar para ver. Enquanto isso...

Ela levantou o arquivo e fez um gesto por cima do ombro para o quintal.

– Claro. Encontro você lá em alguns minutos.

Sadie voltou para junto dos outros bem na hora em que Alice estava dizendo a Peter:

- Sabe, eu sempre achei que tinha visto Ben na floresta naquela noite.
- Por que você não disse nada à polícia? – perguntou Sadie, sentando-se de volta e deslizando o arquivo para o centro da mesa.

Alice olhou para onde uma rajada de vento tinha feito o fio de luzes de Natal chacoalhar contra as pedras.

– Eu não deveria estar lá – disse ela, as sombras brincando em seu rosto. – Eu devia estar na festa com o Sr. Llewellyn. Sempre me culpei pelo que aconteceu com ele. Fico me perguntando se as coisas poderiam ter terminado de outra forma se eu tivesse esperado um pouco mais. Ele tinha me procurado no começo do dia, muito ansioso para nos encontrarmos. Insistiu que havia algo que precisava discutir comigo. Esperei, mas ele não apareceu.

– Essa é outra “coincidência” de que não gosto – comentou Sadie, franzindo a testa. – Tem alguma coisa errada na morte do Sr. Llewellyn. Ele era dedicado à sua mãe e sabia o que ela estava planejando, quanto estava em jogo para ela... Não me agrada que ele tenha escolhido acabar com a própria vida naquele momento.

– Concorde – afirmou Alice. – Isso não faz sentido. Mas a depressão, como tantas condições nervosas, não é uma doença racional.

– Se ao menos soubéssemos mais sobre a depressão dele... – Sadie se levantou, andando de um lado para outro ao longo das pedras. – Aquele colapso inicial, quando ele deixou a medicina e começou a escrever livros. Pela minha experiência, quando alguém toma uma decisão como essa, que muda a sua vida, há algo por trás. Se soubéssemos o que era, talvez jogasse alguma luz no caso.

Peter ergueu a mão.

– Na verdade, acho que posso ter a resposta para isso.

Sadie virou-se para encará-lo. Alice olhou por cima dos óculos.

– Peter?

– Hoje, em Loanneth, quando você estava falando sobre o colapso de Llewellyn, perguntando o que o causara, eu me lembrei vagamente de ler algo sobre isso em um de meus cursos na universidade. Fui à biblioteca da aldeia essa tarde e encontrei um homem muito solícito...

– Alastair – interrompeu Sadie.

– Exatamente. Por acaso, ele tinha o livro perfeito sobre a mesa dele. Tinha vindo emprestado de outra biblioteca e estava embalado, pronto para ser devolvido quando o vi. Foi realmente a maior coincidência...

– Não diga isso.

– Sorte. Tinha um capítulo dedicado a Llewellyn e *O portal mágico de Eleanor*, uma análise alegórica muito interessante baseada nos princípios kantianos do simbolismo...

– Peter – interrompeu Alice com firmeza.

– Ah, sim, desculpe. O autor argumentava que a história de Llewellyn poderia ser lida como uma alegoria das experiências de sua vida, em particular o colapso que ele sofrera quando era um jovem médico, forçado a enfrentar uma situação de emergência na casa de campo de um amigo, quando perdeu um paciente.

– Um bebê. – Sadie arquejou. – O paciente era um bebê recém-nascido.

– Como você sabe? – perguntou Alice. – Que bebê? De quem?

Peter encontrou o olhar de Sadie, processando por um momento, e então sorriu com a percepção.

– Você acha que foi o bebê de Constance.

– Sim. – Sadie correu para a mesa. – Sim, sim, sim.

Ela folheou rapidamente o arquivo, as chamadas dos lampiões tremeluzindo ao lado dela.

– Isso explica – disse Peter, mais para si mesmo do que para elas – a tensão entre eles, a animosidade que ela sentia em relação a ele. Ela era realmente uma Srta. Havisham.

A confusão deixou Alice nervosa.

– Peter – disse, impaciente –, o que Dickens tem a ver com isso?

Ele se virou para ela, os olhos brilhando.

– Quando eu estava trabalhando em seu site, você me disse para não incomodá-la, que apenas fizesse acontecer, e eu precisava encontrar a resposta para uma pergunta, então olhei em um de seus diários, no seu escritório.

– Sim, e...?

– E você fez um comentário sobre sua avó. Você a descreveu como “um esqueleto nas cinzas de um vestido caro”, uma citação de *Grandes esperanças*.

– Isso parece muito provável. Ela era um dragão e gostava muito de usar vestidos grandiosos e velhos de seus tempos de glória... Embora não um vestido de noiva, tenho o prazer de dizer. O que, pelo amor de Deus, isso tem a ver com um bebê?

– Aqui está. – Sadie puxou a página onde ela havia feito as anotações da segunda entrevista que a polícia realizara com Constance no asilo. – A enfermeira disse que Constance ficava falando de Eleanor e de um menino que havia morrido. Achei que Eleanor tivesse tido um filho natimorto antes de Theo, mas não foi ela.

Alice respirou rapidamente.

– Foi minha avó.

Sadie assentiu.

– E Daffyd Llewellyn era o médico. Isso explica tudo. Seu relacionamento com Constance; a causa de sua depressão; por que ele desistiu da medicina e procurou consolo em criar contos de fadas para crianças...

– Também explica o enredo de *O portal mágico de Eleanor* – completou Peter –, o homem velho tomado pelo arrependimento e exilado do reino, a rainha cruel cuja dor por seu filho perdido lança um eterno inverno, a menina Eleanor, cuja inocência é a única coisa forte o suficiente para desfazer a ruptura... – Ele bateu no queixo, pensativo. – A única coisa que não explica é por que ele se suicidou na festa do solstício de 1933.

– Ele não se suicidou – disse Alice calmamente, encontrando o olhar de Sadie. – Ele não se matou, não

foi?

– Não. – Sadie sorriu, experimentando a deliciosa sensação de que as peças se encaixavam. – Acho que não.

Foi a vez de Peter coçar a cabeça.

– Mas sabemos que ele morreu por overdose de barbitúricos. Havia provas, um exame médico.

– Havia também um frasco de comprimidos para dormir muito fortes roubado da casa naquela noite – comentou Alice. – Durante muito tempo acreditei que eles tivessem sido usados para manter Theo calmo.

– Mas não foram – disse Sadie. – Não teria sido difícil, apenas alguns comprimidos dissolvidos em uma bebida e *voilà*. Porque a perda de seu bebê a devorava havia décadas e ela queria...

– Vingança – Peter terminou sua frase. – Sim, entendo o que você está dizendo, mas quarenta anos haviam se passado. Por que ela esperaria tanto?

Sadie ponderou isso. Ramsay a honrou indo sentar-se sobre seus pés e ela se esticou debaixo do focinho do cachorro.

– Sabe – disse ela, pensativa –, acabei de ler um livro que fazia essa pergunta. Uma mulher matou o ex-marido do nada, depois de tolerar anos de tratamento ruim. No final, foi uma coisa mínima. Ele decidiu tirar férias no lugar que ela sempre sonhara visitar e o anúncio de seus planos foi o gatilho perfeito.

– *Um prato frio* – falou Alice com aprovação. – Um dos meus mistérios mais silenciosos, mas, pessoalmente, um dos meus favoritos. Mas qual foi o gatilho da minha avó? Até onde me lembro, o Sr. Llewellyn não tinha planos de férias exóticas.

– Mas fizera um anúncio recentemente – replicou Peter de repente. – Você mencionou isso hoje. Ele foi premiado com a Ordem do Império Britânico por sua contribuição à literatura. Você mesma contou que sua avó recebeu mal a notícia.

– A honraria real – disse Sadie.

– A honraria real – repetiu Alice. – Constance passou a vida tentando conseguir um convite para se misturar à realeza. Ela foi convidada ao palácio na infância, mas não pôde ir. Quantas vezes ouvimos falar disso quando crianças! Ela nunca superou a decepção. – Alice deu um sorriso de triste satisfação. – É o gatilho perfeito. Eu mesma não poderia ter planejado melhor.

Todos permaneceram sentados em silêncio, ouvindo o barulho do mar, os ruídos do festival distante, desfrutando da solução. As pessoas poderiam ficar com suas drogas e seu álcool, pensou Sadie, mas não havia nada mais emocionante do que desvendar um quebra-cabeça, particularmente um como aquele, tão inesperado.

O momento reflexivo foi breve. Alice – que era muito parecida com Sadie – endireitou-se na cadeira e puxou o arquivo para si.

– Certo, pelo que me lembro, estávamos procurando uma pista do lugar para onde Ben levou Theo.

Peter ergueu a sobrancelha para Sadie com um sorriso divertido, mas eles fizeram o que lhes foi dito, reunindo-se ao redor da mesa para procurar no arquivo.

Depois de um tempo sem encontrar nada de útil, Alice disse:

– Gostaria de saber se há uma pista no comportamento de minha mãe, no fato de ela ter voltado todos os anos a Loanneth. – Ela franziu o cenho. – Mas não, não há motivo para pensar que Ben teria continuado morando na Cornualha nem que teria trazido Theo de volta a Loanneth se tivesse ficado. – Ela suspirou, murchando. – É muito mais provável que fosse apenas uma espécie de vigília, uma forma de se sentir perto de Theo. Coitada da mamãe, só posso imaginar o que era saber que havia uma criança lá fora em algum lugar, sangue do seu sangue, carne da sua carne. A curiosidade, o anseio, a necessidade de saber que ele era amado e feliz devem ter sido angustiantes.

Bertie, que chegara ao quintal trazendo uma bandeja carregada de bolo de pera e quatro xícaras de chá, lançou a Sadie um olhar significativo.

Sadie insistiu em evitá-lo, deixando de lado as imagens de Charlotte Sutherland no casaco da escola, daquela mãozinha que apareceu por cima do cobertor do hospital.

– Acho que, tendo tomado a decisão de abandonar o filho, a única coisa a fazer é manter o curso. É a coisa mais justa. Deixar que siga com a vida dela sem complicações.

– A vida dele – corrigiu Peter.

– A vida dele – ecoou Sadie.

– Como você é pragmática, detetive Sparrow. – Alice levantou uma única sobrancelha. – Talvez seja só a escritora em mim que presume que todos os pais que desistem de seus filhos devem se agarrar a um pequeno grão de esperança de que um dia, de alguma forma, seus caminhos voltem a se cruzar.

Sadie ainda estava evitando o olhar de Bertie.

– Pode haver casos em que os pais sentem que a criança ficará desapontada com quem eles são. Irritada e ferida por ter sido abandonada, em primeiro lugar.

– Imagino que sim – disse Alice, pegando o artigo de jornal do arquivo de Sadie e olhando o retrato de Eleanor embaixo da árvore de Loanneth, com três meninas em seus vestidos de verão reunidas em volta dela.

– Mas minha mãe sempre teve a coragem de suas convicções. Não tenho dúvidas de que, mesmo o tendo abandonado por achar que havia as melhores razões possíveis, teria sido corajosa o suficiente para enfrentar a possibilidade de que ele se ressentisse de sua decisão.

– Oh, Deus!

Todos olharam para Bertie, rodando a mesa com um prato de bolo de pera em uma das mãos e uma xícara de chá na outra.

– Vovô?

Peter foi mais rápido, pulando para pegar o bolo e o chá antes que caíssem. Ele levou Bertie a um banco.

– Vovô, você está bem?

– Sim, eu... É só uma... Bem, não, não é uma coincidência, as pessoas muitas vezes usam essa palavra de modo errado, não é? Elas querem dizer que algo é uma notável sequência de acontecimentos, mas esquecem, como eu fiz, que há um elo causal. Não é uma coincidência, apenas uma surpresa, uma grande surpresa.

Ficou aturdido, balbuciando, e Sadie experimentou uma súbita preocupação de que o dia tivesse sido pesado demais para ele, que estivesse prestes a sofrer um derrame. Amor e medo se combinaram e pareceram grosseria.

– Vovô? – disse ela, séria. – Do que você está falando?

– Esta mulher – respondeu ele, batendo na foto de Eleanor no artigo de jornal de Alice. – Eu a conheci quando era menino e trabalhava na loja dos meus pais durante a guerra.

– Você conheceu minha mãe? – perguntou Alice.

– Você conheceu Eleanor Edevane? – questionou Sadie ao mesmo tempo.

– Sim, e muito bem. Eu a vi várias vezes. Embora não soubesse seu nome. Ela costumava ir à loja em Hackney quando fazia seu trabalho voluntário.

– Sim. – Alice estava encantada. – Ela trabalhou no East End durante a guerra. Ajudava crianças que tiveram suas casas bombardeadas.

– Eu sei. – Bertie tinha um sorriso largo agora. – Ela era muito gentil. Uma de nossas clientes mais fiéis. Costumava entrar e comprar um monte de coisas de que não precisava e eu lhe preparava uma xícara de chá.

– Bem, isso é uma coincidência – comentou Peter.

– Não – corrigiu Bertie –, é isso que estou tentando dizer. – Ele riu. – Com certeza é uma surpresa ver sua foto depois de todo esse tempo e perceber que ela está conectada com os acontecimentos na Casa do Lago que deixaram minha neta tão envolvida, mas não é tão aleatório quanto vocês poderiam pensar.

– Vovô?

– Ela é a razão para eu ter me mudado para cá, para a Cornualha. Foi ela que pôs a ideia na minha cabeça pela primeira vez. Tínhamos uma foto colada na caixa registradora, era um cartão-postal do meu tio, uma fotografia de uma pequena porta de madeira em uma parede de tijolos, coberta de hera e samambaias, e ela a viu uma vez e me contou sobre os jardins na Cornualha. Eu lhe perguntei, acho... Eu tinha um livro cuja história se passava na Cornualha e o lugar sempre me pareceu mágico. Ela falou sobre a corrente do Golfo e

as espécies exóticas que podiam ser cultivadas aqui. Eu nunca esqueci. Ela até mencionou Loeanneth, agora que penso nisso, mas não pelo nome. Disse que tinha nascido e crescido em uma propriedade famosa por seu grande lago e seus jardins.

– Incrível! – exclamou Peter. – E pensar que tantos anos depois sua neta descobriria a casa abandonada e ficaria obcecada com o caso.

– Não obcecada, exatamente – corrigiu Sadie. – Interessada.

Bertie ignorou a interrupção, absorto nas conversas que tivera com Eleanor Edevane sobre Loeanneth tanto tempo antes:

– Ela fez parecer um lugar mágico... O sal e o mar, os túneis dos piratas e as fadas. Disse que havia até um jardim em miniatura, um local perfeito e tranquilo, com um lago de peixes dourados no centro.

– Havia – disse Alice. – Ben Munro o construiu.

– Ben Munro?

– Um dos jardineiros de Loeanneth.

– Ora, ora... – Bertie inclinou a cabeça. – Isso é estranho. Esse era o nome do meu tio, meu tio favorito, que morreu na Segunda Guerra Mundial.

Alice franziu a testa enquanto Peter perguntava:

– Seu tio trabalhou em Loeanneth?

– Não tenho certeza. É possível, acho. Ele fez todos os tipos de trabalho. Não costumava ficar por muito tempo em lugar nenhum. E sabia muito sobre plantas.

Todos se entreolharam e Alice franziu mais a testa.

– Deve ser outro Benjamin Munro. O Ben que conheci em Loeanneth não poderia ter sido tio de ninguém. Ele era filho único.

– Tio Ben também. Ele não era meu tio biológico. Era um velho amigo de minha mãe. Eles cresceram juntos e ficaram muito unidos. Ambos tinham pais arqueólogos que viajavam a trabalho. Ben e minha mãe se encontraram quando suas famílias estavam alocadas no Japão.

Todos ficaram em silêncio e o ar ao redor deles parecia carregado de estática. O silêncio foi quebrado por um estrondo alto e o assobio dos primeiros fogos de artifício do solstício estourando no céu acima do porto.

– Onde você nasceu, Bertie? – perguntou Alice delicadamente.

– Vovô foi adotado quando era bebê – disse Sadie, lembrando-se.

Ele lhe contara tudo sobre sua mãe e seus problemas para engravidar, como ficara feliz quando ele, enfim, chegou, quanto eles se amavam. Aconteceu de novo quando Sadie foi morar com eles e isso a ajudara a lidar mais facilmente com a própria decisão de dar seu bebê para adoção. Só que depois o fato tinha desaparecido de sua memória. Aquele fora um período muito confuso, havia tantos pensamentos e sentimentos precisando de atenção, Bertie tinha falado sobre seus pais tantas vezes ao longo dos anos, com tanto amor e afeto, que ela simplesmente esquecera que eles não eram sua família biológica.

Bertie ainda estava falando sobre sua mãe, Flo, e seu tio Ben, sem saber que Alice tinha ficado muito silenciosa e estava contornando a mesa em direção ao lugar onde ele estava sentado. Ela pegou o rosto dele entre as mãos trêmulas. Sem falar, seus olhos se moveram sobre seus traços, estudando cada um deles. Um grito travou sua garganta e Peter estendeu a mão para firmá-la.

– Vovô – disse Sadie de novo, um tom de reverência em sua voz.

– Bertie – disse Peter.

– Theo – disse Alice.



Eles ainda estavam sentados no quintal do Seaview Cottage quando as estrelas começaram a ser ofuscadas e a promessa da luz do dia lançou uma faixa ao longo do horizonte.

– Ele costumava escrever para mim – disse Bertie, abrindo a caixa de madeira que havia trazido do sótão. Pegou uma pilha de cartas. As primeiras eram datadas de 1934. – Muito antes de eu saber ler, mas minha mãe e meu pai liam para mim. Às vezes, vinham com pequenos presentes ou animais de origami que ele dobrava para me divertir. Sempre que ele viajava a trabalho, e mesmo quando foi para a guerra, ele escrevia. Já falei, ele era o meu tio favorito. Sempre me senti próximo dele. Um parentesco, acho que se poderia dizer.

– Eu sei exatamente o que você quer dizer – falou Alice novamente. Tinha se tornado um mantra. – Senti a mesma conexão quando nos conhecemos hoje de manhã. Uma familiaridade. Como se eu o *reconhecesse* de alguma maneira.

Bertie sorriu para ela e assentiu, seus olhos brilhando de novo.

– O que mais tem na caixa, vovô? – perguntou Sadie gentilmente, sentindo que poderia se beneficiar dessa distração.

– Ah, várias coisinhas – disse ele. – Lembranças de infância.

Ele pegou um cachorrinho de brinquedo surrado, um livro velho e um macacãozinho. Sadie notou que faltava um botão e arquejou. Enfiou a mão no bolso de sua calça jeans e tirou o cupido gorducho que ela encontrara em Locanneth. Uma combinação perfeita.

– Sua mãe e seu pai alguma vez lhe falaram sobre seus pais biológicos? – perguntou Peter.

Bertie sorriu.

– Eles costumavam me contar uma história sobre um tigre e uma pérola. Quando eu era pequeno, adorava acreditar que eu tinha sido trazido da África na forma de uma joia encantada. Que eu tinha nascido na floresta, sido desmamado e alimentado por fadas e, depois, deixado na porta dos meus pais. – Ele pegou um colar na caixa, com um pingente de dente de tigre, e passou o polegar sobre a superfície de marfim. – Tio Ben me deu isso e, até onde eu sabia, era a prova de que a história era verdadeira. Quando fiquei mais velho, parei de perguntar. Eu teria gostado de saber quem eles eram, é claro, mas meus pais me amavam... Não poderia ter escolhido uma família mais feliz e, então, aceitei não saber. – Ele olhou de novo para Alice, os olhos brilhando com uma vida de emoção. – E você? – perguntou, acenando com a cabeça para a caixa de metal que estava na mesa à sua frente, ainda coberta de sujeira. – Eu mostrei a minha.

Ela pegou a chave na bolsa e destrancou a caixa de filigrana, levantando a tampa para revelar duas pilhas idênticas de papel. *Adeus, passarinho azul*, dizia o título no alto, *de Alice Edevane*.

– São manuscritos – disse ele.

– Sim – concordou Alice. – As duas únicas cópias do primeiro romance que concluí.

– O que estão fazendo na caixa?

– Um escritor nunca destrói seu trabalho – revelou Alice.

– Mas o que estavam fazendo enterrados?

– Isso é uma longa história.

– Talvez você me conte algum dia.

– Talvez.

Bertie cruzou os braços em fingida contrariedade e, por uma fração de segundo, Sadie vislumbrou Alice naquele gesto.

– Pelo menos nos diga do que se trata – pediu ele. – É um mistério?

Alice riu. A primeira risada aberta e descuidada que Sadie a ouviu soltar. Um som musical e juvenil.

– Oh, Bertie – disse ela. – Theo. Se eu lhe contasse, você não acreditaria.

Ela viera assim que soube onde as bombas tinham caído à noite. Fazia dois anos desde que recebera a carta, contendo muito pouco além da notícia de que ele se alistara e um endereço em Hackney. Até aquele momento, Eleanor tinha conseguido ficar longe. Seu trabalho a levou para perto demais da guerra, a ponto de, quando via crianças nas ruas, brincando ou levando recados com seus calções cinza e sapatos gastos, se convencer de que um dos meninos era ele. Mas quando leu sobre os bombardeios nos jornais, quando se apresentou para o trabalho naquela manhã e recebeu a lista de ruas devastadas para visitar, ela se virou e correu.

Destroços de pedras, tijolos e móveis quebrados cobriam a rua marcada, mas Eleanor conseguiu abrir caminho rapidamente. Um bombeiro meneou a cabeça em saudação e ela respondeu de modo educado. Seus dedos estavam cruzados – era bobo e infantil, mas, de alguma forma, útil – e sua garganta se apertava um pouco mais a cada casa arruinada pela qual passava.

Eles não contavam com outra guerra. Quando ela fez Ben prometer que nunca entraria em contato, insistindo para que ela não soubesse para onde Theo fora levado, não tinha imaginado um futuro como aquele. Dissera a si mesma que seria suficiente, *teria* que ser, saber que ele estava com pessoas que Ben amava; que seu filho – seu lindo bebê – cresceria feliz e seguro. Mas ela não contava com outra guerra. Isso mudava as coisas.

Eleanor não disse a Anthony que ia lá naquele dia. Não fazia sentido. Ela só ia ver se a casa não tinha sido atingida. Não ia entrar. Com certeza não tinha planos de ver Theo. Mesmo assim, sentiu o frio do ilícito. Eleanor não gostava de guardar segredos, não mais – seus segredos, os dela e de Anthony, quase tinham sido sua ruína.

Ela achou que saber do caso o destruiria, mas não. Ele a havia procurado calmamente dias depois e pedido que ela o deixasse. A essa altura já havia percebido que Theo não era seu filho e disse que queria que ela tivesse outra chance de ser feliz. Ele estava cansado de ser um fardo, infligindo dano às pessoas que mais amava no mundo.

Mas como ela poderia fazer isso? Ir embora com Ben e Theo para começar de novo? Ela nunca teria deixado suas filhas e não poderia tirá-las de Anthony. Além disso, amava o marido. Sempre o amara. Ela amava os dois, Anthony e Ben, e tinha adoração por Theo. Mas a vida não era um conto de fadas e havia casos em que não se podia ter tudo o que se queria, não ao mesmo tempo.

Quanto a Anthony, saber do caso dela com Ben parecia ter aliviado a carga dele de alguma forma. Ele contou que isso tornava sua vida menos perfeita, que havia pagado um preço e que era um pouco do caminho para a compensação.

– Compensação pelo quê? – perguntou Eleanor, imaginando se ele finalmente ia ser franco com ela.

– Por tudo. Por ter sobrevivido. Por voltar para casa com tudo isso.

Ela sabia, é claro, que havia mais, que ele estava falando, por mais enigmático que fosse, sobre a grande sombra que o perseguia, e quando Theo ficou a salvo, longe de Loeanneth, ela enfim lhe perguntou sobre Howard. Ele ficou zangado no começo, mais chateado do que nunca, porém, por fim, com o tempo e muita persuasão, confirmara a história que ela já havia descoberto. Ele lhe contou tudo, sobre Howard e Sophie, e o

bebê Louis também. A noite no celeiro quando ele quase ajudou seu amigo a fugir; a linha terrível que quase cruzara.

– Mas você não cruzou – disse Eleanor enquanto ele chorava em seu ombro.

– Eu queria. Queria ter feito. Ainda quero, às vezes.

– Você queria salvar Howard. Você o amava.

– Deveria tê-lo salvado.

– Ele não ia querer isso, não desse jeito. Ele amava Sophie e o bebê Louis. Ele se considerava pai de Louis e um pai sempre se sacrifica por seu filho.

– Mas se houvesse outra maneira...

– Não havia. Eu conheço você: teria encontrado se houvesse.

Anthony olhou para ela naquele momento e, em seus olhos, Eleanor vislumbrou a mais ínfima luz de esperança de que ela estivesse certa.

– Se você tivesse feito algo diferente – continuou –, teria sido fuzilado. Howard estava certo. Ele viu as coisas com clareza.

– Ele se sacrificou por mim.

– Você tentou ajudá-lo. Você correu um grande risco por ele.

– Eu falhei.

Não havia nada que ela pudesse dizer em resposta. Apenas se sentou ao lado do marido, que sofria a perda de seu amigo. Por fim, ela apertou sua mão com firmeza e sussurrou:

– Você não falhou *comigo*. Você me fez uma promessa. Disse que não deixaria que nada o impedisse de voltar para casa.

Havia apenas outro segredo que ela ainda guardava dele: a verdade sobre o que acontecera com Daffyd. Anthony o amara e nunca teria suportado saber o que Constance fizera. Mas Eleanor havia encontrado o frasco de comprimidos para dormir vazio no quarto da mãe e soube, então, o que tinha acontecido. A mãe não tentou negar.

– Era a única maneira – disse ela. – A única esperança de renovação que eu tinha.

A relação de Constance e Eleanor, que nunca fora boa, tornou-se insustentável depois disso. Não havia a menor chance de a mãe se mudar com eles para Londres, mas também não podia ser abandonada. Não por completo. Eleanor pesquisou muito antes de finalmente encontrar Seawall. Era cara, mas valia cada centavo.

– Não há melhor casa de repouso na Inglaterra. Uma localização tão maravilhosa – disse a supervisora ao apresentar o lugar a Eleanor –, à beira-mar. Não há um quarto no prédio de onde não se possa ouvir o mar, as ondas indo e vindo.

– Está certo – concordou Eleanor, assinando os formulários de admissão.

E estava. Justo e certo. O som incessante do oceano pelo resto de seus dias era exatamente o que Constance merecia.



Eleanor virou-se para a rua, quase esbarrando em um policial de aparência sombria numa bicicleta. Seu olhar correu pelas casas até chegar à loja. Sua respiração ficou mais leve quando viu o cartaz alegre na frente: “Mais aberto do que o habitual!”

O alívio foi instantâneo. Não fora atingida.

Eleanor decidiu que não havia problema, já que estava ali, em dar uma olhada na loja. Continuou andando até chegar perto o suficiente para olhar pela vitrine da frente. Olhou o nome da loja pintado orgulhosamente no topo do vidro e a exibição organizada de latas na prateleira lá dentro. A casa acima tinha dois andares, cortinas combinando nas janelas. Era um lugar agradável. Confortável. Eleanor podia imaginar o esforço necessário para manter o toldo e o vidro tão limpos apesar dos ataques aéreos.

A sineta tocou baixinho quando ela abriu a porta. Era uma loja pequena, mas surpreendentemente bem abastecida, levando-se em conta a escassez. Alguém tinha feito um grande esforço para garantir que houvesse itens interessantes para oferecer aos clientes cansados da guerra. Ben dissera que sua amiga, Flo, era muito forte – “Ela nunca faz nada pela metade.” Essa tinha sido uma das coisas, junto com sua garantia de que a amiga era boa, que ajudara Eleanor a se afeiçoar àquela mulher que nunca conhecera, a quem confiara parte tão grande de seu coração.

A loja estava muito quieta. Cheirava a folhas de chá frescas e leite em pó. Não havia ninguém atrás do balcão e Eleanor disse a si mesma que era um sinal. Ela já tinha visto o que viera ver e agora era hora de ir.

Mas uma porta na parede dos fundos da loja estava entreaberta e lhe ocorreu que devia levar para dentro da casa. O lugar onde ele dormia à noite e fazia suas refeições, ria e chorava, pulava e cantava, a casa onde ele morava.

Seu coração estava acelerado agora. Ela se perguntou se ousaria espiar atrás da porta. Olhou por cima do ombro e viu uma mulher com um carrinho de bebê preto na rua lá fora. Não havia mais ninguém na loja. Tudo que ela precisava fazer era passar pela porta. Respirou fundo e depois se assustou quando um barulho soou atrás dela. Deu meia-volta a tempo de ver um menino aparecer no balcão.

Ela o reconheceu de imediato.

Ele estivera sentado no chão o tempo todo e naquela hora a fitava com olhos arregalados. Tinha o cabelo alourado liso, em corte de cuia, e estava usando um avental branco amarrado na cintura. Era muito comprido para ele e tinha sido dobrado para se ajustar.

Ele tinha uns 9 anos. Não, não “uns”, ele *tinha* 9 anos. Nove anos e dois meses, para ser exata. Era pequeno, mas não magro, e suas bochechas eram cheias. Sorriu abertamente para Eleanor, como alguém que sabia que o mundo era um bom lugar.

– Desculpe por fazer você esperar – disse ele. – Não temos mais leite hoje, lamento, mas temos alguns ovos bonitos que chegaram de uma fazenda em Kent.

Eleanor estava tonta.

– Ovos – consegui falar. – Ovos seria ótimo.

– Um ou dois?

– Dois, por favor.

Ela pegou seu caderno de rações e, enquanto o menino se virava para uma cesta na prateleira atrás do balcão e começava a embrulhar os ovos em pedaços de jornal velho, ela se aproximou. Sentia o coração batendo no peito. Se esticasse o braço, poderia tocá-lo.

Eleanor cruzou as mãos com firmeza sobre o balcão e notou um livro. Estava gasto, com a capa empoeirada. Não estava lá quando ela entrou na loja. O menino devia ter trazido com ele do seu esconderijo no chão.

– Você gosta de ler?

O menino lançou um olhar culpado por sobre o ombro. Suas bochechas coraram instantaneamente.

– Minha mãe diz que sou um leitor nato.

Minha mãe. Eleanor estremeceu.

– É mesmo?

Ele balançou a cabeça, franzindo a testa ligeiramente e com grande atenção aos detalhes enquanto terminava de torcer as pontas de seu segundo bombom de ovo. Ele os trouxe para o balcão e enfiou o livro em uma prateleira embaixo. Olhou para Eleanor, dizendo solenemente:

– Na verdade, não devo ler enquanto estou cuidando da loja.

– Eu era assim quando tinha a sua idade.

– Você mudou?

– Na verdade, não.

– Também acho que não vou. Já li esse quatro vezes.

– Bem, então deve saber quase de cor.

Ele sorriu orgulhoso.

– É sobre uma menina que mora em uma casa grande e antiga no campo e descobre uma porta secreta para outro mundo.

Eleanor se equilibrou.

– A menina mora em um lugar chamado Cornualha. Já ouviu falar?

Ela assentiu.

– Já esteve lá?

– Estive.

– Como é?

– O ar tem cheiro de mar e tudo é muito verde. Há maravilhosos jardins cheios de estranhas e maravilhosas plantas que você não vai encontrar em nenhum outro lugar da Inglaterra.

– Sim – disse ele, seus olhos brilhando. – Sim, foi exatamente o que pensei. Meu tio me falou isso. Ele também esteve lá, sabe? Contou que realmente há casas como a do livro, com lagos, patos e túneis secretos.

– Cresci num lugar como esse.

– Uau. Você é sortuda. Tio Ben... Ele está lutando na guerra agora... Foi ele quem me enviou esse cartão.

Eleanor olhou para onde o menino estava apontando. Uma fotografia em sépia de um portão de jardim tinha sido colada ao lado da caixa registradora. Letras cursivas brancas no canto inferior direito desejavam ao destinatário “Lembranças mágicas”.

– Você acredita em magia? – perguntou ele com fervor.

– Acho que sim.

– Eu também.

Eles sorriram um para o outro, num momento de perfeita concordância. Eleanor sentiu-se no limiar de algo que não tinha previsto e não poderia descrever adequadamente. A possibilidade parecia infundir o ar entre eles.

Mas, em seguida, um redemoinho de barulho e movimento chamou sua atenção e uma mulher entrou pela porta nos fundos da loja. Tinha cabelo encaracolado escuro e um rosto animado, lábios cheios e olhos brilhantes, o tipo de espírito indomável que enchia um cômodo e fez Eleanor se sentir magra e frágil.

– O que você está fazendo aí, querido? – Ela bagunçou o cabelo do garoto e sorriu para ele com um amor enorme. Voltou sua atenção para Eleanor. – O Bertie aqui atendeu você?

– Ele foi muito útil.

– Ele não está fazendo você perder tempo, espero. Meu menino pode falar sem parar se você deixar.

Bertie sorriu e Eleanor pôde ver que era uma piada entre eles.

Uma dor apertou seu peito e ela estendeu a mão para segurar o balcão. De repente se sentia tonta.

– Você está bem? Parece um pouco verde.

– Não é nada.

– Tem certeza? Bertie, ponha a chaleira no fogo, querido.

– Não precisa – respondeu Eleanor. – Eu tenho que ir. Tenho um monte de atendimentos para fazer. Obrigada pelos ovos, Bertie. Vou gostar deles. Não vejo ovos de verdade há muito tempo.

– Cozidos – disse ele –, essa é a única maneira de comer ovos.

– Eu não poderia concordar mais.

A sineta acima da porta tilintou novamente quando a abriu e Eleanor teve uma súbita lembrança de certo dia, dez anos antes, quando abriu a porta da agência de correio e esbarrou em Ben.

O menino falou alto:

– Vou fazer uma xícara de chá na próxima vez em que você vier.

Eleanor sorriu para ele.

– Eu adoraria – disse ela. – Adoraria mesmo.

Elas se encontraram no Museu de História Natural, como sempre fizeram no aniversário da morte de Eleanor. Não se abraçaram, não era de seu feitio, mas se deram os braços, cada uma apoiando um pouco a outra enquanto faziam a visita. Nenhuma das duas falava. Em vez disso, caminhavam juntas em silêncio, perdidas em suas lembranças de Anthony, Loeanneth e todas as coisas que tinham descoberto, tarde demais para ajudá-lo, mas a tempo de trazer uma resolução para as próprias vidas.

Os outros se juntaram a elas depois, para o chá no V&A. Até mesmo Bertie veio da Cornualha.

– Eu nem sonharia em perder esse momento – disse ele quando Alice telefonou para convidá-lo. – Além disso, já estava planejando ir a Londres nessa semana. – Afinal, tenho uma grande inauguração para ir...

Ele já estava guardando uma mesa quando Deborah e Alice chegaram. Acenou para elas. Levantou-se, sorrindo e abraçando uma de cada vez. Estranho, pensou Alice enquanto Deborah acariciava suas bochechas e ria, como seu desgosto por cumprimentos físicos não se estendia ao irmão mais novo. Era como se, tendo perdido tanto tempo separados, eles sentissem uma necessidade física de compensar os anos. Ou talvez fosse porque o perderam quando era tão pequeno que o amor que sentiam exigia essa expressão tátil, da mesma forma que um adulto não pode deixar de estender o braço para segurar uma criança. De todo modo, elas o adoravam. Ocorreu a Alice quanto Eleanor ficaria satisfeita em saber que eles tinham se reencontrado.

Sadie chegou em seguida, com um punhado de papéis nos braços. Caminhava depressa como sempre, a cabeça baixa enquanto tentava ordenar os papéis.

– Me desculpem – disse, chegando à mesa. – O metrô demorou. Estou atrasada. Retrato da minha vida neste momento, tentando preparar as coisas para a inauguração. Espero não ter feito vocês esperarem muito.

– De jeito nenhum – disse Deborah, sorrindo carinhosamente. – Acabamos de chegar.

– E aí vem Peter – falou Bertie, acenando para a entrada.

Sadie entregou o manuscrito a Alice.

– Marquei tudo o que pude encontrar, mas não havia muita coisa. Apenas alguns detalhes processuais. Ah, Alice... – Deixou cair a bolsa e desabou sobre uma cadeira vazia. – É muito boa. Muito boa. Eu não conseguia virar as páginas rápido o bastante.

Alice parecia satisfeita, mas não inteiramente surpresa.

– Fico feliz em dizer que seu 51º livro se mostrou mais atraente do que o anterior.

Peter chegou à mesa, inclinando-se para beijar Sadie no rosto. Ela apertou sua camisa e beijou-o de volta.

– Como foi? – perguntou. – Conseguiu?

– Está aqui. – Ele bateu na mochila.

– Mas disseram que levaria pelo menos mais uma semana.

Ele sorriu com um ar de mistério.

– Tenho meus métodos.

– Aposto que sim.

– Ele tem, e é meu assistente – disse Alice –, então nem pense em roubá-lo.

– Eu não ousaria.

– Vá em frente – pediu Bertie. – Não faça suspense. Vamos dar uma olhada.

Peter pegou um pacote retangular em sua mochila e desembalhou o papel de seda. O metal prateado brilhou quando ele o segurou para que todos pudessem ver.

Alice colocou os óculos e se inclinou para ler a gravação: *S. Sparrow, Detetive particular. Por favor, toque a campainha para atendimento*. Ela dobrou os óculos novamente e os colocou em seu estojo.

– Bem – falou –, direto ao ponto. Gosto disso. Não gosto de negócios e mensagens com nomes e frases pomposas. Como “o voo do pardal”, “visão de águia”...

– “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando” – disse Peter.

– Na verdade, gosto desse – comentou Bertie.

– Infelizmente, não posso dizer que fui eu – falou Peter. – Foi uma das ideias de Charlotte.

– Ela vem?

– Hoje não – respondeu Sadie. – Muito dever de casa. Mas falou que tentaria ir à inauguração da agência no sábado à noite.

– Bem, então – disse Bertie, com um sorriso que parecia misturar orgulho, felicidade e um profundo contentamento. – O que vocês acham? Podemos dispensar o chá apenas uma vez e tomar um espumante em vez disso? Parece que temos muitas coisas a comemorar.

Agradecimentos

Como sempre, devo enormes agradecimentos a muitas pessoas. A inestimável Annette Barlow leu, avaliou e comentou mais cópias do manuscrito do que qualquer pessoa jamais deveria ter que fazer e Maria Rejt sempre foi extremamente gentil, atenciosa e sábia. Vocês são pedras preciosas, as duas, e tornam a publicação uma alegria.

Minha sincera gratidão a meus queridos amigos da Allen & Unwin, Austrália, especialmente Christa Munns, Karen Williams, Tami Rex e Andy Palmer, que mais uma vez me acolheram com seu entusiasmo e sua experiência; a Ali Lavau e Simone Ford, por suas palavras e cuidado com os detalhes; a Wenona Byrne, por sua incrível variedade de talentos; e a Robert Gorman, por sua crença persistente em mim e nos meus livros.

À minha adorada equipe da Pan Macmillan, Reino Unido, incluindo Eloise Wood, Sophie Orme, Josie Humber, Geoff Duffield, Anna Bond, Stuart Dwyer, Jonathan Atkins, Katie James e Anthony Forbes Watson, que trazem uma energia tão feroz e sua habilidade para a equipe; a Rachel Wright e Kate Moore, por seus olhos de águia; e a Liz Cowen, por seu conhecimento espetacular sobre todas as coisas.

E a todos na Atria, Nova York, por sua enorme dedicação e habilidade, em particular Lisa Keim, Judith Curr e Carolyn Reidy, bem como Kimberly Goldstein, Isolde Sauer, Lisa Sciambra e Hillary Tisman. E à incrível equipe no Canadá: Kevin Hanson, David Millar e Rita Silva.

Também sou grata aos muitos editores e tradutores excepcionais cujos esforços permitem que meus livros sejam lidos em idiomas que não consigo ler; à Bolinda Publishing, Austrália, e a Caroline Lee, por produzirem edições em áudio tão brilhantes; e a cada livreiro, bibliotecário, jornalista e leitor que abraçou meus romances – uma história é apenas um monte de manchas pretas em páginas brancas até que tenha sido lida.

Minha família e meus amigos são incansavelmente úteis. Obrigada a Julia Kretschmer, que estava lá no início, cheia de encorajamento, quando a história era apenas um punhado de peças de quebra-cabeça soltas que pareciam se encaixar; à minha agente, Selwa Anthony, por sua inigualável generosidade, cuidado e acuidade; a Di McKean, por ser um aliado racional, calmo e organizado; a Mary-Rose MacColl e Louise Limerick, por sua muito apreciada amizade na escrita; a Herbert e Rita Davies, que foram mentores brilhantes e amados; e a Karen Robson, Dalerie Patterson e Di Morton, por me darem o dom precioso do tempo.

Gostaria de mencionar especialmente Didee, cujo amor inabalável e cuja compaixão são um exemplo, sempre, de até onde uma mãe irá por seus filhos.

Acima de tudo, gostaria de agradecer ao meu marido, Davin, que é inteligente, engraçado e gentil, e a meus três filhos, Oliver, Louis e Henry, que me tornam uma pessoa e escritora de visão mais clara, multicamadas, vulnerável, corajosa e, espero, melhor.

A lista completa de fontes consultadas no processo de escrita de *A casa do lago* é muito longa para incluir aqui, mas algumas das mais úteis foram: *The Perfect Summer: England 1911, Just Before the Storm*, de Juliet Nicolson; *The Victorian House*, de Judith Flanders; *Talking about Detective Fiction*, de P. D. James; *The Reason Why: An Anthology of the Murderous Mind*, organizado por Ruth Rendell; *For Love and Courage: The Letters of Lieutenant Colonel E.W. Hermon*, organizado por Anne Nason; *A War of Nerves*, de Ben Shephard; e *Testament of Youth*, de Vera Brittain (de onde tirei a máxima sombria “Se um homem não pode ser útil a seu país, é melhor que morra”).

O site www.beaumontchildren.com forneceu informações sobre o processo de investigação e www.firstworldwar.com contém material muito rico sobre traumas de guerra. É, inclusive, o site que Sadie consulta após seu encontro com Margot Sinclair. Li muitos relatos on-line de experiências de mulheres jovens com o processo de adoção. A maioria era anônima e agradeço aos autores por serem corajosos o suficiente para compartilhar suas histórias.

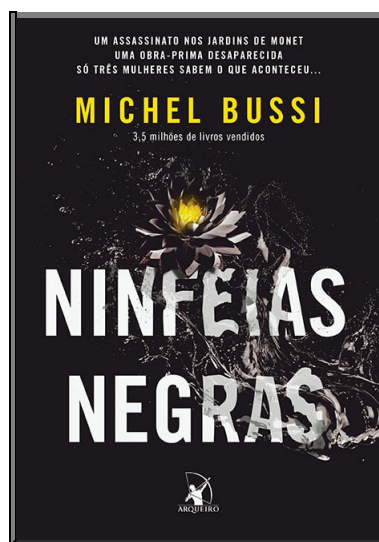
O condado da Cornualha continua a ser uma grande fonte de inspiração para mim e tem sido um verdadeiro prazer gastar tanto do meu tempo imaginativo lá.

Sobre a autora



KATE MORTON é uma autora premiada e frequenta as listas de mais vendidos em todo o mundo. Seus livros venderam mais de 10 milhões de exemplares em 42 países, sendo traduzidos para 34 idiomas diferentes. Criada nas montanhas de Queensland, na Austrália, ela é formada em arte dramática e literatura inglesa, especializada em tragédias do século XIX e romances góticos contemporâneos. Atualmente vive com o marido e os filhos em Londres.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO



Ninfeias negras

MICHEL BUSSI

Giverny é uma cidadezinha mundialmente conhecida, que atrai multidões de turistas todos os anos. Afinal, Claude Monet, um dos maiores nomes do Impressionismo, a imortalizou em seus quadros, com seus jardins, a ponte japonesa e as ninfeias no laguinho.

É nesse cenário que um respeitado médico é encontrado morto, e os investigadores encarregados do crime se veem enredados numa trama em que nada é o que parece à primeira vista. Como numa tela impressionista, as pinceladas da narrativa se confundem para, enfim, darem forma a uma história envolvente de morte e mistério em que cada personagem é um enigma à parte – principalmente as protagonistas.

Três mulheres intensas, ligadas pelo mistério. Uma menina prodígio de 11 anos que sonha ser uma grande pintora. A professora da única escola local, que deseja uma paixão verdadeira e uma vida nova, mas está presa num casamento sem amor. E, no centro de tudo, uma senhora idosa que observa o mundo do alto de sua janela.



O caminho para casa

KRISTIN HANNAH

Durante 18 anos, Jude pôs as necessidades dos filhos em primeiro lugar, e o resultado disso é que seus gêmeos, Mia e Zach, são adolescentes felizes. Quando Lexi começa a estudar no mesmo colégio que eles, ninguém em Pine Island é mais receptivo que Jude.

Lexi, uma menina com um passado de sofrimento, criada em lares adotivos temporários, rapidamente se torna a melhor amiga de Mia. E, quando Zach se apaixona por ela, os três se tornam companheiros inseparáveis.

Jude sempre fez o possível para que os filhos não se metessem em encrencas, mas o último ano do ensino médio, com suas festas e descobertas, é uma verdadeira provação. Toda vez que Mia e Zach saem de casa, ela não consegue deixar de se preocupar.

Em uma noite de verão, seus piores pesadelos se concretizam. Uma decisão muda seus destinos e cada um deles terá que enfrentar as consequências – e encontrar um jeito de esquecer ou coragem para perdoar.

O caminho para casa aborda questões profundas sobre maternidade, identidade, amor e perdão. Comovente, transmite com perfeição e delicadeza tanto a dor da perda quanto o poder da esperança. Uma história inesquecível sobre a capacidade de cura do coração, a importância da família e a coragem necessária para perdoar as pessoas que amamos.



O voo da libélula

MICHEL BUSSI

Na noite de 23 de dezembro de 1980, um avião cai na fronteira entre a França e a Suíça, deixando apenas uma sobrevivente: uma bebê de 3 meses. Porém, havia duas meninas no voo, e cria-se o embate entre duas famílias, uma rica e uma pobre, pelo reconhecimento da paternidade.

Numa época em que não existiam exames de DNA, o julgamento estende-se por muito tempo, mobilizando todo o país. Seria a menina Lyse-Rose ou Émilie? Mesmo após o veredicto do tribunal, ainda pairam muitas dúvidas sobre o caso e uma das famílias resolve contratar Crédule Grand-Duc, um detetive particular, para descobrir a verdade.

Dezoito anos depois, destroçado pelo fracasso e no limite entre a loucura e a lucidez, Grand-Duc envia o diário das investigações para a sobrevivente Lylie e decide tirar a própria vida. No momento em que vai puxar o gatilho, o detetive descobre um segredo que muda tudo. Porém, antes que possa revelar a solução do caso, ele é assassinado.

Após ler o diário, Lylie fica transtornada e desaparece, deixando o caderno com seu irmão, que precisará usar toda a sua inteligência para resolver um mistério cheio de camadas e reviravoltas.

Em *O voo da libélula*, o leitor é guiado pela escrita do detetive enquanto acompanha a angustiada busca de uma garota por sua identidade.



As Sete Irmãs

LUCINDA RILEY

Filha mais velha do enigmático Pa Salt, Maia D'Aplièse sempre levou uma vida calma e confortável na isolada casa da família às margens do lago Léman, na Suíça. Ao receber a notícia de que seu pai – que adotou Maia e suas cinco irmãs em recantos distantes do mundo – morreu, ela vê seu universo de segurança desaparecer.

Antes de partir, no entanto, Pa Salt deixou para as seis filhas dicas sobre o passado de cada uma. Abalada pela morte do pai e pelo reaparecimento súbito de um antigo namorado, Maia decide seguir as pistas de sua verdadeira origem – uma carta, coordenadas geográficas e um ladrilho de pedra-sabão –, que a fazem viajar para o Rio de Janeiro.

Lá ela se envolve com a atmosfera sensual da cidade e descobre que sua vida está ligada a uma comovente e trágica história de amor que teve como cenário a Paris da *belle époque* e a construção do Cristo Redentor. E, enquanto investiga seus ancestrais, Maia tem a chance de enfrentar os erros do passado – e, quem sabe, se entregar a um novo amor.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[1](#)
[2](#)
[3](#)
[4](#)
[5](#)
[6](#)
[7](#)
[8](#)
[9](#)
[10](#)
[11](#)
[12](#)
[13](#)
[14](#)
[15](#)
[16](#)
[17](#)
[18](#)
[19](#)
[20](#)
[21](#)
[22](#)
[23](#)
[24](#)
[25](#)
[26](#)
[27](#)
[28](#)
[29](#)
[30](#)
[31](#)
[32](#)
[33](#)
[34](#)
[35](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)